

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDO ROSSETO GALLEGOS CAMPOS

**UMA GEOGRAFIA DO FUTEBOL AMADOR:
ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL AMAZONENSE A PARTIR DO
“PELADÃO”**

**CURITIBA
2009**

FERNANDO ROSSETO GALLEGOS CAMPOS

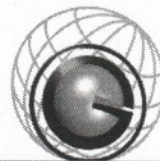
**UMA GEOGRAFIA DO FUTEBOL AMADOR:
ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL AMAZONENSE A PARTIR DO
“PELADÃO”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Doutorado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho

CURITIBA
2009

**MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
– MESTRADO E DOUTORADO**



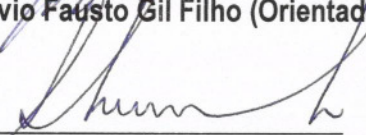
PARECER

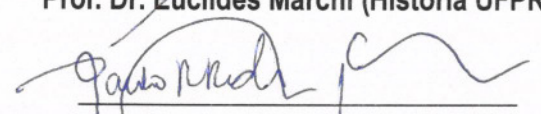
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para realizar a arguição da Tese de Doutorado, apresentada pelo candidato **FERNANDO ROSSETO GALLEGOS CAMPOS** intitulada **"UMA GEOGRAFIA DO FUTEBOL AMADOR: ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL AMAZONENSE E DO "PELADÃO"**, para obtenção do grau de **Doutor** em Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**, Linha de Pesquisa **Território, Cultura e Representação**.

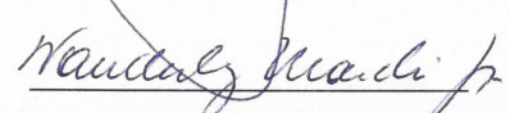
Após haver analisado o referido trabalho e argüido o candidato, são de parecer pela aprovação da Tese. com distinção
Curitiba, 25 de novembro de 2009.

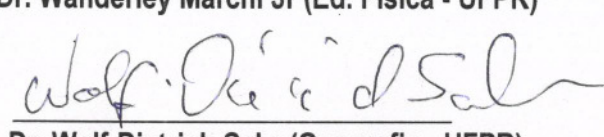
Nome e assinatura da Banca Examinadora:


Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho (Orientador)


Prof. Dr. Euclides Marchi (História UFPR)


Prof. Dr. Paulo Rodrigues Soares (Geografia - UFRGS)


Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr (Ed. Física - UFPR)


Prof. Dr. Wolf-Dietrich Sahr (Geografia - UFPR)

À minha Meli e à minha família.

AGRADECIMENTOS

Esta é a página mais difícil de ser escrita, pois depois de uma caminhada de pouco mais de dois anos e meio, cometer a injustiça do esquecimento é algo muito fácil. Portanto, começo agradecendo a todos que tornaram este trabalho possível.

Primeiramente, agradeço a todos aqueles dos quais me esqueci.

Agradeço aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Paraná, pelo enorme crescimento intelectual e humano que me propiciaram nas salas de aula, gabinetes e corredores. Principalmente ao Zem, à Salete e ao Woody. Agradeço de modo especial ao Sylvio, por sempre ter me incentivado e confiado em mim, e que mais do que um orientador se tornou um grande amigo que admiro muito como professor, pesquisador e pessoa.

Agradeço aos membros da banca da qualificação e da defesa pela leitura cuidadosa e pela postura profissional e ética com que criticaram, sugeriram e contribuíram com o trabalho.

Agradeço a todos os colegas e amigos, da UFPR e da UNIR (em especial ao Gustavo e ao Josué) que fizeram parte da expedição à Amazônia, em 2007, e que compartilharam comigo esta grande experiência de vida, além da inestimável companhia do Prof. Paul Claval.

Agradeço a todos os entrevistados e todos aqueles que contribuíram com minha pesquisa de campo. Em especial, ao pessoal do Peladão (organizadores e participantes), que me acolheu em Manaus e, sempre solicitamente, me forneceu informações e materiais fundamentais para minha tese.

Agradeço à Capes pela bolsa Reuni que me permitiu realizar a segunda fase da minha pesquisa de campo no Amazonas.

Agradeço aos meus amigos, que sempre estiveram do meu lado e me ajudaram, de diversas formas, sempre que eu precisei. Aos amigos do Sion, por tudo que fizeram por mim desde criança – em especial à Hilda, à Soeur Cristina e ao Lucas Melo. Aos amigos do IF-SC, *Campus* Chapecó (Melissa, Adriano, Sílvio, Marcelo, Paulo, Gilberto, Vejane, Ângela, Rosangela, Luciane, Sandra, etc.) por terem contribuído para que minha mudança para Chapecó tenha sido tão boa. À direção do IF-SC Chapecó por me dar condições de finalizar minha tese. Aos amigos já antigos, com quais tenho laços sangüíneos ou não, mas que considero da família. Obrigado por sempre estarem comigo nos momentos mais difíceis e mais felizes. Aos meus tios, primos e às minhas avós. Em especial, ao Oliver (pelas discussões futebolísticas de alto nível e pelas bobagens), à Tia Tami, à Tia Sônia, ao Tio Nelson, ao Viteza, à Sâmia, ao Eduardo (pela figura 33), ao Emerson e à Vilmara.

Agradeço especialmente à minha família por sempre ter me incentivado a estudar e ter me dado todo o amor. Aos meus pais, Osvaldo e Ilka por serem grandes exemplos e ótimos amigos. Ao meu irmão Ricardo, pelas conversas sobre futebol e por ser meu irmão no mais puro sentido da palavra.

Agradeço especialmente, também, à Melissa – minha mulher, amiga e companheira – por ter, desde o primeiro momento, me ajudado e me incentivado. Obrigado pelos conselhos, traduções, leituras, sugestões e, principalmente, pelo amor. Obrigado por me completar e fazer minha vida repleta de *momentos de presença e orgiasmo*. Obrigado pela Natalie, a quem agradeço também.

Finalmente, agradeço a Deus por ter colocado todas estas pessoas na minha vida.

As convicções são inimigas da verdade mais perigosas que as mentiras.

Nietzsche

RESUMO

O futebol transcende sua condição de fenômeno esportivo, se tornando também importante elemento sócio-cultural e espacial, construindo uma instância da espacialidade própria: o espaço de representação do futebol. Este trabalho tem como objetivo analisar o futebol amador sob um enfoque geográfico, a partir das territorialidades construídas através da apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol, no contexto da pós-modernidade. Para tal, foi desenvolvida uma discussão teórico-metodológica, que visou estabelecer aproximações entre as formulações de Maffesoli (sobretudo as relacionadas ao paradigma da socialidade, típico da pós-modernidade) e de Lefebvre (principalmente aquelas acerca da vida cotidiana e da espacialidade, mais especificamente daquelas dos espaços de representação). Da aproximação entre estes autores e outros (como Soja e Moscovici), derivaram-se alguns conceitos, como o de vida cotidiana pós-moderna e o de dialética da existência pós-moderna. Desenvolveu-se também uma discussão temática acerca do fenômeno futebolístico em suas dimensões esportiva, sócio-cultural e espacial, a fim de estabelecer uma definição de futebol amador, que parte de Tamburrini, bem como de formular o conceito de espaço de representação do futebol. O futebol amazonense foi escolhido como objeto da pesquisa de campo, na qual foram feitas observações *in loco*, realizadas 24 entrevistas com atores do espaço de representação do futebol amazonense e coletada uma diversidade de materiais publicados sobre o futebol amador amazonense (reportagens, documentários, relatórios, regulamentos). A análise destes dados, a partir do desenvolvimento teórico-metodológico e da Análise do Discurso, confirmou a prevalência simbólica do futebol amador no espaço de representação do futebol amazonense. De acordo com a apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol, foram identificadas três principais manifestações do futebol amador no Amazonas: futebol associado a festejos (religiosos e folclóricos); campeonatos vinculados à Federação Amazonense de Futebol (ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções); e o Campeonato de Peladas do Amazonas (Peladão). A esta última manifestação foi dedicada uma análise mais profunda, devido à sua complexidade e ao fato de ser uma das mais completas manifestações da dialética da existência pós-moderna. Dividido em seis categorias (Categoria Principal, Peladinho, Master, Feminino, Indígena Masculino e Indígena Feminino) e organizado a partir da centralidade subterrânea, bem como da lógica da tribalização, o Peladão é considerado o maior campeonato de futebol amador do mundo. Além do torneio de futebol, o espaço de representação do Peladão abrange outros universos simbólicos derivados de outras manifestações, como o concurso de Rainha do Peladão (um concurso de beleza vinculado ao campeonato de futebol) e as barcas (confraternizações pós-jogo realizadas pelos times do Peladão). A articulação destas três manifestações constrói complexas territorialidades que se organizam a partir de uma rede sócio-espacial, que tem como características principais: a organização horizontal, a tribalização, uma estruturação identitária que promove a fusão entre elementos locais e globais, a conexão entre a prática social do Peladão e a prática social cotidiana pós-moderna, o orgasmo, os momentos de presença e a montagem mitológica trágico-dionisíaca.

Palavras-chave: Futebol. Futebol amador. Futebol amazonense. Peladão. Espaço de representação. Espaço de representação do futebol. Pós-modernidade. Espacialidade.

ABSTRACT

Football becomes an important socio-cultural and spatial element transcending its condition as a sports phenomenon; therefore, constructing its own spatiality instance: the football representational space. The present study aims at analyzing the amateur football through a geographic perspective from the territorialities constructed through the appropriation of the elements of the football representational space in the post-modern context. In order to do so, a theoretical-methodological analysis was carried out intending to establish approximations between Maffesoli's formulations (mainly the ones related to the sociality paradigm, proper to the post-modernity) and Lefebvre's formulations (mainly the ones on the everyday life and on the spatiality, more specifically those of the representational spaces). From the approximation between these authors and others (such as Soja and Moscovici), a few concepts arouse, such as the everyday post-modern life and the trialetics of the post-modern being. A thematic discussion on the sports, socio-cultural and spatial dimensions of the footballing phenomenon was developed with the intent of establishing a definition of the amateur football, which originates from Tamburrini, as well as formulating the concept of the football representational space. The data collected about the Amazonense football representational space were analysed from this theoretical-methodological development and from the Discourse Analysis. The data collection consisted of *in loco* observations, 24 interviews with actors of the Amazonense football representational space and the gathering of a diversity of published materials on the Amazonense football (stories, documentaries, reports, rules). The data analysis confirmed the symbolic prevalence of the amateur football in the Amazonense football representational space. According to the appropriation of the elements of the football representational space, three main manifestations of the Amazonense amateur football were identified: celebration-related football (religious and folkloric); tournaments linked to the *Federação Amazonense de Futebol* (municipal leagues and *Copa dos Rios de Seleções*); and the *Campeonato de Peladas do Amazonas (Peladão)*. A deeper analysis was dedicated to the Peladão for its complexity and for being one of the most complete manifestations of the trialetics of the post-modern being. Divided into six categories (*Categoria Principal, Peladinho, Master, Feminino, Indígena Masculino* and *Indígena Feminino*) and organized from the subterranean centralism as well as the logic of tribalization. Peladão is considered the largest amateur football tournament in the world. Besides the football tournament, Peladão's representational space reaches other symbolic universes derived from other manifestations, such as the *Rainha do Peladão* contest (a beauty contest linked to the competing football teams) and the *barcas* (celebrations held by the teams after the game). The articulation of these three manifestations constructs complex territorialities that are organized from a socio-spatial network, which has as main characteristics: the horizontal organization; the tribalization; an identity structuration that promotes the fusion between local and global elements; the connection between Peladão's social practice and the everyday post-modern social practice; the orgasm; the moments of presence; and, the tragic-Dionysiac mythological assembling.

Key-words: Football. Amateur Football. Amazonense Football. Peladão. Representational Space. Football representation space. Post-modernity. Spatiality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	- SOCIALIDADE <i>VERSUS</i> SOCIAL.....	24
QUADRO 1	- UNIVERSO CONSENSUAL <i>VERSUS</i> UNIVERSO REIFICADO.....	68
FIGURA 2	- DIALÉTICA DA TRIPLICIDADE DA VIDA COTIDIANA PÓS-MODERNA.....	69
FIGURA 3	- TRIALÉTICA DA EXISTÊNCIA.....	76
FIGURA 4	- ESPACIALIDADE.....	81
FIGURA 5	- TRIALÉTICA DA EXISTÊNCIA PÓS-MODERNA.....	90
FIGURA 6	- MANIFESTAÇÕES DO ESPORTE.....	106
FIGURA 7	- BRASÃO DO TRIESTE FUTEBOL CLUBE.....	124
FIGURA 8	- ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL.....	132
FIGURA 9	- ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL PROFISSIONAL E DO FUTEBOL AMADOR.....	133
FIGURA 10	- ADESIVO DA CAMPANHA DE IVAN GUIMARÃES.....	154
FIGURA 11	- NÍVEIS DE APROPRIAÇÕES DO FATO FUTEBOLÍSTICO PELOS TIPOS DE FUTEBOL AMADOR.....	168
FIGURA 12	- FUTEBOL AMADOR E FESTEJOS EM PARINTINS.....	172
FIGURA 13	- JOGO PELO CAMPEONATO DA ALEPIN 2007.....	176
QUADRO 2	- ESTATÍSTICAS DO PELADÃO DE 1998 ATÉ 2008.....	182
FIGURA 14	- JOGO DO PELADÃO MASTER 2008 DISPUTADO NO CAMPO DA CEAN.....	184
FIGURA 15	- ABERTURA DO PELADÃO 2008.....	187
FIGURA 16	- BALCÃO DA COORDENAÇÃO DO PELADÃO.....	200
FIGURA 17	- CAMPOS ABERTOS.....	204
CARTOGRAMA 1	- DISTRITOS DO PELADÃO.....	206
FIGURA 18	- PELADÃO MASTER.....	220
CARTOGRAMA 2	- PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS NO PELADÃO 2008 E NA COPA DOS RIOS DE SELEÇÕES 2008.....	226
FIGURA 19	- A EQUIPE DO A.M.A. VILA MAMÃO FC COM SUA RAINHA.....	228
FIGURA 20	- TORCIDA.....	235
FIGURA 21	- PELADÃO FEMININO.....	245
FIGURA 22	- PELADÃO INDÍGENA.....	254
FIGURA 23	- PELADINHO.....	259
FIGURA 24	- LÍVIA, A RAINHA DO JAPIIM E DO AMAZONAS.....	264
FIGURA 25	- PRISCILLA MEIRELLES.....	265
FIGURA 26	- SESSÃO DE FOTOS E DESFILE DE ABERTURA DO PELADÃO 2008.....	269
FIGURA 27	- APARIÇÃO DA RAINHA DO PELADÃO E DESFILE DAS CANDIDATAS.....	270
FIGURA 28	- FASES DECISIVAS DO CONCURSO DE RAINHA.....	275
FIGURA 29	- RELAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS DO PELADÃO.....	291
FIGURA 30	- JOGO ENTRE CURUMIM E BARÉ, NA ABERTURA DO PELADÃO 2008.....	326
FIGURA 31	- ANÚNCIO DA ABERTURA DO PELADÃO 2008.....	329
FIGURA 32	- FASES DO PELADÃO E DO CONCURSO DE RAINHA 2008.....	331
FIGURA 33	- REDE SÓCIO-ESPACIAL DO PELADÃO.....	333

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PÓS-MODERNIDADE E ESPAÇO	20
2.1 PÓS-MODERNIDADE E SOCIALIDADE	21
2.1.1 Socialidade e estruturas identitárias	22
2.1.2 Territorialidade, globalização e localismo	29
2.1.3 Razão sensível, imagem e sentimento trágico-dionisíaco	37
2.2 COTIDIANO E VIDA COTIDIANA	45
2.2.1 Vida cotidiana em Henri Lefebvre	46
2.2.2 Vida cotidiana em Michel Maffesoli	58
2.2.3 Vida cotidiana pós-moderna	61
2.3 ESPACIALIDADE	69
2.3.1 Do espaço em Maffesoli à dialética da existência	71
2.3.2 Espacialidade em Lefebvre	77
2.3.3 Espacialidade pós-moderna	87
3. O FENÔMENO FUTEBOLÍSTICO	94
3.1 DIMENSÃO ESPORTIVA	95
3.1.1 Esporte moderno	95
3.1.2 Por um debate esportivo pós-moderno	104
3.1.3 Futebol profissional e futebol amador	109
3.2 DIMENSÃO SÓCIO-CULTURAL	118
3.3 DIMENSÃO ESPACIAL	129
3.3.1 Espaço de representação do futebol	130
3.3.2 Territórios e territorialidades futebolísticas	143
4. ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL AMAZONENSE	147
4.1 ANÁLISE DO DISCURSO	148
4.2 ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL PROFISSIONAL	152
4.3 ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL AMADOR	165
4.3.1 Futebol e festejos	169
4.3.2 Campeonatos vinculados à Federação Amazonense de Futebol	174
4.3.3 Peladão	180
5. ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO PELADÃO	189
5.1 TORNEIO DE FUTEBOL	192
5.1.1 Inscrições	194
5.1.2 Regulamento, regras, arbitragem e Código Disciplinar	202
5.1.3 Master	219
5.1.4 Paralelo do Interior	222
5.1.5 Paralelo de Rainha	228
5.1.6 Categoria Principal	230
5.1.7 Feminino	243
5.1.8 Indígenas	246
5.1.9 Peladinho	256
5.2 CONCURSO DE RAINHA DO PELADÃO	261
5.3 INTERCÂMBIO SÓCIO-DESPORTIVO	284
5.4 REDE SÓCIO-ESPACIAL DO PELADÃO	298
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	336
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	345
FONTES PRIMÁRIAS	357
FONTES SECUNDÁRIAS	359
ANEXO	362

1. INTRODUÇÃO

Uma tese cujo tema é o futebol amador já suscitaria uma série de questionamentos. Quando se trata de um trabalho de doutorado na Geografia, as indagações se multiplicam. Provavelmente, a maior parte das perguntas versaria acerca de dois temas: da relação da Geografia com o futebol e da minha ligação com o futebol (e com a referida relação Geografia-futebol). Não seria capaz de responder plenamente as questões acerca da relação entre futebol e Geografia, mas afirmaria que não há apenas uma relação, mas uma infinidade delas. Neste trabalho, apresento algumas destas relações, a partir de uma proposta de abordagem geográfica do futebol amador. Quanto à minha relação com o futebol: nunca fui profissional, mas, como grande parte dos praticantes, desde criança jogo futebol por diversão, além de acompanhar, pela mídia e nos estádios, o esporte e tudo que o cerca. O futebol sempre fez parte da minha vida cotidiana, inclusive na época de graduação quando comecei a esboçar as primeiras reflexões mais sistematizadas acerca do futebol, bem como realizar algumas leituras sobre o tema. No mestrado, procurando desenvolver as relações entre Geografia e futebol, pesquisei a construção do espaço de representação do futebol em Curitiba, com foco no futebol profissional. Entretanto, senti que seria necessário ampliar a abrangência das ainda incipientes relações entre a Geografia e o futebol. Uma viagem de pesquisa, em 2007, para a Amazônia me despertou a curiosidade para o futebol amador e para a força que este possui, sobretudo no Amazonas. Havia conhecido novas modulações do futebol, bem como percebido novas possibilidades de apreensão deste fenômeno pela Geografia. Este trabalho é uma sistematização das leituras, pesquisas de campo e reflexões realizadas, nos últimos anos, a fim de analisar o futebol amador a partir de uma abordagem geográfica.

• • •

É inegável que o futebol seja um fundamental componente da sociedade brasileira e mundial, já que sua prática social se encontra intimamente ligada à vida cotidiana. Sendo assim, ele transcende sua dimensão esportiva e se torna importante elemento sócio-cultural e na produção espacial – tanto material quanto simbólica. No

entanto, é insuficientemente discutido na academia, sobretudo pela ciência geográfica. Não queremos simplesmente mostrar que tal discussão é possível, mas sim que ela é necessária, pois o estudo do futebol, devido à sua complexidade, pode ser uma importante forma de compreendermos a dinâmica sócio-espacial, bem como suas mudanças em curso. Se o futebol profissional é pouco discutido, o amador é ignorado por grande parte da produção acadêmica brasileira e mundial. Tal descaso com o tema não está ligado a uma eventual menor importância dele no universo do futebol, na sociedade e na espacialidade, mas sim a uma provável falta de percepção da riqueza de suas manifestações e das complexas relações que mantém com o futebol profissional. Além disso, a produção acerca do tema esbarra na dificuldade de apreensão de suas manifestações. Portanto, numa perspectiva não apenas no incremento de uma Geografia dos Esportes (MASCARENHAS, 1999), mas na ampliação das possibilidades temáticas, teóricas e metodológicas da Geografia como um todo, propomos o desenvolvimento de uma geografia do futebol amador – uma abordagem geográfica que tem como ponto de partida o futebol amador, mas é capaz de abranger uma diversidade de fenômenos.

Para tal, partimos de cinco idéias-mestras, que têm como base reflexões teórico-metodológicas e observações de campo. Estas idéias-mestras, intimamente interligadas, estruturam nossas argumentações, de modo que a última delas necessita das formulações das quatro anteriores para que suas implicações sejam discutidas. Nossas cinco idéias-mestras são as seguintes:

- a) vivemos em um período de mudanças profundas, a pós-modernidade, que se baseia no novo paradigma da socialidade, acompanhado pela redefinição das estruturas identitárias, pelo tribalismo, pelo localismo e pela montagem mitológica calcada no sentimento trágico-dionisíaco (MAFFESOLI, 1998, 2001, 2003, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2006, 2007a, 2007b);
- b) a espacialidade é formada pela interação de três instâncias (prática espacial, representações do espaço e espaços de representação), que interagem entre si (LEFEBVRE, 1991);
- c) o futebol transcende sua dimensão esportiva, sendo um complexo fenômeno sócio-cultural e construtor de uma instância própria da espacialidade, o espaço de representação do futebol;

- d) o espaço de representação do futebol amazonense se caracteriza pelo predomínio simbólico do futebol amador, que tem como atributo uma grande pluralidade de apropriações dos elementos do espaço de representação do futebol;
- e) o Peladão é uma das manifestações mais completas da dialética da existência pós-moderna, devido à sua inserção na vida cotidiana pós-moderna, ao orgiasmo e aos momentos de presença que proporciona, à sua montagem mitológica trágico-dionisíaca e, sobretudo, devido à sua riqueza de apropriações dos elementos do espaço de representação do futebol e, conseqüentemente, às suas complexas territorialidades.

A primeira idéia-mestra é a de que vivemos em um período de mudanças profundas, a pós-modernidade, que se baseia no novo paradigma da socialidade, acompanhado pela redefinição das estruturações identitárias, pelo tribalismo, pelo localismo e pela montagem mitológica calcada no sentimento trágico-dionisíaco (MAFFESOLI, 1998, 2001, 2003, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2006, 2007a, 2007b). As formulações de Michel Maffesoli acerca da derrocada do paradigma do social e a sua substituição pelo da socialidade são capazes de fornecer interessante base teórico-metodológica para a Geografia avançar em direção a uma abordagem – focada nas dimensões culturais e sociais – que leva em consideração as novas lógicas de estruturação identitária e de agregamento, baseadas na razão sensível, ou seja, mais na afetualidade do que na racionalidade. Esta nova lógica produz tribos, inseridas em uma massa afetual. Cada uma destas tribos, através de seus universos simbólicos e sistemas de papéis (que substituem as funções), constrói diversas territorialidades, que se articulam de maneira multiescalar, desde o local até o global, gerando multiterritorialidades (HAESBAERT, 2002, 2004). A horizontalização da organização da sociedade favorece a emergência da potência, da *pessoa* (em detrimento ao indivíduo moderno, com identidade fixa), da centralidade subterrânea (forma de organização reticular) e do localismo. Este é, juntamente com a tribalização e com o sentimento trágico-dionisíaco – baseado no hedonismo, na ética do instante e no orgiasmo –, fundamento da vida cotidiana *maffesoliana*.

Apesar das enormes possibilidades que a teoria de Maffesoli oferece, encontramos nelas algumas limitações, sobretudo no que se refere à propalação da quase total eliminação dos elementos do paradigma social; à sua posição

excessivamente otimista acerca da vida cotidiana; e à sua visão empobrecedora do espaço. Nossa proposta, portanto, é de confrontar e estabelecer relações entre as idéias de Maffesoli e as formulações de Henri Lefebvre (1968, 1991, 2006, 2008a, 2008b, 2008c, 2008e), sobretudo aquelas relacionadas à vida cotidiana, à teoria dos momentos e à espacialidade. Este autor – de embasamento marxista, mas que transita por outras influências, como Nietzsche e movimentos artísticos e políticos europeus do século XX – nos fornece interessantes bases para uma discussão acerca da vida cotidiana, fundamentada na alienação e puncionada por momentos de presença – experiências plenamente vividas. Esta visão de vida cotidiana contrasta com o otimismo *maffesoliano*. Os antagonismos e as semelhanças entre os dois autores nos permitiram desenvolver o conceito de vida cotidiana pós-moderna, calcado na dialética da triplicidade entre a socialidade, o social e as representações sociais, de Moscovici (2001, 2003). As discussões acerca da vida cotidiana pós-moderna, dos momentos de presença (relacionados dialeticamente com os de ausência e as representações) e as formulações *maffesolianas*, nos permitem avançar para uma discussão espacial.

Chegamos, então, à nossa segunda idéia-mestra, a de que a espacialidade é formada pela interação de três instâncias (prática espacial, representações do espaço e espaços de representação), que interagem entre si (LEFEBVRE, 1991). Tal espacialidade está inserida na dialética da existência pós-moderna, composta pela temporalidade (predomínio da ética do instante), pela socialidade (cuja expressão é a vida cotidiana pós-moderna) e pela própria espacialidade pós-moderna (na qual há uma prevalência dos espaços de representação). O conceito de dialética da existência pós-moderna foi desenvolvido com base em Soja (1996), visando superar a visão fragmentada de espaço em Maffesoli, que o desassocia do tempo e o vê como simples meio de interação entre sociedade e natureza.

A espacialidade pós-moderna se baseia na prevalência dos espaços de representação, instância simbólica da espacialidade em que ocorrem as experiências plenamente vividas pelas pessoas ou grupos – os momentos de presença. Nos espaços de representação a realidade material é perpassada pelo simbólico, pelo imaginário e pelo afetivo (LEFEBVRE, 1991; SOJA, 1993, 1996; SHIELDS, 1999; GIL FILHO, 2003a, 2003b). Assim, temos condições de afirmar que as manifestações sócio-culturais que criam relações próprias, momentos de presença, orgasmo, sentimento trágico-dionisíaco e constroem territorialidades a partir do tribalismo, são capazes de criar espaços de representação. Podemos, então, apresentar a nossa

terceira idéia-mestra, a de que o futebol transcende sua dimensão esportiva, sendo um complexo fenômeno sócio-cultural e construtor de uma instância própria da espacialidade, o espaço de representação do futebol. Este é constituído pela interação de diversos elementos: fato futebolístico, prática social do futebol, relações, símbolo, mito, discurso, estruturação identitária futebolística, organização, *ethos* futebolístico e emoções. A apropriação destes elementos é capaz de produzir uma grande diversidade de territorialidades, bem como diferentes modulações do futebol que vão desde o espaço de representação do futebol profissional até o espaço de representação do futebol amador. As manifestações do futebol amador são o foco do nosso trabalho. Mas o que seria o futebol amador? Para chegarmos à nossa idéia de futebol amador, partimos de algumas categorizações do futebol, como a de Damo (2007) e a de Tamburrini (2001), da Lei Federal nº 9.615 (BRASIL, 1998), bem como dos elementos do espaço de representação do futebol. Resumidamente, o futebol amador é aquele praticado por prazer, baseado na dimensão lúdica ou, ao menos, aquele que não pressupõe um contrato de trabalho com uma instituição futebolística (clubes, por exemplo) que prevê remuneração. Há uma infinidade de futebolistas amadores, pois há inúmeras formas de apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol. Procuraremos demonstrar algumas das manifestações do futebol, bem como suas relações com a vida cotidiana e com a espacialidade pós-modernas em geral a partir do espaço de representação do futebol amazonense. A escolha do estado do Amazonas como recorte geográfico de nosso estudo está relacionada – além de com as observações de campo que originaram o interesse pelo tema – com a riqueza de apropriações simbólicas do futebol amador deste estado, bem como com a importância que este possui no espaço de representação do futebol amazonense.

Nossa quarta idéia-mestra é justamente a de que o espaço de representação do futebol amazonense se caracteriza pelo predomínio simbólico do futebol amador, que tem como atributo uma grande pluralidade de apropriações dos elementos do espaço de representação do futebol. O futebol profissional amazonense apresenta uma série de problemas estruturais e administrativos, que contribuem para que o espaço de representação do futebol amador, no Amazonas, seja preponderante. Todavia, esta seria uma explicação demasiadamente parcial e simplória da pregnância do futebol amador na vida cotidiana pós-moderna dos amazonenses. O espaço de representação do futebol amador do Amazonas apresenta uma grande diversidade de apropriações

de seus elementos, das quais destacamos três: o futebol associado a festejos (desde os religiosos até os folclóricos); os campeonatos vinculados à Federação Amazonense de Futebol (as ligas municipais e a Copa dos Rios de Seleções); e o Campeonato de Peladas do Amazonas, mais conhecido como Peladão (organizado por uma empresa de comunicação de Manaus, que reúne anualmente mais de 500 equipes e de 12.000 atletas nas diversas categorias). Apesar de discutirmos o espaço de representação do futebol amazonense de modo geral, focaremos no futebol amador e especificamente no Peladão, por acreditarmos que ele é uma das manifestações mais completas da dialética da existência pós-moderna, devido à sua inserção na vida cotidiana pós-moderna, ao orgiasmo e aos momentos de presença que proporciona, à sua montagem mitológica trágico-dionisíaca e, sobretudo, devido à sua riqueza de apropriações dos elementos do espaço de representação do futebol e, conseqüentemente, às suas complexas territorialidades. Esta é a nossa quinta idéia-mestra.

O Peladão, que se baseia em uma lógica de identificação tribal, é considerado o maior campeonato de peladas do mundo. Disputado desde 1973, é capaz de mobilizar Manaus e o Amazonas de forma a produzir complexas territorialidades e celebrar a socialidade, os momentos de presença e o orgiasmo. Em 2008, 1.048 equipes disputaram o Peladão: 430 do interior do Amazonas e 618 de Manaus. As equipes da capital são divididas em seis categorias: Categoria Principal (masculina adulta, a partir dos 15 anos, também chamada de Peladão ou Aberta); Peladinho (jovens entre 12 e 14 anos); Master (a partir de 40 anos); Feminino (a partir dos 15 anos); Indígena Masculina; e Indígena Feminina. Apesar dos consideráveis números, da significativa abrangência sócio-espacial e de ser promovido pela Rede Calderaro de Comunicação – uma rede de comunicação particular – o Peladão mantém sua essência amadora, ficando o profissionalismo restrito aos funcionários da referida rede de comunicação que organizam o campeonato. Além do torneio de futebol, o Peladão promove um concurso de beleza feminina, que elege a Rainha do Peladão. Tal concurso está vinculado ao próprio torneio de futebol, sendo mais uma significativa manifestação do espaço de representação do Peladão. Apesar de haver uma organização central, o Peladão se baseia na centralidade subterrânea¹, já que o funcionamento do campeonato depende das equipes, que, entre outras coisas, são responsáveis pelos

¹ Derivada da concepção do paradigma da socialidade, a idéia de centralidade subterrânea denota uma organização horizontal e reticular, através da qual as tribos se relacionam em seu interior e com outras tribos, a partir da potência (MAFFESOLI, 2006).

campos, arbitragem e preenchimento de súmulas. A dimensão orgiástica da socialidade também pode ser observada em outro elemento ético-estético de fundamento trágico-dionisíaco, que é a barca. Esta é a reunião após o jogo, onde há a confraternização entre o time e a comunidade, regada à bebida (em geral alcoólica) e comida. Estes e outros aspectos fazem com que o Peladão seja uma manifestação do espaço de representação do futebol amador amazonense que seja digna de uma atenção especial.

A partir deste contexto, nosso objetivo geral é analisar o futebol amador sob um enfoque geográfico, a partir das territorialidades construídas através da apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol, no contexto da pós-modernidade. Para tal, traçamos quatro objetivos específicos:

- a) desenvolver uma base teórico-metodológica que seja capaz de abordar o futebol amador sob uma perspectiva geográfica, a partir da discussão de idéias e conceitos como: pós-modernidade, socialidade, cotidiano, vida cotidiana, vida cotidiana pós-moderna, espacialidade, espaços de representação, dialética da existência moderna, espaço de representação do futebol e territorialidades;
- b) discutir o fenômeno futebolístico nas suas dimensões esportiva, sócio-cultural e espacial, a fim de chegar ao conceito de futebol amador, bem como caracterizar seu espaço de representação;
- c) discutir o espaço de representação do futebol amazonense, focando nas modulações do futebol amador, seus elementos simbólicos e territorialidades, apresentando uma tipologia e as principais características das manifestações do espaço de representação do futebol amador do Amazonas;
- d) debater as apropriações dos elementos simbólicos e territorialidades do espaço de representação do Peladão, através da teoria desenvolvida e da análise do discurso das entrevistas realizadas, bem como documentários e reportagens acerca do tema.

Para atingir os objetivos, adotamos alguns procedimentos metodológicos, os quais dividimos em teóricos e empíricos. Os procedimentos teóricos – como as leituras e reflexões para o desenvolvimento do embasamento teórico-metodológico e revisão da bibliografia temática – foram fundamentais para atingirmos os dois primeiros objetivos específicos. Entretanto, as reflexões teóricas realizadas sofreram influência

da pesquisa de campo e da análise de seus dados. Juntamente com a consulta de fontes documentais, periódicos e filmes sobre o futebol amador, a pesquisa de campo faz parte dos procedimentos empíricos. Como pesquisa de campo realizamos observações *in loco* e entrevistas abertas – com uma amostragem qualitativa – com 23 significativos atores do espaço de representação do futebol amazonense. As entrevistas foram realizadas em três etapas: as duas primeiras, através de viagens à região amazônica (uma em 09 de junho e 04 de julho de 2007 e outra entre 18 e 29 de setembro de 2008); e a terceira, através de comunicações via e-mail e telefone, em 2009, durante a redação da tese. As entrevistas e demais observações de campo, aliadas às análises destes dados e outros procedimentos teóricos nos possibilitaram atingir os dois últimos objetivos. Assim, este trabalho é produto do constante diálogo entre os procedimentos metodológicos teóricos e empíricos, associados a procedimentos técnicos – como a elaboração de cartogramas e ilustrações, bem como a confecção de fotografias.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais (que chamaremos de primeiro e sexto capítulos, respectivamente). O segundo capítulo é focado em discussões teóricas. Sua primeira parte se refere ao debate acerca da pós-modernidade, da socialidade e de alguns conceitos afins – como estruturações identitárias, territorialidades, localismo, razão sensível e sentimento trágico-dionisíaco –, a partir das formulações de Maffesoli (1998, 2001, 2003, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2006, 2007a, 2007b). Na segunda parte do capítulo confrontamos as concepções de vida cotidiana de Maffesoli e de Lefebvre, propondo o conceito de vida cotidiana pós-moderna. A última parte do segundo capítulo apresenta uma discussão focada na questão da espacialidade, com base em Lefebvre (1991), e na dialética da existência pós-moderna (SOJA, 1996) – que sintetiza as relações estabelecidas entre Lefebvre e Maffesoli.

O terceiro capítulo tem seu foco voltado à discussão do fenômeno futebolístico em três de suas principais dimensões. Na primeira parte, é discutido o futebol sob seu aspecto esportivo, sendo apresentadas algumas concepções acerca do esporte moderno para que possamos desenvolver uma perspectiva esportiva pós-moderna, calcada no caráter polissêmico do esporte (MARCHI JÚNIOR; AFONSO, 2007) e no lúdico (HUIZINGA, 2007; MAFFESOLI, 2003). Ainda na primeira parte, começamos a esboçar nossa idéia de futebol amador, a partir das concepções de Damo (2007) e de Tamburrini (2001), bem como através da análise da Lei Federal 9.615 (BRASIL, 1998).

Na segunda parte deste capítulo, apresentamos algumas formulações sobre a dimensão sócio-cultural do futebol (DAMATTA, 2006; FRANCO JÚNIOR, 2007; GIULIANOTTI, 2002; TOLEDO, 2000, 2002), o que nos serve de base para a terceira parte, referente à dimensão espacial. Nesta desenvolvemos o conceito de espaço de representação do futebol, seus elementos e suas diversas formas de apropriação, capazes de criar territorialidades e diversas manifestações do futebol amador.

No quarto capítulo, direcionamos nossa análise ao espaço de representação do futebol amazonense, desde suas manifestações de futebol profissional até amador. Na primeira parte deste capítulo, apresentamos nossa metodologia de pesquisa, bem como a Análise do Discurso, procedimento que utilizamos para melhor apreender o conteúdo das entrevistas realizadas com 23 atores do espaço de representação do futebol do Amazonas. Na segunda parte, traçamos um panorama geral do espaço de representação do futebol profissional amazonense, incluindo nesta discussão as categorias de base. Na terceira parte, desenvolvemos uma tipologia para o futebol amador amazonense (futebol e festejos; campeonatos vinculados à Federação Amazonense de Futebol; e Peladão) e apresentamos as diferentes apropriações simbólicas dos elementos do espaço de representação do futebol que estas manifestações realizam.

No quinto e último capítulo, realizamos uma discussão mais específica acerca do Peladão, devido à sua grande complexidade. Utilizamos toda nossa base teórico-metodológica, além da Análise do Discurso para analisarmos, a partir das entrevistas e de materiais publicados sobre o Peladão (filmes, livro, reportagens, relatório, entre outros), as diferentes apropriações simbólicas dos elementos do espaço de representação do Peladão. Este conta com três principais formas de manifestação amplamente relacionadas: o torneio de futebol, o concurso de Rainha e o intercâmbio sócio-desportivo (mais especificamente, a barca). Dedicamos uma parte do capítulo para a discussão de como cada uma destas manifestações se inserem no espaço de representação do Peladão e produzem territorialidades. Na quarta parte do capítulo sistematizamos as conexões entre as manifestações analisadas e as relacionamos com discursos e representações sociais produzidos por diferentes atores sócio-espaciais, de modo a construir uma rede sócio-espacial do espaço de representação do Peladão, que sintetiza as múltiplas territorialidades desta instância da espacialidade.

2. PÓS-MODERNIDADE E ESPAÇO

Neste primeiro capítulo, desenvolvemos uma exaustiva, porém fundamental discussão acerca de alguns conceitos e idéias que nos serão essenciais para podermos realizar uma abordagem geográfica do futebol, sobretudo, do futebol amador. Estas discussões têm como pilares principais dois autores: Michel Maffesoli e Henri Lefebvre.

Na primeira parte do capítulo, nos propomos a tratar do polêmico tema da pós-modernidade, aparados por Maffesoli (1998, 2001, 2003, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2006, 2007a, 2007b). Iniciamos apresentando a crise do paradigma social moderno e a emergência da socialidade pós-moderna, que redefine, entre outros aspectos, toda a estruturação identitária. O indivíduo moderno passa a ser substituído pela *pessoa*, que encontra sua afirmação em grupos afetuais, as tribos. Este processo de tribalização e de horizontalização das relações possui importantes implicações geográficas, conforme abordaremos no segundo item da primeira parte, sobre as territorialidades, globalização e localismo. A nova lógica de construção de territorialidades (culminando com as multiterritorialidades), bem como as redefinidas estruturações identitárias levam a uma prevalência das escalas local e global nas relações. Tudo isso está intimamente ligado à emergência da razão sensível, do imaginário e do sentimento trágico-dionisíaco, tratados no terceiro item da primeira parte.

Na segunda parte do capítulo, estabelecemos as primeiras relações entre os pensamentos de Maffesoli e Lefebvre, ao apresentarmos a visão da vida cotidiana dos dois autores. Para Maffesoli (segundo item) a vida cotidiana é extremamente positiva, pois é a dimensão na qual se experienciam as relações afetuais, o hedonismo e o orgiasmo na socialidade pós-moderna. Em contraste, para Lefebvre (1968, 1991, 2006, 2008a, 2008b, 2008c, 2008e) a vida cotidiana possui forte dimensão alienante, apesar de que os momentos plenamente vividos, ou seja, as presenças, são experimentados em seu interior (primeiro item). Propomos, portanto, (no terceiro item) um conceito que busca relacionar as contribuições destes dois autores: o de vida cotidiana pós-moderna, que também considera as representações sociais, de Moscovici (2001, 2003).

Na terceira e última parte deste capítulo, nos atemos à questão da espacialidade, que sintetiza as discussões prévias e procura estreitar o diálogo entre

as concepções *lefebvrianas* (sobretudo àquelas acerca do espaço social e suas três instâncias: prática espacial, representações do espaço e espaços de representação) e as *maffesolianas* (principalmente no que se refere à pós-modernidade e à socialidade, já que criticamos sua leitura espacial). No primeiro item, partimos da leitura de espaço de Maffesoli para chegarmos à dialética da existência, de Soja (1996). Discutimos, posteriormente, no segundo item, a teoria espacial *lefebvriana*. No terceiro item, desenvolvemos uma teoria espacial (pós-moderna) e chegamos ao conceito de dialética da existência pós-moderna, relacionando, assim, as contribuições de Lefebvre e Maffesoli que possibilita uma abordagem do futebol (sobretudo o amador) sob uma perspectiva geográfica.

2.1 PÓS-MODERNIDADE E SOCIALIDADE

Se fosse preciso dar uma definição provisória de pós-modernidade, ela poderia ser: “*A sinergia de fenômenos arcaicos com o desenvolvimento tecnológico.*” (MAFFESOLI, 2004b, p. 21, grifo do autor).

Falar em pós-modernidade ou até mesmo em modernidade significa adentrar em um campo nebuloso. Este assunto, além de complexo, é altamente controverso. Isto porque, sobretudo, nas ciências humanas estes conceitos ou idéias são extremamente plurais, carecendo de discussões prévias a sua utilização. Nossa proposta é apenas contextualizar e demonstrar nosso entendimento de pós-modernidade (e, conseqüentemente, de modernidade), que se baseia em Maffesoli (1998, 2001, 2003, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2006, 2007a, 2007b). Não pretendemos, portanto, apresentar todas as possibilidades e linhas teóricas acerca da questão da modernidade/pós-modernidade nem de realizar uma discussão definitiva do tema e suas implicações para a Geografia, pois seria necessário dedicar, provavelmente, mais do que uma tese a este assunto.

A concepção *maffesoliana* – da qual somos adeptos – tem como ponto de partida que a pós-modernidade representa uma ruptura com a modernidade. Talvez o termo ruptura não seja o mais adequado, pois denota um acontecimento concluído e com um tempo definido. O mais adequado seria processo de ruptura, já que, em alguns setores da sociedade, encontramos ainda uma forte resistência das características típicas da modernidade. Entretanto, reforçamos o termo ruptura, pois

denota que a pós-modernidade não se constitui uma parte da modernidade nem se configura como a “modernidade radicalizada”, conforme Habermas (1990) e Giddens (1991). Partimos da concepção *maffesoliana* (2003, 2004b) de que a pós-modernidade – a fusão do retorno de fenômenos arcaicos com a tecnologia – se encontra em estado nascente, apesar de ter penetrado com incrível força todos os setores da sociedade atual; e de que o processo de transição entre a modernidade e a pós-modernidade ainda não está concluído, apesar dos claros sinais da emergência de um novo paradigma, que põe em cheque os três pilares da modernidade – o indivíduo, a história e a razão – que se manifestam a partir de uma homogeneização nacional, institucional e ideológica. Este novo paradigma influencia sobremaneira as diversas formas de organizações e manifestações sociais e espaciais.

2.1.1 Socialidade e estruturações identitárias

Por partimos do pressuposto de que o sujeito moderno foi o propulsor do sistema social da modernidade, como argumenta Hall (2005), nos concentraremos, primeira e principalmente, na construção e desconstrução do indivíduo moderno e, inerentemente, da lógica da identidade. Esta última, na pós-modernidade, vem sendo suplantada – devido a uma série de fatores que abordaremos – pela lógica da identificação, de base fundamentalmente grupal e afetual (MAFFESOLI, 2005b). As origens do indivíduo moderno remontam aos movimentos de racionalização do mundo e ao antropocentrismo, ligados ao Renascimento, ao Iluminismo e ao pensamento cartesiano. O sujeito uno encontrava sua estabilidade em uma identidade estável que tinha como atribuição fixar o sujeito à estrutura, preencher a lacuna entre o “interior” e o “exterior” (HALL, 2005). Esta ancoragem estável e a idéia de uma identidade coerente, unificada e segura começam a ser abaladas a partir da metade do século passado, quando o sujeito cartesiano sofreu um processo de descentramento, apontado por Hall (2005) a partir de cinco principais perspectivas:

- a) o pensamento de Marx e suas interpretações estruturalistas, que deslocaram a discussão social do sujeito às estruturas, sobretudo àquelas ligadas ao anti-humanismo teórico de Althusser (MARX, 1996a, 1996b, 2001). O pensamento

marxista será discutido de forma mais detalhada posteriormente, entretanto, a partir das formulações de Henri Lefebvre. Perspectiva, esta, muito diversa e ora contrária à althusseriana;

- b) a teoria freudiana, que traz à tona a discussão acerca do inconsciente, contestando a idéia do indivíduo uno. Concepção desenvolvida, com certas diferenças em relação a Freud, por outros psicanalistas como Lacan, na discussão da socialização infantil;
- c) a lingüística estruturalista de Ferdinand de Saussure, que distingue a *langue* da *parole*, demonstrando que a língua não é um sistema individual, mas sim social (SAUSSURE, 2000);
- d) a genealogia de Foucault, que dissecar a formação do indivíduo e a racionalização da sociedade moderna, através do poder, que circula nas instituições e espaços disciplinadores da população, do indivíduo e do corpo. O poder – que produz o indivíduo e se manifesta nele – capilarmente, em exercício, permeia todo o tecido social e produz espacializações (FOUCAULT, 1998, 2004, 2006);
- e) os movimentos sociais ligados ao “1968”, sobretudo o feminismo. Estes movimentos trouxeram à tona temas polêmicos, como a questão da identidade das minorias. Destaque para o feminismo que contestou a organização social da família, da divisão do trabalho, além de suscitar questões acerca da sexualidade e do gênero.

Este descentramento do sujeito moderno vem acompanhado por uma retomada dos valores arcaicos, que promovem o declínio do individualismo em nome do retorno da organização tribal, conforme propõe Maffesoli (2006). Segundo Hall (2005), a identidade na pós-modernidade perde sua atribuição de fixar o sujeito à estrutura. Este, assim, passa a assumir uma diversidade de identidades em diferentes situações e momentos de sua vida. Desta forma, tomando a identidade como atributo principalmente sócio-cultural, não cabe mais falar de uma cultura nem de uma organização social fixa, mas de várias mutáveis. A questão não é mais o que o indivíduo é, mas o que ele pode ser, os papéis que assume ou pode assumir, bem como dos grupos ou comunidades dos quais faz parte.

O paradigma moderno do *social* – individualista, racional e baseado no poder das organizações econômico-políticas – vem sendo substituído pelo paradigma da

socialidade, baseado em um *ethos* comunitário, no qual o indivíduo se funde em uma massa, uma “alma coletiva”, na qual as atitudes, as identidades e as individualidades se apagam. [...]. Cada um participa deste ‘nós’ global” (MAFFESOLI, 2006, p. 118) (FIGURA 1). Portanto, a constituição das massas é, fundamentalmente, baseada na afetualidade e no *ethos* comunitário, uma vez que elas congregam pessoas que se identificam com determinado universo simbólico. Desta forma, as massas não pressupõem nem uma homogeneização da sociedade nem a transformação desta em grupos que recebem, passivamente, mensagens e informações dos meios de comunicação. Ao contrário, as massas são constante e cotidianamente clivadas em tribos, que têm uma base afetual, além de um caráter dinâmico e fundamentalmente simbólico (MAFFESOLI, 2006).

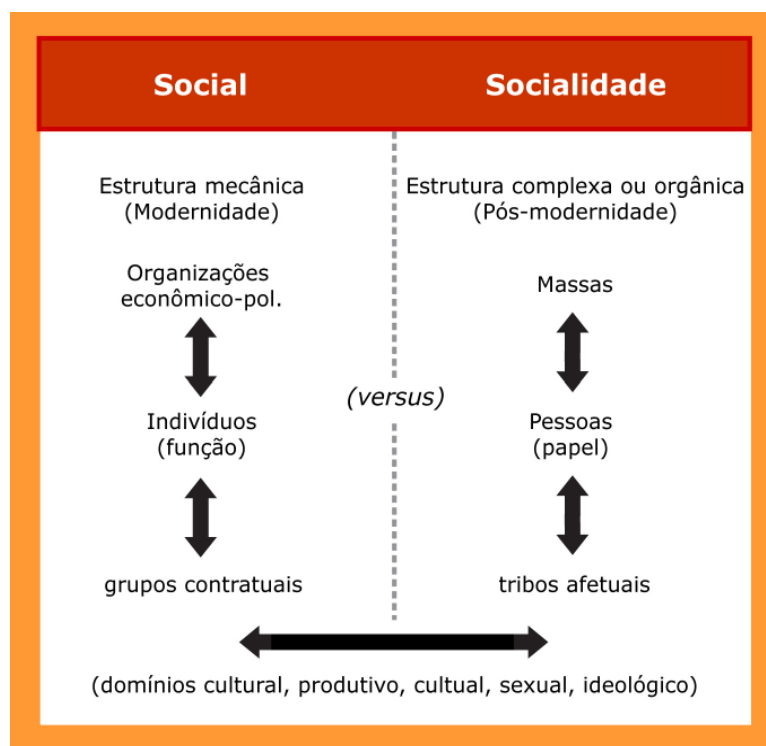


FIGURA 1 - SOCIALIDADE *VERSUS* SOCIAL

Fonte: MAFFESOLI (2006).

O mesmo sujeito pode participar simultaneamente de diversas tribos, que podem ser esportivas, musicais, de consumo ou construídas por quaisquer outras afinidades simbólicas, como em torno de ídolos, bairros e demais territórios ou territorialidades. Nestas tribos, ao contrário de nas instituições modernas (família, trabalho, escola, etc.), a *função* é substituída pelo *papel* ou pela multiplicidade de papéis representados e desempenhados. Estes são mutáveis, conforme o tempo e o

espaço, contribuindo para a desconstrução do indivíduo (pautado na interioridade) e para a constituição da pessoa (“*persona*”)² (voltada à exterioridade, ou seja, à percepção alheia), que, nas aglomerações, deixa de ser sujeito autônomo, mas existe no e pelo grupo, pelo fato de se perder no outro, como aponta Maffesoli (2004b, p.27): “em suma, já não há mais autonomia – sou a *minha* própria lei, que prevalece – mas heteronomia: minha lei é o outro”. Esta heteronomia é fundamento do tribalismo pós-moderno (ou neotribalismo), pois, ao mesmo tempo em que cria solidariedade é criado por ela.

A heteronomia, que possui uma estruturação simbólica, é realizada através do compartilhamento de representações sociais, forma de elaboração e comunicação de conhecimentos populares e cotidianos. Como afirma Moscovici (2003, p. 40), elas estão presentes em todas as manifestações da cultura na sociedade: “todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações”. Capazes de influenciar comportamentos, apesar de serem criadas internamente, as representações sociais não têm origem em um indivíduo autônomo e isolado, mas dentro de um contexto social. Uma vez criadas, ganham vida própria, circulam, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto as antigas morrem. A teoria das representações sociais tem sua origem ligada às representações coletivas de Durkheim (2003). Apesar disto, as representações sociais têm um caráter muito mais dinâmico do que as representações coletivas *durkheimianas*, que se caracterizam por uma classe geral de idéias e crenças estanques (MOSCOVICI, 2001). As representações sociais reproduzem o mundo de forma significativa, pois cada uma delas traz consigo uma imagem e uma significação simbólica. A teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 2003; JODELET, 2001; JOVCHELOVITCH, 2000) fornece fundamentos para se compreender como se constituem tais tribos e como as informações, impressões, pensamentos, visões de mundo e atitudes circulam no seu interior, bem como de que forma as tribos e ou grupos formulam representações sociais uns dos outros.

Além das representações sociais (não que elas não sejam capazes de contemplar esta dimensão), a afetualidade é elemento fundamental das tribos,

² O termo *personna* tem origem etrusca e “remete a um *tipo* ao qual nos agregamos: graças a esta ‘máscara de teatro’ (lat. *personna*, -ae), participamos de uma peça na qual somos um dos integrantes do elenco” (MAFFESOLI, 2007a, p. 231, grifo do autor). Daí a adoção do termo pelo autor para expressar a idéia de que as pessoas podem assumir uma diversidade de papéis nas tribos e mesmo na massa.

conforme afirma Maffesoli (2004b, p. 24): “Tribos religiosas, sexuais, culturais, esportivas, musicais: o número delas é infinito e sua estrutura é idêntica – ajuda mútua, compartilhamento dos sentimentos, ambiente afetivo”. Estes ajuntamentos produzem uma *alma comum*, que permite vivenciar o “prazer da fusão e da confusão” (MAFFESOLI, 2007b, p. 110). Busca, esta, do prazer a partir da fusão com o grupo – de se ligar ao outro e de sentir-se nele – desestabiliza o indivíduo moderno e toda estrutura mecânica fundada na modernidade. Esta busca pelo prazer e este hedonismo passam a ocupar papel central na configuração da sociedade que se agrupa a partir das emoções, do orgasmo³ e da imagem, fundando uma ética da estética, como propõe Maffesoli (2005b, p. 12, grifo do autor): “o laço social torna-se emocional. Assim, elabora-se um modo de ser (*ethos*) onde o que é experimentado com outros será primordial. É isso que designarei pela expressão: ‘*ética da estética*’.” Esta ética da estética contamina todas as relações sociais (e espaciais), fazendo com que as tribos busquem se voltar a si, através de uma comunhão, de um narcisismo grupal, a fim de buscar um gozo coletivo (MAFFESOLI, 2005b).

A hierarquia não existe na tribo. O que existe são diferentes papéis. Assim, o paradigma da socialidade traz consigo uma tendência de horizontalização das relações, ou seja, a substituição do poder – fundamentalmente vertical – pela potência – uma força que move as comunidades afetivas. Numa perspectiva foucaultiana (1998), o poder existe em relação e nunca em posse, o que fez com que alguns de seus seguidores, como Raffestin (1993), afirmassem que toda relação pressupõe poder. Esta generalização, na modernidade, já era perigosa, mas na pós-modernidade é impossível, devido ao paradigma de relações horizontais em que ela se baseia. A teoria de Foucault sobre o poder, entretanto, não está completamente superada. Pelo contrário, ela possibilita compreender a maneira reticular como o poder ainda circula na pós-modernidade, apesar deste, em muitas organizações, estar sendo substituído pela potência. Prova disto é o declínio do individualismo, um dos principais efeitos do poder, bem como seu centro de transmissão:

Efetivamente, aquilo que faz com que o corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo

³ Maffesoli utiliza a figura de Dioniso para simbolizar o novo paradigma da emergência de comunidades afetivas em detrimento ao individualismo. O hedonismo dionisíaco está ligado aos rituais, às paixões e às emoções coletivas, bem como ao gozo. O orgasmo se insere dentro deste contexto: “em oposição a uma moral do ‘dever-ser’, ele [o orgasmo] remete a um *imoralismo-ético* que consolida o laço simbólico de toda sociedade” (MAFFESOLI, 2005a, p. 11).

próprio fato de ser o efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 1998, p. 183-184).

Se o indivíduo moderno se apresenta em decadência, uma de suas principais (se não a principal) causas e também consequências é o declínio do poder. Se o poder só existe em relação e se vivemos hoje uma redefinição das relações – a substituição do indivíduo pela massa –, o poder, que se encontrava em “todas as relações”, se vê com cada vez mais dificuldade de circular. Isto porque as instituições que o legitimam também se encontram em declínio, o político se encontra saturado (MAFFESOLI, 2001, 2004b, 2006). Mesmo assim, não acreditamos que o poder não exista mais, mas que gradativamente perde espaço para uma força chamada potência, que tem em sua base um querer-viver que, na socialidade, move as comunidades e que está intimamente conectada a uma série de manifestações que já foram ou ainda serão detalhadas no decorrer do trabalho:

As numerosas questões que dizem respeito à saturação do político, à mudança de valores, ao fracasso do mito progressista, ao ressurgimento do qualitativo, à importância conferida ao hedonismo, à perdurância do sentimento religioso, à pregnância da imagem, que se acreditava totalmente afastada e cada vez mais invade a nossa vida quotidiana (publicidade, televisão), têm todas elas como pano de fundo aquilo que se pode chamar de *potência* irreprimível. Trata-se de uma força bem difícil de explicar, mas da qual se podem constatar os efeitos nas diversas manifestações da socialidade: a astúcia, a auto-referência, o ceticismo, a ironia e o humor negro dentro de um mundo que é considerado em crise. Já que a crise é a crise dos poderes, naquilo que eles têm de formal, de abstrato, é essa oposição entre o *poder extrínseco* e a *potência intrínseca* que precisamos pensar com rigor. (MAFFESOLI, 2006, p. 69, grifo do autor).

Enquanto o poder é vertical, extrínseco e fundamentado no (e fundamento do) indivíduo e nas instituições modernas, a potência é horizontal em sua circulação, pois tem caráter intrínseco às comunidades (massas e tribos) pelas quais circula. A potência produz representações sociais, que circulam através de uma *centralidade subterrânea*, ou seja, a maneira pela qual as comunidades afetivas se estruturam, se consolidam e se solidificam em um conjunto autônomo e de dinâmica específica (MAFFESOLI, 2006). Contrariamente ao poder, que tem caráter coercitivo, a potência se manifesta de maneira espontânea.

É na vida cotidiana (que será discutida mais profundamente no item 2.2) que se formam as tribos, através do compartilhamento de representações sociais. A partir desta perspectiva, a socialidade ocorre de maneira a celebrar uma alteridade – baseada na potência – e uma oportunidade de comunhão passional, orgiástica:

Uma outra chave ou “caráter essencial” do neotribalismo pós-moderno é a dimensão comunitária da socialidade. É importante insistir nisso, tanto é freqüente ler, e escutar, que o indivíduo e o individualismo seriam a marca essencial de nosso tempo. Trata-se aí, ainda, de um indício de defasagem da *intelligentsia* em relação à realidade. No caso, ela somente projeta seus próprios valores no conjunto social. Basta ver a importância da moda, do instinto de imitação, das pulsões gregárias de todos os tipos, das múltiplas histerias coletivas, dos agrupamentos musicais, esportivos, religiosos, dos quais tenho freqüentemente falado, para se convencer do contrário. (MAFFESOLI, 2006, p. 11-12).

Esta estrutura orgânica gestada na pós-modernidade, baseada na potência, na tribalização, na afetualidade, no arraigamento dinâmico e nas representações sociais é tanto causa quanto efeito da fragmentação e desgaste da organização institucional, baseada em funções, concentrações e hierarquias (MAFFESOLI, 2006). As instituições pressupõem uma tradição e são historicamente prévias e posteriores aos indivíduos, que se enquadram nestas estruturas (BERGER; LUCKMANN, 1999). Ao participar de instituições o indivíduo é investido de funções, as quais deve desempenhar. Ao fazê-lo, precisa se inserir em uma lógica pré-estabelecida, ou seja, necessita realizar não o que dele se espera, mas o que se espera da função que ocupa. Berger e Luckmann (1999, p. 104), que utilizam o termo *papel* ao invés de *função*⁴, explicitam que os papéis representam a ordem institucional em dois níveis:

Primeiramente a execução do papel representa a si mesma. Por exemplo, empenhar-se em julgar é representar o papel do juiz. O indivíduo julgador não está atuando “por sua própria conta”, mas *qua* juiz. Em segundo lugar, o papel representa uma completa necessidade institucional de conduta. O papel do juiz relaciona-se com outros papéis, cuja totalidade compreende a instituição da lei. O juiz atua como representante desta instituição. Somente mediante esta representação em papéis desempenhados é que a instituição pode manifestar-se na experiência real.

Assim, ao mesmo tempo em que a instituição é o refúgio do indivíduo moderno, pois nela este encontra a estabilidade identitária, ela também exerce uma força que lhe tira a autonomia, o controle da situação, que o aliena (discutiremos a alienação no item 2.2, a partir de, sobretudo, MARX 1996a, 1996b, 2001; e LEFEBVRE 1968, 1991, 2006, 2008a, 2008b, 2008c, 2008e). Embora Maffesoli propale a crise das instituições, não acreditamos no final destas, mas na sua redefinição e na sua perda de força na vida cotidiana, apesar de ainda ter um considerável peso nesta, como veremos

⁴ Muitos dos termos utilizados possuem mais de uma conotação, dependendo do autor e de sua linha teórica. Neste caso, o que Berger e Luckmann chamam de *papéis* é o que Maffesoli designa como *funções*, pois é exercido em uma estrutura institucional e é permeado pelo poder, tendo caráter coercitivo. Já a noção de *papéis* pressupõe uma maior liberdade. Os papéis se organizam através da centralidade subterrânea, sendo que uma pessoa pode exercer (ou representar) um papel hoje e amanhã outro, bem como a mesma pessoa pode ter, na tribo, simultaneamente, mais de um papel.

também a seguir (no item 2.2). O que ocorre é que há uma tendência gregária a partir das emoções, dos afetos e dos sentimentos. Desta forma, há um desgaste das relações do *social*, que são fundamentalmente contratuais, racionalizadas e afastadas do cotidiano. Esta nova tendência é acompanhada de novas configurações territoriais, bem como de novas relações entre as comunidades e seus territórios/territorialidades. A questão territorial é fundamental para se compreender as modificações ocorridas na pós-modernidade, porque tal questão pode ser apontada, ao mesmo tempo, como fundamento e manifestação de tais mudanças.

Para se compreender estas mudanças, é preciso retornar à configuração territorial e identitária da modernidade, que tinha no Estado nacional moderno seu porto seguro. A formação do Estado nacional moderno, a partir de uma centralização institucional, empreendeu um processo (ou, pelo menos, tentativas) de homogeneização cultural, política e econômica e estabeleceu limites bem definidos no território de seu domínio. Dentro destes limites, os governos se empenharam para criar identidades nacionais, lançando mão da unificação monetária, militar, do idioma, além de projetos de unificação cultural, a fim de eliminar as diversidades locais. A configuração em Estados nacionais e suas conseqüências são apontadas por Massey (2008, p. 103) como

o estabelecimento e a (tentativa de) universalização de uma maneira de imaginar o espaço (e a relação sociedade/espaço) que afirmou o constrangimento material de certas formas de organizar o espaço e a relação entre sociedade e espaço. E que ainda permanece hoje em dia.

Inegavelmente, esta forma de organização espacial permanece hodiernamente, mas não prevalece mais sobre as escalas local e global, conforme explicitaremos.

2.1.2 Territorialidade, globalização e localismo

Antes de qualquer formulação mais avançada acerca de globalização e localismo, precisamos esclarecer o que entendemos por território, territorialidade e territorialização (idéias que se relacionam, se completam e se fundem). Utilizaremos a concepção de território pautada no que Haesbaert chama de uma perspectiva integradora, ou seja, que discute a apropriação tanto material quanto simbólica do

espaço⁵ – apesar de neste trabalho atribuímos um peso maior à simbólica. Segundo Haesbaert (2004, p. 74): “o território carregaria sempre, de forma indissociável, uma dimensão simbólica, ou cultural em sentido estrito, e uma dimensão material, de natureza predominantemente econômico-política”. Para compreendermos como, a partir do espaço – que possui também forte carga simbólica –, os territórios são criados, nos pautaremos nas discussões acerca de *dominação* e *apropriação* do espaço apresentadas por Lefebvre (1991). Segundo o autor, a dominação e a apropriação do espaço são coisas distintas, mas intimamente relacionadas. A dominação está ligada a uma mediação tecnológica e prática, pela qual o espaço natural é transformado com fins econômicos (e políticos). Este espaço dominado, normalmente, tem caráter “fechado, esterilizado, esvaziado”. Já a apropriação – contraponto e complemento da dominação –, remete a uma dimensão identitária e simbólica. A apropriação é realizada por um grupo (uma comunidade, uma tribo), que busca uma porção do espaço para se estabelecer como tal, sem necessariamente se pautar na lógica econômica. Apesar de que, geralmente, para a apropriação ocorrer, é necessária a condição de propriedade. O processo apropriativo remete à arte, a uma construção fundamentalmente simbólica:

It may be said of a natural space modified in order to serve the needs and possibilities of a group that it has been appropriated by that group. Property in the sense of possession is at best necessary precondition, and most often merely an epiphenomenon, of “appropriative” activity, the highest expression of which is the work of art. An appropriated space *resembles* a work of art, which is not to say that it is any sense an *imitation* work of art. (LEFEBVRE, 1991, p. 165, grifo do autor)⁶.

Tomaremos como ponto de partida, para a definição de território e territorialidade, o par dominação-apropriação. É possível dizer que a perspectiva integradora, de Haesbaert (2004), contempla ambos os processos, pois considera tanto os aspectos políticos-econômicos quanto os simbólicos-identitários. Portanto, partiremos da idéia de que o território necessita, para sua constituição e existência,

⁵ A discussão acerca do espaço será realizada com maior detalhe na parte 2.3, mas já adiantamos que nossa visão de espaço é fundamentalmente simbólica e de acordo, sobretudo com as formulações de Lefebvre (1991), Soja (1996) e Gil Filho (2002).

⁶ Pode ser dito de um espaço natural modificado para satisfazer as necessidades e possibilidades de um grupo que este espaço foi apropriado por esse grupo. Propriedade no sentido de posse é na melhor das hipóteses uma condição necessária, e com maior frequência meramente um epifenômeno, de atividade “apropriativa”, a maior expressão do que é a obra de arte. Um espaço apropriado *lembra* uma obra de arte, o que não significa que seja em qualquer sentido uma obra de arte *imitação*. (tradução nossa).

não apenas da apropriação, mas também e principalmente da dominação, que “tende a originar territórios puramente utilitários e funcionais, sem que um verdadeiro sentido socialmente compartilhado e/ou uma relação de identidade com o espaço tenha lugar” (HAESBAERT, 2002, p. 120-121). Já a territorialidade – de fundamento simbólico – é construída a partir da apropriação de determinado espaço ou reapropriação de um dado território. Assim, a territorialidade se pauta exclusivamente nas lógicas simbólica, cultural e de identificação, sem que haja a necessidade de dominação prévia. As tribos, ao se apropriarem de um determinado espaço, não precisam exercer poder sobre tal, mas sim construir referências simbólicas neste e a partir deste. O acesso, e não mais a dominação, passa a ser condição para tal. Isto não significa que a territorialidade também não tenha uma dimensão concreta, mas que esta não implica em definições claras e fixas de limites de ação.

Além da definição de territorialidade proposta, o termo pode ser entendido a partir de outra acepção com sentido mais amplo, ou seja, como “qualidade de ser território” (HAESBAERT, 2004). Evitaremos usar “territorialidade” neste sentido, a fim de minimizar a confusão que ele pode suscitar. Entretanto, se partimos de uma leitura de que o território, na pós-modernidade, é essencialmente simbólico-cultural, é impossível pensar a “qualidade de ser território” sem considerar a “qualidade de ser simbólico”. As territorialidades são definidas a partir de representações sociais, que têm ligações com a *realidade objetiva* ou material. Portanto, o processo de apropriação e a construção das territorialidades passam muito mais pelas relações humanas do que pelas tradicionais relações sociedade-natureza, sejam elas de perspectiva naturalista (de caráter eminentemente biológico), econômica (território como fonte de recursos) ou política (no sentido de controle de fronteiras).

Para Haesbaert (2004, p. 339), territorializações são “as relações de domínio e apropriação do espaço, ou seja, nossas mediações espaciais do poder, poder em sentido amplo, que se estende do mais concreto ao mais simbólico”. Desta forma, o termo “territorialização” não se refere exclusivamente à construção de territorialidades, pois considera também o processo de dominação, nem à formação de territórios, pois abarca até as apropriações “mais simbólicas” do espaço. Temos, portanto, um termo com sentido duplo. Como partimos do pressuposto de que vivemos em um tempo de mudança do paradigma moderno (calcado no *social*) para o pós-moderno (a partir da *socialidade*), podemos afirmar que a territorialização passa a se dar, agora, sobretudo a partir de uma perspectiva de formação de territorialidades. Entretanto, não

acreditamos no fim dos territórios (no sentido da dominação). Partiremos, então, das formulações de Deleuze e Guattari para chegarmos aos processos de territorialização pós-modernos, ou seja, que têm como característica a prevalência da apropriação sobre a dominação.

Na perspectiva de Deleuze e Guattari (1992), a territorialização não é um processo que ocorre isoladamente, senão associada à desterritorialização e à reterritorialização. Segundo os autores, estes dois últimos processos são indissociáveis e pressupõem uma prévia territorialização, ou seja, a transformação da *terra* (superfície terrestre) em *território*. O movimento de desterritorialização está ligado à desapropriação de determinada porção da superfície terrestre (transformação de território em terra). Isto permite uma nova territorialização em outra escala ou a partir de uma nova apropriação da terra, a reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Ao deslocar esta discussão às territorialidades, é possível dizer que a desterritorialização ocorre quando uma porção do espaço perde seu sentido simbólico, deixando de ser uma referência a uma ou mais tribos (HAESBAERT, 2002). Isto não significa que esta desconstrução simbólica e afetiva é definitiva e que a comunidade permanecerá sem territorialidade, ou seja, sem um referencial simbólico-cultural fundado no espaço. Há uma posterior reterritorialização, que – segundo Haesbaert (2002) – se dá, geralmente, em uma escala diferente daquela em que houve e desterritorialização. Desta forma, é possível dizer que os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização vão além de uma transformação *terra-território* (e vice-versa), mas também é um jogo de escalas, de deslocamentos de estruturas identitárias.

O processo de reterritorialização pode se dar a partir de diversas territorialidades sobrepostas e articuladas em diferentes escalas. Desta forma, é possível falar, na pós-modernidade, não apenas em territórios e territorialidades fixos e estáveis, mas em multiterritorialidades, articuladas em diferentes escalas e por diferentes representações sociais. Este jogo de escalas desloca muitas das estruturas simbólicas, identitárias e culturais da escala nacional às escalas global e local. Portanto, nos deparamos com dois fenômenos intimamente relacionados: a globalização e o localismo.

Apesar de admitirmos a sua relevância, não partiremos de uma discussão econômica da globalização, como o fazem alguns autores, como Ortiz⁷ (2000) e Ianni (1999), entre outros. Indubitavelmente, o aspecto econômico da globalização é importante, mas no que nos propomos a discutir – a questão territorial, cultural e identitária (se é que é possível separá-las) – ele é residual. Não negamos o valor dos avanços tecnológicos, sobretudo no campo da comunicação. Pelo contrário, consideramos este um ponto fundamental nas novas configurações territoriais – pois permitem e incentivam, em alguns casos, a organização reticular –, mas evitamos cair em um determinismo tecnológico ou da rede (BIJKER, 1995; BENAKOUCHE, 2005; DIAS, 2005). Ainda, tomamos como relativa, apesar de importante, a idéia de compressão tempo-espço (HARVEY, 2003), pois o encurtamento do tempo e das distâncias não pode ser generalizado, sobretudo se considerarmos que a globalização não é um fenômeno homogêneo em todo o mundo. É inegável que houve uma facilitação dos fluxos econômicos internacionais, o que não significa dizer que o mundo se encontra totalmente integrado nem que esta “livre” circulação também se reflete nos fluxos populacionais, que encontram severas limitações (MASSEY, 2008; HALL, 2008). Portanto, a globalização não pode ser entendida como uma integração ilimitada, mas sim, a partir da sugestão de Massey (2008), como uma nova geometria do poder. Nova geometria na qual também circula a potência, pois permite que a massa se comunique e que novas tribos se formem se conectando, por exemplo, pelo ciberespaço.

Esta nova geometria traz consigo multiplicidades e flexibilizações territoriais. Há uma intensificação no processo de multiterritorialização: constantes e múltiplas reterritorializações (precedidas por desterritorializações, seu par dialético). Sob o ponto de vista cultural, a desterritorialização está relacionada com “a desvinculação cultural de espaços-específicos e a mescla de identidades ou o hibridismo como norma cultural dominante” (HAESBAERT, 2004, p. 221). Desta maneira, o processo de multiterritorialização – típico da pós-modernidade – redefine as territorialidades destas estruturas identitárias, deslocando sua escala de nacional à global e à local. Como observa Haesbaert (2004, p. 337-338):

Não se trata mais de priorizar o fortalecimento de um “mosaico”-padrão de unidades territoriais em área, vistas muitas vezes de maneira exclusivista entre

⁷ Ortiz (2000) faz uma distinção, que não utilizaremos, entre “globalização” e “mundialização”. Enquanto aquela se refere aos processos econômicos, esta está relacionada com o campos da cultura.

si, como o caso dos Estados nacionais, mas seu convívio com a miríade de territórios-rede marcados pela descontinuidade e pela fragmentação que possibilita a passagem constante de um território a outro, num jogo que denominaremos aqui, muito mais do que desterritorialização ou declínio dos territórios, a sua “explosão” ou, em termos teoricamente mais elaborados, uma “multiterritorialidade”, pois como já afirmávamos em 1997, “na ‘pós’ ou ‘neo’ modernidade, um traço fundamental é a multiterritorialidade humana [...]” (Haesbaert, 1997: 42).

A multiterritorialidade, característica da pós-modernidade, contrasta com a territorialização rígida da modernidade, fundada, sobretudo, nos Estados nacionais. Estes se baseavam (e continuam o fazendo) no projeto de uma nação una, estável, de caráter quase biológico e incontestável, mas que não passa de uma “comunidade política imaginada” (ANDERSON, 2008, p. 32). Segundo Hall (2005, p. 50-51):

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.

No entanto, se este discurso nacional passa a suscitar dúvidas e se esta comunidade imaginada deixa de ser compartilhada, ou mesmo, passa a ser imaginada em outras escalas, as identidades nacionais sofrem fragmentações e deslocamentos, como vem ocorrendo através da globalização – que também, segundo Massey (2008) é um modo de se imaginar geograficamente o mundo:

a globalização tem, *sim*, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (HALL, 2005, p. 87, grifo do autor).

Entretanto, contrariando uma leitura óbvia, o global não remete apenas ao internacional, ao mundial, mas também (e, para nós, principalmente) à massa. Neste sentido, o global se refere à escala em que a massa afetual se agrega e se representa como tal. Esta escala pode ser, por exemplo, mundial, municipal ou até nacional. Portanto, se o global está relacionado à massa, as tribos se manifestam territorial, identitária e simbolicamente em escala local.

O localismo – signo de heterogeneização – é apontado por Maffesoli (2004b, 2006) como uma das características fundamentais da pós-modernidade. Ele está baseado na *proxemia* – o caráter relacional do homem com seus semelhantes. Esta

trama comunitária necessita de uma base territorial⁸, ou melhor, constituir territorialidades para abrigar a tribo, possibilitar e legitimar o estar-junto, como explicita Maffesoli (2004b, p. 57): “Esse território, no caso, é causa e efeito da comunicação-comunhão”. Assim, podemos afirmar que a proximidade tem caráter territorializante, sobretudo no que se refere às territorialidades locais, que são construídas nas relações diárias das tribos. Esta apropriação do espaço em escala local “adquiriu uma ressonância totêmica” (MASSEY, 2008, p. 24). Desta forma, a tribo, ao mesmo tempo em que se representa em suas territorialidades, é representada simbolicamente por estas. Tal como a territorialidade pressupõe uma apropriação, as tribos pressupõem territorialidades para existir como tal.

O localismo se constrói a partir de representações sociais de um grupo de vinculação afetual, que partilha territorialidades e vive conjuntamente a sua vida cotidiana, inclusive seus *momentos de presença*⁹ (SHIELDS, 1999; LEFEBVRE, 2006). O local se relaciona com as atividades mais banais, de manipulação imediata – com base no “aqui” e “agora” –, sendo, portanto, a escala do *tátil* (MAFFESOLI, 2004b). Esta metáfora do sentido do toque demonstra que, na escala local, as tribos vivenciam o máximo de suas pulsões gregárias, seus momentos mais sublimes de ligação (e re-ligação) entre seus membros, com o Outro e com o próprio local, que é transfigurado em *altar*. Estes são apontados por Maffesoli (2004b, p. 57) como espaços (apropriados) de celebração de “cultos de forte componente estético-ético. São cultos do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, da comida, do esporte, etc.” O autor continua falando destas territorialidades de forte carga erótica:

feitos por e para iniciados, aos quais se vai em busca de iniciação e onde se observam os iniciados: no sentido etimológico do termo, portanto, espaços onde se celebram mistérios. As pessoas se reúnem, reconhecem umas às outras e, com isso, conhecem a si mesmas. (MAFFESOLI, 2004, p. 58).

Muitas vezes, os altares – territorialidades locais – são reconhecidos apenas pela própria tribo que o apropriou e o mantém. Suas demarcações não são necessariamente materiais, assim como uma mesma tribo pode construir uma diversidade de altares. Esta justaposição de territorialidades nos permite atribuir ao localismo (assim como, comumente, se faz à globalização) uma organização territorial

⁸ Em sua obra, Maffesoli utiliza *território* para exprimir o que aqui chamaremos de *territorialidade* – a apropriação simbólica de determinada porção do espaço e a relação mantida com ela.

⁹ Momentos de presença e de ausência, a partir de Lefebvre e Shields, serão discutidas na parte 2.2.

reticular. Esta se manifesta de maneira mais intensa nas grandes cidades, servindo como vetor de socialidade entre as tribos, através da centralidade subterrânea:

se observarmos apenas as características “físicas” da megalópole, correremos o risco de só prestar atenção a uma espécie de solidão gregária que a constituiria, ao passo que existe uma multiplicidade de redes que geram a ordem simbólica nos canais tidos como mais sólidos. Aí está a centralidade subterrânea. (MAFFESOLI, 2004b, p. 55).

Esta organização através de redes múltiplas, baseada na dinâmica e no simbólico (sobretudo no caso dos localismos), contrasta com aquela de territórios-zona – forma mais tradicional e fixa de dominação ou apropriação do espaço. Tal território possui fronteiras bem definidas, organização centrípeta e promove maior estabilidade, pois delimita e enraíza. Os territórios nacionais possuem tais características, sendo associados à modernidade. No entanto, na pós-modernidade esta organização zonal não desaparece, mas passa a ser permeada e re-estruturada por uma reticular, que ao contrário do que possa parecer possui forte dimensão territorial, só que centrífuga e instável, pois promove desenraizamento e rompe limites. O território-rede (no nosso caso, seria mais apropriado falar em territorialidade-rede), organizado a partir de pontos e linhas, é pautado no movimento, em fluxos. Desta forma, é não-hierárquico, horizontal e descentralizado. Suas condições de criação são apontadas por Haesbaert:

A esta reterritorialização complexa, em rede e com fortes conotações rizomáticas, ou seja, não-hierárquicas, é que damos o nome de *multiterritorialidade*. As condições para sua realização incluiriam a maior diversidade territorial [...], uma grande disponibilidade de e/ou acessibilidade a redes-conexões (quer dizer, uma maior fluidez do espaço), a natureza rizomática ou menos centralizada dessas redes e, anteriores a tudo isto, a situação socioeconômica, a liberdade (individual ou coletiva) e, em parte, também, a abertura cultural para a efetivamente usufruir e/ou constituir essa multiterritorialidade. (HAESBAERT, 2004, p. 343, grifo do autor).

Na pós-modernidade, a multiterritorialidade, assim como o tribalismo, vem influenciando as instituições – pautadas ainda em uma organização vertical: “O processo tribal tem contaminado o conjunto das instituições sociais” (MAFFESOLI, 2006, p. 14). Esta “contaminação” se dá através da centralidade subterrânea e da proximia. Esta ligação afetiva reforça o caráter local do tribalismo, mas não refuta a sua globalidade – que se dá através das massas. Assim, é possível afirmar que, sob o paradigma da socialidade, a multiterritorialidade possui fundamentalmente uma dimensão afetual pautada em constantes diálogos entre o local e o global a partir de

estruturações identitárias (e consequentemente de territorialidades), que produzem uma organização territorial rizomática, horizontal.

Esta interação entre local e global não se dá de modo vertical, ou seja, o local não é determinado pelo global. Pelo contrário, o próprio global pode ser construído no local (MASSEY, 2008). Isto ocorre porque, mesmo com o advento das novas tecnologias que facilitam as interações à distância, é no aqui e agora, no contato direto, na dimensão tátil que as relações gregárias se dão de forma mais efetiva. Entretanto, não podemos ignorar a capacidade da geração de referências globais, sobretudo pelos meios de comunicação de massa. Tais referências mobilizam pessoas de diferentes lugares, formando uma grande massa conectada por elas, todavia são nas interações proxêmicas que estas vão se materializar em tribos, em territorialidades. Esta conjunção de natureza híbrida entre o local e o global, chamaremos, seguindo Haesbaert (2002, p. 120-121), de *glocal*:

Como no mundo contemporâneo vive-se concomitantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade atroz de eventos, vivenciam-se também, ao mesmo tempo, múltiplos territórios. Ora somos requisitados a nos posicionar perante uma determinada territorialidade, ora perante outra, como se nossos marcos de referência e controle espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder e de identidade. Isto resulta em uma geografia complexa, uma realidade multiterritorial (ou mesmo transterritorial) que se busca traduzir em novas concepções, como em termos hibridismo e “glocal”, este significando que os níveis global e local podem estar quase inteiramente confundidos.

Deparamo-nos, portanto, com um fenômeno diverso da globalização e do próprio localismo, a glocalização. Este hibridismo conjuga as referências e as dinâmicas das massas e das tribos, através de uma complexa dialética. Não nos interessa, assim, as relações globais que não se materializam nem são gestadas no local, escala da experiência comunitária. Esta encontra suas bases na razão sensível, no trágico e na imagem (MAFFESOLI, 1998, 2003, 2005a).

2.1.3 Razão sensível, imagem e sentimento trágico-dionisíaco

Além do indivíduo, restam ainda duas idéias-força da tríade epistemológica da modernidade, a partir das formulações de Maffesoli, a serem discutidas: a razão e a história. Se admitimos que as relações entre as pessoas se dão não mais,

predominantemente, pelos contratos, mas sim através de laços afetivos, emocionais, apontamos para a decadência da razão como forma de concepção do indivíduo e destas relações. O racionalismo cartesiano, alicerce do indivíduo e do mundo institucional modernos, é também o fundamento da história – da vida com olhos para os projetos futuros e com os pés fincados em tradições. Maffesoli (2004b, p. 19) ironicamente chama a razão de “deusa mãe de nossa trindade”, sendo que ela, na modernidade, “‘justifica’ o indivíduo que é senhor do mundo, e a História, na qual sua ação pode desenrolar-se”. O racionalismo individualista moderno passa a ser contestado e, em muitos casos, substituído por uma nova configuração pós-moderna, baseada na razão sensível (MAFFESOLI, 1998).

Antes de discutirmos a razão sensível propriamente dita, nos é fundamental responder uma pergunta: se a razão (racionalismo) entra em decadência, a partir de quais elementos a sociedade pós-moderna se (re)constrói? Para respondê-la, precisamos nos remeter a Jung e suas formulações acerca do inconsciente coletivo e dos arquétipos. Este autor não refuta o *inconsciente pessoal*, mas o coloca em posição secundária em sua teoria, a qual se baseia no *inconsciente coletivo*, que é inato e não se dá pelas experiências individuais. Este é preenchido por *arquétipos*, ou seja, conteúdos essencialmente inconscientes, que quando conscientizados são modificados e matizados de acordo com a apreensão (JUNG, 2002). Deste modo, a partir de uma leitura de Jung, preliminarmente, é possível estabelecer uma relação entre o inconsciente pessoal e a modernidade e o inconsciente coletivo e a pós-modernidade. Em outras palavras, o individualismo e o racionalismo da modernidade sufocaram os conteúdos arquetípicos de modo a tentar suplantá-los pela autonomia individual. Na pós-modernidade, as imagens arquetípicas voltam com força extrema, pois encontram o lugar deixado pela razão, que, como aponta Jung (2002, p. 24), tem como atributo afastar o homem dos arquétipos:

Na verdade o homem apenas descobriu que até então jamais havia pensado acerca de suas imagens. E quando começa a pensar sobre elas, recorre ao que chama de “razão”; no fundo, porém, esta razão nada mais é do que seus preconceitos e miopias.

Estas imagens gerais, os arquétipos, para Durand (2002), não podem ser explicadas pela estrutura histórica já que ela própria dependia de arquétipos progressistas e cíclicos para se legitimar. Desta forma, o autor defende a prevalência do simbólico e do imaginário nas estruturas antropológicas. No entanto, adverte

quanto à importância de uma abordagem que estabeleça diferenças entre o símbolo – fundamento das imagens – e o signo – que tem seu significado atribuído *a posteriori* e de modo arbitrário. O símbolo, cronológica e ontologicamente anterior à significância, pressupõe um poder de repercussão essencial e espontâneo. Seu sentido não é atribuído de modo artificial, já que pressupõe uma “homogeneidade do significante e do significado no seio de um dinamismo organizador” (DURAND, 2002, p. 29), o que faz com que a imagem seja absolutamente distinta do signo. Seu atributo simbólico faz com que a imagem tenha a qualidade de um elemento de agregação de tribos (MAFFESOLI, 1998).

As formulações de Durand apresentam consonância com as de Jung, que ao analisar as estruturas psicológicas afirma que “tudo, no entanto, é vivenciado numa forma imagética, isto é, simbolicamente” (JUNG, 2002, p. 48). Entretanto, o autor adverte que estas experiências simbólicas não têm nada de irreal, tendo o atributo de modificar a vida das pessoas ou grupos, sobretudo quando as imagens não são assimiladas conscientemente. Apropriando-se das formulações de Jung e Durand, Maffesoli define o arquétipo como “um senso comum que funda a dinâmica de toda socialidade” (MAFFESOLI, 1998, p. 256-257).

Como referências simbólicas, os arquétipos produzem estereótipos consuetudinários. Entre os arquétipos fundadores e os estereótipos há uma constante reversibilidade, um *trajeto antropológico*, segundo as palavras de Durand (2002). Considerando que os estereótipos comuns são resultados de uma prática sócio-espacial cotidiana, podemos inferir que tal processo se dá através de representações sociais, ou seja, a partir da apropriação das referências arquetípicas pelo conhecimento comum, no dia-a-dia das pessoas e grupos. Ao contrário de esvaziar o simbolismo imagético arquetípico, esta apropriação produz uma infinidade de imagens e novos referenciais simbólicos para as diversas tribos. A complexidade dos sistemas significantes constituídos por representações sociais está ligada não apenas ao resultado da formulação das representações, mas também e, em muitos casos, principalmente, ao processo pela qual elas são criadas. Tal processo se divide em dois mecanismos, a ancoragem e a objetivação, que tem como base a memória e as conclusões passadas (MOSCOVICI, 2003).

A ancoragem, o primeiro dos mecanismos, consiste basicamente em classificar e nomear alguma coisa; fazer com que idéias estranhas se tornem categorias comuns a partir de tipos já existentes e, ainda, atribuí-lhes valor. Idéias, coisas e objetos não

classificados e nomeados nos são estranhos, perturbadores, intrigantes e ameaçadores. Portanto, é preciso ancorá-los, ou seja, transportá-los a um contexto familiar; transformá-los em imagens comuns. Isto é feito através do enquadramento do que é estranho em comparação ao paradigma de uma categoria já estocada em nossa memória. Esta categorização nunca é neutra, pois o que foi classificado passa a carregar relações positivas ou negativas com seu paradigma de referência. A classificação é sempre acompanhada da nomeação, que também denota uma valoração de uma idéia, objeto ou coisa. Assim, o processo de ancoragem é sempre um processo de avaliação, rotulação e enquadramento hierárquico, a partir do qual “nós revelamos nossa ‘teoria’ da sociedade e da natureza humana” (MOSCOVICI, 2003, p. 62). Enquanto a ancoragem é um mecanismo de interiorização, a objetivação faz o caminho inverso. Ela ocorre pela transformação de algo abstrato em algo quase concreto; pela transferência do que está na mente para algo que exista no mundo físico; pela transformação da “palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra” (MOSCOVICI, 2003, p. 71). A partir deste processo as palavras são relacionadas com equivalentes não-verbais, ou seja, “objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem” (MOSCOVICI, 2003, p. 71-72). Isto feito, a imagem passa a ser assimilada por completo, substituindo, como representação social, a própria idéia, conceito ou palavra.

Portanto, é possível afirmar que os mecanismos de ancoragem e objetivação, formadores das representações sociais, produzem e re-produzem um mundo imaginal, que se constitui como expressão do senso comum. Este mundo imaginal favorece sobremaneira a organização e a consolidação dos laços afetuais das tribos em torno de idéias tornadas imagens, que, por sua vez, se corporificam como ou através de territorialidades. Maffesoli (1998, p. 169-170) assinala a formação deste mundo imaginal, bem como sinaliza para a modificação das relações que ele promove.

É esse inconsciente coletivo, cujo descrédito ainda é de bom tom proclamar, que constitui a ossatura do senso comum. Ele é como um tipo de substrato mítico que transpira, de diversas maneiras, por todos os poros do corpo social. Ele constitui a experiência do vivente que se enraíza longe na memória da humanidade. Uma boa maneira de tomar consciência dele é referindo-se ao ressurgimento do mundo imaginal, à intrusão das imagens que não são, de modo algum, novas, mas remetem todas para arquétipos dos quais se está mais ou menos consciente. Análises sobre a publicidade, sobre a televisão, sobre os vídeos, para não mencionar senão alguns exemplos, mostram bem tudo o que os mais banais estereótipos devem aos arquétipos de que se acaba de tratar. É nesse sentido que o mundo imaginal, que é vão estigmatizar

ou denegar, é uma expressão do senso comum. Ele induz uma nova arte de viver, que repousa menos sobre a faculdade produtiva do que sobre a faculdade receptiva. Aquela se pretendia geral, universal, e tinha por ambição dominar o mundo, alcançar a mestria do ambiente natural e social. Esta, ao contrário, aspira ao particular e se contenta com uma vida emocional ou afetual compartilhada entre poucos. A ambição dessa nova arte de viver é um tipo de contemplação daquilo que é, uma estetização da existência.

A partir da compreensão deste mundo imaginal – calcado no senso comum, na proxemia – podemos retomar a questão da razão sensível, pois esta é, ao mesmo tempo, fundamental para e fundamentada neste mundo baseado nas imagens. A idéia de razão sensível é transversal a toda obra de Maffesoli, pois permeia as três bases do *statu nascenti* da pós-modernidade: o localismo, a tribalização e a montagem mitológica. A razão sensível, sinergia entre razão e emoções, é baseada na experiência, no coletivo e na vivência. Ela vem substituindo o racionalismo – alicerçado no individualismo e na história – pela experiência do mundo vivido coletivamente através de laços afetuais, pela sinergia entre a matéria e o espírito, pelo politeísmo de valores, pela montagem mitológica, pelo sentimento trágico da vida, pela ética da estética (MAFFESOLI, 1998, 2003, 2005a, 2005b).

A lógica da produção, as ideologias e os grandes projetos individuais e sociais típicos da modernidade, encontram na razão sensível um forte antagonismo que, com sua energia, aos poucos suplanta a lógica mecânica de organização social e funda uma lógica baseada no afetual, na busca pelo gozo, no presenteísmo e no trágico-dionisíaco. Este sentimento trágico é causa e efeito de uma nova montagem mitológica, semelhante àquela arcaica e diferente, portanto, dos mitos modernos. Estes, segundo Cassirer (2003), se estabelecem a partir de duas forças concomitantes, mas diversas: o culto ao herói e o culto à raça. Mesmo simbólicos, os mitos modernos têm forte caráter individual, já que são personificados, e são criados a partir de planejamentos, de projetos, geralmente vinculados ao Estado. Já os mitos arcaicos, reavivados na pós-modernidade, constituem um mundo fantástico, fazendo aflorar os sentimentos tribais em uma montagem mitológica fragmentada em pequenas mitologias, não mais em uma verdade absoluta (MAFFESOLI, 2004b). A volta do mito como elemento central na organização social está relacionada com o caráter cíclico de sua dinâmica. Os mitos, formas simbólicas, nunca se extinguem, mas acabam subjugados pelas forças intelectuais, éticas e artísticas (CASSIRER, 1992, 2003). Entretanto, quando estas forças entram em crise, o mito retoma seu papel central na organização da sociedade e do espaço, o que vem ocorrendo atualmente.

A montagem mitológica baseia-se na dinâmica do rito, que tem o atributo de teatralizar o pensamento mítico, tornando-o mais pregnante e profundo. Estes ritos lançam mão de imagens comuns e se desenrolam em territorialidades, que, por sua vez, são confirmadas por tais celebrações tribais. É a partir desta “nova” montagem mitológica que se desenvolve o sentimento trágico da vida, que, de acordo com Maffesoli (2003, 2005a), encontra como sua principal figura arquetípica a imagem de Dioniso¹⁰. Este autor busca no pensamento *nietzschiano* (2005, 2007a, 2007b, 2007c, 2007d, 2007e, 2007f), sobretudo nas formulações acerca da tragédia ática, o fundamento do sentimento trágico pós-moderno.

Para Nietzsche (2005, 2007e) a fonte da arte grega estava ligada à dualidade entre os deuses Dioniso e Apolo¹¹. O dionisíaco e o apolíneo representam oposições de estilo e de instinto, mas que caminham em constantes embates de cujos seios originam-se criações artísticas, sobretudo a tragédia grega. A experiência apolínea está ligada aos sonhos, já que Apolo representa a bela aparência, a luz, o brilho, a partir dos quais se busca e chega ao conhecimento verdadeiro. A arte apolínea é plástica, delimitada pela visão, pela aparência e pelo belo. Já a arte dionisíaca é não-plástica, musical, de essência lúdica e arrebatadora. Sua experiência se dá através da embriaguez, do esquecimento de si e com a fusão entre as pessoas e do homem com a natureza:

A arte dionisíaca, por outro lado, repousa no jogo com a embriaguez, com o arrebatamento. São dois os poderes que principalmente elevam o homem natural ingênuo até o esquecimento de si característico da embriaguez, a pulsão da primavera (*Frühlingstrieb*) e a bebida narcótica. Seus efeitos estão simbolizados na figura de Dioniso. O *principium individuationis* é rompido em ambos os estados, o subjetivo desaparece inteiramente diante do poder irruptivo do humano-geral, do natural-universal. As festas de Dioniso não firmam apenas a ligação entre os homens, elas também reconciliam homem e natureza. (NIETZSCHE, 2005, p. 08).

¹⁰ Dioniso (ou Dionísio) é o deus grego da vegetação, da vinha, do vinho, dos frutos, da renovação sazonal e das demais manifestações originadas dos clamores orgiásticos. Filho de Zeus e de Sêmele (uma mortal) simboliza a ligação entre o céu e a terra, entre a morte e a ressurreição. Deus ctoniano, remete à natureza, à libertação, à liberação das proibições, à catarse, à exuberância, que levam a uma comunhão regada a excessos sexuais, embriaguez e irracionalidade. O êxtase dionisíaco aproxima o homem das divindades ao mesmo tempo em que reafirma sua condição humana. Simboliza as forças obscuras do inconsciente e a dissolução da própria personalidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007).

¹¹ Filho de Zeus e Latona, Apolo comumente é associado à beleza, à juventude e à sabedoria. Entretanto, esta figura divina é extremamente complexa e pode assumir uma grande diversidade de imagens, como a de um deus pastor ou de um deus guerreiro vingativo. Deus associado à luz, ao equilíbrio dos desejos, ao desenvolvimento da consciência. Simboliza o triunfo sobre a violência, o autodomínio, a harmonia entre razão e emoção, bem como a suprema espiritualização (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007).

O princípio de individuação mencionado por Nietzsche é equivalente à lógica da identidade moderna, que vem sendo substituída pela lógica da identificação, de fundamento dionisíaco, pois manifesta a partir de pulsões gregárias e da busca do orgasmo. O caráter dionisíaco obscuro e caótico simboliza o inconsciente do sentimento trágico, que contrasta com a sabedoria apolínea. Maffesoli (2003, 2004b, 2005a) associa a figura de Dioniso com a tragédia aporística, que se desenrola sem a busca de uma resolução, de um fim. O autor vincula esta idéia do sentimento trágico dionisíaco à socialidade pós-moderna, calcada na tribalização, no orgasmo e no ludismo. Já Apolo é atrelado ao drama, que se desenvolve em busca de uma solução, de uma projeção futura. Desta forma, o drama apolíneo é visto como expressão do pensamento moderno, racionalista e histórico.

A dicotomia, entre a tragédia dionisíaca pós-moderna e o drama apolíneo moderno, criada por Maffesoli pode ser ilustrativa para compreendermos as distinções entre o paradigma do *social* e o da *socialidade*, mas, ao mesmo tempo, pode ser uma perigosa armadilha, pois é capaz de criar a sensação de superação plena dos valores modernos. Focaremos na tragédia dionisíaca, mas é sempre importante ressaltar que mesmo em segundo plano o drama apolíneo possui ainda importante papel na organização sócio-espacial não apenas como alternativa remota, mas como contraponto dialético, o que Maffesoli não parece considerar em sua obra.

Um dos principais efeitos da emergência da montagem mitológica da tragédia dionisíaca pós-moderna é a queda da perspectiva da História linear, ou melhor, a sua passagem para um plano secundário em detrimento das múltiplas histórias humanas vividas em sua aparente insignificância. Maffesoli (2003, p. 09) sinaliza esta mudança a partir de uma metáfora em relação ao tempo, que sofre a “passagem de um tempo monocromático, linear, seguro, o do projeto, a um tempo policromático, trágico por essência, presenteísta e que escapa ao utilitarismo do cômputo burguês”. O tempo linear, projetivo ao futuro é, aos poucos, mas intensamente, solapado pelo retorno do cíclico, típico dos ritos que as tribos pós-modernas realizam no seu dia-a-dia. A realidade da vida diária, conforme explicitaram Berger e Luckmann (1999), se organiza em torno do “aqui e agora”, porém não se esgota nas presenças imediatas, pois a experiência é passível de mediações. Considerando estas formulações, é possível dizer que na pós-modernidade as relações podem ocorrer em diversas escalas (como já salientamos) e assumir diversas temporalidades, mas há uma forte tendência à

valorização do “aqui” – o que chamamos de localismo – e do “agora” – que denota a idéia de “presenteísmo” (MAFFESOLI, 2003).

O presenteísmo tem como valores irresistíveis o *carpe diem*, o hedonismo, a fusão, a busca pelo gozo no presente – não o projetando ou postergando para o futuro. Futuro este que, através dos rituais, transforma-se em destino, inevitável e, portanto, não passível de intervenções. O que é vivido no presente tem que o ser feito com o máximo de intensidade, sendo que o sentido do ato se encerra nele próprio. Cria-se, assim, uma ética do instante, que está intimamente conectada com o sentimento trágico, conforme analisa Maffesoli (2003, p. 26):

A cultura do prazer, o sentimento do trágico, o afrontamento do destino, tudo isso é causa e efeito de uma ética do instante, de uma acentuação das situações vividas por elas mesmas, situações que se esgotam no ato mesmo, e que já não se projetam em um futuro previsível e dominável à vontade.

A ética do instante é fomentada pela imobilização ou lenteiamento do tempo, promovida pela sensibilidade trágica, que encontra na repetição dos ritos a modulação da existência em instantes eternos, em que o prazer é buscado ao máximo e de forma imediata (MAFFESOLI, 2003). O sentimento de imobilidade do tempo – expressão ritual da tragédia – vai ao encontro da velocidade do tempo do drama apolíneo e do progresso moderno. Se a vida for analisada sob uma perspectiva de que ela tenha um objetivo, ela passa a ser uma sucessão de instantes aparentemente insignificantes. Entretanto, se avaliarmos sob o ponto de vista da tragédia dionisiaca, ela é composta de instantes eternos, organizando-se a partir da ritualística, sem objetivo definido. A busca é sempre pelo prazer, pelo orgasmo, estrutura básica da própria socialidade. A fusão nas massas e tribos é propiciada pela tragédia dionisiaca, que elimina “os abismos que separam os homens uns dos outros”, como o Estado e a sociedade (NIETZSCHE, 2007e, p. 60). A lógica político-econômica dá lugar à lógica afetual, transformando o corpo de instrumento de produção em objeto erótico. Erotismo este que encontra sua expressão na pavoneação do corpo, na barroquização da sociedade e no ludismo do espetáculo orgiástico (MAFFESOLI, 1998, 2005a).

O lúdico é dionisiaco por excelência, pois remete ao querer viver, ao desprendimento de si mesmo e à participação de uma comunidade. A música, o ritmo, o canto, a dança e o uso do corpo como objeto de fusão e expressão erótica permitem que a experiência lúdica se alastre pela sociedade, em contraposição ao utilitarismo. O lúdico não apenas celebra o querer viver, mas é “constantemente habitado pela idéia

de morte” (MAFFESOLI, 2005a, p. 76). Desta forma, a intensidade da celebração e a orgia são maneiras de viver a morte coletivamente. É isto que move as tribos.

2.2 COTIDIANO E VIDA COTIDIANA

Let everyday life become a work of art! Let every technical means be employed for the transformation of everyday life! (Lefebvre 1971: 204). (SHIELDS, 1999, p. 89)¹².

De fato, não é mais possível reduzir a arte apenas às grandes obras qualificadas geralmente de culturais. É toda a vida cotidiana que pode ser considerada uma obra de arte. Por causa da massificação da cultura, com certeza, mas também porque todas as situações e práticas minúsculas constituem um terreno sobre o qual se elevam cultura e civilização. (MAFFESOLI, 2005b, p. 26).

Na primeira parte, nos dedicamos a explicitar as concepções *maffesolianas* e outras complementares acerca da pós-modernidade, da socialidade, da tribalização, da territorialidade, do localismo, da razão sensível, da montagem mitológica, do sentimento trágico, entre outras. Foi apenas uma breve demonstração da vasta e profunda produção intelectual de Maffesoli. Todos os temas que este autor se dedicou e se dedica a discutir são permeados por uma idéia comum, a de vida cotidiana (ou cotidiano). Propositamente, deixamos esta questão em segundo plano até então.

Enxergamos algumas limitações na visão *maffesoliana* de vida cotidiana, apesar de reconhecermos sua riqueza. Desta forma, nesta segunda parte do capítulo, a proposta é, além de explicitar e discutir o cotidiano na obra de Maffesoli, contrapô-la às formulações de Henri Lefebvre, que além de ser um dos autores (se não o autor) que primeiro e mais intensamente se dedicaram ao desenvolvimento de uma teoria da vida cotidiana nas ciências humanas, foi professor de Michel Maffesoli. Entretanto, isto não significa que o desenvolvimento da idéia de vida cotidiana na obra *maffesoliana* siga a teoria *lefebvriana*, com forte base no Marxismo. Pelo contrário, Maffesoli procura romper com a idéia de vida cotidiana baseada na alienação, o cerne das formulações de Lefebvre, apresentando em alguns de seus livros severas críticas às influências do pensamento crítico de Lefebvre.

¹² “Deixe a vida cotidiana se tornar uma obra de arte! Deixe todos os meios técnicos serem empregados para a transformação da vida cotidiana!” (tradução nossa).

Mesmo antagônicas as duas concepções de vida cotidiana nos interessam porque, em alguns aspectos se complementam, mas, sobretudo porque é a partir de sua crítica à vida cotidiana que Henri Lefebvre desenvolve outros conceitos caros à nossa teoria, como os de *momento*, *presença*, *ausência* e, principalmente, o de *espaços de representação* (inserido em sua visão de *espacialidade*). Assim, compreender as diferenças entre as teorias de Maffesoli e de Lefebvre é condição *sine qua non* para a concretização de nossa proposta de estabelecer um diálogo entre estas duas visões de mundo tão (aparentemente) distintas e antagônicas. Sem descaracterizar e sem esvaziar as suas essências, nosso desafio é dialetizar Maffesoli e pós-modernizar Lefebvre.

2.2.1 Vida cotidiana em Henri Lefebvre

Henri Lefebvre é um autor bastante discutido na Geografia, sobretudo no que refere às suas contribuições aos estudos urbanos, sistematizados de forma mais evidente em *O direito à cidade* e *A cidade do capital* (LEFEBVRE, 2003, 2008d). No entanto, é em outros livros que consideramos que Lefebvre traz suas principais contribuições à Geografia e às ciências humanas em geral, através de uma profunda discussão epistemológica e teórico-conceitual que tem como principal ponto de partida as formulações de Marx. Lefebvre é um dos autores que apresenta uma das mais significativas discussões acerca do espaço, que são extremamente pertinentes para a Geografia – sobretudo diante do grande desafio epistemológico da criação de uma base teórico-conceitual verdadeiramente sólida para a discussão de questões simbólicas (sociais e culturais) após a “virada lingüística” ou “cultural” e para o desenvolvimento de uma nova abordagem cultural em geografia (CLAVAL, 2001a; COSGROVE; JACKSON, 2003; SAHR, 2007). Apesar da matriz marxista, Lefebvre apresenta também grande contribuição para a discussão dos aspectos simbólicos da vida social, bem como das relações entre espaço e representação. Entretanto, a compreensão da teoria espacial de Lefebvre exige a discussão de vários outros conceitos, que somente podem ser apreendidos através do entendimento de sua vasta teoria, de sua influência em Marx e de suas ora severas críticas a este mesmo autor. De sua extensa obra filosófica, nos ateremos a apenas alguns dos conceitos e

aspectos de sua teoria que julgamos mais pertinentes para a discussão geográfica e deste trabalho em específico. Tais idéias são: vida cotidiana (e cotidiano); momentos (presença e ausência); e espacialidade (espaço social). A utilização desta última, naturalmente a de maior interesse para a Geografia, exige a compreensão das outras duas, pois delas é derivada ou, pelo menos, posterior cronológica e teoricamente.

Lefebvre defende a universalidade da utilização do materialismo dialético como método científico e como maneira de se ler o mundo. Procura avançar na aplicação do materialismo dialético além dos estudos sobre o capitalismo de Marx e Engels. Acredita que este método pode e deve ser estendido para os demais domínios da vida social, tais como a política e as relações sociais em geral. Desta forma, apesar da grande influência de pensamento em Marx, Lefebvre não é um autor economicista e que reduz toda a realidade às lutas de classe como grande parte dos marxistas fizeram. Mesmo assim, é notável em sua obra a preocupação com a utilização de categorias típicas do marxismo, como alienação, mercadoria, modos de produção, trabalho, etc. Entretanto, o autor acrescenta à teoria crítica, outras discussões, como as acerca da vida cotidiana e do espaço, das quais defende a centralidade.

Além de Marx e Engels, as principais influências no pensamento de Henri Lefebvre são Nietzsche, Spinoza, Hegel, além das correntes artístico-filosóficas Surrealismo e Dadaísmo com as quais dialogou durante sua carreira acadêmica e de militância. O autor teve forte inspiração nos Surrealistas ao atribuir ao cotidiano papel central em sua teoria. Não obstante, segundo a análise de Shield (1999; 2006) acerca da vida e obra de Lefebvre, é o interesse humanístico na alienação o que unifica todo o seu trabalho. Este argumento é endossado pela preocupação demonstrada por Lefebvre quanto à importância de se discutir o conceito de alienação e sua centralidade no pensamento marxista, como fica evidente no seguinte trecho do primeiro volume de *Critique of everyday life* (2008a, p. 04): “today we are only just beginning to glimpse the complexity of the question that theory of alienation poses”¹³.

Portanto, é fundamental retomar minimamente as formulações de Marx e do próprio Lefebvre sobre a alienação. Nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* (2006, p. 110-122), Marx explicita as formas de alienação produzidas pelo capitalismo. A partir de uma leitura convencional do texto, identificar-se-iam três formas de alienação:

¹³ “Hoje nós estamos apenas começando a vislumbrar a complexidade das questões que a teoria da alienação possui”. (tradução nossa).

- a) alienação do trabalhador em relação aos produtos de seu trabalho – o que o trabalhador produz se torna alheio a ele e quanto maior o esforço que o trabalhador emprega ao produzir os objetos, mais ele se esgota e mais poderoso se torna o mundo dos objetos, assim, “mais pobre ele [o trabalhador] fica na sua vida interior, [e] menos pertence a si próprio” (MARX, 2006, p. 112);
- b) alienação do trabalhador em relação ao ato da produção – como o trabalhador é exterior ao trabalho, ele não se realiza plenamente em suas atividades produtivas, isto faz com que somente se sinta “em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si” (MARX, 2006, p. 114), além disso, o trabalhador é alienado de seu trabalho porque este não o pertence, mas sim a outro.
- c) alienação do trabalhador de si mesmo como ser humano – se o homem não se realiza no trabalho se vê reduzido a animal, já que somente lhe restam as funções animais para se sentir livre, assim, “o elemento animal torna-se humano e o humano, animal” (MARX, 2006, p. 115).

Lefebvre, para quem a alienação é um conceito espacial que se refere ao deslocamento e a distâncias (SHIELDS, 1999), com o objetivo de expandir a leitura da alienação de Marx, circunscrita às questões econômicas, para os demais aspectos da vida social, analisa a alienação em quatro formas (LEFEBVRE, 2008a, p. 61-62, grifo do autor):

- a) “the alienation of the worker as an *object* (the alien power which turns him into an object)”¹⁴ – concerne ao fato de que o trabalhador é tratado, em sua atividade produtiva e nas demais relações sociais, como um objeto;
- b) “the alienation of productive activity, in other words of labour itself (which is divided and split up by it)”¹⁵ – diz respeito à obliteração dos aspectos de criatividade e de auto-realização do trabalho, devido sua estruturação através de linhas de montagem, que o fazem ser uma atividade fragmentada em tarefas repetitivas e sem sentido para o trabalhador que as realiza;

¹⁴ “A alienação do trabalhador como um *objeto* (o poder de alienação que o torna um objeto)”. (tradução nossa)

¹⁵ “A alienação da atividade produtiva, em outras palavras, do trabalho em si mesmo (que é dividido e repartido por este)”. (tradução nossa).

- c) “the alienation of man as species-being, member of the human species – as a system of *humanized species-needs*”¹⁶ – refere-se ao afastamento das pessoas de suas atividades criativas e de suas próprias necessidades como seres humanos;
- d) “the alienation of man as being of nature, as a set of *natural needs*”¹⁷ – concerne à alienação das pessoas em relação a seus próprios corpos e a suas necessidades naturais.

A importância que Lefebvre atribui à discussão da teoria da alienação se deve ao fato de que a sua concepção de crítica da vida cotidiana ser baseada nela e nas formulações acerca do *homem total* – conceito emprestado de Marx, mas com raízes *nietzschianas* (SHIELDS, 1999). Isto se torna claro nas palavras do próprio Lefebvre (2008a, p. 76): “the theory of alienation and of the ‘total man’ remain the driving force behind the critique of everyday life”¹⁸. Podemos dizer, portanto, que a vida cotidiana é resultante de um processo dialético entre as diversas formas de alienação (Lefebvre dedica boa parte dos volumes de *Critique of everyday life* ao desenvolvimento da teoria da alienação e à demonstração da pluralidade das alienações) e os processos de desalienação, que levam à constituição do homem total. Comparando à alienação filosófica, relativa à “verdade sem realidade”, Lefebvre (1968, p. 26-27) delimita a alienação cotidiana, correspondente à “realidade sem verdade”. Estes dois tipos de alienação não são apenas opostos, mas complementares e correspondentes. Este contraponto entre a filosofia e a vida cotidiana, levado à frente, é esclarecedor quanto ao significado desta, que se caracteriza como não-filosófica e real, enquanto aquela se configura no campo das idéias e julga-se superior. Entretanto, a vida filosófica não consegue apreender a vida cotidiana justamente devido ao seu caráter abstrato e distante da realidade, da trivialidade da vida cotidiana: “banalidade prática e prática banal” (LEFEBVRE, 1968, p. 25).

A vida cotidiana, portanto, se refere à repetição de atividades banais, à prática social sob condições de alienação, sendo uma vida sem um significado profundo, sem

¹⁶ “A alienação do homem como pertencente a uma espécie, membro da espécie humana – como um sistema de *necessidades de espécie humanizadas*”. (tradução nossa).

¹⁷ “A alienação do homem como ser da natureza, como um conjunto de *necessidades naturais*”. (tradução nossa).

¹⁸ “A teoria da alienação e do ‘homem total’ permanecem sendo a força motriz da crítica da vida cotidiana”. (tradução nossa).

sentido. Entretanto, ela também é o palco para os acontecimentos genuínos, dos momentos que a vida é vivida em sua plenitude, em que o homem experimenta sua realização consigo mesmo e com seus pares. Este embate contraditório que ocorre no seio da vida cotidiana, no entanto, não pressupõe uma equidade de forças, sobretudo quando se fala em relação às atividades cotidianas da vida moderna (LEFEBVRE, 2008a). A vida cotidiana passa a ser dominada pela alienação, pela falta de consciência, pela privação do homem em relação à realidade social e ao poder sobre si mesmo. Desta forma, é tomada pelo e confundida com o *cotidiano*. Apesar de muitas vezes confusa esta distinção na obra de Lefebvre, Shields (1999, p. 69) aponta alguns aspectos que diferenciam a *vida cotidiana* e o *cotidiano*.

It is worth distinguishing carefully between everyday life and the concept “the everyday” in order to clarify its meaning. The term “everyday life” in Lefebvre’s books means “banal and meaningless life”, not daily life. In French, there is a certain interchangeability between this idea of banal activities and daily tasks. While “everyday life” in the sense of daily tasks is an amorphous set of more or less usual and unremarkable activities “the everyday” always means the ordinary, banal and repetitive. [...]. Lefebvre foregrounds the lack of authenticity and the pervasive domination of daily life by alienation, which turns daily life from a set of creative and self-actualising experiences into the boring and repetitive “everyday”¹⁹.

O cotidiano compreende não apenas o trabalho e as relações sociais diretamente advindas dele, mas também tem como elementos as atividades de lazer, a família e a vida privada (LEFEBVRE, 2008a, 2008b, 2008c). Ele possui caráter trivial e recorrente. Repete-se uma rotina dentro e fora do trabalho. O lazer, portanto, não é o outro do trabalho. Ele apresenta uma relação de contradição, mas de união com a vida cotidiana, uma vez que o mesmo homem que trabalha durante o dia busca seu lazer nos horários de folga. Com isto, através do entretenimento e da distração, procura estabelecer o não-cotidiano no cotidiano. Esta relação se dá apenas como ilusão, já que não é possível ir além do cotidiano, pois o maravilhoso (*marvellous*) só existe como ficção e como ilusão compartilhada. Portanto, esta ilusão cria um círculo vicioso em que o trabalhador trabalha para conseguir o lazer, mas que o lazer não tem outro significado se não o escapar do trabalho (LEFEBVRE, 2008a). Lefebvre, portanto,

¹⁹ É válido distinguir cuidadosamente a vida cotidiana do conceito de “o cotidiano” a fim de clarificar seu significado. O termo “vida cotidiana” nos livros de Lefebvre significa “vida banal e sem sentido”, não vida diária. Em francês, há uma certa permuta entre esta idéia de atividades banais e tarefas diárias. Enquanto “vida cotidiana” no sentido de tarefas diárias é um conjunto amorfo de atividades mais ou menos usuais e comuns, “o cotidiano” sempre significa o ordinário, o banal e o repetitivo. [...]. Lefebvre coloca em primeiro plano a falta de autenticidade e a dominação pregnante da vida diária pela alienação, que transforma a vida diária de um conjunto de experiências criativas e que encontram seu ápice em um “cotidiano” tedioso e repetitivo. (tradução nossa).

deixa transparecer uma visão negativa quanto ao lazer, pois este, ao fazer parte da vida cotidiana, pode ser tão alienado quanto o próprio trabalho com o qual pretende se contrapor. Assim, o autor apresenta três níveis de lazer, em escala de grandeza: o primeiro, como as caminhadas ou passeios em família, não é claramente distinguível das demais atividades do cotidiano; o segundo, refere-se a atividades de lazer que envolvem atitudes passivas, que podem ser exploradas economicamente e em que a alienação é evidente, como ir ao cinema; o terceiro, o das atividades de lazer críticas, diz respeito a atividades que envolvem atitudes ativas, que exigem uma profunda participação de quem as pratica, pois é necessário um conhecimento técnico. Dentre estas atividades poderíamos incluir desde a prática esportiva até outras atividades como pintura, fotografia, etc. As atividades deste terceiro nível vão em direção a um rompimento com o cotidiano alienante, apesar de estarem inseridas na vida cotidiana. Não obstante, todas as atividades de lazer trazem em seu âmago uma crítica do cotidiano: “They *are* that critique in so far as they are *other* than everyday life, and yet they are *in everyday life*, they are *alienation*”²⁰ (LEFEBVRE, 2008a: 40, grifo do autor).

A teoria *lefebvriana* sobre a vida cotidiana, se analisada fora de contexto, parece altamente pessimista, apesar de o autor deixar transparecer em sua obra uma visão de que a vida cotidiana moderna, especificamente, é especial e fundamentalmente alienada. Entretanto, não se pode desconsiderar o fato de que o pensamento de Lefebvre é tributário do método materialista dialético, portanto se há alienação na vida cotidiana, há sua negação (ou antítese), que chamaremos preliminarmente de *desalienação*. Esta é atingida, segundo Lefebvre (2008a) através da arte de viver. O pensamento dialético de Lefebvre foi apreendido por Shields (1999, p. 77, grifo do autor): “In effect, he [Lefebvre] presents a *dialectical* notion of everyday life which involves a double essentialism – everyday life is both, by definition, alienated and, in essence, also unalienated or authentic material”²¹. A vida cotidiana é, portanto, também *locus* da experiência autêntica de si próprio e de integração com os demais, que ocorre quando se alcança a desalienação, quando a falsa consciência é superada. Este caráter dialético da vida cotidiana é explicitado nas palavras de Lefebvre (1968, p.

²⁰ “Elas são essa crítica à medida que são *diferentes* da vida cotidiana, e ainda elas estão *inseridas na vida cotidiana*, elas são *alienação*.” (tradução nossa).

²¹ “Efetivamente, ele [Lefebvre] apresenta uma noção *dialética* da vida cotidiana que envolve um duplo essencialismo – a vida cotidiana é, por definição, alienada e, em essência, material inalienado ou autêntico”. (tradução nossa).

34-35), que também refletem a prevalência do imediato (“aqui e agora”) nas relações promovidas em seu interior.

E, no entanto, essas pessoas nascem, vivem e morrem. Vivem bem ou mal. Mas é no cotidiano²² que ganham ou não ganham a sua vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que nos divertimos ou sofremos. Aqui. E agora.

O homem ao se desvencilhar da alienação tem a possibilidade de se desenvolver em direção a se tornar um *homem total* (LEFEBVRE, 2008a, 2008b, 2008c; MARX, 2006). Em um trecho dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, Karl Marx explicita o conceito, que é chave para a compreensão da crítica da vida cotidiana, de Henri Lefebvre:

Do mesmo modo como a *propriedade privada* constitui apenas a expressão sensível do fato de o homem ser para si algo de *objetivo* e se tornar para si um objeto estranho e não-humano, do fato de a sua manifestação da vida ser a sua alienação da vida, de a sua realização ser a sua desrealização, a emergência de uma realidade *estranha*; assim também a eliminação positiva da propriedade privada, ou melhor, apropriação *sensível* da essência e da vida humanas, do homem objetivo, das *criações* humanas para e por meio do homem, não deve considerar-se apenas no sentido do *ter*. **O homem apropria-se do seu ser unilateral de uma maneira compreensiva, portanto, como homem total.** Todas as suas relações *humanas* com o mundo – visão, audição, olfato, gosto, percepção, pensamento, observação, sensação, vontade, afetividade, amor – em síntese, todos os órgãos da sua individualidade, como também os órgãos que são diretamente comuns na forma [VII], são no seu comportamento *objetivo* ou no seu *comportamento perante o objeto* a apropriação do referido objeto, a apropriação da realidade *humana*. A maneira como eles reagem ao objeto é a confirmação da *realidade humana*; é a *eficiência* humana e o *sofrimento* humano, já que o sofrimento humanamente considerado é uma autoposse do homem. (MARX, 2006, p. 141, grifo nosso).

A tradução brasileira desta edição, do trecho grifado, talvez não dê a verdadeira dimensão do homem total, em Marx. O trecho em inglês, comentado por Lefebvre (2008a, p. 173), nos parece mais esclarecedor: “Man appropriates his integral essence in an integral way, as a total man”²³ (MARX, 1975, p. 351). O termo “essência integral” denota de maneira mais clara, direta e precisa, que o homem total designa “*man’s*”

²² O livro de onde foi retirada a citação *A vida quotidiana no mundo moderno* é uma tradução feita em Portugal, havendo algumas diferenças de termos devido à própria tradução e ao padrão ortográfico da língua portuguesa da época. Realizamos, em algumas das citações do livro, alguns ajustes com vistas a adequar ao atual padrão ortográfico. Entretanto, não modificamos as palavras, mantendo termos como “quotidiano”, que nas traduções brasileiras (esta obra não foi traduzida no Brasil) aparecem de forma diferente, como no caso: “cotidiano”.

²³ “O homem se apropria de sua essência integral de forma integral, como um homem total”. (tradução nossa).

*unity with himself, in particular the unity of the individual and the social, is an essential aspect of the definition of the total man*²⁴ (LEFEBVRE, 2008a, p. 73, grifo do autor). O homem total, segundo Lefebvre, aquele humanizado ao extremo, que encontra o equilíbrio entre a natureza e a consciência, entre corpo e mente, entre si próprio e o outro, entre seus atos, coisas e produtos, é uma idéia a ser perseguida, não simplesmente um estágio histórico. Em uma entrevista, o autor define esta figura central em sua teoria: “Not physical, physiological, psychological, historical, economic or social exclusively or unilaterally; it is all of these and more, especially the sum of these elements of aspects; it is their unity, their totality...”²⁵ (LEFEBVRE, 1968, p. 157 *apud* SHIELDS, 1999, p. 49). O homem total, mediante análise de Shields (1999) é uma apropriação marxista do “super-homem” (*Übermensch*)²⁶ de Nietzsche, que é o que possibilita sentido ao devir da humanidade, ou seja, nas palavras de Nietzsche (2007b, p. 17) “Eu vos anuncio o super-homem. O homem existe para ser superado.” Portanto, é compreendendo o super-homem, que se pode compreender o homem.

Mas como viver a vida intensamente? O que permite que aflore o homem total? Teremos que nos dedicar a compreender a teoria dos momentos, de Lefebvre, para sermos capazes de responder as questões postas. Os momentos, para o autor, são diferentes dos instantes e têm relação com a vida cotidiana. Eles possuem algumas propriedades (LEFEBVRE, 2008b, p. 344-347, grifo do autor):

- a) “*The moment is constituted by a choice which singles it out and separates it from a muddle or a confusion, i.e., from an initial ambiguity*”²⁷ – o momento, portanto, procura romper com o cotidiano, mesmo que seja difícil identificá-lo em seu estágio embrionário com clareza, devido à ambigüidade entre este e a trivialidade;

²⁴ “A unidade do homem consigo mesmo, em particular a unidade do individual e do social”. (tradução nossa).

²⁵ “Não exclusiva ou unilateralmente físico, fisiológico, psicológico, histórico, econômico ou social; [o homem total] é tudo isso e mais, especialmente a soma destes elementos de aspectos; é a sua unidade, sua totalidade...” (tradução nossa).

²⁶ O termo alemão *Übermensch* literalmente poderia ser traduzido como sobre-humano ou supra-humano. Contudo, as traduções brasileiras costumam utilizar “super-homem” para designar o termo.

²⁷ “O momento é constituído por uma escolha que o singulariza e o separa de um estado de desordem ou de uma confusão, por exemplo, de uma ambigüidade inicial”. (tradução nossa).

- b) “*The moment has a certain specific duration*”²⁸ – mesmo que procure resistir e durar para sempre, o momento tem sua própria história, com começo, meio e fim; ele é essencialmente *presente* (contém em si uma *presença*);
- c) “*The moment has its memory*”²⁹ – o momento exige uma memória própria, que é condição para que ele seja reconhecido como tal e para que tenha implicações;
- d) “*The moment has its content*”³⁰ – este conteúdo provém da vida cotidiana, já que todos os momentos emergem dela, da qual eles extraem todo o material necessário;
- e) “*Equally, the moment has its form*”³¹ – esta forma demanda a criação de um tempo e um espaço específicos, que são, ao mesmo tempo, objetivos e subjetivos; o momento se torna a sua própria forma e se impõe a seu conteúdo;
- f) “*Every moment becomes an absolute*”³² – todo momento tem como condição ser absoluto, ou seja, se constituir como o impossível a ser alcançado, a ser desejado; esta condição fomenta a dialética entre o possível e o impossível, bem como suas implicações;
- g) “Disalienating in relation to the triviality of everyday life – deep in which it is formed, but from which it emerges – and in relation to the fragment activities it rises above, the moment becomes alienation”³³ – isto se deve a ele se anunciar absoluto, portanto, pressupor uma impossibilidade, uma falha potencial, uma negatividade específica; por isso mesmo, o momento traz consigo a noção do trágico, que assim e por sua vez, se encontra intimamente ligado ao cotidiano.

Após apontar todas as propriedades dos momentos, Lefebvre (2008b, p. 348, grifo do autor), define o *momento* como “*the attempt to achieve the total realization of a possibility*”³⁴. A partir desta definição e das propriedades dos momentos podemos chegar a algumas questões importantes. A primeira se refere ao fato de que da

²⁸ “O momento possui uma certa duração específica”. (tradução nossa).

²⁹ “O momento tem sua memória”. (tradução nossa).

³⁰ “O momento tem seu conteúdo”. (tradução nossa).

³¹ “Igualmente, o momento tem sua forma”. (tradução nossa).

³² “Todo momento se torna absoluto”. (tradução nossa).

³³ “Desalienador em relação à trivialidade da vida cotidiana – profundo em que ele é formado, mas de onde ele emerge – e em relação às atividades fragmentadas das quais ele supera, o momento se torna alienação”. (tradução nossa).

³⁴ “A tentativa de alcançar a realização total de uma possibilidade”. (tradução nossa).

mesma forma que os momentos fazem parte do cotidiano, eles procuram romper com ele. Entretanto, as possibilidades, sua duração, memória, forma e conteúdo, são extraídos da vida cotidiana. A segunda está relacionada às formas de manifestações dos momentos. Eles são fundamentalmente ligados a uma dimensão espacial e uma temporal de presença, ou seja, ao “aqui e agora”, domínio da vida cotidiana. Mesmo assim, produzem, justamente através da presença – que implica na desalienação – uma temporalidade e uma espacialidade qualitativamente diversas daquelas do cotidiano, da trivialidade. A terceira, mais intimamente ligada às características “f” e “g” dos momentos, nos leva a examinar o caráter dialético: do momento com a vida cotidiana; dos momentos de desalienação (presença) com os momentos de alienação (ausência); do trágico com o cotidiano. Estas três dialéticas, na verdade, se conformam como nuances de uma única dialética, uma dialética da triplicidade relacionada com a espacialidade (LEFEBVRE, 1991), que trataremos mais à frente. Anteriormente, demonstraremos, através da discussão destas questões, os fundamentos que nos permitirão tanto aprofundar a discussão espacial em relação a Lefebvre quanto nos possibilitarão uma tentativa de contraponto e diálogo entre as concepções *lefebvrianas* e as *maffesolianas*.

É necessário, portanto, discutir melhor a teoria dos momentos para se responder a primeira questão. Se os momentos buscam uma distinção do cotidiano eles vão em direção a uma vida plenamente vivida, autêntica e desalienada. Desta forma, são experiências não apenas pela quais se procura atingir o impossível, o desejado, mas também vias para que o homem caminhe em direção à figura do homem total. Configura-se, portanto, como negação da alienação na dialética da vida cotidiana. E, mesmo sendo tributários da vida cotidiana, devido ao fato de terem que dela tirar seus elementos e referenciais, os momentos são qualitativamente distintos das tarefas diárias, das banalidades e das trivialidades. Isto não significa que os momentos não possam ocorrer diariamente nem com um intervalo de tempo previamente conhecido, mas que são formas distintas de se experienciar o tempo, fugindo-se de sua comum linearidade. Exemplos simples como encontros amorosos comprovariam que os momentos não são iguais à vida cotidiana, mas fazem parte dela, por uma questão dialética. O mesmo é possível afirmar acerca do futebol, mas isto seria avançar, agora, desnecessariamente em nossas formulações.

A primeira questão responde parcialmente a segunda já que devido ao fato dos momentos serem qualitativamente diversos à vida cotidiana, apesar de dela fazerem

parte, eles têm uma temporalidade e uma espacialidade diferenciadas. Esta qualidade diversa pode ser resumida pelo conceito de *presença*. A própria palavra carrega uma conotação de imediatismo, ou seja, remete aos acontecimentos que se desenrolam no “aqui e agora”. Entretanto, esta idéia, somente, não pode expressar toda a complexidade que implica tal conceito. Presença se refere às experiências da totalidade, ou seja, aos momentos de desalienação que puncionam as atividades banais da cotidianidade. Shields (1999, p. 61, grifo do autor), expressa através de uma representação “matemática” o significado dos momentos de presença, ou mesmo da própria vida cotidiana: “*Everyday life = banality : Moments of Presence*”³⁵. Demonstra, desta maneira, que os momentos de presença fazem parte da vida cotidiana apesar de serem distintos da banalidade, da alienação, a qual é atribuída o termo *ausência*.

Se os momentos de presença redimem a vida cotidiana, se aproximam ao ideal do homem total, a ausência remete ao vazio, tem fundamento na alienação, na falsa consciência, na não realização do momento como tal. Desta forma Lefebvre (2006) cria uma dialética do momento – entre presença e ausência – enquanto este também participa de uma dialética: a da vida cotidiana, conforme mostramos acima. Assim, Lefebvre – respondendo a nossa terceira questão – não dicotomiza o cotidiano e os momentos, pois atribui a estes tanto as qualidades positivas da presença quanto as negativas da ausência. Podemos, então, concluir que a teoria dos momentos de Lefebvre é maniqueísta, pois coloca de um lado a presença como momento sublime e de outro a ausência como alienação? De modo algum. E aí está, talvez, a maior contribuição de Lefebvre sob o ponto de vista epistemológico: a dialética da triplicidade (*dialectique de triplicité*), o que Soja (1996), ao analisar a obra de Lefebvre, prefere descrever como *trialética*. O pensamento *lefebvriano* rompe com as estruturas duais (binárias), avançando para as estruturas tríades. No caso da teoria dos momentos, a presença e a ausência são acompanhadas por um terceiro termo: a representação³⁶.

As representações se apresentam como mediações entre a presença e a ausência, de forma que, na dialética da triplicidade, negam tanto a alienação da ausência quanto o plenamente vivido da presença, ao mesmo tempo em que contêm um pouco das duas. Assim, as representações não são nem verdadeiras nem falsas, são uma aproximação: “Inevitables y quizá necesarias, las representaciones no son sin embargo verdaderas por vocación, por esencia. Ni falsas. [...]. Las representaciones

³⁵ “*Vida cotidiana = Banalidade : Momentos de Presença*”. (tradução nossa).

³⁶ Esta não tem relação teórico-conceitual com as representações sociais de Moscovici (2001, 2003).

son falsas en lo que apuntan y dicen pero verdaderas con respecto a lo que las suporta”³⁷ (LEFEBVRE, 2006, p. 57-58). Não sendo apenas abstrações quaisquer, elas são capazes de mediar o abstrato e concreto, evocando o presente no ausente. Elas nascem como símbolos no imaginário e passam a circular tornando-se quase instituídas. Amplificam, deslocam e transpassam uma certa “realidade”, substituindo a própria presença:

¿Qué es la representación? El doble y el olvido de la presencia, el sustituto que suple la desaparición, cobrando formas diversas (reflexión, imagen, signo, etc.). La representación, sustituto de la presencia en la ausencia, la desplaza y la reemplaza, desdoblamiento y redoblamiento (por lo tanto propenso a una alienación, lo repetitivo).³⁸ (LEFEBVRE, 2006, p.299-300).

No livro *La presencia y la ausencia*, Lefebvre (2006, p. 30) se aproxima de maneira mais estreita do pensamento *nietzschiano* e faz duras críticas ao marxismo, sendo que uma das principais é em relação à representação marxista, chamando-a de “estéril e superficial”. Esta influência em Nietzsche é percebida através da centralidade que a noção da “experiência vivida”, ou do “vivido” (*le vécu*) possui neste livro e nas demais obras da fase mais madura de sua carreira. O vivido remete ao homem total, à experiência de vida não-alienada, aos momentos sublimes de presença. Ele contrasta justamente com o “pensamento conceitual”, de Spinoza, com o “concebido” (*le conçu*), que tem seu fundamento nas relações de poder, nas instituições, no conhecimento científico, na alienação. Assemelha-se ao universo reificado³⁹ de Moscovici (2003). As representações *lefebvrianas* também ocupam a lacuna entre o vivido e o concebido. Deste processo dialético, surge um terceiro termo: o percebido, que é tributário tanto do vivido quanto do concebido. Ao mediar o vivido e o concebido, o percebido ganha corpo, densidade, espessura. Neste universo, algumas presenças são captadas, as ausências são sentidas e as representações pululam (LEFEBVRE, 2006). Forma-se, portanto, a dialética da triplicidade que será a base de toda teoria espacial de Lefebvre, nosso ponto de chegada em suas formulações. Entretanto, antes disso,

³⁷ “Inevitáveis e talvez necessárias, as representações não são, no entanto, verdadeiras por vocação, por essência. Nem falsas. [...]. As representações são falsas no que apontam e dizem, mas verdadeiras no que diz respeito ao que as suporta”. (tradução nossa).

³⁸ O que é a representação? O par e o esquecimento da presença, o substituto que supre a desapareição, tomando formas diversas (reflexão, imagem, signo, etc.). A representação, substituta da presença na ausência, a desloca e a substitui, desdobramento e redobramento (portanto propensa a uma alienação, ao repetitivo). (tradução nossa).

³⁹ Retomaremos esta discussão logo a seguir, no item 2.2.3.

precisamos ainda discutir o cotidiano em Maffesoli a fim de propiciar um diálogo entre as contribuições deste autor com as de Lefebvre.

2.2.2 Vida cotidiana em Michel Maffesoli

Como mostramos em toda primeira parte do capítulo 2, consideramos a teoria de Maffesoli riquíssima. Mas temos algumas críticas a ela, sobretudo no que concerne às suas formulações acerca do cotidiano e do espaço – que serão discutidas nos neste item e no 2.3, respectivamente. Elas estão relacionadas com a visão *maffesoliana* que deixa transparecer que tudo que é moderno já foi superado ou é apenas residual. Isto pode ser visto na discussão acerca da crise das instituições que o autor proclama. Elas, de fato, perderam força, mas não sucumbiram. Ainda possuem grande importância na organização social e espacial, o que será discutido mais detalhadamente a seguir. Estas críticas, que serão formuladas em seguida, não invalidam o nosso uso da teoria de Maffesoli para explicar o mundo pós-moderno. Pelo contrário, estas críticas se inserem em um contexto de tentar avançar nas discussões propostas pelo autor, bem como confrontá-las com outros pensamentos. O fato de fazermos estas ressalvas quanto ao pensamento *maffesoliano* e mesmo assim nos esforçarmos para desenvolvê-lo na Geografia, demonstra que identificamos nele possibilidades de preencher algumas lacunas teóricas de nossa área do conhecimento. Todavia, antes de prosseguirmos nas críticas, apresentaremos sucintamente⁴⁰ o pensamento *maffesoliano* acerca do cotidiano.

O cotidiano e a vida cotidiana permeiam toda a obra de Maffesoli (1998, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005a, 2005b, 2006, 2007a, 2007b). Entretanto, diferentemente do que em Lefebvre, têm uma conotação exclusivamente positiva. A valorização do cotidiano se deve ao fato de que este é visto como a esfera na qual se dão as relações de socialidade, em que as tribos são constituídas, as imagens formadas e os territórios (territorialidades, em nossos termos) construídos. O termo *vida corrente* é também utilizado por Maffesoli para exprimir esta instância “feita de uma multiplicidade de situações, de diversos entrecruzamentos, de atividades comunicacionais e

⁴⁰ Como nos dedicamos a discutir alguns aspectos da teoria de Maffesoli, na parte 2.1, nossa apresentação sobre sua concepção de cotidiano será mais curta, já que muitos de seus elementos já foram mencionados e detalhados.

instrumentais“ (MAFFESOLI, 2007a, p. 66). Esta multiplicidade remonta à idéia de proxemia, ou seja, à valorização do relacional do homem com seus semelhantes e com suas construções simbólicas, dentre elas suas territorialidades. O cotidiano, assim, está permeado pelo afeto, por uma forte carga erótica, pelo sentimento trágico, pelo pluralismo, pelo politeísmo de valores e pelo localismo (MAFFESOLI, 2003, 2005b, 2007). Tudo isto, ao mesmo tempo, resulta e é resultado de um hedonismo irrefreável, que não apenas se encontra no cotidiano, mas também e, sobretudo, é o fundamento de toda a trama societal. É sempre importante lembrar que este hedonismo não faz sentido se ocorrer de forma individualizada, se não estiver vinculado à experiência comum, à pulsão gregária das tribos. Isto significa que o caráter comunitário da socialidade é a essência da vida cotidiana e das próprias (pequenas e insignificantes) histórias humanas, como afirma Maffesoli:

Já pude destacar [...] que é a *experiência comum*, em sua condição de movimento fundador, o verdadeiro motor das histórias humanas – e *a fortiori* quando consideramos essa banalidade cotidiana que, nunca será demais repeti-lo, é parte essencial da trama societal. Com efeito, convém não esquecer que a experiência de que falamos tanto é o corolário do vivido que, ao menos para o sociólogo, somente pode ser encarada de um ponto de vista social. (MAFFESOLI, 2007, p. 219, grifo do autor)

Se para os sociólogos, esta experiência comum tem caráter fundamentalmente social, para nós ela não apenas permite, mas também demanda uma leitura espacial, ou sócio-espacial (mas isto é assunto para o próximo item). Centremo-nos, agora, em um termo que Maffesoli utiliza nesta citação e está presente em toda sua obra: o “vivido”. Este não é exatamente igual ao “vivido” de Lefebvre muito menos por seu conteúdo do que por aquilo que o define. Em outras palavras, o *vivido* de Maffesoli, assim como o de Lefebvre carregam uma idéia de (auto-)realização das pessoas e dos grupos, de uma experiência sublime, absoluta. Entretanto, enquanto o vivido para Lefebvre só existe em oposição ao concebido (e à alienação) e em relação ao percebido, para Maffesoli o vivido tem uma qualidade quase onipresente. Vida cotidiana e vivido são praticamente a mesma coisa na teoria *maffesoliana*. Isto se deve à própria leitura que o autor faz da sociedade, atribuindo a ela uma organização comunitária, multicolorida e (de modo positivo) desordenada (MAFFESOLI, 2007a). Assim, o vivido não encontra um oposto, senão como resíduo nas sociedades pós-modernas.

A preocupação de Maffesoli em romper com a teoria crítica é evidente nos argumentos e na própria definição que dá de vida cotidiana. É recorrente em sua obra o contraponto explícito que faz às idéias de Lefebvre, sem, no entanto, desmerecer sua importância no desenvolvimento teórico do tema.

Não é incomum, falando-se da vida cotidiana, considerar que se trate de um ensinamento, de um encolhimento ideológico, quase um “não-querer” social; em resumo, um signo destas fadigas civilizacionais características de todas as decadências. A meu ver, essa maneira de se encarar a vida cotidiana muito deve, queiramos ou não, à crítica apresentada por **H. Lefebvre**, que nela enxerga a manifestação da falsa consciência; ou ainda, crê na existência, tal como é, só pode constituir um sintoma do que deveria ser. A esse respeito, caminho em direção oposta à das asserções de alguns de meus colegas e amigos, ao considerar que a sociologia da vida cotidiana pode ser uma maneira de se compreender o que chamei “societal em ato”, isto é, a socialidade; o que nada tem a ver com o hipotético retorno do sujeito. (MAFFESOLI, 2007a, p. 222, grifo nosso).

É explícita, nesta e em outras definições da vida cotidiana de Maffesoli (1998, 2003, 2004b, 2005b, 2006), uma crítica à concepção *lefebvriana*. O argumento da crítica é que apesar de ter inserido a questão da vida cotidiana na agenda dos debates das ciências humanas, Lefebvre a definia como fundamentalmente alienante, o que é verdade apenas parcialmente. No entanto, estas críticas, ao mesmo tempo em que tentam esconder, trazem à tona um ponto fraco da teoria *maffesoliana*. Se Lefebvre dá muito peso à alienação (o que, em partes, concordamos), Maffesoli não dá nenhum. Poderíamos, nesta situação, argumentar que a base teórica de Maffesoli é completamente diferente da *lefebvriana* e que a alienação é um conceito marxista. Mesmo assim, ao atribuir uma conotação negativa às instituições – baseadas em contratos e de fundamento político-econômico – Maffesoli admite que estas (assim como a própria racionalidade) afastam os seres humanos uns dos outros, pois dificultam a socialidade. Com algum esforço, é possível correlacionar esta idéia a algumas das discussões acerca de alienação em Lefebvre. Mais do que correlacionar conceitos ou idéias, argumentamos que Maffesoli parece ignorar o fato de que estas instituições fazem parte da vida cotidiana das pessoas. O trabalho aparece apenas de forma residual na teoria *maffesoliana*, que propala a “diversificação dos investimentos pessoais” em relação a este (MAFFESOLI, 2007a, p. 38). Contudo, mesmo isto ocorrendo, não é possível se desconsiderar o investimento que o trabalho ainda demanda das pessoas ou então o tempo que as pessoas passam em seus empregos/atividades profissionais. Se isto não ocorre na instância da vida cotidiana, em que domínio o faz? Se o trabalho e as instituições têm carga tão negativa, como é

possível sustentar a positividade do cotidiano e concebê-lo apenas como “experiência sensível espontânea” (MAFFESOLI, 1998, p. 195-196) sem nenhum contraponto significativo? Se na pós-modernidade há uma mudança de paradigma (do social ao da socialidade), esta já ocorreu em absoluto, sem que o que existia antes não tenha deixado nenhum vestígio significativo? É devido a estas questões, estes limites explicativos da teoria *maffesoliana* que propomos uma aproximação com as contribuições de Lefebvre.

2.2.3 Vida cotidiana pós-moderna

Por acreditarmos que a teoria *maffesoliana* ignora ou, ao menos, relega a um plano muito residual a questão do trabalho, das relações contratuais e das atividades que não necessariamente produzem ou buscam produzir o prazer e o orgasmo, propomos um diálogo com as formulações de Henri Lefebvre acerca da vida cotidiana. Entretanto, apresentamos algumas ressalvas – como o caráter totalizante da teoria *lefebvrina*, da qual nos interessa apenas alguns aspectos – e identificamos também algumas limitações na teoria crítica deste autor: entre outras, o fato de ter apontado o caminho, mas não ter desenvolvido mais profunda e exaustivamente a questão do simbólico, apesar de ser este o aspecto que, em nossa opinião, o diferencia de forma mais significativa dos demais autores marxistas. Apesar de desenvolver toda uma teoria levando em consideração este aspecto tanto sob o ponto de vista social quanto histórico e, sobretudo, espacial, Lefebvre – principalmente pelas limitações da própria teoria crítica e por ter realizado boa parte de suas análises em um mundo organizado pela lógica da Guerra Fria – avançou muito timidamente em direção ao caminho de um pensamento pós-moderno que não só ajudou a desenvolver, mas também a fundar, sendo apontado por Shields (1999) como inspirador do pós-modernismo. Para avançar as formulações de Lefebvre neste sentido propomos um diálogo com Michel Maffesoli. Assim, não se trata apenas de criticar um ou outro conceito ou idéia de vida cotidiana; não se trata de considerar esta ou aquela teoria melhor ou mais adequada; trata-se de propor uma aproximação, que, por mais que pareça absurda ou incoerente, pode contribuir sobremaneira para o desenvolvimento da ciência geográfica, no que se refere principalmente à Geografia Social ou Cultural (ou qualquer outro nome que

queiram chamar ou enquadrar os trabalhos e discussões em Geografia que tomam como ponto de partida as relações humanas em sociedade e através de, sobretudo, aspectos não-materiais⁴¹).

Esta aproximação teórica entre Lefebvre e Maffesoli, que começa neste item e se consolida no próximo, tem como ponto de partida o cotidiano e a vida cotidiana. É necessário ressaltar que a produção mais intensa de Lefebvre sobre o tema data dos anos 1940 (*Critique of everyday life vol. I*, 1947) e 1960 (*Critique of everyday life vol. II*, 1961; *A vida quotidiana no mundo moderno*, 1968). Apenas em 1981 é que o autor escreve o terceiro volume de *Critique of everyday life* e nos anos 1990 conclui *Rythmanalysis*, considerado pelo próprio autor como a quarta parte da *Crítica da vida cotidiana*. Contextualizar temporalmente a sua produção nos ajuda a compreender que a preocupação deste autor era de discutir o cotidiano em seu tempo, em relação ao paradigma em que vivia, o da modernidade. Não estamos insinuando que a modernidade e pós-modernidade podem ser definidas cronologicamente de maneira clara e incontestável. O que queremos dizer é que a sociedade da qual Lefebvre fala, sobretudo nos livros até os anos 1960, se diferencia sobremaneira daquela analisada por Michel Maffesoli, a partir dos anos 1980⁴². Década esta em que Lefebvre aprofunda sua abordagem teórica em direção a uma filosofia das representações (*La presencia y la ausencia*, 1980) e a uma discussão acerca do modernismo. Portanto, não podemos perder de vista o fato de que as duas contribuições teóricas versam acerca de sociedades distintas – apesar de isto não significar que esta seja a única nem a mais importante diferença entre elas.

Lefebvre (1968, p. 38) deixa claro que sua definição de cotidiano passa, necessariamente, pela definição de modernidade ao afirmar que ambos, cotidiano e modernidade, são “conjuntos de fatos ligados e correlativos”. Enquanto o cotidiano é o conjunto formado por insignificâncias, o moderno consiste em um conjunto de sinais que justifica, manifesta e significa determinada sociedade. Estes dois conjuntos só

⁴¹ Claval utiliza em sua vasta obra as expressões “(nova) abordagem cultural em geografia” ou “enfoque cultural” para designar o que comumente se chama geografia cultural, em grande parte devido às traduções feitas dos textos e livros deste autor (CLAVALL, 1999, 2001a, 2001b, 2004). Já Paulo Cesar da Costa Gomes (2005) prefere empregar o termo “horizonte humanista”, classificando, inclusive, esta corrente da Geografia dentro do que chama de pólo da crítica da razão da modernidade, que apesar de inserido no projeto moderno, pende para a pós-modernidade. Os geógrafos anglófonos, como Cosgrove (1999, 2003), P. Jackson (2003), Wagner e Mikesell (2003) e McDowell (1996) empregam o termo “Geografia Cultural”, bastante difundido na academia brasileira, sobretudo pelos trabalhos organizados por Corrêa e Rosendahl (1999, 2001a, 2001b, 2003), que levam em sua maioria esta expressão no título.

⁴² A produção bibliográfica de Maffesoli se estende de maneira significativa até os dias atuais.

existem e fazem sentido quando se encontram em relação. São qualitativamente diversos, mas essencialmente correlatos, complementares.

O cotidiano é o modesto e o sólido, o que vale por si, aquilo em que as partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo. E isto sem que se tenha (o interessado) de examinar as articulações dessas partes. É, pois, aquilo que não tem qualquer data. É o insignificante (aparentemente); ocupa e preocupa e, contudo, não tem necessidade de ser dito, ética subjacente ao emprego do tempo, estética do cenário desse tempo utilizado. O que satisfaz a modernidade. Por tal palavra, basta entender-se o que tem sinal de novo ou da novidade: o suntuoso, o paradoxal, marcado pela tecnicidade ou pela mundanidade. É isso o audacioso (aparentemente), o efêmero, a aventura que se proclama e se faz aclamar. É a arte e o esteticismo, mal discerníveis nos espetáculos dados pelo chamado mundo moderno e no próprio espetáculo que dá a si mesmo. Ora, cada um desses aspectos – o cotidiano e o moderno – marca e mascara o outro, legitima-o e compensa-o. (LEFEBVRE, 1968, p. 39).

Entretanto é notável a preocupação que este autor tem de recapitular, em seus livros mais recentes, algumas de suas idéias de forma não apenas a aprofundá-las, mas também de reformulá-las. Não refutando sua idéia de modernidade, Lefebvre, no terceiro volume de *Critique of everyday life*, realiza uma matização entre esta idéia e a de modernismo (LEFEBVRE, 2008c). Segundo o autor, a modernidade, fundada no tripé técnica-trabalho-linguagem, com sua promessa de felicidade e satisfação dos desejos e das necessidades é posta em cheque por uma crise, uma renovação – o que Maffesoli chama de mudança de paradigma. Assim, a modernidade como ideologia formada por uma série de representações que oculta uma prática é apartada do modernismo – fundamentalmente uma prática tecnológica. Este se configura como

A clear field for the deployment of technology and the proclamation of the end of ideologies (the ideology of the end of ideology), and yet the advent of new myths to which we shall have to return, such as the myth of transparency in society, the state and political action.⁴³ (LEFEBVRE, 2008c, p. 50).

Através da pregnância do modernismo Lefebvre indica a possibilidade de reais transformações na vida cotidiana. Não à toa esta mudança qualitativa na vida cotidiana que Lefebvre anuncia é praticamente contemporânea ao início da produção de Maffesoli. No entanto, os dois autores partem de pressupostos diferentes, sendo que o primeiro, apesar de promulgar e antecipar o argumento pós-moderno (SHIELDS, 1999), não apresenta teoricamente um rompimento com a modernidade ou, pelo

⁴³ Um campo limpo para o emprego da tecnologia e a proclamação do fim das ideologias (a ideologia do fim das ideologias), e ainda o advento de novos mitos aos quais devemos retornar, tais como os mitos da transparência na sociedade, nas ações políticas e estatais. (tradução nossa).

menos, com seus legados. Já o segundo, fundamenta sua teoria em uma profunda substituição do paradigma social do moderno pela socialidade da pós-modernidade. Esta dissonância é, inclusive, presente na obra de ambos autores através de referências um ao outro. No caso de Lefebvre, a referência a Maffesoli aparece de maneira tímida no terceiro volume de *Critique of everyday life* em uma nota na introdução. Apesar de não se referir de forma direta a Maffesoli no texto, Lefebvre desfere uma crítica contundente a este autor ao dizer que ele se anuncia como pai da sociologia da vida diária (*daily life*): “Some sociologists are taking up the theme of daily life: without referring to previous research, they call themselves ‘new sociologists’ after the manner of the ‘new philosophers’, and announce the advent of a sociology of daily life”⁴⁴ (LEFEBVRE, 2008c, p. 04). Na nota Lefebvre menciona especificamente Maffesoli: “see especially Michel Maffesoli [...]”⁴⁵ (LEFEBVRE, 2008c, p. 42).

Já as alusões e críticas de Maffesoli a Lefebvre são mais explícitas e constantes. Lefebvre é sempre referido como um autor de grande importância para a discussão acerca da vida cotidiana, mas cujas idéias devem ser superadas. É acusado de não romper completamente com uma visão economicista da sociedade (o que tem certo fundamento), sobretudo pela centralidade atribuída ao conceito de alienação em sua teoria. As ressalvas que Maffesoli faz à teoria crítica se inserem em uma necessidade de afirmação de uma forma diferente de se pensar a vida cotidiana e a própria pós-modernidade. Em uma das alusões feitas, Maffesoli traz à tona a questão do trágico na obra de Lefebvre.

Ele teve o mérito de levá-la [vida cotidiana] em consideração, mas unicamente como alguma coisa que convém superar, que de alguma maneira precisa se liberar de si mesma. O título de seu livro é, aliás, instrutivo: *Critique de la vie quotidienne*. Neste caso, esta crítica consiste em considerar que a vida cotidiana é, justamente, o “não trágico” por excelência. (MAFFESOLI, 2003, p. 56).

Esta é uma das maiores diferenças entre as concepções de vida cotidiana de Maffesoli e Lefebvre: a relação com o trágico. Para Maffesoli o trágico, ligado à socialidade e ao orgasmo, se conforma como regra da vida cotidiana, que por sua vez é marcada não somente pelo sentimento trágico, mas também pelo presenteísmo,

⁴⁴ “Alguns sociólogos estão adotando o tema da vida diária: sem se referirem às pesquisas anteriores, eles se auto-proclamam ‘novos sociólogos’ da mesma forma que fizeram os ‘novos filósofos’, e anunciam o advento da sociologia da vida diária”. (tradução nossa).

⁴⁵ “Veja especialmente Michel Maffesoli [...]”. (tradução nossa).

pelas relações afetuais, pelo tribalismo, pela proxemia e pelo localismo. Conforme as palavras de Maffesoli (2006, p. 208), a acentuação do cotidiano se refere a “um recentramento em algo próximo, uma maneira de viver no presente e coletivamente a angústia do tempo que passa. Daí a ambiência trágica (*versus* o dramático que, ele, é progressista) que caracteriza essas épocas”. Todavia, se para este autor o trágico é onipresente na vida cotidiana, pois é o seu próprio fundamento, para Lefebvre o trágico é não mais que exceção. Isto não significa que ele pertença à outra instância, mas que pode apenas ser experimentado através dos momentos em que a vida é intensamente vivida, ou seja, através da presença, que “se busca por la vía dionisiaca: embriaguez, trance; pero en ese camino también se descubren la ausencia y la fuga de la presencia”⁴⁶ (LEFEBVRE, 2006, p. 284). As palavras de Lefebvre revelam que mesmo as experiências dionisíacas – ambos os autores, neste ponto, têm grande influência em Nietzsche – podem ser permeadas pela alienação. Este é um ponto interessante, pois se para Maffesoli a experiência dionisíaca é essencialmente geradora de instantes plenamente vividos, para Lefebvre ela não necessariamente se converte em presença. A postura deste último autor se demonstra muito tímida no que tange a pregnância do sentimento trágico, mas a de Maffesoli pode ser considerada como demasiadamente otimista. Mesmo assim, considerando as diferenças de concepções entre os autores, a leitura de Maffesoli oferece possibilidades mais frutíferas de desenvolvimento teórico-metodológico, pois dá conta dos sentimentos afetuais e das pulsões gregárias. Contudo, precisamos frisar que por mais que aceitemos as formulações *maffesolianas* acerca do sentimento trágico-dionisíaco, não corroboramos com a idéia de que o trágico se encontra em todas as manifestações da vida cotidiana, existindo também momentos de ausência.

Mais específica, mas não menos interessante para nossas pretensões é a discussão da divergência entre os dois autores quanto a celebrações, festejos, festivais, espetáculo e demais manifestações coletivas. Da mesma forma como o lazer, para Lefebvre, não rompe essencialmente com a vida cotidiana e tem uma forte dimensão alienante, os festivais⁴⁷ não são necessariamente produtores de presença,

⁴⁶ “Se busca pela via dionisíaca: embriaguez, transe; mas neste caminho também se descobrem a ausência e a fuga da presença”. (tradução nossa).

⁴⁷ Usaremos o termo festival para designar todas as manifestações de celebração coletiva, incluindo sua dimensão de espetáculo (midiático ou não). Em sua obra Lefebvre utiliza a palavra *festivals*, que admite várias traduções. Já Maffesoli não usa nenhuma palavra específica para se referir ao que chamaremos de festivais, mas uma grande gama de expressões para designar as manifestações coletivas que compõem os rituais cotidianos.

senão, na maior parte das vezes, de representações e ausências. Isto porque eles não se localizam fora da vida cotidiana e se diferenciam dela apenas por se constituírem em uma explosão de forças acumuladas na e pela própria vida cotidiana (LEFEBVRE, 2008a). Ao analisar os festivais camponeses – de dimensão fundamentalmente arcaica e não moderna – Lefebvre (2008a) ressalta a importância que estes têm para as comunidades já que não representam apenas alegria, comunhão, mas também uma participação dionisíaca e uma integração com a natureza e sua dinâmica. Com o tempo, na modernidade, estes festivais, assim como as insignificâncias da vida cotidiana se tornaram ritualizados e muitas vezes esvaziados de sua essência. Mesmo assim, em sentido oposto ao economicismo moderno, os festivais são clamados a retornar e se re-unir significativamente – através de momentos de presença – à vida diária a fim de transformá-la em uma experiência prazerosa (LEFEBVRE, 2008c). A visão *lefebvriana* acerca dos festivais pode ser sintetizada como a amplificação dos elementos da vida cotidiana em uma experiência mais intensa, mas inserida na própria vida cotidiana. Isto fica claro nas seguintes palavras do autor:

Certainly, right from the start, festivals contrasted violently with everyday life, *but they were not separate from it*. They were like everyday life, but more intense; and the moments of that life – the practical community, food, the relation with nature – in other words, work – were reunited, amplified, magnified in the festival.⁴⁸ (LEFEBVRE, 2008a, p. 207, grifo do autor).

Para Maffesoli os festivais também não são separados da vida cotidiana, mas ao invés de representarem um rompimento com ela, são seu próprio fundamento. Esta visão não pressupõe o contraste entre festival e cotidiano, como defende Lefebvre, senão uma *intrinsicabilidade mútua*. A vida cotidiana, em Maffesoli, é a própria expressão do trágico, do lúdico e, portanto, dos festivais e suas modulações. Estes se conformam em rituais cotidianos, que vão desde os mais anódinos aos mais grandiosos (todos são igualmente importantes), que produzem a socialidade, “a verdadeira densidade da existência individual e social” (MAFFESOLI, 1998, p. 273). As relações do cotidiano *maffesoliano* são fundamentalmente afetuais, favorecendo a propagação dos festivais ao mesmo tempo em que são estimuladas pela própria dinâmica destes. Se o racionalismo é banido do cotidiano, só lhe resta as

⁴⁸ Certamente, desde o início, festivais contrastam violentamente com a vida cotidiana, *mas eles não são separados desta*. Eles são como a vida cotidiana, mas mais intensos; e os momentos dessa vida – a comunidade prática, comida, a relação com a natureza – em outras palavras, trabalho – são reunidos, amplificados, magnificados no festival. (tradução nossa).

manifestações trágico-lúdicas dos festivais, que reforçam e são reforçadas pelas territorialidades das comunidades afetuais, das tribos.

Tanto no aspecto do trágico quanto do festival (se é que é possível separar as duas coisas) as formulações *maffesolianas* fornecem subsídios valiosos para a Geografia avançar em relação às abordagens do simbólico, do afetual, do papel das paixões e emoções na sociedade e no espaço. A teoria *lefebvriana*, ao versar sobre a modernidade, acaba relegando estes aspectos ao plano da alienação, pois esta permeia quase a totalidade das relações cotidianas. Mesmo assim, a crítica da vida cotidiana de Lefebvre nos fornece importantes contribuições epistemológicas, tais como a dialética da triplicidade. Se transportarmos esta dialética para as formulações de Maffesoli acerca da vida cotidiana, perceberemos que lhe falta a dinâmica de oposição, ou melhor, que a oposição à vida cotidiana *maffesoliana* se encontra praticamente sepultada e que esta se torna praticamente tudo. Propomos, portanto, que se pense a *socialidade* como oposto do *social* não apenas sob um aspecto de superação, mas de oposição dialética, pois alguns aspectos fundamentais do social apresentam ainda, na pós-modernidade, uma força de resistência que não pode ser simplesmente ignorada ou considerada irrelevante. Mesmo assim, a correlação de forças entre o social e a socialidade é desigual, sendo que esta possui uma grande prevalência sobre aquele.

Não obstante, se a socialidade se conforma como afirmação e o social como negação, nos falta o terceiro elemento da dialética da triplicidade da vida cotidiana pós-moderna, ou seja, de acordo com a interpretação de Shields (1999), a negação da negação. Este elemento são as representações sociais, de Moscovici (2003), que são fundamentalmente cotidianas, produtos e conteúdos dos universos consensuais, mas que também se relacionam com os universos reificados, nos quais podem ser também construídas (ARRUDA, 2003). Enquanto estes são compreendidos através da ciência, aqueles o são através das representações sociais (MOSCOVICI, 2003). O universo consensual pressupõe igualdade entre as pessoas, que são livres para se expressar e desempenhar vários papéis sem qualquer restrição. É o universo da familiaridade e do senso comum, se assemelhando com a socialidade *maffesoliana*. Já o universo reificado é aquele das instituições, em que as pessoas são desiguais, pois possuem funções e classes sistemáticas e previamente estabelecidas. As diferenças fundamentais entre os dois universos estão sintetizadas na figura abaixo (QUADRO 1), adaptada de um esquema de Arruda (2003).

Universos Consensuais	Universos Reificados
Indivíduo, coletividade: <i>opus proprium</i> NÓS Sociedade = grupo de iguais, todos podem falar com a mesma competência	Indivíduo, coletividade: <i>opus alienum</i> ELES Sociedade = sistema de papéis e classes diferentes → direito à palavra é desigual: <i>experts</i>
Sociedade de "amadores", curiosos: Conversação, cumplicidade, impressão de igualdade, de opção e afiliação aos grupos Conhecimento parece exigência de comunicação → alimentar e consolidar o grupo Resistência à intrusão	Sociedade de especialistas: Especialidade → grau de participação Normas (grupo) → propriedade do discurso e comportamento Unidade do grupo por prescrições globais, não por entendimentos recíprocos Divisão por áreas de competência
Representações sociais Senso comum, consciência coletiva Acessível a todos; variável	Ciência Retratar a realidade independente de nossa consciência Estilo e estruturas frios e abstratos

QUADRO 1 - UNIVERSO CONSENSUAL *VERSUS* UNIVERSO REIFICADO

Fonte: Adaptado de ARRUDA (2003).

Estes dois universos não são estanques sendo que um constantemente se apropria do conhecimento do outro, ou seja, o universo reificado tenta submeter as representações sociais e transformá-las em conhecimento científico ou técnico. Já no universo consensual, as representações sociais ressignificam e simplificam os conhecimentos científicos. A mediação entre os dois universos, em boa parte das ocasiões, é realizada pelos meios de comunicação de massa. Eles potencializam a circulação de representações sociais não apenas no interior do universo consensual, mas também e, na pós-modernidade de forma mais intensa, no universo reificado.

Tomando as representações sociais como o terceiro termo da dialética da triplicidade da vida cotidiana pós-moderna (FIGURA 2), podemos dizer que as representações sociais, ao mesmo tempo em que fazem a mediação entre o social e a socialidade, demonstram a preponderância desta na vida cotidiana pós-moderna, já que apesar de circularem no universo reificado, são fundamentalmente parte e expressão do universo consensual. Assim, este esquema sintetiza nossas discussões acerca da vida cotidiana na pós-modernidade de forma a demonstrar a prevalência do trágico, do hedonismo, do lúdico, do orgiasmo, da afetualidade, do tribalismo, do localismo e dos momentos de presença, todos simbolizados pela socialidade. Contudo este existe em contraste ao social, que carrega os vestígios dos valores modernos, bem como a própria alienação. As representações sociais, como elemento de diversidade, têm o papel de negar o social, mas também de, pela interação entre este e a socialidade, reafirmar esta última.

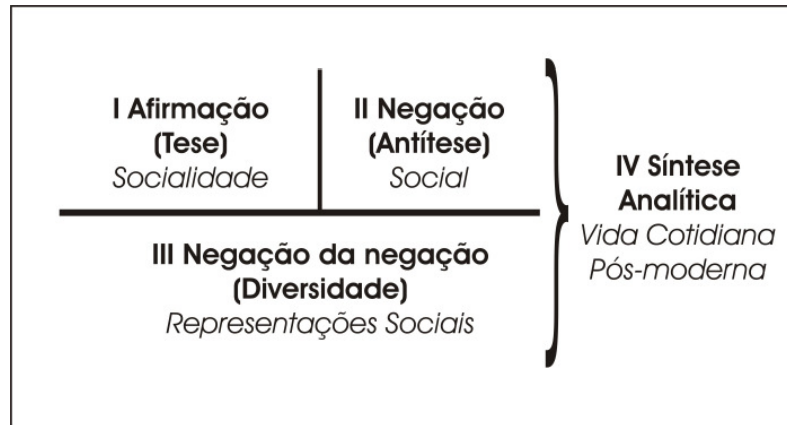


FIGURA 2 - DIALÉTICA DA TRIPLICIDADE DA VIDA COTIDIANA PÓS-MODERNA

Fonte: O autor, baseado em SHIELDS (1999).

Comentando as idéias de Lefebvre, Shields (1999, p. 02) afirma que “the quality of any society lies in the opportunity for the unalienated and authentic life experience that it gives all its members”⁴⁹. Na pós-modernidade esta possibilidade se amplifica de maneira que os momentos de presença e a socialidade podem ser vividos de forma cotidiana, sendo que a alienação passa a fazer parte da vida cotidiana apenas em momentos específicos de ausência, de experiência do social. O que acabamos de mostrar tem uma implicação de grande interesse para a Geografia, que é a produção da espacialidade da pós-modernidade, que está intimamente relacionada com a vida cotidiana pós-moderna.

2.3 ESPACIALIDADE

Lefebvre makes an additional contribution: he shifts the ground of dialectical materialism from time to space⁵⁰. (SHIELDS, 1999, p. 119).

A partir da virada cultural (ou lingüística), na década de 1970, a Geografia passa a incorporar a seus estudos elementos simbólicos, tais como representações, mitos, e a comunicação. Isto inaugura o que para muitos geógrafos representa uma corrente

⁴⁹ “A qualidade de qualquer sociedade se encontra na oportunidade de uma inalienada e autêntica experiência de vida que proporciona aos seus membros”. (tradução nossa).

⁵⁰ “Lefebvre prestou uma contribuição adicional: ele modificou a base da dialética materialista do tempo para o espaço”. (tradução nossa).

chamada “Nova” Geografia Cultural (COSGROVE; JACKSON, 2003) e o que Claval (2001) prefere chamar de nova abordagem cultural em Geografia, por não identificar uma corrente, mas uma tendência de deslocar a discussão da cultura para o centro de diversos estudos geográficos. Outra corrente que se fortalece é a da Geografia Social, preocupada com a discussão das ligações entre as relações sociais e espaciais. No entanto, não nos interessa identificar e nomear correntes nem classificar os trabalhos nesta ou naquela “gaveta” do conhecimento. Partimos da idéia que há sim uma tendência de desenvolvimento de novas abordagens na ciência geográfica que atribuem papel central à cultura, bem como às relações sócio-espaciais. Tal tendência não se apresenta como moda, mas sim como uma necessidade de expandir e aprofundar as perspectivas dos estudos da ciência geográfica.

Esta tendência exige novas abordagens teóricas e metodológicas, assim como permite a apreensão de “novos” objetos de estudo, calcados em uma dimensão simbólica. Desta forma, uma discussão acerca do espaço – um dos conceitos-chave da ciência geográfica e do qual é possível a derivação de outros – não é apenas pertinente, mas fundamental. Para tanto, o diálogo com a teoria social e com as humanidades, conforme ressaltam respectivamente Gregory (1996) e Cosgrove (1999), se torna necessário, pois amplia os horizontes da abordagem espacial, além de permitir que a Geografia se aproprie de outros temas relacionados direta ou indiretamente a esta abordagem, tal como o da vida cotidiana, das representações sociais, da pós-modernidade, ou da socialidade, como estamos propondo, por exemplo. Além disso, nos devemos balizar em uma compreensão de cultura que considere sua dimensão material, mas tenha sua ênfase no simbólico, no imaterial. Partimos, portanto, da visão de Claval (1999, 2001a, 2001b), que considera a cultura como algo aberto e flexível, advertindo acerca da importância da abordagem cultural considerando: sua gênese e transmissão; sua experiência individual e coletiva; que ela se configura em uma ordem instituída; e das relações que uma cultura pode ter com as demais. Para Claval (2001a, p. 63) “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte”.

Esta concepção de cultura e o diálogo com as humanidades são caminhos para se superar as abordagens clássicas – que apesar de sua grande contribuição privilegiavam sociedades não-urbanas, bem como um caráter material da cultura – e as de influência positivista e neo-positivista – que reduziam o espaço a um conjunto de

objetos e fenômenos mensuráveis. Não cabe mais, portanto, uma visão materialista de espaço que privilegia apenas a disposição dos objetos e ações nem aquela de que o espaço se limita a um produto das relações de produção (economicista). No entanto, o outro extremo, de um espaço puramente subjetivo, que desconsidera a importância de sua dimensão material também não satisfaz esta abordagem. Assim, é preciso pensar em um conceito de espaço capaz de dar suporte a uma abordagem centrada na cultura e nas relações sócio-espaciais, mas que integre (e não subestime) as dimensões material e subjetiva. Este conceito pode ser o de espaço de representação (MOSSE, 1996; LEFEBVRE, 1991; SOJA, 1996; SHIELDS, 1999; GIL FILHO, 2003a).

Para chegarmos ao conceito de espaço de representação, realizaremos, primeiramente, uma discussão crítica acerca da abordagem espacial em Maffesoli, já que este é um dos autores centrais em nossas reflexões e do qual emprestamos algumas das idéias que dão base a este trabalho, como a de socialidade e de pós-modernidade. Demonstramos que, apesar da imensa contribuição que este autor é capaz de fornecer para o desenvolvimento de uma teoria geográfica, sua visão de espaço se demonstra, paradoxalmente, problemática para uma abordagem de espaço dinâmica e integradora. Posteriormente, de maneira breve, contextualizamos a gênese do conceito de espaço de representação a partir de Mosse (1996), para que possamos chegar à teoria espacial de Lefebvre, a qual será nossa base de discussão da questão da espacialidade e dos espaços de representação. A espacialidade *lefebvriana* integra três instâncias: a das práticas sociais; a das representações do espaço; e a dos espaços de representação. Finalmente, assim como fizemos com a questão da vida cotidiana, propomos um diálogo entre Lefebvre e Maffesoli quanto à espacialidade pós-moderna, partindo da espacialidade *lefebvriana*, da pós-modernidade *maffesoliana* e da vida cotidiana pós-moderna, chegando ao conceito de dialética da existência pós-moderna, com base também em Soja (1996).

2.3.1 Do espaço em Maffesoli à dialética da existência

Para Maffesoli (2005b), o espaço tem importância fundamental na construção da sociedade pós-moderna, pois é nele, ao invés de na história (no tempo), que circulam as emoções, afetos e símbolos. Além disso, ele é o elemento que nos permite

a identificação, ou seja, a construção e a perduração das tribos. Com esta argumentação de centralidade do espaço (e dos territórios) na construção do paradigma pós-moderno, realizada pelo autor, nós concordamos. Nossa crítica às formulações deste autor quanto ao espaço estão ligadas à discordância de sua concepção de espaço: de que ele é um “meio” e da relação que ele mantém com o tempo.

Apesar de tentar desenvolver uma visão simbólica do espaço e da construção social da realidade, Maffesoli tende a simplificar a complexidade espacial ao atribuí-la a condição de meio entre natureza e cultura. Nas palavras do autor: “O espaço, com a qualidade banal que acabo de dizer, é uma espécie de ‘meio’ entre essas entidades que a tradição ocidental acentuou fortemente: natureza versus cultura”. (MAFFESOLI, 2005b, p. 259). Esta visão não apenas simplifica as conexões inerentes ao espaço, como cria ou reforça uma perigosa dicotomia entre natureza e cultura. Poder-se-ia argumentar que na modernidade, a natureza e a cultura foram separadas de forma tal que aquela se tornou apenas objeto de dominação desta, tendo apenas um valor utilitário. Entretanto, mesmo se aceitarmos este argumento, o espaço não pode ser caracterizado como mediador entre natureza e cultura, já que isto implicaria em afirmar que na modernidade o espaço era algo irrelevante. Lefebvre (1991) trata a questão da natureza e da cultura de forma diferente, apesar de não eliminar a dicotomia referida. Ele trabalha esta distinção como um processo dialético que transforma a natureza primordial (primeva) em uma “segunda natureza”, o espaço natural em um social. A idéia de mediação de Maffesoli se refere à condição de possibilidade de existência humana através de um olhar duplo em que, ao mesmo tempo, vemos o que nos cerca e aqueles que partilham o mesmo ambiente, bem como somos vistos pela alteridade física e social (MAFFESOLI, 2005b). Neste sentido, o espaço se torna simples reflexo das relações sociais e da maneira pela qual enxergamos uns aos outros. Sua materialidade praticamente desaparece e as conexões espaciais são deslocadas quase exclusivamente ao campo da percepção. Esta visão, ao mesmo tempo em que é contrastada, é contemplada, mas de maneira muito mais completa e substancial, pelas formulações de Massey. A autora lança três proposições básicas sobre o espaço: que ele é produto de inter-relações; que ele é a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; e que ele está em constante construção.

Primeiro, reconhecemos o espaço como o **produto de inter-relações**, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão global até o

intimamente pequeno. [...]. *Segundo*, compreendemos o espaço como a **esfera da possibilidade da existência da multiplicidade**, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto da coexistência da heterogeneidade. Sem o espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se o espaço é, sem dúvida, o produto de inter-relações, então deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. *Terceiro*, reconhecemos o espaço como estando **sempre em construção**. Precisamente, porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de inter-relações, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de histórias-até-agora (MASSEY, 2008, p. 29, grifo nosso).

As proposições de Massey nos são valiosas não somente na crítica ao espaço *maffesoliano*, mas também no desenvolvimento de uma teoria espacial que considere o espaço como dimensão simbólica. A primeira delas, a do espaço como produto de inter-relações entra em consonância com o que foi discutido acerca do paradigma da socialidade, bem como sobre o localismo, a globalização e a multiterritorialidade. A existência de tal jogo de escalas nos permite afirmar que a vida cotidiana se manifesta espacialmente não apenas na presença imediata, mas também através da presença mediada, de acordo com as associações que Shields (1992) faz entre presença/ausência e inclusão/exclusão (MASSEY, 2008). A segunda delas, referente à multiplicidade prevê uma grande variedade de fluxos, relações, conexões e interações no espaço, sendo que as construções das territorialidades das tribos se dão através de constantes apropriações, relacionadas com a dinâmica da própria vida cotidiana pós-moderna. Assim, estes “altares” ou “pontos-altos”, conforme palavras de Maffesoli (2004b), não são de maneira alguma pré-estabelecidos, fixos e prontos, mas sim em constante construção, mutação e ressignificação. Estas territorialidades não apenas são modificadas, mas também podem ser reconstruídas em um outro local, o que Maffesoli chama de enraizamento dinâmico: “pertence-se *inteiramente a um lugar dado, mas nunca de uma maneira definitiva*” (MAFFESOLI, 2005b, p. 271, grifo do autor). Todavia, tanto esta multiplicidade quanto o fato de que o espaço está sempre em construção – terceira proposição de Massey – se relacionam de forma antagônica ao pensamento espacial *maffesoliano*, já que para estas características existirem é necessária uma dinâmica temporal intimamente relacionada e em diálogo com a dinâmica espacial, o que não se observa em Maffesoli. Para este autor, na pós-modernidade, o tempo se contrai no espaço: “De certo modo, assistimos à contração do tempo no espaço” (MAFFESOLI, 2004b, p. 51); “O tempo torna-se espaço”

(MAFFESOLI, 2005b, p. 261); ou ainda, “o espaço é tempo cristalizado” (MAFFESOLI, 2005b, p. 262).

Esta transformação do tempo em espaço, na teoria *maffesoliana*, está intimamente ligada a dois fatores principais: o presenteísmo e a invasão do imaginário na vida cotidiana. Este último fator está relacionado com os meios de comunicação de massa, com a publicidade e com a ética da estética, que promovem a prevalência da forma sobre o conteúdo em um *mundus imaginalis*. O presenteísmo é expressão do hedonismo, do prazer instantâneo, no orgasmo, na excitação das emoções e sentimentos (MAFFESOLI, 2005b). Ao mesmo tempo em que a prevalência do presente na tríade temporal se configura como uma característica interessante da teoria *maffesoliana* – já que permite apreender a temporalidade do trágico-dionisíaco –, ela também se torna uma armadilha, sobretudo quando se pensa a questão espacial. A leitura de que o espaço é o tempo contraído, cristalizado é consequência de uma associação de que a temporalidade da pós-modernidade se refere fundamentalmente ao presente, não tendo significativa profundidade e se convertendo em espaço. Desta forma, o autor defende também a prevalência do espaço sobre o tempo, o que, segundo Massey (2008), é um indicativo de um pensamento estático do espaço, uma vez que existe em função de uma não-temporalidade. Esta mesma autora reitera a necessidade de se pensar o espaço e o tempo não como opostos, mas como complementares, de modo a atribuir à co-existência mútua da dinâmica espacial e temporal o caráter vívido do mundo. Nem o tempo pode ser concebido sem se considerar as multiplicidades espaciais, nem o espaço, sem uma profundidade temporal:

Assim como o tempo não pode, de maneira adequada, ser conceituado sem um reconhecimento das multiplicidades (espaciais) através das quais ele é gerado, também o espaço não pode ser imaginado, de forma adequada, como a estase de uma instantaneidade sem profundidade, totalmente interconectada. Qualquer suposição de uma instantaneidade fechada não apenas nega ao espaço o aspecto essencial de seu próprio constante devir como nega, também, ao tempo sua própria possibilidade de complexidade/multiplicidade (MASSEY, 2008, p. 119).

A teoria crítica, sobretudo dos geógrafos com influência em Lefebvre, como Soja (1993, 1996), fornecem subsídios para se avançar na integração entre a sociedade, tempo e espaço. Para Lefebvre (1991), há uma interação dialética entre o

arranjo espacial e a organização social (Historicidade-Socialidade⁵¹). Portanto, supera a visão de que o espaço simplesmente condiciona a sociedade e de que este é um reflexo puro das relações de produção. O autor, assim, critica o marxismo ortodoxo por marginalizar as questões espaciais em sua construção teórica e em seus estudos. Tal visão inspira as formulações de Soja sobre a dialética sócio-espacial (Espacialidade-Socialidade). Este procura incorporar a discussão espacial na tradicional dialética marxista, na qual a história tem papel central. Soja (1993, p. 103) aponta, comentando uma citação de Lefebvre, as premissas básicas da dialética sócio-espacial: “que as relações sociais e espaciais são dialeticamente inter-reativas, interdependentes; que as relações sociais de produção são formadoras do espaço e contingentes ao espaço”. Outra dialética possível, que Soja (1996) indica é a da geografia histórica, entre o arranjo espacial e o temporal (Espacialidade-Historicidade).

Cada uma destas dialéticas constitui um dos três momentos da trialética da existência⁵² (*the trialetics of being*), formada pela socialidade, pela historicidade e pela espacialidade, deslocada ao centro da dialética (agora, da triplicidade) materialista por Lefebvre (FIGURA 3). Estes três elementos, em interação, estruturam a existência humana, através desta trialética, que possui um caráter ontológico. Ela é “a statement of what the world must be like in order for us to have knowledge of it”⁵³ (SOJA, 1996, p. 70). A trialética da existência não apenas apresenta uma proposta de inserção do espaço como elemento de igual importância do tempo e da sociedade, mas também procura eliminar as tradicionais cisões entre as disciplinas acadêmicas e seus discursos que se apropriam de apenas um de seus três momentos em separado (SOJA, 1996). Assim, a trialética da existência se torna uma interessante opção para que a geografia não apenas incorpore elementos de outras áreas do conhecimento, mas principalmente que se integre com as humanidades.

⁵¹ A palavra *socialidade* neste contexto não se refere ao paradigma pós-moderno propalado por Maffesoli, mas sim às práticas sociais.

⁵² O termo original em inglês *the trialetics of being* admite duas traduções: “a trialética do *devenir*” e “a trialética da *existência*”. Qualquer uma das traduções elimina a rica ambigüidade da expressão. A primeira delas, encontrada, por exemplo, em Gil Filho (2003a, 2003b), é a mais comum. Entretanto, optamos pela segunda, pois de acordo com a perspectiva pós-moderna *maffesoliana* e nossa construção do conceito de vida cotidiana pós-moderna, acreditamos que o termo “existência” é mais coerente, pois não tem conotação de um projeto (como tem a de “devenir”), de uma expectativa do futuro, mas sim de um vivido presente.

⁵³ Uma declaração de como o mundo deve ser para que nós tenhamos conhecimento dele. (tradução nossa).



FIGURA 3 - TRIALÉTICA DA EXISTÊNCIA

Fonte: Adaptado de SOJA (1996) e GIL FILHO (2003b).

Se, por um lado, criticamos a leitura espacial de Maffesoli, temos que, por outro, exaltar as contribuições que a teoria deste autor nos fornece para o desenvolvimento de uma trialética da existência no que se refere à historicidade e, sobretudo, à socialidade. Já desenvolvemos exaustivamente o paradigma da socialidade *maffesoliana*, bem como os aportes deste autor para a elaboração do conceito de vida cotidiana pós-moderna. No entanto, precisamos ressaltar a importância que sua contribuição acerca do sentimento trágico-dionisíaco possui na nossa visão de trialética da existência. Maffesoli (2003) utiliza a metáfora da orientalização do mundo na pós-modernidade para expressar a dimensão “destinal” do trágico em contraste aos projetos da modernidade ocidental. Esta valorização do destino tribal em detrimento aos grandes projetos e projeções, ligados a ideologias e racionalidades, vem acompanhada com o que o autor chama de lenteiamento do tempo, pela ética do instante: “uma acentuação de situações vividas por elas mesmas, situações que se esgotam no ato mesmo, e que já não se projetam em um futuro previsível e dominável à vontade” (MAFFESOLI, 2003, p. 26). Estas situações, o autor chama de instantes eternos, propiciados pela experiência cíclica do tempo, através da repetição e do ritmo

dos rituais. Estes são fundamentalmente trágicos, pois se revelam como “uma maneira homeopática de viver sua morte de todos os dias” (MAFFESOLI, 2003, p. 63). O sentimento trágico-dionisíaco é essencialmente presenteísta, ou seja, não se preocupa com projeções futuras e não se baseia em tradições. Deste modo, podemos afirmar que se a socialidade e a vida cotidiana pós-modernas são trágicas por excelência, a temporalidade (ou historicidade) da dialética da existência pós-moderna – conceito que apresentaremos em seguida – é calcada em um desequilíbrio na tríade temporal a favor do presente. Quanto à espacialidade há uma prevalência dos espaços de representação.

2.3.2 Espacialidade em Lefebvre

Antes de discutirmos a prevalência dos espaços de representação na espacialidade da pós-modernidade, precisamos apresentar sucintamente a gênese do conceito de espaço de representação para depois, através da explanação do espaço social em Lefebvre, chegar ao conceito de espaço de representação deste autor.

O conceito de espaço de representação tem origem no historiador Mosse (1996), em seus estudos sobre a construção simbólica do nazismo. Para este autor, o espaço de representação – que apesar de secular se origina nos meandros da dicotomia entre o espaço mítico e o espaço sagrado – é o espaço da religião laica da política. Se o espaço sagrado, a partir de Mircea Eliade (1977), é um espaço dicotômico – que existe em oposição ao espaço profano e que organiza as sociedades tradicionais a partir do antagonismo entre o Cosmo (conhecido) e o Caos (desconhecido) – o espaço de representação também tem este caráter de separação, da política e da cotidianidade. Instância que tende a substituir o espaço sagrado devido à crise das instituições religiosas, o espaço de representação é expressão do otimismo secularista, reproduzindo formas arquetípicas de espacialização (BETTANINI, 1982). Assim como o espaço sagrado, o espaço de representação se estrutura a partir de ritos (liturgia das cerimônias) e símbolos, (monumentos) se tornando lócus de novos valores. Bettanini (1982, p. 100, grifo do autor) limita a definição do espaço de representação “ao espaço construído, aquele que – a partir da nova ordem do social – impõe uma nova ordem perceptiva, propõe *sua* espacialização

arquitetônica, impõe uma representação cerimonial e ritual”. Arquitetonicamente, os monumentos construídos ou apropriados e ressignificados se configuram como marca de descontinuidade e como expressão de um novo universo simbólico construído a partir do culto do próprio povo, das instituições, da própria pátria *representada* (MOSSE, 1996; BETTANINI, 1982). O espaço de representação se afasta da cotidianidade através de suas marcas monumentais ou rituais. Entretanto, em sociedades em *statu nascenti*, sua ressemantização passa através da cotidianidade, não necessitando de novos monumentos, mas se apropriando dos antigos símbolos (BETTANINI, 1982).

O ponto fundamental desta leitura é que o espaço de representação é essencialmente simbólico, sendo capaz de ressemantizar o espaço material, cotidiano. Esta ressignificação acontece a partir de uma construção simbólica realizada por um ou mais grupos da sociedade. Mesmo sendo bastante diferentes da visão de Mosse (1996) e Bettanini (1982), entre outras razões, por não se fundamentarem na religião laica da política, as demais interpretações do conceito de espaço de representação que apresentaremos a seguir também estão relacionadas com a idéia de reapropriação simbólica (o espaço é constantemente apropriado e reapropriado). A discussão que mais interessa sobre este conceito é a de Lefebvre. No entanto, para compreender os espaços de representação na teoria espacial *lefebvriana*, precisamos discutir anteriormente a espacialidade e a interação de suas três instâncias.

Em *The Production of Space* (1991), Lefebvre apresenta sua maior contribuição ao pensamento acerca do espaço nas ciências humanas não apenas ao deslocá-lo para o centro das discussões, mas também por desenvolver uma teoria – cuja matriz é o pensamento crítico – que permite uma apreensão múltipla da espacialidade e de suas instâncias. O autor rechaça a visão de que o espaço se limita a uma fonte de recursos ou a um simples palco das ações sociais, defendendo que ele mantém uma relação dialética com a organização social. O próprio espaço se refere à espacialização da ordem social, sendo que as relações sociais devem se materializar nele para se tornarem reais, sendo o espaço, para Lefebvre, o repositório da autenticidade (SHIELDS, 1999).

Lefebvre (1991, p. 26, grifo do autor) desenvolve, assim, sua proposição básica, a de que “(Social) space is a (social) product”⁵⁴. Esta hipótese leva a quatro grandes implicações (LEFEBVRE, 1991, p. 30-53, grifo do autor):

⁵⁴ “O espaço (social) é uma produção (social)”. (tradução nossa).

- a) “(Physical) natural space is disappearing”⁵⁵ – isto ocorre em decorrência das atividades humanas que promovem a dominação e a apropriação do espaço natural, que apesar de ser a base de toda originalidade, está se tornando apenas residual. Além de se perder de vista, o espaço natural também corre o risco de ser apagado do pensamento, sendo a natureza transformada apenas em matéria-prima;
- b) “Every society – and hence every mode of production with its subvariants [...] – produces a space, its own space”⁵⁶ – o espaço social compreende dois conjuntos de relações – as relações sociais de reprodução (família, divisão entre sexos) e as relações de produção – cujas articulações se expressam espacialmente. No capitalismo moderno, são identificados três níveis de interação: a reprodução biológica, a reprodução da força de trabalho, e a reprodução das relações sociais de produção. Estas interações só se tornam coerentes a partir de um sistema simbólico de representações. Assim, surge a tríade: *prática espacial* (abarca a produção, a reprodução e a configuração espacial de cada formação social), *representações do espaço* (relacionado com as relações de produção e ao conhecimento), e *espaços de representação* (ligado à dimensão simbólica e artística);
- c) “If space is a product, our knowledge of it must be expected to reproduce and expound the process of production”⁵⁷ – o espaço deve ser compreendido não pelas coisas que contém, mas através de sua produção. As coisas no espaço e os discursos no espaço apenas fornecem subsídios para se compreender o processo produtivo, que pressupõe processos de significação, mas não se reduz a estes. Um dado espaço, como totalidade, é expresso por suas conexões na atualidade, apesar de carregar consigo todo um processo de produção. Para a completa apreensão deste, é preciso se ater às interações entre os três momentos da espacialidade: *percebido* (prática espacial); *concebido* (representações do espaço); e *vivido* (espaços de representação);

⁵⁵ “O espaço natural (físico) está desaparecendo”. (tradução nossa).

⁵⁶ “Toda sociedade – e, portanto, todo modo de produção com suas subvariações [...] – produz um espaço, seu próprio espaço”. (tradução nossa).

⁵⁷ “Se o espaço é um produto, espera-se que nosso conhecimento em relação a ele reproduza e exponha o processo de produção”. (tradução nossa).

- d) “If space is produced, if there is a productive process, then we are dealing with *history*”⁵⁸ – não se trata, porém, de datar os acontecimentos no espaço, mas de que as forças de produção influenciam a produção do espaço, tanto que para um modo de produção se estabelecer ele precisa produzir um novo espaço. Para se compreender a história de um espaço não basta apenas apreender os momentos especiais de um dado código espacial (leitura, interpretação, vivência no espaço, além de sinais verbais e não-verbais), mas se ter a dimensão global dos modos de produção que o produziram. O espaço pode ser periodizado em quatro etapas: espaço absoluto (*absolute space*), muito ligado à natureza e à sua apropriação por forças políticas e religiosas; espaço abstrato (*abstract space*), funciona objetivamente de forma homogeneizante, eliminando as distinções naturais, temporais e corpóreas; espaço contraditório (*contradictory space*), referente aos embates entre o capitalismo global e as resistências locais; e espaço diferencial (*differential space*), retoma as distinções eliminadas pelo espaço abstrato.

As implicações apontadas por Lefebvre, sobretudo a segunda e a terceira, nos são muito interessantes, mas precisamos fazer uma ressalva ao fato de que o autor fica muito preso ao conceito de produção marxista. Assim, facilmente se pode cair em um economicismo, em um esvaziamento das possibilidades que o conceito de espaço do próprio Lefebvre nos oferece. Se o espaço é produzido, ele o é não somente pelas forças econômicas, mas também pelas questões culturais, simbólicas, políticas, entre outras. Além disso, o próprio espaço é um elemento produtor da sociedade não somente pelas oportunidades naturais e/ou econômicas que oferece, mas também, e neste caso principalmente, por seus elementos simbólicos, que permitem que uma sociedade se signifique, se perpetue e tenha uma coerência. Entretanto, este fundamento simbólico (nunca isolado das demais dimensões) se encontra não fora da teoria espacial *lefebvriana*, mas em seu cerne. Para apreender toda sua complexidade e tentar avançar em relação às formulações deste autor, é necessário compreender o caráter tríade da espacialidade. Ela é composta por três instâncias coexistentes e interdependentes, ou seja, por uma dialética da triplicidade formada pela prática espacial (dimensão do percebido), pelas representações do espaço (dimensão do

⁵⁸ “Se o espaço é produzido, se há um processo produtivo, então estamos lidando com [a] *história*”. (tradução nossa).

concebido) e pelos espaços de representação (dimensão do vivido) (FIGURA 4). Esta última instância se configura como a simbólica na espacialidade *lefebvriana*, chamada por Soja (1996) de triálética do espaço.

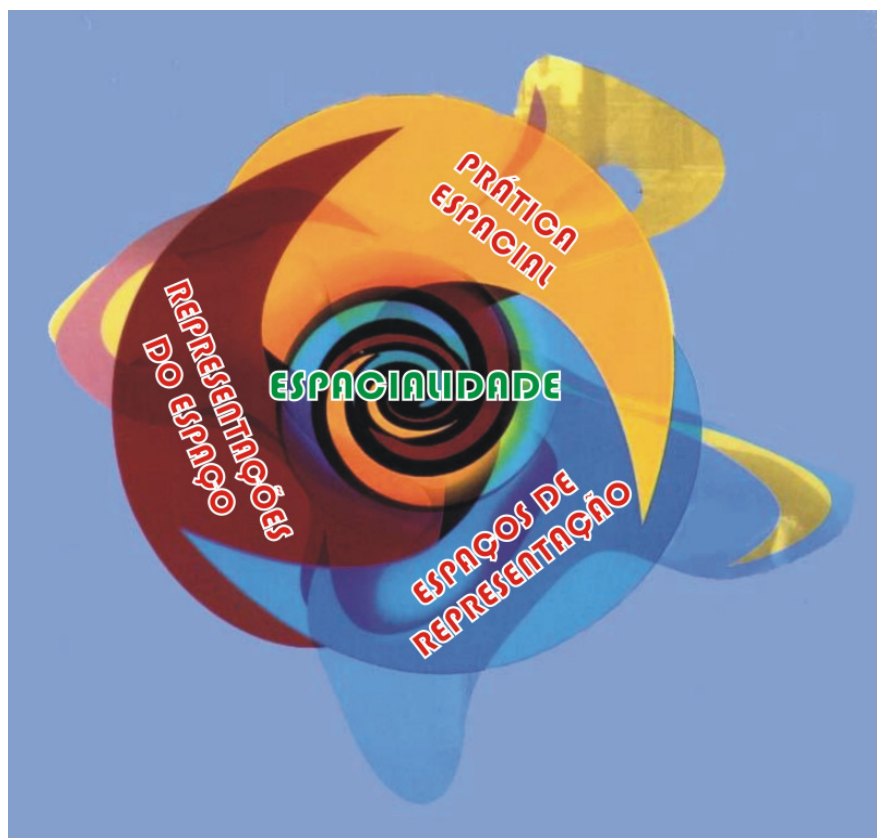


FIGURA 4 - ESPACIALIDADE

Fonte: Adaptado de SOJA (1996) e GIL FILHO (2003b).

Se os espaços de representação nos são a instância da espacialidade mais cara, não podemos desconsiderar sua interação com as demais instâncias, pois o próprio caráter tríade da espacialidade *lefebvriana* (derivada da dialética da triplicidade) nos é considerada, concordando com Shields (1999), como um grande avanço em direção ao pensamento pós-moderno. A espacialidade em Lefebvre é elevada a uma condição dinâmica, sendo que nela coexistem os momentos de presença, de ausência e as representações. Desta forma, precisamos discutir cada uma das partes da espacialidade *lefebvriana* para sermos capazes de apreendermos as possibilidades que os espaços de representação fornecem para caminharmos no sentido de uma espacialização da pós-modernidade.

A instância da prática espacial compreende a dimensão do percebido (*l'espace perçu*) da espacialidade. Ela se refere às relações materiais do espaço social, às

atividades e contradições da vida cotidiana. É na prática espacial que uma sociedade se expressa materialmente, pois ela abrange tanto a produção quanto a reprodução, bem como as situações particulares e os conjuntos espaciais de tal sociedade (LEFEBVRE, 1991). Através de sua materialidade imediata se dão as experiências das relações da vida cotidiana, sobretudo aquelas não refletidas, de ausência, alienadas. Esta instância assume e expressa as relações entre o conjunto de atividades diárias e a configuração urbana, de modo que, ao mesmo tempo conecta tais lugares, os separa. Esta separação não ocorre apenas sob o aspecto físico, material, mas também de acordo com uma prática, fundamentalmente cotidiana e, portanto, na leitura *lefebvriana*, alienante. Soja (1996, p. 74-75, grifo do autor) adverte acerca da complexidade desta instância da espacialidade, a qual associa às “epistemologias do Primeiro Espaço”. O autor analisa as práticas espaciais como

a material and materialized “physical” spatiality that is directly comprehended in empirically measurable *configurations*: in the absolute and relative locations of things and activities, sites and situations; in patterns of distribution, designs, and the differentiation of a multitude of materialized phenomena across spaces and places; in the concrete and mappable geographies of our lifeworlds, ranging from the emotion and behavioral space “bubbles” which invisibly surround our bodies to the complex spatial organization of social practices that shape our “action spaces” in households, building, neighborhoods, villages, cities, regions, nations, states, the world economy, and global geopolitics.⁵⁹

Esta enorme gama de formas e de configurações que a instância das práticas espaciais é capaz de assumir está ligada à própria condição de que esta, dialeticamente, expressa o espaço de determinada sociedade e é expressão deste: “The spatial practice of a society secretes that society’s space; it propounds and presupposes it, in a dialectical interaction; it produces it slowly and surely as it masters and appropriates it”⁶⁰ (LEFEBVRE, 1991, p. 38). No entanto, nesta instância o percebido não é transcendido, ou seja, nela a visão do espaço é calcada fundamentalmente no senso comum, portanto, incapaz de atribuir significados

⁵⁹ Uma espacialidade “física” material e materializada que é diretamente compreendida em *configurações* empiricamente mensuráveis: nas localizações absolutas e relativas de coisas e atividades, locais e situações; em padrões de distribuição, designs, e a diferenciação de uma pluralidade de fenômenos materializados através de espaços e lugares; nas geografias concretas e mapeáveis de nossos mundos vividos, variando desde as “bolhas de espaço” comportamentais e emocionais que invisivelmente envolvem nossos corpos até a complexa organização espacial de práticas sociais que moldam nossos “espaços de ação” em domicílios, edifícios, vizinhanças, vilas, cidades, regiões, nações, estados, na economia mundial, e geopolítica global. (tradução nossa).

⁶⁰ “A prática espacial de uma sociedade secreta o espaço desta sociedade; ela o propõe e o pressupõe, em uma interação dialética; ela o produz vagarosa e seguramente conforme o domina e dele se apropria”. (tradução nossa).

simbólicos aos objetos, construir imagens e mitos (ao menos que esteja completamente integrada com os espaços de representação). Shields (1999) aponta para o grande peso dado à percepção visual no que se refere às práticas espaciais, mas lembra que não se pode menosprezar a prática, mesmo irrefletida e alienada, que se dá nesta instância.

O caráter material e objetivo da instância da prática espacial, como referência primeira, assegura a continuidade e um certo grau de coesão sociais, bem como promove a reprodução das relações de produção (LEFEBVRE, 1991; SHIELDS, 1999). Nas relações promovidas no espaço social, esta coesão envolve tanto certa competência quanto determinado desempenho espaciais, que podem ser medidos apenas empiricamente. Entretanto, prosseguindo no pensamento *lefebvriano*, a natureza coesiva de uma prática espacial “does not imply that it is coherent (in the sense of intellectually worked out or logically conceived)”⁶¹ (LEFEBVRE, 1991, p. 38). Isto se dá, pois a prática espacial possui este caráter irrefletido, presente na própria definição de cotidiano em Lefebvre. Contudo, a prática espacial não é apenas um meio das atividades, comportamentos e experiências humanos, mas também seu resultado (SOJA, 1996).

A segunda instância da espacialidade, a das representações do espaço, envolve a dimensão do concebido (*l'espace conçu*), sendo baseada nas e referente às relações de produção e nas conseqüências que elas implicam. Segundo Lefebvre (1991, p. 38-39) “This is the dominant space in any society (or mode of production)”⁶². Seu viés marxista transparece nesta afirmação, ao atribuir papel central às relações de produção. No entanto, a dominação das representações do espaço não se expressa somente na prática social, mas, sobretudo, através da tentativa de dominar os espaços de representação, que se opõem fundamentalmente ao espaço concebido, pois é a instância dos momentos de presença (SOJA, 1996). Mesmo assim, este espaço essencialmente racional e ordenado – dos cientistas, planejadores, urbanistas – possui grande responsabilidade no que se refere à colonização da vida cotidiana (LEFEBVRE, 2008c), pois cerceia, controla e supervisiona o espaço percebido.

Soja (1996) denomina esta instância de Segundo Espaço, sendo referente aos pensamentos e visões utópicas, bem como às imaginações de caráter puramente

⁶¹ “Não implica que [esta prática social] seja coerente (no sentido de desenvolvida intelectualmente ou concebida logicamente)”. (tradução nossa).

⁶² “Este é o espaço dominante em qualquer sociedade (ou modo de produção)”. (tradução nossa).

criativo. Entretanto, isto não significa que o espaço concebido fique apenas no campo das idéias, pensamentos e imaginações. Ele possui uma determinada materialidade, já que seus limites em relação ao espaço percebido não são claramente definidos. Mesmo assim, apreende esta materialidade de forma ideacional.

In its purest form, Secondspace is entirely ideational, made up of projections into the empirical world from conceived or imagined geographies. This does not mean that there is no material reality, no Firstspace, but rather than the knowledge of this material reality is comprehended essentially through thought, as *res cogito*, literally “thought things”. In so empowering the mind, explanations becomes more reflexive, subjective, introspective, philosophical, and individualized.⁶³ (SOJA, 1996, p. 79).

O espaço concebido é calcado em relações de poder, ou seja, nas instituições e nas diferenças hierárquicas. Possui forte caráter coercitivo na vida das pessoas e dos grupos sociais, pois influencia sobremaneira as práticas espaciais. Além disso, é expressão de ideologias, já que é produzido pelo conhecimento técnico daqueles que concebem (planejam e ordenam mentalmente) o espaço, geralmente, através de um sistema de sinais verbais, desenvolvidos intelectualmente, ao contrário do que ocorre com o sistema não-verbal das práticas espaciais (LEFEBVRE, 1991). Assim, Shields (1999) pensa esta instância como a dos discursos *sobre*⁶⁴ o espaço, sendo estes produzidos pelo planejamento espacial, pelas teorias abstratas, pelas ideologias, pelas manifestações de poder, pelas relações de produção e pela ordem que elas impõem. Assim, o espaço é pensado, idealizado e sistematizado através de intervenções que se configuram como representações, como discursos dos que exercem a condição de intervir no espaço de forma racional.

Finalmente, chegamos ao terceiro termo da dialética da triplicidade de Lefebvre, os espaços de representação, que se referem à dimensão da experiência vivida da espacialidade (*l'espace vécu*). Como terceiro termo na tríade espacial, os espaços de representação se expressam como elemento de diversidade e negação da instância das representações do espaço. O espaço vivido é, portanto, a instância simbólica da

⁶³ Na sua forma mais pura, o Segundo Espaço é inteiramente ideacional, feito de projeções do mundo empírico a partir de geografias concebidas ou imaginadas. Isto não significa que não há realidade material, nenhum Primeiro Espaço, mas ao invés disso que o conhecimento desta realidade material é compreendido essencialmente através do pensamento, como *res cogito*, literalmente “coisas pensadas”. Portanto, capacitando a mente, a explicação se torna mais reflexiva, subjetiva, filosófica e individualizada. (tradução nossa).

⁶⁴ A expressão utilizada por Shields (1999) é “discourses on space”. Esta expressão carrega uma ambigüidade, pois pode se referir aos discursos elaborados a respeito do espaço, como também os discursos realizados utilizando o espaço como apoio material, ou seja, no espaço. Traduzimos a expressão como discursos *sobre* o espaço, pois ela carrega esta ambigüidade.

espacialidade, na qual o ser humano (isolado e em grupos) se auto-representa a fim de buscar seu prazer e autenticidade, esquivando-se das práticas alienantes e, assim, experienciando momentos de presença: “This is the space *as it might be*, fully lived space”⁶⁵ (SHIELDS, 1999, p. 161, grifo do autor). Nele a materialidade dos objetos e relações é perpassada por um universo simbólico, afetivo, imaginário. Ao discutir a leitura dos espaços de representação de Lefebvre, Soja (1996, p. 68) atribui a esta instância da espacialidade a condição de conter em seu interior, simultaneamente, o espaço real e o espaço imaginado: “Combining the real and the imagined, things and thoughts on equal terms, or at least not privileging one over the other *a priori*”⁶⁶. O autor continua sua análise atribuindo aos espaços de representação a condição de subordinação e marginalização à ordem dominante, mas de modo a resistir e ora se impor como “contra-espços”. Os espaços de representação estão ligados ao lado “subterrâneo” e “clandestino” das práticas sociais, às manifestações culturais e, sobretudo, às artes, que são códigos próprios desta instância da espacialidade (LEFEBVRE, 1991). Nos espaços de representação os significados atribuídos aos objetos podem ser modificados em relação ao espaço físico. Geralmente, estes símbolos e signos fazem parte de um sistema mais ou menos coerente. Lefebvre escreve sobre os espaços de representação:

Space as directly *lived* through its associated images and symbols, and hence the space of “inhabitants” and “users”, but also of some artists and perhaps of those, such as a few writers and philosophers, who *describe* and aspire to do no more than describe. This is the dominated – and hence passively experienced – space which the imagination seeks to change and appropriate. It overlays physical space, making symbolic uses of its objects. Thus representational spaces may be said, though again with certain exceptions, to tend towards more or less coherent systems of non-verbal symbols and signs⁶⁷. (LEFEBVRE, 1991, p. 39, grifo do autor).

Para Gil Filho (2003b), os espaços de representação apesar de passarem pelo espaço visível, são fundamentalmente simbólicos, tendo o atributo de projetar o ser no

⁶⁵ “Este é o espaço *como ele deveria ser*, espaço plenamente vivido”. (tradução nossa).

⁶⁶ “Combinando o real e o imaginado, coisas e pensamentos em termos iguais, ou ao menos não privilegiando um em detrimento do outro *a priori*”. (tradução nossa).

⁶⁷ Espaço diretamente *vivido* através de suas imagens e símbolos associados, e, portanto, o espaço dos “habitantes” e “usuários”, mas também de alguns artistas e talvez daqueles, como de alguns escritores e filósofos, que *descrevem* e aspiram fazer nada além de descrever. Este é o espaço dominado – e, portanto, passivamente experienciado – o qual a imaginação busca mudar e se apropriar. Ele perpassa o espaço físico, fazendo uso simbólico de seus objetos. Assim, pode ser dito que os espaços de representação, embora novamente com certas exceções, tendem para um sistema mais ou menos coerente de símbolos e sinais não-verbais. (tradução nossa).

mundo. É através deles que o sujeito se contextualiza no mundo, se articulando com o espaço da prática social e suas relações materiais. Segundo o autor: “o espaço de representação é um espaço vivo com ligações culturais, locus da ação e das situações vivenciadas. É relacional em percepção, diferencialmente qualitativo e dinâmico e de natureza simbólica” (GIL FILHO, 2003b, p. 14). Nas palavras de Lefebvre, os espaços de representação não apenas são a dimensão do vivido, mas são eles mesmos vivos. Destaca também a centralidade que o aspecto afetivo possui nesta instância de modo a atribuir valores simbólicos e dinamismo aos diferentes objetos, locais e relações pelos quais perpassa.

Representational space is alive: it speaks. It has an affective kernel or centre: Ego, bed, bedroom, dwelling, house; or: square, church, graveyard. It embraces the loci of passion, of action and of lived situations, and thus immediately implies time. Consequently it may be qualified in various ways: it may be directional, situational or relational, because it is essentially qualitative, fluid and dynamic⁶⁸. (LEFEBVRE, 1991, p. 42).

A partir de sua interpretação de Lefebvre, Soja (1996) diz que os espaços de representação podem ser encontrados a partir da corporalidade e se estendem às identidades coletivas e individuais, desde as mais locais às mais globais. Este autor também utiliza a metáfora do “Terceiro Mundo” para se referir a esta instância da espacialidade. Esta metáfora nos parece interessante não apenas devido à conotação de marginalidade, de perifericalidade, mas também por carregar a idéia de desordem (no sentido mais espontâneo do termo, por não obedecer um padrão definido); de imprevisto (vive-se com o que se tem e assim se é feliz); de afetualidade (que supera a racionalidade e se expressa nas diferentes manifestações sócio-culturais tribais). Este caráter do espaço vivido lhe confere o atributo de libertar, de emancipar as pessoas e os grupos das experiências não plenamente vividas, que se dão nas duas outras instâncias da espacialidade.

Se para Shields (1999, p. 164), as representações do espaço podem ser entendidas como a instância dos discursos *sobre* o espaço, os espaços de representação podem ser pensados como discursos *do* espaço, pois formam “the social imaginary, the presuppositions that often structure problem definitions and thus

⁶⁸ O espaço de representação é vivo: ele fala. Ele tem um cerne ou centro afetivo: Ego, cama, quarto, moradia, casa; ou: praça, igreja, cemitério. Ele engloba o local da paixão, da ação e das situações vividas, e, portanto, imediatamente implica em tempo. Conseqüentemente pode ser qualificado de várias maneiras: pode ser direcional, situacional ou relacional, porque é essencialmente qualitativo, fluido e dinâmico. (tradução nossa).

influence the sort of solutions that are thought of as being possible and achievable”⁶⁹. Como supracitamos, Lefebvre (1991) aponta que, devido a seu caráter simbólico, os espaços de representação tendem, portanto, a serem formados por um sistema mais ou menos coerente de sinais e símbolos não-verbais. Estes são as principais expressões dos discursos *do* espaço, muitas vezes subliminarmente, mas também de modo evidente e escancarado, a fim de se buscar uma vida plenamente vivida, de se atingir a figura do homem total.

Para Soja (1996), os espaços de representação equivalem ao que ele chamou de Terceiro Espaço, no qual as epistemologias do Primeiro e Segundo Espaços são contestadas, mas também reconstruídas. Por este terceiro termo de Lefebvre, Soja apresenta uma preferência implícita, que não é resultado necessariamente “from ontological privilege or priority but from that political choice that is so central to Lefebvre’s spatial imagination”⁷⁰ (SOJA, 1996, p. 68). Para abordar a espacialidade da pós-modernidade, esta escolha política (mas também teórica) é também a nossa.

2.3.3 Espacialidade pós-moderna

O fato de privilegiarmos os espaços de representação em nossa abordagem da espacialidade, além de uma escolha política, é uma escolha teórica baseada tanto em Maffesoli quanto em Lefebvre. Em Maffesoli, pois a dimensão do vivido na espacialidade *lefebvrina* se aproxima muito (com certas distinções) da teoria da socialidade *maffesoliana*. Em Lefebvre, porque além de, como analisou Soja (1996), deixar transparecer sua preferência pelos espaços de representação (mesmo dizendo ser as representações do espaço a instância dominante em qualquer sociedade), este autor, em sua teoria sobre as representações e sobre o espaço, tende a rumar a uma direção pós-moderna. Falamos, assim, em uma espacialidade pós-moderna.

Em *The Production of Space*, Lefebvre (1991) sugere uma periodização da espacialização baseada nas diferenças que o equilíbrio de forças entre as instâncias

⁶⁹ “O imaginário social, as pressuposições que freqüentemente estruturam definições de problema e, portanto, influenciam os tipos de soluções que são dados como sendo possíveis e alcançáveis. Este aspecto é reflexivo”. (tradução nossa).

⁷⁰ “De um privilégio ontológico, mas de tal escolha política, que é tão central à imaginação espacial de Lefebvre”. (tradução nossa).

da espacialidade (prática espacial, representações do espaço e espaços de representação) podem assumir. Estabelecer, datar e caracterizar espacializações historicamente específicas – de forma exagerada, segundo Shields (1999) – é uma das principais preocupações de Lefebvre em sua teoria espacial. Concordamos com a crítica quanto à postura periodizante de Lefebvre, que se dedica a discutir formas de espacializações em cada período histórico, ora se atendo muito ao passado ora deixando transparecer que o espaço social tem caráter homogêneo em determinado modo de produção. Entretanto, também como Shields, endossamos a possibilidade que Lefebvre abre, apesar de discutida de forma tímida, para uma espacialização do futuro, ou melhor, uma espacialização diferenciada da abstrata, da contraditória. Para Shields (1999), trata-se de uma espacialização de um mundo mais igualitário.

Este espaço, que se abre como possibilidade de um novo equilíbrio entre as três instâncias da espacialidade, é chamado por Lefebvre de espaço diferencial. Ele tem seu embrião no interior do espaço abstrato, que ao mesmo tempo em que dissolve as antigas relações, promove a criação de novas (LEFEBVRE, 1991). Apesar de seu caráter igualitário, propalado por Shields (1999), o espaço diferencial rompe com a tendência homogeneizante do espaço abstrato, acentuando a diversidade, as peculiaridades, bem como dá um novo nexo às relações espaciais.

I shall call that new space “differential space”, because, inasmuch as abstract space tends towards the elimination of existing differences and peculiarities, a new space cannot be born (produced) unless it accentuates differences. It will also restore unit to what abstract space breaks up – to the functions, elements and moments of social practice.⁷¹ (LEFEBVRE, 1991, p. 52).

Esta acentuação das diferenças não significa necessariamente uma distinção econômica ou de exercício de poder, mas, sobretudo, uma tendência à particularização e à humanização. Desta forma, o espaço diferencial se conforma como uma maneira de espacialização que preconiza a cooperação, a socialidade e a cumplicidade (SHIELDS, 1999), bem como a liberdade das pessoas e dos grupos. Ele facilita a mobilidade destes no espaço (não propriamente no sentido físico, mas no que se refere a constantes transições entre as dimensões do percebido, do concebido e do vivido, principalmente em direção a esta). A primazia das representações do espaço é

⁷¹ Chamarei este novo espaço de “espaço diferencial”, porque, visto que o espaço abstrato tende em direção à homogeneidade, em direção à eliminação das diferenças ou peculiaridades existentes, um novo espaço não pode nascer (ser produzido) a menos que ele acentue diferenças. Ele também restaura a unidade a qual o espaço abstrato rompe – às funções, elementos e momentos de prática social. (tradução nossa).

posta em cheque, visto que a tendência de se valorizar o conhecimento (racional, científico, técnico) e as ideologias é suplantada pela prevalência de um universo simbólico, dos espaços de representação. Contudo, isto não significa que as representações do espaço tendem a desaparecer ou mesmo perder seu impacto prático na espacialização diferencial. Continuam produzindo através de uma arquitetura espacial concebida “as a project embedded in a spatial context and a texture which call for ‘representations’ that will not vanish into the symbolic or imaginary realms”⁷². (LEFEBVRE, 1991, p. 42). Entretanto, estes produtos materiais de uma intervenção racional passam a ser mais constante e intensamente apropriados pela dimensão do vivido, se tornando o substrato das obras simbólicas dos espaços de representação. Esta apropriação resultará em territorialidades construídas por grupos sociais de estruturas identitárias diversificadas e de matriz afetiva, as tribos.

Deparamo-nos, portanto, com uma interessante possibilidade de aproximação teórica entre Maffesoli e Lefebvre, quando este fala sobre o espaço diferencial como rompimento com a modernidade (e sua vida cotidiana) alienante. O espaço diferencial comportaria uma porção de espaços de representação – de resistência e de demonstração de momentos de presença – que se manifestariam através de festivais (festas, celebrações, espetáculos) e erupções libidinosas (o que Maffesoli chama de orgiasmo, hedonismo). Shields (1999, p. 184), analisando a obra de Lefebvre, salienta a contribuição do autor ao pensamento pós-moderno e destaca as possibilidades que o espaço diferencial abre para o estudo das manifestações gregárias exacerbadas, eróticas, contraventoras, liberadoras, irracionais.

However, he does recognise the importance of the libidinal: these are also “counter-spaces” of festival, adventure, and the potential space of the carnivalesque inversions of the social order (the unleashing of libidinal intensities) and thus revolt (liminality) against the normative order (1991d: 54ff [1974a: 66ff]). The eruptions of the libidinal in rioting, looting, over-consumption and extreme forms of adventure are the mark of a differential space exploding through the repressive system of a contradictory spatialisation.⁷³

⁷² “Como um projeto contido em um contexto espacial e uma textura que clama por ‘representações’ que não se dissiparão nos reinos simbólicos ou imaginários”. (tradução nossa).

⁷³ Entretanto, ele reconhece a importância do libidinoso: estes são também os “contra-espacos” dos festivais, aventura e o espaço potencial para as inversões carnavalescas da ordem social (a liberação de intensidades libidinosas) e, portanto, revoltos [...] quanto à ordem normativa (1991d: 54ff [1974a: 66ff]). As erupções do libidinoso nos tumultos, pilhagens, consumo exacerbado e as formas de aventura extrema são a marca do espaço diferencial superando o sistema repressivo de uma espacialização contraditória. (tradução nossa).

O espaço diferencial, portanto, pode ser pensado como a forma típica da espacialidade da pós-modernidade. Esta espacialidade, no entanto, está inserida em um contexto maior: o da dialética da existência apresentada por Soja (1996), mas por nós redimensionada como a dialética da existência pós-moderna (FIGURA 5).



FIGURA 5 - DIALÉTICA DA EXISTÊNCIA PÓS-MODERNA

Fonte: O autor.

Na pós-modernidade, os espaços de representação se constituem na instância prevalente da espacialidade. Todavia, mesmo prevalecendo às representações do espaço em importância na produção espacial, a dimensão do vivido não pode ser apontada como a dominante, no sentido de que preserva sua essência de se esquivar da tentativa de dominação do reino do concebido. Os espaços de representação negam ou bagunçam as estruturas verticais de poder, mesmo quando há instituições envolvidas em sua construção. Por seu caráter “subterrâneo”, o espaço vivido – termo inclusive semelhante ao usado por Maffesoli (2004b, 2006) para demonstrar a organização horizontal que passa a tomar conta da vida social, a centralidade subterrânea – não pretende subjugar as representações do espaço (nem as práticas espaciais), mas acabam minando sua ordem ao penetrar nos interstícios deixados pela

crise da modernidade preconizada por Maffesoli (2001, 2004b, 2006). No que tange as práticas espaciais, os espaços de representação também penetram na vida cotidiana de modo a tornar sua experiência menos alienante, não apenas puncionada por momentos de presença, mas sim fundamentada na dimensão trágico-dionisíaca, no orgiasmo e na afetualidade. A expressão dos espaços de representação na dimensão do percebido são as representações sociais, que ao relacionar os universos reificado e consensual tornam a prática espacial pós-moderna coesiva e minimamente coerente.

No que se refere à socialidade⁷⁴ pós-moderna observa-se a emergência do paradigma *maffesoliano* (1998, 2001, 2004b, 2006) da socialidade, bem como a centralidade que as representações sociais assumem na organização da vida cotidiana pós-moderna. Isto, conforme já discutimos previamente, se dá a partir da crise da modernidade – calcada no tripé indivíduo-razão-história – e de seu paradigma social, no qual as relações eram essencialmente de poder e mediadas através de contratos. A organização social da pós-modernidade se baseia nas redes horizontais de circulação de potência (facilitadas pela prevalência de espaços de representação, bem como facilitadoras do desenvolvimento desta instância); pela redefinição das estruturas identitárias (a fusão do indivíduo na massa e nas tribos favorece as modulações de cooperação, cumplicidade e altruísmo próprias do espaço diferencial); pela montagem mitológica (que, através do sentimento trágico-dionisíaco, bem como do imaginário em geral, contribui sobremaneira para a elaboração dos discursos *do* espaço); pela razão sensível (que traz a afetualidade para o centro das relações de modo a fortalecer a dimensão do vivido em detrimento do concebido); e pelo localismo (que tem matriz fundamentalmente espacial, mas se configura numa forma peculiar de organização social, que se dá através da construção de territorialidades, a partir da apropriação dos elementos simbólicos dos espaços de representação). Todos estes elementos explicitados estão inseridos na vida cotidiana pós-moderna, que apesar de se basear na socialidade e se caracterizar pela proliferação de representações sociais, carrega consigo resquícios não desprezíveis do paradigma moderno do social.

O outro elemento da dialética da existência de Soja (1996) é a historicidade. Em nossa dialética da existência pós-moderna, renomearemos este elemento de temporalidade, pois o termo historicidade se reporta mais fortemente a um pensamento histórico (o que, em nosso pensamento pós-moderno seria incoerente) do que temporal, no sentido lato. Defendemos, ao contrário dos argumentos de Maffesoli,

⁷⁴ No sentido de condição de vida social, não na conotação *maffesoliana*.

o tempo como elemento complementar e inerentemente conectado ao espaço, mas, assim como este mesmo autor, acreditamos que o pensamento histórico perdeu sua centralidade na pós-modernidade. É em Maffesoli (2003, 2004b, 2005a) que encontraremos os fundamentos de um pensamento temporal que rompe com às modernas noções de projetos e de marcha histórica. A vida sem projeto, calcada na ética do instante, na busca do prazer aqui e agora, fortalece o presente na tríade temporal, de modo que podemos falar que a temporalidade pós-moderna se configura de forma presenteísta (esta valorização do presente está intimamente ligada ao pensamento/sentimento trágico-dionisíaco e aos momentos de presença, momentos plenamente vividos nos espaços de representação).

Apesar de falarmos em uma dialética da existência pós-moderna, não queremos, de forma alguma, apontar simplesmente a pós-modernidade como um período histórico, como um modo de produção peculiar, como Lefebvre (1991) fez ao historicizar o espaço social. A pós-modernidade emerge como um novo paradigma, não necessariamente com profundas redefinições no campo econômico, mas no que se refere à organização sócio-temporo-espacial (ou melhor, a pluralidade delas), a uma nova vida cotidiana, às estruturações identitárias, às idéias e, sobretudo, aos sentimentos (emoções, afetos, busca pelo prazer e tudo o que isto implica). Nosso foco na espacialidade já se justificaria por se tratar de um estudo geográfico, mas podemos afirmar que, na pós-modernidade, a prevalência dos espaços de representação é capaz de demonstrar uma profunda mudança qualitativa no que se refere à vida cotidiana, bem como à socialidade e à temporalidade em geral. Para Shields (1999, p. 162):

It is our legacy to create our own spatiality, and the ability and freedom to do so is the prime index of quality of social life. This indicator is quite separate from and more reliable than stylistic measures, which are cultural and historico-geographically specific.⁷⁵

Se podemos experienciar os momentos de presença, o plenamente vivido, apenas nos espaços de representação, isto significa que esta qualidade da vida social a que Shields se refere está ligada à capacidade de criação de espaços de representação. Entretanto, não apenas a criação de diversos espaços vividos basta para a proliferação dos momentos de presença e do orgasmo, mas também e,

⁷⁵ É o nosso legado criar nossa própria espacialidade e a habilidade e a liberdade para fazê-lo é o indicador básico da qualidade da vida social. Este indicador é separado de e mais confiável do que medidas estilísticas que são cultural e histórico-geograficamente específicas. (tradução nossa).

sobretudo, sua constante apropriação por pessoas e grupos, através de territorialidades. Assim, as territorialidades se constituem como a expressão dos espaços de representação, pois demonstram a riqueza dos universos simbólicos e imagéticos criados.

Neste contexto se insere o futebol, pois apesar de poder ser utilizado em alguns casos como instrumento de alienação ou criador de ausências, é inegável que ele é um dos principais produtores de momentos de presença, de orgasmo e do trágico. Assim, possui importante participação na constituição da espacialidade de nossa sociedade produzindo um espaço de representação próprio, o espaço de representação do futebol. É um espaço simbólico altamente articulado com as demais instâncias da espacialidade (representações do espaço e prática espacial), bem como outros universos simbólicos, capazes de produzir espaços de representação. No entanto, este espaço de representação do futebol pode ser apropriado, conforme veremos mais adiante, de diversas maneiras gerando não apenas diferentes territorialidades, mas também matizações que de maneira infinita variam entre os espaços de representação do futebol profissional e do futebol amador. Entretanto, para chegarmos a este ponto, precisamos antes realizar uma discussão mais geral acerca do futebol, cujo espaço de representação não pode ser atrelado apenas à pós-modernidade, mas que a partir de seu advento sofreram algumas redefinições importantes, sobretudo no que se refere ao futebol amador que não apenas hodiernamente reflete os valores pós-modernos, mas também anteviu e antecipou algumas de suas mais características manifestações.

3. O FENÔMENO FUTEBOLÍSTICO

Tentar explicar o futebol em todas suas dimensões seria uma incomensurável pretensão, já que este é um fenômeno extremamente complexo e que pode apresentar uma infinidade de apropriações. Ater-nos-emos em esboçar reflexões sobre algumas de suas dimensões: a esportiva, a sócio-cultural e a espacial. Estas não são, necessariamente, as mais importantes delas, mas são as fundamentais para sistematizarmos um estudo científico acerca do futebol amador sob um olhar geográfico. É preciso esclarecer que nenhuma destas dimensões se apresenta de maneira isolada. A separação delas é apenas uma proposta para uma discussão mais esquemática – que servirá para definirmos nosso objeto de estudo, o futebol amador –, mas esta divisão, em muitos casos não poderá ser feita com tanta clareza, o que ficará evidente ao longo do capítulo. Além disso, alguma das outras dimensões – como a política e a econômica – aparecerão recorrentemente nas discussões, pois permeiam as questões esportivas, sócio-culturais e espaciais.

Iniciaremos com uma discussão acerca de diferentes concepções do esporte moderno para então chegarmos a um debate esportivo pós-moderno, que tem como ponto de partida o caráter polissêmico do esporte (MARCHI JÚNIOR; AFONSO, 2007) e o lúdico (HUIZINGA, 2007; MAFFESOLI, 2003). Passamos a focar nossas formulações no futebol, tendo como base as matrizes futebolísticas de Damo (2007). A partir de então, estabelecemos algumas relações destas com a legislação esportiva brasileira, a fim de chegarmos à categoria “futebol amador”. Posteriormente, exploramos brevemente o futebol como fenômeno sócio-cultural, associando e contrapondo idéias de teóricos especialistas no assunto – como Giulianotti (2002), Franco Júnior (2007), DaMatta (2006) e Toledo (2000, 2002) – com as de Maffesoli. No terceiro item realizamos uma discussão mais focada na perspectiva geográfica através da proposta do conceito de espaço de representação do futebol – de matriz *lefebvriana* – e de suas modulações, que se constituem como variações de seus elementos, se aproximando mais ou do espaço de representação do futebol amador ou do espaço de representação do futebol profissional. Finalmente, demonstramos como as diferentes apropriações dos elementos do espaço de representação do futebol podem gerar diversas e complexas territorialidades, que possuem articulação com os territórios futebolísticos.

3.1 DIMENSÃO ESPORTIVA

O fato é que esse jogo britânico do “pé na bola” foi reinterpretado no Brasil como a arte da “bola no pé”, o que mudou tudo. (DAMATTA, 2006, p. 157).

Qualquer formulação sobre o futebol como esporte implica em uma discussão acerca do nosso entendimento de esporte. Partiremos do debate de algumas definições e propostas bastante difundidas nas ciências humanas: a das características do esporte moderno, de Guttmann (1978); a do lúdico, de Huizinga (2007); a dos processos civilizadores, de Elias (1993a, 1993b, 1994); a do campo esportivo, de Bourdieu (1983); bem como a visão marxista de Lefebvre (2008a). Nesta primeira parte, ao invés de procurar escolher a mais adequada, realizaremos uma apreciação crítica destas idéias a fim de podermos desenvolver um argumento acerca do esporte que seja coerente com teoria da espacialidade pós-moderna apresentada até então. Para tal lançaremos mão de outros autores, como Marchi Júnior e Afonso (2007), que versam sobre a polissemia do esporte (escolar, lazer, saúde/qualidade de vida, reabilitação, rendimento e profissional), bem como dos próprios Huizinga (2007), Maffesoli (2003) e Toledo (2000, 2002). Na terceira parte deste item focamos nossa discussão no futebol, apresentando as matrizes futebolísticas (escolar, bricolada, comunitária e espetacularizada) de Damo (2007) e as contrapondo com as categorias de desporto previstas na Lei nº 9.615 (BRASIL, 1998) – desporto educacional, de participação, de rendimento profissional e de rendimento não profissional –, a fim de propor uma categoria de análise, baseada em Tamburrini (2001): futebol amador.

3.1.1 Esporte moderno

Começamos com a perspectiva weberiana de Allen Guttmann (1978), altamente difundida nas discussões acerca do esporte na academia brasileira (mesmo que seja em parte como objeto de crítica) (PILATTI, 2002; GEBARA, 2002; BRACHT, 2002; BETTI, 2002, só para citar alguns). A partir de uma leitura dos tipos ideais, este autor apresenta sete características próprias e distintivas do esporte moderno:

- a) secularidade: ao tomar os gregos como antecessores do esporte moderno, considera que o rompimento com o caráter religioso (presente nas competições gregas) é uma característica distintiva do esporte moderno. Entretanto, a secularização já podia ser observada na própria Grécia e, de forma mais efetiva, nos esportes romanos. Outro ponto interessante é que Guttmann vê o rompimento da ligação entre o secular e o sagrado, o que o faz concluir que “o tempo do esporte não é mais um tempo ritual” (PILATTI, 2002, p. 67). Esta afirmação racionaliza sobremaneira o esporte moderno (o que, de certa forma, não é nenhuma incoerência) e esvazia boa parte de seus simbolismos;
- b) igualdade: a racionalização do esporte moderno permitiu que as competições fossem organizadas de acordo com o princípio de igualdade de oportunidades, ou seja, pela divisão dos esportes por idade ou gênero, por exemplo, a fim de criar (a sensação de) equivalência. Um ponto fundamental para tal foi a difusão de regras. Na leitura de Pilatti (2002), as regras eram formas de, através do amadorismo, afastar dos esportes classes menos favorecidas. Além disso, este autor identifica dois aspectos não apreendidos por Guttmann acerca das regras: que as elas acompanharam um processo mais amplo de civilidade (de acordo com Elias); e que elas modificaram seus objetivos de promotor de igualdade para se tornarem instrumentos de adequação do esporte como produto da indústria cultural. Apesar de este último argumento ter certa coerência, ele vai muito longe ao acreditar que o aspecto econômico não apenas se sobrepõe, mas arrasa as dimensões esportiva (lúdica) e sócio-cultural;
- c) especialização: que promoveu, ao contrário dos jogos medievais, a particularização dos esportes (modalidades definidas) e a divisão do trabalho nas práticas esportivas, além da acentuação da distinção entre espectadores e praticantes, criando a espetacularização. A questão da “divisão do trabalho” demonstra a força com a qual a lógica da produção adentrou o esporte moderno, o que hoje vem sendo redefinido. Para Pilatti (2002) foram as transformações promovidas pela especialização do esporte moderno (e do próprio trabalho na sociedade como um todo) que criaram o profissionalismo;
- d) racionalização: que está ligada à compreensão e a formulação de regras não por fundamentos religiosos, bem como ao entendimento de que o rendimento esportivo não é resultado de uma dádiva, mas de treinamentos. O foco nas performances é ao mesmo tempo resultado e resultante da racionalização da

preparação atlética. O que, para Guttman, leva a uma tendência inexorável de racionalização e de busca por performances em detrimento ao esporte como diversão;

- e) burocratização: que cria as condições para a difusão do esporte, bem como para sua administração racional, baseada nos modelos das instituições modernas. Entretanto, a tendência à centralização administrativa do esporte se demonstra saturada uma vez que, com a acentuação entre as diferenças de performances entre os profissionais e os atletas comuns (PILATTI, 2002), a prática do esporte institucionalizado fica cada vez mais distante de grande parte da população, que busca sua satisfação na prática informal ou em torneios organizados não pelos organismos oficiais de gestão do esporte;
- f) quantificação: assim como a busca de recordes, está ligada ao processo de mensuração das performances esportivas, que acompanhou uma tendência social mais ampla. Todavia, se os aspectos quantitativos podem ser capazes de explicar a difusão e o processo de espetacularização de alguns esportes, não o fazem em relação ao futebol, que apesar de, sobretudo em sua prática profissional, ser bastante influenciado pela quantificação, ainda tem seus aspectos qualitativos (drible, jogadas plásticas, etc.) bastante valorizados;
- g) recordes: a busca e comparação de recordes, possibilitadas pela institucionalização do esporte, são segundo Guttman (1978), o único elemento não presente absolutamente em outras formas esportivas (esportes primitivos, gregos, romanos e medievais).

Ao analisar o que Betti (2002) aponta como a “definição clássica [de esporte] da sociologia”, Marchi Júnior e Afonso (2007), identificam, no trecho grifado, grande influência em Guttman (sobretudo das duas últimas características apresentadas anteriormente).

Na definição clássica da sociologia, esporte é uma ação institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é *através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde*. (BETTI, 2002, *apud* MARCHI JÚNIOR; AFONSO, 2007, grifo nosso).

Além de em Guttman, também se pode observar fortes influências, nesta definição, em Parlebás e em Huizinga (MARCHI JÚNIOR; AFONSO, 2007). Este autor,

apesar de não se dedicar especificamente a discutir o esporte moderno, nos fornece interessantes contribuições para compreender o esporte em geral, sobretudo por se dedicar ao lúdico (e sua relação com a sociedade e cultura), aspecto negligenciado por Guttman (1978), que atribui ao esporte moderno uma racionalidade e burocratização exacerbadas, de modo que ele perde praticamente toda sua característica de jogo⁷⁶. Huizinga (2007, p. 21) aponta as características básicas do lúdico: “ordem, tensão, movimento, mudança, solenidade, ritmo, entusiasmo”.

Para discutirmos algumas destas qualidades do jogo, precisamos antes compreender a sua essência. O fundamento do jogo não é racional. Ele não se limita à vida humana, mas a transcende, sendo uma forma significativa. Portanto, encerra um sentido próprio ligado a existência de um elemento não material na essência do lúdico (HUIZINGA, 2007). Assim, o objetivo do esporte (mesmo que moderno) não pode ser apenas quantificado ou transformado em recorde. O êxito, característica do jogo, vem acompanhado do instinto de competição, de tentar superar o outro ou mesmo seus próprios limites não simplesmente para se aumentar o poder do vencedor, mas, sobretudo, pelo fato de poder ser festejado. Joga-se para ganhar. Ganha-se para celebrar. A busca da vitória faz parte do jogo, o que não faz é a obrigação de se vencer ou a prevalência do resultado sobre o processo da competição. Isto porque o jogo deve ser voluntário, prazeroso e nunca pode se configurar como uma tarefa (HUIZINGA, 2007). Assim, o prazer de jogar deve ser a motivação principal, mesmo que o resultado do processo tenha grande relevância. Ao vincular o jogo com o prazer e com as “horas de ócio”, Huizinga (2007) cria uma lacuna em sua teoria, pois ela deixa de cobrir o desporto profissional. No entanto, vale lembrar que a obra de Huizinga em questão é de 1938, época em que o profissionalismo no esporte ainda não havia se consolidado globalmente. Mesmo assim, suas formulações são valiosas para se pensar o esporte atualmente, já que nos fazem questionar acerca da presença da dimensão lúdica nele. Este questionamento demonstra que Guttman, ao se concentrar nos processos de racionalização, profissionalização, burocratização e espetacularização, deixa de lado, ao apresentar suas sete características, a dimensão lúdica do esporte – a sua própria essência. O esporte não existiria sem o jogo. Por mais que o esporte moderno tenha tentado se afastar desta dimensão de liberdade, de

⁷⁶ Conforme aponta Marchi Jr. (2001), Guttman (1978) faz uma distinção entre *play* (atividade lúdica), *game* (organização do jogo) e *sport* (competição com regras oficializadas). Entretanto, não compactuamos da idéia de que a atividade lúdica (ou o *play*) possa não estar presente nas competições oficiais (*sports*).

prazer, de voluntariedade, ele não se configuraria como esporte se pautasse-se apenas na lógica econômica, racional e midiática. Há uma tendência de revalorização da dimensão lúdica nos esportes atuais (podem ainda ser considerados modernos?) pela emergência da socialidade, que é acompanhada pelo sentimento trágico-lúdico (MAFFESOLI, 2003). Isto ocorre em decorrência de uma dinâmica mais ampla, a da emergência do paradigma da socialidade, que tem a mesma essência da dimensão lúdica: capacidade de excitação, intensidade do jogo, poder de fascinação e valorização da beleza (HUIZINGA, 2007).

O jogo também ocupa papel central na teoria de um dos autores mais influentes nos estudos esportivos, Norbert Elias. A contribuição deste autor se insere nas suas formulações acerca do processo civilizador, que se constitui na modificação constante na forma como os indivíduos que constituem uma figuração pensam, agem e sentem. Esta transformação nos costumes e hábitos dos indivíduos está ligada à individualização e às ações miméticas (ELIAS, 1993a, 1993b, 1994). O processo de civilização possui uma dimensão individual e uma social, que são intimamente relacionadas. A individualização pode ser entendida como “um processo que desencadeia autocontroles individuais autônomos, construídos com base na vida social e que permitem aos indivíduos viverem mais por si” (LUCENA, 2002, p. 117). Este processo de construção da estrutura da personalidade é fortemente influenciado pelos costumes e hábitos sociais. Assim, a liberdade de diferenciação das pessoas encontra seus limites no *habitus* social, relacionado aos modos de expressão da personalidade social (funções e papéis). As ações miméticas remetem a não apenas uma imitação (da vida real), mas a uma representação que estimula emoções específicas. Segundo Lucena (2002, p. 117), elas se configuram

como necessidades de sociedades altamente regulamentadas como a nossa, caracterizando-se como um reduto social em que o indivíduo, seja como jogador, seja como espectador, pode transpor o muro das emoções na busca da excitação nas atividades de lazer, mesmo que, podemos afirmar, de uma forma socialmente limitada e controlada.

O esporte tem caráter mimético, já que relaciona as emoções da vida real com aquelas próprias dele, de forma a produzir uma excitação, uma catarse em seus participantes – praticantes e espectadores (ELIAS & DUNNING, 1992). Além disso, o esporte moderno se insere no processo civilizador, pois contribui com o ordenamento da sociedade e com o controle dos hábitos. Ele cria tensões próprias, que contribuem

para aliviar as tensões da vida corrente e controlar a violência, além de criar possibilidades de excitação e de catarse de forma, ao mesmo tempo, liberadora e controlada. Ao se referir a Elias, Marchi Júnior (2001, p. 23) avalia sua contribuição.

Baseado no princípio de que as sociedades revelam meios compensatórios para aliviar as tensões do estresse provocado pelo constante esforço de autocontrolar suas emoções, especificamente a violência, Elias percebe no esporte moderno uma possibilidade de excitação e resposta a esse tipo de situação. O esporte responderia de maneira catártica e controlada à emoção mimética das relações, riscos e tensões do cotidiano, tentando aproximar o máximo possível o nível dessas emoções à condição de excitação libertadora controlada. Esse mimetismo das atividades esportivas inscreve-se em seus estudos, sendo possível identificar o patamar de civilidade que determinadas sociedades humanas apresentam.

As formulações de Elias nos são interessantes para compreender a gênese do esporte, bem como o papel social que ocupava e, com algumas alterações, continua ocupando. O aspecto mimético do esporte se constitui em sua maior contribuição, pois foge de uma visão de que o esporte é um simples reflexo da vida (e da sociedade), sendo também um produtor de emoções (e de relações) próprias. Estas emoções promovem uma satisfação, que mesmo breve é bastante significativa na vida dos indivíduos, que atingem “um clímax catártico no qual todos os medos e ansiedades são temporariamente resolvidos, deixando as pessoas, por um curto espaço de tempo, com aquele gostinho de satisfação” (DUNNING, 2003, p. 25). Para Dunning, o conceito de mimese – utilizado por ele e Elias – permite apreender as manifestações em que sentimentos fortes, relacionados à excitação, se manifestam publicamente sem nenhum tipo de condenação. Em outras palavras, estes mesmos sentimentos em outros contextos sociais – que não do lazer e do esporte, sobretudo – não poderiam ser expressos com aprovação social. Entretanto, o grande peso dado aos conceitos de poder e interdependência faz com que sua teoria não se adéque à nossa visão de pós-modernidade.

Outro autor que apresenta grande contribuição para o desenvolvimento de uma abordagem esportiva pelas ciências sociais é Bourdieu (1983). Assim como Elias, a contribuição deste autor acerca do esporte moderno se insere em um quadro teórico mais amplo, que tem como um dos principais objetivos desvendar e discutir os mecanismos de reprodução social e de dominação oculta (MARCHI JÚNIOR, 2002). Precisamos compreender minimamente a teoria dos campos para podermos discutir o campo esportivo. Para Bourdieu (1983, p. 89) os campos se constituem como “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das

posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)”. No interior do campo deve haver objetos de disputas, bem como pessoas a disputarem o jogo destes objetos. Para tal elas necessitam assimilar as regras do jogo. Precisam, segundo Bourdieu (1983, p. 94), de *habitus*, um:

sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim.

O campo se estrutura pela relação de força entre os agentes e instituições que realizam a disputa dos objetos em seu interior. Relação esta intimamente ligada à distribuição de capital específico acumulado em cada campo. Este capital específico, adquirido nas diversas relações do campo, vale apenas no interior de determinado campo de modo que para ser convertido em outro tipo de capital precisa estar sujeito a uma série de condições (BOURDIEU, 1983). Assim, o capital específico se torna uma “moeda de troca” apenas no campo onde foi adquirido, pois ele pressupõe o reconhecimento de seu valor pelos seus pares, que precisam compartilhar de um *habitus*. Outra propriedade dos campos, apresentada por Bourdieu (1983, p. 1991) é a “cumplicidade objetiva subjacente a todos os antagonismos”, ou seja, as pessoas que fazem parte do mesmo campo possuem interesses em comum, o que lhes tornam, apesar dos antagonismos, todas comprometidas com a perpetuação das disputas, ou seja, da existência do próprio campo.

O campo esportivo possui grande relação com os demais (econômico, político, etc.), pois os campos compartilham de características gerais, apesar de terem peculiaridades, que somente são apreendidas pelos iniciados neste campo específico. Sendo assim, Bourdieu (1983) afirma que os fenômenos esportivos não podem ser compreendidos simplesmente a partir das relações econômicas ou sociais, pois constituem um campo no qual há disputas próprias, bem como um capital específico (o capital esportivo), que circula em seu interior. Concordamos com as idéias de Bourdieu acerca de que o esporte não pode ser apreendido se não de seu interior, ou seja, que apesar de fazer parte da sociedade ele possui uma dinâmica e regras próprias. Identificamos na noção de capital específico sua maior contribuição para o estudo esportivo, pois não condiciona simplesmente o que é valorizado nos esportes (capital esportivo e, especificamente, no caso do futebol, capital futebolístico) à lógica

econômica, apesar de sua teoria considerar que é possível se converter o capital esportivo em capital econômico, conforme demonstrado por Damo (2007) ao analisar a formação de futebolistas.

Ao falar na constituição de uma história do esporte, Bourdieu (1983) discute a criação do campo esportivo, que está ligado a um processo de racionalização (que, de certa forma, se aproxima com as idéias de Guttman e Elias); de constituição de um corpo de regulamentos e regras (que se tornariam universais); e de formação de um corpo de dirigentes. Isto tudo associado com a conformação de instituições (sobretudo as escolas da elite) e de um corpo de praticantes pautados pelos ideais amadores. Entretanto, com o advento do profissionalismo, surgiram disputas no campo esportivo que levaram a constituição do esporte-espetáculo e do esporte como consumo das massas. Começam aí nossas ressalvas quanto ao entendimento do autor da dinâmica interna do campo esportivo. Bourdieu (1983, p. 153) trabalha com uma idéia de esporte moderno pautado em uma relação de oferta (de práticas e consumos esportivos) e demanda (de expectativas, interesses e valores).

Para concluir, mencionarei apenas que o princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na relação entre as transformações da oferta e as transformações da demanda: as transformações da oferta (invenção ou importação de esportes ou de equipamentos novos, reinterpretação dos esportes ou jogos antigos, etc.) são engendradas nas lutas de concorrência pela imposição da prática esportiva legítima e pela conquista da clientela dos praticantes comuns (proselitismo esportivo), lutas entre diferentes esportes e, no interior de cada esporte, entre as diferentes escolas ou tradições (por exemplo, esqui de pista, fora da pista, de fundo, etc.), lutas entre as diferentes categorias de agentes engajados nesta concorrência (esportistas de alto nível, treinadores, professores de ginástica, fabricantes de equipamentos, etc.); as transformações da demanda são uma dimensão da transformação dos estilos de vida e obedecem, portanto, às leis gerais desta transformação. A correspondência que se observa entre as duas séries de transformações se deve, sem dúvida, neste e noutros casos, ao fato de que o espaço dos produtores (isto é, o campo dos agentes e das instituições que contribuem para a transformação da oferta) tende a reproduzir, em suas divisões, o espaço dos consumidores.

Enfocando o esporte profissional e o esporte-espetáculo em suas análises, Bourdieu promove, então, dentro do campo esportivo uma divisão exacerbada entre os produtores e os consumidores, visão que apesar não cair um simples economicismo, privilegia as práticas esportivas e suas variáveis que estão inseridas em uma lógica de mercado. Isto pode ser observado na centralidade que o autor atribui à televisão e aos aparelhos ideológicos no que se refere à separação entre os praticantes e os espectadores, entre os amadores e os profissionais, entre os consumidores e os produtores. Ao analisar a visão de esporte de Bourdieu, Marchi Junior (2001, p. 25)

aponta que o esporte "é tido como um produto que respeita e reflete as estratégias mercadológicas que a sociedade moderna define por conta das inúmeras formas de intervenção e inserção social". Falando sobre a discussão do desenvolvimento das modalidades esportivas de acordo com Bourdieu, o autor continua: "temos que tê-las [as modalidades esportivas] inseridas no processo de mercantilização, o qual determina as estruturas constituintes da sociedade e as relações que são estabelecidas no interior dos campos". Esta visão mercadológica dá conta de explicar apenas uma parte da complexidade dos esportes, pois esvazia a dimensão do lúdico, da prática amadora pautada no prazer de praticar ou mesmo de competir, bem como que não tem como seu principal interesse os resultados e os lucros econômicos, mas sim os sociais. Assim, a teoria de Bourdieu pode nos oferecer interessantes elementos, como os capitais simbólicos de cada campo, mas possui limitações em relação ao tratamento do esporte inserido na dialética da existência pós-moderna.

Outra perspectiva que gostaríamos de comentar, apesar de este não ter se dedicado especificamente ao estudo dos esportes, é a de Lefebvre. Sob sua influência marxista, o autor – que apesar de nos embasar acerca da vida cotidiana e da espacialidade não nos fornece base sólida para uma discussão esportiva – apresenta, no primeiro volume de *Critique of everyday life* uma breve porém interessante(mente curiosa) discussão acerca do esporte:

Sport has developed by presenting itself as the culture of the body, of individual energy and team spirit: as a school for health. What have these lofty ambitions achieved? A vast social organization (commercialized or not) and a great and often magnificently spectacular *mise en scène* devoted to competitiveness. The vocabulary is not without its humour. People who go to the races and bet on their favorite horse are known officially as "sportsmen". Every football club has its "supporters" and a supporter can be someone who has never kicked a ball in his life. He goes to the match on his car, or by bus or the metro. He participates in the action and plays sports via an intermediary. He quivers with enthusiasm, he fidgets frenetically, but he never moves from his seat. A curious kind of "alienation". Sport is an activity which is apparently incompatible with illusion, and yet in fact it confronts us with a reverse image, a compensation for everyday life.⁷⁷ (LEFEBVRE, 2008a, p. 36).

⁷⁷ O esporte tem sido desenvolvido apresentando-se como a cultura do corpo, de energia individual e espírito de equipe: como uma escola para saúde. O que têm estas ambições elevadas alcançado? Uma vasta organização social (comercializada ou não) e uma grandiosa e frequentemente espetacular *mise en scène* devotada à competitividade. O vocabulário traz consigo o seu humor. Pessoas que vão para as corridas e apostam em seus cavalos favoritos são oficialmente conhecidas como "sportsmen". Todo clube de futebol tem os seus "supporters" e um torcedor [*supporter*] pode ser alguém que nunca chutou uma bola na sua vida. Ele vai para a partida em seu carro ou de ônibus ou de metrô. Ele participa da ação e joga um esporte através de um intermediário. Ele treme de entusiasmo, ele se remexe freneticamente, mas ele nunca se move de seu assento. Um tipo curioso de "alienação". O esporte é uma atividade que é aparente incompatível com ilusão, e ainda ele nos confronta com uma imagem reversa, uma compensação pela vida cotidiana. (tradução nossa).

Escrito em 1947, este trecho demonstra uma visão do esporte como criador de uma organização social própria, mas inserida na lógica da alienação da vida cotidiana. A análise *lefebvriana* é superficial e não pode fundamentar qualquer estudo acerca do tema, mas demonstra que a divisão entre praticantes e espectadores não é um simples produto da televisão nem mesmo da criação da noção de esporte-espetáculo, altamente mercantilizado.

A partir das discussões, acerca do esporte moderno, dos autores apresentados, procuraremos avançar em direção a uma perspectiva de esporte que contemple não apenas as características básicas do paradigma social, mas também, e principalmente, seja capaz de abarcar as representações sociais e os valores da socialidade.

3.1.2 Por um debate esportivo pós-moderno

A fim de desenvolver uma leitura do esporte que esteja em consonância com nossas formulações acerca da pós-modernidade, bem como da vida cotidiana e da espacialidade pós-modernas, partiremos da visão de Marchi Júnior, que apesar de sua influência em Bourdieu – observada em sua definição de esporte como “uma atividade física em constante desenvolvimento, construída e determinada conforme uma perspectiva sociocultural, e em franco processo de profissionalização, mercantilização e espetacularização” (MARCHI JÚNIOR, 2001, p. 05) – avança em direção a uma discussão de esporte em uma perspectiva mais completa. Este autor apresenta o esporte como fenômeno polissêmico, dotado de múltiplos significados, sentidos e contextos (MARCHI JÚNIOR; AFONSO, 2007). Ele pode se manifestar de seis formas diferentes – separadas apenas para realizar uma esquematização, já que há uma constante interatividade entre estas modulações do esporte. Estas manifestações, conforme detalharemos adiante, se diferenciam de acordo com suas finalidades e base territorial/territorialidades (os autores utilizam o termo “espaço”, que em nossa leitura é entendido como algo mais amplo). Segundo Marchi Júnior e Afonso (2007), o esporte pode se expressar como:

- a) escolar – sua finalidade é educacional. É praticado no interior das escolas e em competições organizadas e/ou legitimadas por instituições de ensino;
- b) lazer – sem finalidade específica além do divertimento e do prazer. Pode ser praticado em diferentes bases territoriais, pois pode ter suas regras adaptadas conforme as condições;
- c) saúde/qualidade de vida – prática realizada em clínicas, academias, etc., com finalidade de melhoria na saúde ou na qualidade de vida. Entretanto, Marchi Júnior e Afonso (2007) advertem quanto aos perigos da simples associação entre esporte e saúde (vide as lesões causadas pela prática intensa), bem como a uma visão demasiadamente individualista sobre a qualidade de vida;
- d) reabilitação – com finalidade de reabilitação física, psíquica ou social, tem suas modalidades, intensidade e bases territoriais restringidas pelas orientações de especialistas (médicos, fisioterapeutas, etc.);
- e) rendimento/performance – o desempenho é exigido em qualquer manifestação esportiva, sendo que o que varia é seu nível de exigência. De acordo com isto, variam também as bases territoriais, bem como a natureza das competições (faixa etária, escala, etc.);
- f) profissional – envolve cifras – remuneração (mesmo que não prevista em contratos), investimentos, patrocínios – e espetáculos – marketing, mídia, desempenho.

Nossa leitura das formulações de Marchi Júnior e Afonso (2007) resultou em um esquema que demonstra a polissemia do esporte (FIGURA 6). Não se pode interpretar a figura como uma simples evolução do esporte escolar em direção ao profissional. Apesar disto, há, ao mesmo tempo, uma tendência de afastamento entre estas duas manifestações e uma forte interdependência, pois é no esporte escolar que se inicia o processo de formação de um atleta profissional (ou mesmo de um espectador), bem como se estimula o gosto pelo esporte. Portanto, mesmo que geralmente a manifestação do esporte escolar não se dê simultaneamente ao do profissional, não há como dissociar um do outro. O mesmo ocorre em relação às outras modulações. Dentre elas destacamos o lazer, que tem sua matriz no lúdico e que apesar da aparência desinteressada de sua prática, pode se associar com todas as outras manifestações inclusive no que se refere ao esporte de rendimento e ao profissional. Sob o ponto de vista do rendimento, o esporte de lazer não se enquadra em uma

lógica de mercantilização ou de espetacularização, mas sim de uma busca pela vitória que leva a um prazer ou ao reconhecimento do grupo social (tribo ou massa) no qual o vencedor (pessoa ou equipe) está inserido. Assim, a performance não precisa se converter em um produto de consumo de massa, mas uma forma de satisfação, de hedonismo, de orgiasmo. O aparente antagonismo entre o esporte como lazer e como profissão não impede de vermos manifestações de um no outro. No esporte de lazer pode haver uma tendência de espetacularização (não no sentido que será transmitido pela televisão ou que terá grande repercussão global, mas que será extremamente valorizado e despertará o interesse na comunidade onde está inserido). Esta tendência pode levar à remuneração (pecuniária e/ou simbólica) daqueles praticantes envolvidos. Da mesma forma, o ethos lúdico do lazer pode se manifestar no esporte profissional, no caso de esportistas que praticam suas modalidades mais por prazer do que pela remuneração oferecida. Por mais profissionalizado que o esporte se encontre, a dimensão do lazer estará sempre presente não somente no que diz respeito aos espectadores, mas também aos praticantes, que pautam algumas (ou muitas) de suas decisões profissionais na busca pelo prazer.

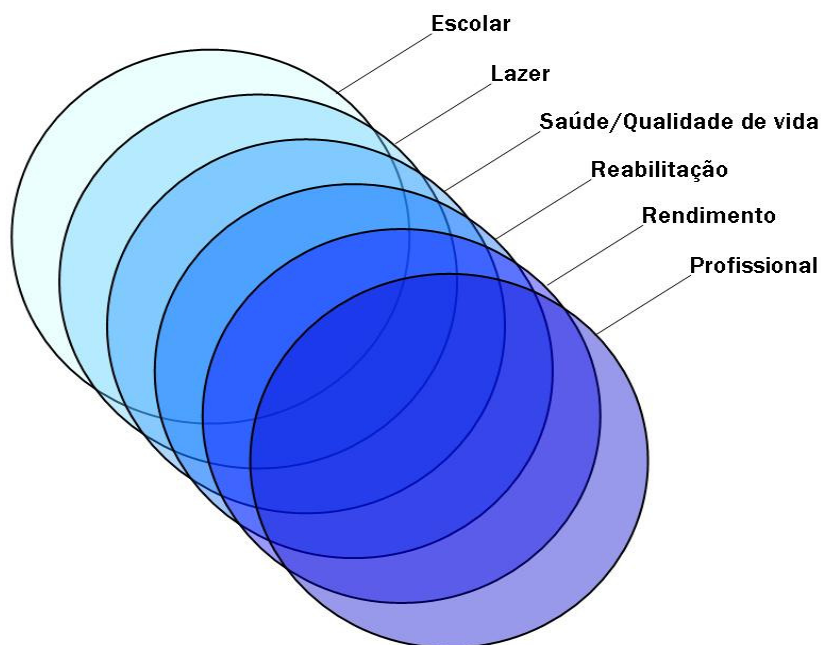


FIGURA 6 - MANIFESTAÇÕES DO ESPORTE

Fonte: O autor, baseado em MARCHI JÚNIOR; AFONSO (2007).

Outro aspecto que a visão polissêmica do esporte encerra é a do que chamaremos de territórios futebolísticos (ou esportivos, em sentido geral). O termo se refere fundamentalmente a uma dimensão material (campos, estádios, parques, etc.),

sendo diferente das territorialidades, que têm caráter simbólico (mas que normalmente se apropriam de territórios já estabelecidos). Este aspecto se aproxima muito do que Huizinga (2007) chamou de característica de isolamento e limitação do jogo, que se refere aos limites de tempo e espaço próprios da prática lúdica. O autor destaca a limitação territorial (espacial) como criadora de um mundo temporário e especial.

A limitação no espaço é ainda mais flagrante do que a limitação no tempo. Todo jogo se processa e existe no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea. Tal como não há diferença formal entre o jogo e o culto, do mesmo modo o “lugar sagrado” não pode ser formalmente distinguido do terreno de jogo. A arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal etc., têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial. (HUIZINGA, 2007, p. 13).

As diferentes manifestações do esporte produzem diferentes territórios e territorialidades. A rigidez de suas limitações é mais evidente no que se refere à prática profissional, enquanto à ligada ao lazer possui territórios mais fluidos e menos perceptíveis aos não-praticantes. Temos, portanto, além do caráter polissêmico do esporte outra característica que fundamenta nossa visão, que ao mesmo tempo em que está inserida na noção de polissemia nos é relevante analisar separadamente: uma específica base territorial – que pode se converter em uma diversidade de territorialidades, de acordo com a tribo que lhe aproprie.

Estas tribos, inseridas em uma massa, são outro elemento de fundamental importância para nossa visão de esporte. Isto porque ele se constitui em uma atividade física de caráter grupal – pois mesmo que seja praticado por uma só pessoa tem que ser legitimado por outras. Esta legitimação pode ser institucional ou pode se dar simplesmente na vida cotidiana. Para ela ocorrer, pressupõe-se a criação de estruturas identitárias próprias entre os praticantes e, posteriormente, entre os espectadores. Sob o ponto de vista pós-moderno, esta identificação produz tribos específicas, que fazem do esporte – manifestação de caráter lúdico – um meio para a busca do prazer. Entretanto, para a consolidação desta tribo é necessária certa constância nesta prática esportiva de modo a se consolidar como atividade que estimule a pulsão gregária.

Para que esta constância seja assegurada é fundamental que a prática esportiva seja acompanhada de regras – institucionalizadas ou adequadas de acordo

com seus praticantes. Ao contrário do que possa parecer, as regras contribuem para a pululação de momentos de presença, uma vez que propiciam a criação de universos simbólicos – que podem se converter em espaços de representação. Este aspecto das regras foi exprimido por Huizinga (2007), que apesar de falar em um isolamento do jogo e da vida cotidiana (onde vemos apenas uma separação ritual, mas que carrega elementos desta vida cotidiana) apresenta interessante contribuição: “É-lhe reservado [ao jogo], quer material ou idealmente, um espaço fechado, isolado do ambiente quotidiano, e é dentro desse espaço que o jogo se processa e que suas regras têm validade.”. (HUIZINGA, 2007, p. 23). Mais do que tolher os praticantes de possibilidades, as regras promovem um compartilhamento do entendimento do jogo, o que permite sua perpetuação, bem como evoluções. Estas evoluções podem se dar na primeira natureza, bem como nas segunda e terceira naturezas do esporte, conforme a análise de Toledo acerca do futebol (2000, 2002). Estas naturezas são também características importantes do esporte. A primeira natureza se refere às regras propriamente ditas, que possibilitam uma inteligibilidade mínima do jogo pelos participantes. A primeira natureza busca a padronização, bem como instrui minimamente os praticantes como atuar e os espectadores acerca das possibilidades do esporte. Entretanto, as regras não são capazes de determinar as formas de jogar, já que estas são adaptações às possibilidades que aquelas oferecem. Estas formas de jogar (os esquemas táticos, por exemplo) constituem a segunda natureza. Tais naturezas estão justapostas a uma terceira, que se refere às interpretações do esporte em cada cultura; aos jeitos, escolas e estilos de jogar; às representações geradas, sobretudo no senso comum (TOLEDO, 2000, 2002). No caso do futebol, o autor diz ser a terceira natureza presente de maneira mais efetiva, já que este esporte possibilita uma diversidade de apropriações.

Outro atributo do esporte é o seu fundamento lúdico, conforme já comentado no item anterior. Esta embasamento lúdico não se restringe ao esporte na pós-modernidade, mas suas manifestações se intensificam, pois encontram consonância com o paradigma da socialidade. Ater-nos-emos, portanto, em algumas das características do jogo apontadas por Huizinga (2007) e que ainda não comentamos. A primeira delas é que o jogo é livre, a qual vem acompanhada de outra característica, a de que o jogo não é a vida corrente, ou seja, ele representa um intervalo na vida real, já que tem uma dinâmica própria e livre. A segunda delas é que possui uma ordem específica e absoluta, ou seja, “ele cria ordem e é ordem” (HUIZINGA, 2007, p. 13).

Desta forma, cria uma dinâmica própria, que propicia a presença e o gozo em detrimento da ordem de uma vida alienada, de uma vida com projetos. Esta dinâmica, segundo Maffesoli (2003, p. 78), penetra toda a vida de modo a criar uma lógica lúdica: “o jogo do mundo, ou o mundo como jogo”. Se a vida cotidiana pós-moderna se baseia na socialidade, não podemos ignorar sua dimensão lúdica, muito menos a centralidade que o jogo ocupa nos esportes. Tanto no lúdico *maffesoliano* quanto no jogo de Huizinga, a competição é desprovida de objetivo que não seja o prazer de competir. Em contraste está a frenética busca por resultados que pauta não apenas o que se chama de esporte moderno, mas também o próprio ideal moderno. O resultado não sumiu do esporte na pós-modernidade, tendo ainda, inclusive, grande importância, mas não se pode colocá-lo em um plano superior ao do lúdico, sobretudo quando se trata o esporte como um fenômeno polissêmico. No que se refere ao esporte profissional, logicamente que a remuneração faz com que ele se afaste mais da dimensão lúdica e se aproxime da busca por resultados (já que isto, geralmente, está atrelado à própria remuneração). Entretanto, a remuneração é apenas uma das formas de gratificação que existem no esporte. Esta gratificação pode se dar pelo prazer, pela reabilitação, pelo prestígio social (o que não está necessariamente atrelado ao prestígio econômico), entre outras formas.

Enumeramos e discutimos algumas características que para nós são fundamentais para se caminhar a uma visão mais ampla do esporte, que contemple suas características modernas, mas que não seja um fenômeno condicionado à lógica econômica. O esporte na pós-modernidade ou esporte pós-moderno (se é que é possível falar nisso) se caracteriza por conciliar algumas características do chamado esporte moderno com àquelas valorizadas no paradigma da socialidade, tais como o lúdico e busca pelo prazer. Todavia, o esporte não se esgota apenas em sua dimensão esportiva, pois recebe influências e tem implicações culturais, sociais, econômicas, políticas, históricas, geográficas, etc.

3.1.3 Futebol profissional e futebol amador

Depois de discutir o esporte em geral, mas sempre com as vistas voltadas ao futebol, nos dedicaremos a uma reflexão específica acerca do futebol, que nos levará

a uma diferenciação preliminar – pois nos ateremos à dimensão esportiva – entre futebol profissional e amador. Começaremos nossa discussão apresentando a “unidade futebolística” de Damo (2007). Esta é uma estrutura a partir da qual as práticas futebolísticas são socialmente reconhecidas. A unidade futebolística se caracteriza pela existência de quatro princípios (de coletividade, do conflito, da evitação e das regras):

a) duas equipes (princípio de coletividade); b) perseguindo objetivos idênticos, porém assimétricos (princípio do conflito); c) sendo a disputa mediada por um objeto (princípio da evitação, mas não da interdição do corpo a corpo); d) um conjunto de regras (circunscrevendo o espaço, o tempo e o ilícito, dentre o qual se destaca o uso das mãos, salvo exceções, sendo esta uma modalidade de marca diacrítica em relação a outros esportes). (DAMO, 2007, p. 39-40).

A partir desta unidade futebolística, o autor identifica quatro matrizes com características próprias quanto à organização e significações do futebol: bricolada; espetacularizada; comunitária; e escolar.

A matriz bricolada se refere às práticas futebolísticas que admitem grandes variações e adaptações das regras. Por não seguir as normas e regras oficiais do futebol institucionalizado, tem caráter livre e informal, entretanto não incompleto. O futebol bricolado se caracteriza por sua adaptabilidade: do número de jogadores, no campo no qual é praticado, nos materiais utilizados, etc. Ele se configura “como oposto ao futebol de espetáculo, como sugere a noção de bricolagem: joga-se com o que se dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais”. (DAMO, 2007, p. 40). Conhecido popularmente com o nome de *pelada*, o futebol bricolado não necessita de muitos recursos para se efetivar. Em geral, a partida é arbitrada pelos próprios jogadores e normalmente não há espectadores. Além disto, há um *ethos* próprio nas peladas, em que são valorizados os valores masculinos, o que Damo (2007) chama de dramatização de gênero. Muitas vezes a partida se torna apenas o pretexto para a reunião e para a sociabilidade, que se dá também após os jogos, comumente em mesas de bar. A pelada e a sua suposta precariedade de suas condições de prática (por se desenrolar em territórios não propriamente preparados para a prática futebolística, apesar de poder ocorrer peladas em campos oficiais) são elementos altamente valorizados na cultura brasileira, pois é delas – segundo muitos profissionais, especialistas e torcedores – da qual se deriva a terceira natureza do futebol (TOLEDO, 2000, 2002), ou seja, o jeito brasileiro de jogar: “Há quem acredite que o futebol-arte ou o estilo brasileiro de jogar, exibido por muitos profissionais que

atuam nos principais mercados futebolísticos, seja produto da socialização primária em configurações de bricolagem”. (DAMO, 2007, p. 41-42).

A matriz espetacularizada do futebol, que se enquadra nas características do esporte moderno, conforme já discutimos, pode ser apontada como a forma dominante de prática e de veiculação midiática no Brasil e no mundo. Este caráter dominante poderia nos levar à conclusão de que ela estabelece os referenciais da matriz bricolada e das demais, mas isto ocorre apenas em parte. Indubitavelmente a penetração dos referenciais do futebol espetáculo nas demais matrizes é muito grande, pois é a partir dela que se formam os ídolos, se popularizam os movimentos, bem como se estabelece uma das mais importantes estruturações identitárias do futebol, a identidade clubística. Por outro lado, grande parte dos jogadores da matriz espetacularizada passou previamente pelo futebol bricolado, foram formados nos campos de pelada e levaram para o futebol profissional os referenciais tanto da prática quanto do *ethos* da bricolagem. O mesmo pode ser dito dos espectadores, sobretudo aqueles que praticam o futebol, pois geralmente o fazem de forma bricolada. A fim de diferenciar a matriz espetacularizada, destacaremos, portanto, três particularidades apontadas por Damo (2007). A primeira delas é a institucionalização do futebol espetacularizado, fundamentada no monopólio da Fifa e suas agências, às quais está subordinada uma hierarquia que vai desde as associações continentais às federações estaduais (no caso brasileiro). Esta centralização permitiu que o futebol espetacularizado se tornasse um fenômeno global. A segunda característica é a elaborada divisão social do trabalho, tanto dentro de campo (posições, funções táticas, batedores de falta, etc.) quanto fora dele (as diversas especialidades de uma comissão técnica: treinador, preparador físico, fisioterapeuta, nutricionista, entre outros). A terceira característica é o nível de exigência do desempenho dos praticantes, ou seja, um foco nos resultados conquistados dentro (vitórias, campeonatos, etc.) e fora do campo (retorno de mídia, contratos de patrocínio, etc.). O futebol espetacularizado, como seu nome já evidencia, transcende tanto sua dimensão esportiva quanto as demais (cultural, social, política, etc., que as outras matriz também apresentam) e se torna um produto de consumo das massas (e tribos).

A matriz comunitária, segundo Damo (2007), é uma das modulações do futebol que se encontra entre as matrizes bricolada e espetacularizada. Isto porque o futebol comunitário ocorre “em espaços mais padronizados do que a da bricolagem, mas sem a ortodoxia do sistema Fifa-IB” (DAMO, 2007, p. 45). Apesar de ter caráter lúdico –

uma vez que não é uma prática profissional, mas de lazer – o futebol comunitário reúne os elementos do futebol espetáculo, mas de maneira menos intensa. Conhecido popularmente como “futebol de várzea”, ele permite certos improvisos, mas muitas vezes é organizado por instituições vinculadas à hierarquia monopolista do futebol espetacularizado, tais como as federações. Todavia, pode ser promovido também por instituições privadas, o que permite maior flexibilização das regras e normas. A divisão de trabalho dentro e fora de campo não é nula, mas mais maleável. Apesar de ter grande apelo popular – sobretudo entre os moradores da comunidade (cidade, bairro, etc.) em que é disputado o campeonato – as competições de futebol comunitário não são valorizados pela grande mídia, que se reporta a ele apenas para mostrar o seu lado curioso ou pitoresco, suas confusões, improvisos, etc. (DAMO, 2007).

A matriz escolar se refere ao futebol praticado nas escolas e instituições de ensino, sob a legitimação dos programas de educação física. Portanto, não abarca, necessariamente, as brincadeiras nos recreios. Conforme adverte Damo (2007), na classificação de Tubino (1992), que serviu como base para a Lei nº 9.615⁷⁸ – Lei de Diretrizes e Bases do Desporto (BRASIL, 1998) –, é utilizado o termo “desporto educacional”, o que acaba sendo uma inadequação já que o caráter educativo pode estar presente em qualquer forma de esporte, não apenas naquele praticado nos colégios. Segundo a Lei nº 9.615, o desporto educacional é uma das três manifestações esportivas formais, conforme previsto no Artigo 3º:

I – desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assimétricas de educação, evitando-se a seletividade, a hiper-competitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer; (BRASIL, 1998).

As outras duas manifestações esportivas formais previstas na lei são o desporto de participação e o de rendimento. O desporto de participação abarca tanto a algumas manifestações da matriz bricolada quanto da comunitária, pois traz elementos de ambas, apesar de se aproximar desta. Segundo o Artigo 3º da Lei nº 9.615:

⁷⁸ A Lei 9.615 data de 24 de março de 1998, tendo recebido o nome de “Lei Pelé” em homenagem a um de seus principais idealizadores, Edson Arantes do Nascimento, então Ministro do Esporte, no primeiro mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Esta lei – que regulamenta o desporto brasileiro e que tinha como objetivo específico adequar a estrutura do esporte profissional brasileiro à realidade mundial e aproximar a atividade esportiva profissional às normas gerais da legislação trabalhista – teve seu texto atualizado em 24 de julho de 2001. Sua última versão é de 14 de julho de 2000, tendo sido alterada várias vezes por medidas provisórias.

II – desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação, e na preservação do meio ambiente; (BRASIL, 1998).

O desporto de participação tem caráter voluntário e não profissional e as suas finalidades não se referem ao desempenho, ao resultado, mas à integração, à saúde, à educação. Deste modo, admite quase todas as manifestações do esporte polissêmico, conforme apresentamos (MARCHI JÚNIOR; AFONSO, 2007). No que se refere ao futebol, pode admitir uma diversidade de manifestações, desde as peladas minimamente organizadas até alguns campeonatos de várzea. Entretanto, esta categoria legal não consegue compreender toda a complexidade nem da matriz bricolada – pois deixa de fora a prática informal das peladas que não obedecem as regras padrão do futebol – nem da matriz comunitária – por deixar de fora as práticas futebolísticas não remuneradas, mas organizadas pelas federações estaduais e que têm como objetivo a performance. No caso das peladas, a lei as contempla com o que chama de “prática desportiva não-formal”, sendo “caracterizada pela liberdade lúdica de seus participantes” (BRASIL, 1998). No caso dos campeonatos não profissionais organizados pela federação, o enquadramento se dá no desporto de rendimento, que pode ser profissional ou não profissional. Segundo o Artigo 3º da Lei nº 9.615:

III – desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

Parágrafo único: O desporto de rendimento pode ser organizado e praticado:

I – de modo profissional, caracterizado pela remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva;

II – de modo não profissional, identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio. (NR) (*Redação dada pela Lei nº 9.981, de 14-7-2000*).

a) semiprofissional, expresso em contrato próprio e específico de estágio, com atletas entre 14 e 18 anos de idade e pela existência de incentivos materiais que não caracterizem remuneração derivada de contrato de trabalho (*Revogada pela Lei nº 9.981, de 14-7-2000*);

b) amador, identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de qualquer forma de remuneração ou de incentivos materiais para atletas de qualquer idade (*Revogada pela Lei nº 9.981, de 14-7-2000*). (BRASIL, 1998).

O desporto de rendimento, sobretudo no modo profissional, se assemelha tanto à matriz espetacularizada, quanto ao esporte moderno. Em termos gerais, o desporto de rendimento foca os resultados e é altamente institucionalizado. O esporte profissional, definido basicamente pela existência de remuneração prevista em contrato, não é uma categoria problemática. No entanto, gostaríamos de chamar atenção ao que a lei chama de “desporto de rendimento não profissional”, que se caracteriza pela inexistência de contrato, mas admite remunerações. Esta categoria veio substituir as categorias “semiprofissional” e “amador”. A primeira delas se referia a esportistas com idade entre 14 e 18 anos em vias de profissionalização, ou seja, jogadores em formação. Já a segunda, para nós a de maior interesse, abarcava, no caso do futebol, os atletas que não tinham o futebol como profissão, mas participavam de um circuito de competições que demandavam certa dedicação. Naturalmente, estes jogadores recebiam para jogar e treinar, mesmo que não previsto em contrato, o que tornava a categoria falha, já que fala em inexistência de remuneração.

Nesta breve leitura das categorias apresentadas no Artigo 3º da Lei nº 9.615 e sua correlação com as matrizes futebolísticas de Damo (2007), podemos perceber que há certas discrepâncias entre o enquadramento legal e a visão científica. Acreditamos na coerência das formulações de Damo, mas não podemos ignorar as categorias legais. Portanto, propomos a utilização de, a princípio, dois termos: futebol profissional e futebol amador. Estes dois termos não procuram dicotomizar as práticas futebolísticas, mas apresentar duas lógicas que apesar de (aparentemente) antagônicas convivem de maneira comum e, às vezes, intensa, sendo, inclusive, complementares.

O futebol profissional corresponderia à categoria legal “desporto profissional”, ou seja, é caracterizado pela existência de um contrato legalmente válido, com uma instituição e que preveja remuneração. O futebol profissional reuniria as três peculiaridades apontadas da matriz espetacularizada: o enquadramento na hierarquia internacional do futebol, a extrema divisão social do trabalho e o foco no rendimento. As instituições fundamentais do futebol profissional são os clubes, pois é em torno destes que se aglutinam os atores sociais do futebol profissional: profissionais, especialistas (mídia) e torcedores (TOLEDO, 2002). Eles estão vinculados às federações, que organizam competições estaduais. Estas instituições, por sua vez, compõem a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que está ligada à Confederação Sulamericana de Futebol (Conmebol). Todas estas instituições estão

subordinadas à FIFA, órgão máximo do futebol. Esta rígida organização institucional detém o monopólio da organização e exploração do futebol profissional, bem como promove as competições entre seleções nacionais. Estas, apesar de não se pautarem em relações contratuais entre instituição e jogadores, possuem caráter profissional, já que quase a totalidade dos atletas que atuam por seleções são profissionalizados em seus clubes. Além disto, as seleções nacionais se inserem na lógica da divisão do trabalho (as de maior destaque mundial contam com um vasto *staff* e grande estrutura) e no foco nos resultados (fomentado por discursos nacionalistas e pelas perspectivas econômicas que podem desfrutar instituição, dirigentes, treinador, jogadores).

Nossa concepção de futebol amador tem base em Tamburrini (2001), que realiza uma distinção entre o esporte profissional e amador (ou aficionado). Para este autor o atleta amador não é aquele que não obtém nenhum benefício econômico com sua prática esportiva, mas aquele que não tem um contrato formal com alguma instituição esportiva. O amador pode praticar o futebol por puro prazer ou mesmo em busca de reconhecimento simbólico e até financeiro, mas não tem vínculo profissional com nenhum clube. Nas palavras de Tamburrini (2001, p. 19).

Es más preciso reservar el término “profesional” para aquellos atletas que tienen una obligación contractual de realizar su actividad deportiva, y el término “amateur” (o “aficionado”) para aquellos quines, aun recibiendo remuneración económica de patrocinadores, firmas publicitarias y empresas, no están sujetos por ninguna obligación contractual con ningún club u organización deportiva a practicar su deporte.⁷⁹

Entendemos, portanto, por futebol amador todas as formas de futebol que não são mediadas por contratos de remuneração formais, que se enquadrem na lógica profissional, com instituições esportivas, tais como clubes. Desta forma, com esta categoria, pretendemos abranger desde as manifestações mais livres da matriz bricolada – na lei, prática desportiva não-formal – até aquelas da matriz comunitária que se aproximam estreitamente ao futebol profissional – nos termos legais, desporto de rendimento não profissional. Apesar da possibilidade de existência de contrato (não remunerado) com clubes ou de remuneração por parte de empresas (o que Tamburrini

⁷⁹ É mais preciso reservar o termo “profissional” para aqueles atletas que têm uma obrigação contratual de realizar sua atividade desportiva, e o termo “amador” (ou “aficionado”) para aqueles que, mesmo recebendo remuneração econômica de patrocinadores, de empresas e contratos publicitários, não estão sujeitos a nenhuma obrigação contratual com nenhum clube ou organização desportiva a praticar seu esporte. (tradução nossa).

(2001) chama de *comercialização*), a própria palavra “amador”⁸⁰ por sua etimologia, remete a uma atividade feita por amor, por prazer, sem um compromisso maior do que o próprio comprometimento. Este termo, assim, contempla nossa leitura acerca da pós-modernidade. Precisamos, contudo, realizar uma distinção fundamental entre o “futebol amador” e o “amadorismo”.

Amadorismo, contrário ao profissionalismo, não se refere às relações de trabalho e de comprometimento (simbólico) no universo futebolístico, mas a um *ethos* futebolístico específico, que tem sua origem e encontrou sua mais intensa manifestação quando da época da difusão mundial do futebol e sua implementação no Brasil. O amadorismo está ligado a uma concepção de futebol (e esporte em geral) como prática de lazer restrita à aristocracia. No círculo elitizado eram valorizadas as qualidades educativas, de moldador de caráter, de formador de coragem e virilidade, enfim, de um produtor de valores e saúde. Isto pode ser observado nas palavras de Bourdieu (1983, p. 140-141)

A constituição de um campo das práticas esportivas se acompanha da elaboração de uma filosofia política do esporte. Dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de “formar o caráter” e inculcar a vontade de vencer (“will to win”), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras é o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço.

Não nos interessa fazer uma digressão histórica acerca das origens e processo de internacionalização do futebol, mas é fundamental comentar que este esporte se difundiu através dos *colleges* ingleses, das companhias britânicas e de uma aristocracia que depois de retornar de seus estudos do Reino Unido, levou os materiais e as regras do jogo, na segunda metade do século XIX e início do XX. A importância desta observação se deve ao fato de que o Brasil importou não apenas o jogo, mas todo o *ethos* que o cercava. Os clubes brasileiros onde se praticava o futebol eram na sua grande maioria bastante restritos aos mais abastados, sendo o amadorismo uma forma de afastar as camadas mais pobres da sociedade, já que não podiam se dedicar a esta atividade, pois não dispunham de tempo livre nem eram

⁸⁰ Segundo o dicionário Aurélio, a origem da palavra “amador” vem do latim *amatore*, estando relacionado à palavra amante. “Diz-se daquele que se dedica a uma arte ou ofício por prazer, sem fazer deste um meio de vida” (FERREIRA, 2004, p. 111).

pagos para tal. Entretanto, este modelo entrou em crise não apenas no Brasil como no mundo. Para Proni (2000) esta crise deve ser explicada primeiramente pelos “fatores endógenos”, mas somente pode ser completamente apreendida se apreciada a conjuntura de mudanças no futebol internacional. Alguns dos principais fatores para a transição do amadorismo para o profissionalismo são: a proletarização do futebol, que passou a ser praticado pela população em geral e vários jogadores das camadas populares foram inseridos nas equipes mediante a um pagamento extra-oficial; a transformação do futebol em espetáculo, que precipitou o recrutamento de jogadores menos pela classe social do que pela habilidade, a fim de se alcançar melhores resultados; a crise econômica e as transformações políticas da época, que dificultaram a sustentação do amadorismo; e o embate ideológico ligado aos direitos civis, que levou a obsolescência do elitismo (PRONI, 2000). No entanto, mesmo antes do advento do profissionalismo, alguns jogadores já recebiam quantias em dinheiro para defender determinados clubes, que assim recrutavam os melhores jogadores para suas equipes, independentemente da classe social a que pertenciam. Esta prática – que estava inserida em uma tentativa de burlar o amadorismo e ligada ao próprio processo de profissionalização do futebol – passou a ser denominada de *amadorismo marrom* (PRONI, 2000; SOARES, 2001b).

O futebol amador não se baseia necessariamente neste *ethos* do amadorismo, sobretudo hodiernamente quando a prática amadora deixou de ser algo elitista e uma forma de distinção social (o futebol deixou de ser praticado no circuito dos clubes fechados, sendo hoje praticado em uma multiplicidade de territórios futebolísticos). O futebol amador admite vários *ethos* futebolísticos, que vão desde a valorização da competição até as práticas mais descompromissadas. Nos termos legais, desde o esporte de rendimento não profissional até as práticas não-formais, passando pelo desporto de participação. Esta última categoria legal, pautada no voluntarismo, pouco se diferencia das práticas informais, a não ser por ser promovida por instituições públicas ou privadas. Na nossa leitura, quem promove o futebol é apenas um dos elementos a ser considerado, mas não a ponto de se justificar a criação de uma nova categoria. O mesmo pode ser dito do compromisso com o rendimento. Apontamos estas características como modulações, como diferentes formas de apropriações de elementos simbólicos do futebol amador. Apresentaremos estas modulações, bem como algumas características do futebol amador mais adiante, mas antes é necessário discutir o futebol em sua dimensão sócio-cultural.

3.2 DIMENSÃO SÓCIO-CULTURAL

Nenhuma outra forma de cultura popular engendra uma paixão ampla e participativa entre seus adeptos como a que se tem pelo futebol (GIULIANOTTI, 2002, p. 07).

Nossa própria discussão acerca do futebol como dimensão esportiva deixou claro que ele e suas relações não podem ser explicados apenas como fenômeno esportivo. Isto porque partimos do pressuposto que o esporte, apesar de possuir uma dinâmica própria, não está desvinculado de um contexto social, temporal e espacial mais amplo – no caso, da dialética da existência pós-moderna. Além, disso consideramos o futebol como um fenômeno a parte dos outros esportes, sobretudo no que se refere à sua capacidade de produzir um universo simbólico próprio, uma dinâmica de relações e significações peculiares, além de uma instância própria da espacialidade (conforme comentaremos mais detalhadamente no próximo item). Deste modo, faz-se necessária uma discussão mais focada em alguns dos aspectos do futebol que transcendem sua qualidade esportiva.

Na leitura de Giulianotti (2002), a centralidade cultural do futebol em boa parte das sociedades, inclusive a brasileira (com suas especificidades regionais e locais), está ligada muito mais às importâncias simbólica e política que ele assume do que sua essência como jogo, sendo que “as características valorizadas no jogo nos dizem algo fundamental sobre as culturas em que ele é praticado”. (GIULIANOTTI, 2002, p. 08). Entretanto, devemos tomar cuidado para não cairmos em uma visão de que o futebol é mero reflexo de uma sociedade, mas não podemos desconsiderar que ele é um produto desta sociedade. Para tal, a terceira natureza de Toledo (2000, 2002) nos é esclarecedora, já que apesar de transcender a dimensão esportiva – uma vez que se refere às representações sociais e aos traços sócio-culturais valorizados em cada sociedade (desde a escala nacional até a local) –, se manifesta no fato futebolístico. Em outras palavras, o futebol, no seu ritual – na partida, no jogo, na competição em si –, se constitui como uma expressão sócio-cultural, muito mais do que simples manifestação esportiva.

Além de ser manifestação de uma cultura, de uma sociedade, o futebol também cria um universo simbólico, que brota da ao mesmo tempo em que rompe qualitativamente com a prática cotidiana. Mesmo na pós-modernidade, em que a vida cotidiana se fundamenta na prevalência da socialidade sobre o social, bem como nas

representações sociais, o futebol se diferencia das demais expressões de momentos de presença, de orgiasmo. Encontramos anuência no pensamento de Franco Júnior (2007, p. 167), que diz ser o futebol “fuga do real, representação imaginária, não realidade em si”. Entretanto ele é fuga do real à medida que cria novas espacialidades, temporalidades e socialidades, o que outras manifestações culturais, como teatro, cinema e literatura também fazem, mas de forma menos coletiva, e sem a mesma intensidade de adesão e envolvimento emocional (FRANCO JÚNIOR, 2007). Apesar de não ser realidade em si – justamente por estar imerso em um contexto sócio-cultural mais amplo –, o futebol se torna uma das manifestações mais reais na pós-modernidade, uma vez que tem a capacidade de criar um sentimento trágico-dionisíaco, uma montagem mitológica, um imaginário e uma pulsão gregária que outras manifestações não conseguem – pelo menos não com tanta intensidade e freqüência. Isto porque o futebol abarca tanto as modulações do social quanto da socialidade, de modo integrado: “o futebol tem a capacidade de unir muitas dimensões simbólicas na sua invejável multivocalidade, sendo a um só tempo, jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina de massas e evento prazeroso” (DAMATTA, 2006, p. 139).

Foquemos em suas expressões de socialidade, ou seja, suas condições de jogo, de ritual e de evento prazeroso. Conforme já explicitamos, não concordamos com a separação do esporte e do jogo. Apesar de nem todo jogo ser esporte, todo esporte é jogo em sua essência. Assim, o futebol é jogo tanto em sua expressão mais profissional e espetacularizada quanto em sua manifestação mais amadora e bricolada. O que muda é a intensidade que a dimensão lúdica adquire em cada uma destas modulações. Se o esporte moderno – inclusive o futebol, apesar de modo sensivelmente diferente dos demais – procura se afastar do lúdico através da racionalização, do controle do rendimento (preparação física e mental, mensuração, comparação, busca de maior eficiência) e da institucionalização, o futebol amador, sobretudo na pós-modernidade, assume o lúdico como sua expressão mais acabada. Da mesma maneira a sociedade se baseia no esporte – no caso brasileiro, no futebol – para expressar seu ludismo:

Assim, o jogo, no centro da atividade esportiva, cujo crescimento constitui um índice interessante, está igualmente onipresente na eflorescência e na diversificação dos jogos de sociedade, mas, por um ardil bem compreensível, isso resulta no fato da própria sociedade se tornar jogo. (MAFFESOLI, 2005b, p. 19).

Por outro lado, na pós-modernidade, o futebol profissional se consolida como negócio global, movimentando cifras astronômicas (AIDAR; LEONCINI, 2002b; ANDREFF, 2006; BRUNORO; AFIF, 1997; GASTALDO, 2002; PRONI; ZAIA, 2007), mas ele só consegue tal penetração econômica, tal êxito financeiro, tal globalidade justamente porque ele é jogo; porque ele é um ritual cujos simbolismos – apesar de poderem ser comercializados – não podem ser criados artificialmente, sem que haja uma construção coletiva, através da centralidade subterrânea; porque envolve estruturas identitárias baseadas mais nas emoções e nos afetos do que em uma lógica econômica.

A dimensão ritualística do futebol não é propriedade exclusiva da pós-modernidade. Entretanto, a característica festiva presente em todas as formas de futebol, inclusive as mais racionalizadas, é indício de que o *ethos* arcaico nunca foi apagado do futebol, mesmo sendo este uma “invenção” moderna, com objetivos educacionais, civilizadores e de modelador de caráter. Se a pós-modernidade se caracteriza, conforme Maffesoli (2003, 2004b), pelo retorno dos valores arcaicos com uma roupagem mais tecnológica, a dimensão ritualística do futebol já prenunciava o paradigma da socialidade e ganha hodiernamente uma intensidade e uma riqueza de manifestações ímpares. A comparação do futebol com festas arcaicas é realizada por Franco Júnior (2007, p. 246-247).

Não é uma festa qualquer. Festa arcaica, profundamente ritualizada, festa que envolve toda a sociedade, que cumpre o papel de exatório para suas disfunções internas e externas. Daí o clima de tensão que atinge todos os participantes de uma partida de futebol, sem que ela perca seu caráter festivo. Nada de contraditório nessa constatação, pois se trata de festa no sentido mais exato do termo. Isto é atividade cíclica e excepcional que interrompe de forma efêmera o ritmo da vida cotidiana, estabelece temporalidade quantitativamente restrita (uma noite de Natal, quatro dias de Carnaval etc.) e qualitativamente densa (nos exemplos anteriores, maior religiosidade e licenciosidade). Os códigos sociais e morais são reforçados ou quebrados na festa, quando se come, bebe, veste, fala e se estabelecem laços passionais diferentemente das situações comuns.

O futebol é, portanto, um importante palco de celebração, pois carrega forte carga erótica (MAFFESOLI, 2005b). Ele é ritual trágico-dionisiaco, pois celebra o orgasmo, os excessos, o transe e a imprevisibilidade através de uma temporalidade cíclica, através de instantes eternos. Sendo assim, ele se baseia em um hedonismo irreprimível e insaciável, que encontra conforto nas emoções vividas nos rituais e nas reuniões tribais. Esta busca pelo gozo não pode ser definitivamente satisfeita por gols, vitórias ou títulos, uma vez que o caráter cíclico do ritual futebolístico sempre exige a

renovação dos desejos, fazendo com que uma enorme diversidade de emoções pulule em uma mesma partida, tanto no que se refere aos praticantes quanto aos espectadores e inclusive àqueles que a transmitem. Não podemos falar que na pós-modernidade as emoções estão mais presentes no futebol, porém é possível afirmar que elas passaram a ter maior intercambialidade com a vida cotidiana e com outras manifestações orgiásticas, tais como o consumismo, o erotismo, a religião e as artes (MAFFESOLI, 2005b). Isto porque o futebol se apropria de alguns referenciais destas manifestações, os ressignificando através de representações sociais.

Discutindo as especificidades culturais do futebol⁸¹ em diferentes momentos históricos, Giulianotti (2002) propõe uma divisão do futebol em períodos: tradicional, moderno (subdividido em início da modernidade, modernidade intermediária e alta modernidade) e pós-moderno. Mais do que adotar esta periodização como referência, esta perspectiva nos ajuda a compreender de que formas as estruturas identitárias próprias do futebol tiveram sua dinâmica influenciada pelo contexto sócio-cultural mais geral e de que formas mantiveram suas peculiaridades.

O período tradicional, que se estende até o final da Primeira Guerra Mundial, se caracteriza pelo “estabelecimento das regras do jogo, sua difusão internacional e a formação de associações internacionais para administrar o esporte, sob a égide das elites dominantes” (GIULIANOTTI, 2002, p. 212). Os valores do amadorismo perduravam em todo o mundo, inclusive nas *Home Nations*⁸² que legalizaram o profissionalismo. Os estilos nacionais – ou seja, a terceira natureza (TOLEDO, 2000, 2002) – começam a ser forjados, mas ainda havia poucas oportunidades de realização de partidas e torneios internacionais, apesar da fundação da Fifa.

O início da modernidade vai desde o final da Primeira Guerra Mundial até o final da Segunda. Nesta época, o futebol se consolida como o esporte nacional de vários países, através de sua difusão e de seu uso político pelos Estados, sobretudo a fim de produzir identidades nacionais e locais (ver AGOSTINO, 2002). O esporte ganha força no cenário internacional, tendo sua primeira onda de globalização, com a volta da disputa a cada quadriênio da Copa do Mundo, que estava paralisada em decorrência

⁸¹ O foco do autor é o futebol profissional, apesar de no período tradicional o futebol se organizar a partir do amadorismo. Mesmo assim, esta discussão nos interessa já que partimos dos pressupostos que há uma relação estreita entre o futebol amador e o profissional; que um é referência para o outro; e que nenhum é capaz de determinar o outro.

⁸² O termo se refere aos países britânicos, que perante à Fifa, ao contrário do que acontece perante ao Comitê Olímpico Internacional (COI), ao invés de serem representadas pela bandeira do Reino Unido, possuem seleções próprias: Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte.

da Segunda Guerra Mundial. Estas competições propiciam a criação de símbolos e mitos nacionais, produzidos através do discurso da mídia. A modernidade intermediária dura até o princípio dos anos 1960, sendo caracterizada por não simbolizar um rompimento com o período anterior, mas uma continuidade na qual algumas características são exacerbadas. As Copas do Mundo ganham maior dimensão, sobretudo devido ao advento e à popularização da televisão, que passa a compartilhar com o rádio as transmissões esportivas. O futebol se expande além da Europa e da América Latina, atingindo a África e a Ásia. A alta modernidade, que vai até o final da Guerra Fria, se caracteriza pela mercantilização do futebol e pela incorporação do consumismo e da cultura jovem – sobretudo no que se refere a novas culturas torcedoras, como os *hooligans*, os *ultràs* e as torcidas organizadas⁸³. O futebol começa a ser encarado como um negócio rentável (publicidade, patrocínios, *merchandising*), principalmente na Europa, e a Copa do Mundo se consolida como um grande evento esportivo, mas também começa a ter o seu lado econômico bastante explorado (GIULIANOTTI, 2002).

O período pós-moderno, segundo Giulianotti (2002), que se inicia na década de 1990 e vai até os dias atuais, se caracteriza pela consolidação do futebol profissional como um grande negócio global. Graças a políticas da Fifa, o esporte se expande por países onde era pouco praticado, como alguns países asiáticos, africanos, da Oceania e os Estados Unidos. “O futebol entra definitivamente na moda” (GIULIANOTTI, 2002, p. 215). Entretanto, o acesso ao futebol fica cada vez mais restrito à classe média, já que o preço dos ingressos se eleva e as transmissões das partidas pelos canais de televisão aberta passam a ser mais limitadas. A crescente mercantilização se expressa nos grandes eventos envolvendo seleções e clubes, como a Copa do Mundo e os torneios continentais. Jogadores e até treinadores se tornam celebridades globais, faturando milhões através de contratos com os clubes e empresas – fornecedoras de material esportivo e publicidade.

Apesar de fazer uma leitura da época pós-moderna do futebol profissional calcada em sua dimensão econômica – o que não se constitui como incoerência, já

⁸³ Os *hooligans* são grupos de torcedores – sobretudo do Reino Unido – que se pautam em uma ética violenta, buscando aumentar seu *status* atacando grupos rivais. No meio dos *hooligans* a violência é apenas legítima se for realizada contra outros grupos de *hooligans* (GIULIANOTTI, 2002). Os *ultràs* são grupos de torcedores militantes do sul europeu. São extremamente organizados, com estatuto e símbolos próprios (mas baseados naqueles dos clubes), e que na maioria dos casos possuem vínculos político-ideológicos com a extrema direita (GIULIANOTTI, 2002). As torcidas organizadas, típicas do Brasil, reivindicam a dominação ética e estética na forma do torcer, lançando mão de violência simbólica e, por vezes, física. Muitos destes agrupamentos de torcedores mantêm relações diretas com os clubes de futebol, que financiam suas torcidas organizadas.

que o futebol se torna um negócio global – Giulianotti (2002) vê a pós-modernidade como redefinidora das estruturações identitárias. Em paralelo à crescente profissionalização daqueles envolvidos direta e indiretamente (exceto os torcedores) no futebol profissional observamos a emergência de uma lógica de identificação diferente do que se observava na modernidade. Partiremos das palavras de Giulianotti (2002, p. 10) para discutirmos as estruturações identitárias no futebol pós-moderno: “As identidades sociais e culturais tornam-se cada vez mais fluidas e ‘neotribais’ em suas tendências de lazer. O feminismo desafia o patriarcado, enquanto a identidade nacional torna-se mais fraca, devido à imigração e à diversidade étnica” (GIULIANOTTI, 2002, p. 10). A partir deste trecho, identificamos duas questões que nos parecem mais relevantes ao discutir as estruturações identitárias futebolísticas: a tendência à tribalização e o deslocamento de escalas da identificação do nacional ao global e ao local.

A tribalização no futebol pós-moderno se expressa tanto na esfera amadora quanto na profissional. Enquanto aquela é fundamentalmente tribal, esta vem sendo penetrada por esta tendência. O futebol amador tem suas instituições – clubes, times de fim de semana, times de empresa, etc. – fundadas e mantidas pelo sentimento tribal, ou seja, por uma lógica do afeto, da proximia, do convívio cotidiano. Estas tribos são constituídas pelos próprios praticantes e pessoas ligadas a eles por uma relação afetiva pessoal. Há casos também, como clubes de bairro, que disputam competições de federações, como é o caso do Iguaçu e do Trieste, que disputam a Liga Amadora (Suburbana) de Curitiba, que representam a comunidade de Santa Felicidade, bairro italiano desta cidade. Mesmo assim, apesar de abarcar aficionados que não têm necessariamente uma relação pessoal com os jogadores, equipe técnica ou dirigentes do clube, estas instituições encontram o seu fundamento de identificação no localismo (por representar um bairro específico) e na representação de uma comunidade (no caso, os imigrantes italianos e seus descendentes). Entretanto, nada impede que pessoas de outros bairros e de outras descendências que não a italiana simpatizem com estes clubes, mas toda sua construção simbólica se baseia na italianidade e na representação do bairro, como podemos observar no brasão do Trieste F. C. (FIGURA 7) e na inscrição de um dos muros do estádio Egidio Ricardo Pietrobelli, da Sociedade Operária Beneficente Iguaçu: “Iguaçu, o mais querido de Santa Felicidade”.



FIGURA 7 - BRASÃO DO TRIESTE FUTEBOL CLUBE

Fonte: STIVAL Sports. **Trieste Futebol Clube**. Disponível em: <<http://www.stival.com.br/sports/trieste-fc/galeria-de-fotos/9-trieste-futebol-clube/41-estrutura-geral>>.

Acesso em: 11 fev. 2009.

Legenda: O fundo do brasão do Trieste é a bandeira da Itália – uma referência ao bairro de Santa Felicidade – e a centro – remetendo ao Paraná – encontra-se uma araucária.

Mesmo no futebol profissional, há uma forte tendência de tribalização, de formação de comunidades baseadas no afeto. Franco Júnior (2007) prefere o termo clã para designar esta tendência de agrupamento. Para este autor, as sociedades ocidentais – devido ao tecnicismo, à individualização e à abstração dos grupos (Estados nacionais, megalópoles, multinacionais) – promoveram um sentimento de isolamento entre as pessoas, que somente pode ser afastado por novos agrupamentos, pelo “estar junto afetivo”. O futebol possibilita esta reaproximação das pessoas, formando comunidades nas quais elas se auto-representam e se sentem parte, verdadeiramente, de um grupo, através de emoções compartilhadas. O futebol, para Franco Júnior (2007, p. 213), contribuiu para a preservação de uma lógica de agrupamento arcaica, que foi solapada pela modernidade – acompanhada pela industrialização, pela democracia e pelo conceito de cidadania.

O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios a amplos setores antes excluídos da tomada de decisões; contudo, provocou também a perda de identidades grupais que tinham sido essenciais nos séculos anteriores. A consciência de pertencer a determinada comunidade camponesa, ou família tradicional e poderosa, ou confraria, ou cidade, ficou esmagada pelo conceito de cidadania que homogeneiza todos os indivíduos. Novos recortes surgiram – partido político, condição econômica, seita religiosa etc. – mas tão maleáveis e mutáveis que não substituíram todas as funções sociais e psicológicas do velho sentimento grupal. O futebol inseriu-se exatamente nessa brecha aberta pela industrialização ao destruir os paradigmas anteriores.

Concordamos com o autor quanto à propriedade do futebol de conservar os valores arcaicos por mais mercantilizado que possa se encontrar. Isto porque a lógica

de identificação do futebol é de fundamento afetual. Por mais que aponte para uma tendência de tentativa de transformação de torcedores em consumidores (AIDAR; LEONCINI, 2002b; BRUNORO; AFIF, 1997; SEBRELI, 2005; PRONI; ZAIA, 2007), o futebol preserva aquilo que o torna um fenômeno sócio-cultural tão fascinante e presente na vida cotidiana das pessoas: sua dimensão afetiva. O clubismo (DAMO, 2007), expressão da identidade torcedora do futebol profissional, não é abalado pela lógica econômica, uma vez que apesar de o torcedor passar a consumir mais produtos de seu clube (camisas, ingressos, programas televisivos, páginas na internet) sua fidelidade, seu sentimento de pertença e a sua paixão não podem ser vendidos nem comprados. Apesar da identificação praticamente fixa (não se pode trocar de clube durante toda a vida, sob pena de ser condenado socialmente e taxado de *vira casaca*⁸⁴), o clubismo também, apesar de que de maneira diversa, assim como as manifestações do futebol amador, pode ser considerado como forma de tribalização. Ele apresenta os elementos que Franco Júnior (2007), a partir de uma leitura de Marcel Mauss, aponta como essenciais para o estabelecimento de um clã⁸⁵: nome, brasão e totem. Apesar de concordarmos com a argumentação de Franco Júnior, discordamos com este autor quanto à sua restrição ao termo tribo e com os argumentos que ele apresenta.

Não é descabido, portanto, falar em tribo no futebol, porém não parece a melhor opção. Tribo é grupo étnico com certo caráter territorial, o que não se aplica ao futebol, cujos torcedores são de diferentes origens e estão espalhados por vários locais. Tribo é sociedade sem Estado, e o futebol moderno desenvolve-se obviamente nos quadros de Estados nacionais. Talvez seja preferível falar em clã. Deixando de lado o debate técnico sobre tal conceito, tomemos uma definição mínima: clã é um grupo que acredita descender de um ancestral comum, mais mítico que histórico, contudo vivo na memória coletiva. Ainda que todo clube de futebol tenha origem concreta mais ou menos bem documentada, com o tempo ela tende a ganhar ares de lenda, que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 214-215).

Os argumentos que o autor utiliza para justificar a não adoção do termo “tribo” em sua análise são inconsistentes. Ateremos-nos aos dois que nos parecem mais relevantes: o caráter territorial e não associação aos Estados nacionais. Conforme discutimos previamente, de fato as tribos possuem forte caráter territorial. Todavia, isto não significa que esta territorialização ocorra de maneira fixa, claramente delimitada e

⁸⁴ Apelido pejorativo para torcedores que trocam de clube.

⁸⁵ Apesar de Franco Júnior (2007) refutar a idéia de tribo, estes elementos fazem parte da constituição de uma tribo, termo que utilizaremos ao invés de “clã”.

definitiva. É mais adequado falar, portanto, em territorialidades. As tribos constroem suas próprias territorialidades através da apropriação simbólica de determinados elementos do universo do futebol, como nomes, brasões e totens, por exemplo. As territorialidades construídas possuem caráter reticular, sendo que o que une os torcedores de um clube não é necessariamente compartilhar do mesmo território físico, ou seja, morar na mesma cidade ou bairro, mas sim compartilhar simbolismos e afetos, um invisível transcendente (MAFFESOLI, 1998). O futebol tem esta capacidade de congregiar pessoas de diferentes localidades, mas sua agregação só é efetiva quando se constroem territorialidades – que podem ter, mas não necessitam de uma base física. Estas territorialidades são constituídas na própria vida cotidiana, conforme demonstra Maffesoli (1998, p. 158-159).

Contrariamente aos que continuam a analisar nossas sociedades em termos de individualismo e desencanto, já mostrei que o que parecia estar na ordem do dia remetia, em vez disso, para um tipo de tribalismo, tendo por contrapartida um verdadeiro reencantamento do mundo. A comunhão em torno de imagens, objetos, não está, nesse sentido, muito distante daquela que se exprimia, nas tribos tradicionais, em torno do totem, ou do herói epônimo. Tanto num quanto noutro caso, há alguma coisa que, a partir do que é visível, imanente, culmina no invisível, transcendente. Ocorre que nas sociedades pós-modernas essa força de união, essa “mana”, é cotidiana, se vive aqui e agora, e encontra sua expressão em uma espécie de transcendência imanente de coloração fortemente hedonista. Assim, não é mais o indivíduo isolado na fortaleza de sua razão que prevalece, mas sim o conjunto tribal que comunga em torno de um conjunto de imagens, que consome com voracidade.

O outro argumento de Franco Júnior (2007), o de que as tribos não se associam aos Estados nacionais, nos remete à segunda tendência da pós-modernidade apresentada por Giulianotti (2002): o deslocamento das identidades da escala nacional para a global e a local, argumento endossado por Maffesoli (2004b, 2006) e Hall (2005). Muito já foi discutido acerca do uso do político do futebol como elemento fomentador de nacionalismos (AGOSTINO, 2002; SEBRELI, 2005;) e como criador de uma suposta identidade nacional (ANTUNES, 2004; HELAL; GORDON JR., 2001; MOURA, 1998; NEGREIROS, 2003; PEREIRA, 2000; SOARES, 2001a, 2001b, 2002), mas nos ateremos em alguns destes aspectos, no caso brasileiro, que nos parecem mais relevantes, naqueles referentes à construção de uma identidade nacional através do futebol. Longe de querer esgotar o assunto, delinearemos brevemente algumas das idéias de DaMatta (2006) sobre este tema e um contraponto, presente em Toledo (2002).

Para DaMatta (2006, 163-164), o futebol é “uma importante agência de dramatização da sociedade brasileira” por três razões principais: por ser um código de integração nacional; por propiciar a experiência do êxito ao povo; e por oferecer a experiência de igualdade e justiça social. O autor aponta o futebol, no Brasil, como um importante elemento simbólico e fundamental fator de identificação nacional, sobretudo pois foi capaz de reunir sob a mesma égide a elite e o povo, bem como os símbolos nacionais e os valores populares:

No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional: a bandeira, o hino e as cores nacionais, esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. (DAMATTA, 2006, p. 165).

Além de apontar o futebol como um importante elemento identitário, Toledo (2000) lhe atribui um valor de manifestação cultural que caracteriza e diferencia o Brasil dos demais países, pois este revela o jeito brasileiro: a malícia, a alegria e a ginga. No entanto, não compactua da idéia de que o futebol, como símbolo nacional, produz igualdade ou reduz diferenças, sendo considerado pelo autor um *símbolo flutuante*:

O futebol pode ser pensado como um *símbolo flutuante* justamente porque não produz este consenso, ao menos não na sua totalidade, mas pode ser vislumbrado como um fenômeno cultural no qual todos articulam, com uma boa dose de especulação, cientificismo, “magia” e emoção, suas teorias e doutrinas, e que, literalmente, investem nas suas falas e saberes determinados valores que, aí sim, talvez produzam identidades em alguns níveis (TOLEDO, 2002, p. 27, grifo do autor).

Desta forma, é possível dizer que as estruturas identitárias e territorialidades criadas pelo futebol não são tão óbvias e nem se limitam à escala nacional, mas se estendem também e principalmente à escala global e à local. O futebol possui uma grande importância no Brasil, sendo um elemento construtor de relações sociais e espaciais. Sua complexidade é observada nas palavras de Toledo, pois o futebol além de ser um esporte, é uma manifestação cultural, que não pode ser apreendida apenas sob seu aspecto racional, mas também – e principalmente – sob sua dimensão afetual, trágico-dionisíaca e orgiástica (MAFFESOLI, 2003, 2005b).

A tentativa do estabelecimento de uma identidade nacional através do futebol fica evidente em períodos de Copa do Mundo, quando o sentimento nacionalista é avigorado e acentuado. O discurso da reafirmação da divisão entre Estados-nacionais

(POLI, 2006) procura reforçar a territorialidade típica da modernidade. Entretanto, Boniface (2006) defende a idéia de que as identidades nacionais, em época de Copa do Mundo, se limitam apenas ao campo discursivo, sendo que, na prática, o que ocorre é um reforçamento do caráter global do futebol, celebrando uma cultura mundial. Estes eventos se tornam uma oportunidade de estabelecimento de multiterritorialidades – construídas através de diversas reterritorializações em forma de rede. Assim, forma-se uma gigantesca comunidade afetual dividida em tribos – as torcidas por uma ou outra equipe (país). A partir desta perspectiva, a socialidade ocorre de maneira a celebrar uma alteridade (baseada na potência) e uma oportunidade de comunhão passional, um orgasmo (MAFFESOLI, 2003, 2005b, 2006). A própria globalização, no futebol, transcende sua dimensão econômica, fazendo parte de um sentimento de pertença a um grupo maior, formado pelas tribos (torcidas, praticantes, etc.). Isto porque ela propicia que as comunidades (clubes e seleções) se exponham e se reconheçam, através de torneios e de suas transmissões pelos meios de comunicação de massa (FRANCO JÚNIOR, 2007).

O localismo no futebol não se manifesta desvinculado da globalização. Pelo contrário, há uma grande integração entre estas duas escalas. No futebol profissional, o localismo tem sua expressão mais acabada nos dérbi – jogos entre equipes da mesma cidade que disputam a hegemonia local. Muitas vezes estes jogos superam em importância aos torcedores a própria competição em que estão inseridos. A rivalidade não é mais do que uma disputa por territorialidades, superação do oponente, que também é parte essencial de seu adversário. No futebol amador o localismo se observa por disputas por territorialidades mais restritas, como bairros, ruas, campos, canchas, mas também podem se estender para a própria cidade, estado, região, etc. Entretanto, isto não significa que as rivalidades do futebol amador sejam menores. Somente, em geral, ocupam menos espaço na mídia.

Podemos dizer, portanto, que o futebol é um elemento fundamental da cultura brasileira, global e local, produzindo estruturas identitárias em diferentes escalas. Tais estruturas – de base simbólica – produzem diversas (multi)territorialidades, que estão imersas em uma instância da espacialidade própria do futebol – que será abordada no próximo item –: o espaço de representação do futebol. Ele é a instância da espacialidade na qual a experiência futebolística das pessoas e dos grupos (contratuais, massas e tribos) é plena.

3.3 DIMENSÃO ESPACIAL

Because Lefebvre is referring to not only the empirical disposition of things in the landscape as “space” (the physical aspect) but also attitudes and habitual practices, his metaphoric *l'espace* might be better understood as the *spatialisation* of social order. In this movement of space, abstract structures such as “culture” become concrete practices and arrangements in space.⁸⁶ (SHIELDS, 1999, p. 154-155, grifo do autor).

Se a leitura espacial de Lefebvre (1991) não se limita à materialidade fixa da espacialidade, mas a transcende em direção à espacialização da cultura – que também acaba se manifestando materialmente – e se o futebol é, conforme debatemos, um importante elemento sócio-cultural, então ele ocupa significativo papel na espacialização da sociedade, sobretudo quando falamos de Brasil (suas regiões, estados, cidades, etc.). Tal papel de destaque nos faz pensar em uma instância da espacialidade própria do futebol, o espaço de representação do futebol – que se insere no pensamento mais abrangente acerca dos espaços de representação de Lefebvre (1991), bem como no papel que desempenham na dialética da existência pós-moderna.

O espaço de representação do futebol é composto por categorias centrais (fato futebolístico, prática social do futebol e relações), categorias de mediação (símbolos, mitos, discursos e estruturas identitárias futebolísticas), além dos reinos (da organização, das emoções e do *ethos* futebolístico). Estes complexos elementos, que em interação compõem esta instância da espacialidade da experiência futebolística plena, podem receber diversas significações, expressadas esquematicamente por nós como dois espaços de representação extremos: o do futebol amador e o do futebol profissional. Entre um e outro, há uma infinidade de modulações dos elementos, que ao serem apropriados produzem uma diversidade de territorialidades, associadas mais ou menos intimamente a territórios futebolísticos, como estádios, campos e bares.

⁸⁶ Pois Lefebvre não está se referindo apenas à disposição empírica das coisas na paisagem como “espaço” (o aspecto físico), mas também atitudes e práticas habituais, seu *l'espace* metafórico pode ser mais bem compreendido como a *espacialização* de ordem social. Neste movimento em direção ao espaço, estruturas abstratas como “cultura” se tornam práticas concretas e arranjos no espaço. (tradução nossa).

3.3.1 Espaço de representação do futebol

Antes de falarmos especificamente do espaço de representação do futebol necessitamos discutir algumas formulações de Lefebvre acerca da espacialidade. Para tal, lançamos mão de uma análise de Shields que serve de base para nossa epistemologia do espaço de representação do futebol. Shields (1999, p. 154, grifo do autor) fala da relação entre *os espaços* de representação e *o espaço* integral de Lefebvre:

Lefebvre's "*l'espace*" is a term that always makes one want to complete it: "the space" of everyday life; of geometric concepts; of the city. Each is completely different. In referring to this third aspect of "*spaces* of representation" Lefebvre creates an apparent tautology: one aspect of "space" is these "*spaces...*". It is like saying that space is made up of space. If this is taken as a logical statement, then Lefebvre's logic is jumbled from the start, but because he operates with a metaphorical notion of *l'espace*, or "the space", it is quite possible that his overall *l'espace* is on a completely different plane to "*les espaces de representation*". This is much more easily understood as the reflexive quality of spatialisation that weighs on subsequent social action, dreams for, and perceptions of, the world as space of distance and difference. Lefebvre tries to tell us that the system of space is not just spatial practice, in the sense of its social construction, but equally the representations of it and discourses about it, and it is also equally its reflexive effects, promoting here, limiting there.⁸⁷

Retomando as idéias de Shields: o espaço de Lefebvre é formado por espaços (de representação), ou seja, ou isto é uma incoerência ou significa que o espaço (total) se encontra em um nível diferente dos espaços de representação. Assim sendo, tanto o espaço é formado por espaços de representação – em conjunto com representações do espaço e prática espacial – quanto os espaços de representação se conformam como um conjunto de dimensões do vivido. Desta forma, não há simplesmente *um* espaço de representação, mas *vários* espaços de representação. Mas se há vários, o

⁸⁷ O "*l'espace*" de Lefebvre é um termo que sempre pede complementação: "o espaço" da vida cotidiana; de conceitos geométricos; da cidade. Cada um é completamente diferente do outro. Ao se referir ao seu terceiro aspecto como "*espaços* de representação" Lefebvre cria uma aparente tautologia: um aspecto do "espaço" são estes "espaços...". Isto é como dizer que espaço é feito de espaço. Se isto for tomado como uma afirmação lógica, então a lógica de Lefebvre é confusa desde o princípio, mas como ele opera com uma noção metafórica de *l'espace*, ou "o espaço", é bem possível que o seu *l'espace* integral esteja em um plano completamente diferente de "*les espaces de représentation*". Isto é muito mais facilmente entendido como a qualidade reflexiva de uma espacialização que pesa sobre uma ação social subsequente, sonhos e percepções do mundo como um espaço de distância e diferença. Lefebvre tenta nos dizer que o sistema de espaço não é apenas prática espacial, no sentido de sua construção social, mas igualmente as representações dele e discursos a respeito dele, e é também igualmente seus efeitos reflexivos, promovendo aqui, limitando ali. (tradução nossa).

que os diferencia? Justamente o universo simbólico que abarcam. Portanto, podemos falar em um espaço de representação do futebol. Este é a instância da espacialidade em que as pessoas e grupos experienciam o futebol em todas as suas modulações, se apropriando de seus elementos e produzindo territorialidades. Ele possui grande relação com as demais instâncias da espacialidade (percebido e concebido), bem como com os demais espaços de representação (como o das artes, por exemplo). Sua prática se dá na vida cotidiana, sendo na pós-modernidade de maneira mais intensa, devido à emergência da socialidade. Com o atributo de relacionar o universo consensual e o reificado, o espaço de representação do futebol é capaz de produzir uma infinidade de representações sociais, que invadem – assim como os elementos simbólicos desta instância da espacialidade – com enorme força as demais dimensões da vida cotidiana pós-moderna, justamente por que o futebol transcende sua condição de fenômeno esportivo e penetra nos interstícios das relações sócio-espaciais. Compreender o espaço social no Brasil (ou em um determinado estado, cidade ou mesmo bairro) passa pela apreensão do espaço de representação do futebol, pois seus elementos dizem muito sobre a cultura, bem como a organização social e espacial em geral.

A estruturação do espaço de representação do futebol tem como base o redimensionamento do espaço de representação realizado por Gil Filho (2003b) em seus estudos acerca da geografia da religião. O espaço de representação do futebol se estrutura através de círculos que interagem entre si, formando complexas relações. Há o círculo dos reinos, o das categorias de mediação e o das categoriais centrais. Os reinos se manifestam enquanto representação social; já as categorias centrais, através de sua interação, produzem o conceito de espaço de representação do futebol. Elas se expressam através do círculo das categorias de mediação. As categoriais centrais do espaço de representação do futebol se dividem: o fato futebolístico, prática social do futebol e as relações. Estas três categoriais centrais se relacionam com os três reinos desta instância da espacialidade – da organização, das emoções e do *ethos* futebolísticos. Esta relação ocorre através das quatro seguintes categoriais de mediação: o mito, o discurso, a estruturação identitária futebolística e o símbolo. A inter-relação de todos estes elementos constitui o espaço de representação do futebol (FIGURA 8).

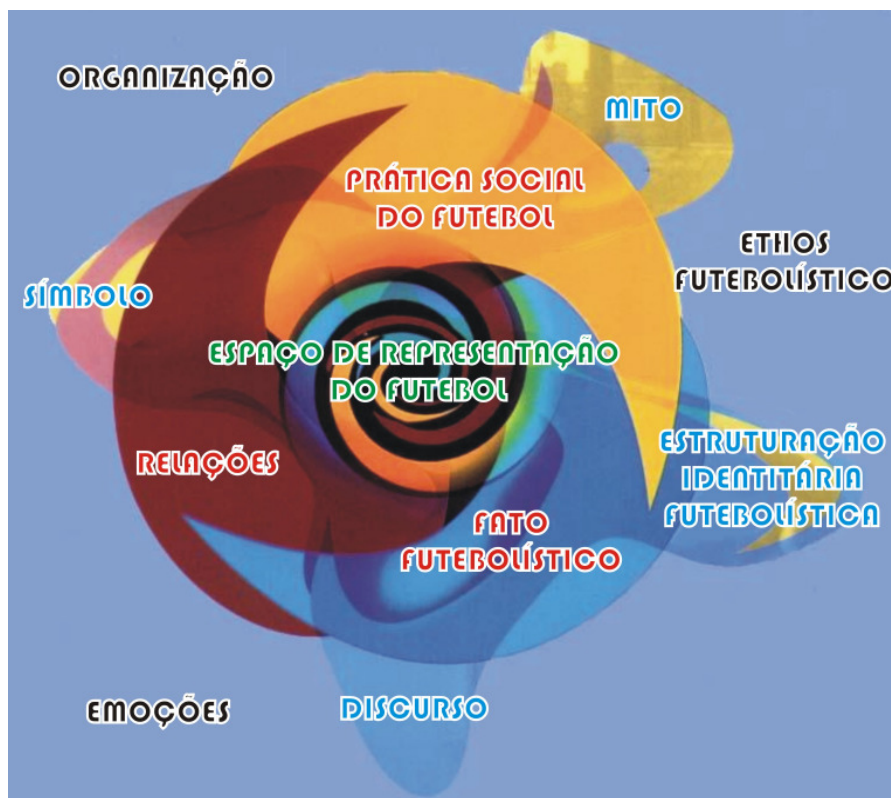


FIGURA 8 - ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL

Fonte: O autor, adaptado de GIL FILHO (2003a).

Os elementos do espaço de representação do futebol se modificam na medida em que se aproximam mais de uma lógica profissional ou de uma amadora. Não é possível separar estas duas lógicas, já que uma permeia a outra, mas podemos partir de dois extremos. O primeiro deles é que a lógica do futebol profissional é pautada na competição e no rendimento, enfatizando o resultado e que suas relações de trabalho, pautadas no poder, são profissionais, ou seja, remuneradas e registradas em alguma instituição da extensa estrutura do futebol profissional que vai desde a Fifa até os clubes. No outro extremo, a lógica do futebol amador está fundamentada no lúdico, não existindo relações contratuais com instituições futebolísticas, que prevêm remuneração. Esta pode existir, mas não mediante contratos com clubes, mas com empresas ou através de pagamentos informais – os bichos. As relações se baseiam na potência, que circula através de uma organização calcada na centralidade subterrânea. Estes dois extremos são apenas construções teóricas, dois redimensionamentos do espaço de representação. Desta forma, serão chamados, respectivamente, de *espaço de representação do futebol profissional* e *espaço de representação do futebol amador* (FIGURA 9). Entretanto, não há uma dicotomia, mas uma gama de significações simbólicas que se aproximam mais do espaço de

representação ideal do futebol profissional e outras que se situam mais próximas do espaço de representação ideal do futebol amador. Esta gama de significações promove uma espessura no espaço de representação do futebol, que é um híbrido entre os espaços de representação do futebol amador e profissional. Assim, é possível dizer que cada um destes espaços possui: uma prática social própria; diferentes significações ao fato futebolístico; bem como distintas relações; entre outros elementos.

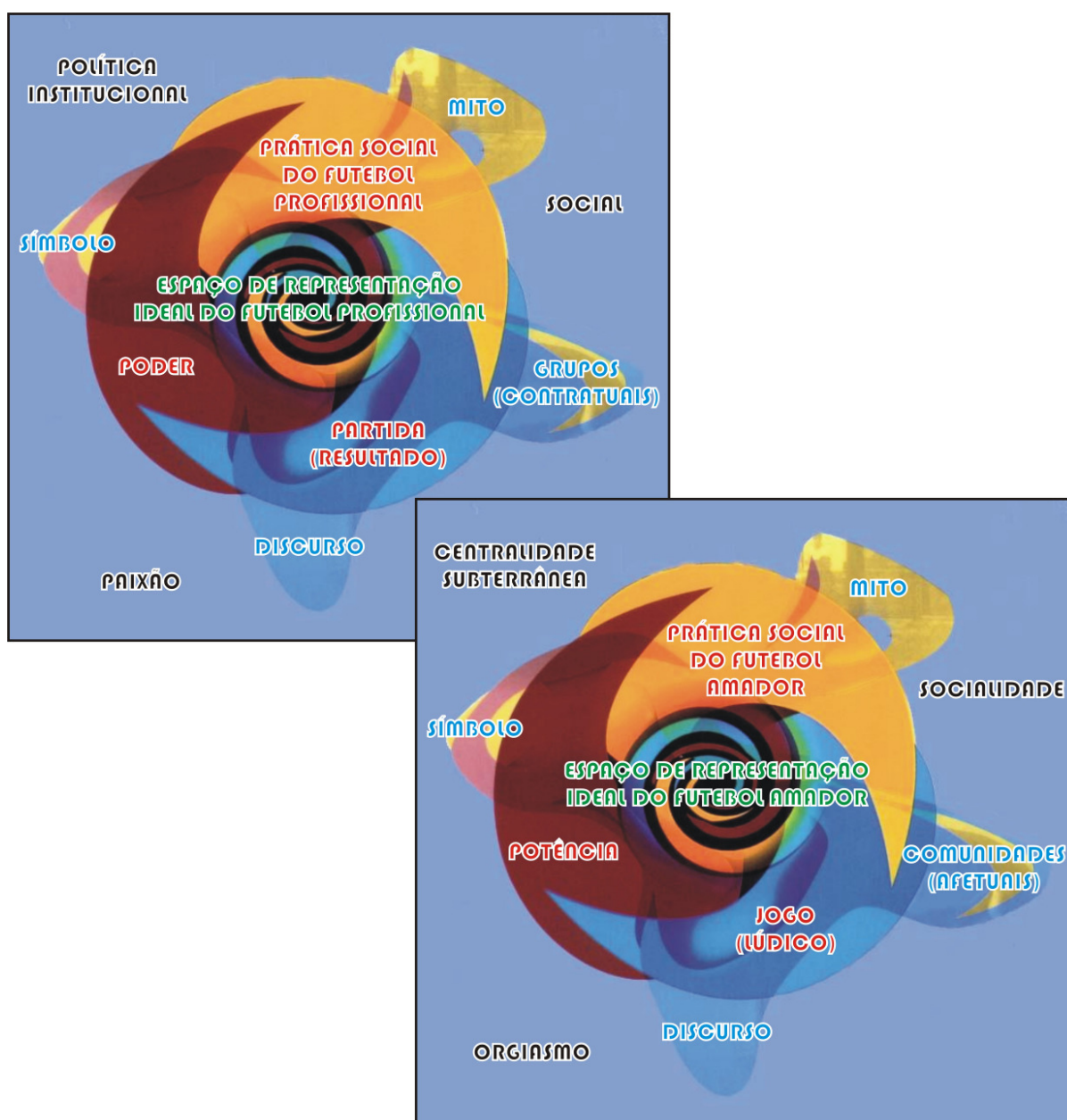


FIGURA 9 - ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL PROFISSIONAL E DO FUTEBOL AMADOR

Fonte: O autor.

Legenda: De cima para baixo – (01) Espaço de representação do futebol profissional; (02) Espaço de representação do futebol amador.

O fato futebolístico pode ser apontado como elemento original do espaço de representação do futebol, pois sem ele os outros não fariam sentido. Ele é a partida, o próprio jogo de futebol, ou seja, o ritual. É a partir do fato futebolístico que as pessoas, os grupos e as comunidades formulam as representações sociais; que os diferentes atores do espaço de representação do futebol se relacionam e produzem seus discursos; que os símbolos e mitos são gerados; enfim, que toda a malha de significados que permeia o futebol é criada.

No entanto, o fato futebolístico pode se apresentar de maneiras diversas nas modulações desde o espaço de representação do futebol amador até o profissional. No futebol profissional, ele é a partida, representada da forma mais espetacularizada e baseada em regras oficiais – formuladas, padronizadas, exigidas e supervisionadas por uma estrutura institucional, que vai desde a Fifa/International Board até os clubes. Já no futebol amador, tais regras não precisam ser respeitadas para caracterizar o fato futebolístico. Ele pode ser apenas um jogo entre dois amigos manipulando uma bola (não necessariamente com tamanho e peso oficiais) com os pés, cabeça, entre outras partes do corpo com exceção aos antebraços, braços e mãos. Esta definição do fato futebolístico amador é uma das que mais se distanciam do futebol profissional, mas há práticas que procuram se aproximar. Podemos observar esta tentativa de aproximação em campeonatos vinculados a federações estaduais, que seguem as regras do futebol profissional. Entre os dois amigos brincando com a bola (matriz bricolada) e a partida do campeonato da federação (matriz comunitária), há uma infinita gama de fatos futebolísticos amadores que criam suas próprias regras – o Peladão, tratado detalhadamente mais a frente é um exemplo disto. No entanto, o que diferencia o fato futebolístico profissional e amador não é apenas a primeira natureza (TOLEDO, 2002), mas sua ênfase ou objetivo. Chamaremos o fato futebolístico do futebol profissional de partida, que se caracteriza pela busca do resultado (em geral, a vitória) e pela ênfase no rendimento e na competição. Já no que se refere ao futebol amador falaremos de jogo, que está fundamentado no lúdico, no jogo pelo prazer de jogar. Entretanto, é possível – e não muito difícil – encontrar o lúdico no fato futebolístico profissional e a competição no amador, pois, como já dito, tais lógicas estão entremeadas.

O futebol apresenta uma prática social própria, porém altamente articulada com a prática social cotidiana. Tal articulação se dá de maneira mais íntima em sociedades nas quais o futebol se configura como um importante elemento sócio-cultural e de sociabilização. No caso brasileiro, parte-se do pressuposto que a prática social do

futebol é indissociável da prática social em sentido geral e vice-versa. A mobilização social em torno da Seleção Brasileira – símbolo maior do espaço de representação do futebol brasileiro – em época de Copa do Mundo, sobretudo, é um exemplo desta articulação. Em dia de jogo, funcionários são dispensados, os torcedores se reúnem em bares ou em suas próprias casas para assistir a partida, a mídia só tem olhos para a partida e seus preparativos. Esta, talvez seja a manifestação mais bem acabada que o futebol faz realmente parte da prática social cotidiana do brasileiro, mas não é a única. A mobilização em torno dos jogos dos clubes e times amadores, as conversas nos bares, as provocações a torcedores rivais ou a reunião dos dois times depois de uma pelada para se confraternizar nos botecos também demonstram que o dia-a-dia dos brasileiros é permeado por representações sociais referentes ao futebol.

Dentro do contexto do espaço de representação do futebol, prática social do futebol são todas e quaisquer relações sociais produzidas pelo futebol. Vai desde o ir ao estádio, o jogar, o torcer, até os comentários produzidos pela partida ou pelo jogo e seus bastidores. Entender a prática social do futebol é passo fundamental para compreender a construção do espaço de representação do futebol, pois são nas relações da vida cotidiana pós-moderna que vão circular, ser criadas e modificadas as representações sociais. A socialidade pauta esta prática, sobretudo no que se refere às manifestações do futebol amador e àquelas realizadas pelos torcedores tanto do amador quanto do profissional.

Segundo Berger e Luckmann (1999), a realidade social é construída objetiva e subjetivamente pelas pessoas a partir de suas relações cotidianas. Como o futebol faz parte desta realidade, ele pode ser apreendido como, ao mesmo tempo, um produtor e um produto de representações sociais; através das quais o mundo cotidiano apresenta-se como coerente e dotado de sentido para as pessoas, que partilham uma realidade subjetivamente significativa. Desta forma, a prática social do futebol penetra na prática espacial cotidiana, fazendo com que ela seja puncionada por momentos de presença. A prática social do futebol se organiza em torno do “aqui e agora”, ou seja, do espaço (o corpo) e do tempo (presente), assim, se fundamenta na escala do tátil, na presença e no presenteísmo. O que está inserido neste recorte pode ser manipulado e apreendido pela consciência, bem como é mais facilmente incorporado às pulsões gregárias, de caráter trágico-dionisíaco. O face a face se constitui a base da interação social, sendo que os demais casos derivam deste. Portanto, no futebol profissional, o encontro de torcedores no estádio ou em espaços públicos é a situação

mais propícia para o surgimento, modificações e circulações de representações sociais. Estas redefinem constantemente os elementos simbólicos do espaço de representação do futebol, bem como aspectos ligados à própria prática social do futebol, como os significados e formas de torcer. Já no futebol amador, o face a face é muito mais constante pela própria natureza lúdica do fato futebolístico. Tal interação remete à proxemia, ao caráter comunitário presente não apenas entre torcedores, mas também e, sobretudo, entre jogadores e demais envolvidos. Desta forma, as relações afetuais se dão de forma mais direta tanto entre as pessoas quanto com os territórios e territorialidades.

Não obstante a prática social do futebol não se esgota no aqui e agora, podendo ser mediada. Neste sentido, as representações sociais são geradas e modificadas não apenas no contato direto entre pessoas, grupos, comunidades e tribos, mas também através de mediações, como o discurso da mídia (dos especialistas), incorporado por torcedores, aficionados e praticantes do futebol. Constantemente, é através da mídia que são construídos os referenciais da prática social do futebol, bem como do fato futebolístico. Ela cria representações sociais que valorizam ou desvalorizam jogadores, clubes, campeonatos, etc. Tais representações, em geral, são ligadas ao futebol profissional – dado o maior espaço destinado a este nas coberturas –, mas também influenciam na prática amadora do futebol. A própria transmissão de uma partida, seja pelo rádio ou pela televisão, é assimilada pelo telespectador/ouvinte através de representações sociais formuladas pelos especialistas. A televisão, através dos cortes de câmera, mostra uma das maneiras possíveis de se ver o jogo, bem como produz narração e comentários, que induzem à criação de representações sociais consonantes com a visão dos especialistas (ver BOURDIEU, 1997). Tais representações sociais são incorporadas pelos torcedores e reproduzidas em seus discursos nos encontros públicos (nos bares, nos terminais, no trabalho).

Outra categoria central do espaço de representação são as relações estabelecidas entre as pessoas, entre os grupos e comunidades, bem como entre as pessoas e os agrupamentos das quais fazem parte (contratuais ou afetuais). Há uma distinção entre os atores do espaço de representação do futebol profissional e amador. Enquanto que no futebol profissional, estes atores são definidos pela função exercida, no futebol amador, o são pelos papéis assumidos. Assim, os atores do futebol profissional são mais facilmente identificáveis – mesmo havendo uma sobreposição

entre os grupos – e divididos em: profissionais (participam ou influenciam diretamente no fato futebolístico); especialistas ou mídia (não jogam nem torcem, ocupando uma posição entre a categoria dos profissionais e dos torcedores); torcedores (se aglutinam em torno de uma instituição futebolística através de ligações afetivas e identitárias) (TOLEDO, 2002). No futebol amador, as pessoas podem constantemente trocar de papéis e não possuem relações contratuais, portanto é mais difícil de realizar uma classificação. No entanto, é possível partir de alguns papéis, como o de praticante – aquele que joga –, o de espectador – aquele que assiste e, eventualmente, torce, se transformando em torcedor –, o de especialista – o que cobre, analisa e noticia o futebol amador. Esta é uma classificação simplista, pois pode haver uma constante troca de papéis, bem como o surgimento de novos. Por exemplo, a mesma pessoa que estava jogando há dez minutos, pode apitar a partida dos colegas; o jornalista que cobria o jogo de um campeonato amador se reúne com seus amigos para uma pelada. Neste universo do futebol amador, os papéis não se limitam àqueles ligados diretamente ao fato futebolístico e sua apreensão, podendo também haver papéis independentes do fato futebolístico, como o amigo que vai para fazer churrasco e nem sequer acompanha o jogo, as esposas/maridos que vão para assistir seus companheiros jogarem, mas se entretêm com outras coisas, entre outros vários papéis.

No espaço de representação do futebol profissional as relações se pautam no poder, já no amador, estas ocorrem a partir da potência. O poder permeia todas as relações do futebol profissional, sejam elas promovidas no fato futebolístico ou na prática social do futebol (FOUCAULT, 1998, 2007; RAFFESTIN, 1993). Ele se materializa nas relações entre os diferentes atores do espaço de representação do futebol, formando representações sociais, símbolos, mitos modernos, valores, discursos, etc. Os diferentes atores sócio-espaciais interagem entre si formando uma rede de relações sócio-espaciais a partir do futebol. Nesta rede, o poder é exercido de diversas maneiras entre as instituições e os atores sócio-espaciais. Mesmo entre atores de uma mesma categoria o poder está presente em qualquer relação. Desta forma, o poder pode ser apreendido como uma relação de força entre os atores sócio-espaciais e os indivíduos. “O poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força” (FOUCAULT, 1998, p. 175).

O poder, mesmo na pós-modernidade, favorece a criação do reino da política institucional, bastante desigual, calcado na verticalidade. É neste reino, refúgio do paradigma social, que as instituições futebolísticas interagem através de relações de poder. Tais relações são fundamentalmente políticas, pois é a partir delas que os indivíduos e grupos se diferenciam dos outros e que as organizações mantêm (ou procuram manter) sua ordem interna. As instituições são construídas a partir de uma historicidade compartilhada, tendo histórias próprias, que precisam ser compreendidas para ser possível entender adequadamente uma instituição – tal qual clubes, federações, confederações, torcidas organizadas, entre outras. A tradição é extremamente valorizada no espaço de representação do futebol profissional, no qual a hierarquização promovida pelo poder se materializa nas regras, além de em outras situações. O poder (sobretudo, da política) e a hierarquização institucional são as bases para o paradigma do social, atrelado à modernidade. Tal organização vai favorecer a preservação de identidades fixas, que contrastam com aquelas da socialidade (HALL, 2005; MAFFESOLI, 2005b, 2006). Desta forma, o futebol profissional é o reduto dos discursos identitários nacionalistas – mesmo que por trás estejam interesses econômicos. As próprias instituições procuram preservar as territorialidades dos Estados nações ao ter suas alçadas circunscritas às suas fronteiras, bem como organizando competições que procuram reforçar este sentimento (campeonatos nacionais, Copa do Mundo, etc.). Entretanto, o futebol profissional também produz outra estruturação identitária, mas em escala diferente: a identidade clubística, que pode ser interpretada como uma identidade fixa, pois o sujeito tende a torcer pelo mesmo clube toda sua vida. Há possibilidade de troca, mas isto é socialmente condenável e o sujeito será taxado de vira casaca.

Sob o paradigma da socialidade, a política e, conseqüentemente, o poder se encontram saturados. Ganha força, então, outro tipo de organização: a potência, uma força horizontal, que muito mais do que diferencia, iguala, e muito mais do que separa, une. É através desta força “bem difícil de explicar” que as comunidades (tribos e massas) se relacionam e mantêm uma “harmonia conflitual” (MAFFESOLI, 2006, p. 69). A potência não substitui o poder, mas mantém uma relação dialética com ele. No entanto, rompe com o caráter individual do poder, valorizando a vida comunitária ou, nas palavras de Maffesoli (2006, p. 89), o “divino social”, cujas características são o rompimento: com o mito progressista; com a estabilidade dos conceitos e teorias; e com as identidades fixas modernas. Por outro lado, há a valorização do hedonismo, do

sentimento religioso, do qualitativo, bem como da utilização de imagens e formas. Esta última característica é a base para a formação de tribos, de seus referenciais e do próprio ideal comunitário. A potência, expressada pelo estar-junto, tem como base o orgiasmo, as paixões e os sentimentos coletivos de base trágico-dionisíaca – que se fundamentam em imagens e formas, assim como as produzem e reproduzem.

Nesse sentido a utilização das formas pode ser o indício de uma socialidade viva que não se situa mais nem a favor nem contra o poder, mas que, na melhor das hipóteses, o ignora, na pior, o despreza. A derrisão na qual está envolta a política, a utilização das imagens irônicas, humorísticas, por via impressa ou televisual, são bons indícios de uma potência de base que não mais se reconhece na abstração conceptual do poder.

É sempre instrutivo, para o observador social, estar atento à dialética entre o poder e a potência. Ao elaborar o ideal democrático a modernidade pôs a ênfase sobre o primeiro e, deste modo, valorizou a expressão conceptual e a visão teórica do mundo. Já a pós-modernidade tende a privilegiar a expressão imagética e o jogo das formas. Por conseguinte, é outro modo de estar-junto que se configura, o do ideal comunitário, expressão direta da potência. Esta não tem necessidade alguma de se legitimar através de uma racionalização teórica, pode dispensar representações, tanto intelectuais quanto políticas; por outro lado, ela é, ao mesmo tempo, a causa e o efeito de uma série de emoções, de paixões e de sentimentos coletivos, donde a profusão de imagens e o jogo das formas de que se acabou de tratar. Em suma, existe uma relação direta entre o ressurgimento da forma e o da comunidade (MAFFESOLI, 1998, p. 104-105).

A potência ao mesmo tempo em que se esquia do poder e de sua política institucional, acaba penetrando com enorme força estas instituições. Tal penetração, bem como a circulação da potência em geral, que não necessita de uma instituição para legitimá-la, se dá a partir de uma centralidade subterrânea. Esta rede de relações, que encontra seus nós nas tribos e no seu diálogo com a massa, se constitui a partir dos referenciais, ou seja, as representações sociais compartilhadas. Esta estruturação informal, mas que pode se materializar em uma instituição ou agrupamento (clube, time de bairro, time de empresa, etc.), se fundamenta na espontaneidade dos membros, no *ethos* comunitário, no arraigamento dinâmico, no hedonismo e nos afetos. Desta forma, despreza o poder institucional, o individualismo e, em conseqüência, a identidade moderna. Os times de bairro são formados por vizinhos, conhecidos, amigos, sendo que por mais que haja papéis pré-estabelecidos, entre os membros não há uma clara distinção, sendo sua relação baseada na potência, o que facilita a proximidade entre as pessoas em detrimento das relações frias dos contratos do futebol profissional.

O futebol amador se baseia na lógica da identificação e não na da identidade, ou seja, as estruturações identitárias deixam de se dar a partir do indivíduo, mas a partir das tribos. A pessoa pode fazer parte de quantas tribos queira podendo *migrar* constantemente entre elas. Ele busca um “nós coletivo”, a partir do qual experienciará o orgasmo, forma de laço afetual que não se sujeita às estruturas e relações de poder. Assim, como as instituições no futebol amador são menos fixas e a liberdade pessoal de escolha e circulação é maior, tanto o praticante quanto o espectador procuram aquele time que mais lhe proporciona momentos de presença, orgasmo. Isto não significa que não haja fidelidade no futebol amador. É apenas uma fidelidade diferente, talvez até mais forte, pois se baseia quase que exclusivamente – nas manifestações que se aproximam da matriz bricolada (DAMO, 2007) – nos afetos. Se os torcedores no futebol profissional carregam sua paixão pelo seu clube até morrer, os aficionados pelo futebol amador (que podem até ser as mesmas pessoas) carregam seus afetos pelo futebol em si. Estes afetos podem ser canalizados para um clube – no caso da matriz comunitária (DAMO, 2007), que tem instituições com maior tradição – ou para o simples gosto de acompanhar um jogo qualquer. Quando se trata do praticante, não há dúvidas que o futebol amador engendra maior fidelidade, uma vez que se joga por vontade, por amor, pela diversão, sem nenhuma (ou menores do que no futebol profissional) obrigação contratual e cobrança de rendimento. Desta forma, as emoções no contexto do futebol amador ocorrem a partir de pulsões gregárias a fim de celebrar uma estruturação identitária baseada na vida comunitária através de imagens tutelares, como o é uma equipe de futebol.

As grandes cidades transformaram-se em campos onde os bairros, os guetos, as paróquias, os territórios e as diversas tribos que os habitam substituíram as aldeias, lugarejos, comunas e cantões de antigamente. Mas, como sempre, é necessário reunir-se em torno de uma imagem tutelar. O santo patrono venerado e celebrado será substituído pelo guru, pela celebridade local, pela **equipe de futebol** ou pela seita de modestas dimensões (MAFFESOLI, 2006, p. 85, grifo nosso).

Esta equipe pode ser um clube, ou seja, uma instituição ou mesmo um time de bairro, de empresa ou formado por amigos. Neste último caso, o caráter comunitário é evidente, mas no caso do clube (que pode até ser profissional), a estruturação identitária se dá *a partir do* clube e não *pelo* clube. Em outras palavras, a pessoa não necessariamente se identifica com o clube em si, mas com a situação de orgasmo e reunião comunitária que este clube propicia. Desta forma, o clube ou o time é o

pretexto para a reunião, é o meio para se atingir o orgasmo, mas não um simples meio, descartável e substituível. Queremos dizer que as emoções e o orgasmo no futebol, sobretudo sob o paradigma da socialidade, não são produzidos pelo clube ou time em si, por mais que haja uma forte vinculação e sentimento por tal, mas pelas experiências que a reunião em torno dele propicia. A lógica do clubismo, do futebol profissional é diferente, pois tem fundamento individualista, ou seja, suas manifestações são fortemente vinculadas às identidades. Desta forma, orgasmo é suplantado pela paixão individual.

Apesar de diversas diferenças apontadas, há algumas semelhanças (não homogeneidade) entre o futebol amador e o profissional, sobretudo no que diz respeito aos símbolos. Tal elemento, juntamente com os mitos, é fundamental na construção do espaço de representação do futebol, pois são eles que vão produzir sentido e perpetuar o universo simbólico do futebol. Eles surgem e circulam como representações sociais nas relações cotidianas produzidas pelo futebol. Os símbolos estão presentes nos comportamentos, sentimentos, desejos e atos das pessoas e dos grupos ou das comunidades. Desta forma, ignorá-los seria omitir uma parte importante da constituição do espaço e também da vida das pessoas, grupos e comunidades. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2007, p. xii), “seria pouco dizer que vivemos num mundo de símbolos – um mundo de símbolos vive em nós”. Através dos símbolos é possível desvelar manifestações do inconsciente, os motivos das ações, enfim, descobrir os aspectos mais íntimos que motivam as mais diversas relações. Eles podem ser todo e qualquer artefato ligado ao futebol – nome, brasão, totens, etc. – desde que possuam significados partilhados. O símbolo vai além do significado do objeto em questão, estendendo-se ao sujeito. Assim, os significados dos símbolos não são universais e intemporais, pois estes dependem da cultura na qual estão imersos, da época que se trata, de quem se apropria deles e das instituições ou comunidades que representam. Todavia, as mudanças de significado não são rápidas nem simples, mas são mais constantes sob a lógica do futebol amador, no qual as imagens são fundamentais para a constituição de comunidades afetuais, sendo que tais imagens só assumem significados fortes o bastante para provocar o orgasmo, o sentimento trágico-dionisíaco se forem apropriadas como símbolos (DURAND, 2002; JUNG, 2002; MAFFESOLI, 1998).

Inseridos no pensamento simbólico se encontram também os mitos, que possuem diferentes formas de construção e apropriação nos futebolis amador e

profissional. Enquanto neste podemos denominar os mitos como modernos, naquele os mitos fazem parte de uma montagem mitológica fundada no sentimento trágico. No futebol profissional os mitos são as referências do passado do esporte e das instituições (clubes, seleções). Eles são construídos através da mitificação de jogadores, treinadores, dirigentes, jornalistas, entre outros atores do espaço de representação do futebol profissional. Estes mitos carregam as características dos mitos modernos por se fundamentarem no culto ao herói ou à raça (CASSIRER, 2003). Os mitos modernos são uma espécie de referência ou parâmetro aos quais os atuais atores do espaço de representação do futebol profissional devem se reportar e seguir como exemplo. Eles afloram em épocas em que o clube (ou instituição em questão) está encontrando dificuldades ou até mesmo quando grandes resultados no fato futebolístico fazem com que os atores sócio-espaciais se remetam ao passado. No futebol amador os mitos possuem outra dinâmica, sendo tão ou mais importantes. Eles são evocados a fim de aglutinar as pessoas em tribos, por possuírem forte caráter imagético. Entretanto, não se fundamentam em uma grande referência, mas em várias pequenas mitologias, o que propicia o sentimento tribal. A montagem mitológica do futebol amador, de origem arcaica, se desenrola a partir do sentimento trágico simbolizado pela figura de Dioniso. Assim, os mitos do futebol amador se baseiam no presenteísmo, no cíclico, no lúdico e nos excessos permitidos nas aglomerações. Os mitos não são evocados para se chegar a um desfecho, mas para potencializar o orgiasmo. Associados aos mitos estão os ritos, que, podem ser vistos como o próprio fato futebolístico ou alguns dos demais encontros – como em bares, churrascos, etc. – promovidos pela prática social do futebol. Esta teatralização tem dimensão duradoura e cíclica de modo a propiciar a criação de novas imagens comuais, bem como a evocação de antigas, facilitando a construção de territorialidades.

O discurso é outro importante elemento simbólico, pois além de produzir representações sociais, é produzido também a partir delas. Ele não deve ser encarado como transmissão de informações, mas sim como produtor de efeitos de sentidos. Portanto, o que quer se dizer é menos importante do que é entendido. Orlandi (1983, p. 149, grifo da autora) chama atenção também às condições de produção, o que, justamente, vai marcar as diferenças entre os discursos do espaço de representação do futebol amador e do profissional.

não é definido como transmissão de informação, mas como efeito de sentidos entre locutores (M. Pêcheux, 1969). Se já considerada, de partida, que o contexto, as condições de produção são constitutivas de sentido, *a variação é inerente ao próprio conceito de sentido*.

Se o discurso é um signo de algo *para* alguém *em* um determinado contexto, suas condições de produção estão ligadas aos seguintes fatores: lugar e cena (os papéis ou as funções do sujeito no espaço de representação do futebol, bem como em que contexto espacial, temporal e social fala); gêneros de discurso (coerções institucionais e de ritos enunciativos); autoridade (reconhecimento do discurso como legítimo); cenografia e *déixis* (coordenadas espaço-temporais implicadas na enunciação, ou seja, a relação do enunciador e enunciatário, bem como suas topografia e cronografia); e o *ethos* (valores que são expressos sem se dizer, ou seja, através do tom do discurso, que está ligado a traços psicológicos e com a corporalidade) (MAINGUENEAU, 1989).

Portanto, os diferentes discursos produzidos no espaço de representação do futebol se darão como manifestação do poder ou da potência, a partir de um universo simbólico partilhado por enunciadores e enunciatários. Vão variar de acordo com a posição do sujeito no espaço de representação, bem como sob que paradigma organizacional se encontra, mais próximo do *ethos* futebolístico pautado na socialidade ou no social.

3.3.2 Territórios e territorialidades futebolísticos

O espaço de representação do futebol é extremamente dinâmico, pois além das variações inerentes ao fato futebolístico (o que influencia sobremaneira as demais categorias), há diversas variações de apropriações de seus demais elementos. Estas variações ocorrem, principalmente, de acordo com cinco aspectos: tipo de futebol (profissional ou amador); temporalidade (período em questão); variáveis espaciais (localidade em questão ou mesmo variações de escala); atores sócio-espaciais (os diversos papéis e funções no espaço de representação de futebol); e instituições ou agrupamentos (clubes, federações, confederações, times, entre outras). Tais apropriações formam diversas territorialidades essencialmente simbólicas, que se

expressam através de uma complexa rede sócio-espacial e se materializam em territórios futebolísticos.

Começemos tratando dos territórios futebolísticos, que se referem às bases materiais do espaço de representação do futebol dedicadas ao fato futebolístico, à prática social do futebol, bem como aos outros elementos desta instância da espacialidade. Em geral, os territórios do futebol profissional são mais fixos e materialmente identificáveis – como estádios, sedes de clubes, de torcidas organizadas ou de federações. Isto não significa que não possa haver os processos de desterritorialização e reterritorialização, bem como a sobreposição de territórios, ou ainda a construção de territorialidades fluidas, como ocorre entre torcedores.

O estádio é o território futebolístico do futebol profissional – e talvez também do futebol amador – mais rico em apropriações simbólicas, ou seja, mais perpassado por territorialidades. Os atores sócio-espaciais têm suas territorialidades definidas por marcas visíveis ou imperceptíveis àqueles que não compartilham as representações sociais em relação a tal território. Por exemplo, os jogadores desenvolvem suas atividades dentro do vestiário e no campo de jogo, delimitado por linhas. Entretanto, os jogadores, dentro de campo ocupam funções – em geral determinadas pelo treinador – que pressupõe certas territorializações dentro de campo. Por exemplo, os zagueiros não podem freqüentar constantemente o campo de ataque, assim como o goleiro, através de uma marca evidente, não pode fazer intervenções com as mãos fora da grande área. Todavia estas territorialidades, ligadas à própria dinâmica da partida, não nos são as mais interessantes se não aquelas produzidas durante o fato futebolístico pelos torcedores e também após pelos especialistas.

As arquibancadas, territórios dentro do estádio, possuem uma dinâmica de territorialização bastante complexa e interessante. Os subgrupos de torcedores constroem territorialidades nas arquibancadas, que se materializam através das faixas, bandeiras e outras delimitações ora de caráter permanente – por exemplo, a setorização do estádio através do preço dos ingressos – ora de percepção mais sutil – setores do estádio com o mesmo valor de ingresso, que são ocupados por famílias, por torcida feminina, bem como as facções das torcidas organizadas que se agrupam nas arquibancadas. Quanto aos especialistas, durante o fato futebolístico ficam circunscritos às cabines de transmissão, zonas mistas, beira do gramado, bem como outros ambientes restritos. Entretanto, seu papel mais significativo nas territorialidades do futebol está ligado às repercussões que suas transmissões, textos, análises e

opiniões geram. Juntamente a outros fatores, como o número de torcedores e conquistas, por exemplo, a exposição de um clube na mídia é fundamental para construção de territorialidades desta instituição.

A territorialidade de um clube transcende tanto os territórios futebolísticos que ele possui, como estádio, centro de treinamento, sede, etc. quanto os limites do município, estado ou até do país que ele se encontra. A abrangência das territorialidades clubísticas são indícios da grandeza desta instituição. Por exemplo, um clube de tradição, com conquistas em escala nacional e internacional, com exposição praticamente diária na mídia e com milhões de torcedores possui uma rede de territorialidades muito mais complexa e abrangente do que um clube com conquistas e repercussões estaduais. Desta forma, apesar de simbólicas, as territorialidades clubísticas no futebol profissional – e em alguns casos também no futebol amador – são expressões de poder desta instituição. Entretanto, isto não significa que as territorialidades têm fundamento vertical, mas que corroboram a lógica das relações da política institucional.

No futebol amador, os territórios construídos, comumente, são mais fluidos e mutáveis, sendo, muitas vezes, inteligíveis somente para as próprias comunidades que deles se apropriam. Isto porque estes territórios se encontram sobrepostos ou são dominados e apropriados apenas temporariamente. Peguemos um exemplo de um campo de futebol público. Teoricamente este território não possui um dono senão o poder público. No entanto, na medida em que um grupo de pessoas passa a frequentá-lo com certa constância e nele deixa marcas, ele passa a ser um território desta tribo, construído a partir de territorialidades. Outro exemplo são territórios que nem donos têm e nem demarcados são, como áreas em parques, na praia, terrenos baldios, várzeas, etc. São territórios temporários, todavia não menos significativos em seus simbolismos em relação aos grandes estádios do futebol profissional ou mesmo do futebol amador federado. Eles podem receber outros usos, mas quando fixadas as traves (de madeira, de chinelo, etc.) se tornam territórios futebolísticos de caráter fundamentalmente proxêmico. Estas territorializações, desterritorializações e reterritorializações nos fazem afirmar que o futebol amador é multiterritorializado desde seus territórios futebolísticos materiais até suas territorialidades mais simbólicas.

As territorialidades construídas em torno destes territórios futebolísticos se fundamentam, sobretudo, no sentimento trágico-dionisíaco, que evoca o lúdico não apenas no diz respeito ao fato futebolístico, mas às relações em geral, que se dão a

partir da horizontalidade da potência. Isto pode ser observado em uma das territorialidades mais intensas do futebol amador, àquela que se dá nos bares, botecos, em volta das churrasqueiras – que apesar de não serem locais onde se desenvolve o fato futebolístico, são territórios futebolísticos tão basilares quanto os próprios campos. Estes territórios futebolísticos de sociabilização não necessariamente possuem alguma marca material que denota o uso exclusivo das tribos que os freqüentam, ou seja, não são delimitados fisicamente, mas o são do modo simbólico. Estes territórios são locais de convívio constante dos participantes e dos aficionados do futebol amador, sendo palco das pulsões gregárias e do turbilhão de afetos, que levam ao orgasmo. São *locus* do transe dionisíaco, dos excessos, da bebida, da comida, da música, da conversa, da risada. Esta territorialidade tão rica em significados e modulações ajuda a significar o próprio futebol praticado antes, durante ou depois destas reuniões. Para muitos, o futebol torna-se pretexto para ir ao bar e o bar se torna contexto para a prática social do futebol.

Estes territórios futebolísticos amadores passam a fazer parte da vida cotidiana (pós-moderna) das pessoas, sendo os locais onde as representações sociais são produzidas, circulam e são substituídas por novas. Eles são atravessados por territorialidades sobrepostas, de diferentes tribos que ao invés de quererem dominar estas porções do espaço preferem compartilhá-las de modo a potencializar a socialidade. Isto não significa que não haja certas discordâncias e disputas em jogo, mas elas fazem parte de uma harmonia conflitual entre as tribos, de uma organização fundada na centralidade subterrânea. Esta convivência entre as tribos depende muito também das diversas apropriações que são feitas dos elementos do espaço de representação do futebol, sendo que quanto mais próxima da ética da competição, ou seja, mais distante do espaço de representação do futebol amador, maiores serão as possibilidades de que estas disputas se intensifiquem e se tornem mais ásperas. Demonstraremos como se articulam estas diferentes territorialidades, os territórios futebolísticos, bem como as lógicas do futebol amador e profissional, através da análise do espaço de representação do futebol do Amazonas.

4. ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL AMAZONENSE

Através deste capítulo, apresentamos um panorama geral do espaço de representação do futebol amazonense tanto profissional quanto amador. Naturalmente, nosso foco se encontra neste último e suas diversas modulações, que aqui serão apresentadas. Para a apreensão da construção do espaço de representação do futebol do Amazonas, foi realizada uma pesquisa de campo em duas etapas. A primeira delas ocorreu entre junho e julho de 2007, através de uma viagem através dos Rios Madeira, Negro e Amazonas, promovida por uma parceria entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a de Rondônia (UNIR). A segunda aconteceu em setembro de 2008, na ocasião da abertura e da primeira semana do Peladão. Nestas duas etapas, gravamos entrevistas abertas com 23 representantes do espaço de representação do futebol amazonense. Para a análise destas entrevistas, utilizaremos os procedimentos da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1997, 2006; ORLANDI, 1983; BOURDIEU, 1996; FOUCAULT, 2007a, 2007b; MAINGUENEAU, 1989), conforme detalharemos na primeira parte do capítulo e no decorrer da análise.

Na segunda parte do capítulo, discutimos o espaço de representação do futebol profissional, que inclui as categorias de base. Partimos de dados coletados e das entrevistas realizadas com dirigentes amazonenses, bem como outros atores sócio-espaciais envolvidos diretamente no processo de formação de jogadores profissionais, bem como nas relações do futebol profissional em si. Será possível notar que o espaço de representação do futebol profissional amazonense se encontra conectado com aquele em escala nacional, bem como com o próprio futebol amador local, discutido na terceira parte do capítulo.

A partir das observações de campo, dos dados coletados e das análises das entrevistas, chegamos a uma tipologia do futebol amador, conforme sua estruturação simbólica e identitária, bem como sua organização do fato futebolístico e de sua prática social. Agrupamos as manifestações do espaço de representação do futebol amador em três grandes categorias: futebol e festejos (que tem o espaço de representação do futebol associado a espaços de representação de festejos religiosos ou folclóricos); campeonatos vinculados à Federação Amazonense de Futebol (apesar de amadores, inseridos na hierarquia institucional que vai da Fifa até a própria

Federação); e Peladão (organizado por uma empresa de comunicação de Manaus, mas que tem grande penetração na vida cotidiana pós-moderna de Manaus e de suas tribos). O Peladão será discutido de maneira preliminar, já que o próximo capítulo será dedicado exclusivamente a esta manifestação do espaço de representação do futebol do Amazonas.

4.1 ANÁLISE DO DISCURSO

Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso. (PÉCHEUX, 2006, p. 53).

Antes de falarmos sobre Análise do Discurso – procedimento de análise dos dados compilados – precisamos explicar como se deu o processo de coleta dos dados. Optamos pela realização de entrevistas abertas não estruturadas com atores do espaço de representação do futebol amazonense. Estas entrevistas foram precedidas de pesquisa bibliográfica e em fontes documentais (jornais, revistas, outros meios de comunicação), bem como acompanhadas de observações de campo. As entrevistas foram realizadas em três etapas. A primeira delas ocorreu entre os dias 09 de junho e 04 de julho de 2007, na ocasião de uma viagem pela região amazônica organizada através de uma parceria entre os Cursos e Programas de Pós-Graduação de Geografia da UFPR e da UNIR. A expedição, realizada em um barco, saiu de Porto Velho, passando em diversos municípios – entre eles Borba, Manaus, Itacoatiara e Nova Olinda do Norte e comunidades ribeirinhas dos Rios Madeira, Negro e Amazonas até chegar a Parintins, seu ponto final e de onde retornou para a capital rondoniense. Nesta primeira etapa, os depoimentos que serão analisados foram colhidos em Manaus e Parintins com atores sócio-espaciais tanto do futebol amador quanto do profissional⁸⁸. A segunda etapa se estendeu entre os dias 18 e 29 de setembro de 2008, quando fomos pesquisar a abertura e a primeira semana do XXXVI Campeonato de Peladas do Amazonas – conhecido popularmente como Peladão⁸⁹.

⁸⁸ O uso de todas as entrevistas foi autorizado pelos entrevistados. Nesta primeira viagem, as entrevistas – todas gravadas – tiveram seu uso autorizado apenas verbalmente. Nestes casos, os nomes dos entrevistados serão omitidos, aparecendo apenas suas iniciais. Na segunda viagem, as autorizações foram feitas por escrito e seguem no anexo do trabalho.

⁸⁹ A partir daqui referirmos a este campeonato como Peladão.

Todas as entrevistas foram realizadas em Manaus e mesmo sendo o foco o Peladão, foram ouvidos também atores ligados ao futebol profissional e ao amador vinculado oficialmente à Federação Amazonense de Futebol (FAF). A terceira etapa de coleta de dados foi realizada ao longo da redação da tese, em 2009, através de comunicações via e-mail e telefone.

Neste capítulo e no próximo (específico sobre o Peladão) serão analisadas 24 entrevistas, todas realizadas de forma não estruturada, o que permite maior liberdade de expressão do entrevistado, bem como favorece o surgimento e aprofundamento de assuntos relevantes levantados durante a entrevista. May (2004, p. 149) apresenta algumas das vantagens propiciadas pela escolha das entrevistas não estruturadas.

A diferença central desta forma de entrevista em relação à entrevista estruturada ou semi-estruturada é o seu caráter aberto. É dito que isso a provê da capacidade de desafiar as concepções do pesquisador, assim como permite ao entrevistado responder perguntas dentro de sua própria estrutura de referência. Alguns podem considerar isso como uma licença para o entrevistado simplesmente falar sobre uma questão da maneira que escolher. Não obstante, essa desvantagem aparente é transformada em uma vantagem, porque há uma preocupação com a perspectiva da pessoa sendo entrevistada e estas coisas, como aparentemente divergir do tópico específico, podem de fato revelar algo sobre suas preocupações (Bryman, 1988a).

As entrevistas abertas e não estruturadas demandam um critério qualitativo na escolha dos entrevistados. Desta forma, procuramos abranger o maior número de funções e papéis de atores do espaço de representação do futebol amazonense. Foram ouvidos jogadores profissionais e amadores, treinadores, dirigentes, jornalistas, organizadores do Peladão, representantes da FAF, presidente de liga amadora, rainha e candidatas à rainha do Peladão, árbitros, entre outros. Por conseguinte, a diversidade de atores entrevistados demandou que as entrevistas fossem todas abertas e não estruturadas, pois as perguntas feitas variavam de acordo com os papéis ocupados pelos atores. Todos os depoimentos foram gravados, tendo durações e locais de colhimento variáveis.

Trabalharemos a partir da perspectiva da tendência francesa de Análise do Discurso, de que o discurso transcende a dimensão lingüística, sendo mais importantes os efeitos de sentido e a capacidade de refletir nos entremeios. Lançaremos mão das formulações de alguns autores, como Pêcheux (1997, 2006), Orlandi (1983), Bourdieu (1996), Foucault (2007a, 2007b) e Maingueneau (1989), relacionando-as com a nossa base teórica calcada em Maffesoli e Lefebvre. Neste contexto, é fundamental o conhecimento da posição do entrevistado – as funções e os

papéis que ocupa no espaço de representação do futebol, sua biografia, anseios, as condições do enunciatário de fazer tal discurso, quais são seus enunciatários, o gênero, a *deixis*, o *ethos*, etc. Partindo-se desta idéia, as entrevistas demonstram, a partir da subjetividade de cada entrevistado, a maneira como estes atores sócio-espaciais produzem, modificam e fazem circular representações sociais na prática social cotidiana do futebol.

O discurso é composto por uma diversidade de efeitos de sentido, de ditos e não-ditos, que se relacionam conforme as condições de formação, ligadas ao processo discursivo (PÊCHEUX, 1997; 2006). Conforme já citado, estas condições são influenciadas por alguns fatores: lugar e cena; gêneros de discurso; autoridade; cenografia e *déixis*; além do *ethos* (MAINGUENEAU, 1989). Foucault postula acerca da ordem do discurso, dizendo ser este altamente articulado com a configuração social e suas coerções. Desta forma, o discurso não é aleatório, ou seja, pressupõe coerções, relações de poder ou potência, enunciatários específicos, entre outros fatores que são, ao mesmo tempo produtos das relações sociais e produtores destas.

suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2007a, p. 08-09).

Apesar da centralidade do poder nas formulações foucaultianas, podemos transcender estas coerções também à centralidade subterrânea ou à potência, que apesar de seu caráter horizontal ora admite e ora exige determinadas coerções, como forma de controle interno das tribos. Assim, não apenas as funções contratuais exigem determinados discursos, mas os papéis exercidos nas tribos, mesmo de maneira menos rígida, também sugerem uma regularidade discursiva ao enunciatário: “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2007a, p. 37). Para Foucault, o indivíduo – produto do poder – não reúne condições de formular seu próprio discurso, que lhe é praticamente imposto. Transportando esta idéia para o contexto da dialética da pós-modernidade, a pessoa imersa em uma ou mais tribos também não pode discursar livremente, menos porque as tribos não permitem do que pela própria ordem fusional que estas impõem. Em outras palavras, a pessoa só é pessoa na medida em que se insere numa tribo e nela desempenha papéis, portanto só pode discursar de dentro desta tribo, falando como representante ou membro desta.

Assim, é possível se falar em uma rede de formulações, preenchidas por regularidades, na qual os sujeitos e as pessoas se inserem (PÊCHEUX, 1997). Estas redes se encontram no interior de formações discursivas (FOUCAULT, 2007b), que pressupõem que os enunciados, em suas diferentes formas, apresentem um conjunto possuidor de certas regularidades. De acordo com a visão de Pêcheux (1997), o discurso apenas se torna dotado de sentido ao pertencer a uma dada formação discursiva. Isto porque os efeitos de sentido não existem independentemente da conjuntura em que estão inseridos, das relações de força inerentes aos processos sócio-históricos. Não obstante, podemos ir mais longe nesta afirmação e adicionar uma dimensão espacial ao discurso e seus possíveis efeitos de sentido, através do conceito de espaço de representação do futebol e da análise da obra de Lefebvre por Shields. Este autor identifica dois tipos de discursos no que se refere à espacialidade *lefebvriana*: discursos *sobre* o espaço e discursos *do* espaço. O primeiro tipo de discurso está ligado às representações do espaço, de modo a ser expressão de sentidos da enunciação racionalizada dos planejadores e técnicos do espaço. Já o segundo, remete aos espaços de representação, sendo produzido pelas experiências de momentos, pela experiência plena da espacialidade, sendo, portanto, expressões legítimas *do* próprio espaço social. Estes dois tipos de discursos travam um embate pela primazia da significação espacial.

As reconceptualised in *Production of Space* and restated later in *De l'État* (vol. 4, 1978b) Lefebvre almost single-handedly moved the analysis of "space" from the old synchronic order of discourses "on" space (typicallu, that of "social space" as found in sociological texts on "territoriality" (Hall 1966) and social ecology to the analysis of the process by which meta-level discourses "of" space are socially produced. Rather than discussing a particular theory of social space, he examined the struggles over the meaning of space and considered how relations across territories were given cultural meaning. In the process, Lefebvre attempted to establish the presence of a "lived" spatialisation within the hegemonic "logico-epistemological" theories of space promulgated by philosophy, geography and urban planning and the everyday attitude that ignored the spatial altogether.⁹⁰ (SHIELDS, 1999, p. 146).

⁹⁰ Conforme reconceptualizado em *Production of Space* e retomado posteriormente em *De l'État* (vol. 4, 1978b) Lefebvre praticamente por si só redirecionou a análise de "espaço" da antiga ordem sincrônica de discursos "sobre" o espaço (tipicamente, aquela de "espaço social" como encontrada em textos sociológicos sobre "territorialidade" (Hall 1966) e ecologia social para a análise do processo pelo qual discursos em um meta-nível "do" espaço são socialmente produzidos. Mais do que discutir uma teoria do espaço social, ele examinou as disputas sobre o significado do espaço e considerou como foram atribuídos significados culturais às relações entre territórios. Neste processo, Lefebvre tentou estabelecer a presença de uma espacialização "vívda" dentro das teorias "lógico-epistemológicas" hegemônicas de espaço promulgadas pela filosofia, geografia e planejamento urbano e a atitude cotidiana que ignorou o espacial como um todo. (tradução nossa).

Fiéis ao nosso pressuposto de que na pós-modernidade há uma prevalência dos espaços de representação, podemos afirmar que a forma de discurso que se expressa com maior frequência na vida cotidiana pós-moderna são os discursos *do* espaço. Apesar disto, os discursos *sobre* o espaço procuram submetê-los à sua expressão calcada no poder, ao invés de na potência. Assim, ao falarmos de discurso no espaço de representação do futebol, nos referimos aos dois tipos de discurso, mas frisamos os discursos *do* espaço.

4.2 ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL PROFISSIONAL

Sem clubismo não haveria espetacularização do futebol, e sem esta não existiria, por certo, a necessidade de formar/produzir atletas nos moldes com que este processo é realizado no presente. (DAMO, 2007, p. 35).

Apesar de este trabalho focar na questão do futebol amador, é impossível o compreender sem conhecer, ao menos, um panorama geral do futebol profissional, pois este é importante fonte de referenciais tanto do fato futebolístico quanto dos demais elementos do espaço de representação do futebol, como a prática social do futebol. Isto não significa que o futebol profissional determina o amador. Longe disto. O futebol amador influencia e é influenciado pelo futebol profissional através de representações sociais. O que ocorre é que as configurações sócio-espaciais de um estão relacionadas com as de outro; que a eficácia quanto produtor de momentos de presença, de orgiasmo do futebol amador possui relação com o espaço de representação do futebol profissional. No Amazonas, o futebol amador preenche as lacunas que deixa o profissional, mas isto somente não explica a força que o espaço de representação do futebol amador possui na vida dos amazonenses.

Inegavelmente há diversas influências do futebol profissional no amador e vice-versa. As categorias de base, onde são formados os jogadores que no futuro serão profissionais é talvez o melhor exemplo disto. Elas são um híbrido entre o futebol profissional e amador. Por limitações legais e práticas, a maioria dos jogadores que atuam nas categorias de base dos clubes não possui contratos profissionais. Entretanto, as categorias de base de clubes se inserem de maneira evidente na lógica profissional, pois primam pela formação do jogador, muito mais do que por outros aspectos. Assim, reproduzem o universo profissional em outra escala de intensidade.

De acordo com os trabalhos de Damo (2007), Pimenta (2006) e Benítez *et al.* (2000), enquadraremos as categorias de base dentro da lógica do futebol profissional, mesmo que os jogadores em formação não sejam em sua maioria profissionalizados. A formação de jogadores tanto é grandemente influenciada pela demanda do mercado do futebol profissional quanto influencia nos resultados dos clubes, pois um bom trabalho nas categorias de base é capaz de suprir as necessidades de um clube, mas também um trabalho mal feito pode comprometer seu futebol profissional. Assim, podemos dizer que geralmente, um mau trabalho de formação se reflete no futebol profissional, assim como um futebol deficitário é incapaz de manter boa qualidade nas categorias de base. Este é o caso do futebol amazonense.

Os clubes mais tradicionais do futebol amazonense são o Nacional e o Rio Negro, sendo esta a maior rivalidade histórica. Entretanto, os maus resultados do Rio Negro – que chegou a cair para a segunda divisão do Campeonato Amazonense –, bem como a emergência de outros clubes, como o São Raimundo e o Holanda – campeão amazonense de 2008 –, favoreceram a redefinição do espaço de representação do futebol profissional amazonense. Atualmente, a rivalidade entre Nacional e São Raimundo vai além das disputas de títulos dentro de campo, chegando até os bastidores. Estas disputas podem ser exemplificadas pelas histórias de dois de nossos entrevistados: M.C.C.N. e I.G.. M.C.C.N. começou sua carreira como jogador no Nacional, clube do qual, posteriormente, se tornou dirigente, colecionando diversos títulos. Então, deixou o Nacional e foi para o São Raimundo, clube que tinha menor expressão no futebol estadual. Em sua ida para o São Raimundo, M.C.C.N. levou seu companheiro de diretoria e ex-radialista I.G.. Juntos reativaram o futebol profissional do São Raimundo, venceram vários títulos estaduais e regionais, bem como levaram o clube para a Série B do Campeonato Brasileiro, onde permaneceu por sete anos, até 2006. Antes disto, M.C.C.N. saiu do São Raimundo e tempos depois retornou ao Nacional, na condição de presidente, cargo que ocupava quando foi entrevistado. Já I.G. permaneceu mais tempo no São Raimundo, na função de Diretor de Futebol do Departamento Autônomo, a qual ocupava quando entrevistado. I.G., em 2008, retornou ao Nacional. Ambos ingressaram no mundo político. M.C.C.N., atualmente professor aposentado da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), foi deputado estadual por quatro vezes seguidas, tendo sido, inclusive presidente da Câmara e candidato a vice-prefeito nas últimas eleições municipais. Já I.G. não obteve sucesso

na tentativa de um cargo no legislativo amazonense, mesmo utilizando o clube e seus símbolos em sua campanha (FIGURA 10).



FIGURA 10 - ADESIVO DA CAMPANHA DE IVAN GUIMARÃES

Fonte: O autor.

Além das entrevistas de M.C.C.N. e I.G., analisaremos os discursos de Paulo Radin e de Carlos Prata. Radin é presidente do Holanda, que com menos de um ano de profissionalismo conquistou a Série B e a Série A do Campeonato Amazonense e participou da Série C do Campeonato Brasileiro. Radin, desde 2003, participa do Peladinho – categoria sub-15 do Campeonato de Peladas do Amazonas – como treinador e dirigente de seu time, o Curumim, campeão do torneio por duas vezes. Prata, quando entrevistado, era treinador do Rio Negro e do time CA Martins Vical, tendo passagens por outros clubes profissionais, como o Holanda – pelo qual ganhou o Campeonato Amazonense –, e times do Peladão, como o Compensação – no qual foi campeão em 2006. A cena enunciativa não apenas dos quatro discursos analisados neste item em específico, mas como das demais que serão analisadas, é uma simples entrevista com fins acadêmicos. No entanto, tais declarações são constantemente dadas à imprensa, aos torcedores e aos próprios profissionais dos clubes. Os

dirigentes falam como tais e com responsabilidade de que estas entrevistas podem ser divulgadas e chegar aos ouvidos de seu rotineiro público enunciatário: torcedores, profissionais do futebol e mídia. Portanto, falam do lugar de dirigentes, lançando mão de toda uma encenação e de uma subjetividade enunciativa – tornando-se sujeitos de seus discursos e se assujeitando, falando pela instituição (MAINGUENEAU, 1989). O mesmo pode se estender a Carlos Prata.

Podemos afirmar que o discurso dos profissionais do futebol amazonense se enquadra em uma formação discursiva específica, bastante articulada com a dos demais atores do espaço de representação do futebol amazonense. Os dirigentes de futebol, sobretudo os de clubes, possuem um discurso bastante característico tanto no Brasil quanto no mundo. Todavia, apesar de ser possível de identificar uma formação discursiva, os discursos dos dirigentes sofrem modificações de acordo com uma série de interditos, que variam conforme o contexto. O discurso dos dirigentes de clubes do futebol amazonense ora se aproxima ora se afasta da prática discursiva *comum* dos dirigentes de clubes brasileiros. Assim, cria-se um universo simbólico muito rico no futebol amazonense, sendo o discurso uma de suas principais expressões cuja eficácia pode ser comprovada a partir da perpetuação de alguns dirigentes no comando dos clubes, tendo apoio inclusive de setores da mídia e de torcedores.

O estado do Amazonas não se enquadra entre os grandes centros do futebol brasileiro. O futebol amazonense enfrenta problemas dentro e fora de campo para competir com os estados do Centro-Sul e mesmo do Nordeste. No ranking da CBF, que leva em consideração os resultados dos clubes em competições nacionais, o estado do Amazonas se encontra na 18ª colocação (740 pontos), ficando, na Região Norte, atrás apenas do Pará – que tem, no entanto, mais do que o dobro da pontuação amazonense (1921 pontos)⁹¹. Em termos clubísticos, o mais bem colocado é o Nacional, na 57ª posição (310 pontos), seguido do São Raimundo, 71º colocado (198 pontos) e do Rio Negro, 73º colocado (183 pontos)⁹². O estado não tem nenhum representante nas três principais divisões do futebol brasileiro. Em termos de torcida, os clubes manauaras não conseguem constituir maioria nem na capital amazonense,

⁹¹ CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Ranking das federações**. Disponível em: <http://www.cbf.com.br/ranking/ranking_uf.pdf>. Acesso em 04 fev. 2009.

⁹² CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Ranking nacional de clubes**. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/ranking/ranking.pdf>>. Acesso em 04 fev. 2009.

ficando atrás dos clubes cariocas, com destaque para o Flamengo⁹³. As médias de públicos dos Campeonatos Amazonenses dos últimos anos são baixas, prejudicando o rendimento dos clubes, como afirma I.G..

Falar do futebol do Amazonas é um pouco mais difícil, porque uma capital – como Manaus – que tem hoje mais de dois milhões de habitantes... Era para ter um futebol mais rentável. Estádios com mais gente frequentando. O nosso campeonato é muito deficitário. Para você ter uma idéia, no Campeonato Amazonense deste ano, o São Raimundo só em dois jogos não pagou para jogar, que foi quando jogou no interior, em Itacoatiara e Manacapuru. Os demais jogos, na capital, foram deficitários. Na partida, no lugar de você receber o que sobra da arrecadação, você tem que levar dinheiro no bolso para pagar o que ficou devendo. (Informação verbal)⁹⁴.

O discurso de I.G. apresenta uma incoerência com sua prática, pois se o futebol profissional amazonense é tão deficitário e se ele tem que arcar pessoalmente com as despesas do clube, não faria sentido que ele atuasse como dirigente por tantos anos. Os números apresentadas por I.G. justificariam seu abandono da carreira de dirigente. Entretanto, não é apenas nos números que ficam evidentes os problemas do futebol profissional amazonense. Os clubes passam por dificuldades econômicas como afirma M.C.C.N..

Eu não digo que é mal administrado. É que aqui, no futebol, nós não temos recursos financeiros. Você não pode fazer um futebol profissional eficiente sem dispor de recursos financeiros. Manaus tem o maior parque eletro-eletrônico da América Latina, mas nenhuma empresa destas aqui sediadas tem seus diretores aqui. Então não há um vínculo afetivo destas empresas com o futebol do Amazonas. Então não há patrocínio. (Informação verbal)⁹⁵.

A formação discursiva dos dirigentes do futebol profissional amazonense formula e reforça representações sociais que o futebol amazonense não é mal administrado, mas que seus problemas financeiros e esportivos se dão pelo contexto em que está inserido: uma das regiões mais pobres do país; com grande influência esportiva externa, sobretudo carioca; com empresários que não aceitam investir em clubes locais. Outra representação social importante reforçada no discurso de M.C.C.N. é a de que os vínculos no futebol são fundamentalmente afetivos e que por não possuir este tipo de vínculo as empresas sediadas na Zona Franca de Manaus

⁹³ IBOPE. **Pesquisa de opinião pública sobre torcidas**. Disponível em: <[http://www2.ibope.com.br/CalandraKBX/filesmng.nsf/Opinio%20Publica/Downloads/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf/\\$File/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf](http://www2.ibope.com.br/CalandraKBX/filesmng.nsf/Opinio%20Publica/Downloads/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf/$File/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf)>. Acesso em 04 fev. 2009.

⁹⁴ I.G.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

⁹⁵ M.C.C.N.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

não investem no futebol amazonense (muitas delas, como a LG, a Samsung e a Semp Toshiba, patrocinam clubes paulistas). No entanto, no espaço de representação do futebol, os vínculos afetivos se dão, sobretudo, a partir dos torcedores e, em alguns casos, dos profissionais em relação aos clubes (TOLEDO, 2002). As empresas, os patrocinadores ou potenciais patrocinadores, todos pautados no *social*, estão interessados em vincular a sua marca com outras marcas fortes, ou seja, com clubes que apresentem resultados esportivos e de mercado – que exponham positivamente as marcas destas empresas. Portanto, o vínculo afetivo muito pouco interfere em contratos de patrocínio. Estes discursos acabam gerando um efeito de sentido de que a situação está posta e não cabe aos dirigentes tentar mudá-la. Cria-se um conformismo e uma tentativa de justificar os maus resultados esportivos, financeiros e de presença de público através de fatores externos. Isto pode ser observado principalmente no discurso de I.G., quando atribui à situação geográfica de Manaus e da Amazônia as principais dificuldades administrativas e de exposição à mídia do futebol amazonense.

Outro dia mesmo, o Presidente da CBF [Ricardo Teixeira] chegou em Manaus e deu uma declaração, aonde [sic] eu estava presente, que o grande problema dele no futebol brasileiro chama-se Norte do Brasil. Se não existisse o Norte do Brasil, a coisa seria muito diferente. [...]. Você passa daqui pra lá, aí você já facilitou tudo. [...]. Nós aqui estamos ilhados. Nós só temos duas situações para sair e uma não dá para usar, que é o braço, é o nado, porque é muito distante e você não vai conseguir chegar. E a outra é voando, que o custo é muito alto. (Informação verbal)⁹⁶.

Este conformismo em relação aos problemas de acesso e de investimentos, bem como a má administração se reflete nas categorias de base dos clubes do estado, que pouco investem na formação de jogadores. J.L.C.S., diretor adjunto das categorias de base do Nacional – o único clube com Centro de Treinamento em Manaus e que é o maior vencedor nas divisões de base do estado nos últimos anos –, se queixa da falta de recursos que chegam à formação de jogadores: “a gente depende muito da amizade de alguns diretores para nossos recursos, que recursos públicos estaduais a gente não tem” (Informação verbal)⁹⁷. A precariedade nos investimento nas categorias de base também se estende ao São Raimundo, como declara I.G.: “o que nós fazemos aqui com a base é um paliativo. [...]. Se eu tivesse que fazer uma base, como ela tem que ser feita, então, eu tenho que acabar com o futebol profissional. [...]. Então, a

⁹⁶ I.G.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

⁹⁷ SILVA, José Luiz Carlos da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

gente continua fazendo dentro do possível. É um amadorismo com muita dificuldade, que a gente faz” (Informação verbal)⁹⁸.

Carlos Prata, que trabalha na formação de jogadores, também justifica o problema das categorias de base com fatores exógenos, especificamente os treinadores que os clubes amazonenses contratam. Segundo ele, estes treinadores não prestigiam os jogadores formados no Amazonas, privilegiando aqueles que vêm de outras localidades. Nas entrelinhas de suas críticas aos treinadores de fora do estado, está um efeito de sentido de autopromoção de seu trabalho, o que fica evidente quando ele atribui a si próprio a legitimidade de único treinador que prestigia os “pratas da casa” – nome dado a jogadores formados nas categorias de base do próprio clube –, fazendo um trocadilho com o próprio nome.

A gente teve uma decadência muito grande da seguinte maneira: nós trabalhávamos nas categorias de base e quando tinha jogadores prontos para subir, chagavam treinadores de fora e não aproveitavam os jogadores da casa. Geralmente traziam seus jogadores de fora e ficaram grandes jogadores de fora. Grandes craques desistiram, foram para o distrito [industrial], porque não tiveram oportunidade nas mãos dos treinadores que vieram de fora. Em Manaus tem o lema: “No profissionalismo só o Prata que dá oportunidade”, como eles me chamam assim, “a Prata da casa”. O Prata dá oportunidade aos jogadores das divisões de base, onde têm valores dentro do Nacional, dentro do São Raimundo, dentro do Rio Negro, dentro do Atlético Cliper Clube, que tem pouca expressão, mas tem valores de qualidade. A gente sabe disso. (Informação verbal)⁹⁹.

Entretanto, Carlos Prata deixa passar um *ethos* discursivo – revelado pelo modo de se expressar – demasiadamente otimista ao afirmar que o futebol amazonense é repleto de “craques” e que muitos deles deixaram o futebol porque não foram prestigiados pelos seus treinadores. No *ethos* do discurso, o tom é tão ou mais importante do que aquilo que é dito (MAINGUENEAU, 1989). As interdições no discurso do treinador sugerem que ele defende o trabalho feito nas categorias de base do futebol amazonense, que segundo Paulo Radin é inexistente. De seu lugar de dirigente de time do Peladinho e de presidente do Holanda, Radin afirma que somente no Peladinho, especificamente seu time e o 3B, é feito trabalho de formação: “Quem fazia trabalho de base no futebol do Amazonas é o 3B e o Curumim. Só. Os clubes não fazem” (Informação verbal)¹⁰⁰. Continuando na contramão da prática discursiva

⁹⁸ I.G.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

⁹⁹ PRATA, Carlos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 28 set. 2008. Informação verbal.

¹⁰⁰ SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

dos dirigentes manauaras, Paulo Radin critica a falta de trabalho de formação nos clubes profissionais de Manaus, alegando que o problema se deve à falta de interesse de se desenvolver um trabalho sério. Ele também relaciona o problema com o fato de que não são realizadas políticas públicas para tal.

Não tem. Primeiro é problema de gestão: não há decisão de fazer. Não tem. Aí não querem fazer porque vão gastar, porque não estão afim, porque vai tomar tempo, porque vão arrumar problema. Tem um monte de motivos aí. Na realidade ninguém quer se comprometer. As pessoas não querem se comprometer. E isso é um ciclo histórico. Você tem que quebrar isso. E aí você precisa de política pública. Não é dinheiro público. Dinheiro público não vai resolver. Dinheiro público vai piorar a situação. Porque se você der dinheiro público pra isso, você vai ter aves de rapina voando encima. (Informação verbal)¹⁰¹.

Observamos enunciatórios implícitos no discurso de Radin, os dirigentes desonestos, chamados por ele de “aves de rapina” e novamente referenciados por ele no trecho a seguir como “mãos bastante conhecidas” ou “largas mãos”. Radin também realiza uma reversão de enunciatórios, quando faz, com um *ethos* irônico, uma auto-avaliação como “idiota” por não ter roubado o dinheiro público lhe disponibilizado para investir no Holanda. É inclusive a apropriação do dinheiro público pelos dirigentes do futebol amazonense a maior crítica que Radin faz às práticas de seus oponentes, afirmando que todos, exceto ele próprio embolsam o dinheiro fornecido pelo governo.

Por que não serve você dizer “o governo vai dar dinheiro pro clube fazer isso”, Vai sumir este dinheiro e não vão fazer. Não tenha dúvida. Eu diria pra você que isso vai acontecer em 150% dos casos. [...]. Eu sou um crítico contundente. Não dá pra reclamar porque o governo não deu dinheiro. Você não fez a sua parte. Eu fui, fui, fui com o Holanda, não tinha mais condição de andar, mas eu ganhando, ganhando, ganhando, ganhando, fui dando um jeito; eu comprometi meu patrimônio, arrumei dinheiro emprestado. Eu fui à luta. E estava conseguindo resultado. Então eu cheguei lá no governador: “governador, até aqui eu vim. Eu estou representando o Amazonas. Eu estou sozinho e não tenho mais fôlego, eu não tenho mais oxigênio. Mas eu só fui lá quando não tinha mais jeito. E eu tinha resultado. Eu fiz um trabalho que tinha resultado. A minha base era toda daqui, era local, trabalho descente, trabalho sério; um clube sem dívida, sem comprometimento, sem vícios. “O que você precisa?”. “Eu preciso disso, assim, assim, assado”. “Está autorizado”. E eu tive ajuda do governo do estado. Chegou tarde? Chegou tarde. Se tivesse vindo 15, 20 dias antes, a gente estava aí fazendo festa. Com certeza a gente ia disputar o título da Série C. Com certeza. [...]. O dinheiro que o clube recebeu no convênio com o governo do estado foi integralmente aplicado nas necessidades da equipe, do clube. Nem um único centavo saiu por outro lado. [...]. Mas eu digo pra você que eu sou um idiota, que é a exceção. Porque se esse mesmo dinheiro tivesse caído em outras mãos bastante conhecidas, largas mãos e todas elas bem conhecidas, teria uma equipe lá de terceira linha, salarizinho de quinhentinho pra cada um, não sei o que... Vai sobrar a

¹⁰¹ SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

metade e enche de nota e acabou, e aprova e o dinheiro vai pro bolso. Um carrinho novo, não sei o que, uma puta nova, coisa deste tipo. Então, dar dinheiro, botar dinheiro num clube não é solução. (Informação verbal)¹⁰².

Apesar de Radin se afastar em alguns momentos do discurso dos demais dirigentes do futebol do Amazonas, ele utiliza alguns elementos próprios da formação discursiva dos profissionais do espaço de representação do futebol amazonense. Radin, nas entrelinhas de seu discurso, trabalha com uma ética dupla. Diz-se contrário à utilização do recurso público em clubes profissionais de futebol, mas admite ter pedido e recebido recursos do governo do estado. Além disso, defende que tais recursos não resolvem os problemas dos clubes, mas assegura que se o dinheiro público tivesse chegado semanas antes, o Holanda disputaria o título da Série C.

O discurso de I.G. – permeado por um *ethos* pessimista e que denota impotência –, atribui à situação geográfica de Manaus e da Amazônia as principais dificuldades administrativas e de exposição à mídia do futebol amazonense.

Nós, fora da Série B, não somos vistos. O nosso jogo não aparece em nível nacional. O futebol do Amazonas não passa. Aqui tem gol bonito. Tem gol de placa. Tem gol de tudo que tem aí pelo Brasil, mas ninguém sabe, porque não é mostrado. E quem não é visto não é lembrado. Então, é por isso que o Amazonas é esquecido. Por que ninguém vê. Nós temos bons jogadores? Muitos. Temos bons jogadores aqui; jogadores que jogariam em qualquer equipe do futebol brasileiro, mas infelizmente ele estão em uma região difícil. (Informação verbal)¹⁰³.

Ao contrário de I.G., que apesar dos maus resultados em campo, diz ser o futebol amazonense tão bom quanto o do restante do país, M.C.C.N. não acredita que, atualmente, o futebol amazonense tenha tanta qualidade. Para ele, os estádios estão vazios e o futebol está deficitário não apenas por problemas externos, mas, principalmente, pela falta de credibilidade do futebol amazonense perante os torcedores e profissionais. Mesmo assim o dirigente apresenta um *ethos* discursivo otimista:

E com isto [dificuldade de captação de recursos] o futebol perde a credibilidade dentro do campo. Porque se você não apresentar qualidade dentro do campo, o torcedor não vai ao estádio. Se não vai ao estádio, não prestigia, então, evidentemente, se forma esta corrente existente: o torcedor não vai porque o futebol é de baixo nível e o futebol é de baixo nível porque o torcedor não vai. Então nós estamos querendo resgatar isto. Porque eu, quando da minha primeira passagem pela presidência, em que eu assumi dia 13 de janeiro de 1975 e larguei dia 13 de janeiro de 1983, estávamos na

¹⁰² SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

¹⁰³ I.G.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

primeira divisão do futebol brasileiro e assim continuamos durante toda esta época. E os nossos clássicos aqui – Nacional e Rio Negro – não davam menos de 30.000 pessoas em cada jogo. Todo jogo era casa cheia. Por quê? Por causa da credibilidade e dos resultados conquistados contra equipes de outros estados. E é nisto que nós queremos chegar. Chega em uma Série C agora; ganhamos; conquistamos um espaço; chegamos ao octogonal final. No octogonal classificaremos entre as quatro principais equipes para a Série B. Evidentemente, que isto nos dará uma credibilidade muito grande e o povo voltará ao estádio com certeza, porque Manaus é uma capital com dois milhões de habitantes. E com dois milhões de habitantes e do jeito que brasileiro gosta de futebol, ele passará, voltará a torcer por uma equipe da terra. Diferentemente do que ocorre hoje que a maioria da população vive sonhando com os clubes do Rio de Janeiro e grande parte da população usando nas ruas a camisa do Vasco, do Flamengo, do Fluminense e do Botafogo. (Informação verbal)¹⁰⁴.

A legitimidade do discurso dos dirigentes é óbvia dado o processo de eleição – peculiar a cada clube – para a instituição de seus presidentes ou diretores. No entanto, um fator chama especial atenção que é a relação existente entre o sujeito e a estrutura (instituição futebolística). Partindo da leitura de Foucault (2007) – que a instituição praticamente impõe uma tradição discursiva ao sujeito – e de Bourdieu (1996) – de que cada cargo exige um discurso –, os discursos dos dirigentes do futebol amazonense não poderiam ser muito diferentes deste padrão observado. No entanto, em alguns momentos, observa-se claramente a fala do sujeito que, apesar de discursar como dirigente, deixa transparecer sua individualidade. Este *conflito* entre sujeito e instituição pode ser observado no discurso de M.C.C.N., ao falar em sua importância na história do Nacional, em seus projetos na sua volta ao clube e no que chama de “imposição” de assumir a presidência devido ao seu passado.

Temos, ao longo da história do clube, procurado dar ao Nacional tudo aquilo que o Nacional merece. Na época que eu estava na presidência, o clube integrava a primeira divisão do futebol brasileiro. Tivemos a participação de vários atletas que se revelaram a nível nacional [...]. E o Nacional esteve sempre no ápice do futebol do Amazonas. Agora eu voltei à presidência do clube, quase que em uma imposição de vários diretores do clube – que achava que devido a minha performance, a minha trajetória, seria bom para o Nacional se eu voltasse, pela credibilidade existente. Eu voltei. Conquistamos mais um título regional: o quadragésimo título de campeão amazonense de futebol. E diga-se de passagem: destes 40 títulos, eu tive participação em 15 deles – uma como atleta do time profissional, mesmo sendo amador; e os outros como dirigente. Então me sinto plenamente satisfeito e estou procurando agora, nesta nova administração dar ao Nacional aquilo que o Nacional bem merece e que a torcida espera, que é subir novamente: primeiro galgar o degrau e chegar a Série B neste ano de 2007 e, em 2008, se Deus quiser, conquistar nosso espaço na primeira divisão do futebol brasileiro. (Informação verbal)¹⁰⁵.

¹⁰⁴ M.C.C.N.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

¹⁰⁵ M.C.C.N.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

No discurso de I.G., tal conflito também fica evidente. Ao ser perguntado se era nacionalino ou sãoraimundense, o dirigente titubeou ao falar sobre sua preferência individual, mas logo se assujeitou afirmando ser um desportista a serviço do bem do futebol amazonense. No entanto, ao final de sua resposta – como em todo seu discurso – lamentou sua impotência individual de mudar uma situação que julga praticamente imutável.

Eu diria que eu tenho este conflito. Talvez eu não tenha... Eu costumo dizer para o torcedor – num tom até de brincadeira – que eu saí do Nacional e escolhi o São Raimundo porque os dois são azuis e brancos. Então, eu gosto das cores azul e branca. Além de ser dirigente do São Raimundo e de ter sido dirigente do Nacional, hoje eu sou um desportista. Eu faria de tudo que pudesse – ainda que não fosse no São Raimundo, que fosse no Sul América, no Líber Morro – para ver o futebol do Amazonas numa posição de destaque a nível nacional. Eu gostaria muito de fazer isto. Infelizmente, eu talvez não tenha a força necessária para fazer o que eu tenho vontade. A minha vontade era essa, mas eu, infelizmente, não tenho condições para isto. (Informação verbal)¹⁰⁶.

O conflito de Paulo Radin se manifesta na maneira “involuntária” como se tornou dirigente de futebol. Apesar de falar como tal, assumir a formação discursiva e desempenhar o papel, Radin, ao mesmo tempo em que se vangloria de seus resultados, se diz praticamente tomado pela instituição – que lhe impôs a condição de dirigente.

Apareceu a possibilidade uma experiência com a Série B do futebol do Amazonas, que ia ser laboratório. E eu me inscrevi, o pessoal deu corda e eu me inscrevi para participar. Aí de repente já não era mais laboratório, ia ter acesso. Eu juntei um grupo que veio do Peladão. O técnico é esse que está no Rio Negro, hoje, o Carlos Prata. Era basicamente o time que está no Rio Negro hoje e que vai subir com certeza. Basicamente não. É o time que está no Rio Negro hoje. Aí a gente foi campeão da Série B, fomos campeão da Série A e jogamos o Campeonato Brasileiro [da Série C]. Aí eu virei dirigente de futebol profissional, presidente de clube profissional. Eu nunca me imaginei fazendo isso na vida. Nunca me passou pela cabeça isso. Nunca tive essa pretensão. Nunca quis fazer isso. (Informação verbal)¹⁰⁷.

Destacamos alguns enunciatários implícitos nos discursos. Os torcedores são um deles. É possível dividi-los entre os de clubes amazonenses e os de clubes de fora do estado (principalmente cariocas). Sobre os torcedores locais, todos dizem ter boas relações, sendo que Paulo Radin se surpreende com a existência de torcidas organizadas do Holanda, mas não menciona nenhuma relação direta com estas;

¹⁰⁶ I.G.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

¹⁰⁷ SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

M.C.C.N. prefere fazer reuniões com torcedores para “juntar forças”; enquanto I.G. prefere “dar” aos torcedores “autonomia para criticar”. Entretanto, as declarações sobre os torcedores de clubes cariocas é que são mais interessantes. I.G. se queixa de que “o público amazonense é muito mais carioca que amazonense” (Informação verbal)¹⁰⁸ e critica a falta de valorização das coisas locais pelos amazonenses:

É um público que não é aquele público que nasceu aqui. Então a preferência deles é sempre pelo outro estado, pelo futebol de fora. O público amazonense é muito mais carioca que amazonense. Quando joga o Flamengo e o Flamengo é campeão, Manaus vira uma festa. Você não consegue andar nas ruas. Vasco, Flamengo, Botafogo... Quando o São Raimundo, o Nacional ou uma equipe daqui é campeão amazonense, não acontece nada. Então você tira por aí a diferença. Então o amazonense é muito carioca. Ele gosta muito do futebol do Rio de Janeiro. Eu costumo dizer que nós amazonenses – e eu me incluo nisto – nós não damos valor para o que é nosso. Nós precisamos valorizar mais do que é nosso. E no caso, nosso futebol poderia ser mais valorizado do que é pelo nosso torcedor. (Informação verbal)¹⁰⁹.

A mídia também é fortemente criticada por reforçar esta valorização do futebol de fora. A imprensa local é acusada pelos dirigentes de ser preguiçosa, tendenciosa, corrupta, amadora e de não prestigiar o futebol local. Em tom irônico, I.G. diz que o futebol amazonense tem espaço na mídia local, mas depois admite que o futebol local não traria retorno financeiro à mídia. Mesmo assim, atribui a responsabilidade ao torcedor.

Ela [mídia] dá um espaço para nós. Nós temos jornais que têm oito páginas de futebol. Meia é para nós e as outras são para o futebol nacional. Aí está uma resposta de por que o torcedor também... Você abre o jornal e a primeira manchete é sempre do Flamengo; sempre é do Vasco; sempre é de um time que está em evidência nacional. E eu não sou contra não, porque quem compra jornal é o torcedor. Se ele não vai para o estádio prestigiar o São Raimundo, o Nacional, o Fast e o Rio Negro, por que ele vai dar uma capa de jornal em uma página de esportes para nós que não levamos público nem pro estádio? Será que ele vai vender o jornal dele? Eu te garanto que quando ele abre a página com um Flamengo, ele vende mil vezes mais do que ele vende quando põe uma outra equipe qualquer do futebol brasileiro. Se ele põe o Vasco, ele vende um pouquinho menos. E assim sucessivamente. Mas nós temos nosso espaço em todos os jornais locais. Todas as equipes, principalmente, que estão na Série C – São Raimundo, Fast e Nacional – sempre têm o seu espaço nos jornais, mesmo na página de dentro. Mas temos. É o que nós podemos ocupar. O que nós damos de retorno para eles é aquilo. O local que nós temos para ocupar é aquele, porque o nosso retorno só cabe ali naquela página do jornal. (Informação verbal)¹¹⁰.

¹⁰⁸ I.G.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

¹⁰⁹ I.G.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

¹¹⁰ I.G.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

M.C.C.N. já é mais direto em suas críticas à mídia, mas poupa o torcedor. Segundo ele, a torcedor não procura as notícias do futebol local, pois os clubes não passam confiança e não conseguem empolgar o público.

A imprensa daqui precisa se profissionalizar mais. Se você prestar atenção, os principais jornais da capital divulgam muito mais o futebol carioca do que o amazonense e isto realmente precisa mudar. E para mudar nós temos que ter a confiança do povo, que aí a própria imprensa buscará seu espaço. E quem não buscar seu espaço não conseguirá vender seu jornal. [...]. É a lei do menor esforço. A imprensa de Manaus não precisa ir atrás das notícias do futebol local para vender o jornal. Então é muito mais fácil pegar na internet, pegar nas agências publicitárias [de notícia], em que a matéria já vem pronta e que não precisa investir em uma equipe para cobrir os treinamentos, para divulgar... Ainda não houve esta necessidade. No dia que a imprensa sentir que haverá necessidade de formar equipes para divulgar os clubes, se não eles perdem espaço, será feito, como já foi feito no passado. (Informação verbal)¹¹¹.

Paulo Radin não contesta apenas o conteúdo e o caráter mercadológico da mídia, mas acusa parte da imprensa de corrupta e tendenciosa.

Quando você começa a vencer, quem te derruba não é quem está acima. Quem está embaixo é que se agarra no seu tornozelo e te puxa. [...]. Então, nos últimos dias, inclusive, tem imprensa. Os caras falam um monte de besteira, um monte de merda a respeito de uma série de coisas que... Eu tenho meus princípios. Eu os defendo. Sou muito transparente, sou muito aberto. Eu falo mesmo. Não tenho rabo preso com nada nem com ninguém. Não tenho compromissos escusos. Não estou preocupado com isso. Então vem chumbo de todo lado. [...]. Você pega numas páginas de jornais e o neguinho lá quer me arrumar briga. Na realidade, se eu tivesse dado um dinheirinho pra essas pessoas; aí você dava uns cinco mil pra outro, uma passagem pra um viajar e assistir o jogo lá em Belém, lá não sei onde; esses caras não estavam me enchendo o saco. (Informação verbal)¹¹².

A má administração do futebol profissional e a falta de perspectivas quanto ao trabalho das categorias de base contribuem para que o futebol profissional de Manaus não consiga se inserir de maneira significativa na vida cotidiana dos habitantes locais produzindo orgiasmo e momentos de presença. A estruturação identitária é deslocada, na maioria dos casos, apesar de distante fisicamente, para o espaço de representação do futebol carioca, pois este se constitui como realmente significativo, como um referencial simbólico através do qual se constroem territorialidades. As comunidades afetuais se nutrem das representações sociais da mídia, desterritorializam o futebol carioca e o reterritorializam no Amazonas, através do desfile com camisas nas ruas,

¹¹¹ M.C.C.N.. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

¹¹² SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

das comemorações nas vitórias, entre outras manifestações hedonistas. Entretanto isto não significa que o espaço de representação do futebol do Amazonas não apresente um caráter proxêmico. Este fica por conta, principalmente, do futebol amador, o conjunto de manifestações mais significativo e complexo do espaço de representação do futebol amazonense. O espaço de representação do futebol amador amazonense não apenas demonstra sua prevalência simbólica em relação ao profissional, mas também pode ser considerado uma referência em termos de riqueza de manifestações e territorialidades do futebol amador.

4.3 ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL AMADOR

O espetáculo generaliza-se, e o espectador pede bis: eis aí definida a idéia do lúdico. (MAFFESOLI, 2005b, p. 19-20).

A partir da categoria de futebol amador e considerando suas peculiaridades no que se refere às dimensões esportiva, sócio-cultural e espacial, propomos uma tipologia do futebol amador. Este não pretende ter caráter universal tampouco abranger todas as manifestações do futebol amador. É uma proposta específica para a compreensão do espaço de representação do futebol amador amazonense, podendo ser adaptada para o de outros estados, regiões ou cidades, desde que feitas ressalvas. Isto porque o futebol amazonense é, devido sua riqueza de manifestações, bastante peculiar. De modo algum queremos tratar estas especificidades como algo bizarro, tratando-as chistosamente, mas como manifestações cuja riqueza está nos pequenos detalhes, nos modos de apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol, na maneira hedonista de se encarar a vida cotidiana, o que se reflete na prática social do futebol, no fato futebolístico e nos demais elementos da instância da espacialidade em que ocorrem tais manifestações.

Nossa proposta tipológica não tem como objetivo a simples classificação do futebol amador de modo compartimentado, mas demonstrar como se dão algumas possibilidades de apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol, bem como a produção de territórios futebolísticos e territorialidades. Tomamos como critérios justamente as categorias centrais do espaço de representação do futebol e suas expressões. A partir disto, propomos três grandes tipos de futebol amador no

estado do Amazonas: futebol associado aos festejos, campeonatos vinculados à FAF e o Peladão. Logicamente, há ainda mais modulações, mas procuramos focar no futebol de campo (desconsiderando o futsal, futebol de praia, etc.) e deixar de lado a matriz escolar. Mesmo assim, esta classificação esconde a complexidade do futebol amador amazonense, pois cada uma das categorias proposta abriga uma imensa gama de significações para os elementos do espaço de representação, o que será mais detalhadamente explorado nos itens a seguir.

Começamos nossas formulações pelas relações, categoria que, neste caso, está intimamente ligada com a organização, principal elemento distintivo dos tipos de futebol amador do Amazonas. Diferenciamos o futebol amador por sua vinculação com determinadas instituições ou mesmo com um calendário festivo. Os campeonatos organizados pela FAF se fundamentam em uma política institucional muito próxima à do futebol profissional, mesmo havendo nesta instituição um departamento responsável somente pelo futebol amador. Mesmo se inserindo nesta hierarquia institucional, os campeonatos municipais possuem maior liberdade de organização, bem como de adaptabilidade em relação às especificidades locais, já que são promovidos por ligas, que apesar de ligadas à FAF possuem certa autonomia. Elas devem seguir as regras impostas pela federação, mas sua organização se baseia também na centralidade subterrânea, sendo que as relações em boa parte das vezes ocorrem através da potência. Já o Peladão é organizado pela Rede Calderaro de Comunicação, que conta com uma equipe fixa dedicada à promoção do torneio. Entretanto, mesmo promovido por uma empresa privada, o Peladão não se fundamenta em uma lógica econômica que visa lucro. Pelo contrário, sua organização se baseia quase que exclusivamente em relações pautadas pela potência, uma vez que as restrições de participação no campeonato são mínimas e grande parte da responsabilidade pelo andamento do torneio é atribuída aos próprios participantes¹¹³. Mesmo assim, entre as equipes que participam do torneio é possível encontrar uma grande discrepância nas formas de organização, sendo que algumas poucas possuem mais estrutura e melhores condições de trabalho (inclusive remuneração) do que alguns clubes profissionais da região, enquanto a maioria das equipes se fundamenta nas relações de amizade, afeto, lançando mão do improvisado. Os campeonatos vinculados aos festejos possuem uma grande gama de formas de organização, uma

¹¹³ Detalharemos mais a frente o processo de inscrição, a dinâmica do campeonato, como funciona a arbitragem, o papel dos dirigentes, etc.

vez que, como é o caso de Parintins, podem estar vinculados a instituições religiosas (como o Torneio da Santa), ligas municipais (como a Taça Bumbá), entre outros tipos de instituições. Ateremos-nos aos festejos religiosos (sobretudo aos de Parintins) e ao Festival Folclórico de Parintins. A vinculação com as instituições religiosas ou culturais podem se dar de forma direta ou indireta. Em ambos os casos, a que prevalece é a forma reticular que se conforma e centralidade subterrânea.

Ao analisarmos o fato futebolístico, identificamos em um extremo os campeonatos de futebol amador vinculados à FAF, como a Copa dos Rios e os torneios das Ligas Municipais. Estes procuram se aproximar ao máximo da partida do futebol profissional, sendo que as regras adotadas são aquelas impostas pela Fifa-IB, salvo algumas pequenas alterações. No outro extremo temos as disputas de tiros livres da marca do pênalti, realizadas em alguns festejos religiosos nos municípios do estado. O fato futebolístico se transfigura em apenas cobranças de pênalti, sendo disputado em duplas (um batedor e um goleiro). No entanto, há torneios associados a festejos que se assemelham bastante ao fato futebolístico profissional, como a Taça Bumbá, em Parintins, organizada pela liga municipal, vinculada à FAF. Apesar disto, a mesma instituição organiza a Copa da Santa, um torneio de paróquias da região de Parintins, mas com grande liberdade lúdica e de regras. O fato futebolístico do Peladão ocupa um lugar intermediário entre a partida e o jogo, pois apesar da competitividade observada em algumas partidas, o lúdico emerge com enorme força, sendo que muitas regras foram adaptadas pela organização do torneio a fim de facilitar a fluidez do jogo – que é apitado por árbitros fornecidos pelas equipes – e sua assimilação (FIGURA 11).

A figura abaixo demonstra as diferenças de apropriações do fato futebolístico pelos tipos de futebol amador, sendo importante observar que, no caso do futebol associado a festejos, apresenta tanto manifestações que se aproximam mais de uma lógica profissional de fato futebolístico quanto outras que o fazem mais da lógica amadora.

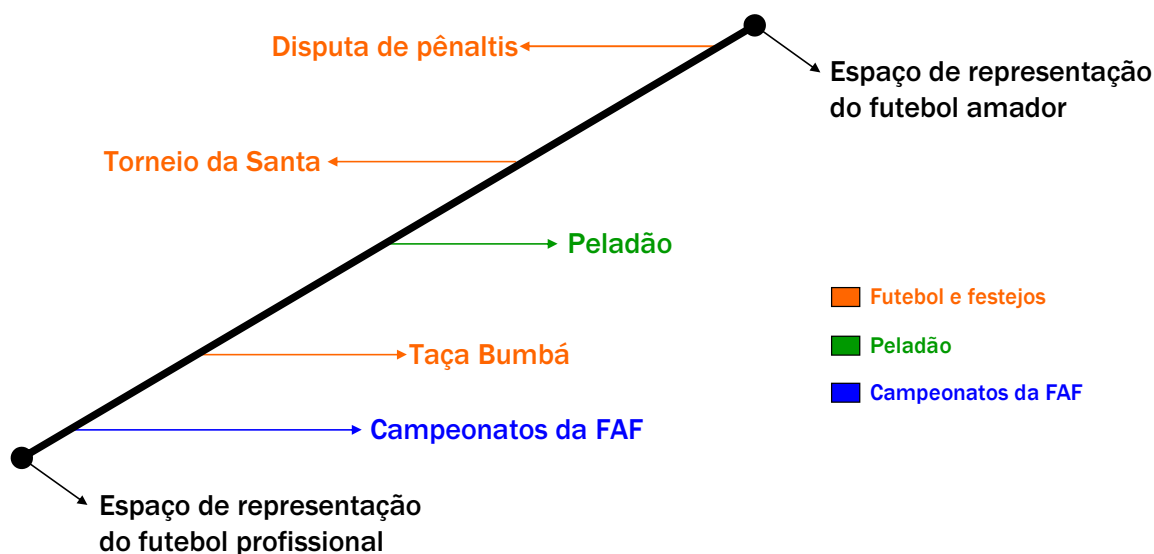


FIGURA 11 - NÍVEIS DE APROPRIAÇÕES DO FATO FUTEBOLÍSTICO PELOS TIPOS DE FUTEBOL AMADOR

Fonte: O autor

No que se refere à prática social do futebol, todas as manifestações demonstram grande complexidade e se afastam sobremaneira da lógica profissional, salvo algumas exceções, sobretudo observadas naquelas equipes do Peladão que se aproximam da organização profissional, tendo inclusive várias funções ao invés de papéis, como ocorre na maioria das equipes inscritas no torneio. Estas exceções são equipes bancadas por alguma empresa ou por uma relação de mecenato (DAMO, 2007). Assim, possuem maior tradição no que se refere a resultados, bem como apresentam um grande número de torcedores. Todavia, apresentam, apesar de em outra escala, o principal elemento da prática social do futebol distintivo do Peladão, a *barca*, uma reunião depois do jogo, envolvendo os participantes e a comunidade. Na barca come-se, bebe-se e diverte-se, enfim, celebra-se o orgasmo por conta da equipe (mais especificamente seus dirigentes e/ou patrocinadores). Em relação aos campeonatos da FAF, a prática social apresenta uma interessante especificidade no que se refere à Copa dos Rios, campeonato disputado entre as ligas municipais. Devido à distância e ao difícil acesso a maior parte dos municípios, este campeonato acaba impactando sobremaneira na vida cotidiana pós-moderna dos participantes, que têm que perder vários dias de trabalho e ficar longe da família para poder disputar tal torneio. Quanto ao futebol vinculado aos festejos, as práticas sociais se dão de maneira mais pontual, pois estes têm menor duração. Sendo assim, a própria prática social do futebol se confunde com a prática social do ritual do festejo.

Detalhamos cada um destes tipos de futebol amador do Amazonas, de forma a discutir suas diversas formas de apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol amazonense, bem como suas territorialidades e territórios futebolísticos.

4.3.1 Futebol e festejos

A dialética da existência pós-moderna se manifesta, no Amazonas, através de momentos de presença e de orgiasmo, promovidos pelos festejos que ocorrem nos diferentes municípios do estado. Este calendário de festejos contribui para a construção de um espaço de representação próprio destas diversas manifestações culturais, que celebram desde santos até bois-bumbás. Os festejos, entretanto, também ocupam importante papel na construção do espaço de representação do futebol amazonense, já que associado aos motivos principais das festas está, habitualmente, o futebol.

O futebol é um importante elemento nestes festejos, sejam eles religiosos ou não. O grande deslocamento de pessoas de diferentes municípios para as festas dos padroeiros propicia a organização de torneios. Um exemplo disto é o Torneio da Santa (Nossa Senhora do Carmo), em Parintins. Trata-se de um torneio de paróquias, que reúne times de Parintins e dos municípios vizinhos de Barreirinha e de Nhamundá. Os times representam setores da diocese de Parintins, sendo sua lógica geográfica focada em comunidades locais, reforçando os laços proximais e territorialidades pautadas na vida cotidiana pós-moderna. E.F.S., presidente da Associação da Liga Esportiva de Parintins (Alepin), explica que o torneio é mais voltado ao público do interior, mas que a Alepin contribui com prazer para sua realização:

É um torneio de paróquias, mas mais diretamente ligado ao interior. Todos os anos, dia 16 de julho, é feito aqui o Torneio da Nossa Senhora do Carmo, que é a padroeira de Parintins. [...]. É uma questão que eu sempre busco: trabalhar por todos. Eu não busco fazer um trabalho voltado só para a minha vontade, mas para a vontade de todos, para que todos se sintam bem com o trabalho que a gente está realizando. (Informação verbal)¹¹⁴.

¹¹⁴ E.F.S.. **Entrevista ao autor**. Parintins, 27 jun. 2007. Informação verbal.

O discurso de E.F.S. se enquadra na formação discursiva dos dirigentes de futebol. Entretanto, trata-se de um dirigente de uma liga municipal, que apesar de vinculada a FAF, mantém uma organização baseada na centralidade subterrânea. Ao se assujeitar, o dirigente demonstra não apenas os choques entre os interesses pessoais e da instituição, mas também uma disposição altruísta em relação à organização do Torneio da Santa, baseado fundamentalmente na potência. Observa-se então uma forte dimensão orgiástica e tribal neste tipo de organização, pois além de aproveitar o pretexto de uma festa religiosa, promovendo um evento profano – baseado no prazer do jogo e mesmo na competição –, cria e reforça comunidades afetuais, sendo importante elemento da sociabilização. A dimensão da socialidade fica evidente também pelo fato de que tanto os festejos quanto a prática futebolística vinculada a eles reforçam um localismo – já que cada município possui seu próprio padroeiro e respectiva festa – além de um globalismo amazônida, uma espécie de celebração da cultura regional. Os festejos religiosos lançam mão do futebol para reforçar suas territorialidades, que têm como maiores símbolos os “deuses locais”. Nas palavras de Maffesoli (2004b, p. 63):

Com respeito a isso, é preciso lembrar que, tradicionalmente, cada território, cada região tinha seu “deus local”. Esse é o “*numen loci*”. Pôde-se inclusive mostrar que, num dado território, a pregnância do “deus local” era tão forte, que os estrangeiros que ali vinham instalar-se eram levados a adotá-lo. Assim, de maneira paroxística, vemos que a divindade do lugar serve de cimento societário.

Estes deuses locais não são necessariamente divindades ligadas às religiões. No caso de Parintins, Nossa Senhora do Carmo se constitui como grande símbolo das territorialidades estabelecidas a partir do festejo, bem como se torna pretexto para a pulsão gregária do fato futebolístico e de sua prática social. De forma diferente, mas também ocupando o papel de deuses locais – de uma referência tão forte que não se pode fazer nada além de se adaptar a ela – estão os bois-bumbás Caprichoso e Garantido. A vida cotidiana dos parintinenses é amplamente permeada pelos dois grupos folclóricos, que têm sua manifestação máxima no último final de semana de junho, na ocasião do Festival Folclórico de Parintins (FIGURA 12). Neste os bois-bumbás realizam uma disputa simbólica pelo estabelecimento de territorialidades em Parintins e na Amazônia em geral – já que a festa se tornou uma manifestação conhecida, apreciada e valorizada por toda a região. Este embate se materializa,

durante três noites, em apresentações ao ar livre, em um Bumbódromo – estrutura construída especificamente para a festa –, sob a avaliação de jurados.

O campeão não ganha simplesmente um troféu, mas demonstra sua força de superar seu *contrário*¹¹⁵. Entretanto, a disputa por territorialidades entre os bois-bumbás transcende o festival propriamente dito e se estende para um complexo espaço de representação. Nas palavras de Valentin (2005, p. 28) “A rivalidade influencia a geografia do lugar, interfere na visualidade da cidade e no modo de viver e de ver de seus habitantes”. Simbolizados pelas cores azul e vermelho, respectivamente, os bois-bumbás Caprichoso e Garantido têm seus territórios demarcados por *currais*¹¹⁶ e pela própria divisão da cidade em “Cidade Caprichoso” e “Cidade Garantido”, onde as placas e boa parte das casas levam as cores dos bois-bumbás. Esta divisão, apesar de ter fundamento simbólico-identitário, é endossada pela administração municipal, o que pode ser observado pelas placas de orientação na cidade (FIGURA 12).

A manifestação sócio-cultural dos bois-bumbás também perpassa pelo futebol amador local, de modo a criar dois torneios organizados pela Alepin, que ocorrem às vésperas do Festival Folclórico de Parintins. O primeiro é o jogo entre as equipes tribais, ou seja, entre aqueles que trabalham diretamente nos currais dos bois-bumbás (fazendo as alegorias, fantasias, coreografias, etc.). Este jogo tem caráter beneficente e mobiliza a comunidade ligada direta e indiretamente aos bois-bumbás, já que se apropria dos nomes e do universo simbólico das instituições Caprichoso e Garantido. O outro torneio é a Taça Bumbá, que também se constitui em um jogo entre equipes representando os dois bois-bumbás, mas exclusivamente com jogadores vinculados à Alepin. São feitas duas seleções de jogadores que disputam o campeonato amador da liga parintinense. Cada jogador deve declarar para qual boi-bumbá torce, ou seja, para qual seleção se candidata. Os jogadores não possuem necessariamente ligação institucional com os bois-bumbás, assim como as associações folclóricas Caprichoso e Garantido não interferem na organização ou no fato futebolístico em si, apenas na prática social do futebol e nas categorias de mediação do espaço de representação do futebol – os símbolos, por exemplo, são mantidos nas cores das equipes (FIGURA 12).

¹¹⁵ A rivalidade entre os bois-bumbás é tamanha que as pessoas ligadas diretamente aos bois e alguns aficionados não sequer pronunciam o nome do outro boi-bumbá. Assim, se referem ao seu rival como “contrário”.

¹¹⁶ Curral é o nome das instalações dos bois-bumbás. Ele abriga galpões, palcos, espaços para ensaio e reuniões, etc.



FIGURA 12 - FUTEBOL AMADOR E FESTEJOS EM PARINTINS

Fonte: Da esquerda para a direita – (01, 02 e 03) O autor; (04) PARINTINSNET. **Taça Bumbá**. Disponível em: <<http://www.parintinsnet.com/home,2.php?inc=bWF0ZXJpYXM=&materia=MTE0Ng=>>>. Acesso em 30 set. 2007.

Legenda: (01) Visão do Bumbódromo lotado para o ensaio do Boi Caprichoso, em 2007; (02) - Visão do lado vermelho do Bumbódromo na apresentação do Boi Garantido, em 2007; (03) - As placas de trânsito da Cidade Caprichoso são todas azuis, enquanto as da Cidade Garantido são vermelhas. A territorialidade das cores invade, inclusive, a publicidade; (04) - Jogadores representando as cores de Garantido (esquerda) e Caprichoso (direita) disputam a bola na Taça Bumbá de 2007.

A Taça Bumbá reproduz para dentro de campo a rivalidade entre Caprichoso e Garantido e estende o aspecto dionisíaco da festa, criando momentos de presença. Ao falar da Taça Bumbá, E.F.S., além de explicar o funcionamento do torneio, ressalta a importância da parceria que mantém com a mídia e com a busca de uma integração com os bois-bumbás, que acabam superando o futebol na estruturação identitária e na presença na vida cotidiana de Parintins. Percebemos, assim, no discurso do dirigente um *ethos* de interesse de cooperação tanto com as instituições religiosas quanto culturais, uma vez que isto pode significar benefícios à Alepin e ao futebol da região.

E nós fazemos um jogo da Liga, da Alepin, com os selecionados de cada bumbá. Ou seja, só participam os jogadores de suas agremiações de preferência. Neste ano o Caprichoso ganhou por 2x0. Ele foi campeão. E nós temos a participação da A Crítica. A Crítica fornece o troféu pra equipe

vencedora, um troféu para a equipe que tira em segundo lugar, como também as medalhas. Nós temos esta cooperação da rádio, TV e jornal A Crítica, de Manaus, que sempre está conosco neste evento que nós realizamos. Nós estamos vivos. Nós estamos sempre buscando estar integrados com o boi-bumbá, como também no meio social, buscando os aprimoramentos necessários para a gente realizar o melhor possível. Aquilo que a gente dá de nós é o máximo. (Informação verbal)¹¹⁷.

O reino da organização do espaço de representação do futebol nestes municípios ou comunidades amazonenses apresenta um forte hibridismo, sobretudo, com instituições religiosas e, no caso de Parintins, com os grupos folclóricos de boi-bumbá. Entretanto, isto não significa que os campeonatos, torneios ou jogos sejam organizados pela igreja ou pelas associações folclóricas, respectivamente. Tais instituições apenas emprestam o poder simbólico de seus festejos para aumentar o apelo destes eventos futebolísticos perante a comunidade. O discurso de que a “copa é da Santa” ou que o torneio é “entre Caprichoso e Garantido” é terreno fértil para a criação e circulação de representações sociais, que reforçam a dimensão da socialidade. Na prática, o que ocorre é que tais eventos utilizam estes festejos como pretexto e como oportunidade de confirmar o futebol como elemento fundamental na criação de momentos de presença na vida cotidiana das massas (ou mesmo tribos).

Além de torneios entre times de futebol, que reforçam territorialidades paroquiais ou mesmo da dualidade entre os bois-bumbás, os festejos produzem outros tipos de torneios futebolísticos, como disputas de tiros livres da marca do pênalti. Estes torneios são disputados em duplas, na qual um jogador é o batedor e o outro o goleiro, e, geralmente, premiam o vencedor com um boi, um porco ou outros prêmios doados às quermesses. Para participar do torneio a dupla paga uma quantia por rodada. Ao perder a dupla é eliminada, mas pode retornar à disputa se pagar novamente. Assim, o torneio é decidido, praticamente, na resistência. Além de arrecadar fundos para as paróquias, estes torneios de pênaltis são uma importante forma de integração e socialização nos festejos, pois além do jogo, os participantes se reúnem em torno de comida e bebida liberados, como conta José Roberto Moreira da Rocha, secretário do Tribunal de Justiça Desportiva do Amazonas: “Eles são nutridos à sopa e à cachaça. E ficam a noite inteira batendo pênaltis. [...] É sempre ligado a uma entidade católica. [...] O futebol, na realidade, é para integrar” (Informação verbal)¹¹⁸. Estes torneios criam um novo fato futebolístico, altamente trágico e

¹¹⁷ E.F.S.. **Entrevista ao autor**. Parintins, 27 jun. 2007. Informação verbal.

¹¹⁸ ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

orgiástico, pois extrai do futebol apenas seus momentos de catarse, de presença, a marcação do gol ou a perda/defesa do pênalti. Além disso, revelam uma forte dimensão pós-moderna, que Maffesoli (2003) denomina de vida sem projeto, pois se privilegia o jogo pelo jogo e não pela vitória, já que o vencedor não é necessariamente o mais competente ou preparado, mas o último a desistir ou aquele que estava “na hora certa e no lugar certo”. Esta dimensão destinal faz com que o fato futebolístico e a própria prática social do futebol desta manifestação se aproxime sobremaneira do espaço de representação do futebol amador.

4.3.2 Campeonatos vinculados à Federação Amazonense de Futebol

Os campeonatos atrelados à FAF possuem forte articulação institucional com a escala nacional – já que a FAF é vinculada diretamente à CBF – e global, pois utiliza as regras padrão do futebol internacional. No entanto, esta configuração organizacional não enfraquece as peculiaridades locais, principalmente no caráter afetual e tribal do espaço de representação do futebol amador do Amazonas. Mesmo que a FAF esteja inserida no reino da política institucional, próprio do espaço de representação do futebol profissional, a organização reticular em ligas municipais remete à centralidade subterrânea. Dos 62 municípios do Amazonas, 51 mantêm ligas ativas, ou seja, organizam campeonatos amadores¹¹⁹. Estes campeonatos seguem as regras básicas do futebol internacional, mas têm sua organização, fórmula de disputa e regulamento livres, como comenta José Roberto Moreira da Rocha.

A Federação Amazonense de Futebol, por meio de seu presidente, Seu Dissica [Valério] Tomaz, tem algumas coisas fundamentais. Por exemplo, interferir na gerência destas ligas: ele não interfere, ele apóia as coisas que as ligas querem fazer. Ele dá o suporte para que as ligas façam isso, mas não para interferir no gerenciamento de campeonatos, porque cada cidade destas tem uma característica: os campeonatos são diferentes, têm regulamentos próprios, são premiações próprias. Então, ele não interfere nestas ligas. Esta comunicação entre Federação e liga é de apoio. [...]. A Federação só apóia as atividades das ligas. Ela não tem esta gerência de dizer “faça assim”. E a outra característica é que a Federação Amazonense de Futebol é muito ligada às ligas, dá muito apoio às ligas. Todas as horas que os presidentes de ligas necessitam de uma informação, a Federação está sempre pronta para ajudar, exatamente por uma coisa interessante: a eleição da Federação Amazonense

¹¹⁹ FEDERAÇÃO AMAZONENSE DE FUTEBOL. **Ligas**. Disponível em: <<http://www.futebolamazonense.com/ligas/>>. Acesso em 01 mar. 2009.

de Futebol é feita através das ligas, porque no estatuto da Federação não tem uma forma de votar em que o voto do profissional tenha valor por cinco votos e as ligas, cada uma delas votam. Então são 62, se 49 que estão ativas conosco votarem, então elegem o presidente. Muitas vezes alguns candidatos se aventuram pelas margens dos rios em busca destes votos, para que possam ser eleitos presidente da Federação, mas como o apoio do Presidente Dissica é muito grande a respeito das ligas – ele tem uma maneira muito democrática de fazer. Quando vai fazer um campeonato como a Copa dos Rios, ele reúne os presidentes das ligas e diz assim: “como é que vocês querem?”. (Informação verbal)¹²⁰.

O discurso de José Roberto Moreira da Rocha, no que se refere à relação que a FAF mantém com as ligas, é ambíguo. O enunciador fala do lugar de membro da FAF, mas seu discurso expressa tanto as coerções da formação discursiva quanto opiniões próprias. Isto pode ser observado quando fala da política institucional em relação às ligas, bem como da importância dada à centralidade subterrânea entre elas e a FAF. Ao mesmo tempo em que procura legitimar o trabalho da FAF em relação às ligas, alegando apoio e gerenciamento democrático por parte do presidente Dissica Valério Tomaz, José Roberto Moreira da Rocha revela interesses políticos por trás do apoio às ligas. Mesmo havendo interesses nos votos das ligas, o fato de que elas têm certa autonomia para gerenciar seus campeonatos, revela uma organização reticular, que se expressa através das territorialidades das ligas. Além disso, a equiparação dos votos das ligas com os clubes profissionais demonstra a força política, bem como simbólica, que o futebol amador possui dentro da FAF e perante as comunidades. José Roberto Moreira da Rocha procura explicar, em partes, a força do futebol amador utilizando o argumento da fraqueza do profissional, mas, sobretudo, pelo caráter comunitário de diversão que o espaço de representação do futebol amador no Amazonas promove.

Acontece que o futebol amador é feito na comunidade. As comunidades em si se reúnem e avisa o futebol amador. O futebol profissional é visto com fins lucrativos. Você vê que o amador é feito por pessoas que gostam de futebol. O outro é feito por profissionais, que querem ganhar dinheiro encima disso. Então, no interior, devido aos poucos recursos que têm por lá, eles têm esta dificuldade de formar futebol profissional, até por não acreditar muito que aquilo ali vai dar futuro pra um rapaz de 18 ou 20 anos. Então, o amador lá, dependendo do município dele, às vezes por uma garrafa de cerveja, uma garrafa de cachaça, um quilo de farinha, ele vai jogar o futebol dele. Ele se diverte com aquilo. (Informação verbal)¹²¹.

Apesar de todas as ligas conservarem esta dimensão comunitária, cada uma delas possui peculiaridades. Uma das mais tradicionais e estruturadas vinculadas à

¹²⁰ ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

¹²¹ ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

FAF é a Alepin. O Campeonato Parintinense de Futebol acontece desde 1948, ano da fundação de alguns dos clubes que participam até hoje da competição, como Amazonas, Nacional, Sul América e São Cristóvão (FIGURA 13).



FIGURA 13 - JOGO PELO CAMPEONATO DA ALEPIN 2007

Fonte: O autor.

Estes passaram a fazer parte da vida cotidiana local, sendo capazes de gerar momentos de presença e de criar tribos em uma cidade que possui sua socialidade e sua espacialidade pautadas essencialmente no Festival Folclórico de Parintins e na dualidade dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido. O futebol, inclusive, participou de forma central na construção da tradição do festival dos bois-bumbás. Os primeiros festivais foram realizados na sede da Juventude Atlético Católica (JAC), passando, posteriormente, para o Estádio Tupy Catanhede. Estádio este que é o principal território futebolístico da cidade, mas que, segundo o presidente da Alepin, E.F.S., precisa de melhoramentos. Ao avaliar seu trabalho em frente à Alepin, E.F.S. deixa transparecer em seu discurso um *ethos* de abnegação, mas também de dúvida quanto à concretização de seus objetivos.

Nossa experiência ainda está em fase de aprimoramento. Nós estamos trabalhando buscando cada dia, cada ano que passa o melhoramento dos

trabalhos que nós realizamos aqui diante destas dez equipes, que exigem de nós o empenho e a eficácia, buscando o melhoramento de todos os aspectos do campeonato. Não só do campeonato, mas também do espaço físico. Nós temos um estádio em precárias condições, mas não por falta de interesse nosso. Nós já fizemos, só na minha gestão, dois anos de trabalho aqui nesta liga, vários projetos, enviados até pro governo do estado através da Secretaria de Esportes. Nós temos lá um projeto aprovado e até agora não tivemos nenhuma resposta concreta, sempre nós tivemos muitas promessas dos nossos comandantes maiores: políticos da nossa região que verificam aqui as necessidades que nós temos e infelizmente até agora não pudemos receber nenhuma melhoria convincente. Mas trabalhamos com aquilo que podemos, com a força que nós temos. [...]. Toda dificuldade está inserida em questão financeira. [...]. Vamos suprimindo as necessidades; vamos pulando as barreiras; e vamos concretizando nosso trabalho. Não sei até quando... Eu tenho ainda quatro anos pela frente pra desenvolver o meu trabalho. Eu espero que eu consiga concluir este trabalho aqui. A comunidade espera de nós; espera a nossa eficiência, buscar o melhor possível para que a gente conclua e deixe o nosso nome marcado na história do futebol parintinense. (Informação verbal)¹²².

O discurso de E.F.S. se insere na formação discursiva dos dirigentes, retomando um tema recorrente que é o do dinheiro público como panacéia. Mesmo em uma situação diversa da dos dirigentes profissionais, o enunciador demonstra que está à espera do dinheiro do estado para resolver os problemas do estádio e da estrutura da liga. Quanto ao futuro sua postura é ambígua, pois ao mesmo tempo em que pretende deixar seu nome na história do futebol local, o dirigente demonstra um pessimismo ao dizer que não sabe se conseguirá dar continuidade a seu trabalho. Outra contradição no discurso de E.F.S. está ligada ao fato que ora ele pende para um *ethos* futebolístico pautado no social ora para um calcado na socialidade. Seus projetos e seu desejo de marcar seu nome na história contrastam com a abnegação demonstrada quando o dirigente fala dos torneios que a Alepin organiza em paralelo à liga, como o Torneio da Santa e a Taça Bumbá.

A importância das ligas de futebol amador nos municípios do interior do Amazonas pode ser exemplificada por uma das formas dos clubes recrutarem os melhores jogadores para suas equipes. Já que os clubes não podem remunerar os jogadores através de contratos, são lhes oferecidos empregos em troca dos serviços futebolísticos. Assim, o capital esportivo se converte em capital econômico sem que haja um contrato de remuneração entre clube e atleta¹²³.

Elas [empresas] empregam os atletas das equipes que elas têm preferência. Dão salário pro cara trabalhar com eles na farmácia, no supermercado. [...]. E

¹²² E.F.S.. **Entrevista ao autor**. Parintins, 27 jun. 2007. Informação verbal.

¹²³ A questão da remuneração no futebol amador será tratada de maneira mais específica no item 5.1.4.

na hora do treino, eles liberam para que eles possam fazer seus treinos. Essa é a forma que eles dão para ter um melhoramento nas equipes. Então os melhores atletas sempre procuram estas equipes de ponta por causa do patrocínio e a segurança de ter um emprego para se auto-sustentar. (Informação verbal)¹²⁴.

Além das ligas municipais, como é o caso de Parintins, há campeonatos intermunicipais, como a Copa dos Rios de Seleções, que é disputada anualmente, sendo que nos anos ímpares há uma limitação de idade até os 19 anos. A Copa dos Rios reúne seleções formadas por jogadores vinculados às ligas municipais, que disputam entre si o título de campeão amazonense de futebol amador. Em 2008, este torneio contou com a participação de 42 municípios dos 61 possíveis¹²⁵. Vale lembrar que no discurso dos dirigentes do futebol profissional amazonense as distâncias entre os municípios ou as dificuldades de acesso à região eram vistas não como um limitador, mas como um impossibilitador do desenvolvimento do futebol profissional. Isto pode ser constatado também no baixo número de equipes do interior no Campeonato Amazonense de futebol profissional (os dez clubes da Primeira Divisão do Campeonato Amazonense 2008 são distribuídos em apenas cinco¹²⁶ municípios). Este fator, somado à maciça participação dos municípios na Copa dos Rios faz com que Lázaro Pinheiro, diretor técnico e de eventos da FAF, considere esta copa como o legítimo campeonato estadual: “Pra mim, a Copa dos Rios é o verdadeiro Campeonato Amazonense, porque envolve quase todos os municípios” (Informação verbal)¹²⁷. Opinião esta endossada por José Roberto Moreira da Rocha:

O futebol amazonense se restringe à capital. Agora nós temos um time em Itacoatiara e um time em Manacapuru, mas é muito pouco. Hoje nós temos 62 municípios no estado do Amazonas – contando com Manaus – e temos 48, 49 que participam da Copa dos Rios, onde tem que ter ligas [municipais]. O Campeonato Amazonense profissional de futebol não é amazonense, pois só é restrito a Manaus e a um ou dois municípios do interior. Não tem a abrangência do estado todo. A Copa dos Rios abrange todo o estado. Enquanto tem algumas ligas que não participam, 50% já caracteriza-se o estado do Amazonas. Então isto é realmente combínio com que seja o campeonato amazonense. Apesar de algumas dificuldades pelas distâncias.

¹²⁴ E.F.S.. **Entrevista ao autor**. Parintins, 27 jun. 2007. Informação verbal.

¹²⁵ Manaus não disputa a Copa dos Rios, que se restringe aos 61 municípios do interior. Dentre os 19 municípios que não participaram em 2008, 12 não possuem ligas em atividade.

¹²⁶ Manaus, Iranduba, Rio Preto da Eva, Manacapuru e Itacoatiara. O Nacional Fast Clube tem sede em Manaus, mas seu Departamento de Futebol se localiza na cidade de Itacoatiara.

¹²⁷ PINHEIRO, Lázaro D'Ângelo. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

As distâncias complicam muito a realização do futebol profissional nestes municípios. (Informação verbal)¹²⁸.

Os dois enunciadores falam do lugar como funcionários da FAF, que promove tanto o futebol amador quanto o profissional no estado. Mesmo assim, demonstram claramente suas opiniões de que o Campeonato Amazonense de futebol profissional não é capaz de integrar o estado como a Copa dos Rios de Seleções o faz. Isto porque o futebol profissional não tem a capacidade de comportar equipes de tantos municípios, bem como tem dificuldades de penetrar efetivamente na vida cotidiana dos amazonenses e se tornar uma manifestação de pulsão gregária, geradora de momentos de presença e de orgiasmo.

A Copa dos Rios é disputada em três fases, a primeira, em 2008, disputada em 11 sedes, é sub-regional, de acordo com os rios que banham os municípios e a proximidade entre eles – por exemplo, há grupos do Alto Solimões, Médio Solimões, Madeira, Baixo Amazonas, entre outros. Equipes viajam durante dias pelos rios do estado para disputar as partidas. Estas viagens acabam se constituindo em rompimentos com o cotidiano, pois muitos jogadores precisam pedir licença de seus trabalhos por dias e até semanas devido à duração das viagens. A segunda fase, com os 24 classificados na primeira fase é disputada em Manaus ou municípios próximos. Já a última fase, que reúne as melhores seleções das fases anteriores, independentemente da localização geográfica, tem todos os seus jogos realizados em Manaus. O time vencedor da Copa dos Rios ganha apenas um troféu e medalhas douradas, não havendo premiações em dinheiro (a FAF paga todas as despesas das últimas fases). Entretanto, há um grande valor simbólico em se vencer tal torneio, pois é uma maneira de enaltecer o nome do município, bem como dos campeões se tornarem mais conhecidos e socialmente valorizados na vida cotidiana pós-moderna local. Além disso, o vencedor ganha a oportunidade de disputar a Supercopa dos Campeões, que reúne somente os municípios que já conquistaram a Copa dos Rios.

Este campeonato reforça os laços comunitários locais, pois as seleções representam os municípios, tendo estes, na maior parte dos casos, baixa população. Portanto, os jogadores – que precisam comprovar residência no município para participar do campeonato – são conhecidos e possuem um contato direto e cotidiano com a comunidade. Além disto, a Copa dos Rios de Seleções celebra uma complicada integração amazônica, já que as distâncias entre os municípios é muito grande e o

¹²⁸ ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

futebol profissional não se demonstra capaz de realizar tal conexão. O futebol amador juntamente com os festejos são elementos fundamentais para a construção de uma proxemia amazonense (e amazônida), pois são capazes de aglutinar massas em torno de uma celebração orgiástica (até as festas religiosas apresentam esta dimensão em paralelo) e definir territorialidades culturais.

4.3.3 Peladão

Se a Copa dos Rios de Seleções pode ser considerada como o verdadeiro campeonato amazonense organizado pela FAF, o Campeonato de Peladas do Amazonas – mais conhecido como Peladão – é aquele que realmente é capaz de mobilizar a cidade de Manaus e diversos outros municípios do interior de forma a celebrar a socialidade e a construir de maneira pregnante territorialidades no espaço de representação do futebol amador do Amazonas. Isto fica evidente nas palavras de Sidniz Pereira da Silva Filho, coordenador administrativo do Peladão: “Não é um evento de desunião, né... Ele é um evento de participação popular no sentido de integrar a comunidade manauara” (Informação verbal)¹²⁹. Esta integração se dá através da criação de uma série de tribos afetuais, que compõem um campeonato com mais de 400 times somente na Categoria Principal (Masculina Adulta). Sérgio Paulo Fernandes da Silva, supervisor do Peladão tenta expressar a dimensão que o Peladão possui, bem como sua importância para Manaus: “Olha, pra nós... Eu tenho como uma coisa grande demais. Mas grande demais mesmo” (Informação verbal)¹³⁰. Os discursos de Sidniz e de Sérgio expressam o caráter tribal e trágico-dionisíaco do Peladão. Eles pertencem a uma formação discursiva diversa daquelas dos dirigentes e organizadores do futebol profissional e dos amadores vinculados à FAF. A formação discursiva dos organizadores e participantes do Peladão, baseada mais na potência que no poder, tem como referência a socialidade, sendo mais livre, apesar de mesmo assim apresentar algumas interdições advindas das tribos.

O Peladão não mantém nenhum vínculo com a FAF, sendo organizado em Manaus pela Rede Calderaro de Comunicação, detentora da afiliada da Rede Record,

¹²⁹ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

¹³⁰ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

do jornal de maior circulação do estado – A Crítica –, além de outros produtos de comunicação. No entanto, apesar de toda organização do torneio estar em Manaus, o Peladão se estende ao interior do estado, a cada município que se interesse em participar. Estes organizam seus torneios nos moldes estabelecidos pelo regulamento do Peladão e se reportam à organização geral.

Segundo seu regulamento, o Peladão tem por finalidade “a integração social do povo, através do esporte, incentivando o potencial técnico, destacando a raça e a beleza da juventude amazonense” (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 03). Ele é considerado o maior campeonato de peladas do mundo. Em 2008, reuniu 1.048 equipes de 13 municípios diferentes, sendo 430 do interior e 618 de Manaus. O número de atletas amadores somente de Manaus foi de 14.192.

O torneio de futebol é dividido em seis categorias: a Categoria Principal, masculina adulta (a partir dos 15 anos), chamada também de Peladão ou Aberto; o Peladinho, disputado por meninos de 12 a 14 anos; o Master, com atletas a partir de 40 anos; o Feminino, com atletas a partir dos 15 anos; o Indígena Masculino; e o Indígena Feminino¹³¹. O número de equipes varia anualmente, mas sempre se mantém em um patamar bastante elevado, sendo que o número total de equipes inscritas, desde 1998, nunca foi inferior a 500. Desde a criação do Peladinho até 2006, o número de equipes deste categoria aumentou (36 na primeira edição e 67, em 2006), todavia houve um decréscimo nos dois últimos anos, chegando a 48 participantes, em 2008. Já o número de equipes da Categoria Principal passou a diminuir de modo mais considerável a partir da criação da categoria Master, em 2004. Em 2008, a Categoria Principal contou com 428 times. Entretanto, o número de participantes inscritos em Manaus oscila, mas nunca abaixo da casa dos 12.000. O mesmo ocorre com o público da abertura e do encerramento do evento que varia entre 5.000 e 30.000 espectadores, números expressivos, sobretudo, se comparados com aqueles do futebol profissional amazonense (QUADRO 2). Esta ampla participação da massa se dá de forma direta, não apenas como espectadora ou intervindo indiretamente como torcedores. Destas pessoas depende tanto o fato futebolístico

¹³¹ As categorias indígenas admitem apenas participantes acima de 15 anos e que sejam comprovadamente indígenas (com parentesco de até terceira geração), através de uma comissão composta por líderes indígenas. Os índios e descendentes que quiserem jogar a categoria principal do Peladão podem o fazer sem nenhuma restrição, a não ser que já estejam inscritos em uma equipe indígena. Além disso, os indígenas não precisa necessariamente representar sua etnia, podendo haver times composto por membros de várias tribos.

quanto à organização – não do campeonato propriamente dito, mas da participação de cada time –, além dos outros elementos do espaço de representação do futebol.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Total de equipes	526	560	522	672	834	717	658	769	713	646	618
Equipes Categoria Principa	526	560	522	636	806	673	554	588	519	453	428
Equipes Peladinho	x	x	x	36	28	44	48	58	67	56	48
Equipes Master	x	x	x	x	x	x	56	68	79	89	90
Equipes Feminino	x	x	x	x	x	x	x	44	33	36	38
Equipes Indígena Masc.	x	x	x	x	x	x	x	7	9	8	8
Equipes Indígena Fem.	x	x	x	x	x	x	x	4	6	4	6
Equipes do interior na capital	2	5	8	10	8	9	8	11	10	7	12
Atletas inscritos - capital	12.426	13.807	13.666	17.601	20.147	14.807	13.360	20.795	16.137	15.814	14.192
Público na abertura	30.000*	11.567	12.098	11.379	11.071	5.000*	5.000*	5.000*	15.000*	5.000*	7.000*
Público no encerramento	18.147	17.354	21.786	22.133	21.358	22.070	19.239	8.798	12.000*	11.404	20.000*
Jogos realizados	1.360	1.330	1.253	1.457	2.134	1.434	995	1.119	2.352	2.125	1.327
Campos utilizados	53	46	41	62	61	55	40	52	51	53	54

*Estimativa da Polícia Militar

QUADRO 2 - ESTATÍSTICAS DO PELADÃO DE 1998 ATÉ 2008

Fonte: Adaptado de RELATÓRIO, 2008

O sistema de inscrições ao mesmo tempo em que exige a comprovação da identidade, pois demanda documento e foto, desindividualiza o sujeito nas tribos, por ser impossível se inscrever sem estar vinculado a um time. Desta forma, não discrimina o bom do mau jogador, mas sim privilegia aqueles jogadores que conseguem se unir, por diversos fatores, para formar um time. Aparentemente, esta característica nos levaria a discutir a supressão do sujeito pela instituição. No entanto, a maioria dos times do Peladão não pode ser considerada como instituições na sua concepção moderna, pois não necessariamente possuem uma história que precede às pessoas que dela fazem parte (BERGER; LUCKMANN, 1999). São mesmo tribos (MAFFESOLI, 2006). Representam aqueles que dela fazem parte e não tem compromisso de perdurar historicamente. Isto pode ficar claro no nome de alguns times. Em 2008, somente na Categoria Principal, mais de 50 times tinham no nome a palavra “Amigos” ou alguma outra que aludisse que a ligação entre os membros era fundamentalmente afetual, como Amigos do Bolinha, Amigos do Guilherme da Cachoeirinha, Amigos do Zeca, Os Primos Amigos da J, Panelinha, entre outros que celebram o estar junto em seu próprio nome (RELATÓRIO, 2008).

Além de remeter à amizade ou relações de parentesco, os nomes dos times também deixam transparecer diversos tipos de territorialidades, sendo um importante referencial simbólico para as estruturações identitárias (futebolísticas) não apenas no

decorrer do campeonato, mas na vida cotidiana pós-moderna. Muitos times têm nomes que remetem aos bairros, reforçando o orgulho de pertença por parte das comunidades locais e criando/consolidando territorialidades proxêmicas, que chamam atenção ao convívio diário, à vida cotidiana dos bairros que se tornam, verdadeiramente, comunidades em torno da prática social do futebol. Alguns exemplos são Atlético Clube Nova Esperança, Unidos da Raiz FC, Unidos do Coroadó. Territorialidades também são construídas a partir de times que possuem nomes: de empresas (Unidos da Sharp Caloi, Semp Toshiba); instituições públicas (Semulsp, ASA – Agremiação dos Sargentos da Amazônia, Guarda Civil Metropolitana); que remetem a clubes profissionais nacionais (Flamengo do Japiim, Cruzeiro do Mauzinho, São Paulo do Monte Pascoal); que aludem a clubes internacionais (Real Madrid do São Francisco, Milan de Petrópolis, Chelsea Football Club Amazonas); bem humorados (Pegadores, Golpe Baixo – Atecubanos, Por Que Jogaríamos?).

Não apenas os nomes diferenciam os times uns dos outros. A capacidade de investimento e, conseqüentemente, as possibilidades de conquistar o Peladão também propiciam uma diversidade de objetivos. Há um predomínio das relações calcadas na afetualidade entre os times e os jogadores que os compõe. Estes jogam para se divertir, almejando vencer a competição, mas se contentando com o prazer de estar juntos. No entanto, uma minoria de times apresenta uma organização semi-profissional. Apesar de não poder estabelecer contratos de remuneração com os jogadores, tais equipes lançam mão de seus patrocinadores e pagam por fora salários e prêmios para os seus melhores jogadores. Algumas destas equipes – como Compensação (campeão 2008), Unidos da Glória (campeão 2007) e CA Martins Vical – possuem estruturas equiparáveis e até melhores do que os clubes profissionais de Manaus. Sidniz Pereira da Silva Filho explica que apesar da diversidade das equipes, o objetivo maior é o da participação no Peladão, devido às relações sócio-espaciais que este promove, bem como pelo fato de ele representar o maior e mais importante torneio do Amazonas.

O objetivo das equipes, eu acredito que seja, participação porque o Peladão tem um grande número de equipes que só jogam o Peladão. Eles não participam de um campeonato de bairro, no bairro eles jogam espalhados e só se reúnem no Peladão. Então, o espírito é participar... [...]. Mas, também, predomina na comunidade, o espírito de que o Peladão é o maior evento esportivo daquela comunidade que gosta do futebol, então, eles só organizam a equipe pro Peladão. (Informação verbal)¹³².

¹³² SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

Por mais tradicional ou modesto que seja, cada time possui a mesma responsabilidade na organização dos jogos e no funcionamento do campeonato. Isto porque a estrutura organizacional do Peladão não se dá verticalmente, mas horizontalmente, através da centralidade subterrânea (MAFFESOLI, 2006). Apesar do regulamento, das normas de disputa e do código disciplinar serem estabelecidos pela Coordenação do Peladão, os times têm a responsabilidade e a liberdade de organizar seus próprios jogos, decidindo o horário destes e o campo a ser utilizado. Todos os times precisam inscrever, perante a organização do campeonato, dirigentes responsáveis por estas e outras atribuições. Entretanto, nada impede que o dirigente seja um dos jogadores do time, algo comum de acontecer. Quanto aos campos, os territórios futebolísticos (em 2008 foram utilizados 54), podem ser desde os utilizados pelos clubes profissionais, como a Colina (do São Raimundo), até aqueles campos não-gramados, de terra batida, como o da CEAN (FIGURA 14).



FIGURA 14 - JOGO DO PELADÃO MASTER 2008 DISPUTADO NO CAMPO DA CEAN

Fonte: O autor.

Estes campos não-gramados, em geral, são mantidos pelas ligas dos bairros, não tendo dono. Desta forma, se tornam um importante e constante ponto de encontro entre os jogadores, torcedores e moradores dos bairros, configurando-se não apenas em territórios futebolísticos, mas produzindo territorialidades de convivência. Assim, o Peladão contribui também para reforçar a vida comunitária, através do orgiasmo e dos momentos de presença em torno destes territórios futebolísticos em que circulam representações sociais e nos quais são apropriados os elementos do espaço de representação do futebol. Os finais de semana, quando ocorrem os jogos do Peladão, se configuram como momentos de presença (LEFEBVRE, 2006), ou seja, de rompimento com o cotidiano alienante, sendo o fato futebolístico um forte pretexto para o estar junto, para um hedonismo que é celebrado também após os jogos, nas *barcas*.

A barca é um elemento que foi incorporado à prática social do futebol do Peladão e que se tornou uma de suas principais características. Após os jogos, os times – por meio de seus dirigentes, patrocinadores, etc. – oferecem aos atletas e à comunidade uma confraternização, regada a bebida alcoólica (sendo a cerveja o principal símbolo), a comida (em geral sopa, churrasco ou feijoada) e a música (pagode, forró, etc.). Esta celebração de base trágico-dionisiaca faz parte do ritual do Peladão. Não importa se o time vence ou perde. Há sempre barca. Sidney Netto, professor da UFAM, explica a dinâmica da barca, bem como a sua importância como elemento simbólico e produz de territorialidades.

A barca, que eles chamam, é a confraternização. Termina o jogo, eles vão pegar a barca. O que vem a ser a barca? As pessoas daquele time, daquele grupo se reúnem em um determinado lugar e fazem um churrasco, assam um peixe. [...]. Fazem uma sopa, quando termina um jogo, os caras vão pra casa de uma determinada pessoa, normalmente o dono do time, né? O responsável. E tem lá uma caldeirão de sopa. Os caras tomam aquela sopa lá. [...]. Tomam cerveja... E aquilo ali é um momento social também, né? Um momento importante pra equipe. Quanto maior a barca, melhor, né? Mais luxuosa e tal, mais interessante. (Informação verbal)¹³³.

As barcas se constituem como momentos de confraternização entre os participantes e a comunidade e de expressão de todo hedonismo e orgiasmo do Peladão. O peso simbólico da barca e tudo que ela envolve, mobiliza a vida comunitária e produz territorialidades, bem como disputas no plano simbólico em torno das melhores barcas oferecidas na cidade. As barcas se constituem, além dos

¹³³ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

prêmios¹³⁴ e do capital simbólico de se vencer o Peladão, como atrativos para os jogadores disputarem o campeonato. Os participantes vêem nesta manifestação da socialidade uma razão de preferir o Peladão ao futebol profissional.

A horizontalidade da potência também pode ser observada no que se refere à arbitragem. Além de não serem permitidos jogadores profissionais nem amadores federados, os árbitros, bandeirinhas e mesários são de responsabilidade das equipes. Cada time inscreve sua equipe de arbitragem no início do campeonato. O árbitro pode ser um especialista (algumas vezes federado), mas também pode ser um jogador de outra categoria ou um dirigente do time. Assim, a equipe de arbitragem do time A apita o jogo entre o time B e C. Nas fases finais do campeonato, são escolhidos os melhores árbitros, que passam a receber, da organização do Peladão, uma quantia em dinheiro por jogo apitado. Esta centralidade subterrânea, que rompe com a organização rígida e hierárquica das instituições modernas, demonstra o caráter de socialidade do Peladão. Além disto, o fato de que os inscritos – como neste caso da arbitragem – não terem *funções*, mas sim *papéis* – menos fixos e, às vezes, híbridos – demonstra a criação de novas estruturas identitárias, típicas da pós-modernidade, no espaço de representação do futebol amador do Amazonas.

Sob o ponto de vista do reino da organização, a dimensão institucional não apenas se afasta do futebol profissional por sua não-vinculação com a FAF, mas também por não adotarem as regras oficiais. A inexistência de impedimento, a possível realização de 11 substituições na partida, bem como o lateral podendo ser cobrado com os pés, são alguns exemplos que demonstram de que maneira que este afastamento institucional com o futebol profissional produz um fato futebolístico bastante diverso do padrão profissional. Tais modificações, além de facilitarem a massificação do jogo, são instrumentos de uma busca de uma estruturação identitária futebolística típica do Peladão. Esta aparente informalidade contribui para o afloramento do orgasmo e dos momentos de presença, bem como propicia uma maior penetração da prática social do futebol do Peladão na dialética da existência pós-moderna das comunidades.

O orgasmo é também observado no concurso que elege a Rainha do Peladão, um dos objetivos da competição. Cada time da Categoria Principal deve inscrever uma candidata a Rainha. Na abertura, é realizado um desfile das candidatas, que não apenas é a primeira fase do concurso de beleza, mas também serve para credenciar a

¹³⁴ O time vencedor da Categoria Principal ganha um carro 0 km e o vice campeão, R\$ 2.000.

participação dos times no torneio de futebol. Se a candidata não desfilar, a equipe não tem direito de disputar a Categoria Principal. Este primeiro desfile recebe atenção especial da organização e do público, demonstrando a celebração da ética da estética (MAFFESOLI, 1996) (FIGURA 15). Assim como cada time possui sua candidata, cada candidata deve estar vinculada a uma equipe. As candidatas a Rainha, em geral, provêm das comunidades que os times representam. A vencedora do concurso, que se divide em várias etapas, ganha um carro 0 km, bem como o capital simbólico de ter vencido um dos principais e o mais popular concurso de beleza do Amazonas. Além disso, as rainhas podem beneficiar os times, pois ao se classificarem para as fases finais do concurso de beleza, elas fazem com que os times que representam, caso estejam eliminados, voltem a disputar o título do Peladão, em uma repescagem chamada Paralelo das Rainhas.



FIGURA 15 - ABERTURA DO PELADÃO 2008

Fonte: O autor.

Legenda: A Rainha do Peladão 2007, Livia Vanessa Duarte Braga, desfila no estádio Vivaldo Lima perante as cerca de 400 candidatas à Rainha de 2008 e um público de cerca de 7.000 pessoas.

Este caráter de socialidade encontrado no Peladão contribui para o sucesso do campeonato junto aos seus participantes e ao público em geral. As deficiências organizacionais, administrativas e esportivas do futebol profissional também ajudam para que o espaço de representação do futebol amador, no Amazonas, seja mais

significativo e rico na construção de territorialidades múltiplas. Esta é uma das características fundamentais do espaço de representação do futebol amazonense, que mesmo ao buscar referenciais fora do estado, sobretudo no Rio de Janeiro, no que se refere ao futebol profissional, possui um significativo referencial futebolístico, que é o Peladão, pois é capaz de conciliar uma administração competente com um caráter orgiástico. Ele demonstra que mesmo um campeonato de enormes proporções pode se organizar através da horizontalidade da potência. No entanto, esta centralidade subterrânea não é encontrada apenas no Peladão, mas também em muito dos outros casos abordados. Desta forma, podemos afirmar que a socialidade está presente de forma preponderante e evidente no espaço de representação do futebol amazonense, tornando este um fundamental elemento da cultura e sociedade locais.

5. ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO PELADÃO

Segundo a concepção *maffesoliana* de pós-modernidade, o Peladão pode ser apontado como uma das manifestações sociais, culturais e futebolísticas mais características da pós-modernidade. Afirmamos isto, pois os elementos do espaço de representação do Peladão são apropriados de diversas formas e ricamente ressignificados pelos participantes deste espaço de representação. Estes elementos são perpassados pelo sentimento trágico-dionisíaco e sua montagem mitológica, de modo que o espaço de representação do Peladão se torne uma importante instância na dialética da existência pós-moderna, pois contribui para a prevalência da dimensão do vivido em relação ao concebido. Inserido dentro da instância da espacialidade do futebol, o Peladão transcende sua condição de campeonato futebolístico não apenas de maneira indireta, mas de modo evidentemente previsto no seu regulamento geral. Constatamos isto ao retomarmos, em nossas discussões, a sua finalidade, que é “a integração social do povo, através do esporte, incentivando o potencial técnico, destacando a raça e a beleza da juventude amazonense” (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 03). Esta transcendência é mais facilmente observada nos quatro objetivos explicitados no regulamento do Peladão:

O XXXVI Campeonato de Peladas do Amazonas – Peladão 2008, nas diversas categorias, tem por objetivos:

- a) Fomentar o Futebol na sua vertente popular;
- b) Escolher a mais bela candidata à rainha do Campeonato de Peladas do Amazonas.
- c) Desenvolver o intercâmbio sócio-desportivo entre os participantes.
- d) Apresentar a beleza infantil, destacando a espontaneidade e a vivacidade da menina amazonense. (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 03).

Nossa análise acerca do espaço de representação do Peladão parte destes objetivos, mais especificamente dos três primeiros, já que o último deles, intimamente ligado ao segundo objetivo, só esteve presente a partir do regulamento de 2007, sendo que o concurso de Rainha Mirim foi extinto em 2008. Dividimos, assim, este capítulo em quatro partes. A primeira delas trata de modo mais específico do torneio de futebol, ou seja, da apropriação dos elementos simbólicos do espaço de representação do Peladão que estão ligados diretamente ao futebol. Abordamos a maneira horizontal através da qual o Peladão se organiza como campeonato de futebol, tendo

fundamental participação dos times; o processo de inscrições e suas implicações; seu regulamento; as regras do fato futebolístico; o sistema de arbitragem de responsabilidade das próprias equipes; o Código Disciplinar próprio da competição; a Categoria Principal e seus torneios paralelos do Interior e de Rainha, além das demais categorias – Master, Feminino, Peladinho e Indígenas – e suas relações. Na segunda parte do capítulo abordamos o concurso de Rainha do Peladão. Além das influências que este possui no torneio de futebol – as quais tratamos na primeira parte – discutimos a própria dinâmica do concurso, suas etapas, seus critérios, as representações sociais acerca do concurso e como ele se insere na vida cotidiana pós-moderna do Amazonas, propiciando às suas vencedoras um capital simbólico com grande possibilidade de conversão em capitais social e econômico. Além disso, abordamos, com menor ênfase, o concurso de Rainha Indígena e Mirim, bem como o projeto de criar um concurso de beleza masculina. Na terceira parte apresentamos as formas de intercâmbio sócio-desportivo que o Peladão promove. Discutimos de que forma o Peladão está inserido na dialética da existência pós-moderna de Manaus, bem como sua importância para comunidades e tribos desta cidade. Para tal, apresentamos algumas iniciativas da organização do Peladão, como a campanha “Faça uma criança sorrir”, o Sopão do Peladão e o Troféu de Melhor Torcida. Entretanto, destacamos de maneira especial, o que consideramos ser o elemento de socialidade, de presença e de orgasmo mais significativo do espaço de representação do Peladão: a barca.

Como esta separação entre os três aspectos listados anteriormente é arbitrária (usamos como critério, os próprios objetivos da competição), propomos uma síntese das relações promovidas pelo Peladão, a partir dos aspectos abordados – torneio futebolístico, concursos de beleza, relações sócio-espaciais em Manaus e no Amazonas – e de outros aspectos, como os discursos e representações sociais produzidos não apenas pelos organizadores e participantes do Peladão, mas também pelos atores sócio-espaciais ligados ao futebol profissional, bem como por mídias nacionais e estrangeiras (filmes, livro, reportagens). Esta síntese é expressa pela rede sócio-espacial do espaço de representação do Peladão – traçada através das múltiplas territorialidades observadas – que tem como característica o hibridismo entre a organização através da política institucional e da centralidade subterrânea, apesar da prevalência desta.

Discutimos o espaço de representação do Peladão a partir da análise de dados coletados em campo – conforme explicitado no capítulo 4 –, entrevistas, filmes e

materiais impressos. Foram analisadas entrevistas de 21¹³⁵ atores do espaço de representação do Peladão, abrangendo desde os organizadores do campeonato até jogadores, treinadores, árbitros e demais participantes, passando por candidatas a Rainha, jornalista e dirigentes. Coletamos, assim, uma amostragem qualitativamente representativa das diversas formações discursivas do espaço de representação do Peladão. Além das entrevistas, analisamos três documentários, sendo duas produções estrangeiras e uma nacional, respectivamente: “The beautiful game: footballers and beauty queens”¹³⁶ (THE BEAUTIFUL, 2006); “Peladão: Rainhas e Peladeiros”¹³⁷, da Lunacy Film, da Alemanha (PELADÃO, 2004); e “Ginga: a alma do futebol brasileiro”¹³⁸ (GINGA, 2006). Também analisamos os seguintes materiais impressos: o capítulo “Peladas para todos os gostos” do livro “Futebol: o Brasil em campo” (BELLOS, 2003, p. 219-240)¹³⁹; as reportagens “O maior campeonato de peladas do mundo” (AQUINO, ago. 2004, p.13)¹⁴⁰ e “Onze rainhas”¹⁴¹ (LAJOLO, 08 jan. 2005, P. D1); cadernos especiais do jornal A Crítica com uma série de reportagens sobre o Peladão de 2008; além do Regulamento e do Relatório Geral do Peladão 2008 (XXXVI CAMPEONATO, 2008; RELATÓRIO, 2008). Para a análise deste material, utilizamos e toda nossa base teórico-metodológica, além da Análise do Discurso.

¹³⁵ Número referente às entrevistas analisadas somente neste capítulo. No anterior, analisamos as de outros três atores do espaço de representação do futebol amazonense que não aparecem neste.

¹³⁶ A produção da National Geographic, de 53 minutos, filmada durante o Peladão 2005, explora dois aspectos do Peladão: o torneio futebolístico, mas principalmente o concurso de Rainha. Além dos depoimentos de pessoas ligadas ao Peladão, possui narração em inglês.

¹³⁷ O documentário alemão, da Lunacy Film, rodado em 2004 apresenta uma visão mais equilibrada entre os elementos do Peladão, em relação ao filme da National Geographic, apesar de também focar bastante no concurso de Rainha. Com duração de 97 minutos, o documentário não utiliza narrador, apenas infográficos e textos curtos apresentando os temas e fornecendo informações, além de depoimentos de atores sócio-espaciais do espaço de representação do Peladão.

¹³⁸ Produzido por Fernando Meirelles, “Ginga: a alma do futebol brasileiro” retrata a história de nove brasileiros que possuem uma relação cotidiana com o futebol (sendo dois profissionais consagrados: Falcão e Robinho). Dos 81 minutos do documentário, cerca de 10 minutos são dedicados ao personagem Celso Vasconcelos de Lima, um jogador da equipe do Águia Dourada, de Paricatuba, uma comunidade do interior do Amazonas. O mote do filme é relacionar a ginga dos jogadores brasileiros com a música. No caso de Celso, sua habilidade para jogar futebol é associada ao forró. A narrativa da história de Celso apresenta uma peculiaridade em relação às outras, pois, em determinado momento do filme, o foco sai de Celso para explicar a dinâmica do Peladão 2004.

¹³⁹ O livro do inglês Alex Bellos foi publicado originalmente em 2002, mas tem sua pesquisa de campo no Peladão realizada em 2000.

¹⁴⁰ Escrita por Leonardo Aquino, a reportagem, publicada na Placar de agosto de 2004, faz parte da sessão “Abrindo o jogo”, que trata de “imagens, notícias e curiosidades do futebol brasileiro”.

¹⁴¹ É a manchete principal do caderno de esportes da Folha de S. Paulo de 08 de janeiro de 2005. Redigida por Mariana Lajolo, ocupa três quartos da primeira página do caderno.

5.1 TORNEIO DE FUTEBOL

Pra falar a verdade o Peladão é... Você sabe que o futebol é mundialmente, vamos dizer assim, é o melhor esporte do mundo e o Peladão não fica atrás. A gente vê... Você vai ter essa noção amanhã, quando começar a abertura, você vai ver como é estar lá dentro do estádio daquele lotado, principalmente com o povo todo incumbido, assim, de torcer mesmo, gente de todos os bairros da cidade. É muito bom. É muito gratificante pra gente que joga bola. Não tem coisa igual não. É muito bom. Você vai ver amanhã. (Informação verbal)¹⁴².

O Peladão é a melhor maneira de fazer nome no futebol amazonense (BELLOS, 2003, p. 232).

Nossa opção de discutir o Peladão de acordo com cada um de seus objetivos não significa que decidimos abordá-los de forma fragmentada, o que além de incoerente, seria impossível. Apesar de focarmos, nesta primeira parte, o Peladão como torneio de futebol, essa opção também não expressa um rompimento com a nossa idéia de que o futebol transcende sua dimensão esportiva, mas sim uma ênfase maior nessa dimensão do fenômeno futebolístico, cujas demais dimensões serão contempladas nesta parte, bem como quando discutirmos o objetivo de intercâmbio sócio-esportivo, além de na parte referente à rede sócio-espacial do Peladão. O que nos assegura esta coerência teórico-metodológica é o conceito de espaço de representação do futebol (aqui de maneira mais específica, espaço de representação do Peladão), que permeia todo o capítulo, além do restante de nossa fundamentação teórica na dialética da existência pós-moderna, no fenômeno futebolístico e, mais especificamente, no futebol amador.

Pela Lei 9.615, o Peladão se enquadra como desporto de participação por possuir praticamente todas as características previstas nesta categoria legal, conforme o Artigo 3º: ser voluntário, ter a finalidade de integrar os participantes na vida social, promover a saúde e a educação, além de preservar o meio ambiente. Entretanto, por mais que estejam em consonância com os objetivos previstos no Regulamento do Peladão, é possível, através das observações de campo, da análise do discurso dos participantes e organizadores, de filmes e reportagens acerca do Peladão, identificar uma gama de objetivos além daqueles estabelecidos no Regulamento. Ao focarmos no primeiro objetivo, o de “Fomentar o Futebol na sua vertente popular” (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 03), logo observamos que este é um objetivo por demais

¹⁴² ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

amplo e impreciso já que não há uma clareza sobre o que é exatamente a vertente popular do futebol. Esta se limitaria àquelas características do desporto de participação previstas na Lei 9.615? Acreditamos que não. Identificamos, no Peladão, características do desporto de rendimento, tais como a busca pelo resultado e a integração de comunidades do país e de outras nações¹⁴³. Limitado à Lei 9.615, Sidney Netto – professor de Educação Física da UFAM que pesquisou a organização do Peladão em sua tese de doutorado –, apesar de defender a idéia de que o Peladão não é futebol amador, mas sim desporto de participação, identifica no Peladão alguns elementos que contradizem a simplicidade da categoria legal desporto de participação.

O Peladão se encaixa na competição do desporto de participação, ou seja, é algo que as pessoas fazem pra se divertir. O objetivo principal do Peladão é o divertimento, mas existe um cunho competitivo muito forte. Tem aí umas 25, 30 equipes, que eles se organizam assim como se fossem profissionais: pagam pros jogadores, têm treinamento, têm técnico, têm preparador físico, têm massagista, têm roupeiro, os jogadores chegam no campo pra jogar de ônibus, massagista leva laranja, leva gelo, leva todas essas coisas aí, como se fosse uma equipe de futebol profissional mesmo. A maioria não é assim. A maioria é o pessoal que vai a pé, vai de ônibus, vai de bicicleta, vai de barco, vai de qualquer coisa, mas existem algumas equipes que têm uma estrutura, estrutura que eles pretendem que fosse uma estrutura de profissional. [...]. Contratam técnicos, pagam, pagam salário para técnicos, para pessoas da Educação Física treinar as equipes fisicamente e essa coisa toda, contratam médico. [...]. O Peladão é assim: é uma competição do desporto de participação que ele tem um cunho social muito forte. O cunho social do Peladão é muito forte. (Informação verbal)¹⁴⁴.

Apesar de enfatizar o cunho social do Peladão – que de fato está entre seus objetivos e representa a essência do campeonato e dos eventos que o circundam – Sidney Netto aponta para um elemento do Peladão que não pode ser negligenciado ou obnubilado pela classificação como desporto de participação. Este elemento é a grande competitividade que existe em todas as categorias e modalidades do Peladão, desde os torneios de futebol até a os concursos de beleza. Isto não significa que não haja diversão. Pelo contrário, esta competitividade modifica e enriquece os elementos simbólicos do espaço de representação do Peladão, tornando-os híbridos entre as significações simbólicas da competitividade – foco na vitória – e da diversão – vontade de simplesmente participar. Assim, apesar de unificados por um fato futebolístico único¹⁴⁵ – com peculiaridades em relação àquele estabelecido pela Fifa-IB – o Peladão

¹⁴³ Características que abordaremos mais detalhadamente ao longo do capítulo.

¹⁴⁴ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

¹⁴⁵ Há variações na duração das partidas do Peladão conforme as categorias e as fases da competição.

apresenta variações em todos os seus elementos conforme diversos fatores, entre eles os objetivos que possuem as equipes e participantes. A prática social do futebol de uma equipe cujo objetivo é vencer o torneio é bastante diversa daquela que entra no campeonato apenas para participar. O mesmo ocorre com as relações, assim como as categorias de mediação e reinos do espaço de representação do futebol. Estas diferentes apropriações também podem ocorrer de acordo com a categoria (Peladão, Peladinho, Master, Feminino, Indígena Masculino e Indígena Feminino) analisada.

Se o fato futebolístico, por suas regras e dinâmica é um elemento unificador, esta condição não é exclusividade dele. Ele, através de suas regras e ritualística, simboliza toda uma estrutura organizacional que permite que o campeonato funcione de maneira horizontal, pautada no *ethos* futebolístico da socialidade. O reino da organização, no caso específico do espaço de representação do Peladão, apresenta não apenas diferentes formas de apropriações pelas equipes participantes, mas representa um importante elemento integrador. Isto porque todos os participantes e todas as equipes devem se submeter às mesmas regras e exigências, bem como possuem os mesmos direitos e deveres perante a coordenação do Campeonato de Peladas do Amazonas. Assim, independentemente da condição financeira, da organização e da tradição, todas as equipes se igualam nas exigências de inscrição, bem como nas obrigações que possuem para o funcionamento da dinâmica do campeonato.

5.1.1 Inscrições

As inscrições são gratuitas e é possível participar do Peladão sem gastar nada. Para um time se inscrever, é preciso o preenchimento de uma ficha com os dados da equipe (nome, bairro, etc.); da ficha com as informações e assinatura de 7 a 25 atletas, acompanhadas de uma fotografia e de uma cópia de um documento oficial (carteira de identidade, CPF, carteiras de classe, etc.)¹⁴⁶ de cada um deles; além da ficha de inscrição de dois representantes (dirigentes); de uma equipe de arbitragem composta

¹⁴⁶ Na categoria Peladinho, há uma exigência de uma declaração de estar cursando o ensino regular datada a partir do dia 01 de julho do ano da competição, bem como uma autorização assinada pelo responsável. Nesta é informada a equipe em que o garoto vai atuar e precisa ser acompanhada da cópia da identidade do responsável signatário.

por quatro membros (árbitro, dois assistentes e mesário); e da ficha de inscrição de uma candidata a Rainha. A única restrição que se faz é que os participantes só podem participar por uma equipe e não podem ter contrato de jogador profissional assinado no ano da competição. Sérgio Paulo Fernandes da Silva, responsável pelos registros estatísticos e relatórios, explica a dinâmica de inscrição do torneio de futebol.

Nós distribuímos todo o material gratuito. Não tem nada pago no Peladão a não ser quando você se sentir prejudicado, é paga uma taxa pra você recorrer. Por ano, dá mais ou menos uma dúzia de recursos. No máximo. Num universo muito grande de clubes e de jogos, é uma quantidade muito pequena de quem se acha prejudicado pra correr atrás disto. Mas sempre tem. Então, o que acontece? O Peladão vai abrir agora dia dois de julho as inscrições. Ano passado [2006] foram inscritas 519 equipes só no Peladão. [...]. Nós damos as fichas de inscrição e o responsável pelo time leva todas elas, preenche com o nome dos atletas e tem que vir com a cópia da identidade e uma foto. Para todas as categorias. Todos têm que ter carteira de identidade, no mínimo. [...]. Até para as crianças de 12, 13 anos. Tem que ter carteira de identidade. E neste Peladinho, de 12, 13, 14 anos é no qual a gente mantém um foco mais apurado, porque além de ter a identidade, o atleta tem que estar estudando regularmente; não pode jogar sem estudar; e o pai tem que autorizar por escrito que ele vai participar do Peladão. Além disto, nós temos o concurso de Rainha. Só é pro Peladão Aberto. O Master, Peladão Feminino e o Peladinho não têm Rainha. Mas no Peladão Aberto, toda equipe é obrigada ter uma candidata. A partir de 15 anos até 18 anos, se ela for participar, a mãe ou o pai são obrigados a autorizar a participar. Se for adulta, basta ter a identidade e uma foto. (Informação verbal)¹⁴⁷.

A simplicidade e gratuidade do Peladão podem parecer um recurso da formação discursiva dos organizadores do Peladão, mas este sistema é endossado por pessoas que vêem o Peladão de fora e se posicionam criticamente em relação a ele, como é o caso do professor Sidney Netto: “Olha, é assim: você vai lá, retira o regulamento, retira as fichas de inscrição... Qualquer pessoa pode se inscrever. Qualquer time pode se inscrever. Não tem exigência nenhuma” (Informação verbal)¹⁴⁸. Sobre a exigência da carteira de identidade (ou documentação equivalente) há uma divergência de discursos. Enquanto que, para Sidney Netto, a exigência da carteira de identidade tem apenas função de ser utilizada para averiguar irregularidades na inscrição de atletas – como a duplicidade –, para a organização do Peladão, o propósito principal da exigência da carteira de identidade é o exercício da cidadania. Nas palavras de Sidney Netto: “RG é apenas para efeito de registro, né? De registro pra ver se o atleta não se

¹⁴⁷ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

¹⁴⁸ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

inscreve em duas equipes diferentes” (Informação verbal)¹⁴⁹. Apesar de reconhecerem a importância da documentação para efeito de registro, os organizadores do Peladão transformaram a exigência da carteira de identidade em um elemento simbólico importante no discurso da organização do evento, além de utilizar os elementos de estruturação identitária do Peladão para exigir a inserção do participante como cidadão. Isto pode ser observado no discurso de Sidniz Pereira da Silva Filho: “E, também, é uma coisa que o Arnaldo [Santos, diretor geral do Peladão] fala muito, é: todos para participar do Peladão tem que ter identidade, que é um ato de cidadania, o cidadão está sendo reconhecido como ser participante dessa comunidade” (Informação verbal)¹⁵⁰. O próprio discurso de Arnaldo Santos, diretor geral do Peladão desde 1998, confirma esta ênfase que o aspecto da cidadania possui para a formação discursiva dos organizadores do Peladão.

Então com isto, nós exercitamos o que? Cidadania. Com isso nós procuramos criar uma estrutura organizacional capaz de fazer com que pessoas entendessem que mesmo sendo uma brincadeira, que mesmo sendo uma forma de se divertir com algum compromisso, teria pelo menos um: o fato de você exercitar o seu papel de cidadão – dos direitos que você tem e do respeito que nós temos que ter com os seus direitos. E o que é mais interessante? É a exigência da carteira de identidade. Por incrível que pareça, neste universo que gira em mais de dez mil jogadores, nós tínhamos muita gente que não tinha carteira de identidade. E passaram a ter porque se não tivessem, não competiam. Estou dando estes pequenos exemplos, pra mostrar que não é reunir os jogadores e botar em campo. (Informação verbal)¹⁵¹.

Na formação discursiva dos organizadores do Peladão é possível identificar dois importantes efeitos de sentido: que o Peladão contribui com o exercício da cidadania e que o Peladão, apesar de se pautar no lúdico, possui uma organização bastante rígida e séria. Os dois efeitos de sentido estão altamente interligados, já que o argumento é de que apenas através do exercício da cidadania – da clareza dos direitos e deveres – é possível organizar um campeonato desta magnitude. Assim, a carteira de identidade foi escolhida como símbolo de toda uma estrutura organizacional e de um *ethos* futebolístico híbrido entre a socialidade das equipes – que possuem grande liberdade de organização – e o social da organização do Peladão – bastante rígida com o cumprimento das regras (apenas no Regulamento Geral – sem contar com o regulamento dos concursos de beleza e com o Código Disciplinar – há 94 artigos). O

¹⁴⁹ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

¹⁵⁰ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

¹⁵¹ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

resultado deste hibridismo é uma estrutura organizacional que ao mesmo tempo em que centraliza todos os processos de registro e de decisões (onde se joga, quem infringiu as regras, etc.), descentraliza vários dos compromissos para a realização das equipes (arbitragem, conseguir campos, etc.). Esta descentralização não significa que há descaso da organização em relação aos jogos, mas uma forma de promover a centralidade subterrânea, através da delegação do funcionamento do campeonato aos participantes. Isso faz com que, através de relações de poder da coordenação do Peladão em relação aos participantes, se promova a potência entre os participantes. E também, através de uma política institucional rigorosa com as inscrições e que cobre que cada time faça sua parte, seja possível que o torneio seja gerenciado através da centralidade subterrânea. Esta não se resume a uma política da atual administração, mas é a própria essência do reino da organização do espaço de representação do Peladão, bem como da própria prática social do futebol, conforme argumenta Arnaldo Santos.

Existe um fenômeno fantástico, que eu acho que esse é o grande segredo do Peladão, que eu não sei se foi construído propositalmente – não sei –, mas eu herdei isso do pessoal que tomava conta do Peladão. É que o Peladão é as pessoas é que realizam, os clubes é que realizam o Peladão. Nós simplesmente damos o norte, orientamos e participamos, porque eles que têm o campo, é eles que têm a arbitragem. (Informação verbal)¹⁵².

A exigência da carteira de identidade e o rigor no processo de inscrição, além de fomentar o exercício da cidadania – conforme a formação discursiva dos organizadores do Peladão –, evita o problema da duplicidade, ou seja, que um atleta atue por mais de uma equipe. Sidniz Pereira da Silva Filho aponta que a exigência da documentação, bem como o registro informatizados são medidas fundamentais, tomadas pela atual equipe de organização do Peladão dirigida por Arnaldo Santos, que possibilitaram o bom funcionamento da competição, através de uma organização horizontal. O coordenador administrativo do Peladão compara a atual administração com a passada sob este aspecto:

Antes de nós chegarmos, a ficha de inscrição dos atletas era um formulário imenso com as fotos desses atletas e com o preenchimento de dados. E essa ficha era arquivada na coordenação, era um espaço menor, não era assim. E pra ir pra partida, a equipe apenas levava o seu atleta, não tinha nenhuma comprovação de que aquele atleta realmente pertencia a aquela equipe. Aí chegava no jogo, havia uma súmula em branco. Você dizia: “assina aí que

¹⁵² ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

esse atleta é do meu time”. Então, não havia nenhuma segurança de que aqueles atletas estavam escritos na competição. Então a gente sabia que muitos atletas que moravam, em algumas situações atletas que jogavam na Zona Norte por uma equipe no sábado, no domingo, ele ia pro extremo da cidade jogar pela Zona Oeste. E não havia como a coordenação impedir essa condição se não houvesse uma denúncia pra ele comprovar essa veracidade. Se houvesse a denúncia, o time nas duas situações que o atleta jogou, fosse encontrado bons resultados, lá na frente ele era impedido, mas o erro já vinha lá de trás. E nós passamos a ter o controle desde o primeiro momento. Nós tínhamos uma súmula, uma súmula que a gente chama de pressora, que vai a relação de todos atletas onde cada equipe participante vai, nome, o número do RG, né... com as informações necessárias pra que ele possa se apresentar e confirmar a participação na partida no sentido que ele, realmente, pertence a uma das equipes envolvidas. Então, isso pra nós é uma diferenciação muito grande. (Informação verbal)¹⁵³.

Entretanto, se estas exigências relacionadas ao reino da organização do espaço de representação do futebol permitiram a diminuição de determinados problemas – como a duplicidade, o imprevisto das súmulas na hora do jogo, entre outros relacionados –, elas se tornaram impeditivos para alguns participantes, que alegam que a organização do Peladão apresenta uma exigência demasiada. Arnaldo Santos reproduz o discurso de alguns potenciais participantes que se queixam deste aspecto: “Essa é uma discussão num universo onde existe uns caras contra: “Porra! Não vou jogar aquela merda! Os caras exigem demais”” (Informação verbal)¹⁵⁴. Entretanto, Sidney Netto defende que o argumento de que as exigências feitas são exageradas não é válido:

A competição é de lazer, mas também não pode ser bagunçada, né? Você tem que organizar a competição da melhor maneira possível pra que você possa proporcionar o lazer pra quem está participando. Se não, de repente, não se organiza a coisa e aquilo que era pra se tornar um lazer vai se tornar uma enchimento de saco. Aí você sai de casa pra se divertir e volta pra casa aborrecido. Você sai de casa pra se desestressar e volta pra casa estressado. Então, a organização da competição, ela tem que ser, ela tem que ser.... Ela tem que ter o mínimo de organização. Ela tem que ter. Então, você inscreve 20 atletas, aqueles 20 atletas têm que pertencer àquela equipe. Você não pode ter daqueles 20, cinco pertencendo a duas, três outras equipes diferentes. Senão vira bagunça. Então, essa daí é uma exigência que eles estão fazendo que eu endosso, que eu penso que é correto. Porque se não houver esse mínimo de organização, você não tem domínio das coisas. [...]. Então, eu penso que a organização do Peladão – pelo menos nesse que eu estudei –, ele tinha uma dose adequada para aquilo que estava sendo promovido, pra atingir os objetivos daquilo que ele queria. (Informação verbal)¹⁵⁵.

¹⁵³ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

¹⁵⁴ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

¹⁵⁵ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

No discurso de Sidney Netto se observa uma clara relação entre organização e divertimento. Esta premissa não contraria nem a noção *maffesoliana* do lúdico nem do caráter tribal fundamental para a ocorrência do orgiasmo. Muito pelo contrário, esta organização se faz necessária para que a pulsão gregária das tribos, constituídas pelos participantes diretos e indiretos do Peladão, possa se manifestar em suas modulações mais intensas e ricas em significados simbólicos. Apesar do discurso de Arnaldo Santos ter como efeito de sentido marcante a questão do regulamento, regras, exigências, cidadania, entre outros elementos típicos do *ethos* futebolístico do social, ele também é perpassado pelo efeito de sentido que o Peladão é essencialmente lúdico, fundamentalmente pautado na socialidade. Entretanto, defende a posição de que é necessário firmar alguns compromissos para estabelecer relações de potência.

O Peladão não perdeu essa essência do lúdico, da brincadeira, da diversão. [...]. Ao contrário, ele tem essa essência, no momento em que você chega ali ele tem essa essência. O que há, na verdade, que é uma brincadeira que você tem que passar por um processo de compromissos. (Informação verbal)¹⁵⁶.

Mesmo assim, as exigências para se participar da *brincadeira organizada* que se propõe ser a prática social do Peladão descontentam boa parte dos participantes e é um dos principais motivos, apontados por Arnaldo Santos, que contribuíram para a diminuição do número de times na Categoria Principal. O diretor geral do Peladão aponta outro fator que colabora para tal: a necessidade que a candidata a Rainha do time desfile para efetivar a participação deste no torneio de futebol.

Num primeiro momento as pessoas vêm, tomam conhecimentos dos deveres e obrigações para os que estão. Não pagam absolutamente nada. Aqui não entra dinheiro. E aí pega o Regulamento. [...]. Então, você chega, toma conhecimento e depois você volta pra fazer a sua inscrição. Aí você já tem que trazer toda a documentação. Essa documentação, nós captamos elas e, ao mesmo tempo, passamos para o nosso programa de computação, que fica lá registrado para dar facilidade de registro. Não quer dizer que eles estejam aptos a participar. Eles têm que inscrever a Rainha e a Rainha tem que comparecer no dia. Se eu usasse apenas as intenções, eu teria uns 600, 700, 800 times, mas não é isso. Eu só vou dizer pra você, verdadeiramente, quantos estão competindo a partir de amanhã [terça-feira logo após a cerimônia de abertura]. Quando hoje, vamos fazer uma verificação na fita, porque nós não fazemos chamada, nós colocamos na entrada do campo uma câmera filmando tudinho. (Informação verbal)¹⁵⁷.

¹⁵⁶ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

¹⁵⁷ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

Mesmo com todas as exigências e diminuição do número de participantes, o balcão da coordenação do Peladão, localizada no centro de Manaus, nos dias de inscrição e que antecedem os jogos, está sempre cheio (FIGURA 16).



FIGURA 16 - BALCÃO DA COORDENAÇÃO DO PELADÃO

Fonte: O autor.

A sede da coordenação do Peladão se configura como um território composto de diversas territorialidades, pois se conforma como local de trabalho e reuniões dos organizadores, mas também como ponto de encontro dos participantes (dirigentes, jogadores, árbitros, rainhas). É na coordenação também que a organização entra em contato com grande parte das reclamações dos participantes ou postulantes a participantes, sobretudo na segunda-feira após a cerimônia de abertura, na qual o desfile da candidata a Rainha é fundamental para ratificar a participação dos times inscritos¹⁵⁸. Arnaldo Santos argumenta que esta nova mentalidade organizacional do Peladão pode trazer uma diminuição na quantidade de times inscritos, mas um salto

¹⁵⁸ Se a Rainha não desfilar no desfile de abertura, o time está eliminado e todos os jogadores que faziam parte desta equipe estão proibidos de se inscreverem por outro time.

qualitativo em relação ao compromisso destes com a competição, bem como em relação ao Peladão como um campeonato de futebol que sirva de referência para Manaus e para todo estado do Amazonas.

Eles [alguns antigos participantes] acham que eu estou acabando com o Peladão pela exigência. “Pô! A Rainha não foi. Ela tava doente, bicho. Pô! Os caras preencheram 25 fichas, colocaram carteira de identidade, fizeram tudo, estão sorteados, já sabem com quem vamos jogar, agora só porque a Rainha não foi, você vai cortar todo mundo? São 25 pessoas que não vão brincar mais, porque não podem jogar no Peladão”. Entendeu? E nós falamos: “Não. Não”. Isso é um choque. Mas sabe o que está acontecendo? É que nesses últimos anos – o Sérgio pode confirmar isso – as pessoas vêm aqui pedir esse regulamento, que não tinham. [...]. Então, nós vamos ter sempre os contrários, as pessoas: “Porra! Eram 1.000 times no Peladão! Agora são só 400, 500 times! Tão acabando com o Peladão!”. Os times tradicionais, que mandavam no Peladão, começaram a sair do Peladão. Esse time que foi campeão ano passado, Unidos da Glória, era o que mais nos criticava. Hoje, nós somos o melhor. Eu digo pra eles: “Sabe por que, companheiro? Quando vocês largaram o passado e começaram a trabalhar como o Peladão pede, vocês chegaram a campeão”. Não se trata de elitizar. Se trata de se colocar um parâmetro a seguir. Não é uma simples reunião de pessoas. Isso você faz no seu bairro. Isso você faz a qualquer hora. “Reúne cinco times! Cada um dá R\$ 10,00 pra inscrição, compra um troféu e bota lá!”. Não. O Peladão não é isso. Aí o Peladão passou a ser pra eles, pra alguns clubes, assim, o teste. É um desafio. “Porra! Vou ter que investir tudo, porque nós temos que chegar”. (Informação verbal)¹⁵⁹.

No entanto, houve uma queda no número de times participantes do Peladão nos últimos três anos, mesmo sob administração de Arnaldo dos Santos (ver QUADRO 02, p. 182). Mesmo assim, não podemos desconsiderar que se compararmos os números de 1998, quando houve a troca de administração com os de 2008, há um aumento considerável do número total tanto de equipes quanto de atletas inscritos. Além disso, a organização do Peladão diversificou o seu foco de participantes, criando cinco novas categorias, ampliando, assim, sua representatividade social. Entretanto, há também uma considerável diminuição no número de equipes na Categoria Principal. Dois fatores são apontados pelos organizadores do Peladão como os principais. O primeiro é a criação da categoria Master, que provocou uma migração dos jogadores com mais de 40 anos. Esta é a única categoria que desde sua criação teve aumento do número de equipes ano a ano. O segundo fator é a criação da possibilidade dos municípios do interior organizarem seus próprios torneios. Mesmo assim houve um aumento no número de equipes do interior disputando a Categoria Principal em Manaus.

¹⁵⁹ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

5.1.2 Regulamento, regras, arbitragem e Código Disciplinar

As regras funcionam como elemento distintivo do Campeonato de Peladas do Amazonas em relação a outras competições, conferindo ao espaço de representação do Peladão não apenas um fato futebolístico diverso, mas também práticas sociais do futebol e um conjunto de relações diferenciados. Isto porque o regulamento do Peladão exige que as equipes se organizem de modo que elas mesmas, através da centralidade subterrânea, promovam o funcionamento do campeonato. Todos os times precisam inscrever um presidente e mais um representante que, com poder de decisão, se responsabilizam por tratar de assuntos pertinentes com a coordenação do Peladão. Este presidente pode ser, inclusive, um dos jogadores do time¹⁶⁰. Um dos papéis dos dirigentes é providenciar e encaminhar, por meio de documento, o mando de campo para a coordenação. Neste documento deve constar o local, a data (sábado ou domingo) e o horário (que pode variar conforme a categoria).

Se apenas uma das equipes apresentar o pedido de mando de campo, a organização do Peladão marca o jogo conforme solicitado. Se as duas equipes que vão disputar o jogo apresentam, cabe à coordenação do torneio decidir qual dos locais é mais adequado, obedecendo aos critérios previstos no Artigo 38 do Regulamento Geral do Peladão:

1. Segurança do campo, 2. Condições do campo de jogo, 3. Disponibilidade do campo para a coordenação, 4. Antecedentes disciplinares dos atletas, dos torcedores e dos dirigentes das equipes que apresentaram os mandos de campo, 5. Facilidade de acesso ao campo (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 12).

Quatro dos critérios se referem às condições técnicas do campo, mas é o item número 4 que chama atenção, pois toma como critério o histórico disciplinar não apenas da equipe, mas da comunidade. Para evitar conflitos, o próprio regulamento do Peladão estabelece um ranking dos 15 melhores campos da cidade¹⁶¹, que são os únicos campos em que o uso de chuteira é facultativo. Nos demais é proibido o uso de chuteiras, mesmo com travas raspadas, sob pena de eliminação da competição. Assim, há muitos jogadores que jogam descalços, constituindo um elemento simbólico

¹⁶⁰ O melhor dirigente é premiado com um troféu. A escolha é feita pela coordenação do Peladão.

¹⁶¹ O Estádio Vivaldo Lima, o Vivaldão, é reservado apenas para a disputa da final da competição. Neste estádio é obrigatório o uso de chuteira.

que remete ao fato futebolístico do espaço de representação do futebol amador, ou seja, bastante informal. Sidniz Pereira da Silva Filho explica que a proibição do uso de chuteiras está relacionada com uma tentativa de igualar participantes que jogam calçados e descalços.

Os outros que não estão no regulamento, campo de areia, terra batida, meio de barro, não é permitida a chuteira. E o regulamento é claro nisso daí, não é permitida chuteira nova ou velha, com trava ou raspada. [...]. Aí, também, o objetivo é preservar fisicamente o atleta porque muitos dos peladeiros nossos jogam sem tênis pô, descalço quando muito só com aquela tornozeleira ou meião, alguma coisa assim. Mas o pé em si não teria uma proteção na disputa de lance e se fosse permitido o uso da chuteira, o risco de uma contusão seria maior. Então nós tentamos igualar todos em condições vistas normais pra que não aja superioridade física através do uso da chuteira porque eu posso não dividir uma bola com meu adversário. Então essa é, também, uma das razões do Peladão em campo aberto, terra batida e de areia não ser permitido o uso da chuteira. (Informação verbal)¹⁶².

Se nenhuma equipe apresentar mando de campo a coordenação decide local, data e horário do jogo. A princípio, qualquer território futebolístico, independente de ser gramado ou não e que se localize na zona urbana de Manaus, pode ser utilizado no Peladão, desde que comporte os 22 jogadores, como explica José Carlos Pereira Cavalcante, responsável pela escolha dos campos: “Quando se trata de Peladão, eles não têm assim um critério. [...]. As dimensões são aquelas necessárias pra comportar os 22 atletas de forma que dê pra se movimentar, ou seja, até um 80 [metros] por 50 [metros]” (Informação verbal)¹⁶³. Esta liberdade quanto ao campo a ser utilizado não se refere a um descaso dos organizadores do Peladão, mas a uma valorização dos campos de terra batida – chamadas no espaço de representação do Peladão de “campos abertos” – como importante símbolo, como territorialidade fundamental do Peladão (FIGURA 17). Isto fica evidente no discurso de Sidniz Pereira da Silva Filho, que atribui aos territórios futebolísticos a própria essência do Peladão: “Bem, uma das razões que o Peladão perde a essência nas fases mais importantes quando ele sai do campo de terra batida pro estádio de futebol, perde a essência do Peladão, né? Passa a ter um visual melhor, vira quase futebol profissional” (Informação verbal)¹⁶⁴.

¹⁶² SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

¹⁶³ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

¹⁶⁴ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.



FIGURA 17 - CAMPOS ABERTOS

Fonte: Da esquerda para a direita e de cima para baixo - (01 e 02) O autor; (03) Emanuel Mendes Siqueira

Legenda: (1) Campo no Alvorada; (02 e 03) Campo da CEAN, no bairro São Francisco.

São marcantes os efeitos de sentido que a formação discursiva dos dirigentes atribui aos territórios futebolísticos, os transformando em locais de grande valor simbólico-identitário, ou seja, construindo territorialidades. Isto também é feito pelos próprios participantes do Peladão. Virgílio, jogador do Unidos da Glória, campeão do Peladão 2007, explica que, mesmo uma grande equipe disputa as primeiras fases em campos abertos, mas que nas fases finais a tendência é se jogar em campos gramados.

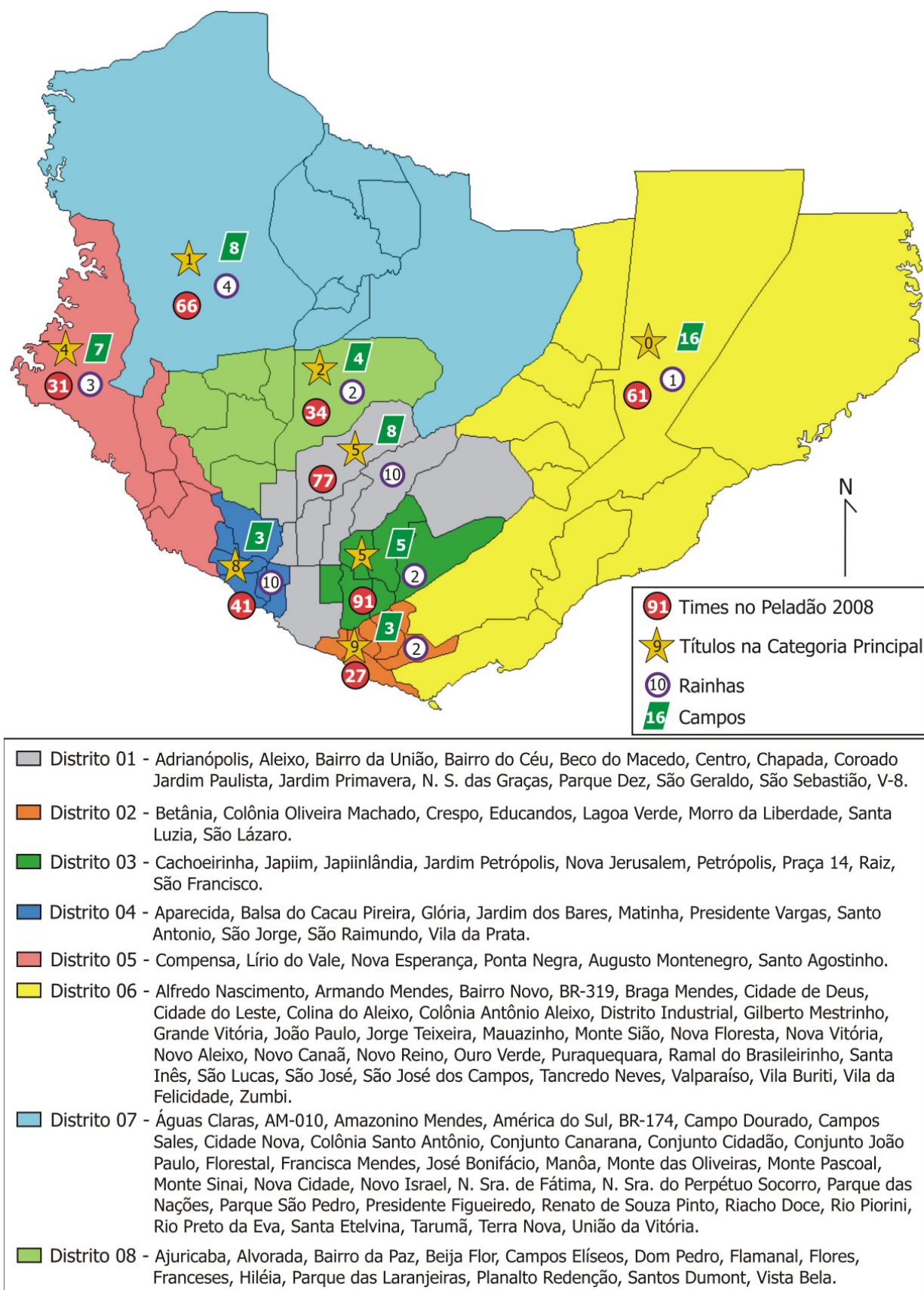
A gente tem o nosso campo que a gente treina, tudinho, faz os nossos jogos lá. A gente leva lá a primeira fase e a segunda fase. Quer dizer, o campo não é bom, na verdade. O campo é barro batido, tem até umas no meio lá que não tem jeito disso aí. Mas é assim mesmo. Essa primeira e segunda fase, a gente joga em campo ruim. Já no mata-mata, que é o perde-sai, como a gente fala, a gente começa a já ir pra campo gramado, tudinho, que a gente já tem uma base da rapaziada. A maioria da rapaziada que tem lá já jogou profissional. Na realidade, já se conhece um pouco dos bairros, né? Aí já tem aquele

entrosamento, um pouquinho. Aí dá pra ir longe, se pega aí num campo bom.
(Informação verbal)¹⁶⁵.

Nos times que disputam o título, a tendência é que o discurso seja favorável aos campos gramados. Mesmo assim, percebe-se o efeito de sentido de que apesar de comprometer tecnicamente o fato futebolístico – por não serem gramados, não terem as marcações, tamanho, etc. – os campos abertos fazem parte da estética do Peladão, se constituindo como as principais territorialidades do espaço de representação do Peladão, pelo menos no que se refere diretamente ao fato futebolístico. Como os custos com o aluguel ou manutenção dos campos são de responsabilidade dos times, o que ocorre é que, muitas vezes, o mesmo campo é utilizado de maneira seguida por equipes do mesmo bairro. O próprio regulamento do Peladão prevê um tempo menor do que os tradicionais 45 minutos em cada tempo de jogo, justamente para aproveitar ao máximo a disponibilidade dos campos. Na primeira fase de todas as categorias, os jogos são disputados em dois tempos de 25 minutos, com um intervalo de 5 minutos. As categorias Feminino, Peladinho, Indígena Masculino e Indígena Feminino mantêm esta duração dos tempos até o final da competição. Na categoria Master, a partir da segunda fase até o final do campeonato, os jogos têm a duração de dois tempos de 30 minutos. Esta é a mesma duração dos jogos da Categoria Principal da segunda até a quarta fase. A partir das oitavas-de-final, os jogos da Categoria Principal passam a ter dois tempos de 35 minutos.

Outra limitação é que na primeira fase a Categoria Principal do Peladão é disputada de forma regionalizada, ou seja, a cidade é dividida em oito distritos, sendo que os times jogam contra outros de seu próprio distrito, em grupos de cinco ou seis (CARTOGRAMA 1). Assim, as equipes só podem fazer pedido do mando de campo dentro de seu distrito, ou seja, há uma limitação geográfica que às vezes impede que os times escolham jogar em campos melhores, mas mais afastados de sua comunidade. Esta divisão por regiões confere um caráter mais proxêmico à primeira fase da Categoria Principal, havendo, assim maior envolvimento da comunidade e o acirramento de rivalidades dos bairros.

¹⁶⁵ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.



CARTOGRAMA 1 - DISTRITOS DO PELADÃO

Fonte: O autor, baseado em RELATÓRIO, 2008; XXXVI CAMPEONATO, 2008.

Legenda: O Peladão é disputado desde 1973. Já o Concurso de Rainhas, realizado desde 1975. Os Peladões de 1985 e 1993 foram vencidos por equipes de Manacapuru.

A definição dos distritos do Peladão está ligada ao processo de urbanização de Manaus. São considerados os bairros oficiais, mas também as comunidades que se autodenominam e formulam, assim, territorialidades cotidianas que não estão baseadas, necessariamente, na dimensão do concebido do espaço social de Manaus. Assim, os distritos não se baseiam na divisão da cidade por zonas, mas sim por outros fatores, sendo dois os principais. O primeiro deles é a proximidade entre os pontos dos distritos. Mesmo assim, os distritos 06 e 07 ficaram bastante extensos, o que se justifica pela menor taxa de ocupação destas áreas da cidade, que são as mais recentemente urbanizadas. O segundo critério foi a disponibilidade de campos em cada um dos distritos. O distrito 06 possui uma grande quantidade de campos, o que se justifica por sua extensão e por haver várias instituições públicas (UFAM, Asframa-Suframa) e privadas (fábricas do Distrito Industrial). Entretanto, é possível observar uma considerável concentração de territórios futebolísticos nos distritos 01 a 04, área de maior densidade populacional e de comércio. Além disso, são estes os distritos que reúnem boa parte dos campos que a organização do Peladão considera os melhores.

Há uma discrepância também em relação ao número de títulos por distritos. Se considerarmos a extensão, observamos que os dois maiores distritos (06 e 07) são os que possuem menos conquistas (mesmo o 07 sendo o terceiro em número de Rainhas). A explicação é, novamente, a ocupação mais recente destes em relação aos outros distritos. Se relacionarmos o número de títulos com o número de times inscritos em 2008, constatamos que os distritos com maior número de conquistas – 04, com 8 títulos e 02, com 9 – são, respectivamente, o quinto e o último distritos em número de times em 2008 (41 e 27). No entanto, a tradição das equipes e seu poderio de investimento são fatores explicativos do número de títulos.

Se as primeiras fases são realizadas nos campos de bairro, chamados campos abertos, as fases decisivas são disputadas nos melhores campos da cidade, inclusive em estádios utilizados no futebol profissional, como a Colina (do São Raimundo EC) e o Vivaldo Lima, reservado exclusivamente à abertura e à final. A justificativa da organização do Peladão para a utilização de tais campos é a segurança, já que a presença de público nas fases finais é grande, conforme argumenta Sérgio Paulo Fernandes da Silva: “Quando chega nas fases mais decisivas, nós exigimos campos já com alambrado pra evitar a torcida ficar muito próxima do jogo” (Informação verbal)¹⁶⁶. No entanto, a coordenação do Peladão já realizou, as fases decisivas do campeonato

¹⁶⁶ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

em campos abertos. Segundo Sidniz Pereira da Silva Filho, apesar do sucesso desta iniciativa, isto não se repete todos os anos por dificuldades estruturais. No entanto, enxerga nestes territórios futebolísticos a própria essência do Peladão, pois reúnem os elementos simbólicos distintivos do espaço de representação do Peladão, que ao serem apropriados pelos participantes e pela comunidade, constroem ricas territorialidades.

A razão disso [de realizar as fases finais em estádios] é porque não temos instalações em condições de suportar o público que vai assistir. Se nós tivéssemos, nós faríamos as finais lá no campo de terra batida. Fizemos um ano, com a final sendo, dois jogos, um no campo de terra batida e outro no estádio Vivaldo Lima. Um foi no CCA Jorge Teixeira que é um dos melhores [campos] que nós temos, terra mesmo, campo grande, uma boa dimensão, em torno disso também um espaço bom com uma área de circulação legal. Montamos uma estrutura, ficou gente pelas lajes da cidade lá, com rádio comunitário transmitindo, polícia preocupada porque era muita gente, estacionamento sufocou aquela área lá. Fizemos lá, com sucesso, sem nenhuma adversidade, sem nenhum empecilho pra que o futebol fosse feito e o resultado fosse o da partida. Não houve nenhum tumulto nem dentro do ambiente do jogo nem fora dessa realidade. Foi um sucesso, mas não é possível isso todo dia. E tivemos que fazer a outra final no Vivaldão. Por isso a gente leva sempre pra um estádio de mais qualidade e só temos o Vivaldão que pode permanecer aí. Ano passado, nós fizemos as semi-finais, do campeonato, campo de bairro, sem alambrado porque nós tivemos que só os atletas no campo de jogo e a torcida toda em volta, do lado de fora do campo. Aí era em cima do alambrado, em cima do ônibus, tumultuou aquela área, mas nós fizemos sem nenhum problema disciplinar tanto de atletas quanto de torcedor, mas é um risco que se corre. Então a gente tenta evitar. Ano passado tivemos dificuldade de instalações tivemos de usar isso, pra nós foi vitorioso. A comunidade viu a essência do Peladão: a torcida chiando em cima, a arbitragem no meio dela, mas fizemos. Com muito sucesso, muita segurança e disciplina. (Informação verbal)¹⁶⁷.

Além do mando de campo, é de responsabilidade das equipes toda a estrutura de arbitragem da competição. Para participar, o time precisa inscrever uma equipe de arbitragem, com um árbitro, dois assistentes e um mesário. Assim, a coordenação não precisa recrutar árbitros para apitar os mais de 200 jogos que ocorrem nos finais de semana, nas primeiras fases do Peladão. Segundo Sérgio Paulo Fernandes da Silva este esquema de arbitragem sob responsabilidade dos times é o que torna o Peladão operacionalmente viável.

Para o Peladão funcionar, foi feita uma fórmula desde o começo do Peladão que ela não tem como mudar. [...]. Todo clube é obrigado a ter uma equipe de arbitragem. [...]. Nós não pedimos para ter um árbitro da Federação Amazonense de Futebol não. Não precisa nada disso. Pode ser o próprio atleta, pode ser o técnico, pode ser quem te ajuda na parte física ou quem te

¹⁶⁷ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

ajuda a manter o teu clube. Não nos importa. O que importa é que tenha um árbitro, dois assistentes e o mesário. Como funciona? Este árbitro do time A vai apitar jogo lá do time B. O do time B vai apitar o do time C. Então, eles vão girando sempre. Então, nunca vai faltar árbitro, porque cada árbitro corresponde a uma equipe. [...]. Esta fórmula que alguém inventou no começo do Peladão, em 1972, que não tem como mudar. Ela funciona até hoje. Então, cada equipe tem seus árbitros e eles mesmos apitam os jogos deles mesmos. Nós só fazemos é organizar e coordenar isso. Fora isso... Porque não tem como alguém bancar 519 árbitros. Se não fosse esta fórmula, o Peladão seria inviável. (Informação verbal)¹⁶⁸.

Não há restrições quanto à inscrição dos membros da equipe de arbitragem. A competição admite árbitros do quadro da FAF, aposentados, árbitros de fim de semana e aqueles que nunca apitaram, não havendo nenhuma exigência de curso ou capacitação, conforme explica Sidniz Pereira da Silva Filho: “Nós não temos nenhum envolvimento no sentido de qualificação desses árbitros que as equipes botam para representá-los na realização das partidas” (Informação verbal)¹⁶⁹. Isto favorece a participação da comunidade em diferentes papéis que a competição exige e até permite que não-praticantes do futebol possam se destacar no espaço de representação do Peladão, como destaca Sidney Netto:

O cara da comunidade, que ninguém conhece, de repente o cara vai lá e começa a apitar direitinho; começa a se destacar como árbitro; chama atenção por causa do comportamento dele, a maneira de ele tratar as pessoas, a seriedade com que ele apita o jogo, apesar de ser uma brincadeira. [...]. Foi uma descoberta importante, que dá certo, porque ela envolve outras pessoas que não são os atletas. (Informação verbal)¹⁷⁰.

O aparente descaso da coordenação do Peladão em relação à arbitragem não se confirma na prática cotidiana do Peladão. A organização apóia os árbitros, sobretudo nas fases finais da competição, punindo os participantes indisciplinados. Mesmo com a baixa frequência de incidentes, como explica Sidney Netto, a coordenação tem como instrumento de coibição da violência e da indisciplina um vasto Código Disciplinar¹⁷¹, aplicado por uma equipe de 15 magistrados voluntários.

É lógico que de vez em quando sai umas brigas, saem umas porradas, o árbitro tem que sair correndo do campo, mas isso daí se você for fazer uma análise estatística disso daí, é muito pequeno, um número que a gente podia

¹⁶⁸ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

¹⁶⁹ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

¹⁷⁰ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

¹⁷¹ Abordaremos o referido código ao longo deste item.

até dizer que é insignificante dada a grandiosidade da coisa. São 2.000 e tantos jogos, 3.000 jogos, se sair briga em 100 não é nada. 3% não é nada. Então, é assim, é uma coisa [arbitragem feita pelos próprios participantes] que dá certo, que deu certo e que funciona. (Informação verbal)¹⁷².

Valderi Carneiro de Souza – árbitro do quadro da FAF e com mais de dez anos de experiência no Peladão, tendo apitado, inclusive, a final de 2002 – explica que a 1ª Fase é mais tranqüila, mas depois, devido à competitividade, o apoio da coordenação em relação à arbitragem é fundamental: “Na 1ª Fase é bom de trabalhar. Na 2ª e 3ª Fases fica mais difícil: os jogos são mais decisivos. Aquela fase do perde-sai é aquela fase que ninguém quer sair [...]. É mais difícil, mas a gente tem o apoio da coordenação, que é muito séria sobre disciplina” (Informação verbal)¹⁷³. Todavia, a organização não atua em relação à arbitragem apenas coibindo a indisciplina através de seu Código Disciplinar e premiando a melhor torcida, mas também recrutando os melhores árbitros, assistentes e mesários do Peladão. A partir das oitavas-de-final, a arbitragem passa a ser de responsabilidade da coordenação do Peladão, que remunera por jogo os membros das equipes de arbitragem. Sidniz Pereira da Silva Filho explica que para ser convidado para apitar as fases finais do Campeonato de Peladas do Amazonas é necessário ter participado das equipes de arbitragem que atuaram nas primeiras fases.

O principal item para que ele seja arbitro da coordenação, é ele ter participado da arbitragem do Peladão representando qualquer das equipes. Então ele só vem fazer parte da coordenação do Peladão daquela temporada, daquele ano de competição, se ele vivenciou neste ano a arbitragem do Peladão participando com alguma das equipes participantes. Se ele não trabalhou, ele não vai ser membro da coordenação, não existe convidado especial. Se estão desde o primeiro momento nossas decisões todas foram feitas por árbitros da comunidade do Peladão. Nós nunca trabalhamos com a federação, surgiram propostas, mas nós nunca valorizamos isso, sempre respeitamos os árbitros que levam o Peladão à sua realização. E isso nós temos como, também, um fator vitorioso para nós. No sentido de respeitar aquelas pessoas que nos momentos mais difíceis que é a primeira fase, quando tem muitos jogos e o controle é muito difícil, né? [...]. A partir daí, também, o pagamento desses valores é constante. Nós passamos a ter uma taxa de arbitragem e no segundo dia útil após a realização evento nós já estamos reunidos aqui para efetuar o pagamento. (Informação verbal)¹⁷⁴.

É possível observar no discurso de Sidniz e mesmo na formação discursiva dos organizadores do Peladão um *ethos* discursivo de cumplicidade com os participantes.

¹⁷² NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

¹⁷³ SOUZA, Valderi Carneiro de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 29 set. 2008. Informação verbal.

¹⁷⁴ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

Em outras palavras, do mesmo jeito em que a coordenação do Peladão exige, a partir da centralidade subterrânea, a colaboração e o comprometimento dos participantes para o funcionamento do torneio de futebol, ela retribui os participantes prestigiando e valorizando os destaques da competição não apenas dentro de campo como fora, remunerando e premiando¹⁷⁵ aqueles que tornaram o campeonato viável. Esta valorização vem acompanhada de uma cobrança corriqueira na prática social do Peladão no que se refere ao papel que os times e suas equipes de arbitragem possuem no Peladão. Cada equipe de arbitragem, ao ser escalada, deve pegar, na sexta-feira em horário comercial ou sábado pela manhã, no escritório da coordenação do Peladão a súmula do jogo que vai apitar no final de semana – a rodada e a escala de árbitros é divulgada no jornal A Crítica de sexta-feira. Se a equipe de arbitragem não retirar a súmula e apitar com uma improvisada, o time é multado em R\$ 100. Se a súmula não for entregue na segunda-feira até às 18:00, a equipe é multada em R\$ 60 (se entregar na terça-feira) ou R\$ 100 (se for na quarta-feira). Além disso, se a equipe de arbitragem atuar incompleta, a multa é de R\$ 60, sendo que a reincidência implica em eliminação do time ao qual esta equipe de arbitragem está vinculada. No entanto, o time é sumariamente eliminado se a equipe de arbitragem a ele atrelada não comparecer para apitar o jogo em que está escalada. Neste caso, uma peculiaridade do regulamento do Peladão prevê que os dois times adversários devem realizar o jogo mesmo assim, “pedindo colaboração de terceiros, revelando assim, capacidade de superar dificuldades” (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 17). Se os times não conseguirem realizar a partida, ambos estão eliminados do Peladão. Para Sidniz Pereira da Silva o comprometimento das equipes na organização horizontal do Peladão é que faz com que o torneio sobreviva e possa contar com um número elevado de participantes.

A sobrevivência do Peladão em 36 anos, e com certeza vai se manter muito mais, é o envolvimento das equipes na realização desse evento. [...]. [São] essas equipes que realizam as partidas através principalmente da arbitragem, nós cuidamos dela da parte administrativa, da organização. Mas a realização de fato das partidas são eles mesmos que realizam. Talvez essa seja o principal espírito da essência da sobrevivência da manutenção do Peladão esses anos todos de existência. Esse final de semana nós temos a realização de mais de 200 partidas. Se nós fossemos organizar e realizar essa partida do seu embate lá de adversário contra adversário, teríamos que ter um quadro de

¹⁷⁵ São premiados com troféu os seguintes destaques da Categoria Principal: craque do campeonato; melhor goleiro; artilheiro; equipe mais disciplinada; craque, melhor goleiro e artilheiro do Paralelo do Interior; e o Troféu Dignidade, destinado a algum participante que se destaca por uma demonstração de espírito esportivo, respeito às regras, honestidade e ética. Além destes, o melhor árbitro e o melhor assistente recebem um troféu da coordenação do Peladão.

pelo menos 100 equipes de arbitragem... treinada e pra que ela tivesse essa disponibilidade. Nós não temos, não existe essa estrutura. Dificilmente vai ter uma organização que consiga realizar um treinamento pra 100, 150 equipes de arbitragem. Então nós não temos essa situação, mas vivemos um lado diferente que é, essas equipes participantes é que realizam esse trabalho e esse compromisso, essa seriedade que eles têm na realização dessas partidas no ato de vir, pegar a súmula do jogo, realizar o jogo e trazer o resultado desse jogo é a essência da realização do Peladão. E dessa forma que ele sobrevive porque se não fosse essa não se teria, não se festejaria 36 anos, 37, 38 imaginamos que vá se repetir. (Informação verbal)¹⁷⁶.

Entre os organizadores do Peladão, a participação das equipes é valorizada como um importante elemento simbólico e organizacional do Peladão. Desta forma, há uma tendência da formação discursiva dos dirigentes do Peladão valorizar todas as equipes participantes, mas de maneira especial aquelas que se inscrevem na competição com o intuito de se divertir e de ter momentos de presença, não necessariamente de vencer. O próprio regulamento iguala as equipes. Tal igualdade não se dá no aspecto das chances de se vencer, mas na importância que possuem na organização da competição, conforme afirma José Carlos Pereira Cavalcante, que destaca simbolicamente o sentimento dionisíaco carregado pelos times com menores condições econômicas e competitivas: “A gente tem que dar a mesma condição a todos, aos mais ricos e aos mais pobres. Porque, na verdade, quem faz o Peladão são essas equipes mais modestas. Os demais enriquecem o Peladão e outros dão estrutura para que o Peladão exista” (Informação verbal)¹⁷⁷. Assim, é possível dizer que a potência se materializa de maneira espontânea no espaço de representação do Peladão, mas encontra o regulamento como importante fomentador.

A realização de um jogo não depende exclusivamente da organização do Peladão, mas também do jornal A Crítica, que divulga a tabela, e, sobretudo, dos participantes, que providenciam os campos, os equipamentos, a arbitragem e passam as informações para que a organização processe. Esta participação das equipes, sobretudo no que se refere à arbitragem é apontada por Sidney Netto como principal fator da competição ser acessível a todas as classes sociais, aos moradores de qualquer um dos bairros: “Então a questão dos árbitros é assim. É o ponto principal da competição ser barata, ser acessível pra qualquer um” (Informação verbal)¹⁷⁸. O professor continua ressaltando a gratuidade da competição como fator gregário nas

¹⁷⁶ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

¹⁷⁷ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

¹⁷⁸ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

comunidades. As regras permitem uma grande diversidade de organizações dos times, mas os gastos são todos de acordo com as possibilidades e anseios das equipes.

É isso que dá a diferença nesse tipo de competição. As coisas são feitas, todas elas são gratuitas. A equipe só paga alguma coisa se ela quiser fazer um recurso contra algum atleta e tal, não sei o que. E ainda assim, ele paga, mas se ele ganhar o recurso, o dinheiro é devolvido. Então, a equipe não tem despesa. A despesa que ela tiver é a despesa que ela quiser ter. É a despesa que ela quer ter. Se ela achar que deve alugar um ônibus pra ir, ela vai pagar o ônibus dela. Se não, cada um paga sua passagem de ônibus de linha e vai lá, joga e vai embora. Se o campo for no próprio bairro, todo mundo vai a pé. Terminou o jogo, cada um pega a sua camisa, leva pra casa, lava e tal. Pronto. Então, o que faz essa competição ser desse jeito é exatamente isso, que as pessoas participam da competição ciente que não é pra ter despesas. É uma competição para o povo se divertir mesmo. O objetivo é esse: uma competição gratuita. Então, cada time leva sua bola; pode ser qualquer bola, desde que esteja em condições de ser usada. [...]. Camisa: você não precisa ter um uniforme completo. Você tem que ter as camisas iguais. Você pode jogar com qualquer calção. Pode jogar descalço, pode jogar de tênis, pode jogar de sandálias Havaianas. Pode jogar com que tênis você quiser. Você não precisa gastar dinheiro pra comprar calçado. Não precisa gastar dinheiro em comprar meião essas coisas todas. O goleiro às vezes pode jogar sem nada, sem nenhuma proteção, sem nada... (Informação verbal)¹⁷⁹.

O discurso de Sidney Netto é bastante semelhante ao dos organizadores, que destacam também a diversidade de classes sociais que participam do espaço de representação do Peladão. Sidniz Pereira da Silva Filho atribui às regras do Peladão – como a não exigência de calções iguais e a não necessidade de meiões e calçados para a prática do futebol – a acessibilidade do Peladão. No entanto, ao afirmar que muitas empresas investem em times do Peladão, expressa a importância do Peladão na dialética da existência pós-moderna de Manaus, bem como de que maneira que os elementos simbólicos do Peladão podem se converter em capitais sociais, políticos ou econômicos.

É impressionante, o Peladão, como ele atinge todas as classes sociais. Ele atinge aquela pessoa humilde da comunidade que só tem o equipamento, só as camisas. O Peladão só obriga a ter camisa. Os calções podem ser semelhantes, não precisa ser uniforme. Pode ser azul claro, com azul escuro, azul marinho... Não é necessário ter tênis nem meia. [...]. Então ele atinge aquele dirigente mais humilde da comunidade, do nosso estado, mas também atinge o empresário. O cara que vê o Peladão como uma mídia pra empresa que ele tem ou pro trabalho que ele exerça profissionalmente ou não direto com o futebol. [...]. Então nós temos também equipes no Peladão com uma estrutura, até talvez inconscientemente de quem está dirigindo, mas uma estrutura profissional, com treinamentos semanais. (Informação verbal)¹⁸⁰.

¹⁷⁹ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

¹⁸⁰ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

Entretanto não é apenas o reino da organização que promove a participação das mais diversas comunidades no espaço de representação do Peladão, mas também as regras do fato futebolístico, que são bastante diferentes daquelas do futebol profissional. Estas adaptações têm como função facilitar a dinâmica do jogo para os jogadores, torcedores e, principalmente aos árbitros. Além daquelas regras referentes aos campos (não há exigência de um tamanho oficial nem de gramado), aos uniformes (exigência apenas de camisas iguais e numeradas, além de calções semelhantes), aos calçados (os jogadores podem jogar descalços, mas apenas em alguns campos podem atuar de chuteira), ao tempo de jogo (a duração de cada tempo varia de 25 a 35 minutos), há também algumas adaptações que fazem com que o fato futebolístico do Peladão assuma uma dinâmica específica. No Peladão são permitidas 11 substituições por jogo, sendo que o atleta que foi substituído não pode retornar ao jogo, exceto na categoria Master, em que os jogadores substituídos podem retornar. Pelo número de substituições, o jogo não precisa ser paralisado para que seja feita a troca de jogadores, bastando apenas a autorização do mesário¹⁸¹. Além disso, como grande parte dos campos não são gramados e não possuem nem área nem marca de pênalti, em caso de falta nas proximidades do gol o árbitro deve contar 15 passos do local da infração até o centro do gol para definir se houve pênalti ou não. Em caso de pênalti, o regulamento prevê limite de deslocamento de dois passos para frente para o goleiro e permite que o cobrador realize paradinha¹⁸². Outras diferenças são que no Peladão não há impedimento e os laterais podem ser cobrados tanto com a mão quanto com os pés, de forma que se a bola entrar direto quando o lateral for cobrado com o pé, o gol é válido. Para Valderi Carneiro de Souza, que atua como árbitro também em campeonatos profissionais, as modificações na regra dificultam o trabalho dos árbitros experientes, mas facilita aos inexperientes: “Dificulta um pouco, mas a gente logo se adapta a elas. [...]. Pra quem está começando é mais fácil. Muito mais fácil” (Informação verbal)¹⁸³. Sidniz Pereira da Silva Filho aponta as adaptações das regras não apenas como fator de facilitar a atuação de árbitros e assistentes inexperientes, mas também como fator de segurança para estes, já que diminuem as

¹⁸¹ Por time, no futebol profissional são permitidas três substituições por partida. Elas só podem ser realizadas se a bola não estiver em jogo.

¹⁸² No futebol profissional apesar de a paradinha ser permitida, o goleiro pode se movimentar apenas lateralmente sobre a linha do gol, não sendo consentido que ele avance no momento da cobrança do pênalti. Porém, como se adiantar se tornou uma prática comum tanto no futebol profissional quanto nas peladas, o Peladão resolveu transformar a prática em regra.

¹⁸³ SOUZA, Valderi Carneiro de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 29 set. 2008. Informação verbal.

chances de errar e serem vítimas de reclamações e até de violência, que tem origem na rivalidade que os times nutrem nos campeonatos de bairro.

Não tendo impedimento os fiscais de linha, os bandeirinhas, não têm a necessidade de ter um conhecimento amplo da regra do futebol e a regra do impedimento é uma das regras mais difíceis de acompanhar, né? [...]. Então o Peladão não tendo impedimento facilita essa equipe de arbitragem pra que ela possa trabalhar com mais liberdade e até mesmo com menos conhecimento da regra do jogo. O lateral com o pé, já existia antes da gente no Peladão, mas o gol não era válido. Então, nós quando entramos, havia muita reclamação de que aquela bola bateu, não bateu, resvalou, não resvalou... Então, para evitar isso e a vítima maior sempre era a equipe de arbitragem. São 11 atletas mais quatro dirigentes mais seis, sete reservas... são 12, 18, 20 pessoas contra um arbitro, dois bandeiras e um comissário, quer dizer, é muita gente perturbando ou duvidando da arbitragem no sentido de que houve ou não houve a validade do gol. Então nós, com isso, buscamos eliminar esse problema. [...]. Então, isso aí, também, o objetivo é diminuir as dificuldades de quem vai trabalhar na arbitragem. Por ter determinados jogos dentro de determinadas comunidades não é fácil de trabalhar, de arbitrar, né? Muitas vezes dentro da própria comunidade, são equipes que já existem há muitos anos na comunidade e aqueles campeonatos internos da comunidade são feitos antes do Peladão. [...]. Então aquela rivalidade já vem pro Peladão fruto do campeonato que terminou na comunidade deles. [...] Aí a arbitragem pode ser a vítima maior. Então, o objetivo dessas modificações na regra é buscando uma facilitação pra arbitragem e diminuir o acirramento da rivalidade entre as equipes daquela comunidade. (Informação verbal)¹⁸⁴.

Esta rivalidade está presente nos jogos do Peladão, mas, segundo os organizadores do Peladão, as brigas entre as torcidas não são comuns, como aponta Sérgio Paulo Fernandes da Silva: “As brigas de torcidas, praticamente, não existem mais. Ano passado todinho [2006], em nossos jogos, em todas as categorias, teve só uma briga” (Informação verbal)¹⁸⁵. No entanto, são as brigas dentro de campo e as reclamações que preocupam os árbitros. Valderi Carneiro de Souza aponta apenas uma maneira de se amenizar as rivalidades e conter confusões dentro de campo: a boa arbitragem, sobretudo quando se trata de jogos em campos abertos.

Campo aberto, né?, como o pessoal fala aqui. É meio complicado, mas você já tem que ter uma boa experiência pra trabalhar e saber levar, sabe? E não tem segurança. Então é sempre o que eu digo pros colegas, mesmo do profissional: a segurança do árbitro é o bom trabalho dele. Não adianta ter 20, 30, 40 policiais à beira do campo, que se você não fizer um bom trabalho, eles não vão conseguir manter a ordem lá fora. Primeiro tem que começar lá dentro. E campo aberto sempre é perigoso, mas a gente que já vem das peladas sabe como é levar isso aí. (Informação verbal)¹⁸⁶.

¹⁸⁴ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

¹⁸⁵ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

¹⁸⁶ SOUZA, Valderi Carneiro de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 29 set. 2008. Informação verbal.

O discurso de Valderi produz o efeito de sentido de que a qualidade da arbitragem atenua os possíveis problemas de violência, mas não assegura que não haja reclamações e agressões. Como o policiamento em todos os jogos do Peladão é inviável e os campos abertos, como o próprio nome sugere, não oferecem separação entre torcida e campo, a organização do Peladão utiliza outros mecanismos para combater a indisciplina, tal como o Livro Negro, conforme explica Valderi Carneiro de Souza: “Os jogadores têm um pouco de receio até de chegar à gente, reclamação mais forte um pouco. Poucos já me quiseram agredir, porque são três anos que eles pegam de punição e em reincidência: Livro Negro e nunca mais. A gente tem um grande apoio da coordenação sobre isso aí” (Informação verbal)¹⁸⁷.

O Livro Negro é um mecanismo inserido em um Código Disciplinar extremamente detalhado, de 221 artigos. Há uma Comissão Disciplinar Desportiva, constituída por 15 bacharéis em Direito e um secretário, que delibera acerca das questões disciplinares do Peladão. O tribunal funciona junto à coordenação do Peladão e seus membros trabalham de maneira voluntária. Com exceção aos atletas do Peladinho, que ficam sujeitos apenas a orientações pedagógicas, os infratores do Código Disciplinar e do Regulamento do Peladão são passíveis das seguintes penas: advertência; multa (de até R\$ 100); suspensão por partida; suspensão por prazo; inversão de pontos ganhos; perda de mando de campo; inversão dos pontos ganhos, considerando o placar de 1 x 0; eliminação; exclusão do campeonato; e inclusão no Livro Negro (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 40). O Livro Negro é a medida extrema, que representa não apenas a exclusão do atleta, dirigente ou equipe do campeonato vigente, mas também o impedimento de sua participação nas próximas três edições do Peladão, independentemente da categoria. Sidney Netto, apesar de não concordar que o Livro Negro seja um mecanismo adequado aos objetivos do Peladão, explica que tem sua validade de coibir a violência: “O Livro Negro é uma forma que eles implantaram pra pressionar o atleta a não cometer muitos tropeços” (Informação verbal)¹⁸⁸. O atleta punido com a inclusão no Livro Negro pode solicitar sua reabilitação após cumprir sua pena de três anos e comprovar que realizou atividade comunitária, laborativa ou escolar. José Roberto Moreira da Rocha, secretário da Comissão Disciplinar explica que a comissão e o Livro Negro diminuíram os problemas

¹⁸⁷ SOUZA, Valderi Carneiro de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 29 set. 2008. Informação verbal.

¹⁸⁸ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

de violência na competição, que atualmente, segundo ele, são quantitativamente insignificantes.

De vez em quando surge algum problema. Não os problemas... Já houve muito problema de violência em campo, briga, bate-bate, essa coisa toda. Houve muito isso, mas hoje a gente já sanou essa parte aí. Há muito problema de documentação. Jogador jogou irregular. Jogador era de fulano, tava inscrito, tava punido. O Peladão tem uma questão disciplinar muito importante, o chamado Livro Negro. O atleta que... O próprio atleta, o dirigente, a torcida, o árbitro, o dirigente do Peladão ele está com o Livro Negro. E tem ali, e três anos depois ele faz um processo de recuperação. A comissão de justiça avalia se ele pode ou não voltar ele paga com uma pena, com penas alternativas, doar cesta básica, doar brinquedos pra uma entidade filantrópica e assim, nessa sequência, que eles conseguem equilibrar o Peladão disciplinarmente. Pra nossa óptica há muito pouco problema. Um campeonato que tem 600 clubes e nós julgamos 30 processos, 28... Esse ano nós julgamos 22 processos... É realmente um índice muito pequeno. (Informação verbal)¹⁸⁹.

O discurso dos organizadores do Peladão e dos membros da Comissão Disciplinar possui consonância com os números. Isto pode ser constatado devido à inclusão de atletas no Livro Negro representar, historicamente, uma parcela menor de 1% dos participantes do Peladão. Em 2008, foram 31 participantes incluídos no Livro Negro, uma porcentagem de cerca de 0,2% do total de atletas. No entanto, o volume de inclusões no Livro Negro corresponde a mais do dobro dos atletas reabilitados (14). Conforme o discurso de José Roberto Moreira da Rocha, os problemas de documentação são quantitativamente mais significativos. Em 2008, 161 dos 14.192 atletas inscritos (1,1%) foram eliminados por duplicidade. Entretanto, o discurso de José Roberto de que o número de processos julgados é baixo (em 2008 foram 36) produz um efeito de sentido de que não há confusões, irregularidades, violência e casos polêmicos no Peladão. No Relatório de 2008, somente na categoria principal, são listados 45 atos disciplinares, que na sua totalidade abarcam 217 itens relativos a eliminações, suspensões multas, demais punições e decisões.

No discurso dos organizadores do Peladão, os efeitos de sentido quanto à Comissão Disciplinar e ao Livro Negro são bastante positivos no que se refere à coibição da violência e da indisciplina, bem como ao próprio sucesso em atingir os objetivos da competição, conforme afirma Sidniz Pereira da Silva Filho:

A partir do momento que nós instituímos esse livro preto nós obedecemos a esse livro. Então diminui demais aquelas agressões aos árbitros que surgiam com muita facilidade. E isso passou a ter uma disciplina maior da competição, ela... Então não é um evento de desunião, né... ele é um evento de

¹⁸⁹ ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

participação popular no sentido de integrar a comunidade manauara. (Informação verbal)¹⁹⁰.

Entretanto, as representações sociais produzidas pela existência de uma comissão disciplinar, do Livro Negro e de dispositivos legais não são positivas para Sidney Netto. Segundo o professor, a existência destes mecanismos afasta o Peladão de seus objetivos de convivência social, pois produz representações sociais que remetem à repressão e não à auto-regulação dos participantes.

Mas como eu estou dizendo, de vez em quando sai umas porradas, mas não é nada... Tanto é verdade que tem o Tribunal de Justiça, que no meu modo de entender não deveria ter. Eu penso... Porque é uma competição de desporto de participação e as pessoas estão ali para se divertir, pra brincar e um tribunal de justiça desportivo parece que imprime uma barreira às coisas. Quem não tem medo da polícia? Todo mundo tem medo da justiça. Todo mundo tem medo da justiça desportiva também. Então, eu penso que se não tivesse o Tribunal seria mais motivante. Eu penso. Não sei. Não sei se na prática isso daí iria funcionar, se fosse motivo de sair um monte de confusão, mas como a idéia é a convivência social, a idéia não é fazer um jogo pra ter briga. A idéia é fazer um jogo pra que as pessoas se conheçam e saiam de lá depois, todo mundo vai junto tomar cerveja, fazer churrasco, tomar sopa, essas coisas todas aí. (Informação verbal)¹⁹¹.

O antagonismo entre o discurso de Sidney Netto e de Sidniz Pereira da Silva Filho revela a própria dinâmica das apropriações dos elementos simbólicos do espaço de representação do futebol, sobretudo no que se refere à impregnação da prática social do futebol à prática social da vida cotidiana pós-moderna e vice-versa. Em outras palavras, a dialética da triplicidade entre o social (representado pelas normas, regras, Livro Negro e Comissão Disciplinar), a socialidade (pelo *ethos* comunitário e orgiástico do Peladão) e as representações sociais produzidas são inerentes tanto à prática social da vida cotidiana pós-moderna quanto à prática social do futebol do Peladão. Assim, a socialidade por si só não seria capaz de assegurar momentos de presença no espaço de representação do Peladão, necessitando, mesmo que de maneira residual, de algumas normas do paradigma social. Há uma predominância da socialidade, de forma que tanto o fundamento quanto as finalidades do Peladão se referem a elementos típicos deste paradigma, como tribalização, potência, proxemia, orgasmo, sentimento trágico-dionisíaco, etc. O social se conforma apenas como meio para organizar algumas questões pontuais, como a disciplina e a coibição da violência.

¹⁹⁰ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

¹⁹¹ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

5.1.3 Master

Um dos fatores apontados pela organização do Peladão para a diminuição do número de equipes inscritas na Categoria Principal é a criação, em 2004, da categoria Master, para participantes com idade superior a 40 anos (FIGURA 18). José Carlos Pereira Cavalcante – adjunto de direção técnica, responsável pela montagem da tabela, pela escolha dos campos e coordenador das competições indígenas – explica: “Nós trabalhamos com 500 equipes, 600 equipes. Hoje o número diminui porque, com a criação do Master, os atletas acima de 40 anos preferem disputar aquele campeonato de Masters” (Informação verbal)¹⁹². Sidniz Pereira da Silva Filho também aponta que o envelhecimento dos participantes cativos do Peladão fez com que muitos deles se transferissem, naturalmente, para a categoria Master: “Vários fatores levaram a não termos mais 820 no Peladão [número máximo na gestão Arnaldo Santos]. Até mesmo a média de idade desse pessoal evoluiu, eles envelheceram, foram pro Master, né?” (Informação verbal)¹⁹³. Estes argumentos justificam uma parcela da queda do número de participantes na Categoria Principal do Peladão. No entanto, não são capazes de explicar a diminuição do número total de participantes observadas desde 2005.

A categoria Master foi a terceira categoria criada, logo após o Peladinho – para jovens entre 12 e 14 anos de idade –, em 2001. No entanto, o Peladinho não poderia ser apontado como fator da queda do número de participantes na Categoria Principal, já que esta admite inscrição somente de participantes com 15 anos ou mais. A criação das categorias Peladinho e Master se encaixa em projeto de expansão do Peladão não apenas no que se refere ao número de equipes e quantidade de participantes, mas para a diversificação dos participantes, além de outros objetivos. Arnaldo Santos explica que a criação da categoria Master serviu para evitar alguns problemas disciplinares e organizacionais que os jogadores com mais de 39 anos, sobretudo os ex-profissionais, promoviam.

Depois de três anos, quando nós tínhamos uma situação já definida, eu digo “agora vamos dar o primeiro passo do nosso projeto”. Eu fiz uma pesquisa não probalística, mas uma pesquisa documental. Como nós guardamos todos os

¹⁹² CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

¹⁹³ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

documentos... Foi uma loucura. Nós ficamos de madrugada vendo ficha por ficha: idade, vendo como é tudinho, tudinho. Chegamos à seguinte conclusão nesta pesquisa: 7%, quase 8%, eram crianças, garotos de 15 anos. E pasmem: a idade que menos participava era aquela que mais nos dava problema. Ela tinha uma participação – eu nunca me esqueço disso – de 3,2%, que eram aqueles jogadores de 39, 40 anos pra cima. Como geralmente, passaram pelo futebol profissional, se divertem e tal, são formadores de opinião pública, esses caras eram os que mais criavam problema, até porque não podiam mais se confrontar com os jovens, porque a grande massa está entre os 22 e 30 anos. Essa é a grande massa. Então, o que que nós fizemos? Eu tinha dois extremos. Então, vamos fazer o seguinte: vamos criar a categoria Peladinho. [...]. E aí pra outra ponta, nós fizemos a categoria Master. No primeiro ano, nós colocamos de 38 anos pra goleiro, porque era muita dificuldade. 38, 39 podia ser goleiro. Aí resolveram: “a partir de agora é 40”. Então 40 anos é o Master. É a categoria que mais está crescendo, porque é uma grande diversão. Os caras se xingam, bebem a cachaça deles, fazem a festa deles, porque tá tudo barrigudo, tudo no mesmo nível. Não estão mais se confrontando com pessoas, com aquele jovem que vai lá e fustiga tudo. Então é tudo uma grande festa. Então, você vê: aquilo que era vertical começou a se horizontalizar. Então, nós tínhamos duas pontas: Peladinho e Master. (Informação verbal)¹⁹⁴.



FIGURA 18 - PELADÃO MASTER

Fonte: Da esquerda para a direita - (1) Emanuel Mendes Siqueira; (2) A Crítica, 2008.

Legenda: (1) Jogo do Peladão Master em campo aberto, em contraste com final do torneio Master 2008, realizada no campo do SESI.

¹⁹⁴ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

Há alguns pontos interessantes a serem analisados no discurso de Arnaldo Santos e na formação discursiva dos organizadores do Peladão. O primeiro deles é em relação à ênfase dada, pela atual administração, às informações, números e dados. Por um lado, pode parecer que há uma preocupação demasiada, neste discurso, com o quantitativo, mas revela que, baseada nesses dados, a gestão de Arnaldo Santos promoveu significativas mudanças qualitativas em diversos dos elementos do espaço de representação do Peladão, o que pode ser sintetizado pela intenção de horizontalizar o Peladão, não só em relação às categorias, mas também à organização e prática social – o que produz uma diversidade de estruturas identitárias futebolísticas, além de novos símbolos e práticas sociais do futebol. A justificativa para a criação da categoria Master está ligada a uma análise quantitativa e qualitativa dos dados dos relatórios dos anos anteriores. A criação desta categoria alterou sensivelmente a proporção das faixas etárias dos participantes. Isto pode ser constatado através da confrontação dos dados apresentados por Arnaldo Santos – de que os atletas com mais de 40 anos representavam 3,2% dos participantes do Peladão – com o número atual de equipes e jogadores inscritos na categoria Master. Se pensarmos em relação ao número de jogadores das categorias masculinas¹⁹⁵, os participantes da categoria Master correspondem a cerca de 18%, uma quantia consideravelmente maior do que a dos anos referidos por Arnaldo Santos. O segundo ponto está relacionado à adequação do Peladinho em relação às categorias de base do futebol profissional, assunto que iremos explorar mais a frente. O terceiro ponto, intimamente ligado aos dois outros, é a redução dos problemas, sobretudo, disciplinares através da horizontalização das categorias masculinas. Neste caso, a criação do Master foi mais significativa, pois deslocou os “formadores de opinião”, ex-jogadores profissionais (alguns deles pautados num *ethos* por demais competitivo), para uma categoria própria para eles. Com isso, a organização da competição, através da criação de uma estruturação identitária futebolística própria para os participantes com mais de 40 anos, conseguiu tornar a competição mais atrativa para atletas desta faixa etária e também fazer com que a Categoria Principal sofresse alterações em suas relações, diminuindo alguns conflitos existentes.

¹⁹⁵ Considerando jogadores da Categoria Principal, do Master e do Indígena Masculino. Entretanto, o número de jogadores com 40 anos ou mais é, possivelmente, maior já que é permitida a participação destes nas categorias Peladão (Aberto) e Indígena.

5.1.4 Paralelo do Interior

Se a criação da categoria Master é identificada como um fator da redução do número de equipes participantes na Categoria Principal, a abertura para a realização do Peladão nos municípios do interior também recebe esta atribuição no discurso dos organizadores da competição. Sidniz Pereira da Silva Filho defende que esta possibilidade da organização do Peladão nos municípios do interior contribui para a redução do número de equipes, mas, por outro lado, permite que um maior número de participantes possam fazer parte do Peladão, o que fomenta o futebol, a integração social, o tribalismo e o próprio orgiasmo nos municípios e comunidades do interior.

Uma coisa que alguns dirigentes, no sentido de nos diminuir ou nos melindrar falam do número de participantes do Peladão. Que antigamente a gente ouvia dizer muito que o Peladão tinha 1.000 times. Nós, o máximo que nós atingimos na nossa organização, foram 822 times participantes. Isso foi no quarto ou quinto ano de Peladão. O nosso maior número, 822 times, só Peladão. E era só isso que existia. Os municípios não vinham disputar o Peladão em Manaus, não tinha Paralelo do Interior, não exerciam o Peladão lá na comunidade, quem quisesse vir dessas cidades aqui da zona metropolitana, eles tinham que jogar aqui. Vinha, jogava e voltava. Bem, nós valorizamos o Peladão no interior, cada município pode fazer o seu e o representante vem a Manaus. [...]. Temos os municípios que realizam que ele tem que ter no mínimo 16 participantes. Mas nós temos município como Coari, que bota mais de 100 participantes no Peladão de lá. Que a premiação de lá é em espécie, também muito boa. Os times disputam o Peladão como o evento principal da cidade. Temos em Manicoré também um número representativo, significativo, de participantes. Em Novo Aripuanã, um município que é três dias de viagem de Manaus, ele tem um Peladão que é feito na zona rural e na zona urbana do município. Ele começa participando do município lá na zona rural, eles vêm tendo a representatividade até chegar a final lá na cidade. Então, nesse universo, nós com certeza superamos as 1.000 equipes, com certeza superamos as 1.000 equipes. Agora, abrangendo o estado. (Informação verbal)¹⁹⁶.

A expansão territorial do Peladão para o interior pode não ser uma justificativa para a considerável diminuição do número de equipes na Categoria Principal, mas expressa uma decisão da coordenação de fomentar a centralidade subterrânea. O Peladão passa a ser organizado em diferentes municípios, por diferentes órgãos – sobretudo as ligas do interior e secretarias municipais de esporte – de modo a estender a prática social do futebol do Peladão, bem como os demais elementos simbólicos do espaço de representação do Peladão a mais municípios e participantes. Assim, através de estruturas identitárias futebolísticas locais, se chega a uma

¹⁹⁶ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

identificação global de um estado que apresenta grandes dificuldades de integração, devido às deficiências em transporte e comunicação. Para que esta organização horizontal se efetive, a coordenação do Peladão faz algumas exigências para a realização do Peladão em cada um dos municípios do Amazonas: possuir algum responsável pela organização; seguir o regulamento do Peladão (inclusive, com exigência de desfile de Rainhas, mesmas regras, etc.); e a participação de, no mínimo, 16 equipes por município. José Carlos Pereira Cavalcante explica como é o processo de habilitação para um município do interior realizar o Peladão: “A gente quer apenas que um responsável venha aqui, se responsabilize pela competição, leve todo o material, jogue nos mesmos moldes que o Peladão: Rainha, que eles façam um torneio” (Informação verbal)¹⁹⁷. O campeão de cada um dos municípios tem a possibilidade de ir a Manaus disputar o título do interior, chamado de Paralelo do Interior, que pode classificar o vencedor às oitavas-de-final da Categoria Principal.

A responsabilidade da promoção e organização do torneio pode ser de uma das ligas de futebol amador, vinculadas à FAF, como é o caso de Parintins, conforme explica R.R.O., secretário geral da Associação Liga Esportiva de Parintins: “O Peladão é promovido por Manaus. Existe um campeonato Nelson Brilhante, aqui. Esse Campeonato Nelson Brilhante é uma prévia, a primeira eliminatória [para que depois o campeão dispute em Manaus o título do Paralelo do Interior]” (Informação verbal)¹⁹⁸. Esta vinculação da liga que organiza o Peladão com a FAF não significa que haja um vínculo direto entre o Peladão e a FAF, nem que os jogadores, para participarem dos torneios organizados pelos municípios sejam, necessariamente, federados. Normalmente, quem organiza o Peladão no interior são as secretarias municipais de esporte, como explica Sérgio Paulo Fernandes da Silva: “No interior quase sempre quem é responsável é a Secretaria de Esportes do município, que organiza isso. Nós damos só o material de inscrição todo. Os clubes se organizam lá, tudo pelo nosso regulamento” (Informação verbal)¹⁹⁹. A formação discursiva dos organizadores do Peladão é coerente, pois quando se trata tanto das exigências de organização do torneio na capital quanto no interior, mantém o *ethos* discursivo de valorização do regulamento. Isto fica bastante claro no discurso de Arnaldo Santos, que utiliza da

¹⁹⁷ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

¹⁹⁸ R.R.O.. **Entrevista ao autor**. Parintins, 26 jun. 2007. Informação verbal.

¹⁹⁹ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

mesma política institucional de exigências de organização do lúdico, apesar de admitir maior flexibilidade no que se refere aos torneios no interior:

A participação do interior, eu não sei de que ano começou. [...]. O que nós fizemos foi alterar um pouco, ou seja, colocar a nossa filosofia. Isso restringiu um pouco. Por quê? Porque, no primeiro ano, chegou no final do ano, dizia assim “oh, nós temos o campeão de Manaquiri” – estou dando um nome qualquer; Manaquiri sempre participou bem. [...]. “Nós temos nosso campeão. Quando é que começa as finais do Peladão?”. Eu falei: “Não, não. Calma! Não é isso não. Vocês fizeram o campeonato? Vocês fizeram as inscrições como estava no regulamento?” – “Não. Mas é porque a gente fazia aqui... A gente faz os nossos torneios aqui, escolhe o campeão e faz”. Eu digo: “Não. Não pode vir”. Isto criou um choque. [...] Porque tem que vir aqui. Tem que pegar o regulamento. Tem que fazer igual... Tem que mandar as fichas de inscrição pra cá, para que eu possa dizer que, verdadeiramente, é o Peladão, que está sendo dirigido por nós. Se isso não for, não pode ser. [...]. O que nós fazemos é, dentro do regulamento, abrir algumas facilidades pelas peculiaridades da região. Por exemplo, Coari, que é que faz um dos campeonatos com mais número de times. Eu estive lá pra ver isso. [...]. O pessoal do interior remava, saindo de manhã, às 5:00, pra ir pra cidade do município de Coari, pra poder jogar o Peladão. Você vê como disseminou. E isso é uma coisa interessante. E aí, quais são as aberturas que nós fazemos? Que são aquelas facilidades de eles virem, se registrarem, pegam a súmula. Depois da súmula, então, nós vamos atualizando estes times. Então, num primeiro momento, eles podem fazer até umas eliminatórias, mas quando chega pra decidir o título, [o campeonato] está todo organizado, está todo estruturado. E cada vez mais, nós vamos exigindo que chegue na ponta, porque são horas de barco; são vilarejos que vão lá e ficam. Entendeu? Por exemplo, tem times, que são aqui do interior aqui perto, que preferem jogar aqui na capital do que lá. Por quê? Porque é uma grande festa pra eles. Eles entram no barco e “boom boom”. Cinco horas da manhã, sete horas, oito horas da manhã. [...]. O pessoal do Rio Preto da Eva, que dá 74 km, eles preferem jogar aqui do que lá. [...]. Então, nós não temos em todos municípios, mas cada vez mais ele vai se multiplicando e vai passando. (Informação verbal)²⁰⁰.

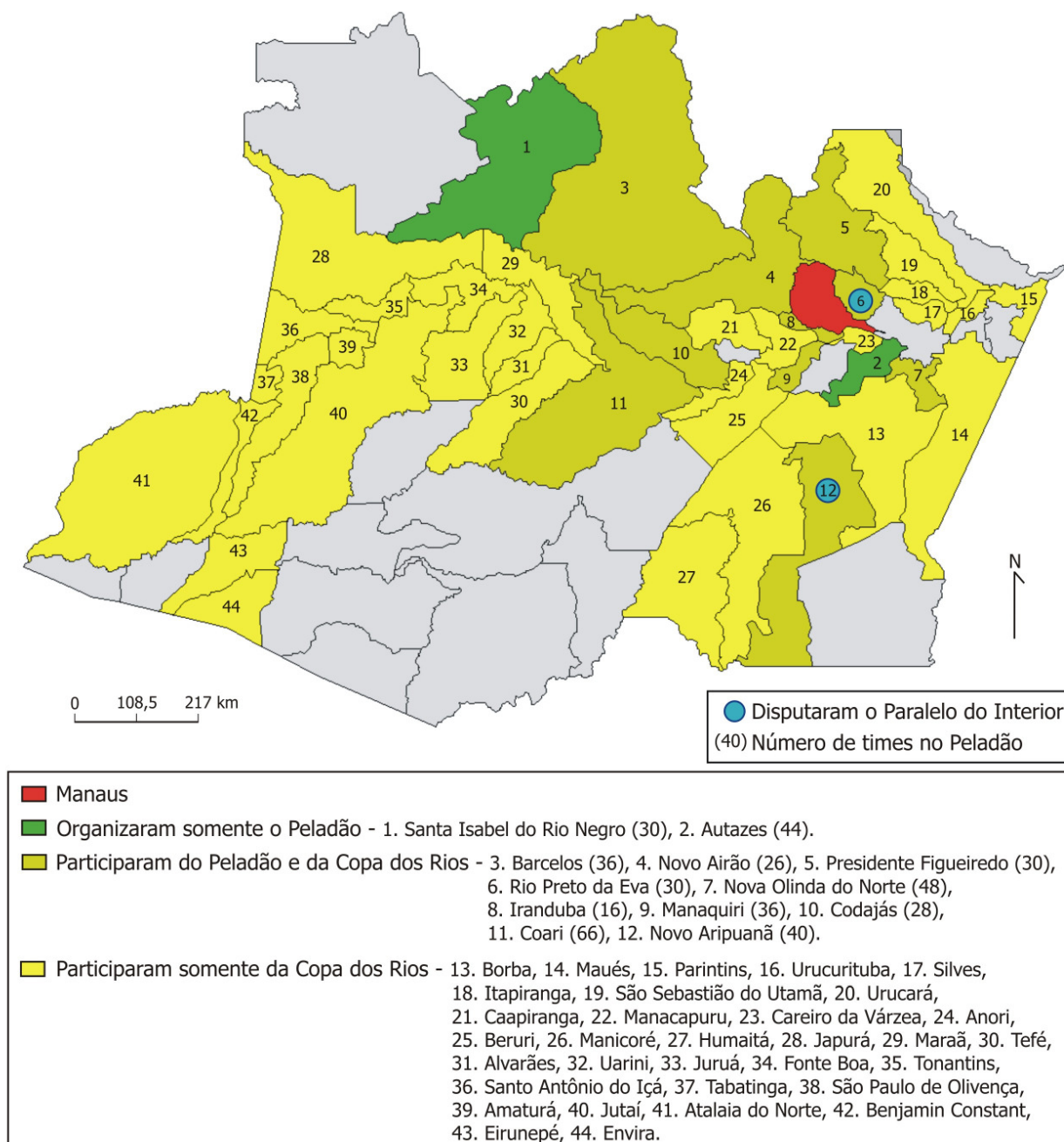
A referida flexibilidade demonstra que a prática social do futebol do Peladão está intimamente ligada à prática social cotidiana dos municípios e comunidades ribeirinhas, pois se adéqua à realidade geográfica e social de cada um dos municípios em questão. Desta forma, o próprio Peladão, institucionalmente, cria além de novas comunidades afetuais, nas quais se observa uma presença essencial do reino do orgasmo, outros elementos simbólicos, tais como uma montagem mitológica de base dionisiaca que privilegia a ritualística do fato futebolístico e das modulações dos demais elementos do espaço de representação do Peladão, criando territorialidades para além de Manaus e mesmo dos campos de futebol – como é o caso dos barcos que transportam os jogadores. A preferência de alguns participantes de municípios próximos a Manaus de disputar o Peladão na capital está intimamente ligada ao orgasmo que isto proporciona.

²⁰⁰ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

Estes momentos de presença se dão não apenas nos jogos, mas também na própria viagem de barco, conforme abordam os documentários “Peladão” (PELADÃO, 2004) e “Ginga” (GINGA, 2006). A produção alemã demonstra como é a viagem de uma equipe de Paricatuba para disputar uma partida em Manaus. Há um grande enfoque na dimensão da socialidade que este deslocamento proporciona – sobretudo através dos elementos lúdicos conversa e música. Já “Ginga”, produção brasileira fortemente destinada ao público estrangeiro, demonstra a vida cotidiana de Celso Vasconcelos de Lima, jogador do Águia Dourada, de Paricatuba – time do Peladão. São demonstrados os territórios em que são praticados jogos de futebol bricolados, bem como a integração que a prática social do futebol permite na dialética da existência pós-moderna dos praticantes do futebol desta comunidade. Para produzir estes efeitos de sentidos são apresentadas imagens do treinamento do time do Águia Dourada em territórios futebolísticos pouco ortodoxos, como a praia e o próprio Rio Negro, bem como é mostrado os jogadores subindo em árvores, com uma sonora de Celso dizendo: “É um treinamento natural. É o dia-a-dia nosso: é correr por dentro da mata, desviar de pau” (GINGA, 2006). Se essas imagens procuram mostrar o pitoresco, o próprio mote do filme induz a associações demasiadamente forçadas entre o futebol e a dança – cujo fruto seria a ginga do futebol brasileiro –, mais especificamente entre as peladas praticadas em Paricatuba com o forró e o pagode. Em ambos os filmes, há uma romantização das comunidades ribeirinhas, bem como uma exploração dos elementos simbólicos de tais comunidades – como a relação que os ribeirinhos mantêm com o rio e os barcos utilizados no deslocamento – de modo a valorizar a excentricidade do Peladão. Tal valorização é observada filme “Peladão”, que afirma, nas fases que abrem o documentário, que o torneio está “escondido do interesse público” – por estar “dentro da floresta amazônica – e é “o mais maluco do planeta” (PELADÃO, 2004). As representações sociais estrangeiras de que o Peladão é excêntrico também são observadas no livro de Alex Bellos: “No Peladão, a floresta amazônica tem um torneio de futebol que reflete perfeitamente seu tamanho, exotismo e mística” (BELLOS, 2003, p. 220). Tais representações sociais apenas reforçam a originalidade do Peladão e são frutos de tentativas de comparação (absoluta) do Peladão com o futebol profissional e de Manaus e do Amazonas com a Europa.

A dificuldade de deslocamento acaba se tornando um empecilho à participação de equipes do interior na capital não apenas no Peladão manauara, mas também no Paralelo do Interior, que ocorre em Manaus. Mesmo reunindo, em 2008, cerca de 20%

dos municípios do interior, o Peladão possui abrangência menor do que a Copa dos Rios de Seleções, que contou com a participação de 42 ligas, ou seja, quase 70% dos municípios do interior do Amazonas (CARTOGRAMA 2).



CARTOGRAMA 2 - PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS NO PELADÃO 2008 E NA COPA DOS RIOS DE SELEÇÕES 2008

Fonte: O autor, baseado em XVI COPA, 2008; RELATÓRIO, 2008; SILVA, 13 ago. 2009 (Informação verbal)

Os municípios que realizam o Peladão, em geral, são os mais próximos a Manaus, tendo a Copa dos Rios de Seleções maior abrangência territorial, uma vez que os participantes estão distribuídos por todo o estado. Mesmo que os municípios

que realizam o Peladão são aqueles mais próximos à capital, a distância – ainda considerável – e a demora da viagem de barco – que pode durar dias – seriam fatores que explicam parcialmente porque apenas dois municípios foram para Manaus para disputar o Paralelo do Interior: Rio Preto da Eva e Novo Aripuanã. Outros fatores que contribuem para a baixa participação são: os custos da viagem; a dificuldade de liberação, por parte dos jogadores, de seus trabalhos; e que o Paralelo do Interior é um torneio cansativo e dificilmente o vencedor consegue chegar às finais do Peladão.

Sérgio Paulo Fernandes da Silva explica que as dificuldades das equipes que disputam o Paralelo do Interior vão além de se deslocar a Manaus. As dificuldades estão relacionadas, também, à grande seqüência de jogos em pouco tempo a que estas equipes são submetidas. Além disso, o supervisor do Peladão explica que ainda não se tornou viável a realização do Paralelo do Interior em outro formato devido aos custos que isto representaria, já que a coordenação do Peladão banca todas as despesas dos times (alojamento e deslocamento para os jogos para 24 adultos, sendo que dois deles podem ser dirigentes e os demais devem ser jogadores) enquanto disputam a competição do interior em Manaus.

E eles sabem muito bem que pra eles chegarem aqui, a dificuldade que é. Quando é aqui do Iranduba é só atravessar o rio. [...]. Mas pra você ter uma idéia, Novo Aripuanã: é no mínimo 48 horas dentro do barco. [...] Eles vêm pra cá e começam uma maratona de jogos. Maratona mesmo. Quase sempre eles ganham este torneio. Eles ficam entre os 16. Mas também quase sempre eles nunca vão muito adiante depois disso não. Até porque o cansaço que eles passam não é fácil não. E como nesta época, as datas já estão todas fechadas, não tem como mudar, dar mais descanso pra eles. Não tem como. [...]. Nós já pensamos em fazer uma chave do interior com os campeões daqui. Ao invés de ser eliminatória perde-sai, montar uma chave. Mas não conseguimos fazer isto. Por quê? Pra eles virem pra cá, é no mínimo 30 pessoas. Como agora vieram 12 [equipes], 12 são 360 pessoas. Alojamento aqui numa chave jogando uma vez por semana... Com 12 equipes, vai dar pelo menos cinco jogos pra cada um, fazendo duas chaves de seis. O que vai acontecer? É um mês e uma semana. São cinco semanas. Manter este número de pessoas por cinco semanas é uma despesa muito alta. Ainda não se tornou viável. Mas é um sonho do Arnaldo fazer uma chave do interior aqui em Manaus com os campeões. Só não foi possível ainda, mas não está descartado. (Informação verbal)²⁰¹.

O campeão do Paralelo do Interior não recebe nenhuma quantia em dinheiro, mas ganha um troféu do campeão. Além disso, tem a possibilidade de disputar as oitavas-de-final do Peladão se ganhar o jogo contra o vencedor do cruzamento entre o campeão do Peladão Etnia Indígena Masculino e do Paralelo de Rainhas

²⁰¹ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

5.1.5 Paralelo de Rainha

O Paralelo de Rainha é uma repescagem entre 16 equipes que foram eliminadas do torneio até a 3ª fase, mas tiveram suas Rainhas entre as mais bem colocadas na Fase Classificatória do Concurso de Rainha do Peladão. Seu vencedor disputa com o campeão do Peladão Indígena um jogo – chamado de Cruzamento 01 – que credencia a participação no Cruzamento 02. O vencedor deste último cruzamento ingressa diretamente às oitavas-de-final da Categoria Principal.

A Rainha é um dos elementos simbólicos mais importantes no espaço de representação do Peladão, tanto ao que se refere à influência que a candidata possui no torneio de futebol quanto ao próprio concurso de Rainha do Peladão – que será abordado de forma mais específica no item 5.2. Além de simbolizar a equipe e de algumas candidatas acompanharem seus times (FIGURA 19), as rainhas são fundamentais em dois momentos da competição futebolística: na abertura e para classificar os times para o Paralelo de Rainhas.



FIGURA 19 - A EQUIPE DO A.M.A. VILA MAMÃO FC COM SUA RAINHA

Fonte: O autor

José Carlos Pereira Cavalcante segue a formação discursiva dos organizadores do Peladão ao atribuir às mulheres um papel central não apenas na organização do Peladão, mas como elemento simbólico.

Agora, da forma que é o Peladão, hoje, inclusive, a importância da mulher para o Peladão, que você acompanhou, quase 500 mulheres desfilando na abertura do Peladão. A importância dessas garotas pra trazer uma equipe, que já foi eliminada, de volta para a competição; a exclusão da equipe com a ausência dessa Rainha da competição. Então, da mesma forma que essa Rainha traz a equipe de volta ao Peladão, a ausência dessa Rainha exclui essa equipe do Peladão, ou seja, se ela não desfilou representando a equipe, a equipe estará sumariamente eliminada da competição. (Informação verbal)²⁰².

Se o concurso para eleger a Rainha não possui nenhuma ligação direta com o futebol, há, por um lado, uma grande dependência dos times em relação às suas candidatas no desfile de abertura, mas, por outro, um motivo para que as equipes convidem ou selecionem uma candidata com potencial de vencer o concurso: a possibilidade de retornar para disputar o Paralelo de Rainhas. Segundo José Carlos Pereira Cavalcante “é a vantagem de cada equipe ter sua Rainha, porque se ela se classificar, por mais que a equipe perca no decorrer dessa primeira fase, da segunda e até na terceira fase, ela, classificada, traz essa equipe de volta” (Informação verbal)²⁰³. Assim, muitas equipes investem em suas candidatas já que estas podem significar uma nova chance de vencer o campeonato. Entretanto, devido à classificação para o Paralelo de Rainhas depender da qualidade técnica do time, apenas da beleza da candidata, há uma discrepância técnica muito grande neste torneio, como explica José Virgílio, lateral direito tetracampeão do Peladão: “Se o time for ruim, ela [a candidata a Rainha] vai e puxa. E é melhor pros times grandes. Quem pegar passa, né?” (Informação verbal)²⁰⁴. Entretanto, apesar de o campeão do Paralelo de Rainhas não ser necessariamente um time com condições de disputar o título do Peladão, já houve um caso de que o vencedor deste torneio paralelo chegou às finais do Peladão e se sagrou campeão.

²⁰² CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁰³ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁰⁴ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

5.1.6 Categoria Principal

Ser campeão da Categoria Principal do Peladão não é tarefa simples, não apenas porque há um grande número de times, mas, sobretudo, porque há uma grande discrepância entre as equipes participantes. Sérgio Paulo Fernandes da Silva explicita a diversidade de times que disputam a Categoria Principal:

Tem time de todos os jeitos. Tem aqueles times que nunca se juntaram e por um motivo ou outro querem participar do Peladão. De uma empresa, uma loja, uma feira, um box qualquer, eles se juntam e fazem um time. Mas também têm aqueles times que são bem articulados, que têm patrocínio. Tudo que você vê em um clube profissional aqui de Manaus, eles têm e às vezes até um pouco superior. Então, nós não escolhemos times. Nós temos apenas um propósito: manter aquela inscrição correta, com foto e identidade; o nome do time nós não vetamos de maneira nenhuma a não ser que seja muito ofensivo, aí nós pedimos para mudar. Mas têm times de todos os jeitos: tem empresa; tem colégio; tem faculdade; tem do bairro; tem daqueles que não participavam mais e estavam até esquecidos do Peladão. Todos estes participam. Não tem nenhuma discriminação quanto a isto. É tudo aberto. (Informação verbal)²⁰⁵.

No discurso de Sérgio Paulo, fica clara a diversidade de organização e condições de competição entre os times que disputam o Peladão. Há um predomínio de equipes cujos participantes têm suas relações calcadas na afetualidade. Estes jogam para se divertir, almejando vencer a competição, mas se contentando com o prazer de estar juntos. Uma minoria de times apresenta uma organização semi-profissional. Apesar de não poder estabelecer contratos de remuneração com os jogadores, tais equipes utilizam seus patrocinadores para pagar por fora salários e prêmios para os seus melhores jogadores. Estas equipes, conforme Sérgio Paulo explicitou, possuem estruturas equiparáveis e até melhores do que os clubes profissionais de Manaus (alguns têm até centros de treinamento). Podemos observar no discurso de Sérgio Paulo, ao mesmo tempo, um enaltecimento das equipes do Peladão (apesar do *ethos* de seu discurso se pautar na dimensão comunitária da competição) e uma crítica às condições precárias dos clubes profissionais do Amazonas.

José Carlos Pereira Cavalcante, também inserido na formação discursiva dos organizadores do Peladão, procura produzir efeitos de sentido que valorizam as equipes com menor poderio econômico e até organizacional. Para ele, são os times

²⁰⁵ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

pequenos que fazem o Peladão, ou seja, que dão sentido à competição, pois se pautam no lúdico, criam estruturas identitárias futebolísticas tribais, promovem o orgiasmo, um *ethos* futebolístico calcado na socialidade, bem como uma diversidade de apropriações dos elementos simbólicos do espaço de representação do Peladão:

Então, essas equipes mais modestas quando eu digo que é elas é que fazem o Peladão, é que o Peladão, na verdade, é feito pela grande massa. Uma grande massa mesmo. E essa grande massa, a gente tem que citar as equipes que sem maiores condições financeiras, em sua grande maioria, são equipes niveladas por baixo. Enquanto que as equipes mais estruturadas, elas são em menor quantidade e, geralmente, pela condição que é dada a esses clubes, geralmente, são os clubes que chegam entre os 10, entre os 16 primeiros lugares. Isto não quer dizer que a gente não tenha surpresas durante a competição. 2007 foi um ano de surpresas. As grandes equipes ficaram no meio do caminho, enquanto aquelas equipes que a gente considerava, até aquele momento, pequenas passaram a ser grandes equipes, fazendo parte mesmo sem estrutura financeira da elite dos 16 primeiros lugares. (Informação verbal)²⁰⁶.

A formação discursiva dos organizadores do Peladão, no que se refere às diferenças organizacionais dos participantes, tem como cerne um *ethos* discursivo de que o Peladão, apesar de apresentar uma grande discrepância entre as equipes, é um campeonato único. Em outras palavras, não é possível desassociar as equipes com maior condição financeira daquelas mais modestas, pois enquanto aquelas conferem ao torneio uma qualidade técnica e competitiva mais elevada, estas conservam e cotidianamente criam representações sociais e elementos simbólicos que remetem ao ideal mítico das peladas. A própria estrutura organizacional do Peladão promove a integração entre estes dois grupos de times, o que confere uma forte dimensão comunitária e afetual às equipes, até àquelas mais ricas, pois representam os bairros ou comunidades em que estão inseridas. Outro fator que faz com que esta integração ocorra é a imprevisibilidade de resultados inerente ao futebol e acentuada no futebol amador. Se os times mais modestos dificilmente vencem a competição, eles muitas vezes se *intrometem* nas fases finais, como afirma Virgílio, jogador do Unidos da Glória: “Os times que chegam [às fases finais], na verdade, são os times que trabalham forte mesmo, treinam durante a semana, tudinho. [...] Aqueles times de amigo, que não treinam, é muito difícil chegar. Às vezes aparece um intruso entre os 4, entre os 8” (Informação verbal)²⁰⁷. Na formação discursiva dos participantes do

²⁰⁶ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁰⁷ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

Peladão, a expressão “times de amigo” é comumente utilizada para denotar as equipes mais modestas. Isto porque a estruturação identitária futebolística destas equipes se baseia na convivência da vida cotidiana pós-moderna, ou seja, na afetualidade, na vida comunitária e em representações sociais calcadas na proximidade. Assim, no que se refere a estas equipes, a prática social do futebol se confunde com a própria prática social cotidiana. São times formados por amigos, colegas de trabalho, participantes da mesma igreja, parentes, colegas de colégio ou universidade, entre outras comunidades ou grupos, como explica Sidney Netto:

As equipes, elas se formam pela convivência social mesmo. 95% das equipes, pode-se dizer, que se formam pela convivência social, 5% se formam pelo interesse dos participantes ficarem campeões, aí eles contratam jogadores. [...] Estes aí, na realidade, não têm representatividade social nenhuma. É o grupo de pessoas, que se uniram ali em torno de uma questão financeira. Eles estão jogando por causa de dinheiro. Às vezes o cara mora lá na Zona Norte e joga por um clube aqui da Zona Sul, porque o clube daqui paga, vai buscar em casa, vai deixar, leva pra treinar e tal, aquele negócio todo, dá assistência médica, aquela coisa toda. Agora, a maioria das equipes, elas são assim, de rua mesmo, do bairro, da família, do grupo de amigos que às vezes tem famílias separadas, mas é o grupo da família, da igreja, é o grupo da família da universidade, o grupo da família da balada e aquelas coisas todas, que eles se unem, formam a equipe, vão lá, se inscrevem e pronto, e participa da coisa. Então, a organização dessas equipes, ela é bem voltada para o lado social, pra amizade, pro grupo de amizade, os amigos, são os amigos. E aí você vai encontrar os mais diferentes, os mais diferentes. (Informação verbal)²⁰⁸.

No discurso de Sidney Netto fica clara a sua preferência pelas equipes formadas a partir da afetualidade, ao ponto de desprezar a representatividade daqueles times com maior capacidade de investimento financeiro. Assim, se difere da formação discursiva dos organizadores do Peladão que vêem como algo positivo para a competição futebolística a existência de times organizados e que elevam o nível técnico do fato futebolístico. Mesmo assim, há pontos de convergência nos efeitos de sentido produzidos pelos discursos dos organizadores do Peladão, de Sidney Netto e mesmo da mídia e dos próprios participantes. No caso da organização das equipes, é comum em todas as formações discursivas o aspecto da valorização da socialidade horizontal. Mesmo jogando sempre nos times mais ricos, Virgílio valoriza a dimensão comunitária que o torneio de futebol promove: “Na verdade, é tipo aquilo assim, uma confraternização entre famílias mesmo. A gente vê que, às vezes, tem muitos parentes jogando juntos e vai a família toda torcer. Isso é muito bom, na verdade. Por isso que é

²⁰⁸ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

bom o futebol” (Informação verbal)²⁰⁹. No discurso de Virgílio há dois aspectos interessantes. O primeiro deles é a valorização simbólica da inserção do futebol na vida cotidiana pós-moderna, ou seja, o hibridismo que o espaço de representação do Peladão fomenta entre a prática social do futebol e a dialética da existência pós-moderna. O segundo ponto é que mesmo participando apenas como jogador – tendo, assim, o foco na competição esportiva – Virgílio vê o futebol como fenômeno que transcende a dimensão esportiva. Assim, demonstra que o Peladão, como torneio de futebol amador, não se diferencia do profissional apenas no que se refere à não-existência de contratos de remuneração, mas, sobretudo, por seus elementos simbólicos. Alguns destes elementos simbólicos, sobretudo aqueles ligados à estruturação identitária futebolística baseada na afetualidade e ao *ethos* futebolístico alicerçado na socialidade, são valorizados no discurso de Sidniz Pereira da Silva, membro da organização do Peladão:

Então, é, o espírito de participação do Peladão, talvez por ser um evento de 36 anos, né? E tem muitos atletas que vieram do Peladão e hoje estão no Master, né? O espírito é o mesmo de participação. Sabe? De integração. Muitas vezes são equipes que tem uma média de manutenção de atletas de muitos anos. Tem sempre atletas novos, mas uma base da comunidade de 5, 6, 8 anos atrás se mantém. Então, o espírito, realmente é a participação. (Informação verbal)²¹⁰.

Os times de família, de amigos e de vizinhos traduzem o próprio fundamento do espírito do Peladão, a dimensão trágico-dionisíaca, a busca do orgasmo. Isto fica claro – em um trecho do filme “The beautiful game” – nas palavras de Francisco de Souza, do Lille, um time de família, do bairro Praça 14: “Nós entremos pra brincar. É uma brincadeira, uma brincadeira mesmo. [...]. Não é time de profissional nem é time de bolei. É time simples. Nós somos uma pessoa simples. Pessoas do povão mesmo, que joga por prazer” (THE BEAUTIFUL, 2006). O discurso de Francisco de Souza reproduz representações sociais e um *ethos* futebolístico que são comuns à grande maioria das equipes do Peladão: o participar com o intuito muito mais de se divertir do que de vencer. O orgasmo e os momentos de presença produzidos no espaço de representação do Peladão são mais importantes, para esses times, do que a preocupação acerca da chance de disputar o título. Francisco de Souza também utiliza uma palavra bastante recorrente no universo simbólico do futebol: *boleiro*. No

²⁰⁹ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

²¹⁰ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

contexto do espaço de representação do Peladão, ele faz uma distinção entre este e o jogador profissional. Enquanto o profissional é aquele que joga mediante um contrato de remuneração e vínculo com um clube, o boleiro é o bom jogador que disputa os campeonatos amadores pelos grandes times e, geralmente, é remunerado por isso – mantendo-se as características do futebol amador.

A essência pós-moderna do Peladão pode ser observada através do hibridismo que o torneio de futebol promove ao institucionalizar a tribalização. Em outras palavras, o Peladão reflete a vida cotidiana pós-moderna, pois demonstra a dialética da triplicidade entre a socialidade, o social e as representações sociais. Estas são resultados da prevalência do paradigma da socialidade sobre o social. Assim, elementos de relações de poder são apropriados e ressignificados no espaço de representação do Peladão através da potência. A estrutura hierárquica de um clube profissional é reproduzida em qualquer equipe, por mais modesta que seja: tem presidente, técnico e outros papéis. Isto é demonstrado por Alex Bellos, ao retratar a organização de um time do Peladão, o Vila Nova:

Usando a terminologia oficial que *é de lei* para a pelada, Audemir se autoproclamou presidente do Vila Nova. Nomeou como vice-presidente seu cunhado, Maurício Lima, e um irmão como diretor de esportes. Quatro outros cunhados fizeram parte do time, que estreou em 1998. O clube hoje é foco da vida comunitária. (BELLOS, 2003, p. 226)

Apesar de, em muitos trechos do capítulo, tratar o Peladão de maneira jocosa, Alex Bellos apreendeu o processo de formação dos times²¹¹ e sua inserção sócio-espacial. De fato as equipes passam a ser referências na vida comunitária cotidiana dos habitantes dos bairros. Este caráter proxêmico constrói territorialidades em diversas dimensões. As equipes funcionam como tribos capazes de congregar a comunidade de um bairro, que passa a se reunir com outras tribos, formando uma grande massa afetual que se reúne periodicamente nos territórios futebolísticos. No que se refere às categorias de mediação do espaço de representação do futebol, os nomes dos times servem de ricos exemplos desta forte relação que existe entre a prática social do futebol e a vida cotidiana comunitária dos bairros. Muitos times têm nomes que remetem aos bairros, reforçando o orgulho de pertença por parte das comunidades locais e criando/consolidando territorialidades proxêmicas, que chamam

²¹¹ Apesar de se manterem por muitos anos com o mesmo nome, cores, símbolos, etc. as equipes do Peladão não poderiam ser chamadas de clubes, pois não estão inseridas numa política institucional que as legitimem como tal.

atenção ao convívio diário, à vida cotidiana dos bairros que se tornam, verdadeiramente, comunidades em torno da prática social do futebol. Este caráter proxêmico confere ao espaço de representação do Peladão uma interessante peculiaridade no que se refere à estruturação identitária futebolística: a maioria dos torcedores das equipes possui ligação afetiva ou com o time (que representa o bairro) ou com os jogadores (sendo parentes, amigos, conhecidos da vida cotidiana) (FIGURA 20). Virgílio explica que este caráter comunitário afetual não é exclusividade dos times mais modestos, mas também dos grandes times do Peladão, como o Unidos da Glória e do 3B, pelos quais o lateral direito já foi campeão do torneio: “O pessoal da torcida são dos bairros e muitos amigos, porque jogador que tem muitos amigos, eles vão torcer pela gente. Mas a maioria é dos bairros mesmo, porque cada clube tem seu bairro e o pessoal dos bairros vai pra torcida e torce bastante mesmo” (Informação verbal)²¹². A territorialidade se manifesta também nos nomes das equipes, como por exemplo: Grêmio Unidos da Glória (bairro da Glória); Unidos da Alvorada (Alvorada); Central do Coroadó (Coroadó); Unidos da Raiz F. C (Raiz); Compensação (Compensa); Unidos da 14 (Praça 14); Central de Petrópolis (Petrópolis); Unidos do Japiim (Japiim).



FIGURA 20 - TORCIDA

Fonte: O autor.

²¹² ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

O caráter proxêmico dos times do Peladão, no entanto, não é somente uma forma de elevar simbolicamente o nome do bairro perante toda cidade e estado, mas também uma maneira de disputa de territorialidade dentro do próprio bairro. Isto porque, geralmente, no primeiro semestre, a maioria das comunidades realiza campeonatos de bairros. José Carlos Pereira Cavalcante, que além de fazer parte da coordenação do Peladão, organiza campeonatos em seu bairro – Petrópolis – explica que as territorialidades do Peladão estão ligadas aos próprios campeonatos de bairros, disputado pela grande parte das equipes e atletas do Peladão: “Todos os bairros têm seus campeonatos. Essas equipes do Peladão, na sua grande maioria, cerca de 90%, elas disputam esses campeonatos nesses bairros. Quanto aos atletas, a maioria desses atletas, eles jogam todos os campeonatos” (Informação verbal)²¹³.

Portanto, se os campeonatos de bairros servem para agregar a comunidade em torno do fato futebolístico e de uma prática social do futebol de fundamento trágico-dionisiaca, ou seja, extremamente ritualizada, mas cuja finalidade é o prazer de estar junto, eles também acabam criando rivalidades, disputas de territorialidades entre os times do bairro. Sérgio Paulo Fernandes da Silva explica alguns motivos da rivalidade entre times do mesmo bairro: “Um quer tirar jogador do outro; quer formar time mais competitivo” (Informação verbal)²¹⁴. Esta rivalidade, que se manifesta dentro de campo e nos bastidores, não divide a comunidade em grupos fixos, como ocorre com as torcidas de futebol profissional, mas sim em tribos, que apresentam estruturação identitária futebolística fluida, pois estão inseridas em uma massa cujo poder de identificação é maior. Assim, como explica Sérgio Paulo, os bairros começam com várias pequenas torcidas (com exceção àquelas equipes mais tradicionais), que, na medida em que suas equipes vão sendo eliminadas, passam a se aglutinar em torno da imagem do bairro.

Olha, no começo, como tem aquele horror de time, a cidade se divide. Cada cantinho tem o seu. Então, não chega a ter um local cheio, no começo. Porque está tão cheio de times no mesmo bairro, por exemplo, que cada clubezinho tem o seu torcedor. Só vão se unindo mesmo quando vão saindo. Na minha rua tem três times, então, quem estava torcendo para cada um daqueles três times já se unem e formam uma torcida só. Então, conforme as fases vão passando, as torcidas daqueles clubes vão aumentando. É sempre um dia-a-dia ali. (Informação verbal)²¹⁵.

²¹³ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²¹⁴ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

²¹⁵ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

Entretanto, nem todos os times do Peladão representam um bairro ou uma vizinhança. Há diversas equipes com nome de empresas, como afirma Emanuel Mendes Siqueira, jornalista que cobre o Peladão há cinco anos:

Além de equipes dos bairros, o Peladão também registra grande participação de empresas, que colocam suas marcas em exposição por meio do Peladão. Muitos jogadores profissionais deixam os times da cidade contratados por empresários, que, além de emprego, oferecem-lhes estabilidade, bons salários e capacitação²¹⁶.

Estas empresas não apenas patrocinam as equipes, mas algumas também são formadas por funcionários da própria empresa. Assim, os jogadores podem converter seu capital futebolístico em capital econômico, pois têm a chance de conseguir um contrato com lojas ou indústrias da cidade. O filme “Peladão” retrata o caso do time da Semp Toshiba, que oferece emprego a alguns jogadores de destaque do Peladão e, inclusive, a uma mulher para que seja sua candidata a Rainha. Um gerente ou diretor da empresa aparece falando sobre esta política: “Aqueles jogadores foram contratados pra trabalharem na empresa, pra representar no Peladão. A gente procura sempre conciliar os dois: bom funcionário e bom de bola” (PELADÃO, 2004). A partir de tal declaração, podemos afirmar que o capital futebolístico, se não é determinante para uma contratação nesta empresa, se configura como um importante diferencial entre dois candidatos que apresentam as mesmas condições técnicas para o trabalho. Um dos beneficiados com tal política da Semp Toshiba destaca que o futebol facilitou a obtenção de um emprego e que, mesmo não sendo profissional, conseguiu um contrato de trabalho cujo salário é fundamental para o sustento de sua família, através de seu capital futebolístico: “Pra mim foi de uma importância muito grande, porque através do Peladão eu me destaquei e estou trabalhando aqui pra sustentar minha família. Pra mim o Peladão é tudo” (PELADÃO, 2004).

Alem do time da Semp Toshiba, outras empresas emprestam seus nomes aos times do Peladão, como é o caso da Águas do Amazonas FC, Atlético Clube Nassau, Distribuidora Ferraz, Lanche Jacaré FC, entre outros. O jornalista inglês Alex Bellos aponta o Peladão como o torneio mais interessante do futebol amazonense não apenas no que se refere a sua importância esportiva, mas também a possibilidade de ascensão econômica e social que ele propicia de maneira mais efetiva do que o

²¹⁶ SIQUEIRA, Emanuel Mendes. **Peladão**. Manaus, 2008.

próprio futebol profissional: “Muitos times mais ricos estão ligados aos negócios locais. Nei [jogador do Peladão] diz que alguns de seus amigos jogam por essas equipes em troca de emprego em tempo integral. O Peladão, para eles, oferece um futuro mais seguro do que a carreira de jogador profissional” (BELLOS, 2003, p. 232).

Se a maioria das equipes do Peladão se forma e se organiza em torno de tribos, de comunidades ligadas pela afetualidade (parentesco, vizinhança, amizade, etc.), há uma significativa minoria de equipes que apresenta estrutura de clubes profissionais. Assim, estes times e seus membros se apropriam dos elementos do espaço de representação do futebol de maneira diferente da maioria dos participantes do Peladão, buscando, em alguns elementos específicos, se aproximar do espaço de representação do futebol profissional. No entanto, mesmo os times mais ricos e competitivos apresentam alguns elementos simbólicos próprios do espaço de representação do Peladão, tal como a barca, o *ethos* futebolístico da socialidade, uma prática social do futebol bastante vinculada com a vida cotidiana das comunidades em que estão inseridos, além de símbolos, mitos e discursos.

Estas equipes, que não representam mais de 5% do total de times inscritos no Peladão, têm patrocínios de pessoas físicas ou jurídicas; possuem sede, local para treino; mantêm uma comissão técnica; angariam os melhores jogadores dos campeonatos amadores e os remuneram para que disputem o Peladão defendendo suas cores. Assim, estas possuem vários elementos dos clubes profissionais – inclusive o foco em resultados – e estrutura melhor do que clubes profissionais de Manaus, como aponta Carlos Prata, treinador com vasta experiência tanto no Peladão quanto no futebol profissional amazonense: “É um semi-profissional. E tem equipes que têm condições melhores que as profissionais da primeira divisão do futebol do Amazonas” (Informação verbal)²¹⁷. O discurso de Carlos Prata se insere em uma formação discursiva híbrida, pois trabalha tanto no Peladão quanto no profissional. Sua experiência no amador e no profissional o permite afirmar que estes times do Peladão se encontram entre o amadorismo da maioria das equipes do Peladão e o profissionalismo institucional e estatutário dos clubes que disputam o Campeonato Amazonense. Desta forma, produz um efeito de sentido de que estes times do Peladão se apropriam de maneira peculiar dos elementos do espaço de representação do futebol ora se aproximando do futebol profissional (na ênfase no resultado, por exemplo) ora se aproximando do futebol amador (na busca pelo orgasmo, por

²¹⁷ PRATA, Carlos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 28 set. 2008. Informação verbal.

exemplo). Alex Bellos (2003, p. 227) expressa este hibridismo ao comentar que o Unidos da Glória, campeão do Peladão 2007, se organiza como um clube profissional, mas que parte do dinheiro do patrocínio é destinada para bancar a bebida das barcas.

O Unidos da Glória tem a estrutura de um clube profissional. [...]. A equipe é patrocinada pela maior empresa de farinha do Amazonas, o que significa que pode pagar um elenco de 22 jogadores, em treinador especialista, equipamentos de boa qualidade, transporte e uma quantidade decente de cerveja depois dos jogos.

Apesar de ser um torneio de futebol amador, a remuneração a jogadores e treinadores e demais envolvidos é prática comum no Peladão, conforme afirma Sidney Netto: “Tem gente que ganha muito dinheiro com o Peladão. Determinadas equipes aí pagam” (Informação verbal)²¹⁸. Virgílio, jogador do Unidos da Glória, fala com naturalidade da remuneração, mas diz não serem valores tão altos e que se sente constrangido de jogar por dinheiro, já que tem emprego fixo:

Rola, rola. Não rola muito não assim. Tipo assim, eu, por exemplo, como tenho trabalho já tudinho eu não tenho aquela cara de pau de chegar e pedir dinheiro do dirigente, mas muitos jogadores que não têm condição mesmo vai, pede, eles dão. O que eles puderem ajudar, eles ajudam. (Informação verbal)²¹⁹.

O discurso de Virgílio demonstra um *ethos* futebolístico amador, provocando um efeito de sentido híbrido entre a vontade de competir e vencer – por fazer parte de uma das grandes equipes do Peladão – e a vontade de participar e de se divertir – por abrir mão da remuneração que poderia ganhar. O jogador do Unidos da Glória explica como é o processo de abordagem e convite para jogadores fazerem parte do elenco de seu time no Peladão: “Quando eles [dirigentes] querem contratar alguém, eles mesmo vão, conversam com o rapaz, com o jogador, alguma coisa assim, pra acertar o que o cara pode estar querendo, ver qual é a intenção dele, essas coisas de boleiro tem” (Informação verbal)²²⁰. Na formação discursiva dos participantes do Peladão, chama a atenção a maneira que é utilizada a palavra “contratar”. Quando Virgílio fala em que os dirigentes tem a intenção de contratar alguém, na verdade, está produzindo o efeito de sentido de que é estabelecido um acordo verbal, não um contrato de

²¹⁸ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

²¹⁹ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

²²⁰ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

trabalho, assinado pelo jogador e pelo dirigente. A utilização da expressão indica a proximidade simbólica e organizacional que existe entre os grandes times do Peladão e os clubes de futebol profissional. Esta apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol é observada no discurso de Carlos Prata ao apontar o que um time do Peladão deve fazer para vencer a competição.

Ele precisa ter organização, determinação, treinar com afinco e o que é feito em todas as equipes... Todas as equipes em que eu trabalho, como eu trabalho hoje na CA Martins Vical, a gente tem que entender que tem uma responsabilidade. Cada um ele cobra, ele assina por uma parte financeira: R\$ 2.000, R\$ 3.000. Então, é obrigado os treinos. Treina três vezes por semana mais o jogo da semana, pra a gente poder ter uma afinidade muito grande com todo o grupo. (Informação verbal)²²¹.

Carlos Prata descreve, praticamente, a rotina e as responsabilidades de um clube profissional: treinos três vezes por semana, necessidade de organização, responsabilidade, compromisso por ser remunerado. Outro termo chama atenção na formação discursiva dos participantes do Peladão: “assinar”. Não se admite contratos formais no Peladão, portanto, não é possível se assinar por um valor em dinheiro. Novamente, a explicação para a utilização do termo está na forte influência dos referenciais simbólicos do futebol profissional. Outra herança do futebol profissional são os bichos – gratificações por vitórias –, que demonstram uma grande ênfase no resultado no que se refere ao fato futebolístico. Geralmente, a quantia é estabelecida antes do início da competição, como explica Virgílio: “Bicho eles dão, assim, já chegando na reta final. Eles dão um bichinho pro pessoal lá, mas já acertam já antes do campeonato: ‘a quantia é tanto por isso’. E vai até o final” (Informação verbal)²²².

Na formação discursiva dos organizadores do Peladão, a remuneração é tratada com naturalidade. Entretanto, isto não significa que a coordenação estimule nem oficialize, apenas é, de certa forma, conivente já que alega que é uma minoria de atletas que recebem para jogar e que não seria possível caracterizar este pagamento como vínculo remunerado por não haver documento comprovante. Sérgio Paulo Fernandes da Silva procura amenizar a conivência em relação às remuneração alegando que nunca presenciou pagamentos, mas depois afirma que isto ocorre.

²²¹ PRATA, Carlos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 28 set. 2008. Informação verbal.

²²² ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

Eu não posso dizer que rola, porque nunca vi ninguém pagar, mas as denúncias que rolam dizem que rola sim. Pagam muito aqui. Dizem que fulano joga porque recebe. Até porque jogam alguns ex-profissionais. E o ex-profissional já tem um passado de jogar por dinheiro, pra receber. Mas eu acho que é uma minoria muito grande. Deve ter, mas é uma minoria. Em relação a um campeonato de 7.000 atletas, eu acho que não chega a 200 que vão receber. Não chega nem a isso. (Informação verbal)²²³.

No discurso de Sérgio Paulo é possível identificar um efeito de sentido de associação entre o pagamento com o fato de alguns jogadores já terem sido profissionais, ou seja, já tenham jogado por dinheiro. Desta forma, explicita um *ethos* discursivo favorável ao *ethos* futebolístico amador, puro, cujo objetivo é a diversão e o orgiasmo, sem a mácula de jogar em troca de remuneração. Mesmo assim, não é possível falar em amadorismo marrom no Peladão, pois mesmo que a competição sendo amadora, não há nada em seu regulamento nem na ética dos participantes que proíba a remuneração de jogadores. Além disso, o termo *amadorismo marrom* carrega uma conotação de tentativa de ruptura com o amadorismo e um anseio de profissionalização, o que não ocorre no Peladão. Os times do Peladão que remuneram jogadores não visam se profissionalizar, assim como os jogadores que querem ter o futebol como profissão têm a possibilidade de atuar nos clubes de Manaus. No entanto, segundo Arnaldo Santos explicita, algumas equipes do Peladão não somente pagam seus jogadores, como os remuneram mais do que os clubes profissionais.

Se você pegar a estrutura do Compensação, Glória e outro aí, às vezes eles pagam muito mais que o futebol profissional. Tem jogadores que não querem ir pro profissional porque, nesses seis meses, eles preferem ganhar, ficar empregados, recebem um favorzinho. (Informação verbal)²²⁴.

Os custos de um time grande com remunerações, transporte, alimentação, equipamentos, manutenção da estrutura (campos, luz, água, etc.) chega a valores consideravelmente superiores àqueles da premiação para o campeão do Peladão, um carro 0 km²²⁵. Carlos Prata, treinador do CA Martins Vical e com passagem vitoriosa pelo Compensação, explica que tamanho investimento se justifica pelo valor simbólico que representa vencer o Peladão, não apenas para aqueles envolvidos diretamente,

²²³ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

²²⁴ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²²⁵ Até 2008, a premiação para o campeão era de R\$ 15.000 e R\$ 5.000, para o vice. Em 2008, a premiação para o vencedor foi um carro Gol 0 km e R\$ 3.000 para o vice.

mas, sobretudo, para a comunidade do bairro que experimenta momentos dionisíacos de forte orgasmo.

O Peladão, ele... Vou citar um time como a CA Martins Vical, como o Compensão, como o Unidos da Glória têm uma estrutura muito grande. Por exemplo, o Compensão é um time que investe muito alto. Investe uma média de R\$ 200.000, R\$ 300.000 pra ganhar um campeonato, por questão de ego e satisfação à sua comunidade, porque o prêmio é apenas R\$ 15.000. Então, cada jogador que vem, ele assina uma temporada por R\$ 2.000, R\$ 3.000, R\$ 4.000, R\$ 5.000 pra disputar a competição por esse, por esse time, então. [...]. Até alguns jogadores não querem jogar um campeonato profissional, porque não é tão rentável quanto é o Peladão. (Informação verbal)²²⁶.

Virgílio também destaca a importância simbólica que o título de campeão tem para a comunidade em que o time está inserido. Destaca também as festas e os momentos de pulsões gregárias que a conquista pode proporcionar. Além disso, enfatiza que vencer um título do Peladão se converte em um importante capital social simbólico para os jogadores que se sagram campeões do torneio.

Pra falar a verdade, o jogador que é amador e não ganhar o título do Peladão, na verdade, acho que ele não ganhou nada, porque o bom mesmo é ser campeão do Peladão, que a gente vê a festa e tudo, de final, de festa, a entrega de prêmios, tudinho. É muito bom mesmo. A gente fica muito feliz, muito grato com até a torcida que vai bastante pros jogos cobrar. E a gente já fica feliz por dar aquele presente para a torcida. (Informação verbal)²²⁷.

Sidniz Pereira da Silva Filho também destaca o capital social simbólico que se destacar no Peladão pode trazer: “E pros boleiros, os boleiros que são de linha de frente, ranqueados no Peladão, ser campeão do Peladão é motivo de orgulho. [...] Isso é pro boleiro que vive o futebol no dia a dia, é motivo de orgulho. Ser de times de linha de frente do Peladão. Ser campeão do Peladão” (Informação verbal)²²⁸. No entanto, tanto na formação discursiva dos dirigentes quanto dos participantes do Peladão o retorno financeiro que disputar e vencer o Peladão pode trazer é ignorada. É inegável a relação de mecenato que os dirigentes do Peladão mantêm com seus jogadores e comunidade, porém há algumas relações econômicas e políticas ligadas aos investimentos dos dirigentes. Muitos times recebem patrocínios ou estão ligados a marcas, bem como são bancados por políticos, que aproveitam a popularidade e o

²²⁶ PRATA, Carlos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 28 set. 2008. Informação verbal.

²²⁷ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

²²⁸ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

capital simbólico das equipes do Peladão para tentar convertê-los em capitais econômico ou político.

5.1.7 Feminino

O Peladão Feminino foi criado em 2005 com a proposta de ampliar as possibilidades de participação no Peladão pelas meninas e mulheres, que até então só poderiam se inscrever no Campeonato de Peladas do Amazonas como candidatas a Rainha. Sidniz Pereira da Silva Filho ressalta a oportunidade de integração social que o Peladão promove e, em específico, as possibilidades de participação que as participantes possuem: “Todas as camadas sociais e quase que todas as faixas etárias masculina e feminina, ela é participante do Peladão. [...]. Ou a menina pode ser atleta no futebol ou ela pode representar a beleza da menina amazonense dentro da competição” (Informação verbal)²²⁹.

A criação do torneio Feminino recebeu destaque na Folha de S. Paulo de 08 de janeiro de 2005. A abertura do Caderno de Esportes do jornal de circulação nacional, naquele sábado, foi “Onze Rainhas”, seguido do subtítulo “Megatorneio de várzea, Peladão faz final hoje e decide abrir espaço no campo para as mulheres, que até aqui brilhavam apenas nas passarelas, ajudando suas equipes” (LAJOLO, 08 jan. 2005, P. D1). No entanto, o texto da reportagem menciona apenas em um parágrafo a criação do campeonato feminino: “No Peladão, as rainhas e o sucesso dos clubes estão intimamente ligados. Ligação esta que deve se estreitar neste ano, quando elas descerão da passarela para desfilar também com a bola no pé” (LAJOLO, 08 jan. 2005, P. D1). Além de não enfatizar a criação do Peladão Feminino – como a manchete sugere –, a reportagem produz um efeito de sentido de que a partir de 2005 as candidatas a Rainha disputarão jogos, ou melhor, se exibirão (“desfilam com a bola no pé”) em partidas que nada valem. Há uma minoria das candidatas a Rainha que disputam o Peladão Feminino. Um destes casos, o de Simone, é mostrado no documentário “Peladão”, gravado em 2004, ano em que ainda não existia a categoria Feminino. Simone já era jogadora de futebol, mas não tinha como participar do Peladão de outra forma além de como candidata a Rainha. Ela, que chegou por dois anos consecutivos à Final do concurso de Rainha do Peladão, revela que prefere jogar

²²⁹ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

a ser candidata a Rainha, mas sua paixão pelo futebol a estimulava a participar do Campeonato de Peladas do Amazonas da forma que lhe era permitida.

Futebol é a minha paixão, em primeiro lugar. Eu sou Rainha porque acredito no time. É um time muito bom e eles pedem muito e ficam ali “vai, por favor, desfila pela gente”. Aí eu vou. Dou uma forcinha pro time, mas não é muito meu forte ser..., desfilar, essas coisas. Entendeu? E eu jogo futebol desde pequena. Eu sempre gostei. É a minha paixão. Eu treino todos os dias, inclusive sábados e domingos. Concilio o desfile do Peladão com os jogos, mas prefiro jogar. (PELADÃO, 2004).

O torneio Feminino é bastante disputado, tendo, no ano de 2008, 38 equipes inscritas (FIGURA 21). Para o jornalista Emanuel Mendes Siqueira, a criação da categoria feminina pelo Peladão é uma forma de estimular a prática e a divulgação do futebol feminino em Manaus: “A realização do campeonato também vem estimulando a criação de um calendário permanente para o futebol feminino na cidade”²³⁰. Arnaldo Santos enfatiza a criação de um calendário para um segmento esportivo negligenciado no Brasil, apesar dos recentes bons resultados em Copas do Mundo e Jogos Olímpicos: “É o quarto ano do Feminino e cresceu bastante. Este Feminino também tende a crescer até porque no Brasil é uma tragédia no preste ter as Martas da vida, as medalhas olímpicas” (Informação verbal)²³¹. Na formação discursiva dos organizadores do Peladão, a categoria Feminina aparece de maneira apenas residual, ou melhor, como uma alternativa que o Peladão oferece às meninas que pretendem participar do Campeonato de Peladas. Entretanto, a premiação para a equipe campeã é de R\$ 2.000, inferior apenas à importância paga para o vice-campeão da Categoria Principal e para o campeão do Master – R\$ 3.000, para ambos.

José Carlos Pereira Cavalcante – que além de organizador do Peladão é fundador e dirigente de um time, o Apolo, bicampeão do Peladão Feminino (FIGURA 21) e que disputa todas as categorias do Peladão com exceção às indígenas – explica como é formada uma equipe para se vencer o Peladão Feminino.

Nessas competições [de bairro], há os destaques, se sobressaem algumas atletas e a gente convida. Quando a gente montou, o ano passado, a equipe mais forte, que a gente vem tentando há três anos, a gente foi campeão. Sendo campeão, algumas atletas se interessaram em jogar pra nossa equipe e aquelas que foram campeãs se valorizaram. Aquelas que jogaram de graça o ano passado, esse ano já receberam convite pra jogar em outras equipes. Elas comunicaram que a preferência era nossa e gostariam de continuar, só

²³⁰ SIQUEIRA, Emanuel Mendes. **Peladão**. Manaus, 2008.

²³¹ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

que estavam recebendo algumas propostas. A gente disse: “Olha, se você quer ficar com a gente, a gente não dá aquilo que elas te deram, a gente não tem condições, mas a gente vai propor metade da proposta que você recebeu”, que é uma... Eu posso até citar o valor: é R\$ 30,00 por atleta, por cada jogo. R\$ 30,00 é o nosso teto. Não interessa se é de excelente qualidade ou se é de boa qualidade. R\$ 30,00 é o teto e muitas vezes recebem R\$ 50,00, só que esse R\$ 50,00 que ela vai receber agora, ela vai correr sozinha. Então, ela prefere estar num grupo de gestão forte, num grupo forte, que além de receber um certo valor, vai receber por um maior tempo, provavelmente, porque se vai mais longe e com as condições, inclusive, de ser campeã ou, no caso, bicampeã. (Informação verbal)²³².



FIGURA 21 - PELADÃO FEMININO

Fonte: Da esquerda para a direita – (01 e 02) Emanuel Mendes Siqueira; (03) A Crítica, 2008.

Legenda: (01 e 02) Jogos do Peladão Feminino; (03) Apolo campeão do Peladão Feminino 2008.

Apesar dos valores não serem os mesmos para os times da Categoria Principal, é necessário considerável investimento para se vencer o Peladão Feminino. Para bancar apenas o time titular, campeão do Feminino de 2007, ao custo de R\$ 30 por

²³² CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

atleta, o Apolo precisa desembolsar R\$ 330 por jogo. Isto significa que em um campeonato de 14 jogos, como é o Peladão Feminino, o investimento apenas em gratificações para a equipe titular chegaria ao montante de R\$ 4.620 – mais de duas vezes o prêmio pago pela conquista do torneio. Esta quantia não prevê outros gastos, como os uniformes, bolas, barcas, etc. José Carlos Pereira Cavalcante explica que a identificação e a vontade de ser representada pelo time faz com que a comunidade se organize para conseguir manter uma equipe competitiva.

Mas isso tudo é fruto de um trabalho. E a comunidade tem muita culpa nisso, porque ela apóia demais, inclusive colabora. Eu não tenho a condição financeira tão preparada pra ter tantas equipes. Então, no Peladinho a gente entra, no Master a gente entra, no Peladão e a gente entra no Feminino. Só que o Feminino é a menina dos olhos da comunidade. E todos invejam no Feminino. Por isso o sucesso do Feminino, inclusive sendo campeão e montando um time esse ano também pra ser bicampeão. [...]. A gente tem amigos que, às vezes, se oferecem a colaborar. “Vamos botar um time forte no Feminino” – “Quanto é que tu vai precisar?”. Eu digo “Rapaz, o equipamento custa R\$ 1.200.” – “Então, manda fazer o equipamento que eu dou tanto”. Aí o outro diz: “Eu vou dar tanto”. Então, eles se rateiam pra comprar o equipamento. Primeira parte é a compra do equipamento: solucionada. O outro dá uma bola, o outro diz que vai pagar duas grades, o outro oferece o sopão. Algumas meninas de uma qualidade técnica um pouco melhor, recebem convite de outras equipes e alguns torcedores dizem: “Não. Traz ela pra cá que eu pago”. Ou seja, tem uma taxazinha, uma gratificação cada atleta e essa pequena gratificação, cada torcedor, cada patrocinador se encarrega pelo salário de cada atleta dessa. Quantia pequena, ajuda de custo pequena, mas isso sai sempre do bolso dos patrocinadores e simpatizantes. (Informação verbal)²³³.

Esta participação da comunidade, calcada na razão sensível, é tipicamente trágico-dionisíaca. Não se busca a vitória pela vitória, mas como oportunidade de agregação do bairro, da comunidade afetual que se forma em torno do time. Assim, a ritualística, os momentos de presença e o lúdico se dispõem na vida cotidiana pós-moderna do bairro de modo a gerar um orgasmo em torno das territorialidades construídas a partir da prática social do futebol.

5.1.8 Indígenas

Um importante e peculiar elemento simbólico do espaço de representação do Peladão é a participação dos indígenas em categorias próprias. Os campeonatos

²³³ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

Indígenas Masculino e Feminino foram os dois últimos a serem criados, em 2006. Incluir os indígenas no Peladão, com um torneio próprio e que levasse em consideração as suas peculiaridades, fazia parte, originalmente, do projeto da administração de Arnaldo Santos de ampliação do Peladão para os diferentes públicos e segmentos da sociedade. A justificativa da criação das categorias indígenas, na formação discursiva dos organizadores do Peladão, é o grande contingente de índios que vive em Manaus e em aldeias próximas. Segundo Arnaldo Santos, a inclusão dos indígenas com suas próprias categorias não é um projeto de marketing, mas uma iniciativa tomada em parceria com lideranças indígenas e com a UFAM:

Os indígenas fazem parte do nosso projeto. E os indígenas, nós tivemos o cuidado, é o seguinte... De repente saiu uma estatística aqui em Manaus, um levantamento, uma pesquisa que diz que moram mais de 22.000 índios em Manaus, estudando, vivendo em Manaus. eu digo: “Puxa! Eu tenho uma comunidade!”. [...] Eu fiquei procurando a Funai [Fundação Nacional do Índio] e eu não conseguia nada. Aí encontro ele [o líder indígena Jorge Terena], ele me diz “Oh, rapaz! Eu vejo muito falar de você e tal. Vamos conversar.” Conversamos. E eu dizia pra ele: “Olhe só. Primeira coisa, eu não quero que não haja nenhuma conotação de colocar índio no Peladão simplesmente pra dizer assim: ‘Oh! Nós estamos com os índios’”. Fazer merchandising? Eu não quero fazer merchandising com índio. Não quero não. O que eu quero é a participação. Porque se vocês hoje... “O senhor me confirma que nós temos mais de 20.000 índios em Manaus?” – “Tem. E a maior luta nossa é exatamente conciliar. Nós estamos cercados de malocas aqui. Cercados. É só atravessar o rio. Núcleos de índios”. Eu digo “eu quero trazê-los pra cá, mas não quero fazer aquele oba oba. O senhor concorda comigo?” – “Concordo” – “Tá bom. Eu vou lá na Universidade [UFAM]”. Aí fui na Universidade, falei com o reitor, falei com a área de Antropologia, falei com a área de Psicologia, falei com a área de Filosofia, falei com a escola de Educação Física. Ficou acertado que o campeonato, em forma de laboratório – este é o terceiro ano, ainda estamos em forma de laboratório, dando uma certa liberdade na competição, no regulamento pra entendê-los –, e nós realizamos tudo isso dentro da própria UFAM, com a estrutura da escola de Educação Física. [...] Então, com isso, abriu-se definitivamente o Peladão para todos os segmentos da sociedade. (Informação verbal)²³⁴.

A análise de três pontos do discurso de Arnaldo Santos são fundamentais para se compreender de que maneira se dá a inserção dos indígenas no espaço de representação do Peladão, bem como entender os usos simbólicos do Peladão da participação dos indígenas: os indígenas como comunidade; o caráter de laboratório dos torneios indígenas; e a não-utilização dos indígenas para marketing do Peladão.

O primeiro ponto é a percepção da organização do Peladão dos indígenas como comunidade. Neste aspecto, os dados estatísticos do número de índios que vivem em Manaus não é o ponto fundamental, mas a forma através da qual eles se organizam e

²³⁴ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

o que representa uma parceria com esta comunidade. Os indígenas se organizam a partir de uma lógica de identificação calcada tanto na origem em comum quanto na atual luta para se inserir na dialética da existência pós-moderna de Manaus. Assim, cria-se uma grande comunidade com fortes laços afetuais e com objetivos comuns, o que fica claro na formação discursiva dos indígenas, que comparam a inserção no Peladão com conquistas em outras áreas, como educação e cultura. Francisco Braga Maricaú, da etnia kokama, jogador e dirigente do Kokama FC, explica que, para a comunidade indígena, participar do Peladão representa uma conquista, pois é uma forma de se inserir na vida cotidiana e na própria história de Manaus e do Amazonas.

Representa muita coisa pra gente, porque participar do maior campeonato de peladas do mundo é difícil. Pra gente a satisfação é tão grande, que ter conquistado esse espaço e fazer parte da história do Peladão. A gente fazer parte da história da Amazônia e do Amazonas ou de Manaus. Pra gente tem esse significado. Porque a gente é do Amazonas. Fazer parte do maior campeonato de peladas do mundo também é motivo de orgulho. (Informação verbal)²³⁵.

O efeito de sentido de inserção social não é o único encontrado no discurso dos indígenas, mas também o de que com a participação no Peladão, o futebol passou a se inserir na vida cotidiana das aldeias e comunidades indígenas, de modo a propiciar momentos de presença, de pulsões gregárias, como afirma Maria Idete Ferreira de Vasconcelos, jogadora e presidente do Revelação FC Saterê-Maué: “É mais uma conquista, que a gente está conseguindo nesse meio, assim, no esporte. Muito tempo atrás não tinha esporte em aldeias. Eu acredito que era só mais trabalho. Não tinha lazer. Hoje em dia, o povo vem, chega aqui, se encontra” (Informação verbal)²³⁶. Esta identificação proxêmica dos indígenas com o futebol, com a cidade e com o próprio Peladão encontra consonância na formação discursiva dos organizadores do Peladão, que também enxergam a participação dos índios como uma conquista. Sidniz Pereira da Silva Filho explica que em 2007 foi necessário interromper as competições indígenas por um período, já os participantes identificaram vários não-indígenas nas equipes e estariam, assim, regredindo em suas conquistas: “Aí eles reuniram aqui com o Arnaldo, deram uma pausa, fizeram uma peneira pra ver quem não era e fizemos um novo campeonato a partir daí. Porque eles perceberam que eles estavam perdendo

²³⁵ MARICAÚ, Francisco Braga. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²³⁶ VASCONCELOS, Maria Idete Ferreira de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

espaço que eles estavam buscando” (Informação verbal)²³⁷. Sérgio Paulo Fernandes da Silva explica como é feita esta triagem para identificar os jogadores que podem participar do torneio Indígena, já que são permitidos participantes com parentesco até de terceiro grau: “Até já montamos um tribunal para os indígenas. Já houve, ano passado, indígena recorrendo: ‘Aquele ali é branco’. [...]. É tipo assim uma assembléia entre eles coordenada por nós. Ali eles se explicam; ali eles se entendem; ali esclarecem as dúvidas” (Informação verbal)²³⁸. Esta distinção entre indígenas e não-indígenas não ocorre apenas pela existência de um tribunal especial para julgar os casos das competições indígenas, mas também em outras instâncias. Isto fica claro na própria estrutura da coordenação do Peladão. As competições indígenas são as únicas que possuem uma coordenação própria, incumbida a José Carlos Pereira Cavalcante, que destaca a organização da comunidade indígena e comenta que os participantes não vêem a existência de um campeonato a parte como um indicativo de exclusão, mas de um tratamento especial: “Então, eles são bem organizados. Hoje, eles têm uma grande organização e o futebol veio somar a tudo isso e valorizar mais a classe. Eles se sentem honrados em ter a competição somente deles e não excluídos” (Informação verbal)²³⁹.

O segundo ponto do discurso de Arnaldo Santos é a distinção dos torneios indígenas das outras categorias e, conseqüentemente, seu caráter de laboratório, o que, no discurso do diretor geral do Peladão, não tem nenhuma conotação negativa. Pelo contrário, na formação discursiva dos organizadores do Peladão, observa-se um efeito de sentido de que este caráter experimental não se refere a uma possível condição provisória do campeonato, mas um cuidado especial que a organização tem para com estas categorias. Sérgio Paulo explica que o funcionamento do torneio é idêntico ao da Categoria Principal, sendo, inclusive, obrigatória a inscrição de uma candidata a Rainha. Entretanto, destaca que o tratamento especial se dá em alguns pontos específicos como o uniforme, a documentação no dia do jogo, entre outros.

O dos indígenas é tipo o Peladão normal. [...]. Aquela idade de 15 anos prevalece pra eles também. Eles têm uma rainha também, os indígenas. Participa do torneio de Rainha também, as meninas indígenas. Não existe diferença entre Indígena e Peladão Aberto não. A única diferença é que eles jogam entre si. A única diferença é que eles não participam com os outros.

²³⁷ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

²³⁸ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

²³⁹ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

Fica um negócio exclusivo. O Peladão deles é exclusivo de indígenas. [...]. Porque eles ainda não conseguiram este tempo disponível todo. O Indígena é um período mais curto. E eles nem todo o tempo estão em Manaus. Nem todo tempo eles estão disponíveis aqui em Manaus. Pra entrar e não participar, no meio do caminho parar, é preferível fazer um exclusivo pra eles, por enquanto. Por enquanto eles estão satisfeitos com isto. Mas nada os impede de montar um time e ir pro Peladão. Só que neste caso, vai jogar igual aos outros, com as mesmas regras dos outros. No deles eles algumas vantagens. A gente deixa eles jogarem com uma camiseta mais diferente da outra. Aí ele esqueceu a identidade. Tudo bem. A gente já sabe que ele é do time. É o segundo ano que está só o Indígena. O Arnaldo ainda chama de laboratório. Não tem nada fechado pra isso ficar definitivo. Nós estamos ainda montando este campeonato deles. Vê como melhora. Então, a gente faz umas concessões que no Peladão não fazemos de jeito nenhum. Até porque eles estão no segundo ano e o Peladão há 35 anos. Não tem nem como comparar. A gente é mais flexível com os indígenas. Com o Peladão a gente é mais rígido. (Informação verbal)²⁴⁰.

A existência de um torneio próprio para os indígenas não exclui a participação deles na Categoria Principal. Entretanto, não é possível se inscrever, no mesmo ano, nas duas competições. Francisco Braga Maricaú, que já participou de várias edições do Peladão, conseguindo resultados expressivos, destaca que os indígenas já participavam da Categoria Principal: “Já jogávamos. Eu, na verdade, quando cheguei em Manaus, eu joguei, participei de alguns campeonatos do Peladão. O pessoal me conhecia como Índio, né? E aí eu me destaquei, enfim. Cheguei até os 16 finalistas” (Informação verbal)²⁴¹. Mesmo assim, as concessões são feitas, pois a competição possui, no que se refere à organização dos times, algumas diferenças. Por exemplo, todos os jogos dos torneios indígenas são realizados na UFAM. Todavia, segundo José Carlos Pereira Cavalcante, há uma tendência dos indígenas se organizarem para tornar sua competição o mais parecida o possível com a Categoria Principal. Para eles o capricho que as equipes indígenas demonstram com os uniformes é um indicativo disso.

Pela exigência do regulamento, camisa e calção é exigido. Logicamente, nós somos um pouco flexíveis, porque, às vezes, as condições deles de comprar equipamentos, às vezes não tem, às vezes tem. A gente aceita o colete numerado do índio, mas isso no início. Hoje, a gente vê que eles mesmos se interessam em comprar também esses equipamentos. Hoje, se apresentam de forma elegante, com camisas numeradas, calções e, às vezes, uns bem vestidos. No ano passado, a maioria das equipes já estava bem equipadas. Isso é sinal que eles mesmos se preocupam em se apresentar bem. (Informação verbal)²⁴².

²⁴⁰ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

²⁴¹ MARICAÚ, Francisco Braga. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁴² CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

Assim como na Categoria Principal, a conquista do torneio é bastante valorizada pelos indígenas que procuram montar um time competitivo independentemente das etnias. Francisco Braga Maricaua explica que, apesar do seu time se chamar Kokama FC, há jogadores de várias etnias, mesmo sendo possível formar uma equipe exclusivamente de kokamas:

Tem time que é somente de uma etnia. O meu, por exemplo, ele é montado por várias etnias. O meu tem munduruku, tem saterê, tem kokama, tikuna, mas a maioria é kokama. Na verdade, a gente [kokamas]... dava pra montar só um time [...]. Mas a gente sai selecionando os melhores, seja da mesma etnia ou de outra. A gente vai fazendo essa seleção pra ir competir. A gente pega os melhores: melhor zagueiro, centro-avante, laterais, cabeça de área. Então, a gente procura montar o time pra competir, pra ganhar. (Informação verbal)²⁴³.

Não há, por parte da organização do Peladão, nenhuma política de incentivo de que as equipes representem etnias específicas, mesmo assim vários times possuem nomes de etnias – o que não significa que sejam formados exclusivamente por índios daquela etnia. Em 2008, alguns exemplos foram: Mawe, Wotchimaucu, Kokama e Revelação Saterê Mawe. Mesmo a formação dos times indicando uma importante ênfase no resultado, os participantes valorizam bastante a integração que o Peladão propicia à comunidade indígena. Simbolicamente, cria-se uma prática social do futebol híbrida entre a vontade de vencer e a vontade de participar. Entretanto, a integração é o aspecto mais valorizado tanto no discurso dos índios quanto dos organizadores do Peladão. Sidniz Pereira da Silva Filho expressa este hibridismo da prática social do futebol dos indígenas, que ao mesmo tempo em que realizam uma confraternização e se reúnem para expressar sua cultura, entram na competição com o objetivo de ser campeões, chegando a remunerar jogadores (FIGURA 22).

É interessante a competição indígena, eles fazem todo na Universidade do Amazonas, que é um espaço que eles já usam antes do Peladão, e no Peladão eles só passam a integrar esse espaço com outras comunidades, muita gente vai lá assistir e lá eles passam todos finais de semana. Eles fazem o peixe assado, o cozido, eles vivenciam como se fosse o domingo de lazer entre eles. Mas, também, entre eles tem um atleta com mais nível que quer receber nem que seja R\$10 ao final do jogo. E os índios, as equipes se organizam no sentido de ter esse atleta com mais qualidade na própria equipe. Aí eles buscam patrocinadores. (Informação verbal)²⁴⁴.

²⁴³ MARICAUA, Francisco Braga. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁴⁴ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

Como o campeão do torneio indígena tem a oportunidade de também ser campeão do Peladão²⁴⁵, Francisco Braga Maricaú explica que o objetivo esportivo dos indígenas é chegar até a final da Categoria Principal do Peladão e mostrar que possuem qualidade técnica: “A gente quer competir, a gente quer chegar no final do Peladão e explica pro time que já é conhecido aí que já tem anos e anos disputando o Peladão e a gente chegar em um patamar de jogar igual pra igual com certeza a gente procura dar o máximo de si” (Informação verbal)²⁴⁶ (FIGURA 22). José Carlos Pereira Cavalcante destaca esta vontade de vencer e diferencia o torneio indígena da Categoria Principal a partir da dinâmica do fato futebolístico, bem como através do *ethos* futebolístico calcada na lealdade e no respeito ao adversário.

A competição indígena é uma competição mais dura, mas acirrada, as pegadas mais fortes. Mas o que a gente observa a lealdade. A lealdade na competição indígena, ela existe com mais afinco que na competição de brancos. [...]. Não só no Peladão, mas você acompanha os campeonatos nacionais e internacionais, existe em alguns momentos a deslealdade, a falta de respeito, a falta de ética. E na competição indígena mesmo, e você notou isso aí, que diz que é um campeonato... Não! Tem jogadas ríspidas, duras, que, muitas vezes, o árbitro tem até dificuldade de conduzir uma partida, porque ele não está acostumado. Eles dão aquela pernada, disputam aquela pernada, dizem: “porra, vai se quebrar os dois”, mas eles já saem correndo. Não ficam naquele “ai ai”, como é costumeiro do homem branco fazer: tocou, fica lá meia hora parado. Ninguém pede tempo. Então, se fosse cronometrar um jogo indígena, de uma hora de jogo para o indígena e uma hora de jogo para o branco, o indígena joga 50 minutos ou mais, enquanto que o branco vai jogar 25, 30 minutos desses 60 minutos de jogo. São duros, são rígidos, às vezes, são até cruéis numa disputa de bola, mas de forma bastante ética e bastante respeitosa com o adversário. (Informação verbal)²⁴⁷.

No entanto, esta vontade de vencer aliada com o respeito pelos companheiros não é o principal elemento simbólico da competição indígena, apesar de ser ponto fundamental da apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol. As mais significativas territorialidades construídas pelos indígenas no espaço de representação do Peladão estão relacionadas ao estar junto, à socialidade pós-moderna, pois o Peladão propicia momentos de integração da comunidade indígena – em sua maioria aldeada –, em torno da prática social do futebol, o que orgulha os participantes, como expressa Francisco Braga Maricaú: “Todo mundo consegue

²⁴⁵ O campeão do torneio Indígena Masculino enfrenta o campeão do Paralelo de Rainhas, em um jogo chamado Cruzamento 01. Se vencer disputa, no Cruzamento 2, com o campeão do Paralelo do Interior uma vaga nas oitavas-de-final da Categoria. Até hoje nenhuma equipe indígena conseguiu vencer os cruzamentos.

²⁴⁶ MARICAÚ, Francisco Braga. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁴⁷ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

participar, trocar idéias, enfim, a festa é bonita. [...]. É um espaço que ninguém conquistou antes. E a gente consegue concentrar um número de indígenas bem grande. [...]. A gente quer deixar esse espaço futuramente para os filhos da gente” (Informação verbal)²⁴⁸. O sentimento trágico-dionisíaco fundamenta a socialidade dos índios, que formulam a partir do Peladão representações sociais de uma importante conquista, mas também como uma grande festa, através da qual se alcança o orgiasmo e na qual se pode manifestar diferentes aspectos das culturas indígenas.

O terceiro ponto no discurso de Arnaldo Santos sobre as categorias indígenas se refere à não-utilização da participação dos indígenas como instrumento de marketing do Peladão. Apesar de não existir uma política de usar os indígenas como propaganda do Peladão, é inevitável, devido às peculiaridades, que a participação deles se torne um importante elemento simbólico e distintivo do espaço de representação do Peladão. Para José Carlos Pereira Cavalcante não há intenção de utilizar a imagem dos indígenas, que se sentem valorizados por terem uma competição exclusiva: “Eles não se sentem excluídos nem diferenciados. Eles se sentem valorizados, porque eles tiveram uma competição sua. [...]. A competição indígena tem sua premiação própria: em espécie, premiação em troféus e medalhas” (Informação verbal)²⁴⁹. Todavia, as peculiaridades indígenas se fazem presentes tanto no cotidiano da competição quanto na cerimônia de abertura do Peladão. Os indígenas costumam jogar pintados e com adereços, a caráter, conforme explica Francisco Braga Maricaú: “Técnico vestido a caráter, jogadores... A gente tem equipamentos, tem bola [...], mas a gente sempre traz um adereço para dentro do campo que vai diferenciar nossa etnia enfim, a gente pode estar se identificando ali” (Informação verbal)²⁵⁰. A caracterização serve como elemento simbólico, como imagens em torno das quais as comunidades afetuais se agregam. Os adereços servem para distinguir as etnias e para valorizar a cultura indígena perante a grande massa do Peladão, construindo territorialidades. Já a pintura transfere um significado simbólico diferenciado ao próprio fato futebolístico e à prática social do futebol, pois remete aos antigos guerreiros que se pintavam para os combates, como explica Francisco: “A gente não se pinta somente pra se mostrar. Tem todo um significado histórico, enfim. Se jogar, nós tem que ir lá, por conta que

²⁴⁸ MARICAÚ, Francisco Braga. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁴⁹ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁵⁰ MARICAÚ, Francisco Braga. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

geralmente antigamente, as pessoas se pintavam pra luta, né? Uma disputa... Consegue mostrar como é que é, né? Jogar um futebol” (Informação verbal)²⁵¹. Estes elementos simbólicos se fazem presentes também na cerimônia de abertura do Peladão. Em 2008, os tais elementos simbólicos foram apropriados pela organização do Peladão quando, na abertura do evento, os indígenas carregaram as bandeiras do Brasil e do Amazonas caracterizados por adereços e pinturas (FIGURA 22)



FIGURA 22 - PELADÃO INDÍGENA

Fonte: Da esquerda para a direita e de cima para baixo: (1) A Crítica, 2005; (2) O autor; (3) A Crítica, 2008.

Legenda: (1) Página de abertura do Caderno de Esportes da A Crítica de 4 nov. 2005, ano do primeiro Peladão Indígena; (2) Indígenas, na Abertura do Peladão 2008, apresentando as bandeiras do Brasil e do Amazonas; (3) Premiação do Torneio Indígena Masculino 2008, vencido pelo time Funai FC.

Esta apropriação dos elementos simbólicos indica que a comunidade indígena foi incorporada e faz parte, efetivamente, do espaço de representação do Peladão não apenas como imagem para vender a competição. Entretanto, é inegável que a imagem

²⁵¹ MARICAUA, Francisco Braga. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

dos indígenas é um elemento que chama atenção ao espaço de representação do Peladão. Isto pode ser observado nos filmes “Peladão” (2004) e “The beautiful game” (2006). O primeiro foi filmado em 2004, ano em que não havia ainda as competições indígenas. Mesmo assim, o documentário (PELADÃO, 2004) começa mostrando uma comunidade indígena e seu chefe explicando que o futebol está presente na vida cotidiana da comunidade, sendo que, inclusive, ele e alguns outros indígenas participaram do Peladão, pela Categoria Principal, mas sem muito sucesso:

Um colega meu chegou bem assim: “Ramon, bora participar do Peladão esse ano?”. Eu digo “bora, só que eu não sei os critérios”. “Mas eu te ensino o que é preciso: tem que ter o nome do time, o campo, o responsável pelo time e a sua rainha pra desfilar, pra apresentar o time na seleção das candidatas a Rainha do Peladão”. E aí a gente foi. Nós participamos de duas rodadas. Depois, há uma desclassificação por não estar todo mundo jogando, por não cumprir horário. Mas foi mais isso a nossa participação assim. Bem rápida no Peladão.

O mesmo indígena que aparece no filme “Peladão” (2004) foi escolhido como representante da formação discursiva dos indígenas também na produção “The beautiful game” (2006). Novamente os indígenas são mostrados em sua aldeia, mas desta vez treinando para o Peladão. As imagens do treino dos indígenas são intercaladas com a do treino do Compensação EC – uma das grandes equipes do Peladão – de modo a estabelecer uma comparação e denotar que o método de treinamento dos indígenas é pitoresco. Além disso, a narração do filme alega ser a integração entre o campeonato Indígena Masculino e a Categoria Principal apenas parcial, pois apenas o campeão Indígena Masculino tem a chance de disputar o título do Peladão. No entanto, o número de equipes da categoria Indígena Masculino (nunca acima de nove) não justificaria o ingresso de mais participantes nas fases finais da Categoria Principal. Partindo de um *ethos* discursivo – que permeia todo o documentário –, que visa suscitar dúvidas quanto às decisões e procedimentos tomados pela organização do Peladão, o filme traz o depoimento de Ramon, que insinua ter sido desfavorecido propositalmente pela arbitragem: “A gente vê muita coisa acontecendo a respeito de alguma coisa de fraude, né? Então, no campeonato, no futebol não é diferente. Então a gente tem essa... Fica meio que com essa noção de que alguém puxou alguma coisa” (THE BEAUTIFUL, 2006). Este depoimento de Ramon contrasta com o prestado no outro documentário, quando afirma que seu time havia sido desclassificado por não cumprir com suas obrigações. Mesmo duvidando da probidade do torneio, Ramon continua sendo participante assíduo do Peladão Indígena.

5.1.9 Peladinho

O Peladinho foi a segunda categoria criada no Peladão, em 2001. Na primeira edição, o torneio para jovens de 12 a 14 anos contou com a participação de 36 equipes. Em 2008, a competição reuniu 1.007 garotos divididos em 48 times. Emanuel Mendes Siqueira explica que o Peladinho vai além de um torneio de futebol, se tornando também uma ferramenta de educação: “Criado para a garotada que, no futuro, vai manter viva a tradição do futebol brasileiro, o Peladinho é disputado seguindo regras especiais, tirando garotos das ruas e ensinando-lhes, desde o início, os princípios educativos do esporte”²⁵². O discurso pautado em um *ethos* otimista do jornalista é endossado tanto pelo regulamento do Peladão quanto pelo discurso dos organizadores do torneio. O processo de inscrição para o Peladinho é mais rigoroso do que para as outras categorias do Peladão. Além de ter que apresentar a carteira de identidade dos jogadores, os dirigentes devem entregar, junto à ficha de inscrição de seus atletas, uma autorização do responsável e uma declaração atualizada²⁵³ de estar cursando o ensino regular. Sidniz Pereira da Silva Filho explica que esta iniciativa não tem como objetivo impedir a participação daqueles que não estão matriculados no ensino regular, mas estimular os estudos.

E no Peladinho, todos têm que estudar, lógico. Abrimos as inscrições em junho e só recebemos declaração escolar emitida após a data de abertura de inscrição. [...]. Pra aquele aluno que foi matriculado lá em janeiro, fevereiro que ele seja aluno e realmente freqüente a escola pra que ele possa participar do Peladão. [...]. Não é no sentido de afastá-lo do evento. É no sentido de que ele, através dos superiores da equipe, dos pais, ou dos dirigentes, ou do treinador, eles possam realmente ter a busca, o objetivo, o interesse pelo estudo. E indiretamente o Peladão proporciona isso. (Informação verbal)²⁵⁴.

Além da exigência do estudo, o regulamento do Peladinho, segundo Arnaldo Santos, está de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente. No entanto, apesar da pouca idade e não diferentemente da lógica das categorias de base do futebol profissional, alguns jogadores do Peladinho almejam jogar nos clubes profissionais, ao mesmo tempo em que são almejados por estes.

²⁵² SIQUEIRA, Emanuel Mendes. **Peladão**. Manaus, 2008.

²⁵³ A partir de 01 de julho do ano da competição.

²⁵⁴ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

O nosso regulamento, ele atende – eu tive o cuidado de falar com os juristas, ele está adaptado ao Estatuto da Criança [e do Adolescente]. Nós temos esse cuidado. Qualquer modificação que haja, ela vem em função disso, porque o medo é educar. Só que, na capital, cresceu tanto que eles já passam pra competição. Tem garotos valem mais dinheiro que qualquer outro lugar. Tem talento, o clube já pega aqui e empurra lá pra outro lugar, pro Flamengo. Eu sempre falo Flamengo, porque todo mundo é Flamengo. (Informação verbal)²⁵⁵

Esta ética dupla entre a educação e a competição, entre a simples participação e o sonho de se tornar jogador profissional é inerente aos torneios de crianças e jovens. Tal ética não é observada apenas entre os times do Peladinho e os clubes profissionais, mas também entre a mídia local e à organização do Peladão. A importância de os jogadores se manterem estudando, enquanto almejam seguir carreira no futebol profissional, é frisada no discurso de Emanuel Mendes Siqueira: “Os jogadores do Peladinho podem continuar sonhando com um futuro promissor nos gramados, ao mesmo tempo em que continuam estudando”²⁵⁶. O discurso dos organizadores do Peladão também é rico em representações sociais que remetem a esta ética dupla. Se para Arnaldo Santos, o Peladinho é uma maneira de estimular os garotos a permanecerem no colégio, de promover a saúde, cultivar valores e cidadania, o torneio também é uma oportunidade dos atletas iniciarem uma carreira de jogador profissional. A própria escolha da idade dos jogadores que podem participar demonstra uma preocupação com um possível futuro do atletas nas categorias de base dos clubes profissionais (a categoria juvenil vai de 15 a 17 anos). Nas palavras de Arnaldo Santos, a revelação de jogadores não é uma mera consequência do Peladinho, mas um dos objetivos, uma “nova mentalidade”.

O futebol de performance, oficialmente regulamentado, é de 15 anos pra cima, só pode de 15 anos pra cima –, então eu disse “vamos fazer de 12 a 14 anos porque nós fazemos uma injeção: quem for craque, quem se revelar na competição” – são garotos e eu tive cuidado de conversar com fisiologista, tudinho, pra ver se não há nenhum problema neste sentido – “então, se o garoto tem talento, ele vai pros clubes”. Nós temos muitos jogadores que estão no Flamengo, no Grêmio, não sei daonde, um bocado de coisa. [...] Aí, se não tem [condições de se profissionalizar], ele vai continuar no Peladão, porque ele faz 15 anos e continua jogando no Peladão. Então, nós estamos injetando uma nova mentalidade, renovando valores. E essa é a fórmula. (Informação verbal)²⁵⁷.

²⁵⁵ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁵⁶ SIQUEIRA, Emanuel Mendes. **Peladão**. Manaus, 2008.

²⁵⁷ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

Esta nova mentalidade é mais evidente em dois times do Peladinho: 3B e Curumim. Das oito edições do torneio, o 3B venceu cinco e o Curumim duas²⁵⁸. O 3B, time do empresário João Bosco Brasil Bindá, possui estrutura de um clube profissional, contando com um dos melhores Centros de Treinamento de Manaus (FIGURA 23). O Curumim é o time do Peladinho que deu origem ao Holanda, clube profissional, campeão amazonense de 2008. Paulo Radin, presidente e fundador do Curumim, explica que seu time o 3B são os únicos em Manaus que fazem um trabalho sério de formação de jogadores, que vem acompanhado por um trabalho social. Segundo Radin, a diferença fundamental entre seu time e o 3B é que enquanto o foco deste é comercial, o do Curumim é social.

Porque a gente, com o instituto, com essa coisa do viés social, faz trabalho o ano todo. Não é só na hora da competição. E aí está uma diferença essencial. O 3B não faz isso. [...]. Qual o objetivo fundamental do Bosco? [...]. É divulgar a marca dele. O objetivo central dele não é o social e sim o comercial, mas com esse objetivo ele fazia o trabalho social e bem feito. [...]. Então merece elogio. [...]. O Bosco, com o 3B, ele fazia um trabalho social, mas o foco dele não era social não. O foco dele era ganhar a competição e divulgar a marca. É comercial. Só que pra fazer isso, pra atingir o objetivo dele, ele se obriga a fazer a parte social, que é dar um bom treinamento, dar condição, dar transporte, o menino tem que estar na escola, etc. e tal. Fazia o social. O nosso foco é diferente. A partir do trabalho social, quem se destaca vai competir pra chamar atenção dos demais, pra incluir mais. Quer dizer, o foco é o social, que participa de uma competição e aí a competição soma mais gente pra permanecer. São focos diferentes. Eu não tenho objetivo comercial. Eu não ganho dinheiro com isso. Eu não tenho marca pra vender. E ele tem. Mas só quem fazia [trabalho de base no Amazonas] era o Curumim e o 3B. (Informação verbal)²⁵⁹.

O discurso de Radin procura valorizar tanto o trabalho social quanto o de formação das equipes do Peladinho. Ele produz o efeito de sentido de que o trabalho social realizado pelo Curumim é tão bom que consegue formar uma equipe competitiva e jogadores com perspectivas de futuro no futebol profissional. Ao mesmo tempo, produz o efeito de sentido de que o trabalho de formação de jogadores e de divulgação da marca do 3B é tão bom que consegue realizar um importante trabalho social. Diferenças a parte, os dois times dialogam de maneira muito estreita com o futebol profissional do Amazonas e do restante do país. Os investimentos no Centro de Treinamento do 3B têm, realmente, o objetivo de formar jogadores e negociá-los, conforme explica Virgílio – que além de disputar o Peladão como jogador, é coordenador do CT do 3B: “O que nós tentamos fazer é trabalhar a garotada para

²⁵⁸ Quando o Curumim venceu seu primeiro título, ele se chamava Projeto Manaós Petrobrás.

²⁵⁹ SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

mandá-los pra fazer o trabalho fora daqui do Norte, pra tentar a sorte. [...]. A gente trabalha a garotada pra tentar futuramente eles terem um futuro muito bom no futebol” (Informação verbal)²⁶⁰.



FIGURA 23 - PELADINHO

Fonte: De cima para baixo - (01) O autor; (02, 03 e 04) Emanuel Mendes Siqueira.

Legenda: (01) Centro de Treinamentos do 3B; (02, 03 e 04) Jogos do Peladinho.

O discurso de Virgílio, além de produzir o efeito de sentido de que o foco do trabalho do 3B é a formação de jogadores, é rico em representações sociais negativas em relação ao futebol profissional da Região Norte, pois produz o efeito de sentido de que um bom futuro no futebol só pode ser alcançado se o garoto se profissionalizar em clubes de outras regiões. A crítica ao futebol profissional de Manaus não é exclusiva do coordenador do CT do 3B. Paulo Radin também acusa os clubes de não realizarem trabalho de formação sério, com visão profissional. Ele aponta esta como a principal justificativa para a criação de um clube profissional, que continuaria o trabalho feito com os garotos do Curumim.

²⁶⁰ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

O que é o Holanda? A gente passou a ser cobrado quando os meninos chegavam aos 17, 18, 19 anos, eles saíam; paravam de frequentar este núcleo de Curumim e iam beber, voltavam pras drogas, voltavam à marginalidade. Se perdia todo aquele trabalho que tinha sido feito durante dois, três, quatro anos. Não havia continuidade, porque no amador você não tem clubes profissionais. [...]. Você não tem clubes com a visão profissional. [...]. Aí “vou registrar o Curumim na Federação [FAF] para disputar as categorias de base da Federação: infantil, juvenil, juniores. Daí eu tenho um trabalho de continuidade pra garotada, até alguém se destacar – juvenil, juniores –, poder começar a arrumar emprego, entrar na faculdade, já estar encaminhado, aquela coisa toda, vai seguir como atleta profissional”. A idéia era mais ou menos essa. Aí o Curumim não cumpria as exigências da CBF pra ser registrado. “Então o que a gente faz?”. “Tem vários nomes aqui que já estão federados, que já tem o direito federativo, mas estão aí jogados”. A história é comprida, então eu resumo. Eu acabei ficando com este Holanda. (Informação verbal)²⁶¹.

Entretanto, a lógica profissional não se faz presente no Peladinho apenas como uma seqüência para aqueles garotos que se destacam. É possível afirmar que esta é a categoria que dialoga de maneira mais estreita com o futebol profissional, pois uma das finalidades de uma considerável parte de suas equipes é a formação de jogadores. Assim como na Categoria Principal, há jogadores que recebem para jogar por determinadas equipes, prática que faz parte do universo simbólico do espaço de representação do Peladão, mas que se aproxima sobremaneira de uma lógica de competitividade e de mercantilização, conforme explica Sidniz Pereira da Silva Filho.

Tem atleta no Peladinho que pra assinar com determinada equipe, ele recebe um tênis Nike, ele recebe em razão da faixa etária dele, ele gosta de ter um vídeo game de última geração e pra ele assinar quando ele já tem uma história dentro do campeonato, tem um nível técnico muito bom e a equipe quer se fortalecer tendo ele na equipe, o dono, o proprietário, o dirigente, o patrocinador satisfaz essa criança. Então isso a gente sabe porque tem o conhecimento, mas nós não temos gerência sobre isso. Nós não alimentamos isso porque não é isso que o Peladão busca. Mas quem quer ser campeão, tem recurso a mais, naturalmente, ele vai ter um resultado melhor. Então isso o Peladão também tem. (Informação verbal)²⁶².

Portanto, as territorialidades do Peladinho se constroem a partir de uma ética dupla entre o lúdico e o competitivo; entre a valorização dos estudos e a preparação para o profissionalismo; entre elementos dos espaços de representação do futebol amador e do profissional. No entanto, estas duas éticas convivem de maneira concomitante em toda estrutura organizacional do Peladinho, desde a organização até os times, desde os dirigentes até os jogadores. O discurso da formação de jogadores e times competitivos convive com o de valorização do trabalho social.

²⁶¹ SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

²⁶² SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

5.2 CONCURSO DE RAINHA DO PELADÃO

Elas são em 400, que vai 100, que vai a tantas, até poder chegar a 1. Então, a mais preparada é a que ganha. Agora, qual é o preparo disso? É tudo: é educação, é comportamento, é beleza plástica, é beleza facial, é beleza intelectual. Tudo isso conta. E pra algumas moças passa despercebido, elas não atentam pra isso, elas não entendem que têm que se preparar. Então, a candidata acha que se ela ficar muito na balada, nas festas, usar a sainha muito curtinha, ficar se insinuando, isso ajuda. Não ajuda. (Informação verbal)²⁶³.

É o calor do povo que vai escolher a Rainha. (Informação verbal)²⁶⁴.

Se o espaço de representação do Peladão admite uma grande variedade de apropriações dos elementos simbólicos, produzindo diversas e complexas territorialidades construídas a partir do fato futebolístico, é no concurso de Rainha que o espaço de representação do Peladão encontra algumas de suas mais ricas e peculiares apropriações simbólicas. Isto porque o concurso de Rainha do Peladão e o torneio de futebol são interdependentes – não no sentido de que o resultado de um determina o do outro, mas de que se toda candidata precisa de um time, assim como todo time necessita de uma Rainha. Além disso, conforme já apresentamos, os resultados nas passarelas podem credenciar equipes eliminadas da Categoria Principal a voltar a lutar pelo título do Peladão.

Se não bastassem todas essas características relações que o concurso de beleza feminina mantém com o torneio de futebol, o concurso de Rainha do Peladão é, por si só, um evento bastante valorizado no Amazonas, conforme explica Emanuel Mendes Siqueira: “Nos últimos anos, o concurso transformou-se no primeiro objetivo das meninas que sonham com a carreira de modelo, chegando a superar em *status* o Miss Amazonas”²⁶⁵. O discurso de Emanuel Siqueira produz um efeito de sentido consonante com grande parte das representações sociais que circulam no espaço de representação do Peladão: o de que o concurso de Rainha é capaz de propiciar grandes oportunidades futuras às participantes. Este efeito de sentido é encontrado no discurso dos organizadores, da mídia e das próprias participantes. Dissica Calderaro, diretor de marketing corporativo do Grupo Calderaro, aponta o concurso como um

²⁶³ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁶⁴ BRAGA, Livia Vanessa Duarte. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

²⁶⁵ SIQUEIRA, Emanuel Mendes. **Peladão**. Manaus, 2008.

momento em que as candidatas podem desenvolver amizades e constituir uma rede de contatos importante tanto para suas possíveis aspirações como modelo quanto para suas vidas cotidianas: “Eu costumo dizer, inclusive, quando tem reunião das Rainhas, que elas aproveitem esse momento, porque ali, naquele grupo, elas podem desenvolver amizades, conhecimento, podem criar ali um networking, que pode ser importantíssimo para o futuro delas” (Informação verbal)²⁶⁶. Entre as participantes, o concurso possui um grande valor simbólico não apenas como oportunidade de seguir carreira de modelo, mas também de ser reconhecida por sua beleza e de representar uma grande comunidade, uma grande massa afetual, que é o Peladão, conforme afirma Livia Vanessa Duarte Braga, Rainha do Peladão 2007: “Pra mim significa muito ser a Rainha do Peladão, porque representa a beleza da mulher do futebol. Então, representar o Peladão, pra mim, está sendo uma honra” (Informação verbal)²⁶⁷.

Em Manaus e no interior do Amazonas, a valorização simbólica do título de Rainha se conjuga com a prática social cotidiana das candidatas, de seus familiares e, às vezes, até da comunidade dos participantes do torneio de futebol do Peladão. Isso faz com que o concurso de Rainha crie uma montagem mitológica de base trágico-dionisíaca, mas também, a partir de uma construção simbólica, se configure como um objetivo de realização pessoal e financeira das candidatas, já que a vencedora recebe como prêmio um carro 0 km. Patrícia Gabrielle Bezerra Hoornweg van Rij, sexta colocada em 2007 e Princesa do Peladão 2008²⁶⁸ pelo time da CIA 12 / FC, expressa esse duplo desejo: “Quem não quer ser, aqui no Amazonas, Rainha do Peladão? Todas as meninas almejam esse título e eu também almejo o título e, principalmente, o carro, que é o prêmio pro primeiro lugar” (Informação verbal)²⁶⁹. Se para as candidatas o carro é tão importante quanto o título de Rainha do Peladão, para Kid Mahall, coordenador do concurso, o título é um importante capital simbólico que também pode se converter em capital econômico e social.

O bom massageador do ego do ser humano são os títulos que ele carrega, né? [...]. Então, se você tem um título de Rainha do Peladão, esse título, ele vai pro resto da sua vida, vai ficar nos anais da história. Daqui a dez anos, mesmo que não exista Peladão, mas vão estar lá nossos relatórios no ano tal

²⁶⁶ CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

²⁶⁷ BRAGA, Livia Vanessa Duarte. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

²⁶⁸ A Princesa do Peladão é a 2ª colocada do concurso de Rainha. Ela ganha um prêmio de R\$ 2.000.

²⁶⁹ RIJ, Patrícia Gabrielle Bezerra Hoornweg van. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

essa foi a moça que foi Rainha do Peladão. E isso, pra cidade de Manaus, se tornou uma coisa importante, como eu te falei. Porque o Peladão, ainda, é como se fosse o Miss Amazonas. Porque a Rainha do Peladão, com a forma que ela é divulgada, ela é convidada para lugares, para eventos, para fazer desfiles promocionais. (Informação verbal)²⁷⁰.

Os efeitos de sentido do discurso de Kid Mahall são endossados pelo discurso de Livia Vanessa Duarte Braga e pelo sucesso em transformar o capital simbólico, de ter vencido o concurso, em capitais econômico e social das Rainhas dos anos anteriores. Livia Braga explica que ter ganhado o concurso de Rainha do Peladão proporcionou a ela, rapidamente, se tornar bastante reconhecida em seu bairro e passar a gozar de um status simbólico de celebridade: “No meu bairro sim. Todo mundo fala: ‘Olha a Rainha’. No primeiro dia em que ganhei, eu fui tomar café na feira. Aí eu chegando lá: ‘Olha a Rainha do Japiim!’. Aí eu: ‘Nossa!’. Tirei foto. Tirei bastante foto” (Informação verbal)²⁷¹. O discurso de Livia deixa transparecer algumas complexas territorialidades e agregações afetuais do espaço de representação do Peladão. Ao dizer ter sido reconhecida como a “Rainha do Japiim” (bairro da Zona Sul de Manaus), Livia expressa de que forma a vida comunitária está bastante presente na dialética da existência pós-moderna de Manaus e de seu bairro, bem como a vida cotidiana pós-moderna se encontra interligada com a prática social (do futebol) do espaço de representação do Peladão. Os moradores do bairro constroem, assim, territorialidades e representações sociais em torno de *sua* Rainha. No entanto, a “Rainha do Japiim” representava um time do bairro da Compensa – o Águas do Amazonas – e, ao se tornar Rainha do Peladão, passou a representar globalmente o Amazonas, simbolizando a beleza feminina deste estado. Assim, Livia, como Rainha do Peladão, simbolicamente, reforçou tanto os laços identitários locais (Japiim) quanto globais (Amazonas) (FIGURA 24).

Se o capital simbólico é, naturalmente, pela própria essência comunitária e afetual do Peladão, transformado em capital social, ele também pode se converter em capital econômico. Esta conversão pode ocorrer através da considerável premiação de um carro popular 0 km – a mesma oferecida para o time campeão da Categoria Principal. Se no caso do time, o prêmio tem que ser dividido pelos atletas, treinadores e dirigentes ou mesmo utilizado para pagar as despesas, o prêmio do concurso de Rainha do Peladão é entregue para apenas uma pessoa. Kid Mahall explica que, em

²⁷⁰ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁷¹ BRAGA, Livia Vanessa Duarte. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

certos casos, pode haver algum tipo de acordo entre a Rainha e o time de futebol para divisão do prêmio, mas que o que é feito com o carro entregue não compete à organização do Peladão: “Para o Peladão, o carro é dela. Se ela vai vender, ratear com o time pra gente pouco importa. Se ela vai vender, pagar a faculdade, se ela vai continuar com o carro, pra gente não interessa. Nosso compromisso é entregar” (Informação verbal)²⁷².



FIGURA 24 – LÍVIA, A RAINHA DO JAPIIM E DO AMAZONAS

Fonte: (01) Emanuel Mendes Siqueira; (02) O autor.

Legenda: (01) Livia durante uma partida de bairro (02) e na Cerimônia de Abertura do Peladão 2008.

A conversão de capital simbólico em econômico pode ocorrer de diferentes formas além da premiação. O maior símbolo de conversão do capital simbólico em capital econômico e social é Priscilla Meirelles de Almeida, Rainha do Peladão 2001. Depois de se tornar Rainha do Peladão, Priscilla Meirelles conquistou os títulos de Miss Amazonas Globo 2003, Miss Amazonas 2004, Miss Brasil Globo 2003, Miss Globo Internacional 2003 e Miss (Planeta) Terra 2004 – um dos quatro mais importantes concursos de beleza do mundo (FIGURA 25). Além disso, Priscilla Meirelles trabalha como modelo nas Filipinas, onde goza de grande prestígio, tendo sido convidada para ser a primeira capa da edição local da Playboy, em 2008

²⁷² MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

(FIGURA 25). Segundo Kid Mahall, o sucesso de Priscilla Meirelles não mostra apenas que o concurso de Rainha do Peladão é uma oportunidade de ingresso na carreira de miss ou modelo, mas que o concurso é idôneo: “Logo nos primeiros anos [como coordenador], eu tive a felicidade de ter a Priscilla Meirelles como Rainha do Peladão. [...]. Isso mostrou, ou seja, pelo discurso dela, pelo trabalho que realizamos a veracidade do nosso concurso” (Informação verbal)²⁷³.



FIGURA 25 - PRISCILLA MEIRELLES

Fonte: (01) CHINADAILY. **Miss Earth 2004 beauty pageant**. Disponível em: <http://www.chinadaily.com.cn/english/doc/2004-10/25/content_385531.htm>. Acesso em 13 out. 2008.; (02) G1. **Com brasileira na capa e sem nu frontal, 'Playboy' chega às Filipinas**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL384446-7084,00-COM+BRASILEIRA+NA+CAPA+E+SEM+NU+FRONTAL+PLAYBOY+CHEGA+AS+FILIPINAS.html>>. Acesso em 13 out. 2008.

Legenda: (01) Priscilla Meirelles recebendo o título de Miss Terra; (02) Priscilla Meirelles como capa da primeira edição da Playboy das Filipinas.

Apesar de ser, na formação discursiva dos organizadores do Peladão, o maior símbolo do sucesso do concurso de beleza do Peladão, Priscilla Meirelles não representa, segundo Kid Mahall, uma exceção entre as Rainhas. O coordenador do concurso fornece uma série de exemplos de vencedoras que ingressaram nas carreiras de miss, modelo ou apresentadora de televisão, além de terem utilizado o

²⁷³ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

dinheiro do carro para financiar os estudos. Assim, Kid Mahall conclui que o prêmio é secundário se comparado com as possibilidades de conversão do capital simbólico em outros tipos de capital, que ser a Rainha do Peladão oferece.

Da Priscilla [Meirelles] até a Livia [Braga], todas se deram muito bem. A Priscilla foi hoje pras Filipinas e ela se tornou uma popstar naquele país. Se você entrar na internet você vai ver, a mulher tá em tudo que é lugar. Até capa de Playboy de lá ela já foi. Depois veio a Saara Adla, que abriu mão, que não quis investir nessa carreira de modelo. Ela quis investir na carreira de fisioterapeuta. Ela pagou a faculdade sem investir nisso. A Gabi [Gabrielle Costa de Souza] investiu. A Gabi, hoje, ela faz assessoria para o Miss Brasil, nos municípios, no interior do estado, trabalhando. E hoje casou com o irmão do governador [Eduardo Braga] e então está fazendo este trabalho. E, assim, tem muitas moças que investiram muito nisso. Duas estão na televisão apresentado programa, que é a Liana Paula e a Kamila Jenifer e assim vai. Por isso que o Peladão, ele muda a vida da cidade por conta disso, porque é importante pra ela – claro que é legal, é bom você ter um carro hoje –, mas o título também é muito importante. Importante pra que ela possa ser cobiçada. (Informação verbal)²⁷⁴.

No entanto, para ser “cobiçada”, para se tornar um símbolo de beleza na socialidade manauara, para vencer o concurso de Rainha do Peladão, a trajetória que as candidatas precisam se submeter não é simples. Qualquer uma pode se inscrever no concurso, desde que tenha 15 anos²⁷⁵ ou mais e resida no Amazonas. Em 2008, foram 428 candidatas inscritas²⁷⁶, o mesmo número de times que entregaram toda documentação para participar da Categoria Principal. Como as territorialidades do espaço de representação do futebol do Peladão estão fortemente atreladas à dialética da existência pós-moderna dos bairros de Manaus, a maioria das candidatas é da periferia. As candidatas, segundo Kid Mahall, têm como perfil estar cursando Ensino Médio ou Superior e que sonhar com a carreira de modelo.

Tem moças da faixa etária de 14 anos e vai até assim... O forte mesmo é até uns 23, 24 anos. Escapa algumas coisas pra poder... Como é uma inscrição obrigatória, ela acaba entrando no bolo. Mas, aqui, o que a gente percebe é o seguinte: que a procura [é de candidata] cada vez mais nova, porque tem aquele sonho paralelo, de muitas delas, de se tornar modelo. Em Manaus, com o advento dos shoppings, que estão surgindo aí com oportunidades, porque está tendo muita revista de moda. Então, é uma oportunidade poder participar de um desfile de moda, participar de um comercial de televisão, isso

²⁷⁴ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁷⁵ Para participar, as candidatas menores de idade devem apresentar autorização do responsável.

²⁷⁶ Sem contar as candidatas do Indígena Masculino e dos municípios do interior.

enche os olhos. E a escolaridade é muito balanceada entre Ensino Médio e universitárias. (Informação verbal)²⁷⁷.

São observados dois interessantes efeitos de sentido no discurso de Kid Mahall. O primeiro deles é de que as candidatas estão, em média, cada vez mais jovens, pois sonham com uma futura carreira de modelo. Até 2008, o limite mínimo de idade para as candidatas não estava explícito no regulamento, sendo que Livia Vanessa Duarte Braga venceu, em 2007, o concurso com apenas 14 anos. No entanto, o sonho da Rainha do Peladão 2007 não é de seguir a carreira de modelo, mas de miss, pois acredita que seu perfil corporal não se enquadra no padrão exigido para modelos: “Bom, eu pretendo... Não carreira de modelo, mas sim carreira de Miss. [...]. Carreira de modelo é como eu te disse ainda agora: é muito magrinha, eu não sou assim. Eu sou do corpão. Então eu prefiro participar de concurso de Miss” (Informação verbal)²⁷⁸.

O segundo efeito de sentido do discurso de Kid Mahall se refere à obrigatoriedade do desfile da candidata a Rainha para o time poder participar da Categoria Principal. Esta condição, segundo o coordenador do concurso de Rainhas, faz com que haja muitas candidatas desinteressadas ou sem o perfil adequado. Há, portanto, dois grandes perfis de candidatas a Rainha do Peladão: as que sonham em seguir carreira (de modelo ou miss) e as que participam apenas para credenciar o time ao torneio de futebol. Segundo Kid Mahall, o desinteresse inicial de parte das candidatas acaba dificultando seu trabalho como coordenador, pois esta postura entra em conflito com o grande interesse de outras candidatas no concurso. Além da discrepância de interesses, o elevado número de concorrentes nas primeiras fases e a origem das candidatas são fatores que dificultam a organização do concurso.

Com relação ao trabalho com as meninas, no dia-a-dia, então, é um negócio difícil, porque, na abertura, muitas das candidatas não têm interesse. Elas vêm por conta do namorado, do marido, do parente, do primo, do tio que colocou. Então, ela vem, realmente, pra cumprir uma tabela. No desenvolver do jogo, da competição é que a gente vai tentando despertar nela que ela está com uma oportunidade na mão e que ela pode mudar a vida dela a partir dali. Já aconteceu de moças que chegaram, foram, foram e quando estava naquela pressão, gostou, “poxa”, queria continuar e tal. E também têm aquelas outras candidatas que têm o intuito de querer ganhar, que se prepara, que batalha e tem consciência do que é participar do Peladão. Agora, você trabalhar, depois dessa fase de 400 candidatas, trabalhar com 100 candidatas, ainda é muito grande. A dificuldade de relacionamento por conta de interesses adversos é um negócio muito difícil, porque as candidatas vêm de uma estrutura familiar muitas vezes fragilizada, vêm de uma comunidade ainda

²⁷⁷ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁷⁸ BRAGA, Livia Vanessa Duarte. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

muito fragilizada e os vícios que elas trazem para a competição são muito grandes, embora nossa função aqui não seja consertar nada, mas sim disciplinar. Tanto é que elas não recebem aula de caminhar em passarela, aula de modelo, nada disso. Elas recebem orientações para disciplina no andar, disciplina no cuidar do cabelo, disciplina na maquiagem. (Informação verbal)²⁷⁹.

O discurso de Kid Mahall revela um efeito de sentido de que a maioria das candidatas não ingressa no concurso preparada para disputar, ou seja, não têm a disciplina necessária no andar, na maquiagem e no cuidado com a aparência. Apesar de a organização do Peladão não ter a função de ensinar as candidatas a se tornarem modelos ou misses, ela, através do regulamento do concurso, faz algumas restrições e orientações: “nos ensaios é obrigatório o uso de salto alto, para adaptação e aperfeiçoamento no andar”; “é terminantemente proibido o uso de adornos brilhosos, apliques, lentes de contato (sem recomendação médica) e uso de outros artifícios capazes de tirar a naturalidade das candidatas”; “as candidatas deverão manter discrição de seus atos durante os ensaios, passeios nos camarins e em público” (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 26). Tais restrições são maneiras tanto de facilitar a convivência das candidatas quanto de igualar as condições de competição.

Todas as candidatas são submetidas, trajando biquíni, a ensaios fotográficos e filmagem antes da abertura (FIGURA 26). O material produzido nessas sessões é utilizado, juntamente com o parecer dos jurados, para a seleção das candidatas classificadas para as Eliminatórias. Todas as candidatas desfilam ao mesmo tempo (FIGURA 26). Em 2008, das 361 que desfilaram, foram escolhidas 105 (as 100 melhores, mais 5 que haviam sido finalistas em 2007). A decisão das classificadas para a segunda fase é feita por uma comissão, composta por Arnaldo Santos, sua esposa, Kid Mahall e outros membros. Segundo Kid Mahall, a comissão, que já atua a cerca de cinco anos, é formada por “pessoas que já conhecem o perfil do que nós queremos” (Informação verbal)²⁸⁰. Segundo o regulamento, os critérios para a seleção das candidatas são: beleza corporal, simpatia e expressão corporal (XXXVI CAMPEONATO, 2008).

²⁷⁹ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁸⁰ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.



FIGURA 26 - SESSÃO DE FOTOS E DESFILE DE ABERTURA DO PELADÃO 2008

Fonte: Da esquerda para a direita e de cima para baixo - (01 e 02) Emanuel Mendes Siqueira; (03 e 04) O autor.

Legenda: (01 e 02) Sessões preliminares de foto e filmagem das candidatas de biquíni; (02) Candidatas desfilando perante o público e os jurados, a abertura do Peladão 2008, no Vivaldão; (04) Jurado fazendo anotações sobre as candidatas.

Apesar de uma grande programação – envolvendo o jogo interestadual Curumim x Baré e outro entre o campeão (Unidos da Glória) e o vice (Compensação) da Categoria Principal de 2007, arbitrado por Ana Paula Oliveira –, a principal atração da abertura do Peladão 2008 foi o desfile das candidatas a Rainha, além da aparição da Rainha do Peladão 2007 (FIGURA 27). Durante o desfile das candidatas, o público da abertura atingiu seu ponto mais alto (7.000 pessoas). Podemos apontar dois fatores para tal. O primeiro é que a beleza feminina atrai o público, que quer ver as candidatas desfilando – o que seria mais interessante do que um jogo de futebol, que faz parte da vida cotidiana pós-moderna de grande parte dos presentes na abertura. O segundo é que como grande parte das Rainhas estão inseridas em comunidades afetuais, que compartilham representações sociais e convivem cotidianamente, os membros destas comunidades têm grande interesse de verem desfilar suas representantes. Uma fator

não exclui o outro. No entanto, o primeiro deles possui uma abrangência maior, visto o interesse que os meios de comunicação nacionais e internacionais demonstram pelo concurso. Neste aspecto, a reportagem “O maior campeonato do mundo”, da revista Placar (AQUINO, ago. 2004, p. 13), é uma exceção, pois enfatiza o torneio de futebol, mencionando o concurso de beleza como condição de participação das equipes. Já a reportagem “Onze rainhas”, da Folha de S. Paulo (LAJOLO, 08 jan. 2005, P. D1), cujo assunto principal é a final do Peladão e o advento da categoria Feminina, faz constantes alusões ao concurso de Rainha, tendo como a foto principal a do desfile das candidatas na abertura do Peladão que ocorrera há mais de três meses. Entretanto, são os discursos estrangeiros sobre o Peladão, os que mais enfatizam o concurso de Rainha, tratando a associação entre o futebol e a beleza feminina como a própria essência brasileira (PELADÃO, 2004; THE BEAUTIFUL, 2006).



FIGURA 27 - APARIÇÃO DA RAINHA DO PELADÃO E DESFILE DAS CANDIDATAS

Fonte: Da esquerda para a direita e de cima para baixo - (01 e 04) O autor; (02 e 03) A Crítica, 2008.

Legenda: (01) Livia Braga, Rainha do Peladão 2007, chegando de helicóptero, na cerimônia de abertura do Peladão 2008; (02) Rainha, candidatas, equipe de arbitragem e times do Curumim e do Baré perfilados para a execução do Hino Nacional; (03) Desfile da Rainha do Peladão 2007 e da Rainha Mirim 2007; (04) Candidatas dando adeus ao público, depois de desfilarem na abertura do Peladão.

Na formação discursiva dos organizadores do Peladão, a presença das candidatas na abertura, bem como o seu vínculo com o torneio de futebol não significa uma utilização machista da imagem da mulher. Segundo Kid Mahall, as ligações entre o concurso de beleza e o torneio de futebol refutam a interpretação de que as candidatas são usadas, de forma machista, para atrair público ou vender o Peladão.

Porque as candidatas, o vínculo delas com o futebol, ele vem do princípio que o Brasil é o país do futebol. Então, como é que a gente consegue *linkar* mais isso? Com a participação delas. Elas vão assistir alguns jogos do time dos garotos, participa... E o time passa a ser, quase que naturalmente, o torcedor natural dela. Quando ela vai fazer uma eliminatória, é o time que torce por ela, não é tanto os familiares. Há essa ligação. Além do entrosamento técnico. Por exemplo, tem uma fase da competição em que... Tem dois momentos que a Rainha é fundamental para o time: na abertura – porque ela credencia a participação do time – e no Torneio Paralelo das Rainhas – quando as 16 melhores candidatas classificadas nas eliminatórias trazem os times de volta para a competição se eles tiverem perdido. Então, a gente procura fazer este link. (Informação verbal)²⁸¹.

Entretanto, mesmo que não haja uma intencionalidade de fazer um uso machista da imagem da participação das candidatas a Rainha, é inegável que esta imagem é um dos principais elementos simbólicos distintivos do Peladão tanto de campeonatos profissionais quanto de torneios amadores. No próprio Relatório de 2008, a presença de figuras femininas é bastante significativa. As três fotos da capa trazem figuras femininas (uma indígena segurando a bandeira do Amazonas; a árbitra Ana Paula Oliveira abraçada com indígenas; e as vencedoras do concurso de Rainha). Isto não expressa, necessariamente, representações sociais machistas, mas um uso intencional da imagem feminina para aglutinar tribos e criar um sentimento trágico-dionisíaco em torno do Peladão. Deste modo, o vínculo da imagem das Rainhas é muito mais significativo do que as ligações previstas no regulamento entre o torneio de futebol e o concurso de beleza. As representações sociais de que há uma forte ligação na prática social cotidiana entre os times e suas candidatas não se confirmam nos discursos de candidatas, jogadores e nem no do próprio coordenador do concurso. Kid Mahall explica que procura estimular as candidatas a participarem mais da prática social dos times: “Elas não têm a obrigatoriedade de estar lá com o time, no campo. Eu venho estimulando até pra que elas compareçam, porque é uma retribuição pelo apoio que elas recebem dos rapazes” (Informação verbal)²⁸². Se elas precisam de

²⁸¹ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁸² MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

estímulo, a integração não ocorre de maneira espontânea. Ao ser perguntado sobre o concurso de Rainha, Virgílio demonstra não se preocupar com o que acontece com a candidata de seu time. O efeito de sentido de seu discurso é de que o concurso de Rainha não interfere muito no que ocorre dentro de campo, mas que o concurso é interessante pela presença da beleza feminina: “A Rainha já é outro caso, né? A Rainha, na verdade, eu não tenho muito contato com o desfile, né? Mas dá muita mulher bonita nas Rainhas. Amanhã vai ter muita mulher lá na abertura, com certeza” (Informação verbal)²⁸³. O próprio Kid Mahall, além de admitir que, em muitos casos, as equipes não se preocupam muito com suas candidatas, afirma ser este afastamento normal, uma vez que o time de futebol possui outras preocupações:

Então, desde o início, elas são orientadas de que a principal privilegiada, quem vai mais lucrar com a competição é ela mesmo. O time é consequência. Muitas vezes o time não tá nem preocupado com ela. Tá preocupado é com o futebol. Porque o futebol são 22 rapazes, que têm uma sopa, que tem uma barca, que tem um médico, [...]. Ela só é uma. Ela tem a mãe, tem namorado. (Informação verbal)²⁸⁴.

O discurso de Kid Mahall é endossado pela Rainha do Peladão 2008. Livia Vanessa Duarte Braga não possuía nenhuma ligação com o time que representava, o Águas do Amazonas. Ela foi escolhida para representar a equipe da empresa por sua beleza e não por uma ligação afetual com os membros do time. Ela explica que durante quatro meses é possível se criar uma relação com a equipe, mas que não se constrói uma intimidade capaz de aproximar candidata e time na prática social da vida cotidiana: “São quatro meses, né? Às vezes, você vai ver o jogo deles e aí você conhece mais um pouco. [...]. Essa é uma intimidade, mas você sabe que não é aquela tanta intimidade, mas nos damos bem” (Informação verbal)²⁸⁵.

Se a ligação entre candidatas e times de futebol não é, em todos os casos, estreita ao ponto das Rainhas fazerem parte da prática social do futebol das equipes, o concurso de Rainha se insere de maneira bastante significativa na dialética da existência pós-moderna de Manaus e de suas comunidades afetuais. A importância simbólica das Rainhas no espaço de representação do Peladão não é observada apenas na abertura, mas também nas demais fases do concurso. As três

²⁸³ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

²⁸⁴ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁸⁵ BRAGA, Livia Vanessa Duarte. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

eliminatórias²⁸⁶, além das semifinais e a final são exibidas pela TV A Crítica. Para Sidniz Pereira da Silva Filho, a exibição do concurso para todo o Amazonas é uma medida significativa tanto na popularização do Peladão e das candidatas quanto na mudança do perfil do público que acompanha *in loco* as fases do concurso de Rainha.

Antes da gente, as rainhas eram feitas eliminatórias em ambiente fechado. O clube tinha que comprar a mesa e vender ingresso pra poder assistir a escolha das Rainhas do Peladão. Nós nunca fizemos isso. Quando nós fazemos as finais, desde as eliminatórias do concurso da Rainha em auditórios com os convites sendo distribuídos para aquelas equipes que tem as meninas desfilando naquela eliminatória para que eles possam fazer sua torcida com um número que o ambiente permite. Mas esta eliminatória quando não é transmitida ao vivo, ela tem um VT que passa no final de semana na toda nossa rede de comunicação e ela é vista em Manaus e no interior do estado. Então aquilo que apenas 2.000, 3.000 pessoas viram numa sede em um clube social em Manaus passou a ter 200 300 mil pessoas do nosso estado assistindo. A final também tem isso aí. E a cobertura do jornal, na TV, na rádio e na televisão. Então esse universo superou, multiplicou em várias vezes e o investimento da equipe pra que essa menina fosse vista pelo estado, não existiu porque a própria rede proporcionou a visibilidade dela. Tanto que muitas dessas candidatas, nem rainha, nem vencedoras do concurso foram, elas estão trabalhando profissionalmente dentro da área, né... como modelo, tem várias meninas que são, trabalham com propaganda de comerciais no comércio de Manaus, na mídia de Manaus, né? (Informação verbal)²⁸⁷.

A mudança do perfil do público – de jogadores dos times para familiares das candidatas – é apontada por Sidniz como um ponto positivo e não uma medida que afastou as equipes de suas Rainhas. No discurso de Sidniz, os membros da equipe estão associados com representações sociais negativas, como confusões, pois participavam obrigados das etapas do concurso, enquanto os familiares são associados a representações sociais positivas. Isto produz um efeito de sentido de valorização da vida comunitária tribal das candidatas, uma vez que, muitas vezes, os membros dos times não estão inseridos na vida cotidiana das Rainhas da mesma forma que seus familiares. Entretanto, a participação das tribos em que estão inseridas as candidatas, seja o time que a candidata representa seja sua comunidade da vida cotidiana, é estimulada pela organização do evento. Isto se torna concreto nas fases semifinal e final do concurso, nas quais a participação do público pode ser decisiva, através da votação da candidata preferida por mensagem de celular (SMS). São feitas duas semifinais com 25 candidatas cada. Elas desfilam de maiô e de vestido, para que os jurados escolham as 10 melhores, a partir dos critérios beleza plástica, passarela e

²⁸⁶ Em 2008 foram três eliminatórios. A primeira reuniu 24 candidatas, sendo que 18 se classificaram para a fase semi-final. A segunda classificou 14 de 18 e a terceira eliminatória, 19 de 23 candidatas.

²⁸⁷ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

elegância (FIGURA 28). Se a candidata mais votada por SMS não estiver entre as dez escolhidas, ela se classifica como a 11ª candidata para a final. No entanto, se a mais votada já tiver assegurado sua vaga na última fase, a partir da escolha dos jurados, ganha dois pontos na final. Em 2008, a final contou com 21 candidatas, já que Ana Lurdes Ribeiro de Souza, candidata da equipe Lanche Jacaré F.C, recebeu 4.805 votos de SMS (58,35% do total) e se classificou graças ao público.

A final tem os mesmos moldes das semifinais. Os jurados, em sua maioria, vinculados à Rede Calderaro de Comunicação, escolhem a Rainha a partir dos mesmos critérios, além de um teste de conhecimentos gerais cujos temas são de conhecimento prévio das candidatas. A candidata mais votada por SMS, na final, ganha três pontos; a segunda, dois; e a terceira, três. Novamente, a mais votada foi Ana Lurdes Ribeiro de Souza, que totalizou 43.910 votos (85,27%) do total. No entanto, a expressiva demonstração de participação comunitária foi suficiente apenas para a candidata chegar à terceira colocação. A vencedora foi Carla Katherine Chaves Curinga, da equipe *Por que não jogaríamos?*. A Rainha do Peladão, além da coroa, da faixa, do manto e do cetro, foi premiada com um automóvel Gol 0 km (FIGURA 28).

A Rainha do Peladão também precisa assumir alguns compromissos, previstos em uma seção do Regulamento chamada “Do Reinado”. Dentre as condutas das eleitas (Rainha, Princesa e Miss Simpatia) estão a proibição de aparecer acompanhada quando estiverem usando a faixa, além de terem que manter “uma conduta social de alto nível, não denegrindo a imagem do Concurso de Rainha” (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 28). Kid Mahall expressa sua preocupação quanto ao não cumprimento das obrigações das eleitas como Rainhas.

Agora, o que está faltando... Neste ano, nós vamos fazer o trabalho de poder explicar pras candidatas quais são as condições dela, quais são os compromissos dela enquanto Rainha. Não é “foi eleita Rainha!” e acabou a história. E aí? Você sabe que as misses têm compromisso social. Ela tem que levantar a bandeira do social, da caridade, da bondade, da participação em eventos filantrópicos, esta coisa toda, que ainda não está acontecendo. Ela vai muito ainda pra participação de desfile, algumas viram modelo, outras viram apresentadoras de televisão, porque, realmente, dá essa fama. (Informação verbal)²⁸⁸.

²⁸⁸ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.



FIGURA 28 - FASES DECISIVAS DO CONCURSO DE RAINHA

Fonte: Da esquerda para a direita e de cima para baixo - (01) Emanuel Mendes Siqueira; (02, 03 e 04) A Crítica, 2009.

Legenda: (01) Candidatas desfilando de maiô e (02) de vestido de gala; (03) Carla Katherine Chaves Kuringa, a Rainha do Peladão 2008, recebendo seu prêmio; (04) A Princesa, a Rainha e a Miss Simpatia do Peladão 2008; (05) Carla Katherine em frente ao Teatro Amazonas.

O discurso de Kid Mahall é perpassado por um efeito de sentido de que as eleitas Rainhas visam muito mais a continuidade de sua carreira como modelos ou misses do que os compromissos como Rainhas do Peladão. Isto não significa que elas não dão importância ao concurso de beleza do Peladão, nem que estão mais preocupadas consigo mesmas. Pelo contrário, o fato de experimentarem do capital simbólico que o título de Rainha as confere e convertê-lo em outros tipos de capital, demonstra o reconhecimento da oportunidade oferecidas que as eleitas vislumbram a partir do título de Rainha, bem como a importância representada, em Manaus, pelo concurso não somente na vida comunitária mais imediata (vizinhança, bairro), mas também por aquela mediada (desfiles, propagandas, televisão). Assim, a beleza e o

status das Rainhas são *consumidos* por uma imensa massa afetual, por várias tribos de modo a criarem em torno das eleitas representações sociais, que contribuem para a formação e propagação de imagens capazes de construir diversas territorialidades no espaço de representação do Peladão. Assim, a não participação das Rainhas nos eventos filantrópicos é muito menos uma falta de vontade individual do que uma demonstração de uma grande vontade gregária, dionisíaca, proxêmica e orgiástica, por parte da massa e das tribos amazonenses, em torno da imagem das Rainhas.

Para a construção desta imagem, a beleza das Rainhas é algo fundamental. Apesar disto, Kid Mahall não acredita que o concurso de Rainha do Peladão seja meramente um concurso de beleza, mas sim um concurso de oportunidades, pois propicia novas experiências e chances das candidatas, em sua maioria advindas da periferia, de se tornarem simbolicamente importantes para seus bairros, para a comunidade do Peladão, para Manaus, para o Amazonas e até mesmo para o mundo.

Eu também acredito que o Peladão, ele não é concurso de beleza, mas precisa da beleza para ganhar, porque é um concurso de oportunidades, ou seja, na nossa idéia matriz, é fazer com que garotas de periferia, que nunca sonharam em aparecer no jornal, nunca sonharam em aparecer na televisão, dar entrevista, pisar nas passarelas, ser cobijada, ser desejada, ser alvo de objeto de estudo, nunca imaginaram isso. Então, nesse trecho, nesse momento, nesse período de três meses que ela participa do Peladão, ela tem isso. (Informação verbal)²⁸⁹.

No entanto, se na visão do coordenador do concurso de Rainha a beleza é apenas um dos requisitos, entre as candidatas e mesmo entre os organizadores do Peladão, a beleza é o principal critério na escolha da Rainha. A Princesa do Peladão 2008, Patrícia Gabrielle Bezerra Hoornwerf van Rij, explica o que é preciso para se tornar uma Rainha: “Primeiro precisa dedicação. Depois perseverança, né? Porque você olha pra essas meninas todas e dá aquele negócio: ‘Ai, Meu Deus, será que eu vou conseguir?’. E tem que ter beleza acima de tudo” (Informação verbal)²⁹⁰. Sérgio Paulo Fernandes da Silva compartilha das mesmas representações sociais relacionadas à beleza. Além de afirmar que a beleza é o principal critério de escolha, endossa, historicamente, as escolhas do júri do concurso.

²⁸⁹ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁹⁰ RIJ, Patrícia Gabrielle Bezerra Hoornwerf van. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

À princípio, beleza. Fundamental é a beleza. É o número um. [...]. Sempre a campeã do Peladão, a Rainha foi uma das moças mais bonitas daqui mesmo. Raramente, acontece de alguém ganhar e depois ficarem questionando. Sempre o júri escolhe quem está mais bonita mesmo. (Informação verbal)²⁹¹.

Entretanto, as escolhas do júri nem sempre contentam a todos, sobretudo as candidatas derrotadas, como é o caso de Layana Pampolha, o que é retratado no filme “The beautiful game” (2006), que adota um *ethos* discursivo de desconfiança quanto às decisões tomadas no Peladão. O documentário dá a entender que há favorecimentos no concurso de Rainha e no torneio de futebol, sobretudo no Indígena. Layana Pampolha é a pivô destas insinuações, bem como a personagem principal da narrativa do filme, que enfatiza mais o concurso de beleza do que o futebol. A candidata do Náutico havia sido Princesa do Peladão 2004 (ano anterior), sendo, portanto, uma das favoritas a vencer o concurso. O documentário acompanha Layana em suas atividades cotidianas, procurando passar uma imagem de empenho para ganhar o concurso. Ao mostrar ela malhando, a narração enaltece o esforço da candidata, que também aparece acompanhando os treinos de sua equipe, fazendo tratamentos estéticos, bem como ensaiando em sua escola de samba: “Everyday she works hard for her dream come true”²⁹² (THE BEAUTIFUL, 2006). Ao mostrar insistente e exclusivamente Layana em todas as etapas do concurso e depois de ter apresentado depoimentos de indígenas alegando que foram roubados no torneio de futebol, sem ao menos ouvir a versão da outra equipe, da arbitragem e da organização do Peladão, o filme trata a derrota de Layana como ilegítima. O documentário associa a vitória de Natasha da Rocha Barbosa com o fato do júri ser formado por membros da A Crítica, mostrando a Rainha com a seguinte narração no fundo: “This is the woman, whom according to the Peladão mission statement, most embodies the courage and beauty of Amazonian youth”²⁹³ (THE BEAUTIFUL, 2006). Layana Pampolha, em seu discurso, produz o efeito de que houve falta de ética por parte da organização do Peladão, uma vez que os membros do júri mantinham relações pessoais com a candidata vencedora, além de serem do “mesmo nível social”.

Eu descobri que o noivo da Natasha é amigo do Dissica e do Beto, que eram dois jurados. Se você tem um amigo e essa noiva do amigo está concorrendo,

²⁹¹ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

²⁹² “Todos os dias ela trabalha com afinco para que seu sonho se torne realidade”. (tradução nossa).

²⁹³ “Esta é a mulher que, segundo o regulamento do Peladão, mais personifica a raça e beleza da juventude amazonense”. (tradução nossa).

e ela sendo também amiga da sua família, claro que você vai favorecer. Até porque são do mesmo nível social. Pra mim o Peladão acabou sim. Eu acho que já chega. Eu já disputei o que eu tinha de disputar. E eu acho que por mais que eu tente, tente, tente, tente, eu acho que eu nunca, lá no Peladão, vou ser Rainha. (THE BEAUTIFUL, 2006).

O filme, que encerra a narrativa do concurso de Rainha, mostrando Layana em um ponto de ônibus, pois não ganhou o carro oferecido à vencedora, encontra no discurso de Arnaldo Santos representações sociais que endossam a contestação dos critérios do concurso. Apesar de não se referir a relações de amizade nem de nível sócio-econômico, Arnaldo Santos se demonstra descontente com a escolha, pelo fato da Rainha do Peladão ser branca: “Isso... Imperdoável. Mas temos que respeitar os deuses, afinal são eles que julgam. E se eles assim procederam, é porque a história teria que ter seu final dessa forma: uma branca leva a melhor sobre as morenas e os índios ficam apenas olhando” (THE BEAUTIFUL, 2006). O *ethos* discursivo de indignação de Arnaldo Santos pode ser atribuído à tentativa de produzir alguns efeitos de sentido aos seus enunciatários estrangeiros, pois o diretor do Peladão teria a expectativa de que a Rainha mostrada no filme de circulação internacional simbolizasse o que considera o padrão de beleza próprio da mulher amazonense.

As acusações de corrupção na organização do Peladão, bem como as insinuações desta natureza, como são realizadas no filme “The beautiful game” (2006), são rebatidas por Kid Mahall tanto com os argumentos de que ele não teria nenhuma vantagem encima da vitória de uma ou outra candidata quanto com aqueles já apresentados de que todas as Rainhas eleitas no período em coordena o concurso deslancharam em suas carreiras como modelo, miss ou apresentadora de televisão.

Tem uns caras pra se dar bem, eles usam qualquer artifício e às vezes colocam em cheque até a nossa credibilidade, a nossa responsabilidade. Porque veja só: na condição de coordenador, que interesse eu teria que uma candidata X ganhasse a competição? Não teria. Porque eu não vou usufruir, não vou ter nenhuma vantagem encima disso. (Informação verbal)²⁹⁴.

Se por um lado Kid Mahall demonstra indignação com as acusações e insinuações, admite que mesmo com nove anos a frente da coordenação do concurso de Rainha, ainda há máculas na imagem do concurso de beleza, decorrentes das administrações anteriores. As representações sociais associando o concurso de Rainha do Peladão com troca de favores, imoralidade e corrupção ainda circulam, mas, segundo o atual coordenador, estas representações têm seu ponto de origem

²⁹⁴ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

nos concursos anteriores da administração de Arnaldo Santos e correspondem aos principais desafios em relação à imagem do concurso.

Uma das coisas mais difíceis de você poder trabalhar no Peladão era a fama que a competição tinha, né? Se falava “Peladão”, de forma pejorativa, as pessoas entendiam “mulheres fáceis”. Daí: “Ah, eu vou conseguir pegar a garota!”. Existem muitas lendas urbanas em relação a essas coisas. Até diziam que a competição era um jogo de cartas marcadas, que ganhava quem pagava, que as garotas eram convidadas para encontros íntimos com empresários e aquela coisa toda. E a minha entrada também foi por causa disso. [...]. A nossa principal, a missão que eu recebi do Arnaldo, foi justamente essa. Temos que limpar isso. “Não, não vai ser fácil, não”. [...]. Eu estou há nove anos com ele coordenando o Peladão e digo: nós não conseguimos limpar o nome em sua plenitude, embora de lá pra cá nunca mais teve nenhum caso de assédio, um caso de imoralidade, de indecência. (Informação verbal)²⁹⁵.

Mesmo não ferindo o regulamento, algumas práticas comuns no concurso de Rainha são condenadas por alguns e suscitam o reavivamento e a circulação de representações sociais que associam o concurso de beleza a troca de favores e imoralidades. Para Sidney Netto, o fato da candidata não ser do bairro, da comunidade em que está inserido o time do Peladão, já é indício de uma prática que não corresponde aos objetivos da competição: “Porque nem sempre a Rainha é a menina do bairro. [...]. Se você inverte esses papéis [de a candidata não ser do bairro e já ser modelo], eu penso que perde essa legalidade, eu penso que perde essa chama interessante, que é essa questão social” (Informação verbal)²⁹⁶. Lívia Vanessa Duarte Braga, Rainha do Peladão 2007, é um desses casos de Rainhas que não são do bairro do time. Antes de ser inscrita como Rainha do Água do Amazonas (time homônimo da empresa a qual estão vinculados a maioria de seus jogadores), sequer conhecia algum membro da equipe. A vontade de Lívia e de sua mãe era de que ela ingressasse na carreira de miss. Segundo a Rainha, foi através de um programa de televisão, em que estava presente Arnaldo Santos, que ficou sabendo da possibilidade de se inscrever por algum time que estivesse em busca de uma candidata para poder efetivar sua inscrição e participação no torneio de futebol. Deixou, portanto, sua foto na Coordenação do Peladão, sendo requisitada, então, por alguns times, dentre eles o Águas do Amazonas. Lívia conta como se tornou candidata a Rainha.

Bom, foi assim: mãe você sabe, né? Fica ligada, quer que você seja Miss, não sei o que. A minha mãe chegou... Eu estava vendo a TV, a TV A Crítica, né?

²⁹⁵ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

²⁹⁶ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

Aí o Seu Arnaldo, o Arnaldo Santos, Coordenador do Peladão, tava falando que tinha time sem rainha. [...]. Aí a minha mãe disse bem assim: “Eu vou inscrever a Livia”. Ela ligou pra mim: “Livia, você quer participar do Peladão?” – “Quero, mãe.”. Aí ela me inscreveu. Aí eu deixei só uma foto de rosto minha lá na Coordenação do Peladão. Aí o Seu Raimundinho, que foi o meu patrocinador, foi o meu time Água do Amazonas, e chamou. [...]. Aceitei participar do concurso, né?. (Informação verbal)²⁹⁷.

Para Sidney Netto, o fato de a candidata não conhecer o seu time e de existir, no primeiro momento, uma intermediação por parte da organização do Peladão, fere os objetivos do Peladão e a moral. Ele defende que, obrigatoriamente, a candidata deve ser previamente conhecida dos membros da equipe, além de não poder ter contato com as carreiras de modelo, miss, apresentadora, etc. Também não aprova o intermédio, feito pelos organizadores do Peladão, entre candidatas e times.

Aí tem um lado meio de empresário, meio de promotor. Entendeu? Existe muito isso daí. A menina quer ganhar um dinheiro, ela vai lá e se oferece; tem clube que vai lá se inscrever e não pode se inscrever sem a Rainha, sem a candidata a Rainha. Então, lá dentro, às vezes, tem alguém que trabalha nesse sentido de promover esse tipo de coisa, que não é muito legal. Tinha acabado isso aí que você está dizendo. Quando eu estudei, isso aí não existia. Tinha acabado. O Arnaldo tinha acabado com isso daí. Ele não permitia que isso daí acontecesse. Se ele soubesse dava a maior confusão lá e ele botava as pessoas pra correr. [...]. A menina nem conhece o clube. Ela está participando por quê? Porque o objetivo da competição é ter uma pessoa da comunidade pra representar o clube em termos da beleza e tal, aquele negócio todo; não é o clube contratar uma modelo. E aí foge, foge dos objetivos. Não é por aí. A situação é exatamente a inversa: é o clube levar alguém da comunidade, que ela possa vir a se tornar uma modelo, aproveitando as orientações que ela recebe do coordenador, maneira de desfilar, maneira de se vestir, maneira de se comportar. Então, é o início, talvez, de uma possível carreira de modelo. Mas não você contratar uma modelo pra representar o clube. Isso aí perde todo o objetivo daquilo que eles pretendem fazer com a competição. (Informação verbal)²⁹⁸.

O discurso de Sidney Netto apresenta um *ethos* moralista e inflexível. Primeiramente, produz um efeito de sentido de que as candidatas que se inscrevem sem conhecer os times estão interessadas, acima de tudo, em dinheiro. Isto não se confirma nem pelo discurso das candidatas nem do coordenador do concurso: “Olha, ganhar o carro foi muito bom. Não vou mentir. Foi muito bom. Mas eu conheci pessoas novas, pessoas interessantes, meninas legais no concurso. Eu acho que ter amizade no concurso é tudo” (Informação verbal)²⁹⁹; “E como resultado final dessa competição

²⁹⁷ BRAGA, Livia Vanessa Duarte. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

²⁹⁸ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

²⁹⁹ BRAGA, Livia Vanessa Duarte. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

toda, são as amizades que a gente consegue” (Informação verbal)³⁰⁰. Além de demonstrarem, através de seus discursos o *ethos* da socialidade e um sentimento trágico-dionisíaco, a Rainha e o coordenador do concurso demonstram estarem conscientes (conforme declarações anteriores) da importância que o prêmio representa para a vencedora do concurso. No entanto, o interesse pelo prêmio e no capital simbólico de ser Rainha não é exclusividade das candidatas que não conheciam previamente seus times, mas algo comum a todas. Além disso, não há em nenhum artigo do regulamento do Peladão algo que proíba que uma Rainha de um bairro seja candidata representando um time de outro, bem como alguma exigência de haja um conhecimento prévio entre a candidata e os membros da equipe.

Se isto não fere a legalidade do regulamento, a moral da sociedade manauara também não é atingida. Se o Peladão tem como objetivo a integração social, qual o problema legal ou moral de que times convidem qualquer representante, mesmo que o critério não seja a convivência prévia e sim a beleza? Se este moralismo vale para as candidatas, por que não valeria para os jogadores, que são convidados pelos grandes times do Peladão por sua competência futebolística e não, necessariamente, por sua convivência social com o restante da equipe ou com os dirigentes? No tribalismo da triálética da existência pós-moderna, a lógica da identificação não pressupõe o pertencimento estanque de um sujeito a uma estrutura, de modo que as pessoas se agrupam em torno de imagens, territorialidades, referências de maneira livre e dinâmica. Assim, cada pessoa pode fazer parte do time que quiser e cada time pode contar com as pessoas que quiser, desde que este agrupamento seja espontâneo.

Outro efeito de sentido produzido no discurso de Sidney Netto é o de que se alguém da Coordenação do Peladão recebe uma foto de uma postulante a candidata a Rainha, ele se converte, automaticamente, no empresário dela, prestando favores pessoais que serão cobrados posteriormente. Não há nada de pessoal, sobretudo se o próprio diretor geral Arnaldo Santos foi à televisão e anunciou que havia times sem Rainha. O terceiro efeito de sentido do discurso de Sidney Netto que merece análise é o de que a equipe não pode *contratar* uma modelo para ser sua Rainha, pois isto feriria os objetivos do Peladão. Se o concurso de Rainha não restringe a participação de modelos, não há nada de ilegal em se convidar uma representante que já trabalhe como tal para ser a candidata do time. Se a modelo fizer parte da comunidade em que o time estiver inserido, as possibilidades de integração e criação de uma identificação

³⁰⁰ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

entre a candidata e o time são maiores, mas se isso não ocorrer, não há nada que afete simbolicamente os elementos do espaço de representação do Peladão referentes ao concurso de Rainha. Além disso, nem todas as postulantes a candidata a Rainha que não têm time são modelos, como é o caso de Lívia Vanessa Braga.

Assim como o torneio de futebol, há tentativas de se promover o crescimento horizontal do concurso de Rainha do Peladão, com a criação da categoria de Rainha Mirim e da Rainha Indígena, com a inclusão das Rainhas do Interior na disputa da final, além do projeto da criação de uma categoria de beleza masculina. Cada município do interior que realiza o Peladão faz seu concurso de Rainha, sendo que a vencedora de cada município tem o direito de participar da final geral e a possibilidade de se tornar a Rainha do Peladão. Para Sidniz Pereira da Silva Filho, esta iniciativa faz com que o Rainha do Peladão represente a beleza de todo o estado e não apenas das manauaras: “As Rainhas desses municípios que também fazem o concurso de Rainha lá, elas são finalistas pro concurso de Rainhas do Peladão. Então, também, ela, a beleza da mulher amazonense, ela tá representada na sua integralidade” (Informação verbal)³⁰¹. Porém, em 2008, não houve representantes do interior na final do concurso. Nesse ano também não aconteceu o concurso de Rainha Indígena. Nos anos anteriores, ela era eleita entre as candidatas dos times do torneio Indígena Masculino e disputava a final do concurso de Rainha, mas segundo Kid Mahall, mesmo com a igualdade de oportunidades, possuía menores possibilidades de se tornar Rainha do Peladão, já que os padrões de beleza são diversos em relação aos não-indígenas:

É um trabalho de inclusão social, de igualdade social, onde as próprias indígenas concorrem de igual valor com as não-indígenas. Então, isso é um negócio que a gente busca a igualdade. É claro que os padrões de beleza são diferentes. O indígena tem um padrão de beleza estético diferente do nosso. E isso, na hora que você vai colocar os dois grupos juntos, choca. Por que qual é a bela indígena? É a robusta, é a mais forte, é aquela moça maior. E a nossa não. Nós gostamos de mulheres femininas. Então chega a hora de avaliar, como a avaliação é feita pelo não-índio, é natural que a não-índia consiga um maior destaque, embora a primeira Rainha Indígena do Peladão é uma moça muito bonita. (Informação verbal)³⁰².

O efeito de sentido do discurso de Kid Mahall de que os padrões de beleza dos indígenas são diversos é parcialmente confirmado por Ramon, que disputa o Peladão Indígena. Para ele, a Rainha não precisa ser robusta, mas apresentar atributos físicos

³⁰¹ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

³⁰² MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

que remetam a elementos culturais, simbólicos e identitários das culturas indígenas: “Acho que a mulher bela seria a mulher típica da região: uma morena, cabelos compridos, uma partinha [mostrando o desenho de uma franja na própria cabeça] e tá aí a nossa rainha” (THE BEAUTIFUL, 2006).

O concurso de Rainha Mirim foi extinto em 2008, devido a dificuldades de organização, problemas com a premiação e conflitos entre os responsáveis das participantes e a coordenação do Peladão. Desta forma, foi disputado apenas em 2007, por meninas de oito a dez anos, mediante autorização dos responsáveis. Ele se inseria na lógica do concurso de Rainha do Peladão, inclusive com os mesmos critérios de avaliação. Segundo Kid Mahall, a intenção era que ele funcionasse como um preparatório para o concurso de Rainha do Peladão: “É uma forma de dar oportunidade, de estimular que as crianças também entrem nessa rota da Rainha do Peladão adulta” (Informação verbal)³⁰³. Como estímulo, além do contato com as passarelas, era oferecida como premiação uma viagem para uma localidade definida pela coordenação do Peladão. Em 2007, a Rainha Mirim viajou para o Parque Multi-temático Beto Carreiro World, em Santa Catarina. Além disso, apesar de um capital simbólico ainda incipiente – mesmo representando um dos quatro objetivos do Peladão: “apresentar a beleza infantil, destacando a espontaneidade e a vivacidade da menina amazonense” (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 03) – a Rainha Mirim de 2007 teve a oportunidade de desfilar com a Rainha na abertura do Peladão 2008.

Além de se expandir para o público infantil, os concursos de beleza do Peladão têm, através de seu coordenador, um plano de se estender também para participantes masculinos. Segundo Kid Mahall, o concurso é uma forma de integrar de maneira mais intensa as candidatas aos times que elas representam, uma vez que elas deveriam indicar um candidato entre os jogadores do time.

Uma outra situação também... Nós estamos tentando – não sei se esse ano nós vamos poder já inaugurar, estreiar – que é um concurso de beleza masculina, feita com os próprios jogadores, para que haja mais essa aproximação. [...]. O que a gente vai fazer? Ou fotos ou a gente vai pedir pra que traga, as candidatas escolham também um rapaz bonito do time pra que apresente para outra, porque a gente vai fazer um paralelo. Mesmo que não consiga ter uma premiação, nada, mas vou tentar fazer esse concurso de beleza masculina, né? “O craque de bola e de passarela”, alguma coisa assim. Pra que possa ter mais participação da Rainha enquanto uma representante oficial do time. (Informação verbal)³⁰⁴.

³⁰³ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³⁰⁴ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

As tentativas de ampliação dos concursos de beleza estão de acordo com o projeto de Arnaldo Santos de expandir a participação ativa do Peladão aos diferentes perfis e tribos do Amazonas. Estas diversificações dentro de campo ou mesmo nas passarelas visam o aumento de uma já considerável inserção do Peladão na vida cotidiana das comunidades de Manaus e do Amazonas. Se um dos objetivos do Peladão é fomentar o intercâmbio sócio-desportivo entre os participantes, o aumento no número e a diversificação do perfil destes participantes favorecem o cumprimento de tal objetivo. Entretanto, não é apenas nos jogos ou nos concursos de beleza que ocorrem os intercâmbios e as apropriações dos elementos do espaço de representação do Peladão, mas também nas barcas, nas ações sociais e na inserção do Peladão na dialética da existência pós-moderna de Manaus.

5.3 INTERCÂMBIO SÓCIO-DESPORTIVO

Você vê, de repente, são 10.000 pessoas se mexendo pra um lado e pra outro numa sociedade. Pra quê? Pra se divertir? Tudo bem. É aquela bola que está em movimento, mas veja quantas coisas acontecem pra chegar naquela bola ali. Esse é o espírito do Peladão, é dar as mãos. (Informação verbal)³⁰⁵.

A barca nada mais é do que a reunião após os jogos pra tomar aquela cervejinha, pra comer aquele churrasquinho. (Informação verbal)³⁰⁶.

O terceiro objetivo do Peladão é aquele que sintetiza os demais: “desenvolver o intercâmbio sócio-desportivo entre os participantes” (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 03). Entretanto, para se atingir este objetivo não há normas e regulamentos além daqueles acerca dos torneios de futebol, do concurso de Rainha e do Código Disciplinar. Isto porque tal objetivo não se pode atingir de maneira isolada, através de medidas específicas, mas sim através do modo como se organizam – sobretudo pela centralidade subterrânea – as manifestações do espaço de representação do Peladão. Desta forma, a ingerência da organização do Peladão para o cumprimento do objetivo de intercâmbio sócio-desportivo é limitada, mesmo apresentando algumas ações significativas, tais como a campanha “Faça uma criança sorrir”, o Sopão do Peladão e o Troféu de Melhor Torcida. Apesar disto, o discurso dos organizadores produz um

³⁰⁵ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³⁰⁶ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

efeito de sentido de que este é o objetivo maior do Peladão. Arnaldo Santos adiciona à convivência social a questão da promoção da cidadania: “Porque senão não justificaria eu dizer que o objetivo, o fim não é o jogo, é a cidadania. É tudo que cerca” (Informação verbal)³⁰⁷. Já o discurso de Sérgio Paulo Fernandes da Silva se aproxima mais de um *ethos* de socialidade, do sentimento trágico-dionisíaco, dos momentos de presença e do orgasmo, pois atribui ao Peladão a condição de movimentar a vida cotidiana pós-moderna de Manaus, bem como de promover amizades, tribos e territorialidades: “Nosso torneio é pra fazer a cidade se movimentar. Mexer com a cidade e produzir um tipo de amizade. Tem sempre dado certo, nestes anos todos, da gente fazer amigos e movimentar a cidade todinha. [...]. Graças a Deus, até hoje funcionou” (Informação verbal)³⁰⁸. Sidniz Pereira da Silva Filho corrobora o discurso de Arnaldo e de Sérgio Paulo, mas estende as territorialidades do espaço de representação do Peladão a todo o estado do Amazonas.

De início quando surgiu a idéia, lá com o fundador da rede, Umberto Calderaro Filho, de integrar a cidade e hoje nós estamos integrando o estado. Numa área abrangente que vai desde o jovem, da criança no Peladinho, da Rainha Mirim até o idoso já, o adulto já com experiência formada que é o Master. Então ele tem essa especificidade no sentido que todas as camadas sociais e quase que todas as faixas etárias masculina e feminina, ela é participante do Peladão. Por um lado esportivo ou por um lado de beleza. (Informação verbal)³⁰⁹.

Além de destacar a expansão das territorialidades do espaço de representação do Peladão para todo o estado, o discurso de Sidniz enfatiza a participação popular de diferentes faixas etárias e de renda no Peladão. Este discurso de que o Peladão abarca toda sociedade manauara através do torneio de futebol e concursos de beleza, além das participações indiretas (torcida, acompanhamento das Rainhas, etc.) é comum a todos os organizadores do Peladão, inclusive ao diretor de marketing corporativo do Grupo Calderaro, Dissica Tomaz Calderaro. Ele aponta que o Peladão promove o convívio e a união familiar.

Porque o Peladão, hoje, pega desde a criança, pra jogar o Peladinho; pega a moça, a adolescente, que disputa como a Rainha; o namorado ou o irmão, que joga o Peladão; é o pai, que joga o Master; é a irmãzinha, que disputa a Rainha Mirim; é a mãe, que pode jogar o futebol feminino. Então, é a integração da família. E é através do futebol. [...]. Imagine uma cena, numa

³⁰⁷ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³⁰⁸ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

³⁰⁹ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

reunião, no dia de sábado, em casa, acordaram, tomaram café reunidos e todo mundo saiu pro Peladão. Cada um pro seu: o pai de família pra jogar o Master, o outro pra jogar o Peladão, outra pra disputar o Concurso de Rainha. E é uma forma de integrar pessoas. [...]. Ele causa, realmente, integração entre as pessoas. (Informação verbal)³¹⁰.

Apesar de os organizadores do Peladão demonstrarem, através de seu discurso, o reconhecimento da amplitude das territorialidades do espaço de representação do Peladão não apenas em termos extensão territorial (Amazonas), mas também em intensidade (na cidade de Manaus), a redação do Regulamento limita o objetivo de intercâmbio sócio-desportivo apenas aos participantes. Todavia, a movimentação e a integração social ocorrem de maneira mais ampla, abrangendo não somente os participantes, mas seus familiares, bairros como um todo, comércio, etc. Esta prática social (do futebol, mas não apenas dele) que o espaço de representação do Peladão propicia é construída a partir das tribos, comunidades e até grupos contratuais, que se apropriam cotidianamente de seus elementos simbólicos. Assim, o Peladão fomenta a proxemia e o orgiasmo através das barcas, cria redes de relações sócio-espaciais de matriz comunitária, política ou econômica. Tais territorialidades se configuram na vida cotidiana pós-moderna sem a interferência direta da organização do Peladão, o que demonstra o caráter de socialidade que possuem os elementos do espaço de representação do Peladão. Algumas das territorialidades são expressas no discurso de um dos participantes do Peladão, José Virgílio Melo de Albuquerque: “O Peladão, na verdade, mexe com a cidade toda. A cidade toda, quando começam as rodadas, o final de semana fica muito agitado. Na cidade toda, em todos os campos da cidade tem jogo. Então, quer dizer, jogo na cidade toda, a torcida indo direto” (Informação verbal)³¹¹. Assim, é possível afirmar que os elementos do espaço de representação do Peladão são cotidianamente apropriados, em diferentes graus e de formas diversas, tanto por aqueles que têm participação direta (participantes, Rainhas, organizadores, etc.) quanto por aqueles que são afetados indiretamente pelo Peladão (fornecedores de material esportivo, distribuidores de bebida, comerciantes, ambulantes, etc.). Sidniz Pereira da Silva Filho expressa a satisfação de contribuir com a organização de um campeonato amador que transcende sua condição esportiva e mobiliza a vida cotidiana pós-moderna de toda a cidade: “Profissionalmente pra nós é muito bom e pessoalmente é um motivo de a gente se orgulhar de estar envolvido com

³¹⁰ CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

³¹¹ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

um evento que mobiliza Manaus durante o segundo semestre não só com participação dos atletas, mas o que movimenta em volta disso” (Informação verbal)³¹². O discurso de Sidniz está de acordo com o de Arnaldo Santos, que explica que a mobilização social é inerente ao modo horizontal através do qual Peladão é organizado.

Este ano deve ter uns 10.000, 12.000 atletas. Poxa! 12.000 atletas não entram em campo se não tiver uma camisa, um calção, um meião, às vezes a chuteira, às vezes pé no chão ou tênis, tudinho. Tudo isso alguém passou, alguém comprou, alguém fez. [...]. Que ao ser usado – repare só a extensão disso –, no outro dia, alguém vai ter que lavar, vai ter que passar ferro, que gastou água, que gastou sabão, que gastou tempo. Veja como é que nasce a participação e o emprego indireto. Os campos onde se realiza o Peladão, um mundo de gente vendendo guloseimas. (Informação verbal)³¹³.

O discurso de Arnaldo Santos ressalta a movimentação econômica que o Peladão propicia. No caderno semanal especial do Peladão, do Jornal A Crítica, em sete reportagens, o jornalista Emanuel Mendes Siqueira destaca como o Peladão fomenta a microeconomia das comunidades manauaras (DUELO, 2008; CADÊ, 2009; IMAGEM, 2008; O BANQUETE, 2008; PELADÃO TAMBÉM, 2008; RETORNO, 2008; SOPÃO, 2008; SOPÃO RECORDISTA, 2008; UNS TROCADOS, 2008). O jornalista utiliza os exemplos de uma fornecedora local de materiais esportivos que tem em sua cartela de clientes mais de 80 equipes do Peladão, bem como o de um fotógrafo autônomo cuja renda vem de tirar e comercializar fotografias dos jogos do Peladão. Além disso, demonstra como a venda de comidas (churrasquinho, cachorro quente, etc.) e de bebidas (refrigerante, cerveja, batida, etc.) aumenta de maneira considerável nos dias de jogos, sobretudo os decisivos, nos quais a presença das torcidas é maior. José Roberto Moreira da Rocha destaca a importância desta movimentação econômica propiciada pelo Peladão para a vida cotidiana das comunidades.

Todas essas pessoas terceirizadas, são empregos indiretos que cria o Peladão. Se observar a comunidade vai lá bota a sua banquinha de churrasco, ganha o seu dinheiro e aplica no mercadinho próximo da sua casa. Aquele ali já abriu um mercadinho, um espaço, uma coisa importante pra comunidade. (Informação verbal)³¹⁴.

Desde micro até grandes empresas, que querem expor suas marcas e produtos, encontram no Peladão oportunidade, seja dando o seu nome a um time – como é o

³¹² SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

³¹³ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³¹⁴ ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

caso da Semp Toshiba e do Lanche Jacaré – seja apenas patrocinando uma equipe. Além dos jogos movimentarem a economia local, as barcas – através do comércio de bebidas e alimentos – e o concurso de Rainha – através dos salões de beleza, cosméticos, etc. – também contribuem de maneira importante. No entanto, Sidniz Pereira da Silva Filho destaca mais duas formas de como o torneio de futebol do Peladão movimenta a economia da cidade: através do aluguel dos campos e da remuneração de comissões de arbitragem.

E isso também, financeiramente, é uma das fontes de renda que o Peladão proporciona. Tem equipe de arbitragem aí que semanalmente a equipe de arbitragem tem uma taxa de 100, 120 reais. Aí o arbitro recebe R\$ 60 pela partida, cada fiscal de linha mais o comissário recebe R\$20. Então também tem uma mobilização financeira do poder financeiro dessa comunidade esportiva do Peladão. [...]. Aí, a mobilização da comunidade também é maior. A equipe daquele dono de campo que tem um campo bom que as equipes alugam pra jogar, o retorno financeiro dele também passa a ser maior. Ele alugava uma hora por R\$100, ele vai passar a alugar uma hora e meia, que é o que determina o regulamento, por 120, 140, 150 reais. Então mais uma vez o Peladão economicamente movimenta um giro financeiro maior na cidade. (Informação verbal)³¹⁵.

Muitas destas atividades econômicas são possíveis somente devido à horizontalidade da organização do Peladão. A responsabilidade que as equipes possuem em relação ao mando de campo e à arbitragem são exemplos de como a potência, através da centralidade subterrânea, propicia a criação de relações sócio-espaciais e territorialidades próprias do Peladão. Além de contribuir para a movimentação da economia das comunidades, a centralidade subterrânea promove e é propiciada por uma informalidade que perpassa simbolicamente os elementos do espaço de representação do Peladão. Dissica Tomaz Calderaro explica que esta informalidade possui dois pontos de ancoragem, a confiança que os participantes depositam no Peladão e a qualidade da organização do torneio de futebol, do concurso de Rainha e todos os outros eventos promovidos pelo Peladão.

A questão da informalidade, ela existe, mas eu te diria que ela só existe porque existe confiança. [...]. E ter um campeonato extremamente organizado. Isso também é importantíssimo. [...]. Informal sim. Informal, eu acho que ele é. Informal, provavelmente ele seja, mas porque o povo dá condição pra que a gente seja informal. (Informação verbal)³¹⁶.

³¹⁵ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

³¹⁶ CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

A informalidade, pautada no lúdico, na razão sensível e no sentimento trágico-dionisiaco, todavia, não impede que a organização do Peladão também tome algumas medidas práticas no que se refere ao intercâmbio social e desportivo. Há duas ações organizadas pela coordenação do Peladão, pautadas na filantropia: a campanha “Faça uma criança sorrir” e o Sopão do Peladão. A primeira, se refere a doações de bolas para instituições que abrigam crianças carentes. Os cartões amarelos tomados pelos jogadores, no torneio de futebol, podem ser permutados por bolas, assim, absolvendo de punições o jogador do time doador. Na primeira fase, cada cartão amarelo corresponde a dez bolas. Na medida em que o campeonato vai passando de fases, cada cartão amarelo vai aumentando seu valor em bolas, de 10 em 10, de modo a chegar à quarta fase valendo 40 bolas. A troca dos cartões por bolas não é obrigatória, mas a adesão entre os participantes é grande. Em 2008, o Peladão arrecadou, somando todas as categorias, 8.860 bolas, que foram disponibilizadas para os próprios times doarem a instituições locais (FIGURA 29). A segunda ação social promovida pela organização é o Sopão do Peladão. Em todas as sextas-feiras de dezembro, em frente à Coordenação do Peladão, no centro de Manaus, os membros da organização distribuem gratuitamente copos de 500 ml de sopa de carne e legumes e pães franceses para a comunidade em geral (participantes do Peladão, transeuntes, moradores de rua, etc.) (FIGURA 29). A quantia distribuída é de cerca de 500 porções por dia. Os ingredientes são doados pelos times. Em 2008, 48 equipes, de diferentes categorias, patrocinaram o Sopão do Peladão.

Além das ações sociais, a organização do Peladão, para incentivar a integração sócio-desportiva, premia, anualmente, a melhor torcida do campeonato. Os organizadores do campeonato distribuem formulários para a comunidade escolher a vencedora, geralmente, são considerados critérios como animação, organização, vibração, mas também são levados em conta o respeito às regras, a não-violência, entre outros requisitos, para que a pulsão gregária e o orgasmo se conciliem com a convivência social pacífica e lúdica.

Entretanto, é espontaneamente que se constitui o mais significativo elemento simbólico de momento de presença, hedonismo e sentimento trágico-dionisiaco do espaço de representação do Peladão: a barca, que é a confraternização que ocorre, invariavelmente, após cada jogo. Este elemento simbólico de socialidade se tornou obrigatório para todos os times. José Carlos Pereira Cavalcante – organizador do Peladão, dirigente do Apolo e jogador da categoria Master – explica que a barca além

de ser um elemento simbólico distintivo do espaço de representação do Peladão, faz parte de sua própria essência. Por isso, este ritual trágico-dionisíaco, regado a bebida e a comida, é comum entre os times com mais condição financeira e também entre os mais modestos: “Se não tiver barca não é Peladão. Dificilmente, uma equipe deixa de fazer sua barquinha por mais humilde, nos finais de cada jogo” (Informação verbal)³¹⁷. O discurso de José Carlos, apesar de fazer parte de uma formação discursiva híbrida, pois o enunciador possui vários papéis no espaço de representação do Peladão, produz efeitos de sentido idênticos aos dos participantes e dos organizadores do Peladão. Virgílio também destaca a obrigatoriedade da barca após todo jogo, independentemente do resultado, para que o ritual do Peladão seja pleno: “Todo jogo tem barca. Tem que ter a barca dos boleiros. Se não tiver a barca não é Peladão, com certeza. Não falta barca aqui nessa cidade” (Informação verbal)³¹⁸. Ao afirmar que não falta barca em Manaus, Virgílio está expressando a pervasividade das territorialidades produzidas a partir deste elemento simbólico. Se cada time organiza sua própria barca, apenas na Categoria Principal, são mais de 400 confraternizações que ocorrem em apenas um final de semana. Isto demonstra que o Peladão mobiliza a cidade e constrói territorialidades não apenas através do fato futebolístico, mas também através das barcas, celebrações que ocorrem em bares, em clubes, em casas de dirigentes, treinadores, jogadores e, às vezes, chegam a fechar ruas (FIGURA 29).

Outro ponto interessante no discurso de Virgílio é que ele se refere à barca como *a barca dos boleiros*, ou seja, a celebração dos jogadores e, em menor medida, dos treinadores e dirigentes. O efeito de sentido de que a barca é dos jogadores não apenas é uma forma de se construir uma estruturação identitária, mas também um reflexo de uma maneira de organização destas celebrações. Geralmente, as barcas são oferecidas, sobretudo nos times grandes, pelos dirigentes e patrocinadores aos jogadores e para a comunidade em geral. Portanto, a representação social de que a barca é dos *boleiros* tem sua ancoragem na imagem de que ela é oferecida para os jogadores, uma vez que sem eles não haveria jogo nem, conseqüentemente, barca.

³¹⁷ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³¹⁸ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.



FIGURA 29 - RELAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS DO PELADÃO

Fonte: Da esquerda para a direita e de cima para baixo - (01) A Crítica, 2008; (02) Emanuel Mendes Siqueira; (03, 04 e 05) O autor.

Legenda: (01) Doação das bolas arrecadadas no Peladão; (02) Distribuição do Sopão do Peladão; (03, 04 e 05) Barca do Apolo.

Entretanto, a barca é também de toda tribo, dos familiares dos jogadores e da vizinhança, pois ela não tem como premissa a celebração de uma vitória, mas do próprio estar junto propiciado pelo futebol. Isto demonstra o caráter orgiástico e hedonista do Peladão, no qual o importante não é o resultado, mas sim o lúdico, a pulsão gregária, os momentos de presença que proporciona a reunião em torno de um campo de futebol, da casa de um dirigente ou de uma mesa de bar – territórios futebolísticos simbólicos do espaço de representação do Peladão. A barca, portanto, é um momento de celebração, um ritual de base dionisiaca, pois se fundamenta no presenteísmo, no gozo e no transe a partir da comida – churrasco, feijoada e, geralmente, sopa – e, principalmente da bebida alcoólica, conforme define Sidney Netto: “Então essa barca é isso daí, é a parte social ética da competição” (Informação verbal)³¹⁹. Kid Mahall – que já foi dirigente de clube e, portanto, participou da organização de barcas – qualifica este instante eterno como o *a hora da verdade* para

³¹⁹ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

os participantes do Peladão, pois por mais que o fato futebolístico se pautem no lúdico, sempre carrega uma tensão. A barca não. Ela é o momento de pleno gozo.

Por mais humilde que seja o time, ou ele vai de barril de chope à batida, à cachaça, mas o importante é que eles fazem a brincadeira depois da partida de futebol se ganha ou se perde. [...]. Mas essa barca, ela é a hora da verdade pra eles, onde eles criticam, eles debocham, se divertem, pra ver: eles fazem tudo naquele instante. Que antes do jogo, eles só pensam no jogo. Depois do jogo, na barca, é o lazer. [...] É coisa assim de estar na frente da casa do presidente, aí puxa uma mangueira e aí os caras se molham; aí já está lá a cerveja gelando; a esposa do presidente já fez aquele panelão de sopa. (Informação verbal)³²⁰.

No discurso de Kid Mahall estão presentes, além da música, os mais importantes elementos que constituem a barca: a comida, a bebida, a confraternização, o orgasmo, além da conversa sobre o jogo. Estes comentários feitos criam ricas representações sociais acerca do time, do juiz e do próprio campeonato. Assim, diferentemente do que ocorre, de maneira geral, com o futebol profissional, em que a mídia tem o papel de propagar representações sociais e discursos acerca do jogo, no Peladão estas representações sociais são criadas nas barcas. José Carlos Pereira Cavalcante destaca as discussões ocorridas na barca e afirma que, por serem compostas pelos mesmos elementos, as barcas promovem igualdade entre os times.

E isso aí não existe time grande, não existe time pequeno. Eles se igualam. Eles se diferenciam apenas na quantidade. Os com melhores condições comem um pouco mais, bebem um pouco mais. E os de menores condições bebem um pouco menos e comem um pouco menos. Mas que a festa, a barca é a característica do Peladão. Todos os jogos, independentemente onde seja e com quem quer que seja, existe a barca. A chamada barca, que é a reunião após os jogos pra questionar quem errou, quem acertou, reclamar do juiz, culpar A, culpar B. (Informação verbal)³²¹.

Se todos os times compartilham dos mesmos elementos simbólicos das barcas, construindo territorialidades em suas comunidades, há não apenas uma variação de quantidade de comida e bebida, mas também de qualidade. Se a bebida alcoólica é elemento obrigatório, sobretudo a cerveja, a comida varia de acordo com a condição econômica das equipes. Sidney Netto relata as discrepâncias que notou ao ir a campo observar as barcas: “Tem lugar que você vai e é uma fartura desgraçada. Tem o que você imagina, tem o cara servindo churrasco, tem cerveja gelada... Você vai num outro

³²⁰ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³²¹ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

lugar que você pega uma caneca, os caras encham de sopa e você toma aquela sopa” (Informação verbal)³²². Apesar do efeito de sentido negativo produzido pelo discurso de Sidney Netto acerca da sopa, ela acaba sendo o principal símbolo gastronômico da barca, atraindo, além dos participantes do fato futebolístico, outras pessoas da comunidade do Peladão ou do bairro. Sidniz Pereira da Silva Filho chama estas pessoas de *bicões* e incluem os próprios membros da coordenação do torneio nesse meio. Isto demonstra que as territorialidades da socialização do Peladão transcendem as tribos locais (os times ou a vizinhança), abarcando também uma grande massa (como os organizadores do Peladão e demais pessoas que não fazem parte do time ou moram no entorno dos locais onde são realizadas as barcas).

Barca é um encontro que eles fazem depois do jogo, é um sopão, um cozidão, após o jogo perdendo ou ganhando, eles voltam pra onde eles se reúnem e lá alguém está fazendo essa alimentação e não é só pros atletas, aparecem muitos bicões. Às vezes, até nós da coordenação vamos lá, tomar um caldo, uma sopa, enfim participar. Até na comunidade em volta de onde é feito esse serviço vende a cerveja, vende o refrigerante, vende o dindin que é o suco gelado, né, o geladinho. E isso tem no Peladão. (Informação verbal)³²³.

O discurso de Sidniz destaca a mobilização social que a barca promove. Assim como o fato futebolístico, este momento de reunião pode se converter em oportunidades econômicas para a comunidade. Quanto maior for a importância simbólica do time na comunidade maior a participação desta. Assim, as territorialidades das equipes em suas comunidades e em Manaus pode ser observada através das barcas. Conforme as palavras de José Carlos Pereira Cavalcante a comunidade se transforma em torcida e se integra “de corpo e alma”, ou seja, de maneira trágica ao Peladão, seja nos jogos seja nas barcas.

Não resta dúvida. A torcida, muitas vezes, se você observar, aquela barca mais forte, a torcida inclusive é maior. E muitas vezes essa comunidade, essa torcida colabora: um dá uma grade, outro dá meia grade. Quer dizer, a comunidade se integra mesmo ao Peladão. Se integra de corpo e alma: uns se oferecem pra lavar os equipamentos, outro se oferece pra levar o gelo, outro se oferece pra dar, às vezes, a laranja. Quer dizer, é uma sociedade, realmente, formada de forma espontânea. (Informação verbal)³²⁴.

O discurso de José Carlos Pereira Cavalcante revela o *ethos* (futebolístico, mas não somente) de socialidade que o Peladão possui. Ele promove, em seu espaço de

³²² NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

³²³ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

³²⁴ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

representação, relações sócio-espaciais, estruturas identitárias e territorialidades extremamente significativas. Esta sociedade espontânea que o Peladão forma será analisada de maneira mais detalhada na próxima parte do capítulo, através de uma rede sócio-espacial. No entanto, é impossível não abordar esse assunto aqui, pois a barca é um dos fatores gregários e que constituem a centralidade subterrânea do Peladão. O caráter proxêmico das barcas pode ser observado no peso simbólico que ela tem perante os participantes. Para estes não importa apenas disputar o mais significativo campeonato de futebol do Amazonas ou mesmo pleitear a premiação oferecida, mas também são valorizadas as possibilidades de reconhecimento pela comunidade – através, sobretudo, do fato futebolístico – e as oportunidades de socialização e de celebração – através, principalmente, do orgasmo das barcas. Contraditoriamente, o Peladão foi idealizado para retirar os manauaras dos bares e colocá-los nos campos de futebol, conforme explica Dissica Tomaz Calderaro, neto de Umberto Calderaro Filho, idealizador e fundador do Peladão.

A idéia dele, na cabeça dele, o que ele queria era tirar o chefe de família, ou o pai de família, do bar, na sexta-feira; fazer a integração entre os amigos, poder reunir os amigos da rua, das suas ruas, do bairro, das empresas em prol do esporte; colocar esses pais de família no esporte, tirando eles do bar. Na cabeça dele, nas conversas que a gente tinha, ele dizia que era uma forma de o pai de família não gastar dinheiro com cerveja e guardar o dinheiro pro final de semana, em casa, pra comprar comida pra sua família e esse tipo de coisa. (Informação verbal)³²⁵.

O cumprimento do objetivo de levar os homens a se sociabilizar através do esporte não pode ser contestado, dada quantidade de participantes do Peladão. Entretanto, o afastamento dos homens dos bares é verificado apenas parcialmente. Se por um lado as barcas apresentam como um de seus territórios preferenciais os bares e as bebidas alcoólicas como elementos simbólicos obrigatórios, por outro este consumo de álcool se dá em um outro contexto – de grande participação comunitária e, inclusive, familiar. Apesar da coincidência de alguns elementos, freqüentar as barcas não é a mesma coisa do que freqüentar bares, pois as barcas estão imersas em um espaço de representação vinculado ao futebol – que apresenta uma ética diferente, assim como práticas sócias, relações e símbolos diversos daqueles observados no *bar pelo bar*. Mesmo assim, não se podem ignorar as territorialidades construídas a partir do bar como território de sociabilização dos participantes do Peladão, conforme explica José Virgílio Melo de Albuquerque:

³²⁵ CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

Nossa, a barca. A barca não tem como... A barca, quando acaba o jogo, vai parar só no outro dia mesmo. Quando o pessoal começa a beber, não quer mais parar de beber. É muita cerveja e muito churrasco, e muito pagode. [...]. Tem os barzinhos já separados já, à beira do campo mesmo, um barzinho próximo a uma pracinha. O pessoal lá começa a beber, comer e pagode rolando no centro. (Informação verbal)³²⁶.

Os efeitos de sentido de valorização simbólica da barca presentes no discurso de Virgílio são típicos não apenas da formação discursiva dos participantes do Peladão, mas também dos organizadores e da comunidade. No entanto, entre os profissionais, as representações sociais acerca das barcas são negativas. J.L.C.S., auxiliar técnico do Nacional FC, reconhece a dimensão da socialidade como motivo fundamental para os jogadores preferirem o Peladão ao futebol profissional:

Jogadores preferem jogar o Peladão ao Campeonato Amazonense. Não pela remuneração, apesar de alguns ganharem até mais. É mais pela barca, a diversão de estarem jogando, de estar no meio social – todo mundo junto –, a divulgação – o povo fala mais do Peladão do que do Campeonato Amazonense. (Informação verbal)³²⁷.

No entanto, o discurso de J.L.C.S. é permeado por um *ethos* discursivo de aversão ao Peladão, sendo este campeonato responsabilizado por desfalcar, em termo de jogadores e público, o futebol profissional do Amazonas. Todavia, o enunciador, inserido na estrutura da política institucional do futebol profissional, reconhece tanto o maior apelo que o Peladão possui na sociedade manauara quanto o fato de propiciar maior orgasmo que o futebol profissional. O peso simbólico da barca e tudo que ela envolve, mobiliza a vida comunitária e produz territorialidades, bem como disputas no plano simbólico em torno das melhores barcas oferecidas na cidade. Segundo José Carlos Pereira Cavalcante, as barcas são fatores de decisão entre os participantes para se inscrever em uma equipe ou em outra.

Quando os atletas vão fazer parte, vão assinar – porque aqui a gente tem uma ficha de inscrição [...]. Quando a gente vai assinar essa ficha, que eu também faço parte dessa ala, dessa grande quantidade de atletas, a primeira pergunta que a gente faz: “Vai ter barca?”. Então, essa é uma pergunta inicial e inevitável por parte de cada atleta. (Informação verbal)³²⁸.

³²⁶ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

³²⁷ SILVA, José Luiz Carlos da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

³²⁸ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

A importância da barca é observada também nos nomes de alguns times que, nos planos simbólico e discursivo, valorizam a barca e seu *ethos* tanto quanto ou mais do que a competição esportiva. Alguns exemplos são: Barca Combinada de Santa Luzia, Barcka FC, Movidos a Álcool FC, Os Caça Barca/Amigos da Nonata, Uma Garrafa e Meia FC Master, entre outros (RELATÓRIO, 2008). Além de as barcas e seus elementos serem aludidos simbolicamente nos nomes de algumas equipes, este ritual trágico-dionisíaco se conforma também como oportunidade da criação de novas tribos, da fundação de novos times. José Carlos Pereira Cavalcante relata que o Apolo Clube, time do qual é fundador e dirigente e que disputa quatro categorias do Peladão, foi criado há mais de 20 anos, por amigos, em uma barca.

O Apolo, realmente, nós criamos numa barca. Nós estávamos numa barca depois de uma pelada... Nós fomos numa barca e aí a gente disse: “Pessoal, vamos formar um time pra botar no Peladão?”. Tudo nasce em prol do Peladão. E quem não quer jogar Peladão? Você espera como Copa do Mundo. Você espera o ano todo pra disputar o Peladão. [...]. Então, nós estávamos reunidos lá na rua, onde costumávamos nos reunir pra tomar uma cervejinha e comer um churrasco, e formamos um time pra entrar no Peladão. Isso aconteceu no 1º de janeiro, na pelada de final de ano, 1º de janeiro de 1988, ou seja, o Apolo fez 20 anos agora no 1º de janeiro de 2008. (Informação verbal)³²⁹.

Se, por um lado, a barca constrói tribos e territorialidades de pertencimento, por outro, também cria estruturas identitárias de exclusão. Isto porque, normalmente, as barcas são exclusivas a um time, ou seja, é incomum que dois times se confraternizem na mesma barca. José Virgílio de Melo Albuquerque explica que os adversários nunca compartilham da mesma barca: “Os times fazem a barca separados, na verdade. Os times todos... As barcas dos times são sempre separadas, nunca é junto, sempre é separado” (Informação verbal)³³⁰. Virgílio fala de um lugar de um jogador que disputa o Peladão por grandes times, que congregam uma comunidade muito grande, sendo realmente improvável que compartilhem suas barcas com os adversários, mesmo que estes façam parte de seu bairro. Entretanto, ao discursar de um lugar de dirigente de time e de liga de bairro, José Carlos Pereira Cavalcante afirma que a barca carrega a condição de congregar participantes de equipes adversárias, sobretudo quando são do mesmo bairro.

³²⁹ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³³⁰ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

Essa união, essa integração que tem no Peladão, não só da equipe e às vezes até do adversário, vai pra barca do adversário no mesmo dia e vice-versa, às vezes se confraternizam no mesmo local, na mesma hora e todos aqueles empurrões, xavecos, pancadarias durante o jogo, tudo aquilo é esquecido, se integram na hora da barca, que muitas vezes é feita no mesmo local. Isso na primeira fase, pelo menos, quando você joga dentro do seu próprio distrito, na sua própria área. Na segunda fase em diante, onde eles se distanciam um pouquinho mais, é mais difícil de acontecer, porque o pessoal da Zona Leste joga na Zona Norte e vice-versa e eles têm se deslocar. E, geralmente, fazem a barca na sua sede. (Informação verbal)³³¹.

Apesar do *ethos* discursivo otimista, José Carlos Pereira Cavalcante admite que as barcas reunindo e integrando dois times se torna mais difícil à medida que o campeonato deixa de ser disputado nos distritos, ou seja, a partir da segunda fase do Peladão. Já Sérgio Paulo Fernandes da Silva enxerga dificuldade de realização das barcas entre mais de um time, inclusive do mesmo bairro, devido à rivalidade existente entre as equipes, fomentada pelos campeonatos de bairro e pelo próprio Peladão.

Quase sempre cada um pro seu lado. Não são de fazer esta reunião depois do jogo não. Até porque, como eu digo, tem sempre aquela rivalidade nos bairros. E quando é bairro contra bairro, eles já deixam, no lugar onde eles moram, tudo preparado. Então, acabou o jogo, eles já vão lá pra o que eles chamam de barca. [...]. Então, é quase sempre em um local diferente. Então, eles participarem junto, é muito difícil. Muito difícil mesmo. (Informação verbal)³³².

Se as barcas fazem parte da prática social (do futebol) cotidiana do Peladão e são realizadas após todos os jogos, as ocasiões especiais – como conquistas de título – exigem celebrações orgiásticas à altura da importância simbólica de se vencer o Peladão. José Virgílio Melo Albuquerque, que já conquistou o troféu do Peladão quatro vezes como jogador, explica que a comemoração do título é feita a partir de um calendário de celebrações: “Quando ganha o título é festa atrás de festa. É festa depois do jogo, é festa no outro final de semana. Sempre marcando festa pra não esquecer esse título” (Informação verbal)³³³. Estas celebrações confirmam o caráter hedonista, trágico e dionisíaco que possui o espaço de representação do Peladão. Esta instância da espacialidade, portanto, congrega elementos simbólicos tanto do torneio de futebol quanto dos concursos de beleza e das práticas e relações sócio-espaciais da *trialética* da existência pós-moderna. São formadas, portanto, uma diversidade de redes sócio-espaciais no espaço de representação do Peladão.

³³¹ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³³² SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

³³³ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

5.4 REDE SÓCIO-ESPACIAL DO PELADÃO

Nós não temos conhecimento de um [campeonato] maior que o nosso. Não sei se existe. Até agora não foi divulgado. Todo ano, o Peladão é coberto por alguns veículos internacionais, nacionais. E sempre que eles vêm aqui eu pergunto. Até por curiosidade. A gente pergunta: “como está por lá? Viu algum aí?”. “A gente viu, mas é 100, 200 [times]”. Assim como o nosso, até agora, não foi divulgado em lugar nenhum. Graças a Deus. Nesta dimensão, ainda somos os pioneiros. (Informação verbal)³³⁴.

Esse campeonato não é da A Crítica. Esse campeonato é do povo. Então, eles mesmos fazem. (Informação verbal)³³⁵.

O espaço de representação do Peladão é apenas um dos espaços de representação que compõem a instância simbólica da espacialidade. Entretanto, estes não são, necessariamente, independentes uns dos outros. Há uma diversidade de espaços de representação que interagem com o do Peladão. Podemos afirmar o mesmo em relação às outras instâncias da espacialidade, que se relacionam a partir de uma dialética da triplicidade (LEFEBVRE, 1991). Entretanto, quanto mais o espaço de representação consegue penetrar e se confundir com as práticas espacial e social cotidianas de uma cidade, comunidade ou tribo, mais significativo ele é na dialética da existência pós-moderna. O espaço de representação do Peladão não apenas se confunde com a própria vida cotidiana pós-moderna de Manaus como também congrega uma diversidade de universos simbólicos, sendo, fundamentalmente, híbrido. Sua essência se encontra no espaço de representação do futebol. Entretanto, além de apresentar uma diversidade de apropriações de seus elementos ora se aproximando ao espaço de representação do futebol amador ora do profissional, o espaço de representação do Peladão incorporou elementos de outros universos simbólicos, como os concursos de beleza, os bares, entre outros. Assim, o espaço de representação do Peladão produz territorialidades a partir de diversos elementos, em diferentes universos simbólicos e a partir de várias escalas, constituindo multiterritorialidades.

O espaço de representação do Peladão é um espaço de representação do futebol que, pelas características da própria manifestação que o origina, assume elementos e apropriações diversas dos demais espaços de representação do futebol, pois está intimamente ligado a um concurso de beleza e a formas de sociabilidades e territorialidades específicas, como a barca. Assim, o espaço de representação do

³³⁴ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

³³⁵ CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

Peladão é complexo em suas territorialidades, que são bastante diversas. Estas estão ligadas de maneira indissociável a formas de socialidade³³⁶, sendo constituídas a partir de apropriações dos elementos do espaço de representação do Peladão. Portanto, podemos afirmar que estas territorialidades e suas correspondentes socialidades se interligam formando multiterritorialidades, que se expressam em uma imensa rede de relações – que produzem diversas estruturas identitárias e formas de tribalização e agrupamentos –, a qual chamaremos de rede sócio-espacial. A imagem da rede expressa a horizontalidade da maior parte das relações, bem como a interdependência entre tais relações nas quais circulam, na maioria das vezes, a potência, mas também o poder. Se admitirmos que, na dialética da existência pós-moderna, há um predomínio dos espaços de representação, do paradigma da socialidade e do presenteísmo, esta rede sócio-espacial do Peladão se configura como expressão de tal tendência.

A fim de traçar esta rede sócio-espacial, retomaremos, resumidamente, algumas das discussões já realizadas ao longo do capítulo, bem como aprofundaremos outras que se desenharam, mas ainda não foram contempladas de maneira específica. Iniciaremos a demonstração desta rede sócio-espacial, que denota a essência pós-moderna do espaço de representação do Peladão, através da invenção do evento que fundou este rico universo simbólico. O Peladão surgiu em 1973, para atingir um público de homens que passavam seu tempo livre nos bares. Como seu idealizador, Umberto Calderaro Filho, era proprietário da Rede Calderaro de Comunicação – na época ligada aos Diários Associados –, o Peladão foi concebido e implantado originalmente como uma forma de comunicação entre esta rede de comunicação – mais especificamente, entre o jornal A Crítica – e a massa manauara. O objetivo da empresa de utilizar o Peladão como canal de comunicação com a massa fica evidente nas palavras de Dissica Tomaz Calderaro:

O engraçado de tudo isso é que se vê muito futebol sendo realizado por federações ou futebol realizado como esporte em si, por colégios, associações, fundações, mas é muito difícil você ver o esporte sendo realizado por uma empresa privada. A empresa, A Crítica, a Empresa de Jornais Calderaro Ltda., é uma limitada, é uma empresa com fins lucrativos e que seu objetivo-fim é levar informação pro público. Só que, como começou o Peladão, chegou num ponto que, olha, não dá pra parar. A gente tem que continuar retribuindo – e hoje o cliente tem na cabeça isso. É poder retribuir o carinho que o público amazonense tem conosco, seja através de jornal impresso seja

³³⁶ A palavra *socialidade* aqui se refere à qualidade de ser social. No entanto, a ambigüidade com o paradigma da socialidade nos é caro, pois entendemos que a maior parte das relações que ocorrem no espaço de representação do Peladão é pautada no paradigma maffesoliano de socialidade.

através da Televisão A Crítica ou da Rádio A Crítica é uma forma da gente levar o entretenimento, o esporte e o lazer pra todos os bairros da cidade. Então, é envolver. Eu acho que é uma relação de amor e carinho recíproco. Porque o carinho que a gente recebe pelo povo, a gente tenta dar pro povo. [...]. E a gente retribui através do Peladão. (Informação verbal)³³⁷.

O discurso de Dissica demonstra um *ethos* discursivo de tentativa de aproximação da empresa ao público, procurando produzir o efeito de sentido que o Peladão é uma retribuição ao carinho que o público demonstra em relação aos produtos da rede de comunicação. Ele discursa do lugar de responsável da divulgação do evento, buscando reforçar as representações sociais de horizontalidade da relação entre o jornal e a massa. Mais do que uma retribuição de carinho, o Peladão é uma poderosa estratégia de criação de uma imagem de penetração da A Crítica na vida cotidiana dos habitantes de Manaus e do Amazonas. Todavia, não encaramos tal estratégia como algo que fomente a alienação e produza momentos de ausência na vida cotidiana manauara. Pelo contrário, o Peladão somente consegue criar a imagem de horizontalidade por se fundamentar na razão sensível e na potência, descentralizando grande parte de seu funcionamento na mão das tribos – que, em uma visão *maffesoliana*, são derivadas de uma massa formada pela afetualidade. Em outras palavras, o Peladão só cria, no inconsciente coletivo, a imagem do *ethos* comunitário porque ele, de fato, produz um sentimento trágico-dionisíaco e momentos de presença, que rompem com a alienação, com o paradigma social pautado na hierarquização. Assim, a Rede Calderaro de Comunicação lucra com o Peladão muito mais de maneira simbólica do que vendendo seus produtos, pois propicia a emergência da ética da estética e da proxemia, fomentando um hedonismo que se encerra em si mesmo. Desta forma, é o gozo que o Peladão proporciona às tribos que propicia o capital simbólico adquirido, cotidianamente, pela A Crítica, que se reverte – de diversas formas – em capital econômico. Se a estratégia mercadológica prevalecesse sobre a razão sensível – conjunção entre razão e emoção, calcada na dimensão coletiva (MAFFESOLI, 1998) – os resultados econômicos não seriam atingidos da mesma maneira.

No entanto, mesmo que partamos do pressuposto de que as estratégias de comunicação/relação entre a Rede Calderaro e a massa sejam, através do Peladão, mais simbólicas do que mercadológicas, não podemos desconsiderar que esta rede de comunicação é uma instituição que se insere dentro de uma lógica econômica de

³³⁷ CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

competição de mercado. Sendo assim, enxergamos a Rede Calderaro como uma instituição que, por uma série de processos endógenos e exógenos, foi penetrada pelos valores do paradigma da socialidade – pela razão sensível –, que por ela se espalhou. Tal exemplo mostra como as instituições não deixam de existir e possuir uma grande importância na vida cotidiana pós-moderna, mas que suas dinâmicas internas e, sobretudo, as relações que mantêm com as massas e tribos estão sofrendo, constantemente, redefinições que têm como base a razão sensível. As palavras de Arnaldo Santos acerca da criação do Peladão mostram que, desde o seu início, o torneio futebolístico e tudo que o cerca foram concebidos de forma a se conjugar com a dimensão do percebido e do vivido da comunidade manauara.

Então ele [Umberto Calderaro Filho] inventou isso por achar que a bola é uma coisa que todo mundo joga e que tudo faz. Então, era pra fazer nos bairros. Assim: um bairro contra outro, uma rua tem um time, na outra tem dois, aí junta e aí joga com outro. É assim a história do Peladão. Eles criaram essa coisa e aí foi ganhando essa dimensão. Foi se espalhando, se espalhando e o tempo foi passando. [...].Então, na verdade, é como se fosse uma brincadeira de rua, que foi se multiplicando até chegar onde eu cheguei, onde eu estou. Esse é o Peladão. (Informação verbal)³³⁸.

Se pensarmos o Peladão como criação institucional, como forma de planejar e submeter a vida cotidiana dos habitantes de Manaus a uma prática social, aceitamos a idéia de que este é um produto da instância das representações do espaço. Deste modo, se inseriu e continua o fazendo na instância da prática espacial, ou seja, na dimensão do percebido. Entretanto, mesmo sendo um produto de uma concepção institucional, por sua natureza e pela forma como foi apropriado pela massa, criou um universo simbólico, proporcionando experiências plenamente vividas, ou seja, fundou um espaço de representação. Conforme Arnaldo Santos, o espaço de representação do Peladão, em sua concepção, percepção e vivência, se fundamenta na proximidade, ou seja, no caráter relacional entre as pessoas, entre as pessoas e seus territórios (bairros) e, aqui acrescentaríamos, entre os próprios territórios e territorialidades produzidas. Assim, a prevalência do espaço de representação do Peladão em relação à dimensão do concebido pode ser atribuída tanto às apropriações da massa em relação aos elementos do Peladão quanto à própria concepção do evento pautado no lúdico: como “uma brincadeira de rua”.

No entanto, para conseguir organizar e manter esta *brincadeira de rua*, a Rede Calderaro precisa contar com uma estrutura, que consideramos como uma das mais

³³⁸ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

acabadas manifestações de hierarquia dentro de toda rede sócio-espacial do espaço de representação do Peladão. Esta configuração hierárquica possui quatro instâncias: Comissão de Honra, Comissão Administrativa, Direção Geral (do Peladão) e Comissão Disciplinar Desportiva.

A Comissão de Honra – instância mais elevada, pois tem “poderes discricionários em todas as situações” (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 03), podendo nomear e afastar os membros das demais instâncias – é composta pela Diretora Presidente; pela Vice-Presidente; e pelo Superintendente da Rede Calderaro de Comunicação. Logo abaixo da Comissão de Honra está a Comissão Administrativa, formada pelos seguintes funcionários da Rede Calderaro: Diretor do Sistema de Rádio; Diretor do Sistema de Televisão; Diretor de Redação do Jornal; Diretor de Marketing e Eventos do Jornal; Editor de Esportes; Diretor Geral do Peladão – nomeado pela Diretora da Rede. O Diretor Geral, que “será o executor, o dirigente administrativo e técnico do Campeonato de Peladas do Amazonas” (XXXVI CAMPEONATO, 2008, p. 04), nomeia os demais membros da Direção Geral: Coordenador Técnico; Coordenador Administrativo; Coordenador do Concurso de Rainhas; membros da Secretaria (Assessor, Estatístico, Secretária, Digitador, Supervisor de Logística, Serviços Gerais); além dos membros da Comissão Disciplinar Desportiva. Com exceção a esta – que é composta por um Presidente, um Vice-Presidente, um Procurador, 12 Auditores e um Secretário – todos os membros da Direção Geral do Peladão são funcionários contratados pela Rede Calderaro de Comunicação. Para Sérgio Paulo Fernandes da Silva, ser funcionário da rede de comunicação faz com que além do amor pelo futebol e pela organização do Peladão, haja um compromisso e uma qualidade maiores em relação ao trabalho realizado.

Todos nós recebemos mensalmente pelo jornal [A Crítica]. Desde antes de começar o Peladão até depois de terminar o Peladão. Nós fechamos o relatório anual... O 2006 deve sair agora. Então, quando termina o Peladão, monta isto aqui [mostrando o relatório]. Isto aqui é tudo que houve no Peladão. Estas páginas são tudo... Tem súmulas, tem regulamento, tem jogo, tem tudo aqui. Tudo isto é feito depois que termina o Peladão. A gente trabalha não é [só] por amor não. É por amor e profissionalismo. Por isso que é cobrado, porque ninguém está aqui fazendo favor. É um trabalho como outro qualquer. Remunerado sim. (Informação verbal)³³⁹.

Sérgio Paulo ressalta, em seu discurso, a grande quantidade de trabalho que os organizadores do Peladão possuem durante todo ano, não apenas com a organização

³³⁹ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

do Peladão, mas também com a elaboração do relatório anual, entre outras atividades³⁴⁰, o que justificaria sua remuneração. Entretanto, no discurso de seu superior na hierarquia, Dissica Tomaz Calderaro, a estrutura do Peladão acaba se tornando muito cara, fazendo com que a empresa precise bancar grande parte das despesas, que não são cobertas pelos patrocinadores.

Confesso que o Peladão, se não fosse o envolvimento, realmente, da empresa... A empresa banca toda aquela estrutura e conta com parceiros. Agora, sem visar lucro, até porque seria impossível manter um campeonato dessa envergadura com patrocinadores locais. [...]. O quanto gasta ou o quanto vai conseguir através de patrocínio pra ajudar bancar toda essa estrutura – porque é uma estrutura grande, aliás, é uma estrutura bem grande. Conseguir manter isso aí nos seus cinco meses não é brincadeira não. (Informação verbal)³⁴¹.

Dissica, em seu discurso, ao se referir aos cinco meses que normalmente dura o torneio de futebol, desconsidera as outras atividades realizadas pelos organizadores. Por ser gratuita, a competição não possui outras fontes de receitas diretas que não os patrocinadores. Em 2008, o Peladão teve três principais patrocinadores: Mavel, uma concessionária local da Volkswagen; Weber Quartzolite; além do Governo do Estado do Amazonas. Para Sérgio Paulo Fernandes da Silva, mesmo com a Rede Calderaro de Comunicação bancando boa parte dos gastos, o envolvimento dos patrocinadores faz com que a organização do Peladão exija maior seriedade: “Ela [A Crítica] patrocina o Peladão, mas tem parcerias. [...]. É por isso que nós temos seriedade. Porque está em jogo o nome de várias empresas, não só o do jornal” (Informação verbal)³⁴². Entretanto, a influência que os patrocinadores exercem sobre os organizadores do Peladão é indireta, pois mantêm relação mais direta com a Rede Calderaro.

Mesmo com todos os objetivos esportivos e sócio-espaciais que o Peladão possui, ele não deixa de ser um interessante produto comercial para a Rede Calderaro, mais especificamente para o jornal A Crítica. Todas as sextas-feiras, neste jornal, é rodado um caderno de 16 páginas, que trata exclusivamente do Peladão – inclusive sem anúncios publicitários. Em uma cena de “The beautiful game”, gravada em meio às impressoras rotativas da A Crítica e na qual aparecem Arnaldo Santos e Dissica Calderaro, a narração do documentário insinua o valor mercadológico do Peladão ao afirmar: “In Brazil, football sells papers. That’s one of the reasons the

³⁴⁰ Desde 2007, a coordenação do Peladão realiza a Copa A Crítica de Dominó.

³⁴¹ CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

³⁴² SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

owners of A Crítica – the largest newspaper in Amazonas – founded Peladão in 1973”³⁴³ (THE BEAUTIFUL, 2006). A cena continua com Arnaldo Santos mostrando a foto de algumas candidatas no jornal e falando: “Aqui está o grande segredo da história” (THE BEAUTIFUL, 2006). A narração volta afirmando que não apenas o futebol vende jornais, mas que as candidatas também: “Sexy women also sell papers as Arnaldo Santos and A Crítica owner Dissica Calderaro know only too well”³⁴⁴ (THE BEAUTIFUL, 2006). Se o comentário pode demonstrar um *ethos* discursivo de que as Rainhas são atrativos para vender jornais, a afirmação de Arnaldo não refuta este efeito de sentido. Ao analisarmos o espaço dado nos cadernos especiais da A Crítica ao futebol e ao concurso de beleza, percebemos que há um certo equilíbrio, sobretudo se considerarmos que o torneio de futebol possui seis categorias e que há reportagens que não abordam especificamente o torneio de futebol, mas o que o cerca. Dos 15 suplementos, 8 trazem como capa reportagens sobre futebol (4 da Categoria Principal) e 7, sobre as Rainhas. Na seção “Cenas e Figuras”, que trabalha, principalmente com fotos, também há um equilíbrio entre as Rainhas e todas as categorias do futebol. Em número de páginas, as reportagens sobre as Rainhas só perde para as da Categoria Principal do Peladão: 61 a 57. No entanto, se não contarmos as reportagens sobre o Sopão do Peladão, as barcas, o comércio em torno dos jogos, as Rainhas teriam mais espaço que a Categoria Principal no jornal A Crítica. Na sequência vêm o Peladinho (18 pág.), o Master (12), o Feminino (10) e as Categorias Indígenas (6).

A Crítica utiliza de seus meios para divulgar o Peladão como seu produto. Isto não se percebe apenas através das reportagens – sobre as categorias do Peladão ou sobre o concurso de Rainhas – e das fotos – sobretudo das candidatas com trajes e poses sensuais, numa pavoneação do corpo (MAFFESOLI, 2005b) –, mas também através da utilização do caderno especial do Peladão como forma de comunicação com os participantes, divulgando a tabela dos jogos e promovendo os eventos do espaço de representação do Peladão. A utilização dos meios de comunicação da empresa que realiza o Peladão é vista por Sérgio Paulo Fernandes da Silva, além de algo natural, como uma vantagem que o Peladão possui a fim de se comunicar com seus participantes.

³⁴³ “No Brasil, futebol vende jornais. Essa é uma das razões que levaram os proprietários do A Crítica – o maior jornal do Amazonas – a fundarem o Peladão”. (tradução nossa).

³⁴⁴ “Mulheres sensuais também vendem jornais, como Arnaldo Santos e o dono da A Crítica Dissica Calderaro sabem muito bem”. (tradução nossa).

Olha, quando começa o Peladão, o jornal nos dá um espaço de um tablôide de 16 páginas semanais. [...]. Neste tablôide são abordadas todas as categorias semanalmente. Então, fica muito fácil. Este tablôide sai sexta-feira, junto com a tabela. A tabela é divulgada aqui na coordenação às quintas-feiras a partir das 12 horas. Mas ela sai na A Crítica na sexta. Então, quem vem aqui sabe logo de ante-mão onde vai jogar. Quem não vem, é só procurar o jornal na sexta-feira e vai saber onde todo mundo joga e o que rolou na semana. Então, isto acho que é uma vantagem. É uma informação muito boa. Além da televisão passar o concurso de Rainha, especialmente aos sábados, às 10 da manhã. E a rádio divulgar os flashes do Peladão e do concurso de Rainha. É uma empresa de comunicação que usa o que tem pra divulgar o Peladão. Nada mais justo do que isso. (Informação verbal)³⁴⁵.

Podemos partir de dois pressupostos acerca da cobertura do caderno especial da A Crítica, que são aparentemente contraditórios, mas são complementares. O primeiro é de que ele trabalha com uma multiplicidade de enfoques acerca do futebol e do concurso de beleza, tratando-os – na medida das limitações jornalísticas³⁴⁶ – como fenômenos sócio-espaciais complexos. Assim, foge, de maneira geral, da dimensão de que os momentos de presença, o orgasmo e o sentimento trágico-dionisíaco que estes universos simbólicos do espaço de representação do Peladão produzem são naturais – algo ligado a uma identidade brasileira nata – e não social e espacialmente construídos na vida cotidiana pós-moderna. O segundo pressuposto é de que estes cadernos estão inseridos em uma lógica comercial. No entanto, não podemos ignorar que por trás da comercialização da imagem do Peladão existe uma complexidade de universos simbólicos, um espaço de representação que permite a construção de diversas territorialidades. Assim, não é o espaço de representação do Peladão que se submete a uma lógica econômica, mas o contrário. O capital econômico só se efetiva pelo fato de que o seu produto possui um considerável capital simbólico. Isto não significa que endossamos o discurso de que a paixão pelo futebol e por mulheres bonitas faz parte da natureza dos brasileiros, como uma identidade de matriz biológica (HALL, 2005), como os documentários analisados formulam. Isto é implícito em toda a narrativa, mas fica especialmente explícito na cena final do filme “The beautiful game”. A narração do filme afirma, sobre a imagem de uma jibóia se enrolando em uma bola de futebol e, posteriormente, de garotos jogando futebol em uma praia às margens do rio, que: “Football, for Brazilians, is the essence of life. In the heart of the rainforest this is specially true. Brazilians believe they play the best football in the world. They also

³⁴⁵ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

³⁴⁶ Não se pode exigir um grande aprofundamento ou formulações teóricas em reportagens jornalísticas. Isto não está relacionado com a qualidade dos jornalistas ou da cobertura, mas sim com as limitações de tempo, de espaço e com a adequação da linguagem em relação ao público.

believe they have the most beautiful women”³⁴⁷ (THE BEAUTIFUL, 2006). No livro de Alex Bellos – que também é um dos roteiristas do referido filme – a questão de uma identidade nacional fixa, pautada no futebol e na apreciação de mulheres bonitas, também se faz presente de modo significativo.

O Peladão foi acolhido com tanto entusiasmo porque todo brasileiro, dizem, vê a si mesmo como um jogador de futebol. No Peladão, todo mundo *pode* ser um jogador. Acho que o torneio se tornou enorme por outros motivos também. Manaus é tão remota e desligada dos centros de poder do Brasil que seus moradores sentem necessidade de exagerar as características nacionais. (BELLOS, 2003, grifo do autor, p. 230).

Se pensarmos que o Peladão é uma expressão exagerada de identidade nacional, devido ao fato de Manaus estar isolada, estamos admitindo que o espaço de representação do Peladão nada tem de original. Corroboraríamos também com uma visão de que há *uma* identidade nacional – fixa, quase natural – e que esta é baseada em futebol e mulheres bonitas, elementos que pretensamente o Peladão exagera para tornar Manaus (mais) brasileira. Será que o Peladão é uma expressão de uma identidade nacional ou será que ele não estaria relacionado muito mais com estruturas identitárias locais e até mesmo globais? Acreditamos na segunda alternativa. Com isso, não negamos a importância simbólica que o futebol possui no Brasil, mas não justificamos a existência nem as características do Peladão como uma forma de integrar Manaus ao restante do país. Grande parte das territorialidades do espaço de representação do Peladão está fundamentada na dimensão local, ou seja, com as características sócio-espaciais de Manaus e do Amazonas. Os universos simbólicos do Peladão se apropriam de elementos de circulação global – a valorização da beleza feminina e o gosto pelo futebol não são elementos exclusivos do Brasil, mas sim mundiais – e os ressignificam localmente. Assim, ao invés de ser uma forma de igualar a cidade de Manaus ao restante do Brasil, o Peladão é uma forma de valorizar o que ela e o estado do Amazonas possuem de próprio. O Peladão foi incorporado na dialética da existência pós-moderna manauara justamente por sua dimensão proxêmica e por seu localismo, que se manifestam através, sobretudo, dos elementos dos torneios de futebol – que é diverso pelo número e tipo de categorias –; do concurso de Rainha – que é original por sua vinculação com o torneio de futebol –; e da barca – uma forma de confraternização e orgasmo própria do espaço de representação do

³⁴⁷ “Futebol, para os brasileiros, é a essência da vida. No coração da floresta amazônica isto é especialmente verdadeiro. Os brasileiros acreditam que jogam o melhor futebol no mundo. Eles também acreditam que possuem as mulheres mais bonitas”. (tradução nossa).

Peladão. Desta forma, o Peladão é próprio de Manaus não porque Manaus está isolada do Brasil nem porque ela quer se integrar ao restante do país, mas porque ela possui algumas características peculiares, sobretudo pelo hibridismo cultural de elementos caboclos (ribeirinhos), indígenas, nordestinos e amazônidas. Este hibridismo está intimamente relacionado à urbanização de Manaus e seu crescimento populacional ligado aos fluxos migratórios originados, sobretudo, do Nordeste em dois períodos específicos: ciclo da borracha e instalação da Zona Franca de Manaus. A própria lógica de estruturação identitária do Peladão e a formação das comunidades em seu espaço de representação se encontra vinculada com características culturais daqueles que formaram o espaço urbano de Manaus, bem como a própria concepção desta cidade (como o Distrito Industrial e a tendência de urbanização mais acentuada nas proximidades do Rio Negro). Assim, as próprias características urbanas de Manaus reforçam os laços afetuais das comunidades que sentem necessidade de se auto-representar no e através do espaço de representação do Peladão.

Arnaldo Santos acredita que a fórmula do Peladão poderia ser aplicada no restante do Brasil e nos países vizinhos, mantendo-se a essência do Peladão, “porque o Peladão não é uma exceção do Brasil” (Informação verbal)³⁴⁸. Já Dissica Tomaz Calderaro enxerga empecilhos para a implementação de tal fórmula em grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro devido à dinâmica da vida cotidiana em tais cidades: “Eu acho, hoje em dia, muito particular. [...]. Muito difícil você conseguir reunir os amigos da rua ou o convívio da rua pra ir treinar futebol ou jogar futebol. [...]. Eu acho que, hoje, essa realidade é impossível nos grande centros” (Informação verbal)³⁴⁹. Não acreditamos nem que o Peladão teria a mesma essência em qualquer local do Brasil nem que seria impossível se organizar um torneio com esses moldes em São Paulo ou no Rio de Janeiro. O que diferencia o espaço de representação do Peladão são muito menos as regras do fato futebolístico do que a inserção dele na dialética da existência pós-moderna manauara. Seria possível existirem inúmeros Peladões, mas cada um diferente do outro. A vida comunitária e a tribalização são características marcantes de Manaus. Estas são tanto causas quanto efeitos do Peladão. No entanto, tais elementos também podem ser observados em cidade mais populosas. É possível que, nessas cidades, o Peladão não congregasse nem o número nem a diversidade de pessoas que consegue fazer em Manaus. Desta forma,

³⁴⁸ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³⁴⁹ CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

podemos aferir que o Peladão possui grande importância simbólica para Manaus, pois consegue, ao mesmo tempo, a congregar como uma grande massa e nela criar tribos afetuais. Tal importância é expressada por Sidniz Pereira da Silva Filho.

Ela [história do Peladão] pra nós do nosso estado, ela tem um peso muito importante. Porque quando ele surgiu, só tinha ele cara, sabe? Poucos bairros faziam competição com qualidade, né? E eram dentro da área abrangente da comunidade. Não havia terminal de integração, transporte coletivo, então era muito difícil você sair da Zona Norte e disputar uma competição na Zona Sul. [...]. O intercâmbio entre essas comunidades era difícil. O Peladão surgiu integrando essa comunidade. Primeiro dentro da zona que ele pertence e depois dentro da cidade de Manaus. Então, talvez, ele surgiu atendendo essa necessidade e esse espírito se mantém. (Informação verbal)³⁵⁰.

O filme “The beautiful game” aponta o fato de o Peladão organizar e formalizar a *pelada*, que é informal por definição, como uma peculiaridade, uma exceção: “Manaus is the only place in the world where kickabout has been formalized into such a giant event”³⁵¹ (THE BEAUTIFUL, 2006). Bellos também ressalta este aspecto, em seu livro:

A premissa da competição é deliciosamente autocontraditória. Uma “pelada” define o tipo de futebol desorganizado, improvisado, jogado pelos brasileiros onde quer que tenha espaço – nas praias, ruas e várzeas. As peladas usam qualquer coisa como bola, os jogadores muitas vezes estão descalços e os campos normalmente são precários. Os brasileiros têm uma visão romântica de que suas peladas são a razão de terem tanta habilidade no controle de bola. O Peladão é uma tentativa de formalizar esta herança informal. (BELLOS, 2003, p. 222-223).

Esta, realmente, é uma das características mais marcantes do Peladão como torneio de futebol e como um evento que transcende o esporte. Ele consegue hibridizar a informalidade de uma pelada – sobretudo por descentralizar a organização do fato futebolístico – com uma organização rigorosa – observada nas exigências de cumprimento do regulamento. Assim, o Peladão pode ser informal justamente por ter uma organização bastante formal. Esta formalidade, entretanto, não se encerra em si mesma, mas visa proporcionar momentos de presença e orgasmo aos participantes e para os próprios organizadores.

O reino da organização do espaço de representação do Peladão é, portanto, um híbrido entre a política institucional e a centralidade subterrânea. Observada nas relações entre o Peladão e Rede Calderaro de Comunicação, bem como nas medidas

³⁵⁰ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

³⁵¹ “Manaus é o único lugar do mundo onde a pelada foi formalizada em um evento tão gigantesco”. (tradução nossa).

dos organizadores em relação aos participantes (o regulamento, as decisões, as punições, etc.), a política institucional é fundamental para que exista a centralidade subterrânea, para que circule a potência na rede sócio-espacial e para que o espaço de representação do Peladão seja repleto de momentos de presença e de orgasmo. Destacamos, nos itens anteriores, algumas características do regulamento do Campeonato de Peladas do Amazonas e como tais regras, normas e decisões contribuíam para a criação das experiências plenamente vividas no espaço de representação do Peladão. Entretanto, é necessário retomarmos alguns pontos a fim de esquematizarmos a rede sócio-espacial do Peladão. Um deles é o projeto de horizontalização do Peladão, com a criação de categorias que pudessem contemplar o maior número de perfis possíveis: etários, de gênero e sociais. Para Arnaldo Santos, o cumprimento deste objetivo teve que passar por um convencimento da comunidade e dos próprios membros das Comissões Administrativa e de Honra do Peladão.

Eu assumi baseado encima de um projeto em que pedi que algumas modificações teriam que ser feitas ao longo do tempo. E eles concordaram com tudo isso. Aí eu comecei, então, a mexer nessa programação. [...]. É que quando eu comecei com o Peladão, o Peladão era um evento vertical. Depois de três anos com a minha equipe, estudando, entendendo a linguagem, com as coisas... Porque a modificação é muito difícil. [...]. Então, com muita calma nós fomos aprendendo, fomos colocando valores – que é este o exercício que nós queremos –, fazendo compreender a comunidade, os patrocinadores, mas, sobretudo, o dono do negócio, que o objetivo, o fim do Peladão, não seria aquele jogo de futebol, mas tudo o que cerca o antes e o depois daquele jogo de futebol. (Informação verbal)³⁵².

O discurso de Arnaldo Santos produz o efeito de sentido de que a horizontalização do torneio de futebol está relacionada com uma visão de que o que é mais importante no espaço de representação do Peladão, sobretudo de modo simbólico-identitário, não é o fato futebolístico por si só, mas toda a prática social e as relações – elementos acompanhados pelas categorias de mediação e dos reinos do espaço de representação do futebol – que o Peladão propicia. O fato futebolístico passa a ser – além de um momento ritualístico com uma montagem mitológica trágico-dionisíaca, pois, na maioria das vezes o que interessa é o orgasmo do estar junto – um pretexto para a reunião de tribos, bem como uma oportunidade de dissolver relações de poder, pautadas no paradigma social presente da vida cotidiana. Sidniz Pereira da Silva Filho destaca algumas das relações que o Peladão promove, através da organização dos times, pela centralidade subterrânea.

³⁵² ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

É interessante o envolvimento social do Peladão porque nós temos aqui, por exemplo, nós temos na mesma equipe, o cara que trabalha com recebimento de peixe durante a madrugada lá na orla de Manaus [...]. Ele tá ali trabalhando com um produto durante a madrugada, e no dia seguinte, normalmente, tem um jogo. Nesse jogo, ele vai encontrar um juiz de direito, né? Uma autoridade na área jurídica do estado que vai ter dentro da equipe a mesma importância. [...]. Tem equipes que o patrão dele na empresa participa junto com ele nessa hora de disputar o Peladão. As equipes da indústria, muitas vezes, o supervisor de linha, né? O gerente de linha, lá, ele é o banco de reserva pra aquele funcionário que ele tem o domínio profissional durante toda a semana, né? Esse movimento social, ele é abrangente. No Feminino, o treinador, é o treinador da esposa que a esposa joga no time feminino. E a geração anterior, tem jogador no feminino que a filha já tá participando, então tem a mãe e a filha jogando. Tem a professora junto com a aluna. Do Peladão, tem o professor junto com o aluno. Tem equipes que representam a escola em que eles estudam, que o professor trabalha. Então esse envolvimento de nível social, poder aquisitivo, ele no Peladão, ele só é lembrado no sentido da integração. Ele não é lembrado no sentido de diferenciar faixa social. Ele é lembrado no sentido de integrar a sociedade como um todo. Todos participam com espírito do futebol. (Informação verbal)³⁵³.

Algumas reportagens dos cadernos especiais do Peladão, do jornal A Crítica, tratam destas relações entre a prática social cotidiana com a prática social do futebol do Peladão (DUELO, 2008; CADÊ, 2009; IMAGEM, 2008; O BANQUETE, 2008; PELADÃO TAMBÉM, 2008; RETORNO, 2008; SOPÃO, 2008; SOPÃO RECORDISTA, 2008; UNS TROCADOS, 2008). O discurso de Sidniz produz um efeito de sentido que transcende a formação discursiva dos organizadores do Campeonato de Peladas do Amazonas: o de que o Peladão possui a condição de integrar Manaus e o Amazonas como uma massa, cuja ligação afetual se baseia no futebol e nos demais universos simbólicos abarcados pelo espaço de representação do Peladão. Essa grande massa, que mesmo se clivando em tribos – que possuem um caráter dinâmico, apesar da relativa estabilidade dos times –, mantém uma unidade simbólico-identitária e afetual graças ao compartilhamento de representações sociais. Arnaldo Santos compara a massa afetual do Peladão, devido à sua dimensão, com uma cidade de cerca de 50.000 habitantes. Segundo o diretor geral do Peladão este é, por baixo, o número de pessoas envolvidas direta e indiretamente na rede sócio-espacial do Peladão.

Então, desde este momento eu tento fazer desta grande família do Peladão, porque se eu trabalho com 1.000 times, 600 na cidade, 400 no interior, eu tenho uma cidade em movimento. Quando eu tenho 25 mil atletas e eu tenho 25 mil, uma pessoa a mais destas pessoas, eu tenho 50 mil pessoas. Então, eu sou uma comunidade forte, mas desde que haja esta consciência [que o Peladão não serve para fazer política partidária nem propaganda]. [...]. Até para que a gente possa transferir credibilidade. (Informação verbal)³⁵⁴.

³⁵³ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

³⁵⁴ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

Apesar de acreditarmos em um número maior de pessoas envolvidas do que o apresentado por Arnaldo Santos, o que chama atenção em seu discurso é menos uma quantificação, mas a qualificação que atribui a esta massa. Ele, primeiramente, compara a comunidade do Peladão a uma família, ou seja, cujo fator de agregação se dá através de laços afetuais. Posteriormente, afirma que a comunidade só se torna significativa se ela se conscientizar do que o Peladão significa. Mais do que uma questão de consciência, acreditamos que a congregação da massa passa pela prática social (do futebol, mas não somente do futebol) cotidiana e pelas territorialidades que o Peladão constrói em seu espaço de representação. Assim, a massa do Peladão se torna uma comunidade simbólico-identitária significativa uma vez que sua prática sócio-espacial favorece a afetualidade, a pululação de momentos de presença, o orgasmo, o sentimento trágico dionisíaco e a criação de tribos.

A divisão de Manaus em regiões (distritos) faz com que a Categoria Principal possua uma peculiaridade em relação à sua inserção na dialética da existência pós-moderna, ou seja, em relação às suas territorializações e às suas tribalizações. Esta peculiaridade, apesar de ter sua origem numa questão logística, se apresenta como importante estímulo para a proximidade e para o convívio das tribos de uma mesma localidade. A proximidade dos participantes, ao mesmo tempo em que os torna adversários no ritual do fato futebolístico, os permite criar laços afetuais, sobretudo após os jogos, os incentivando para que estes momentos de presença se estendam também para a vida cotidiana pós-moderna das massas e tribos. Sidniz Pereira da Silva Filho explica que esta divisão por regiões está pautada no *ethos* da socialidade.

Nós dividimos a cidade de Manaus em oito zonas, buscando no primeiro momento do Peladão, ele, eh, fazer a participação dele dentro da própria comunidade. Então, ele joga o máximo possível na primeira fase dentro da própria comunidade, integrando aquela comunidade mais intensamente. Porque todas as equipes são em volta de si mesmas, né... Isso com o objetivo de diminuir as despesas que essas equipes fariam se tivessem que sair percorrendo toda a cidade, né... E também a integração social daquela comunidade. Porque até o meu vizinho de frente ou até a segunda rua do meu bairro, mesmo não conhecendo, talvez ele seja meu adversário no final de semana e isso passa a integrar o conhecimento da comunidade então esse é um dos objetivos de no primeiro momento, na primeira fase do Peladão, ele passe a ter uma participação representativa dentro da comunidade que ele pertence. A partir da segunda fase não. Aí ele vai livre, já não tem mais zoneamento, né... Eles se enfrentam através de sorteios. Então, eles já passam a ter uma integração junto com a cidade, já abre aquela amplitude de bairro para uma comunidade muito maior e passa a ter uma integração maior. (Informação verbal)³⁵⁵.

³⁵⁵ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

O discurso de Sidniz produz um efeito de sentido de que as territorializações do Peladão por regiões de Manaus e, posteriormente, compreendendo a cidade inteira promovem a integração entre as tribos e das tribos com a massa. Em outras palavras, na Primeira Fase, os times têm a oportunidade de se integrar com seus pares e com a comunidade em que estão inseridos. Já na Segunda Fase, estes times – junto de suas comunidades – se integram com tribos de outras localidades, ou seja, com a massa afetual de Manaus que se forma em torno do futebol. Virgílio endossa este argumento ao explicar que grande parte da torcida é formada por familiares, vizinhos e amigos dos jogadores: “Geralmente, a torcida que vai lá é conhecida dos jogadores mesmo: vizinhos, parentes. É isso aí que vai torcer mesmo” (Informação verbal)³⁵⁶. Desta forma, se os torcedores acompanham as equipes, há uma interação – que pode ser tanto harmoniosa quanto conflituosa – entre as comunidades. Para Dissica Tomaz Calderaro, é a rivalidade o principal elemento de estruturação identitária futebolística do espaço de representação do Peladão, uma vez que ele, aliado aos outros elementos simbólicos, consegue promover as referidas territorializações na cidade: “É o envolvimento da comunidade, ele acaba tendo muita rivalidade, porque você mexe com ruas versus bairros, versus bairros, empresas versus não sei o que. [...]. E quando você move a rivalidade e você envolve mais de 22.000 atletas...” (Informação verbal)³⁵⁷. Assim, podemos dizer que as territorialidades do espaço de representação do Peladão são influenciadas não apenas por quais elementos simbólicos são apropriados, mas também pela escala a partir da qual eles o são.

Apesar de não estarem completamente imersos no espaço de representação do Peladão, os campeonatos de bairro são um exemplo de como a escala de apropriação dos elementos simbólicos do espaço de representação do futebol pode produzir diferentes territorialidades que se sobrepõem e se interconectam. Estes campeonatos são importantes elementos da rede sócio-espacial do Peladão, uma vez que influenciam e são influenciados pela principal competição de futebol amador de Manaus. No que se refere às regras, o Campeonato de Peladas do Amazonas possui grande influência nos campeonatos de bairro, que procuram se adaptar ao Peladão, conforme explica José Carlos Cavalcante da Silva, que além de organizador do Peladão, assume o papel de dirigente da liga do bairro de Petrópolis: “Os

³⁵⁶ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

³⁵⁷ CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

campeonatos de bairro, a gente procura moldar ao Peladão, pra que quando a competição se inicie, você já esteja ‘estagiado’, digamos assim, adaptado ao regulamento do Peladão” (Informação verbal)³⁵⁸. Se o Peladão exerce influência nos campeonatos de bairro, a recíproca é verdadeira, mas em outros aspectos. No reino da organização, os campeonatos de bairro influenciam que o Peladão seja disputado no segundo semestre, uma vez que as comunidades realizam suas competições no primeiro. Além disso, as rivalidades gestadas e fomentadas nos campeonatos de bairro são reterritorializadas ao espaço de representação do Peladão, fazendo com que o torneio incorpore elementos simbólicos das competições das comunidades, conforme já abordamos e explica Sérgio Paulo Fernandes da Silva: “Quando o Peladão começa, quase todos os campeonatos comunitários estão se encerrando. Então, às vezes, aquele que foi mal lá na comunidade brilha no Peladão. Ou vice-versa. Não brilhou no Peladão e vai ser campeão lá” (Informação verbal)³⁵⁹. Desta maneira, é possível se falar em multiterritorialidades no espaço de representação do Peladão, já que as territorialidades dos campeonatos de bairro são reterritorializadas e ressignificadas no Peladão, se sobrepondo e se conectando em diversas escalas e a partir de diversos elementos simbólicos.

Os campeonatos de bairro também se configuram como uma oportunidade de jogadores se destacarem e conseguirem serem convidados a atuar pelas grandes equipes do Peladão, com grande probabilidade de serem remunerados para tal. Esta estrutura econômica das grandes equipes do Peladão é decorrente de parcerias com instituições públicas e privadas, através de patrocínios, doações ou até mesmo de relações de mecenato de empresários locais. Estes investem na compra de uniformes e materiais esportivos; em transporte; na angariação de jogadores, treinadores, etc; e na estrutura das equipes (centros de treinamento, campos, etc). O torneio de futebol é uma oportunidade de exposição de marcas, nomes de empresas, empresários, líderes comunitários e políticos. Portanto, vencer ou conseguir um bom resultado no Peladão não representa apenas uma glória esportiva, mas também pode representar um retorno para os investidores. Sidniz Pereira da Silva Filho, em um discurso pautado em um *ethos* de que o retorno financeiro de se vencer o Peladão vem exclusivamente da premiação oferecida, produz um efeito de sentido de que os gastos das equipes estão disparatados em relação ao montante em dinheiro que representa o prêmio oferecido.

³⁵⁸ CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³⁵⁹ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

A gente não entende, o prêmio do Peladão pro campeão é 15 mil reais [um carro 0 km]. A equipe já estourou esses 15 mil reais há muito tempo, né, então, isso tem no Peladão. Tem equipes no Peladão que gratificam atletas depois da partida com R\$20, R\$30, R\$50... Tem atleta que a cada gol marcado recebe R\$10. Isso não é só no Peladão. Isso é no Master, isso é no Feminino, isso é no Peladinho. (Informação verbal)³⁶⁰.

Mesmo com uma apreensão parcial dos retornos financeiros que o Peladão é capaz de proporcionar, os argumentos de Sidniz estão em consonância com a realidade de grande parte dos times do Peladão: a relação de mecenato que os dirigentes mantêm com as equipes. Por mais que o Peladão seja um evento que possibilite retornos financeiros, esta não é a lógica que pauta grande parte dos investidores (empresas ou pessoas). Muitos deles bancam equipes pelo simples prazer de promover o futebol e o orgiasmo em torno dele. Esta relação de mecenato é espontânea, uma vez que a participação do Peladão é gratuita e que cada equipe gasta quanto pode ou quanto quer. Sidney Netto destaca que a arbitragem sob responsabilidade dos times é o principal fator da gratuidade do Peladão, mas o principal efeito de sentido em seu discurso é o de que, mesmo podendo participar do torneio gratuitamente, algumas equipes investem para montar um time competitivo.

Acessível é modo de dizer, né? Porque o trabalho pra você reunir 15, 18, 20 marmanjos. Os caras cheios de nove horas e tal. Às vezes tem que ter algum privilégio, sabe?: “a luz da minha casa está dois meses atrasada”... “a minha mãe está no hospital, precisa de uma operação”... “o anesthesiologista quer cobrar R\$ 1.000, R\$ 500 e tal”... Isso aí vai ter mesmo, vai ter muito interesse e se aproveita. Então se o cara tiver dinheiro, ele gasta. Está entusiasmado com a coisa e tal, se ele tiver dinheiro, ele gasta. Mas a maioria não, a maioria vai participar, mas gasta aí o mínimo, o mínimo. Gasta o suficiente pra participar mesmo. Mas a arbitragem é um ponto interessante, é um ponto que deixa, é um ponto que deixa a competição barata. (Informação verbal)³⁶¹.

A responsabilidade dos times em relação à arbitragem não apenas permite a gratuidade do Peladão, mas também favorece a organização das equipes e comunidades a partir da centralidade subterrânea. Outro fator que contribui em relação à horizontalização da organização do fato futebolístico e da prática social do futebol, bem como à circulação da potência na rede sócio-espacial, é a liberdade dos times de realizarem seus jogos em seus próprios territórios futebolísticos. Estes campos também se conformam como importantes territórios e territorialidades da vida cotidiana pós-moderna, pois permitem a reunião da comunidade, a tribalização, as pulsões

³⁶⁰ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

³⁶¹ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

gregárias e o orgasmo. Como territórios futebolísticos, os campos também são locais de diversas apropriações simbólico-identitárias tanto para os participantes quanto para os torcedores e até mesmo organizadores do Peladão. Estes territórios futebolísticos também são apropriados por outros atores, como os vendedores ambulantes, que juntamente com os fornecedores de materiais esportivos, lavanderias, comércio de comida e bebida (sobretudo para a barca), empresas de transporte, serviços de estética (sobretudo para o concurso de Rainha), entre outros serviços, fomentam a microeconomia dos bairros e da cidade de Manaus como um todo.

As categorias indígenas apresentam uma peculiaridade em relação aos territórios futebolísticos, pois as equipes não podem solicitar mando de campo, já que todos os jogos das categorias Indígenas tanto Masculina quanto Feminina são disputados nos campos da UFAM. Isto faz parte de uma parceria da universidade com a organização da competição, que prevê um acompanhamento de professores da Educação Física e de outras áreas. Se o Peladão mantém uma relação estreita com a UFAM, ele não possui nenhuma ligação institucional com a Funai, como explica José Carlos Pereira Cavalcante: “A Funai às vezes nem apóia. [...]. A Funai tá lá pra defender mais os direitos sociais, pessoais, registros. Eles procuram pra tirar dúvida se a pessoa é indígena, se não é indígena, mas a Funai não interfere em nada nas competições” (Informação verbal)³⁶². Outras instituições públicas federais, estaduais e municipais mantêm relações com o Peladão, como: Exército, (participa com times, mas também cede campos e contribui nas festas de abertura e encerramento, com sua banda ou helicóptero); Polícia Militar (presente em alguns jogos, sobretudo os decisivos); Governo do Estado do Amazonas (proprietário do Estádio Vivaldo Lima e patrocinador); Prefeitura de Manaus (constrói, conserva ou cede campos de bairro) e as prefeituras dos municípios do interior (realizam o Peladão nos municípios).

A relação entre Peladão, prefeituras municipais e FAF é fundamental para a realização do Paralelo do Interior. Geralmente, o Peladão no interior é organizado ou pelas prefeituras dos municípios ou pelas ligas municipais vinculadas à FAF. Como as distâncias entre os municípios e Manaus é considerável e, na maioria dos casos, o acesso só é possível via avião ou barco – meio de transporte que demanda uma viagem que dura dias –, a ida dos times campeões a Manaus depende do apoio financeiro do poder público ou de instituições privadas. Isto faz com que muitos campeões do interior renunciem o direito de tentar disputar o título do Campeonato de

³⁶² CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

Peladas do Amazonas. Outro fator é a possível coincidência de datas entre o Paralelo do Interior e a Copa dos Rios de Seleções. Há uma disputa simbólica bastante significativa entre o Peladão e as instituições futebolísticas do Amazonas, sobretudo com os clubes profissionais e com os campeonatos amadores da FAF. Os participantes do Paralelo do Interior do Peladão e da Copa dos Rios são os mesmos – os melhores jogadores amadores dos municípios do interior. Esta disputa simbólica, que se converte também em política, entre o espaço de representação do Peladão e o espaço de representação do futebol organizado pela FAF pode ser observada de forma explícita na formação discursiva tanto dos organizadores do Peladão quanto na dos membros da FAF. Lázaro D'Ângelo Pinheiro aponta que o Peladão, nos últimos anos, vem perdendo importância, não sendo mais nem tão representativo na vida cotidiana pós-moderna de Manaus nem tão interessante como investimento: “Só que o Peladão, ele está caindo, né? O Peladão não está da maneira que estava antes, né? Tinham equipes com investimento muito alto, segundo comentavam, e o retorno... Não tem retorno” (Informação verbal)³⁶³. Já o discurso de Sérgio Paulo Fernandes da Silva procura justificar a diminuta participação dos municípios no Paralelo do Interior: apenas dois dos 12 que realizaram o Peladão. O supervisor do Peladão não acredita no argumento apresentado pelos municípios de que as campanhas eleitorais inviabilizaram o apoio financeiro às equipes. Todavia, afirma que o principal fator foi uma intervenção política da FAF, através da mudança do calendário da Copa dos Rios de Seleções e da articulação do apoio das prefeituras, a partir de suas ligas.

Na maioria dos casos, a justificativa mais comum foi a falta de apoio das prefeituras locais que estavam completamente voltadas para a disputa eleitoral. Mas o fato importante foi o conflito de datas, pelas constantes mudanças da Copa dos Rios, competição oficial dirigida pela FAF que recebeu apoio em transporte, hospedagem e alimentação das prefeituras numa ação puramente política que acabou colocando o Peladão em segundo plano. O cerne da questão [é que ao] contrariar a FAF, indiretamente, [o Peladão] atinge a CBF no momento importante em que Manaus estava como candidata a sub-sede da Copa do Mundo de 2014. (Informação verbal)³⁶⁴.

O discurso de Sérgio Paulo traz outro importante aspecto desta relação conflituosa entre o Peladão e a FAF: a primazia sobre o apoio à candidatura de Manaus como uma das 12 cidades-sede da Copa do Mundo de 2014, que será realizada no Brasil. Apesar de não estar vinculado à hierarquia das instituições

³⁶³ PINHEIRO, Lázaro D'Ângelo. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

³⁶⁴ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 13 ago. 2009. Informação verbal.

futebolísticas ligadas à FIFA, o Peladão assumiu papel central na campanha de Manaus como uma das cidades-sede da Copa de 2014, com a associação de sua marca à Copa do Mundo (ver FIGURA 31, pág. 329). Mesmo sem uma vinculação oficial, o Peladão, em frente da restrita penetração do espaço de representação do futebol profissional amazonense na dialética da existência pós-moderna de Manaus, adotou o discurso de instituição futebolística que representa a candidatura de Manaus. Ao retomarmos o discurso de Sérgio Paulo, observamos um importante efeito de sentido, o de que um conflito em relação à suposta postura da FAF em alterar as datas da Copa dos Rios de Seleções, para prejudicar o Paralelo do Interior, não seria interessante ao Peladão, pois este se indisporia indiretamente com a CBF e poderia perder a condição de principal evento de apoio à realização da Copa do Mundo em Manaus³⁶⁵. Sidniz Pereira da Silva Filho analisa a primazia do Peladão como evento que representa a candidatura de Manaus como uma das cidades-sede da Copa de 2014 como um mérito do Peladão, mas também como um indício de falta de expressividade do espaço de representação do futebol profissional do Amazonas.

Eu estou super orgulhoso, nossa equipe está super orgulhosa porque o Peladão na mídia do estado é o principal evento do futebol para que a nossa cidade seja sede, né? Vendo o aspecto profissional não é interessante ter uma competição amadora com resultados mais expressivos do que uma competição profissional, não é? Isso demonstra uma falha no profissional. O amador superou o profissional, falha do profissional, não é do amador, pô. Com todas as nossas finais, nós temos público de 11, 15, 20, 25 mil pessoas no estádio. Hoje o futebol profissional não tem nem no campeonato estadual, nem série A, nem série B, não tem em Manaus. Dificilmente aparece esse público. (Informação verbal)³⁶⁶.

O discurso de Sidniz é acompanhado de um *ethos* que permeia toda formação discursiva dos organizadores do Peladão, o de uma disputa simbólica entre o Peladão e o futebol profissional. Não se pode negar que há esta relação conflituosa no espaço de representação do futebol amazonense. Todavia, isto não ocorre de maneira oficial, como política institucional nem da organização do Peladão nem da FAF ou mesmo dos clubes, mas é possível identificar no discurso e em vários dos outros elementos simbólicos do espaço de representação do futebol estes conflitos. Circulam representações sociais negativas acerca do Peladão tanto nos clubes quanto na FAF,

³⁶⁵ Manaus disputava com outras 17 cidades brasileiras uma das 12 vagas para ser uma das sedes da Copa de 2014. Ao ser escolhida pela FIFA, Manaus venceu uma disputa mais direta com Belém e Rio Branco para adquirir a condição de “sede da Amazônia”.

³⁶⁶ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

mas o mesmo ocorre entre os organizadores e participantes do Peladão em relação ao futebol profissional. J.L.C.S., diretor adjunto das categorias de base do Nacional, atribui o apelo do Peladão à divulgação da mídia – mais especificamente da empresa de comunicação que organiza o torneio – e questiona a qualidade futebolística do campeonato, desprezando os jogadores advindos do Peladão:

O Peladão foi criado por uma empresa de comunicação aqui que detém a concessão da TV A Crítica, que detém: a transmissão do SBT [na época]; o maior jornal de circulação do Amazonas, de Manaus, que o jornal A Crítica; rádio também, rádio AM e FM. Então eles divulgam este campeonato. É deles mesmo e eles vão divulgando. O que acontece é que muitas pessoas dizem “o Peladão é melhor”, “a final do Peladão lota o Vivaldão”. Eles cobram um quilo de alimento não perecível para o pessoal dos bairros, os parentes, o pessoal vai pra lá. Nestes campeonatos os caras formam um time, esses jogadores vão pra campo e não precisa nem no jogo. Eles vão pra depois de jogo que é a barca, que eles chamam, que se reúnem no bar depois do jogo, arrega 10, 20 caixas de cerveja e vão até amanhecer domingo. É assim que funciona. O maior estímulo deles é esse. Alguns jogadores ganham R\$100,00, R\$200,00 por dia, por jogo. Então, eles acham melhor jogar Peladão, que tem R\$100,00, R\$200,00 por jogo e depois do jogo perdendo ou ganhando tem a cerveja, a barca. Eu acho mais interessante eles ficarem lá do que no profissional. Tanto é que quando aparece um jogador que se destaca lá no Peladão, quando ele vai pro profissional ele não se adapta, não consegue jogar, ele some com o tempo. (Informação verbal)³⁶⁷.

A formação discursiva dos profissionais do futebol amazonense desconsidera que o objetivo do Peladão não é o mesmo do futebol profissional, ou seja, o resultado em detrimento da diversão. Assim, a comparação em relação à qualidade técnica dos jogadores do Peladão com aqueles formados nas categorias de base dos clubes profissionais não pode ser parâmetro de crítica dos clubes em relação à competição amadora. Entretanto, quando J.L.C.S. afirma que no Peladão não precisa do jogo, ele gera um efeito de sentido que denota a compreensão de que a essência do Peladão é o lúdico, apesar de muitas equipes investirem alto para conquistar o título. Mesmo com os consideráveis investimentos de algumas equipes do Peladão, além de sua significativa inserção na dialética da existência pós-moderna de Manaus, Sidney Netto diz não ser possível comparar o Peladão com o futebol profissional, pois possuem objetivos diferentes (ou, sob a perspectiva *maffesoliana*, no caso do Peladão, ausência de objetivos): “Não dá pra você comparar. Por pior que seja o profissional, ele é profissional. E o Peladão não. O Peladão é a competição do desporto de participação. O Peladão é festa. O Peladão é diversão. O Peladão é sociabilização” (Informação

³⁶⁷ SILVA, José Luiz Carlos da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

verbal)³⁶⁸. O discurso de Siney Netto parece ignorar a disputa simbólica entre o Peladão e o futebol profissional, além de partir do pressuposto que eles são incomparáveis por terem objetivos diferentes.

Esta disputa simbólica envolve visões e discursos diferentes acerca da mídia local. Um efeito de sentido comum na formação discursiva dos profissionais é o de que a mídia privilegia o Peladão ao Campeonato Amazonense, conforme alega J.L.C.S.: “A gente vê muito a imprensa dando ênfase ao Peladão, a campeonato de bairro. [...]. A imprensa exclui a gente. Aqueles que fazem a imprensa local aqui, só fazem [cobertura do Nacional] quando a gente manda pra eles” (Informação verbal)³⁶⁹. O argumento de J.L.C.S. é válido, pois ao Peladão é dedicado um espaço nos jornais e uma cobertura midiática especiais. Isto ocorre não somente porque o Peladão é promovido pela Rede Calderaro, que através de seus meios de comunicação procura valorizar seu produto, mas também pela maneira que está inserido na dialética da existência pós-moderna de Manaus, ou seja, a relevância que o Peladão possui. Tal relevância, aliada às especificidades dos elementos do seu espaço de representação, permitiu que o Peladão despertasse o interesse de meios de comunicações internacionais. Os documentários e reportagens de circulação mundial são constantemente mencionados nos discursos dos coordenadores do Peladão e associadas à qualidade de organização do evento, como o faz Dissica Tomaz Calderaro: “É um campeonato que atrai a atenção da mídia internacional. [...]. Por que toda imprensa internacional veio fazer? Porque aqui a gente tem algo muito especial” (Informação verbal)³⁷⁰. Assim, a falta de cobertura do futebol profissional amazonense não ocorre devido ao espaço dedicado ao Peladão, mas àquele destinado ao futebol profissional de outros estados, sobretudo o do Rio de Janeiro. Arnaldo Santos explica que esta tendência de privilegiar o futebol carioca significa que a crônica esportiva amazonense está desestruturada e que a mídia local se pauta em uma lógica de mercado de que só se noticia aquilo que vende.

Eu acho que a crônica esportiva em Manaus está desfeita, até porque hoje a mídia atua como negócio. Se o negócio que ela vai noticiar não está bem, não tem porque ela fazer. Eu tinha um amigo meu que dizia, até faleceu ele... Ele dizia o seguinte “Manaus é o bairro mais distante que tem do Rio de Janeiro”. Porque você pergunta a um cidadão: “Qual é o seu time?” – “Ah, eu sou

³⁶⁸ NETTO, Sidney. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

³⁶⁹ SILVA, José Luiz Carlos da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

³⁷⁰ CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

Flamengo”; – “Ah, eu sou Vasco”; – “Eu sou Fluminense”... – “Não, mas eu não quero ouvir isso. Eu quero o time daqui” – “Ah! O time daqui! Pera lá. Ah sim, eu sou São Raimundo”; aí o outro “Eu sou Rio Negro”. Entendeu? Então, a mídia gira em torno daquilo que faz negócio. (Informação verbal)³⁷¹.

Os discursos acerca da mídia são reveladores de que há uma disputa simbólica tanto para se inserir nos meios de comunicação quanto para estar presente de maneira mais efetiva na dialética da existência pós-moderna de Manaus. Tal disputa tem como ponto fundamental a comparação entre o futebol profissional e o amador, no caso, o Peladão. Como vimos demonstrando, esta comparação é possível, desde que consideradas as peculiaridades de cada um destes tipos de futebol e eventos que os circundam. Assim, mesmo sendo festa, mesmo tendo o orgasmo como seu principal fim, o Peladão se insere no espaço de representação futebol amazonense de modo a construir territorialidades que, geralmente, em outros estados, cabe ao futebol profissional. Não queremos dizer que o espaço de representação do Peladão só possui tal importância simbólica devido às deficiências do futebol profissional nem que o futebol profissional do Amazonas é menos significativo do que o dos outros estados que não possuem clubes nas três principais divisões do Campeonato Brasileiro. O que queremos dizer é que as relações – e aqui se incluem as relações de comparação – entre o futebol profissional e amador, do Peladão, são elementos fundamentais na constituição do espaço de representação do futebol do Amazonas. Tais comparações não são feitas apenas por especialistas, pela mídia e pelos organizadores, mas também por jogadores. Virgílio afirma que prefere jogar o Peladão ao Campeonato Amazonense, pois não vê perspectivas de crescimento profissional atuando por clubes locais, sendo que jogando o Peladão ele pode desempenhar seu papel como coordenador do CT do 3-B, além do papel de jogador de futebol amador.

Peladão, hoje em dia, é bem melhor do que jogar profissional. Pra mim, hoje em dia, não tem coisa melhor que jogar o Peladão. Hoje em dia, se me chamarem para o profissional, eu já penso duas vezes, porque a gente sabe que o campeonato regional aqui é dois, três meses e depois fica parado o resto do tempo, esperando para o ano que vem. O Peladão não. A gente tem essa função, a gente trabalha, chega na época do Peladão e joga os três meses. E se chegar na reta final, melhor ainda. Se não chegar, não tem problema, a gente volta pro trabalho e ano que vem volta tudo de novo. (Informação verbal)³⁷².

³⁷¹ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³⁷² ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

Um efeito de sentido interessante no discurso de Virgílio é o do caráter cíclico da temporalidade do Peladão, característica da montagem trágico-dionisíaca, típica da pós-modernidade. O Peladão, assim, é uma concatenação de instantes eternos (MAFFESOLI, 2003), que levam a uma sucessão de momentos de presença (LEFEBVRE, 2006), que não se findam no fato futebolístico, mas se estendem por toda prática social da vida cotidiana pós-moderna. É esta inserção do Peladão na dialética da existência pós-moderna que permite que o Peladão confira um capital simbólico para seus campeões e destaques, em muitos casos, maiores do que para os participantes dos campeonatos profissionais, conforme afirma Carlos Prata que já foi campeão amazonense de futebol profissional e campeão do Peladão pelo Compensão, título que destaca como de grande representatividade não apenas em sua carreira de treinador, mas também para a comunidade manauara e mais especificamente do bairro da Compensa.

Eu fui feliz em 2006, porque é uma comunidade, o bairro da Compensa, porque queria porque queria um título pra aquele bairro. E nós conseguimos. Você vê que tem uma média de 800 e poucos clubes na competição e você sabe que a vitrine do Peladão é muito grande. Eu praticamente venho trabalhando em divisões de profissionais [...], mas um dos maiores títulos que eu ganhei na minha vida foi o Campeonato de Peladas de 2006, porque você chegar no estádio com 25 mil pessoas numa divisão de amadores, tendo mais umas 10 mil pessoas fora do estádio sem poder entrar... É muito importante ver uma final do seu time, do seu bairro, gritando seu nome... É uma coisa que evolui muito com a cabeça da gente, pra gente poder subir na vida e ter a vontade que a gente tem hoje. Com 50 anos a gente tem uma vontade muito grande pra disputar essas competições do Peladão. Inclusive eu faço profissional, estou fazendo segunda divisão agora, com o profissional, mas também estou na equipe da CA Martins, que confiaram em mim, em busca que eles também tenham uma oportunidade de também querer ganhar o título deste ano do Peladão. (Informação verbal)³⁷³.

Em seu discurso, Carlos Prata destaca a participação da comunidade no Peladão, torcendo pelo time que representa seu bairro, sua tribo afetual, suas estruturas identitárias cotidianas. Assim, destaca a proximidade e o localismo que permeiam as territorialidades do Peladão, de modo que o título não representa uma vitória somente ao time, mas a toda comunidade em que está inserido. Carlos Prata, inclusive, participou de alguns dos eventos mais recorrentes nos discursos dos organizadores do Peladão, utilizados para produzir os efeitos de sentido de que o Peladão pode contribuir significativamente com o futebol profissional, bem como o de que o nível técnico dos grandes times do Peladão pode superar o do futebol

³⁷³ PRATA, Carlos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 28 set. 2008. Informação verbal.

profissional. Carlos Prata conquistou o Campeonato Amazonense da Série B de 2007 e da Série A de 2008, com o Holanda, que aproveitou a base do time pelo qual foi campeão do Peladão de 2006, o Compensação. Arnaldo Santos se remete a estes fatos para produzir e fazer circular representações sociais que ressaltam a qualidade do Peladão e apontam para a precariedade do futebol profissional do Amazonas.

O futebol profissional poderia ser muito mais forte se, inteligentemente, entendesse que o Peladão pode trazer contribuição verdadeiramente para o futebol profissional. [...]. Por exemplo, o time do Holanda, da Série C [do Campeonato Brasileiro], que só foi desclassificado pra essa outra fase por saldo de três gols... O Holanda é um time amador, que levaram lá pro interior. Praticamente alugaram do prefeito do Rio Preto da Eva, que entrou nesta Série B [Campeonato Amazonense], que está sendo realizada agora. Ganhou a Série B, ganhou o título Amazonense. Sabe qual é a base desse time? O time campeão do Peladão: o Compensação. [...]. Então, se está comprovado que as coisas podem se realizar, imagine se isso aqui fosse bem estruturado. Qual seria o grande sonho das pessoas? Ir para o futebol profissional. Não ir pra fora. E quem quiser continuar se divertindo é... Porque o universo é tão grande, tão grande que não faz diferença. (Informação verbal)³⁷⁴.

O discurso de Arnaldo Santos produz dois interessantes efeitos de sentido: o de que o Peladão se pauta no *ethos* futebolístico da socialidade, representando o lúdico, enquanto o futebol profissional se baseia no *ethos* do social, enfatizando o compromisso com o resultado; e o de que os jovens não vislumbram um futuro no futebol profissional de Manaus, pois este apresenta uma estrutura muito precária. O discurso de Paulo Radin endossa o primeiro efeito de sentido do discurso de Arnaldo Santos. O presidente do Holanda se queixa do ônus que representa se destacar no futebol profissional do Amazonas e afirma que sua realização pessoal e comunitária estava ligada ao sentimento trágico-dionisíaco de participar do Peladinho e à feitura de um trabalho social, que buscava valorizar a afetualidade através da presença dos familiares nos jogos dos jogadores do Curumim – time do Peladinho de que é fundador e dirigente e do qual já foi treinador.

E o profissional veio nesta circunstância. Aí veio o Holanda. Aí virou campeão. Aí virou referência. [...]. Aí os tais aproveitadores, um monte de marginais que tem aí, que nunca fizeram nada, ficam agora brigando pelo Holanda. Por mim não precisa brigar não. Pode pegar ele de cara. Eu tô fora. Não é a minha praia. [...]. A minha diversão era com a garotada, porque lá eu era o técnico; eu mesmo ia pra beira do campo; ia me divertir; eu sentava na beira do campo com a garotada; quando ganhava o jogo, “vamos lá, todo mundo, dividir uma pizza”, fazia festa. Aquilo lá era um hobby pra mim e eu sabia que estava fazendo alguma coisa que tem uma importância social muito grande e eu procurava dignificar ainda mais esta importância social, que eu começava a ir no estádio e trazia as mães e os pais pra participar, pra estar junto, pra estar

³⁷⁴ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

perto. Quer dizer, menino que aparecia lá desgarrado, sozinho, já tinha o pai, já tinha a mãe, já tinha a família, os irmãos e vinha o tio, namorada, tia, vó, vô. As famílias começaram a participar. E esta é a parte importante. (Informação verbal)³⁷⁵.

O segundo efeito de sentido destacado do discurso de Arnaldo Santos, o de que o futuro dos jovens que almejam ser jogadores de futebol profissional não passaria pelos clubes do Amazonas, encontra consonância com o discurso de Virgílio e com a dificuldade de enumerar jogadores formados nos clubes amazonenses que se destacaram nacionalmente. Virgílio explica que há dois principais empecilhos de se formar jogadores no futebol amazonense: “É falta de estrutura, como a gente sabe. A estrutura do Norte é totalmente diferente da do Sul, do Sudeste [...]. Até pelo biotipo da garotada. [...]. Aqui do Norte é bem, é estatura bem baixo mesmo. [...]. A gente sabe que o biotipo conta muito fora” (Informação verbal)³⁷⁶. Estas duas dificuldades estão intimamente relacionadas. A falta de estrutura de trabalho nas categorias de base se reflete no nível técnico do futebol profissional. Os inexpressivos resultados em nível nacional não permitem que o retorno financeiro seja o suficiente para se investir em estrutura de trabalho tanto para o time principal quanto para as categorias de base. Esta falta de estrutura faz com que os jogadores amazonenses almejem jogar fora do estado, mas seu biotipo – em um mercado de jogadores que valoriza a capacidade de competição que engloba não apenas qualidade técnica, mas características físicas – se torna um obstáculo para superar a concorrência de outros jogadores nas categorias de base ou nos times principais dos times da Série A e B do Campeonato Brasileiro.

Este argumento pode ser confirmado na quantidade insignificante de jogadores, que disputam o Campeonato Brasileiro das Séries A e B, nascidos no Amazonas e formados nos clubes de Manaus – apenas Soares, atacante do Cruzeiro e Fabinho, lateral-esquerdo do Paraná (GUIA, maio 2009). Curiosamente, os pais de ambos disputam há anos o Peladão (SOARES, 30 nov. 2007). Além de apenas dois jogadores serem manauaras e terem sido formados nos clubes do Amazonas, somente outros quatro jogadores atuaram profissionalmente nos clubes de Manaus: Pedrão (atacante do Barueri), pelo São Raimundo; Waldir Papel (atacante do ABC) e Dirley (zagueiro do Juventude) pelo Nacional; e Ediglê (zagueiro da Portuguesa) por Nacional, Rio Negro e São Raimundo (GUIA, maio 2009).

³⁷⁵ SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

³⁷⁶ ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

A carência de referências no futebol profissional manauara, bem como de jogadores amazonenses se destacando no futebol brasileiro e mundial faz com que os nomes de Lima (38 anos) e França (33 anos) sejam recorrentes no discurso dos atores do espaço de representação do futebol amazonense, ao se referir à revelação de jogadores. A carreira de Lima, que se iniciou no Sul América, de Manaus, teve seu auge no princípio dos anos 2000, quando foi campeão italiano pela Roma, atuando como titular. Depois de ter passado por clubes de vários países, como Rússia, Turquia, Suíça e Catar, joga na terceira divisão da Itália. França começou, em 1993, no Nacional, mas o atacante conseguiu projeção nacional e mundial atuando pelo São Paulo, entre 1996 e 2002, e realizando oito partidas pela Seleção Brasileira, entre 2000 e 2002. Atualmente, joga no Kashiwa Reysol, do Japão. Sidniz Pereira da Silva Filho, apesar de aludir aos dois jogadores como as duas maiores revelações do futebol amazonense das últimas décadas, lamenta que estas sejam as duas únicas referências e que tenham construído suas carreiras fora de Manaus.

Não tem ídolo [em Manaus]. Hoje nós vivemos de lembrar que o Lima jogou na Roma [...]. Lembramos do França que parece que tá no Japão. São atletas que participaram em Manaus, surgiram em Manaus, buscaram alternativas fora, conquistaram resultados expressivos, mas que continuam por lá. [...]. O maior erro do futebol no nosso estado, é a ausência de um trabalho de base. [...]. Eu acredito que como não existe mais não tem renovação, não tem ídolos, não tem atletas de potencial. (Informação verbal)³⁷⁷.

França e Lima se constituem, assim, em símbolos do espaço de representação do futebol amazonense, carregando representações sociais tanto do sucesso quanto do fracasso na revelação de jogadores pelos clubes profissionais. Além da baixa quantidade de jogadores de sucesso revelados no futebol amazonense devido aos problemas estruturais, os clubes têm dificuldades de manter os jogadores, perdendo-os para os times do Peladão e do Peladinho, conforme reclama J.L.C.S.: “Aqui acontece disto. Jogadores preferem jogar o Peladão ao Campeonato Amazonense” (Informação verbal)³⁷⁸. Sérgio Paulo Fernandes da Silva retruca os argumentos de J.L.C.S. dizendo que se os clubes perdem jogadores é devido à incompetência deles, bem como à competência da organização do Peladão e, mais especificamente, do Peladinho, já que jogadores federados nas categorias de base podem disputar paralelamente os campeonatos da FAF e o Peladinho.

³⁷⁷ SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

³⁷⁸ SILVA, José Luiz Carlos da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

Os clubes nossos do Peladinho, [...], a maioria é bem estruturada. O Peladão trata isto com muita seriedade. Raramente, um jogo é transferido. A não ser por chuva. A tabela sai sempre na quinta-feira. Ela é cumprida. [...]. Então, se alguém diz que perde [jogadores] por causa do Peladão, é porque não está se organizando direito. Até porque quem joga no Peladinho pode ser federado. Têm jogadores do Peladinho que jogam pelo São Raimundo, jogam pelo Fast, pelo Nacional. E algumas vezes eles preferem vir pra cá, eu acho, que é mais pela organização. Porque a gente procura fazer tudo direito. [...]. E, às vezes, alguns não fazem. (Informação verbal)³⁷⁹.

O discurso de Sérgio Paulo é corroborado por Paulo Radin, que destaca a qualidade do trabalho realizado por alguns times do Peladinho – mais especificamente o Curumim (seu time) e o 3-B – na formação de jogadores. Radin destaca a vitória do Curumim, na cerimônia de abertura do Peladão 2008, sobre a equipe das categorias de base do Baré, clube profissional de Roraima: “Na abertura do Peladão, a gente ganhou de 4x2 do campeão de Roraima. Em tese, a gente teria que perder, porque o Baré é um clube profissional, uma categoria de base dele que foi campeã estadual. Chegou aqui e apanhou” (Informação verbal)³⁸⁰. O *ethos* discursivo de Radin destaca a importância simbólica de realizar um trabalho de base tão bom quanto ou melhor do que de clubes profissionais da Região Norte (FIGURA 30).

Apesar de ignorado nos filmes que analisamos (GINGA, 2006; PELADÃO, 2004; THE BEAUTIFUL, 2006), o Peladinho é uma categoria estratégica para a organização do Peladão não apenas porque permitiu a horizontalização do torneio de futebol, mas também porque tem papel central na expansão territorial do espaço de representação do Peladão. O jogo entre Curumim e Baré faz parte de um projeto de levar o Peladão aos estados vizinhos e países da Amazônia (como Peru, Venezuela e Colômbia). A competição, que já é realizada no Mato Grosso, seria uma forma de congregar, a partir de um *ethos* comunitário e dos elementos do espaço de representação do futebol, toda uma região que apresenta dificuldades de integração devido às distâncias e às condições de transporte e comunicação, mas que apresenta traços culturais e simbólicos comuns. Cada estado realizaria sua competição no segundo semestre. No primeiro semestre do ano seguinte, os campeões se reuniriam em Manaus para disputar o título de campeão do Peladinho da Amazônia Ocidental. Além disso, de dois em dois anos, esta competição envolveria os países vizinhos. Arnaldo Santos explica seu projeto de expansão territorial do espaço de representação do Peladão.

³⁷⁹ SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

³⁸⁰ SOUZA, José Paulo Radin de. **Entrevista ao autor**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

Aquele jogo Curumim e Baré foi um jogo histórico. Porque no meu projeto a idéia era que já há três anos, eu tivesse um laboratório em Roraima, um em Rondônia, um em Rio Branco, um em Santarém, que é do Pará. Só consegui fazer Roraima através do Baré, mas foi um passo de qualidade. Porque a idéia é a gente fazer esta competição, com esses valores que estão construindo uma nova geração não só de dirigentes, mas, sobretudo, de atletas, em toda região da Amazônia Ocidental. [...]. Pra que uma vez implantado isso, a idéia nossa era fazer tudo no segundo semestre, essa competição em cada estado desse. E no primeiro semestre, a gente trouxesse pra Manaus, com tal aconteceu ontem e vai acontecer no próximo ano isso. [...]. E de dois em dois anos [...], nós estaríamos integrando toda a região amazônica. Porque eu estaria na Venezuela, que já faz este trabalho. [...]. A idéia é fazer na Colômbia, que é fácil, nós estamos ligados. Eu estou, por exemplo, em Tabatinga, lá na fronteira, que faz o Peladão. Se eu atravesso a rua, eu já estou na Colômbia. Se eu vou pro outro lado, eu vou pro Peru. O negócio é um sonho, assim, meio louco, mas essa é a base. (Informação verbal)³⁸¹.



FIGURA 30 - JOGO ENTRE CURUMIM E BARÉ, NA ABERTURA DO PELADÃO 2008

Fonte: (01 e 02) O autor.

Legenda: (02) Os jogadores do Curumim comemoram a vitória sobre o Baré em jogo disputado no Vivaldão (01).

³⁸¹ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

O projeto de expansão do espaço de representação do Peladão, através do Peladinho, é fundamentalmente *glocal*, uma vez que se baseia tanto no localismo quanto nas estruturas identitárias globais. A globalização, como nova geometria do poder e da potência (MASSEY, 2008), não se refere necessariamente à escala mundial, mas às apropriações feitas pelas massas afetuais. Neste caso, está ligada a um globalismo amazônida, que procura celebrar os elementos simbólico-identitários de uma região que transcende os limites políticos de estados e países. Esta territorialização calcada na lógica da identificação se funde com o localismo dos Peladões de cada cidade ou estado. O localismo se reporta à vida cotidiana pós-moderna, ao compartilhamento de representações sociais e aos momentos de presença gerados a partir da ligação das tribos entre si, com seus territórios e suas territorialidades (LEFEBVRE, 2006; MAFFESOLI, 2004b, 2006; MOSCOVICI, 2003).

Outra forma de glocalização pode ser observada no nome dos times do Peladão, que hibridizam referências internacionais (como nome de clubes profissionais) com locais (como nome dos bairros). Alguns exemplos de times cujos nomes expressam tal hibridismo são: Arsenal do Japiim, Barça do Coroadó, Boca Junior do Aleixo, Chelsea Football Clube Amazonas, LDU da 11, Milan de Petrópolis, Parma FC Nova Cidade, Real Madrid do São Francisco. Esta apropriação simbólica também é feita em relação a clubes brasileiros, como são os casos de: Botafogo de Petrópolis FC, Cruzeiro do Mauzinho, Flamengo do Japiim, Flaminguinho da Vila da Prata, Santos da Baixada, São Paulo do Monte Pascoal, União Vasco da Gama – JS Teleinformática. As referências aos clubes estrangeiros e nacionais não se limitam aos nomes, mas se estendem aos distintivos, cores, camisas, entre outros símbolos. Este glocalismo não significa simplesmente que elementos externos invadem de maneira irresistível a vida cotidiana de Manaus, bem como a prática social do futebol do espaço de representação do Peladão, mas que eles são apropriados e ressignificados ao serem hibridizados aos elementos culturais, simbólicos e identitários locais.

Outra característica fundamental da estruturação identitária futebolística e cotidiana do espaço de representação do Peladão é que os atores da rede sócio-espacial assumem, comumente, mais de um papel. Esta lógica baseada no *ethos* comunitário e na figura da *persona* que as tribos exigem permeia tanto a estruturação identitária dos participantes quanto dos organizadores do Peladão (MAFFESOLI, 2006). Um jogador de uma categoria pode ser, ao mesmo tempo, treinador ou mesmo árbitro de outra; um dirigente pode ser jogador; um organizador pode participar como

jogador ou dirigente. Alguns destes casos são explicitados por Sidniz Pereira da Silva Filho: “Existem situações do atleta ser pertencente a uma categoria e apitar por outra equipe na outra categoria. [...]. Existe muito dos dirigentes que não são atletas e que representam a equipe também na arbitragem” (Informação verbal)³⁸². Esta multiplicidade de papéis pode ser observada em quase todos os nossos entrevistados, como os casos de: Valderi Carneiro de Souza (além de árbitro joga na categoria Master do Peladão e dirige uma liga de bairro); Virgílio (participa da preparação do time do 3-B, do Peladinho, e é jogador da Categoria Principal); e José Carlos Pereira Cavalcante (além de coordenador das categorias indígenas é dirigente da liga do bairro Petrópolis e do time do Apolo Clube, pelo qual atua como jogador da categoria Master).

Enquanto a multiplicidade de papéis é explorada, mesmo que incipientemente, somente no filme “Peladão” (2004), outros dois assuntos recebem uma atenção bastante significativa nos discursos e representações sociais estrangeiros: a abertura do Peladão e o concurso de Rainha (BELLOS, 2003; GINGA, 2006; PELADÃO, 2004; THE BEAUTIFUL, 2006). O filme “Ginga” abre parênteses na história de Celso para mostrar a abertura do Peladão, com ênfase à chegada de helicóptero da Rainha e no desfile das candidatas. Os documentários estrangeiros mostram os mesmos elementos, mas procuram explorar a sensualidade das candidatas com alguns closes, bem como procurando transmitir o orgasmo que representa o desfile das candidatas (PELADÃO, 2004; THE BEAUTIFUL, 2006). Alex Bellos (2003, p. 221) segue a tendência, mas adota um discurso jocoso acerca da abertura e do próprio Peladão: “O Peladão é levado a sério. Muito. Sinto-me como se estivesse assistindo à cerimônia de abertura de um evento de gala”. A abertura do Peladão é uma celebração do estar junto, de uma grande pulsão gregária que se pauta nos elementos simbólicos do espaço de representação do futebol, mas também e principalmente na sensualidade, na escala do tátil, no orgasmo, enfim, no sentimento trágico-dionisíaco do universo simbólico do concurso de Rainha. Conforme já destacamos, em 2008, apesar dos diversos eventos – jogos e apresentações do Exército (rapel, paraquedismo, banda) –, as maiores atrações da abertura do Peladão foram as figuras femininas: além do desfile da Rainha do Peladão 2007 e das candidatas, a arbitragem de Ana Paula Oliveira (FIGURA 31).

³⁸² SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.



FIGURA 31 - ANÚNCIO DA ABERTURA DO PELADÃO 2008

Fonte: A Crítica, 2008

Legenda: O anúncio demonstra o apoio do Peladão para a realização da Copa do Mundo de 2014 em Manaus e destaca a participação de Ana Paula Oliveira no jogo de abertura do Peladão 2008.

Essa sensualidade que permeia o espaço de representação do Peladão, mesmo que mais especificamente na abertura e nas fases do concurso de Rainha, é um elemento fundamental na construção desta instância da espacialidade. Os documentários, mesmo de forma exagerada tentaram apreender este importante elemento – apesar de explorarem o concurso de Rainha como algo pitoresco; de, em alguns momentos, relegarem o torneio de futebol a um plano secundário; de erotizarem a imagem das candidatas de biquíni e shorts para chamar atenção; e de tratar a associação entre futebol, beleza e música como algo que define a essência do brasileiro. É inegável que o concurso de Rainha faz parte do espaço de representação do Peladão como uma ética da estética, como a busca de um gozo coletivo, calcado no narcisismo grupal. Entretanto, isto não significa que as candidatas sejam utilizadas

como meros atrativos para o público e para a mídia local, nacional ou estrangeira. Elas fazem parte do *ethos* comunitário no qual o espaço de representação do Peladão se baseia, pois criam e congregam tribos de modo significativo. Arnaldo Santos explica que a criação do concurso de Rainha, em 1975, visava aproximar o Peladão das práticas sociais cotidianas das comunidades que pretendia agregar: “Por exemplo, a Rainha. Aqui você tem rainha da Fogueira, rainha da Pastoral, rainha não sei de que... ‘Poxa! A gente tem que ter uma rainha também’, pra não fugir deste comportamento social que existe das camadas menos desenvolvidas” (Informação verbal)³⁸³.

A inserção das candidatas na vida cotidiana dos times também pode ocorrer a partir da participação delas nas barcas, o que denota a existências de laços afetuais entre as rainhas e os participantes, bem como destas com a comunidade em que está inserida a equipe, como explica Kid Mahall: “Então, como, normalmente, uma grande parte, a Rainha, ela está ligada ao time ou por muita amizade, ou porque é da empresa, ou porque é da rua, ou porque é do pai ou do tio, ela acaba estando presente nessas barcas” (Informação verbal)³⁸⁴. Entretanto, mesmo que nem todas as candidatas se façam presentes na prática social do futebol de suas equipes, todas são fundamentais para a efetivação da participação de seus times. Além disso, as candidatas podem, através de seu bom desempenho no concurso de Rainha, permitir que suas equipes retornem ao torneio, caso tenham sido eliminados. Segundo Alex Bellos (2003, p. 224), esta é a maior peculiaridade do espaço de representação do Peladão: “As duas competições continuam paralelamente. Mas não são independentes. O traço mais idiossincrático do Peladão – e foi uma escolha difícil – é que, se o seu time de futebol é eliminado, pode ser readmitido graças a sua rainha”. A integração da participação das rainhas com a dos times, mesmo ocorrendo pontualmente, nos permite afirmar que as candidatas participam efetivamente do espaço de representação do Peladão, não apenas como elementos pitorescos ou atrativos para os eventos futebolísticos. O concurso de Rainha do Peladão – através do desfile de abertura e do Paralelo de Rainhas – mantém uma interdependência em relação à Categoria Principal, assim como ambos se encontram ligados ao Torneio Indígena Masculino e ao Paralelo do Interior (FIGURA 32).

³⁸³ ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

³⁸⁴ MAHALL, Kid. **Entrevista ao autor**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.



FIGURA 32 - FASES DO PELADÃO E DO CONCURSO DE RAINHA 2008

Fonte: O autor

Legenda: A Rainha Indígena e as Rainhas de cada um dos municípios têm o direito de disputar a final do Concurso de Rainha do Peladão, mas, em 2008, nenhuma delas participaram desta fase.

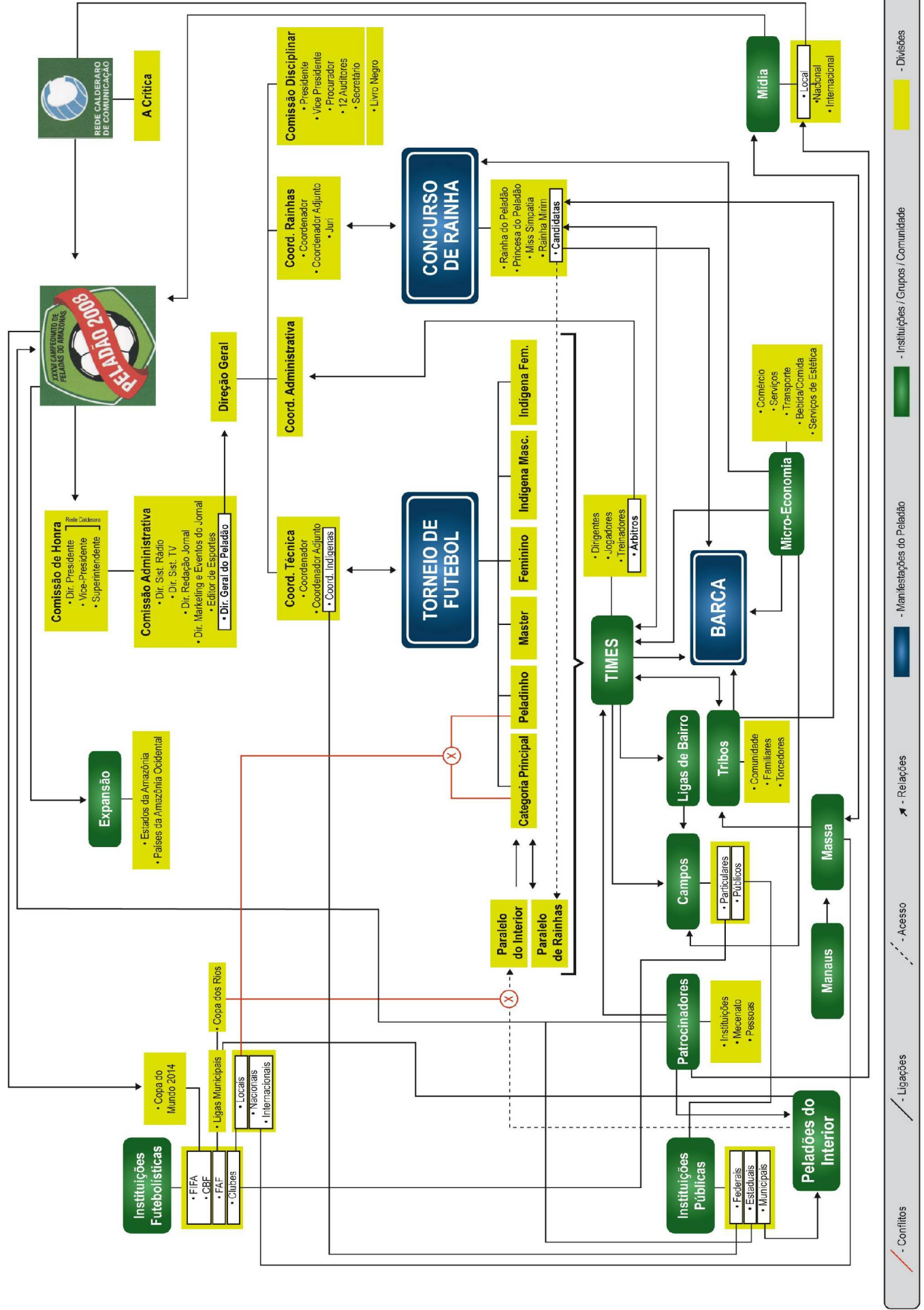
O concurso de Rainha e a sensualidade que permeia o espaço de representação do Peladão são abordados de maneira enfática nos documentários estrangeiros, de modo a se constituírem como os principais objetos a partir dos quais estas produções midiáticas criam representações sociais acerca do Peladão. Com o discurso de que futebol e mulheres bonitas são os elementos definidores da identidade brasileira, o documentário “The beautiful game” (2006). procura erotizar o Peladão e a

trialética da existência pós-moderna de Manaus e do Brasil como um todo. Com uma quantia exagerada de imagens sensuais das candidatas e demais mulheres (como torcedoras, por exemplo), o documentário pouco mostra o fato futebolístico, ficando restrito aos jogos decisivos da Categoria Principal, e não chega nem a mencionar – com palavras ou imagens – as barcas. Já a produção “Peladão” (2004), apesar de explorar consideravelmente a sensualidade do concurso de Rainha, dá enfoque maior o torneio de futebol, captando a estética do fato futebolístico do Peladão. Mesmo pontualmente e não se detendo ao assunto, o filme alemão mostra uma barca e alguns de seus elementos: bar, cerveja, churrasco e pagode.

A não abordagem da barca nos referidos documentários nos permite afirmar que a apreensão do espaço de representação do Peladão feita pelas produções estrangeiras é parcial. Embora seja um elemento espontâneo, a realização da barca se tornou praticamente obrigatória para os times do Peladão, que utilizam este momento de presença para reafirmar seus laços afetuais e proxêmicos; para celebrar o sentimento trágico-dionisíaco e o orgasmo; bem como para construir e reafirmar territorialidades. Desta forma, a barca é elemento fundamental da rede sócio-espacial do Peladão, pois é capaz de congrega todos os participantes do torneio de futebol, as candidatas a Rainha, a torcida e a comunidade em que a equipe está inserida, além de contribuir com a microeconomia local.

O diagrama da rede sócio-espacial do Peladão – traçado a partir da análise das entrevistas, materiais em diversas mídias acerca do Peladão e das observações de campos – é apenas uma representação gráfica que procura resumir a complexidade de relações e territorialidades que se estabelecem no espaço de representação do Peladão (FIGURA 33). Mesmo assim, contribui para a apreensão das características que nos permitem afirmar que o Peladão é fundamentalmente pós-moderno – como suas características trágico-dionisíacas –, bem como ajuda na compreensão das maneiras pelas quais se estruturam os elementos simbólicos desta instância da espacialidade, sobretudo o reino da organização e a categoria central das relações.

FIGURA 33 - REDE SÓCIO-ESPACIAL DO PELADÃO



A montagem mitológica trágico-dionisíaca e seu correspondente sentimento perpassam os elementos do espaço de representação do Peladão, de modo que podemos considerar que esta é uma das características que nos levam a afirmar que o Peladão é essencialmente pós-moderno. A razão sensível que fundamenta as relações da rede sócio-espacial do Peladão contribui para que o sentimento trágico-dionisíaco se torne pregnante no espaço de representação do Peladão e nas modulações da dialética da existência pós-moderna de Manaus e do Amazonas. Assim, o lúdico, a ética do instante, o presenteísmo, o hedonismo, a fusão das tribos, a pululação dos momentos de presença através das experiências vividas plenamente, o gozo e o orgasmo passam a fazer parte da prática social do Peladão – que se confunde com a prática social cotidiana –, ritualizando-a e construindo territorialidades a partir de apropriações dos elementos destes ritos. O sentimento trágico-dionisíaco e sua montagem mitológica favorecem estruturações identitárias gestadas a partir do localismo, mas também a partir de sua fusão com elementos e referências da escala global.

Outras características tipicamente pós-modernas do espaço de representação do Peladão e de sua rede sócio-espacial estão relacionadas com o reino da organização, que apresenta uma estruturação híbrida entre a centralidade subterrânea e a política institucional. Entretanto, é a centralidade subterrânea que permite que o espaço de representação do Peladão se organize predominantemente de forma horizontal, conferindo-lhe uma prática social do futebol intimamente conectada com a prática social da vida cotidiana pós-moderna. O *ethos* comunitário pós-moderno que pauta a prática social do Peladão promove a tribalização da massa afetual do futebol amador de Manaus e do Amazonas. Tal tribalização, mais do que separar as pessoas, as une em torno de celebrações orgiásticas, como o fato futebolístico, as etapas do concurso de Rainha e as barcas. A centralidade subterrânea, com sua organização horizontal e reticular, invade as instituições ligadas ao Peladão, de modo a redefinir a política institucional como um híbrido de circulação de poder e potência. Desta maneira, a organização vertical das instituições públicas e privadas relacionadas com o Peladão são, em diferentes graus, impregnadas pelo paradigma da socialidade, perdendo consideravelmente sua força alienadora que se manifestaria na instância das representações do espaço, que são submetidas aos universos simbólicos do espaço de representação do Peladão.

A prevalência da dimensão do vivido sobre a do concebido é, ao mesmo tempo, causa e efeito da vida cotidiana pós-moderna. Assim, o espaço de representação do Peladão aproveita das características sócio-espaciais de Manaus e do Amazonas para propiciar uma experiência plenamente vivida do futebol e dos demais universos simbólicos que abarca. Simultaneamente, no espaço de representação do Peladão, através da apropriação de seus elementos simbólicos e de sua experiência, são construídas territorialidades que se conjugam com a vida cotidiana pós-moderna de Manaus e do Amazonas. Desta forma, as territorialidades do espaço de representação do Peladão são, concomitantemente, produtos e produtores da dialética da existência pós-moderna de Manaus e do Amazonas. Tais territorialidades, organizadas em uma lógica reticular e multiescalar, são capazes de relacionar os elementos do espaço de representação do Peladão com os de outros espaços de representação do futebol, como o do futebol profissional amazonense, bem como às demais modulações do futebol amador do Amazonas e de outros estados e países.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemo-nos a analisar o futebol amador sob um enfoque geográfico – a partir das territorialidades construídas através da apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol, no contexto da pós-modernidade – e obtivemos dois significativos êxitos: o de dar os primeiros passos em uma empreitada científica de ampliar as possibilidades teórico-metodológicas da Geografia, bem como o de estender sua envergadura temática. Acreditamos que ambos os aspectos estão intimamente ligados, ou seja, a apreensão do futebol – seja profissional ou amador, mas mais especificamente este – exige o desenvolvimento de uma abordagem própria que considere as especificidades do tema. Tal abordagem não pode desconsiderar o desenvolvimento teórico-metodológico prévio da Geografia, sobretudo da chamada Geografia Social e Cultural, mas deve contribuir para o avanço desta linha da ciência geográfica. Isto pode ser feito através da promoção de aproximações teórico-metodológicas com áreas tradicionalmente afins, como a Filosofia, a Sociologia e a Antropologia, bem como com outras áreas do conhecimento cujo diálogo com a Geografia ainda se encontra incipiente, como é o caso da Educação Física e a Sociologia dos Esportes. Assim, este trabalho procurou transcender as tradicionais barreiras da ciência geográfica, de modo a transitar por diversas áreas do conhecimento, com intuito de se apropriar de idéias, conceitos e abordagens. Isto foi fundamental para atingirmos nosso objetivo de desenvolver uma base teórico-metodológica que seja capaz de abordar o futebol amador sob uma perspectiva geográfica a partir de conceitos como espaço de representação, vida cotidiana e pós-modernidade. Este desenvolvimento teórico-metodológico – realizado sobretudo no capítulo 2, mas também no decorrer do trabalho, com a inserção, por exemplo da Análise do Discurso – tem condições de contribuir para o avanço da epistemologia da Geografia. Isto porque o mote do esforço teórico-metodológico desta tese esteve em relacionar as contribuições de Michel Maffesoli e Henri Lefebvre, ou mais especificamente, as idéias-mestras 1 e 2 deste trabalho – respectivamente, a de que vivemos na pós-modernidade e isto implica a emergência de um novo paradigma, o da socialidade (conforme Maffesoli) e a de que a espacialidade é composta pela interação de três instâncias: práticas espaciais, representações do espaço e espaços de representação (conforme Lefebvre). A correlação destas duas idéias-mestras e de

alguns conceitos e idéias destes dois autores, de cujas obras fizemos recortes – privilegiamos os espaços de representação de Lefebvre e o paradigma da socialidade e o sentimento trágico-dionisiaco de Maffesoli –, se constitui como colaboração significativa, pois além de discussão de conceitos e idéias fundamentais para a Geografia (como espaço, vida cotidiana, pós-modernidade, etc.) pudemos apresentar novas possibilidades de apreensão das contribuições de tais autores.

Trazer os temas, idéias e conceitos de Maffesoli e Lefebvre para a Geografia nos permite um considerável incremento de possibilidades teórico-metodológicas. Maffesoli nos oferece instrumentos para interpretar as mudanças ocorridas no período em que vivemos, chamado pelo autor de pós-modernidade, que se caracteriza pelo paradigma da socialidade, pela tribalização, pelo localismo e pelo sentimento e montagem mitológica trágico-dionisiacos. As formulações *maffesolianas* são capazes de ampliar a visão da Geografia acerca das estruturações identitárias, da vida cotidiana – questão fundamental para qualquer abordagem sócio-cultural – e das próprias relações espaciais. No entanto, é nestes dois últimos aspectos que encontramos as maiores limitações da incorporação de Maffesoli pela Geografia. O autor possui uma visão exageradamente otimista da vida cotidiana, de modo a negligenciar alguns aspectos, como o trabalho e a importância das instituições. Além disso, Maffesoli, apesar de desenvolver de maneira muito rica a questão das territorialidades (o autor utiliza o termo territórios), da proximidade, da centralidade subterrânea e do localismo – formulações que são propícias ao desenvolvimento de uma teoria espacial baseada na socialidade –, ao falar diretamente acerca do espaço, apresenta uma concepção limitada. Tais deficiências podem ser supridas através da aproximação das idéias de Maffesoli com o método da dialética da triplicidade de Lefebvre e, sobretudo, com sua teoria dos momentos e com suas formulações acerca da espacialidade. As diferentes concepções filosóficas e metodológicas dos dois autores não foram encaradas como empecilhos, mas como uma oportunidade de enriquecer tanto as idéias de um quanto do outro. Assim, através da teoria dos momentos – que não considera toda vida cotidiana plenamente vivida, ou seja, completamente tomada pela presença, uma vez que há alguns momentos de ausência que se contrapõem – e através da dialética da triplicidade da espacialidade – composta pelas instâncias da prática espacial, das representações do espaço e dos espaços de representação – Lefebvre, tomando cuidados teórico-metodológicos, pode preencher algumas lacunas deixadas por Maffesoli. Do mesmo modo, este autor é

capaz de fornecer as bases para se avançar significativamente em alguns aspectos na teoria de Lefebvre, que, sobretudo, através dos espaços de representação – instância simbólica da espacialidade que reúne as experiências plenamente vividas –, vai em direção a uma concepção simbólica do espaço social, bem como fornece bases para se pensar a pós-modernidade.

A partir da aproximação destes dois autores, bem como se apropriando das formulações de outros – como as representações sociais, de Moscovici (2003), e da dialética da existência, de Soja (1996) – desenvolvemos alguns conceitos como: vida cotidiana pós-moderna, baseado na dialética da triplicidade entre a socialidade – termo predominante – o social e as representações sociais; dialética da existência pós-moderna, produto da dialética da triplicidade da espacialidade (dimensão na qual há o predomínio dos espaços de representação), da socialidade (em que há prevalência da vida cotidiana pós-moderna) e da temporalidade (que se caracteriza pela ética do instante, pelo presenteísmo e pelo sentimento trágico-dionisíaco); além do conceito de espaço de representação do futebol, derivado também de formulações acerca do fenômeno futebolístico.

Se produzimos certo avanço teórico-metodológico para a Geografia, através da aproximação de algumas formulações de Lefebvre e Maffesoli, julgamos que também apresentamos contribuições no que diz respeito à discussão do futebol na academia, atingindo o objetivo de discutir o fenômeno futebolístico nas suas dimensões esportiva, sócio-cultural e espacial, a fim de chegar ao conceito de futebol amador, bem como caracterizar seu espaço de representação. Calcados na terceira idéia-mestra – de que o futebol transcende sua dimensão esportiva e que constitui uma espacialidade própria – pudemos promover o diálogo entre a Geografia e toda a produção científica acerca do futebol, apresentando, assim, três principais contribuições: a primeira é a de se buscar uma visão pós-moderna do esporte (mais especificamente do futebol), que o considere como um fenômeno polissêmico e tribal, pautado no lúdico, nas três naturezas de Toledo (2002) (regras, formas de jogar e apropriação simbólica) e na busca pelo prazer, bem como que contemple seus territórios e territorialidades; a segunda é a de colocar o futebol amador no centro da abordagem, o discutindo sob diferentes aspectos (legais, esportivos, sócio-culturais) e formulando um conceito de futebol amador, com base em Tamburrini (2001), mas que considere também suas diferentes modulações e apropriações; e a terceira é a de considerar o futebol como construtor de uma instância própria da espacialidade, na qual a experiência do futebol

é plena: o espaço de representação do futebol. Este conceito, composto pela interação de diversos elementos (fato futebolístico, prática social do futebol, relações, símbolo, mito, discurso, estruturas identitárias futebolísticas, emoções, organização e *ethos* futebolístico) nos permite abordar geograficamente tanto o futebol profissional quanto o amador, de modo a apreender as territorialidades produzidas a partir da apropriação dos elementos simbólicos em cada localidade, tipo de futebol e período, bem como por cada um dos atores sócio-espaciais e instituições ou agrupamentos. Tais contribuições têm seus fundamentos nas duas primeiras idéias-mestras, ou seja, em todo o desenvolvimento teórico-metodológico apresentado.

Depois de correlacionarmos as três primeiras idéias-mestras e termos desenvolvido nossa base teórico-metodológica e nossa discussão temática mais geral, nos encontramos aptos a responder ao nosso terceiro objetivo, o de discutir o espaço de representação do futebol amazonense, focando nas modulações do futebol amador, seus elementos simbólicos e territorialidades, apresentando uma tipologia e as principais características das manifestações do espaço de representação do futebol amador do Amazonas. Baseado na idéia-mestra de que no espaço de representação do futebol do Amazonas há uma prevalência simbólica do futebol amador, realizamos nossa pesquisa de campo – que influenciava em nossas leituras e reflexões influenciavam, mas também era influenciada por estas. Assim, a escolha do Amazonas como recorte espacial da pesquisa ocorreu de modo concomitante ao desenvolvimento da abordagem geográfica do futebol amador. Isto porque era necessário escolher, para se realizar a pesquisa de campo, um local em que o futebol amador possuísse uma importância simbólica significativa, se inserindo na dialética da existência pós-moderna da população local.

A prevalência simbólica do futebol amador no espaço de representação do futebol amazonense, bem como as suas diversas modulações observadas, nos levou a expandir nossa visão acerca do futebol amador, bem como das manifestações sócio-espaciais de fundamento pós-moderno que o cercam. No entanto, tal predomínio simbólico não possui uma única explicação. Um dos fatores que mais contribuem é a situação do futebol profissional, que não possui expressividade no espaço de representação do futebol brasileiro. O fato dos clubes não estarem inseridos nas três principais divisões do Campeonato Brasileiro acarreta a falta de calendário, a escassez de receita e o baixo nível técnico das equipes. Estes problemas aliados à má administração dos clubes, à dependência de instituições públicas, à falta de estrutura

(centros de treinamento, estádios, etc.) e ao foco da mídia no futebol de outros estados (sobretudo do Rio de Janeiro) contribuem para a baixa presença de público nos estádios e para o afastamento dos clubes profissionais da vida cotidiana pós-moderna dos habitantes do Amazonas – o que pudemos constatar e demonstrar a partir da análise dos dados coletados em campo.

No entanto, a precariedade do futebol profissional não seria suficiente para explicar a prevalência do espaço de representação do futebol amador, pois há casos de estados brasileiros que possuem um futebol amador amplamente inserido na vida cotidiana de suas comunidades mesmo tendo um forte espaço de representação do futebol profissional. Além disso, há estados em que o futebol profissional é menos expressivo do que no Amazonas e o futebol amador também não se insere de forma significativa na dialética da existência pós-moderna. Desta forma, chegamos ao segundo e mais importante fator da prevalência do espaço de representação do futebol amador sobre o profissional, no Amazonas: a riqueza dos universos simbólicos produzidos a partir da pluralidade de manifestações do futebol amador.

A partir da forma de apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol, definimos três principais formas de manifestação do futebol amador no Amazonas. A primeira são os campeonatos vinculados à FAF, como as ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções, que mobiliza 42 municípios do interior (de um total de 62, contando com Manaus que não participa da competição) e pode ser considerado o verdadeiro campeonato amazonense, já que o torneio profissional não apresenta tanta abrangência territorial nem simbólica. A segunda é o futebol associado a festejos de diversas naturezas, como religiosos (Copa da Santa, disputa de pênaltis) e folclóricos (Taça Bumbá e jogo entre as equipes tribais dos bois Caprichoso e Garantido) que se inserem na dialética da existência pós-moderna de todo o estado, sobretudo do interior, onde o futebol se torna uma forma de congregar comunidades distantes. A terceira é o Peladão, ao qual dedicamos uma análise mais minuciosa. Entretanto, acreditamos que as demais manifestações do futebol amador no Amazonas também merecem estudos mais aprofundados, que não pudemos realizar devido ao nosso recorte de pesquisa de campo e de análise de dados. Este aprofundamento acerca do espaço de representação do futebol amador do Amazonas – e até de outros estados, municípios e localidades – seguramente será realizado em futuros trabalhos nossos e de outros colegas que se interessem pelo tema, podendo,

inclusive, ocorrer a identificação de diferentes manifestações, além de análises mais profundas das manifestações aqui apresentadas.

Após discutir as quatro primeiras idéias-mestras, finalmente, chegamos ao último objetivo específico, o de debater as apropriações dos elementos simbólicos e territorialidades do espaço de representação do Peladão, através da teoria desenvolvida e da análise do discurso das entrevistas realizadas, bem como documentários e reportagens acerca do tema. Tal objetivo está intimamente relacionado à quinta idéia-mestra, que sintetiza as demais, a de que o Peladão é uma das manifestações mais completas da dialética da existência pós-moderna. Sendo assim, tomamos o espaço de representação do Peladão como principal mote de análise do espaço de representação do futebol amador do Amazonas. Suas características – como sua inserção na vida cotidiana pós-moderna, seu orgasmo, sua montagem trágico-dionisíaca e as complexas territorialidades – contribuem para que o Peladão construa um espaço de representação próprio. Este é, originalmente, um espaço de representação do futebol, mas abrange outros universos simbólicos, como aqueles ligados aos concursos de beleza e às confraternizações pós-jogo. Desta forma, identificamos três manifestações fundamentais do espaço de representação do Peladão: o torneio futebolístico, o concurso de Rainha e as barcas.

Ao analisarmos o torneio de futebol – dividido em seis categorias e realizado em diversos municípios – pudemos compreender de que forma eram construídas territorialidades a partir dos elementos típicos do espaço de representação do futebol. Além da diversidade de modalidades do torneio de futebol, alguns aspectos que tornam o Peladão interessante como fenômeno futebolístico – construtor de uma instância da espacialidade em que a experiência do futebol é plenamente vivida – são: o processo de inscrição, que apesar de gratuito faz algumas exigências, como a necessidade de uma equipe de arbitragem e de uma candidata a Rainha; o seu regulamento e as regras do fato futebolístico, que conferem ao Peladão uma fórmula de disputa própria e regras peculiares, como a inexistência de impedimento, o lateral cobrado com o pé e a proibição do uso de chuteiras em determinados campos; o sistema de arbitragem, que é de responsabilidade dos próprios times participantes; o Código Disciplinar, que funciona como um instrumento de regulação da eventual violência; a ligação do torneio da Categoria Principal com o concurso de Rainha do Peladão; a diferença de estrutura e de condições de competir por parte das equipes, sendo que a maioria dos times se inscreve no Peladão por diversão, por busca de

orgiasmo em contraste com outros que remuneram jogadores; o perfil da torcida, que é formada, sobretudo, por membros das comunidades e tribos que os times representam; e, principalmente, a organização do torneio pautada na centralidade subterrânea, sendo cada equipe responsável – através do mando de campo, arbitragem, súmulas – pelo funcionamento do campeonato. Todas estas características privilegiam a participação das comunidades afetuais, a proximia, a criação de territorialidades, a prevalência dos momentos de presença, o sentimento trágico-dionisíaco e o orgiasmo no espaço de representação do Peladão.

Os concursos de beleza contribuem de maneira fundamental para a construção do espaço de representação do Peladão não apenas por estarem conectados ao torneio de futebol, mas também por constituírem um universo simbólico, relações e práticas sociais que se inserem na dialética da existência pós-moderna de Manaus e do interior do Amazonas. O concurso de Rainha é um dos principais elementos distintivos do espaço de representação do Peladão, chamando a atenção não apenas dos participantes e da massa afetual do Peladão, mas também das mídias local, nacional e estrangeira, que encontra no concurso de Rainha terreno fértil para a formulação de representações sociais acerca do Peladão, do futebol brasileiro e mesmo de um discurso de uma identidade nacional. O concurso de beleza feminina apresenta uma significativa inserção na vida cotidiana pós-moderna das tribos e comunidades afetuais do espaço de representação do Peladão, o que pode ser constatado na abertura do Peladão – pois além de habilitarem seus respectivos times a disputarem o torneio de futebol da Categoria Principal, as candidatas, ao desfilarem, produzem momentos de presença e orgiasmo no público –, nas demais fases do concurso e mesmo no comparecimento das candidatas nos jogos e nas barcas das equipes. Além do caráter trágico-dionisíaco que permeia o concurso e sua inserção na vida cotidiana pós-moderna de Manaus, a premiação do concurso e a possibilidade de converter o capital simbólico adquirido pela conquista do título de Rainha do Peladão em capital econômico e social atraem candidatas. Esta conversão de capitais ocorre de forma semelhante para os jogadores que vencem o torneio de futebol, o que demonstra a pregnância do Peladão na dialética da existência pós-moderna de Manaus.

Tal pregnância é reforçada pela pulsão gregária e pelo orgiasmo da barca – forma de confraternização dos participantes da equipe e do time com a comunidade afetual em que está inserido – que se tornou manifestação obrigatória e característica

do espaço de representação do Peladão, sendo seu elemento mais significativo de socialidade. A barca faz parte da ética da estética do Peladão de forma a celebrar e potencializar o gozo de estar junto no fato futebolístico, na prática social do futebol (que se confunde com a prática social cotidiana das tribos), no concurso de beleza e, sobretudo, nesta própria confraternização pós-jogo. Desta forma, torna-se um ritual trágico-dionisíaco, calcado no transe promovido pela comida, pelo álcool, pela música e pela fusão das pessoas nas tribos. Este ritual também propicia a criação de complexas e ricas territorialidades a partir da apropriação dos elementos do espaço de representação do Peladão.

Cada uma destas manifestações – torneio de futebol, concursos de beleza e barca – e, inclusive, suas subdivisões mereceria uma tese, bem como uma contínua pesquisa por parte da Geografia, pois além de serem extremamente complexas nos permitem compreender tanto questões específicas da realidade em que estão inseridas quanto nos levar a refletir sobre questões mais amplas, como concepções de espaço, territorialidades e vida cotidiana. Decidimos estudar esta instância da espacialidade como um todo, pois como este é um trabalho de pesquisa pioneiro sobre o espaço de representação do Peladão, na Geografia, nos esforçamos para apreender e transmitir a riqueza dos espaços de representação do futebol amador através do exemplo do Peladão. Desta forma, a rede sócio-espacial traçada se configura como importante contribuição para se apreender a complexidade das relações e das territorialidades do espaço de representação do Peladão, podendo servir de modelo para pesquisas em outros campeonatos futebolísticos, outras localidades, assim como espaços de representação de outras manifestações. Além disso, a rede sócio-espacial do Peladão é capaz de indicar um grande número de temas de pesquisa acadêmica, pois cada uma das relações e territorialidades representadas reúne inúmeras questões que merecem uma investigação. Dentre vários, podemos enumerar alguns destes temas:

- a) os conflitos e relações existentes entre: o Peladão e a Copa dos Rios de Seleções; a Categoria Principal e o futebol profissional de Manaus; o Peladinho e as categorias de base dos clubes;
- b) os Peladões organizados no interior, podendo ser estudada a dinâmica de cada um deles em comparação com o de Manaus;
- c) os projetos de expansão do Peladão em outros estados e países da Amazônia;

- d) as peculiaridades dos torneios indígenas e o que eles representam para as tribos;
- e) as relações entre o Peladão Feminino e a precariedade do futebol feminino nos clubes brasileiros;
- f) as ligas de bairro como forma de organização do futebol amador de Manaus e como forma de criação de orgiasmo;
- g) a maneira como o Peladão movimenta a economia de Manaus, através dos times, do concurso de Rainha e da barca;
- h) as relações entre instituições públicas e futebol amador;
- i) um aprofundamento na análise dos discursos e das representações sociais das mídias locais, nacionais e estrangeiras.

O estudo do espaço de representação do futebol amador do Amazonas e do Peladão não é apenas de interesse da comunidade acadêmica e dos habitantes deste estado, uma vez que, conforme apresentamos, pode suscitar questões temáticas para futuras pesquisas em outros contextos, bem como é capaz, como foi nosso caso, de estimular o desenvolvimento de abordagens que representem um avanço teórico-metodológico para a Geografia. Assim, com esta tese, acreditamos que contribuímos não apenas com a ampliação das possibilidades temáticas da Geografia, mas também com novas perspectivas teórico-metodológicas, pois ambos os aspectos são indissociáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2002.

AIDAR, Antônio Carlos Kfourir; LEONCINI, Marvio Pereira. As leis econômicas e o futebol: a estrutura do novo negócio. In: AIDAR, Antônio Carlos Kfourir; LEONCINI, Marvio Pereira; OLIVEIRA, João José (Orgs.). **A nova gestão do futebol**. Rio de Janeiro: FGV, 2002a. orig. 2000.

_____. Evolução do futebol e do futebol como negócio. In: _____ (Orgs.). **A nova gestão do futebol**. Rio de Janeiro: FGV, 2002b. orig. 2000.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. orig. 1983.

ANDREFF, Wladimir. Derechos televisivos desiguales y desequilibrio competitivo en Europa. In: **Vanguardia dossier**: el poder del fútbol. Barcelona: Vanguardia Ediciones, jul.-set., 2006.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro não há quem possa**”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ARRUDA, Angela. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, Campinas, SP, v. 117, p. 127-147, 2003.

BELLOS, Alex. **Futebol**: o Brasil em campo. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. orig. 2002.

BENAKOUCHE, Tamara. Tecnologia é sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. In: DIAS, Leila Cristina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. orig. 1999.

BENÍTEZ, Carlos *et al.* **La infancia hecha pelota**: los peligros de la profesionalización del fútbol infantil. Buenos Aires: Altamira, 2000.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1999. orig. 1966.

BETTANINI, Tonino. **Espaço e ciências humanas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. orig. 1976.

BIJKER, Wiebe E. **Of bicycles, bakelites, and bulbs: toward a theory of sociotechnical change**. Cambridge: Mit Press, 1995.

BONIFACE, Pascal. El fútbol, fenómeno global por excelencia. In: **Vanguardia dossier: el poder del fútbol**. Barcelona: Vanguardia Ediciones, jul.-set., 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. orig. 1982.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

BRUNORO, José Carlos; AFIF, Antonio. **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Gente, 1997.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1992. orig. 1925.

_____. **O mito do estado**. São Paulo: Códex, 2003. orig. 1946.

CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2007. orig. 1982.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001a. orig. 1995.

_____. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2004. orig. 2002.

_____. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. O papel da Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001b.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. (Orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001a.

_____. (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001b.

COSGROVE, Denis E. Geografia Cultural do milênio. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. orig. 1983.

COSGROVE, Denis E.; JACKSON, Peter. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. orig. 1987.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. orig. 1991.

DIAS, Leila Cristina. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, Leila Cristina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

DUNNING, Eric. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. **História: questões & debates**, Curitiba: Ed. da UFPR, ano 20, n. 39, 11-40, jul./dez. 2003.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: M. Fontes, 2002. orig. 1960.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: M. Fontes, 2003. orig. 1912.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Lisboa: Cosmos, 1977.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994. orig. 1987.

_____. **O processo civilizador – volume 1**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993a. orig. 1939.

_____. **O processo civilizador – volume 2**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993b. orig. 1939.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. orig. 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo: 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2007a. orig. 1971.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007b. orig. 1969.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998. orig. 1979.

_____. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. orig. 1980.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2004. orig. 1975.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991. orig. 1990.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço de representação**: epistemologia e método. ANPEGE, Florianópolis, 2003a.

_____. **Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em geografia**. In: I - Encontro Sul-Brasileiro de Geografia, 2003, Curitiba. I - Encontro Sul-Brasileiro de Geografia Mudanças Políticas e a Superação da Crise. Curitiba : AGB, 2003b.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. orig. 1999.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. orig. 1996.

GREGORY, Derek. Teoria social e geografia humana. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. **Geografia Humana**: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996. orig. 1994.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 1978.

HABERMAS, Jürgen. **Discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: M. Fontes, 2002. orig. 1985.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. orig. 2003.

_____. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. orig. 1992.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2003. orig. 1989.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LUVISOLLO, Hugo (Orgs.). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007. orig. 1938.

IANNI, Octávio. A era do globalismo. In: OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **Globalização, regionalização e nacionalismo**. São Paulo: UNESP, 1999.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002. orig. 1934.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **A vida quotidiana no mundo moderno**. Lisboa: Ulisseia, 1968.

_____. **Critique of everyday life – volume 1:** introduction. London: Verso, 2008a. orig. 1947

_____. **Critique of everyday life – volume 2:** foundations for a sociology of the everyday. London: Verso, 2008b. orig. 1961.

_____. **Critique of everyday life – volume 3:** from modernity to modernism. London: Verso, 2008c. orig. 1981

_____. **La presencia y la ausencia:** contribución a la teoría de las representaciones. México: FCE, 2006. orig. 1980.

_____. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2008d. orig. 1968.

_____. **Rhythmanalysis:** space, time and everyday life. London: Continuum, 2008e. orig. 1992.

_____. **The production of space.** Oxford: Blackwell, 1991. orig. 1974

LUCENA, Ricardo. Elias: individualização e *mimesis* no esporte. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). **Esporte:** história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo:** resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004a. orig. 2002.

_____. **A sombra de Dioniso:** contribuição a uma sociologia da orgia. São Paulo: Zouk, 2005a. orig. 1982.

_____. **A violência totalitária:** ensaio de antropologia política. São Paulo: Loyola, 2001. orig. 1981.

_____. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998. orig. 1996.

_____. **No fundo das aparências.** Petrópolis: Vozes, 2005b. orig. 1996.

_____. **Notas sobre a pós-modernidade:** o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004b.

_____. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

_____. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003. orig. 2000.

_____. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007b. orig. 2004.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. **“Sacando” o voleibol**: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). 267 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley; AFONSO, Gilmar Francisco. Globalização e esporte: apontamentos introdutórios para um debate. In: RIBEIRO, Luiz. **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

MARX, Karl. **Early Writings**. Harmondsworth: Penguin, 1975.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: M. Claret, 2006. orig. 1930.

_____. **O capital**: crítica da economia política, volume 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996a. orig. 1867.

_____. **O capital**: crítica da economia política, volume 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996b. orig. 1867.

MASCARENHAS, Gilmar. **À Geografia dos Esportes**: uma introdução. Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 3, 1999.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. orig. 2005.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. São Paulo: Artmed, 2004.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. **Geografia Humana**: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996. orig. 1994.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. orig. 2000.

_____. Das Representações sociais às representações coletivas: elementos para uma história. In: JODELET, Denise. (Org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSSE, George Lachmann. **The Nationalization of the masses**. Londres: Cornell University Press, 1996. orig. 1975.

MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História**: questões & debates, Curitiba: Ed. da UFPR, ano 20, n. 39, 121-151, jul./dez. 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A visão dionisíaca do mundo**. São Paulo: M. Fontes, 2005. orig. 1928.

_____. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. São Paulo: Escala, 2007a. orig. 1886.

_____. **Assim falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Escala, 2007b. orig. 1883.

_____. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Escala, 2007c. orig. 1881.

_____. **Humano, demasiado humano.** São Paulo: Escala, 2007d. orig. 1878.

_____. **O nascimento da tragédia:** ou Grécia e pessimismo. São Paulo: Escala, 2007e. orig. 1872.

_____. **Vontade de potência.** São Paulo: Escala, 2007f. orig. 1901.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ORTIZ, Renato. **Um outro território:** ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'Água, 2000. orig. 1996.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006. orig. 1988.

_____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1997. orig. 1975.

PEREIRA, Leandro Affonso de Miranda. **Footballmania:** uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PILATTI, Luiz Alberto. Guttman e o tipo ideal do esporte moderno. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). **Esporte:** história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Sociologia da juventude:** futebol, paixão, sonho, frustração, violência. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

POLI, Raffaele. Identidades nacionales y globalización. In: **Vanguardia dossier:** el poder del fútbol. Barcelona: Vanguardia Ediciones, jul.-set., 2006.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol.** Campinas: UNICAMP IE, 2000.

PRONI, Marcelo Weishaupt; ZAIA, Felipe Henrique. Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado. In: RIBEIRO, Luiz. **Futebol e globalização.** Jundiaí: Fontoura, 2007.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. orig. 1980.

SAHR, Wolf-Dietrich. Signos e espaços mundos: a semiótica da espacialização na Geografia Cultural. In: KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué da; GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs.). **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2000. orig. 1916.

SEBRELI, Juan José. **La era del fútbol**. Buenos Aires: Debolsillo, 2005. orig. 1998.

SHIELDS, Rob. **A truant proximity**: presence and absence in space of modernity. *Environment and Planning D: Society and Space*, vol. 10, pp. 181-198.

_____. Henri Lefebvre. In: HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob; VALENTINE, Gill (Orgs.). **Key thinkers on space and place**. London: Sage, 2006. orig. 2004.

_____. **Lefebvre, love and struggle**: spatial dialectics. London: Routledge, 1999. orig. 1998.

SOARES, Antonio Jorge. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LUVISOLO, Hugo (Orgs.). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001a.

_____. Identidade nacional e racismo no futebol brasileiro. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LUVISOLO, Hugo (Orgs.). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001b.

SOJA, Edward William. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993. orig. 1989.

_____. **Thirdspace**: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Oxford: Blackwell, 1996.

TAMBURRINI, Claudio M. **¿La mano de Dios?:** una visión distinta del deporte. Buenos Aires: Continente, 2001. orig. 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol.** São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.
_____. **No país do futebol.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** São Paulo: Cortez, 1992.

VALENTIN, Andreas. **Contrários:** a celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins. Manaus: Valer, 2005.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. Os temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. orig. 1962.

FONTES PRIMÁRIAS

ALBUQUERQUE, José Virgílio Melo de. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 19 set. 2008. Informação verbal.

ANDRADE, Arnaldo dos Santos. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

BRAGA, Livia Vanessa Duarte. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

CALDERARO, Dissica Tomaz. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

CAVALCANTE, José Carlos Pereira. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

M.C.C.N.. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 19 jun. 2007. Informação verbal.

I.G.. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 20 jun. 2007. Informação verbal.

MAHALL, Kid. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

MARICAUA, Francisco Braga. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

NETTO, Sidney. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

R.R.O.. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Parintins, 26 jun. 2007. Informação verbal.

PINHEIRO, Lázaro D'Angelo. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

PRATA, Carlos Raimundo de Jesus. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 28 set. 2008. Informação verbal.

RIJ, Patrícia Gabrielle Bezerra Hoornweg van. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 20 set. 2008. Informação verbal.

ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

E.F.S.. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Parintins, 26 jun. 2007. Informação verbal.

J.L.C.S.. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 19 jun. 2007. Informação verbal.

SILVA, Sérgio Paulo Fernandes da. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 21 jun. 2007. Informação verbal.

_____. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 13 ago. 2009. Informação verbal.

SILVA FILHO, Sidniz Pereira da. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 26 set. 2008. Informação verbal.

SIQUEIRA, Emanuel Mendes. **Peladão**. Manaus, 2008.

SOUZA, José Paulo Radin. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 25 set. 2008. Informação verbal.

SOUZA, Valderi Carneiro de. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 29 set. 2008. Informação verbal.

VASCONCELOS, Maria Idete Ferreira de. **Entrevista a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 22 set. 2008. Informação verbal.

FONTES SECUNDÁRIAS

AQUINO, Leonardo. O maior campeonato de peladas do mundo. **Placar**. São Paulo, ago. 2004. p. 13.

BRASIL. Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 mar. 1998 (25 mar. 1998). Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L9615consol.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2009.

CADÊ a tal da crise?. **A Crítica**. Manaus, 03 jan. 2009. Caderno Especial Peladão 2008, p. 14-15.

CHINADAILY. **Miss Earth 2004 beauty pageant**. Disponível em: <http://www.chinadaily.com.cn/english/doc/2004-10/25/content_385531.htm>. Acesso em 13 out. 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Ranking nacional de clubes**. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/ranking/ranking.pdf>>. Acesso em 04 fev. 2009.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Ranking das federações**. Disponível em: <http://www.cbf.com.br/ranking/ranking_uf.pdf>. Acesso em 04 fev. 2009.

DUELO na arquibancada. **A Crítica**. Manaus, 12 dez. 2008. Caderno Especial Peladão 2008, p. 12-13.

FEDERAÇÃO AMAZONENSE DE FUTEBOL. **Ligas**. Disponível em: <<http://www.futebolamazonense.com/ligas/>>. Acesso em 01 mar. 2009.

G1. **Com brasileira na capa e sem nu frontal, 'Playboy' chega às Filipinas**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL384446-7084,00-COM+BRASILEIRA+NA+CAPA+E+SEM+NU+FRONTAL+PLAYBOY+CHEGA+AS+FILIPINAS.html>>. Acesso em 13 out. 2008.

GINGA: a alma do futebol brasileiro. Direção de Hank Levine; Marcelo Machado; Tocha Alves. Rio de Janeiro e São Paulo: Paramount, 2006. 1 DVD (81 min), color.

GUIA do Brasileirão 2009. **Placar**, São Paulo, v. 1330B, maio 2009. 210 p. Edição especial.

IBOPE. **Pesquisa de opinião pública sobre torcidas.** Disponível em: <[http://www2.ibope.com.br/CalandraKBX/filesmng.nsf/Opinioao%20Publica/Downloads/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf/\\$File/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf](http://www2.ibope.com.br/CalandraKBX/filesmng.nsf/Opinioao%20Publica/Downloads/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf/$File/imprensa_torcidas_1_mencao.pdf)>. Acesso em 04 fev. 2009.

IMAGEM que fica de lição. **A Crítica.** Manaus, 26 dez. 2008. Caderno Especial Peladão 2008, p. 04.

LAJOLO, Mariana. Onze Rainhas. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 08 jan. 2005. Folha Esporte, p. D1.

O BANQUETE. **A Crítica.** Manaus, 31 out. 2008. Caderno Especial Peladão 2008, p. 06-07.

PARINTINSNET. **Taça Bumbá.** Disponível em: <<http://www.parintinsnet.com/home,2.php?inc=bWF0ZXJpYXM=&materia=MTE0Ng=>>>. Acesso em 30 set. 2007.

PELADÃO: rainhas e peladeiros. Direção de Jörn Schoppe. Hamburgo, Alemanha: Lunacy Film, 2004. 1 DVD (97 min), color.

PELADÃO TAMBÉM tem grife. **A Crítica.** Manaus, 21 nov. 2008. Caderno Especial Peladão 2008, p. 05.

RELATÓRIO do XXXVI Campeonato de Peladas do Amazonas: Peladão 2008. Manaus, 2008.

RETORNO seguro. **A Crítica.** Manaus, 26 dez. 2008. Caderno Especial Peladão 2008, p. 14-15.

SOARES é um nome de peso nestes campos. **A Crítica.** Manaus, 30 nov. 2007. Caderno Especial Peladão 2007, p. 06-07.

SOPÃO com afeto. **A Crítica.** Manaus, 05 dez. 2008. Caderno Especial Peladão 2008, p. 16.

SOPÃO RECORDISTA. **A Crítica.** Manaus, 12 dez. 2008. Caderno Especial Peladão 2008, p. 16.

STIVAL Sports. **Trieste Futebol Clube.** Disponível em: <<http://www.stival.com.br/sports/trieste-fc/galeria-de-fotos/9-trieste-futebol-clube/41-estrutura-geral>>. Acesso em: 11 fev. 2009.

THE BEAUTIFUL game: footballers and beauty queens. Direção de Albert Knechtel. National Geographic Channel International, 2006. 1 DVD (53 min), color.

UNS TROCADOS a mais no bolso. **A Crítica.** Manaus, 17 out. 2008. Caderno Especial Peladão 2008, p. 04-05.

XVI COPA dos Rios de Seleções – 2008. Manaus: Federação Amazonense de Futebol, 2008.

XXXVI CAMPEONATO de Peladas do Amazonas 2008: regulamentos, normas de disputa, código disciplinar. Manaus: Lorena, 2008.

ANEXO

AUTORIZAÇÕES

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, José Virgílio Mello de Albuquerque,
RG 874843, CPF 036.853.989-03, na condição
de COORDENADOR CT 3B SPOT, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 19/09/2008 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Luiz Carlos Dantas Pinheiro,
RG 0327.117, CPF 068.555.122.91, na condição
de DIRETOR TÉCNICO E DE EVENTOS, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 23/09/08 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Dr. Roberto Moura da Rocha,
RG 0130460-7, CPF 03266.172-04, na condição
de Secretário do TIA, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 23/09/2008 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Jose Paulo Pinheiro Souza,
RG 7012683237-55/RS, CPF 282.034780-97, na condição
de Dirigente de Curricula e de Habilitação, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 25/09/2008 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, CARLOS RAIMUNDO DE JESUS PONTA,
RG 377642-AM, CPF 07778600234, na condição
de Tramador CA Vial e Rio Negro, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 28/09/08 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos

Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, SIDNEY REPEIRO DA SILVA FILHO,
RG 357416/AM, CPF 136.994.072-68, na condição
de COORDENADOR ADMINISTRATIVO DO PÉLODIO, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 26/09/08 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos

Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Sérgio Paulo Fernandes da Silva,
RG 0486422-0, CPF 201.959.312-20, na condição
de Supervisor do Pelotão, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 24/06/07 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos

Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Sidney Netto,
RG 283.234, CPF 443.911.538-15, na condição
de Professor, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 23/09/08 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos

Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Adalberto Ferreira de Souza,
RG 570564-9, CPF 193-368-735-53, na condição
de ARBITRO, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 29/09/2008 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Fernando Rosseto Gallego Campos

[Assinatura]
Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria Idete Ferreira de Vasconcelos,
RG 1149839-9, CPF _____, na condição
de Presidente do Revelação Futebol Clube Sotoni-Mauve, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 22/09/2008 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Fernando Rosseto Gallego Campos

Maria Idete Ferreira de Vasconcelos
Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Kid Mahall,
RG 0750131-6, CPF _____, na condição
de Coordenador Rinha do Peladão, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 22/09/08 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Fernando Rosseto Gallego Campos

Kid Mahall
Assinatura do Entrevistado
RG 0750131-6 - 50566-AM

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, ARNALDO DAS SANTAS ANDRA,
RG 60 080 5686-71, CPF 017849512-34, na condição
de COORDENADOR GERAL DO PELADÃO, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 22/09/08 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Fernando Rosseto Gallego Campos

Arnaldo das Santas Andra
Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Franisio Braga Marizana,
RG 1172240-8, CPF _____, na condição
de Dirigente de Empresa, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 22/09/2008 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Fernando Rosseto Gallego Campos

Assinatura do Entrevistado
Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Riviera Vanessa Duarte Braga,
RG _____, CPF _____, na condição
de Rainha do Pelotão 2008, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 20/09/2008 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Fernando Rosseto Gallego Campos

Riviera Vanessa Duarte Braga
Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, DISSICA TOMAZ CALDERARO,
RG 1187351-5, CPF 566.542.002-68, na condição
de Dir. DE MARKETING CORPORATIVO, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 20/09/08 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Fernando Rosseto Gallego Campos

Assinatura do Entrevistado
Assinatura do Entrevistado

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



AUTORIZAÇÃO

Eu, Patricia Gabrielle Bezerra Hornweg com Rf,
RG 1946534-3, CPF 933671.802-97, na condição
de candidata à Rainha do Pelotão 2008, autorizo
a utilização da entrevista concedida no dia 20/09/08 em trabalhos
acadêmicos – tais como tese de doutorado, artigos científicos, resumos, capítulos de
livros científicos, entre outros –; em documentários e trabalhos jornalísticos – em
rádio, televisão, cinema, meio impresso e digital –; e em publicações com fins
comerciais, de Fernando Rosseto Gallego Campos (RG 6.078.264-4 PR; CPF
036.853.989-03), atualmente matriculado no Curso de Doutorado em Geografia, do
Departamento de Geografia, do Setor de Ciências, da Universidade Federal do
Paraná.

Fernando Rosseto Gallego Campos
Fernando Rosseto Gallego Campos

Patricia A.B. Hornweg com Rf
Assinatura do Entrevistado

